

Flávio Vieira

A REBELIÃO DAS ALMAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Flávio Vieira

A Rebelião das Almas

COLEÇÃO NOVOS TALENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA



Copyright © 2012 by Flávio Vieira

COORDENADORA EDITORIAL Leticia Teófilo
PREPARAÇÃO Mônica Vieira/Project Nine
DIAGRAMAÇÃO Francisco Martins/Project Nine
REVISÃO Fabricia Romaniv
CAPA Monalisa Morato

TEXTO DE ACORDO COM AS NORMAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA
LÍNGUA PORTUGUESA (DECRETO LEGISLATIVO Nº 54, DE 1995)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vieira, Flávio

A rebelião das almas / Flávio Vieira. -- Barueri, SP : Novo Século
Editora, 2012. Coleção Novos Talentos da Literatura Brasileira

1. Ficção brasileira I. Título.

12-13885

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

2012
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
CEA - Centro Empresarial Araguaia II
Alameda Araguaia, 2190 - 11º Andar
Bloco A - Conjunto 1111
CEP 06455-000 - Alphaville Industrial - SP
Tel. (11) 3699-7107 - Fax (11) 2321-5099
www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br

Em memória de meu avô, Flávio Vieira de Souza,
Dotado da alma mais pura e bondosa que já conheci.

Agradecimentos

Neste caminho sinuoso que é a busca pelo sonho, muitas pessoas foram importantes para que eu continuasse olhando em frente. Em especial, meu pai de coração e meu primeiro leitor Hélio Portocarrero; minha mãe Flávia Vieira e sua admirável perseverança; minha irmã Giulia Vittoria pelas horas que passou ao meu lado dizendo suas sinceras opiniões; meu irmão Humberto Portocarrero por sua compreensão enquanto estava digitando e não podia dar atenção a essa energética criança; meu grande amigo Juliano Veríssimo, que me ajudou na revisão de momentos-chaves da história e ao qual devo todo o crédito do personagem Kitsune.

Agradeço à minha avó Jane, minha tia Fádá, meu pai Rui Sérgio e meus amigos José Alves e Júlio J. Teixeira pelo imensurável apoio. E a todos que acreditaram em mim.

Reservo um espaço para a aclamada escritora J. K. Rowling, que despertou minha imaginação quando criança.

Em lugar de destaque, para aquele que não poderia deixar de estar nesta página, minha eterna gratidão ao meu avô Flávio Vieira de Souza, pois sem ele o escritor que preencheu essas linhas não existiria.

Sumário

Parte I

Aqueles que superam o Medo

Prólogo

Terra - Meado do século XXI

Capítulo 1

A Organização Rebelde

Capítulo 2

A Alma de Tao

Capítulo 3

Um Único Ser

Capítulo 4

Olho da Verdade

Capítulo 5

Tenente-coronel Esmeralda

Capítulo 6

O reerguer de um caído

Capítulo 7

O lobo sem alcatéia

Capítulo 8

Novo lar

Capítulo 9

Os fantasmas do passado

Capítulo 10

Experiência e poder

Capítulo 11

O equilíbrio dos opostos: o Taiji de fogo e gelo.

Capítulo 12

O início da rebelião

Capítulo 13

A princesa da luxúria

Capítulo 14

O demônio de Malevolência

Capítulo 15

Alone Walker

Capítulo 16

A Ordem dos Paladinos

Capítulo 17

Novos aliados e novos inimigos

Capítulo 18

O general da América do Norte

Capítulo 19

O guardião dos caídos

Capítulo 20

Destino

[Capítulo 21](#)

[Algo chamado esperança](#)

[Capítulo 22](#)

[Endo Facul](#)

[Capítulo 23](#)

[Descanse em paz](#)

[Capítulo 24](#)

[Cilada](#)

[Parte II](#)

[Agentes das sombras, servidores da luz.](#)

[Capítulo 25](#)

[Luto](#)

[Capítulo 26](#)

[28 de outubro](#)

[Capítulo 27](#)

[Okaerinasai](#)

[Capítulo 28](#)

[Acerto de contas](#)

[Capítulo 29](#)

[Os seis reinos](#)

[Capítulo 30](#)

[Ragnarök](#)

[Capítulo 31](#)

[A ajuda emerge das sombras](#)

[Capítulo 32](#)

[Há oito anos](#)

[Capítulo 33](#)

[Invasão](#)

[Capítulo 34](#)

[Lordes Daemons](#)

[Capítulo 35](#)

[Abalos e sorrisos](#)

[Capítulo 36](#)

[Confidência](#)

Parte I

Àqueles que superam o Medo

Prólogo

"Alma", termo derivado do latim *anima*, refere-se ao princípio que dá movimento ao que é vivo, o que é animado ou o que faz mover. Na Bíblia, a "alma" é a pessoa, a vida que ela usufrui. Na doutrina espiritualista, a "alma" está presa temporariamente a um corpo material, presa a um ciclo de reencarnação temporário, o que anima o corpo carnal, que está nele e vive na Terra temporariamente. Na ciência moderna, alguns cientistas tentaram encontrar evidências de sua existência e natureza, porém falharam em decifrar o seu segredo.

A alma sempre foi motivo de controvérsia entre as diferentes denominações religiosas e crenças, mesmo porque nunca foi totalmente compreendida, explicada ou observada. Apenas acreditava-se que ela era uma energia divina; a existência além da matéria, funcionando como uma bateria dando vida e animação para o corpo. Tire a bateria e o corpo não funcionará.

Devido ao pouco conhecimento e às mentes focadas ao mundo material, a humanidade até então não imaginava o imenso poder adormecido que possuía adormecido dentro de si. As pessoas mal sabiam da importância que era a busca pelo sonho pessoal e como isso implicava em sua existência, ao contrário da busca pela fama e pelo dinheiro.

Finalmente, é chegado o dia em que um homem que se dedicou a esse segredo descobrisse o poder oculto em cada alma. Porém, seu coração estava tomado pela amargura e ódio da humanidade. Decidiu guardar sua descoberta para si e para quem seguisse sua filosofia. Ele usaria contra o mundo a maior descoberta já feita.

Terra - Meado do século XXI

Era um dia como outro qualquer. As pessoas estavam ocupadas com seus afazeres. Estudantes preparavam-se para os testes que estavam por vir, dando início às avaliações, alguns estavam mais preocupados, já que não entendiam o conteúdo, enquanto outros já dominavam e gastavam seu tempo livre se divertindo com seus amigos em algum lugar especial. Como o sol estava forte naquele dia, seria ótimo ir à praia ou a algum clube para aproveitá-lo. Homens e mulheres trabalhavam pensando na hora de chegarem às suas casas e reverem seus filhos, aqueles que os tinham, ou reverem seus parentes que não viam com muita frequência. Em alguma parte do mundo já era noite, e as pessoas estavam exaustas depois de um dia cansativo e estressante. Já para outros, geralmente jovens, era hora de sair noite a fora para divertir-se ou festejar algum evento qualquer.

Eram cerca de 20h em Washington - D.C e cerca de 8h em Tóquio quando o sinal satélite foi roubado e usado para transmitir uma mensagem que iria mudar o mundo, infelizmente, para pior.

Uma imagem surgiu nos televisores. Um homem de cabelo preto e alguns fios grisalhos, barba curta, bigode e pele queimada do sol. O homem proclamou ser, a partir daquele instante, a suprema lei e poder do mundo. Ele ordenou que os representantes de cada país entregassem o governo a ele; caso não aceitassem e não se rendessem de maneira pacífica, o seu imenso exército iria dominar à força país por país.

O misterioso homem, após passar por um breve momento de decisão, determinou aos presidentes de cada país vinte e quatro horas para pensarem em sua proposta. Eles já sabiam das conseqüências, dependia deles escolher com sabedoria e cautela o futuro de toda uma raça. O homem, cuja imagem aparecia em todos os televisores e sites populares, deixaria que os representantes usassem o sinal do satélite durante as vinte e quatro horas para mandarem suas respostas. E após o término do tempo, o sinal seria usado por ele para ditar suas ordens de acordo com as decisões.

Enquanto o homem, que se dizia ser a suprema lei do mundo, falava em inglês, sua fala era traduzida para as línguas específicas de cada país através de legendas. Sua voz era grave e inflexível.

O mundo inteiro passava por momentos de dúvida e surpresa. Para alguns, era a piada do século, as pessoas não acreditavam que alguém poderia tomar posse do mundo e esperava que fosse entregue em vinte e quatro horas, nem os maiores exércitos do passado, como o império romano, pôde algo tão ousado. Enquanto o tempo passava, nenhum dos presidentes pensava em entregar os seus respectivos países para um louco que se achava superior às forças de cada país. Aqueles que tinham tecnologia de ponta tentavam descobrir de onde viera a mensagem e como o sinal fora roubado.

As vinte e quatro horas se passaram, e o homem que aparentava estar na meia-idade voltara para dar suas ordens. Como nenhum país havia aberto suas portas a ele, a supremacia do mundo enviou seu imenso exército, como havia prometido, para tomar cada país à força.

A transmissão foi cortada e todos aguardavam o que iria acontecer sem saber ao certo se era real ou se era uma brincadeira de muito mau gosto.

De repente, pessoas com roupas pretas começaram a aparecer de todos os lugares cercando todas as casas, edifícios, lojas e todos os cantos das grandes cidades. Eles estavam em maior número onde os presidentes de cada país se localizavam. Cada grupo de soldados trazia consigo uma bandeira vermelha com a figura de um sol negro e uma sigla, B.M.S.E (Sangue, mente e alma pelo Führer, em inglês), escrita em preto.

Em menos de um dia o mundo inteiro foi se rendendo a esta força surpreendente e inacreditável, as pessoas se perguntavam se aqueles seus inimigos eram realmente humanos, pois tomaram país por país, alguns com armas de fogo outros com armas brancas e alguns até de mãos vazias e não havia exército que se comparasse a eles. Em pouco menos de uma semana, o homem que deu a mensagem instalou-se na Europa e proclamou sua ditadura.

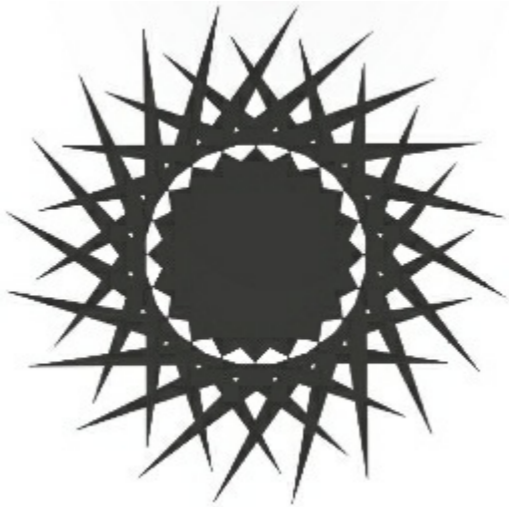
"A partir de hoje todos pagarão por seus pecados. E por se acharem maiores que minhas forças, a começar por hoje, homens e mulheres a partir de dezoito anos trabalharão para o meu exército até ficarem velhos e, então, trabalharão cuidando das crianças que serão educadas com a minha filosofia nas escolas. O meu exército é agora a suprema lei e aqueles que o desafiarem, serão punidos com a morte" - pronunciou-se. E aquele era apenas o começo de uma era sombria que estava por vir.

O mundo não sabia de que pecado o ditador se referia, mas sabia que não podia fazer nada se quisesse viver. Os mais sábios compreendiam que estavam diante de uma força sobrenatural. Algo que era totalmente diferente do que conheciam.

Alguns anos se passaram e surgiu a Liga de Brian Oak, que tentou tomar o poder do ditador. Mas ninguém foi páreo para o tirano e seu exército, o que serviu apenas para demonstrar o tamanho

de seu poder.

Quando as esperanças estavam perdidas, surgiram boatos da existência de uma organização rebelde que possuía a mesma fonte de poder do exército e que prometia acabar com todo aquele sofrimento. Apesar desta nova motivação, todos hesitavam, pois em suas mentes estava gravado o símbolo que trouxe o pesadelo à realidade.



Capítulo 1

A Organização Rebelde

Rio de Janeiro, Brasil - Cinco anos após o início da ditadura.

Em uma sala de aula, no período matutino, um professor lecionava história. Relembrando como iniciou a nova era da ditadura há cinco anos. Os alunos prestavam atenção em cada detalhe e anotavam o que podiam em seus cadernos. Todos, menos um garoto sentado na última carteira da última fileira da sala.

Ele não parecia interessado nem preocupado com a matéria. O lado de fora da sala parecia mais interessante, prendendo sua atenção.

Quando teve início a ditadura, foram construídos dormitórios para servirem como escola e moradias para os jovens de até dezessete anos, facilitando a fiscalização dos estudantes.

O garoto tinha dezessete anos. Seu cabelo era curto, como era exigido pelo exército, e castanho. Tinha a pele clara, 1,70m de altura, média dos jovens da época. Os olhos eram castanho-escuros com uma expressão cansada e vazia no rosto. O corpo magro dava a impressão de que não era forte, mas ele sabia defender-se caso precisasse.

Não demorou muito quando o sinal do almoço soou. Cada estudante teria uma hora e meia para descansar e comer alguma coisa. A maioria seguia para seus respectivos apartamentos para suas refeições, mas naquele dia o garoto de expressão vazia resolveu levar o almoço consigo e comer ao ar livre no terraço do dormitório.

Quando caminhou até a porta rumo ao corredor movimentado, uma garota o interceptou:

True! Vai almoçar no terraço novamente? - indagou a garota percebendo a vasilha de comida que o garoto carregava. - É meu dever te alertar sobre seu horário. Sempre que resolve ir ao terraço, você se atrasa. Já te falei que isso pode complicá-lo! E *me* complicar! - ela deu ênfase na última parte.

A garota era uma dos representantes da classe, assim, era o seu dever cuidar dos problemas que surgiam, no caso, a pontualidade dos alunos. Ela era um pouco mais baixa que ele, o cabelo castanho-escuro estava preso atrás da cabeça, demonstrando sua expressão irritada, concluindo que aquela não era a primeira advertência que dera. Duas alunas estavam logo atrás observando o comportamento do garoto que era olhado torto por uma das alunas.

Não irei me atrasar. Assim que terminar minha refeição, estarei de volta - prometeu True saindo da sala antes que a representante tivesse mais alguma coisa a se queixar.

A voz do garoto transmitia um tom amigável, não era tão grave nem muito aguda.

Assim que chegou ao terraço, ele alimentou-se e deitou em uma sombra que a estrutura das escadas oferecia, observando o céu e as nuvens que se moviam vagarosamente.

O mesmo céu de todos os dias - pensou ele.

True parecia entediado. A expressão sempre séria era típico de conversa entre os alunos que se perguntavam se o garoto havia alguma vez sorrido. Mesmo com o intervalo entre os períodos, ninguém aparecia para ficar ao seu lado. A solidão era sua única companheira, mas ele não parecia importar-se.

Ele, assim como era realidade para muitos, não via seus pais e parentes há muito tempo. Aos

poucos a ditadura ia transformando o mundo, as pessoas iam sendo mandadas para diferentes países a mando do exército para a realização de algumas tarefas.

O garoto ainda sonhava que tudo mudasse um dia, ao contrário de muitos que se adaptavam a nova era. Houve aqueles que lutaram, mas isso já era passado, as últimas tentativas de retomar o controle haviam acontecido há dois anos e, desde então, todos pensavam em somente seguir as leis e ficarem vivos. O exército possuía um poder oculto que todos desconheciam e aqueles que o desafiaram não duravam mais do que um ano.

Já estava na hora de True voltar à sua sala de aula. Antes que a representante viesse procurá-lo, ele apanhou suas coisas e se preparou para voltar.

Ele descia pelas escadas de incêndio quando avistou um pequeno grupo de alunos conversarem entre um dos andares que passava. True achou estranho o local que o grupo adotara para falar entre si, uma vez que a escada de incêndio só era usada para emergências e quando os elevadores estavam congestionados. Ou talvez, assim como ele, o grupo queria ficar sozinho.

Eu não acredito nisso, seria loucura! - sussurrou uma garota, que parecia ser do ensino fundamental, para um garoto de série avançada.

True agachou-se para ouvir melhor sobre o que os alunos conversavam.

Eu concordo com ela, acho tudo isso uma bobagem - falou uma garota mais velha, discordando de algo.

É verdade, acreditem! Meu amigo garante que viu com os próprios olhos! Um homem criou uma espécie de muro dourado que repeliu o ataque dos soldados! - retrucou o garoto de série avançada.

Repeliu o ataque dos soldados? — True se surpreendeu ao ouvir.

E não é só isso, Lúcia. Há boatos de que eles estão procurando por novos membros. Talvez essa organização possa enfrentar o exército! — Outro garoto, de mesma idade, tentava defender a história do outro aluno.

Uma organização que pode enfrentar o exército? Isso seria possível? Rebeldes? - True tentava imaginar sem conseguir conter um sorriso que nasceu junto à esperança.

Agora, vamos, ou chegaremos atrasados!

O pequeno grupo se desfez deixando o caminho livre para que True chegasse ao seu andar. Ele já não conseguia manter sua atenção na aula; agora, com aquelas informações, ele não pensaria em outra coisa.

Depois das aulas da tarde, todos os alunos voltavam para seus respectivos dormitórios para passarem a noite. Apenas em raríssimas ocasiões, era permitido que os jovens saíssem nesse período. Mas teriam de voltar antes do toque de recolher.

True saiu de sua sala e foi até o primeiro piso, onde havia construído uma passagem que levava para o lado de fora do dormitório, só ele sabia de sua existência.

A passagem dava acesso à parte dos fundos do dormitório, local onde se tinha pouca iluminação, o que facilitava não ser visto. Logo ao lado do prédio ficava uma antiga academia que agora estava abandonada.

Através de uma passagem estreita, o garoto pôde entrar na antiga instalação. Assim que adentrou, ele dirigiu-se ao centro de um antigo ringue de box onde se encontrava um saco de areia usado no treinamento da arte marcial, e retirou a parte superior de sua farda, uniforme que

todos os alunos deveriam usar. Uma camisa sem mangas, branca, de algodão estava por baixo da farda.

Depois de fazer um rápido aquecimento, o garoto começou a golpear sem cessar o saco de areia. Do lado de fora, ele podia ouvir uma tropa marchando, seguindo seu percurso diário.

Quando terminou sua série de golpes, o menino apanhou uma garrafa térmica em sua mochila e bebeu seu conteúdo. Cansado, sentou-se e aproveitou para olhar cada canto do lugar abandonado, perguntando-se se no passado, muitas pessoas vieram a frequentá-lo.

Quando sua respiração se estabilizou, agarrou uma toalha que tinha trazido e limpou o suor que escorria da lateral de seu rosto. Exausto para fazer mais exercícios, caminhou até o outro extremo do salão onde se encontrava um rádio amador.

O garoto ligou alguns componentes que serviam para vários fatores, um deles era evitar que o exército soubesse a origem do sinal. Ele puxou uma cadeira velha e sentou-se para dar início à transmissão.

"Bom fim de tarde a quem estiver me ouvindo. Meu nome é True, True Constantine. Eu sei que devem achar meu nome estranho para alguém, como eu, que nasceu e cresceu no Brasil, mas tenho uma árvore genealógica bem complicada. Meu pai é britânico e minha mãe americana. Eles se conheceram aqui no Brasil, onde vieram morar e se casaram. Enfim, não quero falar muito sobre eles, já faz muito tempo que não os vejo e ficar me lembrando dos meus pais só irá me trazer mais saudade."

True fez uma pausa, mas logo continuou:

"Eu não sei por que continuo transmitindo essas mensagens. Hoje faz, deixe-me pensar... seis meses e vinte dias aproximadamente que envio, toda semana, essas mensagens na esperança de que alguém do outro lado esteja me ouvindo. Porém, durante todo esse tempo, não recebi sequer uma resposta ou pelo menos a pista de uma."

Já tentei de outro modo, através de panfletos anônimos, os quais jogava pelas ruas e outros lugares públicos de grande circulação. Já deixei mensagens nas paredes de becos e até em portas de banheiro.

"O que eu estou procurando? Uma chance de escolha se quer saber. Daqui a alguns meses farei dezoito anos, a maioria vai chegar e meu ingresso no exército também. Não tenho nenhuma vocação para isso. Sou o tipo de pessoa que não consegue seguir ordens da pessoa errada. Não que eu queira ser dono de tudo, não. Só não quero seguir ordens daquele homem, o qual todos o chamam de Führer."

"O mundo precisa mudar, meus caros ouvintes anônimos, e talvez, precise de heróis" — o garoto sorriu. — "Quando era criança, adorava as histórias em que existiam o bem e o mal um de cada lado. O herói salvava todo mundo e a paz reinava. O único problema é que a vida real não é assim."

True fez outra pausa como se estivesse retomando o ar. Depois de alguns segundos voltou com a sua mensagem.

"Nenhum civil tem chance contra o exército, por mais organizado e precavido que seja. Eles possuem algo a mais, algo que não sabemos o que é. A Liga de Brian Oak foi nossa última tentativa de rebelião, mas foi massacrada anos atrás assim que o exército soube de sua localização."

Ele se lembrou do grupo de alunos que conversava na escada de incêndio sobre uma organização

rebelde que havia impedido o ataque de soldados. True olhou bem para o microfone. Estava em dúvida se dizia ou não aquela informação.

Daqui alguns meses minha vida vai virar um inferno mesmo. Eu não tenho nada a perder - pensou dando de ombros.

"Hoje pela manhã ouvi boatos sobre uma nova organização rebelde. A diferença? Simplesmente um homem da organização conseguiu competir com a força sobrenatural do exército. Talvez eles tenham conhecimento dessa força oculta. Se alguém me ouve, peço apenas uma coisa: *Save our souls*. Aqui é True finalizando mais uma transmissão semanal!"

O garoto desligou os aparelhos e colocou os cotovelos sobre a mesa feita de madeira enquanto apoiava o rosto com as mãos. Sua esperança estava se esgotando assim como o seu tempo.

Um pouco afastado de onde estava. Um relógio apontava as horas, fazendo o garoto dar um salto da cadeira.

Já é noite! Como pude ficar tanto tempo aqui! — True gritava consigo em sua mente.

Ele apanhou sua mochila, guardou seus utensílios rapidamente e saiu pela passagem estreita que dava acesso ao beco escuro. O garoto estava faminto e teria que voltar para o dormitório o mais rápido possível, porém sua mente estava atordoada com todos os acontecimentos, então, antes de voltar ao seu minúsculo apartamento, decidiu comer algo na cidade, uma vez que o horário da refeição noturna já havia passado.

A noite estava calma, quase não dava para ouvir nenhum barulho, apenas o sussurro do vento e ruídos dos talheres e pratos em um restaurante criado especialmente para alimentar jovens e crianças de até dezessete anos.

Eram 19h57, o toque de recolher estava quase na hora de soar, todos deveriam voltar aos seus respectivos dormitórios organizados pelo exército. Como as famílias foram desfeitas e os maiores de idade foram mandados para para os lugares em que eram solicitados pelo exército, os dormitórios se tornaram os novos lares das pessoas. Poucas famílias ainda tinham a sorte de estarem juntas.

O único estabelecimento ainda aberto naquele momento era o restaurante onde True estava junto a mais três homens, um deles era o cozinheiro, que também era dono do estabelecimento a comando do exército, e outros dois homens tinham acabado de chegar ao estabelecimento.

O homem, dono do restaurante, os impediu:

Desculpe-me cavalheiros, mas não poderei deixá-los entrar. Esse restaurante fornece alimento somente para os jovens menores de dezoito anos, queiram me desculpar, mas são ordens.

Os dois homens barrados vestiam capas que tampavam seus rostos, apenas dava-se para ver o começo da boca até o queixo.

Desculpe senhor, nos enganamos, mas quero lembrá-lo que está quase na hora do toque de recolher, o senhor não acha que está na hora de fechar o seu estabelecimento?

Tem toda razão, só estou esperando aquele jovem terminar sua refeição.

Os dois homens misteriosos olharam para True que comia faminto.

Ei! Garoto! Está terminando? - perguntou o dono do restaurante.

Por que a pressa? - indagou de boca cheia e quase que o homem não entendeu o que dizia. - Não acha que uma refeição deveria ser apreciada? - disse o garoto após esvaziar a boca.

Você terá que se apressar e...

Enquanto o cozinheiro falava, foi interrompido pelo barulho da sirene que significava o toque de recolher.

Que droga! - resmungou ao checar o relógio. - Desculpe garoto, terei que recolher seu prato e fechar o restaurante imediatamente. Se fosse você, ia correndo para seu dormitório antes que o exército te encontre.

Ao pronunciar aquelas palavras, surgiu uma idéia na mente do cozinheiro e então, ele virou-se para os dois homens misteriosos para fazer uma pergunta:

Vocês não são do exército, são?

Porém mais dúvida surgiu do cozinheiro, pois os homens já não estavam no estabelecimento.

Que estranho - pensou o cozinheiro coçando a área falha onde já começava a cair os cabelos. *Nem percebi que eles tinham partido.*

Enquanto isso, True se levantou, agradeceu pela deliciosa refeição e foi embora.

Ele andava calmamente pela rua sem se preocupar com o exército ou punições. Entrou em um beco que lhe servia de atalho para o dormitório quando percebeu que estava sendo seguido. No momento em que começou a correr, olhou por cima dos ombros, se certificando que a pessoa ou o soldado estaria longe, quando voltou a olhar para frente, surpreendeu-se com um homem de capuz que surgira do nada, Ele parou no momento exato para não tomar com o estranho.

Outra pessoa com capuz se manifestou atrás do rapaz, cercando-o. Ele então se lembrou dos dois homens que foram barrados no restaurante há poucos minutos.

O que vocês querem? Se forem do exército, não estou nem ai...

Calma, garoto! Nós não somos do exército - disse um dos homens tirando o capuz. Ele tinha aparentemente cerca de 28 anos, pele branca, olhos azuis, cabelo curto e loiro. Possuía a mesma altura de True.

Meu nome é Light e esse é o meu fiel amigo Romeo.

O segundo homem retirou o capuz. Esse tinha um cabelo que batia nos ombros, o qual castanho-escuro e ondulado, olhos também castanhos e pele clara. Aparentava uma idade de cerca de 20 anos, mas sua altura superava a dos dois outros presentes, o que fazia o garoto imaginar que ele teria 1,80m.

Nós somos da América do Norte, estamos aqui para procurar mais pessoas para nossa organização — disse Romeo.

Que organização? - perguntou, franzindo o cenho.

Nós te explicaremos mais tarde, venha conosco - falou Light.

Não vou a lugar algum com pessoas que não conheço. Só sairei daqui à força.

Imediatamente o garoto sacou duas facas curtas que escondia em seu coturno. Ele as tinha roubado no restaurante que estava.

Light deu um curto assobio e disse ironicamente:

Nossa! Olha o mundo em que vivemos! Queremos conversar um pouco com um jovem e ele saca duas facas para nos agredir - finalizou Light com um pequeno sorriso no canto esquerdo da boca enquanto sacudia a cabeça em um gesto de decepção.

São tempos difíceis, mas agora se afastem! - justificou-se o garoto tentando amedrontar o máximo, pois sabia que estava na desvantagem.

Light arregalou os olhos por um instante e disse sorrindo:

Você tem uma alma interessante, rapaz.

O garoto não entendeu o que o estranho quis dizer, mas não abaixou a guarda. Foi então que Romeo avisou-os:

Temos que sair daqui o mais rápido possível, o exército logo estará aqui.

Tarde de mais — disse Light. - Nós fizemos muito barulho, meu amigo. Olhe para cima.

Romeo e o garoto olharam para cima quase ao mesmo tempo e seus olhos se arregalaram, principalmente o do garoto, quando viram dois soldados na cobertura dos prédios que entre eles faziam o beco escuro onde estavam.

Eu cuido disso - disse Romeo muito calmo e arregaçando as mangas.

Quem você pensa que é? Eles são dois e são do exército! Eles dominaram o mundo em vinte e quatro horas, quanto tempo acha que vão levar para nos matar!

Light, que aparentava sempre ter um leve sorriso no rosto, botou as mãos sobre os ombros do rapaz e disse acalmando-o:

Relaxe, apenas assista.

O garoto não entendia o que estava acontecendo nem o que aqueles homens achavam que eram, mas decidiu ficar quieto e ver o que aconteceria.

O primeiro soldado, vestido todo de preto como eram conhecidos, saltou em direção a Romeo com uma espada de lâmina média que desembainhou, enquanto o segundo sacava suas pistolas para atirar em Romeo no momento em que tivesse chance.

Um imenso barulho de metal chocando-se em algo sólido fez o silêncio da noite desaparecer. Era Romeo quem tinha defendido o ataque do soldado.

True não tinha entendido como aquele homem havia feito a defesa, pois estava desarmado e já era milagre este estar vivo e não morto jogado no chão. Ele encarou a mão de Romeo surpreendendo-se. A unha tinha crescido instantaneamente, formando uma espécie de garra, além disso, sua mão ficou com uma proteção maior, como se fosse cristalizada, foi o que teria parado o ataque. A garra possuía uma aparência estranha, era cinza e com as bordas brancas brilhantes, criando uma espécie de aura.

Enquanto uma mão impedia o avanço, Romeo usou a outra para contra-atacar o soldado, tirando sua vida, e lentamente o soldado caiu no chão, sem ter tempo para revidar. O segundo soldado, com frieza, não demonstrou qualquer sinal de raiva ou tristeza com a perda do parceiro, e enquanto Romeo virava para encará-lo, o soldado disparou dois tiros em direção ao peito de seu oponente. Romeo, por sua vez, se moveu tão rápido que nem o garoto nem o soldado puderam ver onde ele foi parar. Com apenas três saltos, Romeo estava frente a frente com o inimigo. O soldado encarou o rosto do misterioso homem e antes que mudasse a mira de sua arma, Romeo o derrotou.

Como? Você os derrotou! Como saltou tão alto? - gritou o garoto atônito.

Grave isso na sua mente garoto: se tiver medo de algo, enfrente esse medo e você se tornará mais forte - disse Romeo voltando ao encontro dos dois, desfazendo-se das garras.

Light deu uma leve risada e disse:

Acredito que já tenha ouvido sobre nós ou estou enganado?

O rapaz ficou pensativo por um tempo e depois arregalou os olhos:

Vocês são da organização rebelde? Aquela que alguns estão falando?

Isso mesmo. Nós ouvimos sua mensagem pelo rádio. Não me admiro que não tenha recebido muitas respostas, pois além de ter muita interferência na transmissão, o sinal não vai tão longe.

Mas agora me responda, garoto: você sabe alguma coisa sobre o exército, a fonte de seu poder?

True pensou um pouco, mas não tinha idéia.

Eles não são humanos normais; ou melhor, são. Mas eles possuem conhecimento de algo que é limitado entre as pessoas, eles são aqueles que podemos chamar de *caídos*. Explicarei melhor exatamente quem são eles, isso, é claro, se disser "sim" a minha pergunta.

E qual seria? - indagou True curioso.

Você gostaria de se juntar à nossa organização?

Capítulo 2

A Alma de Tao

- Acorde, True! Seu dorminhoco, já é tarde! - disse uma voz rouca e fraca, porém doce. Ainda estou com sono, me deixe dormir mais um pouco! - True respondeu, cobrindo-se por inteiro com o lençol.

Nada disso! Já está quase na hora do almoço!

Quase na hora do almoço! Por que não me acordou para ir à escola, Ducey?

A idosa Ducey era aposentada pelo exército. Ela trabalhou servindo o ditador em diversas tarefas: nas indústrias de armas, na área urbana, plantando, colhendo, capinando e várias outras funções cansativas.

Como era lei, após alcançar a terceira idade, todos teriam que cuidar de crianças até que completassem 18 anos. Assim que essas crianças alcançavam a maioridade teria de cuidar de outras até que as mesmas fizessem 18 anos. E isso até o fim de sua vida. Ducey não teria escolha, assim como os outros idosos que faziam as mesmas tarefas que o exército mandava.

Hoje você não irá para a escola, meu querido. Você passou mal ontem à noite, além disso, você tem companhia.

Ducey era uma dos poucos idosos que tratavam as crianças com boa vontade. A maioria descontava a raiva que sentia do ditador nas pobres crianças que não tinham nenhuma culpa daquele fardo que todos iriam carregar se o mundo não mudasse.

Companhia? - ele estranhou.

Sim, dois homens. Eles trouxeram você para casa ontem à noite, fiquei preocupada, você não tinha chegado ao dormitório e já tinha soado o toque de recolher. Se o exército tivesse te encontrado... - Ducey colocou a mão nos olhos enquanto falava. - Não quero nem pensar!

Enquanto Ducey falava, as lembranças da noite passada surgiam na mente de True.

Então não era um sonho! — refletiu.

Agora vamos. Você tem que comer alguma coisa e os seus amigos estão te esperando.

True não sabia se eram de fato seus amigos, mas sabia que devia muito a eles.

Ele se trocou e abriu a porta do seu quarto, avistando Light e Romeu sentados à mesa da cozinha esperando por ele.

Bom dia, garoto! Está melhor? - disse Light, curioso e como sempre de bom humor.

Melhor? - indagou ainda sem se lembrar dessa parte.

Sim, ontem você nem respondeu à minha pergunta e logo desmaiou.

Que pergunta? - Ducey interveio.

Se ele estava perdido - respondeu Romeo imediatamente para que não levantasse suspeitas.

Bom, vou deixar os cavalheiros conversando e irei até a área de distribuição. — A suspeita de Ducey se fora.

A área de distribuição foi criada pelo ditador para fornecer as necessidades de cada pessoa. No local havia alimentos, remédios, ferramentas, entre outras coisas, mas só o necessário para cada um exercer a tarefa que lhe fora designada. No caso de Ducey, ela ganharia, uma vez por mês, uma quantidade de alimentos suficiente para ela e o número de crianças que estava cuidando no momento; no caso, apenas ela e True. O exército tinha relação por nome de cada pessoa e com o

que trabalhava.

Ducy fechou a porta do pequeno apartamento e foi a caminho da área de distribuição. Agora que tinha partido, eles podiam conversar livremente sobre a noite passada.

Então, rapaz, sente-se e coma alguma coisa para então começarmos a conversar. - Light disse convidando-o.

Sim, claro. — True sentou e observou Romeo, que era mais calado e observador que Light.

Agora poderia responder à minha pergunta?

True lembrou-se da última coisa que ouviu antes de tudo ficar escuro e acordar em sua cama.

Sobre eu entrar na sua organização?

Isso também, mas você está melhor?

True não sabia onde ele queria chegar, mas respondeu educadamente.

Sim, estou muito melhor, obrigado. Eu estava treinando e não vi a hora passar, eu fiquei muitas horas sem me alimentar, então passei naquele restaurante para comer alguma coisa, estava morrendo de fome. A hora do jantar no dormitório já havia passado, não teve jeito, tive que improvisar.

Treinar?

Sim, como podem ver, não sou muito forte e daqui a alguns meses vou fazer 18 anos, então serei obrigado a trabalhar para o ditador. Caso eu não agüente os serviços, acabarei morrendo por não suportar o trabalho duro.

De onde tira tempo para treinar? As escolas são em período integral, tendo apenas descanso para o almoço e à noite.

É verdade, mas uso a hora do almoço e a noite para treinar.

Os estranhos se entreolharam por um breve momento.

Não vai precisar fazer isso se você se juntar a nós - continuou.

Light finalmente começou o assunto que queria, mas True não sabia por que foi escolhido.

Antes de te dar minha resposta, queria saber por que gostaria de minha ajuda. Não sou tão forte e também não sou tão inteligente, como poderia ser útil?

Light e Romeo se olharam novamente e juntos fizeram um sinal de aprovação com a cabeça.

Vimos suas notas na escola. Você não é a pessoa mais inteligente do mundo, mas as suas médias estão entre sete e oito. Você, apesar de não ter muita força física, tem reflexo rápido. Mas o fato mais importante para o queremos em nossa organização é por sua alma ser extremamente rara. "Você tem uma alma interessante rapaz" - True lembrou-se daquela fala, mas não sabia o significado.

O que quer dizer com isso, senhor?

Não precisa me chamar de senhor, apenas Light. Nós somos amigos, certo?

Sim — True assentiu sem ter muita certeza.

Bom, vou explicar o que quero dizer, mas antes vou começar de uma maneira geral para depois chegar ao seu caso, tudo bem?

True assentiu e observou a maneira que Light falava, apesar de ele ser americano, falava português fluentemente.

Certo, vou tentar explicar da maneira mais fácil possível. - True viu um leve sorriso crescendo na boca de Romeo, parecendo que estava o subestimando. — Todas as pessoas, sejam elas boas ou ruins, possuem uma alma que é dividida em dois grupos: as almas *puras* e as *corrompidas*. A

alma também pode ser diferenciada pela forma, grave bem isso!

True, que já estava concentrado, dobrou sua atenção e então Light, percebendo que o garoto estava prestando bastante atenção, continuou:

A forma da alma mais *pura* é a do anjo e a mais *corrompida* é a do demônio. Entre elas existem outras formas que variam entre formas de animais ou seres únicos, que surgem com mais raridade, essas formas variam de acordo com a personalidade da pessoa. Um exemplo é a do Romeo, que tem a forma de um lobo, que significa...

Espera! Não quero que fale da minha alma para ele! - berrou Romeo furioso, batendo a mão contra a mesa. True arregalou os olhos e se afastou.

Tudo bem, meu amigo, vou respeitá-lo.

Light não perdeu a calma nem por um segundo e fez um sinal para True, informando que estava tudo bem. Ele se sentou novamente enquanto Romeo ia ao banheiro para molhar o rosto e se acalmar. True pediu para que Light continuasse.

Aqueles que têm a alma corrompida são chamados de caídos, pois eles eram almas *puras* assim como todo mundo, mas algum motivo forte e pessoal fez com que eles caíssem. Para você entender melhor, imagine que as almas *puras* são como pássaros felizes voando no céu. Os pássaros que não aprenderam a voar ou por algum motivo não voam são como as pessoas que não acreditam na existência de uma alma ou pensam somente no mundo material, por isso não podem "voar". As almas *corrompidas* são como pássaros que, por algum motivo forte e pessoal, estavam voando pelo céu, mas caíram no mar e lá ficam afundando até que alguém ou eles mesmas possam sair e voar novamente.

Os dois pararam e observaram Romeo chegar e sentar-se em seu lugar anterior.

Cada tipo de alma tem algumas habilidades, como, por exemplo, a do anjo, que pode trazer um *caído* de volta aos *puros* apenas sabendo o motivo dele ter caído, dando uma solução para o problema pessoal. A habilidade do lobo, do Romeo...

True arregalou os olhos com medo de que Romeo ficasse irritado. Light percebeu que o garoto ficara preocupado, logo o acalmou com um sorriso.

Tudo bem garoto, disso posso falar.

Romeo assentiu com a cabeça e ao mesmo tempo soltou um leve suspiro.

A do lobo, como eu ia dizendo, pode materializar garras e a velocidade do proprietário é aumentada consideravelmente.

True se lembrou da luta que Romeo teve com os dois soldados. Se fosse há alguns anos talvez o garoto não acreditasse nas palavras do rebelde, mas em vista dos acontecimentos, as informações certamente eram verdadeiras.

Além dessas habilidades, se a pessoa com a alma do lobo estiver em grupo, seu poder e velocidade aumentam ainda mais, podendo ganhar até novas habilidades.

True se maravilhou com aquilo, estava nascendo uma esperança em seu coração, talvez aquela organização pudesse mudar o rumo do mundo.

O exército e o ditador são todos *caídos*, e eles têm conhecimento da existência desse poder. Foi por isso que o mundo foi tomado de forma tão rápida. As pessoas, sem saber da existência desse poder, apenas se renderam.

Então se nós juntarmos um número considerável de pessoas com o conhecimento dessas habilidades, faremos o mundo voltar a ser como era - disse o garoto imaginando e seus olhos

brilhavam esperançosos.

Na verdade - continuou Light -, não precisamos de muitas pessoas, até porque seria difícil achar almas *puras* nesse mundo. Com a ditadura, as pessoas não têm esperança e alegria no coração, fazendo, conseqüentemente, sua *pureza* ficar baixa. Assim, acabam virando aqueles pássaros que não voam, como te expliquei. Os soldados do exército, no momento em que *caíram*, perderam seus sentidos na vida, apenas obedecem às almas mais *corrompidas*. Sabe me dizer quem são elas?

True ficou pensativo por um momento e respondeu:

Os generais! — disse True com empolgação.

Sim, e existem apenas cinco deles. Um na América do Sul, outro na América do Norte, na África, na Ásia e por último na Europa junto ao ditador.

Então se derrotarmos todos eles, esse tempo sombrio chegará ao fim!

Não apenas derrotar.

O garoto franziu o cenho em dúvida.

Temos que descobrir o motivo deles terem *caído*. Se conseguirmos fazer isso com o poder da alma do anjo que pode entrar na "consciência" da pessoa por alguns instantes, mostraremos a solução. Dessa forma, ele se tornará um *puro* novamente. Se tudo der certo, os teremos como aliados para lutar contra os outros generais.

E se eles recusarem?

Então não teremos escolha a não ser matá-los - respondeu Light no único momento em que o sorriso desapareceu de seu rosto.

Parece complexo... E quanto aos outros *caídos* com a *corrupção* menor?

Para eles será o bastante derrotá-los, a maioria dessas almas desejaram poder e, ao serem derrotadas, mostraremos que o lado *puro* é mais forte, então eles mesmos entrarão na própria consciência para achar uma solução para si.

True ficou refletindo sobre o assunto durante alguns minutos.

Tem alguma pergunta? - questionou Light.

Sim, duas. Primeiro como você vê o formato delas?

Isso é simples, como tenho a alma do anjo, possuo a habilidade de vê-los um pouco acima da cabeça do proprietário, refletido através dos olhos.

True não ficou nem um pouco surpreso em saber que Light tinha a alma em forma de anjo, ele parecia tão calmo e feliz o tempo todo, sempre sorrindo, que True conseguia sentir a bondade o cercando.

E a outra pergunta?

Eu queria saber o formato da minha alma.

Light ficou feliz em chegar onde queria, então deu um longo sorriso e disse:

Esse é o ponto que queria chegar. O motivo da explicação de tudo isso. Sua alma é uma alma única, True. Eu conheci apenas mais uma pessoa com essa alma, mas isso já faz muito tempo.

E qual seria?

A alma de Tao! Sua alma é ambos: *pura* e *corrompida*; ela é metade anjo e metade demônio.

True não sabia o que estava acontecendo, seu coração batia forte, ele estava com medo de ser uma pessoa ruim, mas estava feliz por ser também metade anjo. Algo não estava certo, ele poderia ser uma pessoa muito boa assim como Light ou terrível como o ditador e seus generais.

Capítulo 3

Um Único Ser

Responda, Light! Eu sou bom ou sou mal? - True perguntou ainda sem acreditar que sua alma era metade anjo e metade demônio.

Eu já te disse garoto: você é ambos! Acredito que seja o equilíbrio dos *puros* e dos *caídos*. Você será o nosso trunfo para poder dar um fim a essa era de ditadura.

Mas por que eu? Eu não estou sempre de bom humor e calmo como você para merecer a alma do anjo, mas também não sou tão cruel como o ditador e seus generais para merecer a alma do demônio. Por quê? Responda-me!

True aumentava o tom de sua voz a cada palavra que falava.

Light sorriu brevemente com a menção que o garoto fizera em relação ao anjo e suspirou logo em seguida quando surgiu uma idéia em sua mente que podia fazer com que o garoto entendesse de uma vez.

Você não prestou atenção no que falei, não foi? Você é inteligente True, mas não presta atenção nos detalhes. Por isso não tira nota máxima na escola.

Como sabe das minhas notas?

Nós fazemos parte de uma organização rebelde, invadir sistemas escolares do governo é fácil para nós e necessário.

Vocês são realmente os mocinhos? - True disse com ironia, e Light sorriu.

Voltando ao assunto, como assim não presto atenção nos detalhes? - perguntou True ansioso.

Lembra que te falei sobre o tipo de alma depender da personalidade de cada pessoa?

Aquilo fez dar um leve estalo na mente do garoto ao que logo se recordou.

Sim, me lembro.

Então, garoto - disse Light agora em dúvida por que True não aceitava sua alma. - Não sou eu quem escolhe o formato da sua alma, mas, sim, a sua personalidade que faz com que ela se torne o que é.

E o que é esse "Tao" de que falou?

Light não tinha outra escolha a não ser explicar, ele esperava que o garoto entendesse apesar da complexidade.

"Tao" vem de Taoísmo, uma filosofia chinesa que acredita que toda a vida é regida pelos elementos yin e yang que se complementam e são opostos, transformam-se e estão em eterno movimento, equilibrados pelo Tao. Yin: Lua, escuro, frio, água, esquerda, negativo, trevas. Yang: Sol, claro, quente, fogo, direita, positivo, luz. Ou seja, você possui a alma desses dois elementos, a alma do equilíbrio.

True agora parecia mais calmo, porém desanimado.

Olha, True, se prometer juntar-se a nós e nunca desistir até que tenhamos a paz de volta ao mundo, te ensino a usar sua alma e o melhor, a conversar com ela.

O garoto arregalou os olhos confusos, mas interessado.

Como?

Primeiro responda de uma vez se quer entrar em nossa organização.

Eu não tenho escolha, se quiser descobrir o motivo da minha alma ser assim. De todo modo,

também não esquecerei esse assunto facilmente — pensou True e então assentiu.

-Tudo bem, prometo que irei ajudá-los nessa tarefa.

Light deu um sorriso e encarou Romeo como se tudo seguisse parte do plano. Romeo, sempre quieto, apenas retribuiu o sorriso.

Muito bem, começaremos a treinar, mas antes, que também não deixa de fazer parte do treinamento, te ensinarei a conversar com sua alma como prometido por ter se unido a nós. Pense nisso como um prêmio de boas-vindas.

True ficou animado, mas logo foi tomado por dúvida.

Só tenho uma pergunta.

E qual seria?

Minha alma é outra pessoa? Como posso conversar com ela se não for outro ser?

Light ficou feliz que True tinha voltado a ter interesse pelo assunto. E achou ótima sua pergunta.

Não, sua alma não é outra pessoa. É parte de você. Sem ela você seria com um robô ou um boneco com movimentos próprios. Você já deve ter conversado com sua alma, tenho certeza.

Nunca tinha feito perguntas para si mesmo como: "O que devo fazer agora?", "Como será que me saí nos testes?" ou "Deu vontade de...". Tudo o que você pergunta para si vai para sua alma.

Quando você fala na sua mente, não escuta sua voz dentro de você?

True pareceu surpreso, tinha mesmo feito aquilo diversas vezes.

Sim, escuto.

Então, só precisa ter mais concentração e vai escutar ela responder; na verdade, ela não, vocês responderem.

E como posso fazer isso?

No seu caso, o Tao Yin, um termo chinês associado às práticas de meditação de origem Taoísta desenvolvida na China. Este tipo de meditação também é conhecido como *Sentar na Calma*.

Meditação? - disse True sem gostar muito do método que teria que fazer.

Sim, é o jeito mais rápido — insistiu Light.

Romeo deu uma risada baixa, ele já tinha passado por vários métodos de treinamento e sabia que, além de chato, era difícil, em sua opinião.

Tudo bem, vou tentar.

Os três se levantaram e pegaram as almofadas do sofá para forrar o chão da minúscula varanda do dormitório que o exército cedera para True e Ducky. Depois do chão bem forrado, True se ajeitou até ficar sentado de uma maneira confortável, o vento que soprava na varanda o ajudava a relaxar.

Aqui está bom? - indagou Light.

Sim, e agora, o que eu faço? - perguntou True apressado.

Primeiro feche seus olhos e tente esquecer o mundo aqui fora. Só se concentre no seu *mundo*.

No meu? - indagou franzindo o cenho.

Light sempre tinha a mania de falar as coisas confiando que as pessoas sabiam o que queria dizer. No entanto, lembrou-se que se tratava de uma novidade para True, então começou a explicar:

O *mundo* a que me refiro, True, é como um lugar alternativo, único de cada pessoa. Ele é, para todo indivíduo de boa índole, um paraíso criado pela própria mente.

Romeo revirou os olhos, ele já sabia quando Light começava com suas histórias. Ele, por outro

lado, não tinha essa paciência de ensinar. Enquanto isso, True refletia a respeito do conceito. Acho que entendi... Quando fico entediado na escola, fecho os olhos e penso em um lugar que queria estar. Como um sonho.

Light deu outro leve sorriso, notando que o garoto estava no caminho certo.

É exatamente isso. Como um paraíso em sua mente. É esse lugar que serve como ponto de encontro entre nossa alma e corpo. Mas não é tão simples quanto parece, pois não é todo pensamento que gera nosso *mundo*. O pensamento deve alcançar o íntimo de nossa mente.

True passava a mão no cabelo, pensativo. Aquilo parecia complexo, mas ele estava certo que entenderia com a prática.

O íntimo de nossa mente... - disse para ninguém em especial - Light, se eu estiver certo, seriam os nossos pensamentos e desejos mais pessoais. — Deu de ombros.

Isso mesmo, garoto! Percebo que está começando a entender - Light sorriu assim como True. — Quando você pensa em algo pessoal não se sente aprofundando em sua mente?

True assentiu.

O nosso *mundo* é esse lugar secreto em nossa mente. E agora que tocou no assunto, sobre os desejos mais pessoais, acho que está na hora de falarmos sobre o núcleo do *mundo*.

Núcleo? Então há um requisito para que ele exista... — comentou estranhando sem querer perder o raciocínio que desenvolvia.

Sim. Esse núcleo é o que decide se nos tornaremos um *caído* ou um *puro*, por isso é tão importante. Quando decidimos nossa personalidade, escolhemos também esse núcleo, que em outras palavras é a nossa razão de viver. Pensando assim, sabe me dizer qual o núcleo do *mundo* de uma mãe?

True ficou pensativo por um instante e balançou a cabeça negativamente. Ele se lembrou de sua mãe, que não via já fazia muito tempo, por ela receber ordens do ditador para prestar serviços na Ásia.

São os filhos, True. A coisa mais importante para uma mãe são seus filhos, tornando-se o núcleo do *mundo* dela. Para você entender melhor, imagine que o mundo em que vivemos é a coisa mais importante para você. Agora imagine se o tirassem de você, a partir daquele momento você ficaria sem chão e então perdido no universo, é isso que acontece se essa mãe perder seus filhos ou alguém perder seu núcleo do *mundo*.

True pareceu surpreso de saber o quão importante era aquela teoria e o que poderia influenciar em cada um.

Como fica muito extenso dizer "o núcleo de um mundo", nos referimos apenas como *mundo*, que se entende como o lugar e a coisa mais importante para cada pessoa — disse Light fazendo uma pausa para provocar uma tosse, por ter a garganta seca. - Então você já sabe me dizer qual é o seu *mundo*? - continuou e procurou saber.

Enquanto True pensava, olhou para o rosto de Romeo e percebeu que estava surgindo uma lágrima nos olhos do homem. Vendo aquilo, ele não hesitou em perguntar:

Está tudo bem, Romeo?

Romeo arregalou os olhos como se fosse acordado enquanto estava tendo algum tipo de pesadelo e em seguida enxugou as lágrimas que brotavam de seus olhos.

Sim, está tudo bem, só estou cansado — respondeu apressado. — Posso me deitar na sua cama, garoto?

Sim, fique à vontade - True respondeu meio preocupado.

Light encarava seu amigo com uma expressão de preocupação, e True percebeu que algo tinha acontecido no passado de Romeo. Primeiro ele não quis que falasse de sua alma e agora as lágrimas.

Light voltou a encarar True e esperou pela resposta da pergunta que tinha feito antes que ele notasse a lágrima de Romeo.

Hmm... Não sei ao certo. Seria a Darcy?

Light recuperou o bom humor e corrigiu calmamente, como era de costume.

Não. Você está confundindo algo que você ama para algo que é a coisa mais importante para você, mas tudo bem, será mais uma pergunta que você fará para sua alma. Agora que você sabe o que é o *mundo*, tente meditar. Concentre-se apenas em você e em seu próprio paraíso.

True assentiu e fechou os olhos, sentando-se de uma maneira confortável.

Estava difícil esquecer o mundo exterior. Ele abriu um dos olhos e viu que Light estava sentado na cozinha, mas perto da porta da varanda, vigiando e avaliando-o.

Err... Light?

- Sim?

Poderia fechar a porta da varanda? E que não consigo me concentrar sabendo que alguém está me olhando - True pediu envergonhado.

Claro, enquanto isso, vou ver como está o Romeo.

Obrigado.

Light se levantou da cadeira e fechou a porta como True havia pedido. Ele agora podia concentrar-se. True cerrou novamente os olhos e sentiu quando o vento passou pelos seus cabelos lisos, fazendo com que fossem jogados na direção que o vento soprava.

O barulho dos carros do exército que passavam ia diminuindo, ele já não podia ouvir as pessoas que conversavam nos andares acima e abaixo, o cheiro das indústrias que ficavam a poucos quilômetros já não o incomodava. Tudo foi sumindo e, antes que percebesse, já não podia ouvir mais nada.

Certo pânico tomou sua mente, aquele sentimento de vazio o fez imaginar que estava surdo. Seu coração foi acelerando e quando percebeu que não podia mais agüentar, como sua última tentativa, procurou acalmar-se e abrir os olhos. Ele começou a reabri-los lentamente e quando o fez por completo, percebeu que não estava mais vendo a porta que separava a varanda da cozinha. Ele estava em outro lugar que nunca tinha estado antes ou, pelos menos, não conscientemente.

O lugar tinha água que batia em sua cintura, mas não era uma água qualquer... ela não molhava suas roupas nem seu corpo. Ele não conseguia tocá-la. Para movimentar-se, andava lentamente, como se estivesse em um lago, mar, piscina ou outro lugar qualquer que houvesse o líquido. Ele notou outra coisa estranha, com a mão esquerda sentia que a temperatura da água estava fria e com a mão direita estava quente, apenas sentia a temperatura, nada mais. Sem saber se aquilo era um sonho, ele avistou uma figura distante, quase imperceptível no horizonte. O local não parecia ter um fim, era tudo preto, lembrava muito o universo fora do planeta. Por um instante, tentou identificar o que era aquela coisa ao longe, mas falhou em ver os detalhes.

True, se arriscando, gritou:

Oi! Pode me ouvir?

A voz ecoou até a figura que não se moveu de imediato, mas após alguns segundos começou a se virar e vir em sua direção. True começou a ficar nervoso e percebeu que a figura, que parecia pequena, ia crescendo conforme se aproximava.

True forçava seus olhos para ver o que de fato era aquilo, mas apenas conseguia reconhecer a forma de uma pessoa, e que seus pés não estavam na água, mas acima dela. Foi aí que percebeu, a figura, que continuava a crescer à medida que se aproximava, possuía um par de asas. Com medo, True fechou os olhos e esperou que a figura misteriosa aparecesse de uma vez à sua frente. Ele não via lugar para correr, ou melhor, não tinha como fugir. Sabia que não podia competir com a estranha figura, pois enquanto ele andava lentamente pela água, ela voava. Não importava o quão rápido ele fosse, certamente ela o alcançaria.

Porque está com os olhos fechados?

O corpo inteiro de True tremeu, e seus olhos abriram encarando a água. Ele logo percebeu que a voz que ouvia era idêntica à dele.

True querendo acabar com o suspense, olhou para cima para encarar a figura, que, agora, estava defronte a ele.

Quando a encarou, não acreditou no que via, era como se ele olhasse no espelho. Apesar de parecer um clone, tinha algumas poucas diferenças: a figura tinha uma asa branca, que lembrava a de um anjo, e uma asa negra, que supostamente seria de um demônio. Outro detalhe era a coloração de seus olhos; o esquerdo era azul-claro enquanto o direito era alaranjado.

Que... Quem é você? - disse True gaguejando.

Por que sempre respondemos uma pergunta com outra? Sempre odiei isso em nós.

Ele percebeu quando a figura disse "nós".

Eu sou a nossa alma e você nossa mente e corpo - respondeu a figura com asas de anjo e demônio.

Minha alma?

Nossa alma — disse a figura, corrigindo-o. — É como Light tinha nos dito; nós somos inteligentes, mas não prestamos atenção em detalhes.

True mantinha sua atenção em cada "nós" e "nosso" que a figura tinha o cuidado em dizer.

Você conhece o Light?

Claro que sim. Nós conhecemos. Falamos com ele agora há pouco.

True não sabia o que estava acontecendo, então a figura, que dizia ser a alma do garoto, percebendo, começou a explicar:

Eu sou nossa alma; a alma de Tao. Se quiser, pode me chamar de Taiji - disse, apresentando-se. — Aqui é o nosso *mundo*, tem água até a metade do seu corpo porque somos metade *puro* e metade *caído*. Os *caídos* são como os pássaros que se afogaram, como Light lhe explicou.

True, agora ciente de onde estava, olhou atentamente à sua volta. O lugar estava longe de ser seu local ideal, mas pensando melhor, percebeu que há muito tempo viveu assim, vazio e sem forma. Os anos em que passou no dormitório eram totalmente dispensáveis a seu ver. Como se fosse programado, seguia sempre a mesma rotina todos os dias, esquecendo-se daquilo que verdadeiramente se identificava.

Se é assim, por que você também não está com água até a cintura? - indagou receoso.

No momento, estamos felizes e calmos devido a esse conhecimento que Light está compartilhando conosco. Então, o nosso lado *puro* fica mais forte, dando-me força para voar,

mas quando ficamos com medo, tristes, entre outros sentimentos ruins os quais passamos nesses últimos anos, o nível da água aumenta e eu não posso voar. Está tudo bem agora, não se preocupe — acalmou-o.

True se tranqüilizou, acreditando que aquele ser seria mesmo sua alma.

Por que nosso *mundo* é assim escuro?

Nós ainda não achamos o nosso sentido para a vida, a nossa razão de viver, sendo assim, o nosso *mundo* ainda não existe.

Entendo... Taiji, responda mais uma pergunta, qual é o principal motivo para eu ter vindo aqui:

Por que você é um anjo *caído*?

Taiji o fitou e desceu para que ficasse na mesma altura de seu corpo.

Há coisas que até mesmo eu não sei a resposta, mas acredito que assim como minha aparência é um espelho do nosso corpo, ou seja, de você, a nossa alma é um espelho da nossa personalidade. Ao mesmo tempo em que amamos e queremos muito proteger as pessoas, desde aquelas importantes para nós até aquelas que somente temos simpatia, queremos destruir aqueles que odiamos e aqueles que nos desmerecem.

Mas por que o anjo e o demônio?

Talvez porque o amor que sentimos é tão puro, que seja equivalente ao de um anjo, que não possui a maldade. E o demônio é o ódio que sentimos do mundo lá fora, que não possui misericórdia. Porém, percebo que está se esquecendo de um fato importante: os demônios são anjos caídos, e como pode ver, apenas metade de nossa alma é corrompida. Por esse motivo Light ligou nossa alma ao Tao, onde existe a harmonia dos opostos.

Eu tenho medo de que... - True ia terminar a frase quando sua alma continuou para ele.

De que machuquemos as pessoas queridas para nós e nos tornemos um demônio completo, como o ditador e seus seguidores.

True assentiu.

Isso não vai acontecer, nossa alma nunca poderá ser totalmente *corrompida* ou totalmente *pura*. Existe uma balança na qual sempre temos que procurar estabilizar. Porém, caso a *corrupção* seja maior, é possível que tenhamos atitudes similares a de um demônio, portanto, devemos ficar atentos.

Por um momento, True preocupou-se em deixar que a balança se desestabilizasse. Era muita informação para entender ao mesmo tempo, e Taiji, percebendo o acúmulo que começava a causar certo desconforto no garoto, resolveu acalmá-lo.

É melhor que não nos preocupemos com isso agora. Por ora, vamos nos dedicar e descobrir a razão de nossa existência e ajudar Light em seu propósito.

True assentiu. Ele reconheceu que estava exagerando; afinal, passou todo aquele tempo sem ter ciência das almas e nada havia acontecido a ele.

Fico feliz que minha voz finalmente tenha o alcançando — disse Taiji cerrando o punho e movendo o braço para a direção do garoto em um cumprimento.

Também sinto o mesmo - True cumprimentou do mesmo modo ao encontrar os punhos.

Ambos sorriram ao mesmo tempo, e quando True piscou, estava de volta ao dormitório onde tinha começado sua meditação.

Capítulo 4

Olho da Verdade

True acordou exausto da meditação, devido ao tempo que passou se concentrando na mesma posição. Sentindo um desconforto, passou sua mão levemente na nuca, onde havia uma queimadura superficial que os raios do Sol causaram, sobressaindo em sua pele clara, deixando a região avermelhada. Após ter se levantado meio desajeitado com a perna dolorida devido à posição que permaneceu, apoiou-se na parede e procurou logo entrar para a cozinha, escapando do calor que a tarde oferecia.

Ao entrar na cozinha, viu que Duce já havia voltado da área de distribuição, ela agora terminava de lavar alguns talheres. Light ainda estava lá, sentado no banco onde esteve antes de ajudá-lo com a meditação, porém Romeo já tinha partido e True achava que havia algo relacionado à expressão que vira em seu rosto. Quando True entrou, Duce e Light logo o fitaram.

Oi, meu filho, não sabia que fazia meditação - disse Duce rindo enquanto balançava a cabeça, pois, para ela, a meditação não era algo que achasse útil.

Não faço, foi apenas desta vez - ele se defendeu e encarou Light para certificar-se de que não repetiria o exercício.

Light, percebendo que True esperava uma resposta, assentiu com a cabeça e se levantou para se despedir dos dois, já estava na hora dele ir e não podia ficar no dormitório de estudantes por muito tempo. O exército costumava fazer rondas pelo prédio para averiguar se tudo estava em seus devidos lugares.

Eu já vou indo, True, e obrigado, Duce, por tudo - despediu, parando ao lado da porta para que cumprimentasse a senhora.

Tudo bem, Light. True precisa mesmo de amigos. - Duce apertou a mão do misterioso homem que ainda continuava ser para ela, após enxugar a mão em uma toalha de pratos.

O garoto revirou os olhos. Ele não precisava que Duce fizesse amigos por ele ou que deixasse tão claro o quanto era anti-social.

Até mais — falou Light estendendo a mão, desta vez, para cumprimentar o garoto.

True estendeu a mão para cumprimentá-lo da mesma forma e, ao apertar sua mão, sentiu algo entre elas, logo percebeu que era um pedaço de papel, mas não sabia o que Light queria com aquilo. Depois de se despedirem, Duce abriu a porta para Light e esperou para fechá-la.

O almoço já estava pronto, um alívio para o garoto faminto, feito com os novos alimentos que Duce havia recebido junto aos remédios que tinha direito. Depois de se servirem, sentaram e comeram juntos à mesa. Duce não tinha feito nenhuma pergunta sobre a meditação ou sobre os visitantes, o que parecia suspeito. True deu de ombros, imaginando que Light havia inventado alguma desculpa; assim, apenas continuou a comer. A comida estava ótima, ele não conhecia cozinheira melhor que Duce. Além da comida ser saborosa, era bem nutritiva. Ela sabia cozinhar alimentos que não eram tão apetitosos à primeira vista, deixando o gosto escondido nos outros alimentos que o garoto adorava.

Depois de terminarem, True foi para seu quarto, deixando todo o serviço da cozinha para Duce, não que ele não a ajudava com algumas tarefas, afinal, ela já tinha uma idade avançada, mas Duce sempre preferia fazer a maioria das tarefas, dizia que ajudava a passar o tempo. Uma

espécie de terapia - era como se referia.

True, chegando ao quarto, fechou a porta para que examinasse o bilhete sem que Ducey o visse, pois Light tinha dado para ele discretamente, e se ele fizera isso, certamente era para que Ducey não notasse.

Ele sentou na cama e desembalhou, nele tinha uma mensagem e quando ia começar a ler, ouviu uma batida na porta.

True, posso entrar?

Sim, claro.

Enquanto respondia, rapidamente guardou o papel na gaveta da estante ao lado da cama.

Sua perna está melhor? Notei que está mancando.

Está tudo bem, só fiquei com câimbra devido ao tempo que fiquei meditando.

Não ficou tanto tempo assim - estranhou. - Eu cheguei logo após você entrar na varanda, segundo o que Light disse. E depois você não demorou tanto, foi o tempo que as verduras cozinharam.

True nem acreditava no que ouvia. O tempo em que passou com sua alma deveria ser pelo menos o triplo do que Ducey descrevera. Ele tinha feito sua primeira descoberta sem a ajuda de Light, pelo que demonstrava, o tempo em seu *mundo* passava mais rápido do que o tempo no mundo exterior.

Se está tudo bem, continuarei meus afazeres. — Ducey não era muito fã dos assuntos de meditação, então logo mudava de rumo.

Aproveitando a ausência de Ducey, ele esperou até que a porta fosse fechada completamente e apanhou novamente o pedaço de papel para ver do que se tratava a mensagem escrita por Light.

"Nós temos que continuar o treinamento, eu sei que está cansado, mas não temos tempo a perder. Encontre-me à meia-noite na cobertura do seu dormitório."

No que Light estava pensando? - pensou o garoto aflito. - Não posso sair do dormitório a essa hora! O toque de recolher já vai ter soado há muito tempo. Haverá soldados por todos os cantos, e, além disso, Ducey nunca me deixará sair do quarto, é muito perigoso! Uma coisa sou eu estar alguns minutos atraso, mas isso!

True se jogou na cama pensativo, sem saber como poderia falar com Light. Era inviável ter treinamento àquela hora. Por um tempo pensou que Light havia marcado o horário se baseando na noite em que se conheceram, mas aquele era um caso diferente. Na noite anterior, os soldados ainda saíam de seus respectivos postos dando tempo suficiente para que voltasse ao dormitório vizinho de onde se encontrava. Também se lembrou que mesmo tendo a vantagem da curta distância, os soldados ainda o encontrariam. Se tentasse algo tão ousado debaixo do nariz dos soldados, certamente seria pego. O garoto estava certo que não iria àquele encontro.

Porém, havia um problema: ele não sabia nada sobre Light, onde morava, nem seu telefone, apesar de os telefones serem grampeados e dificilmente permitidos. As pessoas só podiam ligar para o exército para passar informações importantes ou para médicos; fora essas alternativas, qualquer telefonema seria considerado traição e a pessoa seria presa ou executada dependendo da ameaça que o exército considerasse a informação passada ao telefone.

Desse modo, após muito refletir, True não tinha escolha a não ser ir ao encontro de Light na cobertura do dormitório. Ele estava ciente de que era perigoso, pensaria em um plano e tudo

daria certo. Tinha que dar, pois essa era sua única chance de mudar o rumo dos acontecimentos de sua vida.

O dormitório funcionava da seguinte maneira: o térreo e os três primeiros andares eram usados como escola e do quarto até o décimo segundo andar eram dormitórios para os alunos e professores da escola. Na entrada do prédio ficava um soldado que vigiava dia, tarde e noite, mas não era um único soldado, a tarefa era dividida em turnos. O prédio tinha apenas uma entrada e uma saída, com exceção da passagem secreta que True usava. Além do soldado que ficava na entrada e na saída, havia mais dois; um ficava andando pelos andares do térreo ao sexto andar enquanto o outro vigiava do sétimo ao décimo segundo andar. Felizmente, True morava no sétimo andar, então só teria que ter cuidado com apenas um soldado até a cobertura. Seria mais fácil ir pelo elevador, mas era desligado à noite e chamaria muito a atenção, restando, então, a única passagem até a cobertura, a escada de incêndio.

Decidido, o garoto agora só via um problema: Ducey. Depois de tantos serviços domésticos durante o dia, ela certamente ficaria cansada à noite e dormiria. Era nessa questão que estava o problema. Enquanto dormia, a sua audição não descansava, ficava alerta durante toda a noite, um leve estalo a acordaria, consequência do seu trabalho no passado, onde tinha que vigiar a indústria durante o período noturno. Com a pressão de a qualquer momento a indústria ser atacada, e o cansaço depois de passar por outras tarefas cansativas durante o dia, fazia com que ela vivesse uma pressão psicológica imensa. Se dormisse, poderia não escutar a chegada de algum intruso e teria que enfrentar consequências terríveis por não fazer sua tarefa com eficiência.

True ficou pensando por horas sem achar uma solução, até que teve uma idéia que poderia dar certo. Ele pegou o relógio que ficava ao lado de sua cama e o programou para despertar às 23h, durante uma hora, teria certeza que chegaria à cobertura com tempo de sobra.

Quando foi soado o toque de recolher, as luzes foram se apagando, ficando apenas a dos postes nas ruas vizinhas, para que o exército ver se alguém perambulava pelas ruas fora do horário e para que usassem os automóveis com visibilidade.

Já estou com sono, Ducey, vou para cama mais cedo hoje - disse True enquanto simulava um bocejo.

Mas já? Não é de seu costume ir para cama tão cedo.

Amanhã tenho aula e como não fui hoje, acordei muito tarde. Amanhã posso ficar com muito sono e não conseguir levantar.

Se é o que quer. Boa noite, meu filho.

Boa noite, Ducey.

Enquanto a esperava dormir, ficava lembrando passo a passo do seu plano, o que ia fazer e o que poderia acontecer de errado, se tinha esquecido alguma coisa. A hipótese do soldado encontrá-lo fez com que seu corpo tremesse de medo, deixando dúvidas se faria aquilo ou não. Refletindo, lembrou-se que enquanto ele hesitava outras pessoas, os inocentes, sofriam nos presídios, acusados injustamente pelo ditador. Lembrou-se também das pessoas que, assim como ele, não viam seus pais havia anos, e daqueles que foram mortos por apenas não suportarem as tarefas pesadas que eram impostas.

O corpo de True não tremia mais com o medo, mas agora queimava de ansiedade. Ele queria

treinar logo para poder ser forte e suficiente e ajudar a acabar com aquele terror da ditadura. De repetente, o silêncio. A televisão que Ducey assistia foi desligada, quebrando os pensamentos de True, que agora estava alerta aos movimentos que Ducey faria em seguida.

Porcaria de programas - Ducey resmungou.

Quase nenhum dos programas que eram transmitidos antes do ditador e seu exército aparecerem ainda existiam. Todos os programas eram censurados e rigorosamente selecionados pelo próprio Führer e muitos eram sobre sua política, para que ninguém tivesse um meio de comunicação que pudesse dar chance a uma rebelião.

Ducey tirou as sandálias e se deitou na cama que rangia. True conseguia ouvir tudo com clareza e sorria por finalmente poder colocar seu plano em prática. Esperando alguns minutos, aproximadamente dez, já se ouvia a forte respiração de Ducey, que parecia dormir profundamente.

Eram 22h45 quando True foi tomado por um arrepio gelado em seu corpo. *Como eu sou burro!* — pensou batendo a mão contra a testa. Ele tinha programado o relógio para despertar às 23h, mas, ao tocar, iria fazer um barulho enorme que não só acordaria Ducey, como também chamaria a atenção do soldado responsável pelo andar que certamente iria checar o motivo daquele barulho. True rapidamente pegou o despertador e retirou a programação que havia feito, agradecendo por ter se lembrado disso antes que o despertador tocasse. Pelo menos, aquele episódio serviu para deixá-lo mais alerta.

True levantou com sua roupa preparada para o frio que a madrugada oferecia, colou duas meias que serviriam para que diminuíssem o ruído de seus pés ao andar, depois pegou o óleo de cozinha que tinha colocado debaixo de sua cama antes de dormir e usou na porta para que ao abri-la não fizesse tanto barulho com o atrito dos metais. Feliz por abrir a porta sem qualquer som que pudesse acordar Ducey, ele sussurrou para si:

— Volto logo, Ducey.

Ele colocou o ouvido para fora, verificando se o soldado estava naquele andar. Como não ouviu nada, prosseguiu fechando a porta levemente para que não gerasse nem um ruído sequer. True não perdeu tempo e logo andou dando passos largos para que andasse o mais rápido possível, sempre alerta para escutar qualquer movimento que indicasse alguém se aproximando. Ele também pensou nas possibilidades de alguém além dele querer sair à noite. Eram poucas as chances, mas existiam.

Chegando à porta que levava à escada para o oitavo andar, True pegou o óleo de cozinha que levava consigo e jogou no canto da porta para que não fizesse tanto barulho, como fez na porta de seu dormitório. Ao abrir a porta redobrou o cuidado, pois caso fizesse isso de qualquer maneira, poderia criar um enorme estrondo com a ajuda do eco, fazendo os soldados dos andares inferiores irem averiguar o que teria originado o barulho.

Após aberta a porta, passou para a escada e bem devagar fechou a passagem, havendo apenas um pequeno estalo, nada que fizesse os soldados se alarmarem. As pessoas que dormiam já estavam acostumadas com aqueles ruídos, pois os soldados responsáveis por cada andar viviam subindo e descendo, andar por andar, abrindo e fechando aquelas portas.

True já tinha passado por três andares chegando à porta que levava a escada que ligava o décimo ao décimo primeiro andar. Quando ia mover a mão em direção à maçaneta, a mesma se mexeu

indicando que alguém do outro lado vinha ao seu encontro. Paralisado, tentou reagir o mais rápido que pôde. Ao encontrar forças para se mexer, seguiu a passos largos para que chegar rapidamente à porta onde os produtos e acessórios de limpeza ficavam. Ele abriu a mesma e rapidamente entrou com a mão na maçaneta para fechá-la em um só movimento. Ele agradeceu a si mesmo pelo pensamento que foi rápido suficiente para que se escondesse.

O lugar estava escuro e era pequeno. True conseguia ouvir os passos do soldado chegando perto da porta onde tinha entrado. Ele procurou diminuir o ritmo da respiração para que não houvesse nenhum som forte o suficiente que fizesse o soldado perceber sua localização. Os passos pararam e parecia que o soldado estava parado ao lado da porta onde True se escondera, quando ele escutou vozes.

Senhor, poderia me ajudar? - era a voz de uma idosa que parecia estar aflita.

Senhora, não deveria estar dormindo? - A voz do soldado era grave e não demonstrava simpatia, além de não parecer que estava cansado.

Os soldados não eram pessoas comuns, e True sabia bem disso. Eles nunca pareciam com sono e estavam sempre alerta, faziam tudo para o ditador, cumprindo ordens sem questionar. Mesmo sendo o mais absurdo que fosse, sempre as cumpriam sem falhas.

As minhas crianças ficaram com fome durante a noite, então fui preparar algo para elas. Eu fui descuidada e deixei cair o leite quente no chão, mas infelizmente meu esfregão quebrou. O senhor poderia pegar um esfregão nessa cabine aí na frente. Eu já vi as pessoas o utilizarem, tenho certeza que aí tem um.

True arregalou os olhos e o seu coração acelerou, se o soldado abrisse a porta, ele o encontraria e seria o seu fim. Rapidamente, ele se camuflou entre as vassouras e baldes que estavam empilhados, criando uma espécie de esconderijo que tampava todo o seu corpo quando abaixado. Ele também teve a esperteza de deixar o esfregão bem localizado para que o soldado pegasse rapidamente e desse à senhora que esperava pelo objeto.

Vou pegar, mas quero que limpe isso rápido e vá dormir!

Sim, senhor... Eu farei isso.

O soldado abriu a porta e deu uma rápida olhada no local, localizando facilmente o esfregão, agarrou-o e fechou a porta. O garoto souou frio, mas logo se aliviou com o plano que tinha dado certo. Ele esperou durante alguns segundos para que o soldado deixasse o corredor, dando tempo suficiente para que ele chegasse aos andares inferiores.

True abriu a porta cuidadosamente certificando-se de que não tinha nenhum outro morador acordado. Não se ouvia nada, o silêncio tomava conta do recinto. Aliviado, procurou andar o mais rápido que pôde, fazendo o menor barulho possível, até que, enfim, o garoto chegou ao último andar do prédio, no local marcado do encontro.

Boa noite, garoto - cumprimentou Light que o esperava.

Desculpe a demora, tive um problema. Romeo não veio? — indagou ao notar o rebelde desolado. Não. Quanto menor o número de pessoas, menor a chance de ser visto. Quanto à demora, estou satisfeito só de você está aqui - disse Light sorrindo pela coragem e dos objetos que True carregava.

Não era para eu vir? — True estava confuso, imaginou que era uma daquelas vezes que Light dizia coisas esquecendo-se antes de se explicar.

Claro que sim, mas foi um teste, se você não conseguisse chegar nem na cobertura do seu prédio,

difícilmente conseguiria fazer parte da nossa organização, estamos sempre nos arriscando e em perigo.

True se perguntava quando os testes iriam acabar. Porém, estava contente e aliviado por não ter desistido.

Vamos começar, mas não se preocupe com os soldados, eles não nos vêem: criei uma barreira que nos deixa invisíveis, porém se algum soldado entrar no raio da barreira, digamos que não será nada bom.

Eu nem estava preocupado, qualquer coisa você facilmente acabaria com eles - disse confiante.

Acabar? - sorriu. - A alma do anjo não dá sequer uma habilidade ofensiva, apenas habilidades de suporte.

A confiança deixou no mesmo momento o rosto do garoto. O medo havia retornado à sua mente. Sem Romeo eles estavam totalmente vulneráveis, e ele, até o momento, não sabia controlar sua alma. Mas ao lembrar que Light estava o tempo todo o testando, se concentrou para que o medo se dissipasse e pudesse ter concentração no treinamento.

Tudo bem, vamos começar - falou True seguro que tudo daria certo. Light, percebendo a atitude do garoto, deixou um novo sorriso nascer no canto do rosto.

Certo. O que vou ensinar agora é uma das habilidades da alma de anjo. Como você só possui metade dela, não vai poder aprender todas as habilidades. A que eu vou te ensinar se chama *olho da verdade*. Com ela, você poderá, assim como eu, ver as almas das pessoas, sabendo se elas são *caídos* ou *puros* e, conseqüentemente, descobrir sobre suas personalidades.

True parecia empolgado, mas algo tirou sua concentração: um soldado estava no prédio vizinho, vigiando qualquer movimento que chamasse sua atenção.

Bem na hora - disse Light animado. - Esse soldado que está ali será nossa cobaia para que treine.

Eu vou fazer um barulho, fazendo com que ele olhe para sua direção, mas vale lembrar: ele não nos verá. Nesse momento quero que olhe nos olhos dele; na verdade, não nos olhos, mas tente ver o que está mais a fundo.

O que quer dizer?

"Os olhos são os portais da alma", nunca ouviu isso garoto?

Não me imagino nessa situação, mas vou tentar.

Light encarou o garoto fez um gesto perguntando se ele estava pronto. True assentiu e Light jogou uma pedra perto de onde estava o garoto fazendo o soldado olhar diretamente para ele. True suava frio, mas fez o que Light tinha dito, encarou o soldado nos olhos. Quanto mais o garoto o fitava fixamente, uma imagem ia se formando pouco a pouco, porém o soldado desviou o olhar, impedindo que identificasse a imagem que estava a ponto de se formar.

Como foi?

Havia alguma coisa nos olhos dele, mas não consegui ver o que era.

-Tente de novo, mas já aviso, se nós fizermos esse barulho várias vezes, com certeza ele virá para este prédio.

Light sabe como deixar alguém mais nervoso - pensou True.

O rebelde, ao arremessar outra pedra, fez com que o soldado olhasse diretamente para o garoto mais uma vez. True, dessa vez, se concentrou melhor e viu que ia se formando algo de corpo fino. *Uma cauda* - pensou ele, e logo viu que tinha mais.

Está indo bem, agora, tente sentir o que o olhar dele transmite.

A medida que True fitava o soldado, a imagem ia se formando, e obedecendo a Light, tentou imaginar o que aquele olhar passava. A imagem seguia o olho de True e ao final, formou-se uma cobra. Espantado, olhou para Light esperando uma explicação.

Cobra - Light começou, falando baixo e se aproximando de True para não chamar muito a atenção do soldado - isso significa que ele pode ser uma pessoa gananciosa ou mentirosa ou um tipo de pessoa que gosta de causar intrigas.

Incrível — os olhos de True brilhavam de empolgação agora que podia ver as almas assim como Light -, foi exatamente o que senti.

Você vai ficar melhor nisso, levou muito tempo agora, por ser a primeira vez, com a prática poderá ver as almas com um simples olhar. Quero que treine isso enquanto estiver na aula e depois me conte que tipo de almas encontrou.

Vou fazer isso. - True não tinha mesmo nenhum interesse pelo que era ensinado naquela falsa escola que foi feita com o objetivo de lecionar os ideais do ditador.

Light disse que encontraria True no outro dia e queria ouvir sobre os resultados, depois ordenou que voltasse para o dormitório antes que Ducey,

por algum motivo, percebesse sua falta. Light escoltou o garoto até o dormitório e disse que daria um jeito sem ser visto. True, cansado após chegar ao dormitório, se jogou na cama e logo pegou no sono. Teria um grande dia quando o sol nascesse.

Capítulo 5

Tenente-coronel Esmeralda

Eram 7h30 da manhã quando True se levantou da cama para fazer o desjejum e arrumar-se para a escola que tanto odiava, já que a filosofia ensinada não acordava com o que achava correto. A mesa não estava farta, mas tinha coisas saborosas e nutritivas para começar o dia. Ainda com sono, resolveu tomar um banho para despertar e tirar o suor do corpo devido ao treinamento da noite passada. Enquanto a água caía sobre seu cabelo, ele olhava para baixo pensativo na nova habilidade que aprendeu, recordando-se do pedido que Light fizera para que treinasse na escola. O garoto agora estava animado, pelo menos algo tiraria o tédio das manhãs e tardes cansativas que teria que passar. Após terminar o banho, vestiu-se com a farda que todos os estudantes eram obrigados a usar, identificando caso um estudante estivesse andando nas ruas nos horários em que deveria estar na escola.

Já estou indo, Ducky. Hoje não vou para o terraço, almoçarei com a senhora - despediu-se True. Vá meu filho, vou te esperar para almoçarmos juntos.

Enquanto esperava pelo elevador, True pensava que horas Light apareceria para o treinamento. Ele teria que ficar na escola pela manhã e a tarde, e quando chegasse à noite, já estaria cansado para qualquer treinamento. Apesar de já estar treinando há algum tempo, nada se comparava ao treinamento das almas. Ele não sabia se agüentaria mais uma noite de surpresas.

O elevador tinha chegado e então apertou o botão para o terceiro andar, onde ficavam as salas do Ensino Médio. O elevador estava lotado de estudantes que também desciam para os seus respectivos andares. Alguns preferiam ir pelas escadas a esperar pelo elevador, além deste demorar, poderia vir lotado. Atingindo o terceiro andar, ele saiu junto de mais três alunos que também eram do Ensino Médio, mas não tinha ninguém que conhecesse.

Era na sala trezentos e três onde True estudava, ela tinha um total de quarenta alunos e os lugares eram mapeados de acordo com o nome em ordem alfabética. Assim, no caso de alguém ter faltado, a cadeira ficava vazia, facilitando para que os soldados descobrissem quem estava ausente e irem até o respectivo dormitório.

A aula começava exatamente às 8h, todos os alunos teriam que chegar antes do professor entrar na sala, pois caso chegassem atrasados, teriam que passar o dia fazendo exercícios cansativos e repetitivos. No caso de doenças ou algum outro problema, até às 9h deveria ser entregue uma carta explicando o motivo da ausência. Mesmo com a carta, seria mandado um representante ao dormitório para certificar se o aluno, realmente, passava por algum problema que o impedisse de comparecer a aula. No dia anterior, True não tinha ido à aula, então Ducky entregou a carta para o professor responsável explicando sobre o ocorrido, omitindo a parte em que ele foi achado nas ruas após o toque de recolher. O médico o examinara, confirmando seu estado, deixando-o isento das atividades do dia. True se sentava na última fileira e última carteira, por seu nome ser o último da chamada.

Todos estavam conversando entre si. Ele, no entanto, entrou e apenas se sentou sem cumprimentar ninguém. O garoto preferia observar pela janela um novo dia começar, o qual não podia aproveitar como queria.

Oi, True, por que não veio ontem?

O garoto levou um pequeno susto... estava concentrado no que via que mal conseguiu ouvir o colega chegar até ele.

Eu estava fraco, não tinha me alimentado devidamente no dia anterior. - True sempre utilizava palavras formais, pois não considerava as pessoas que tinha ao seu redor seus amigos, apenas colegas com quem era obrigado a passar a manhã.

Entendo. Você está melhor hoje? - perguntou o colega, insistindo.

Sim.

Após responder, voltou a encarar a vazia cidade e o vazio céu de todos os dias.

O garoto que tinha falado com True, percebendo que ele o evitava, logo se afastou. Ele não era um aluno qualquer da sala, era o representante e tinha sempre que se comunicar com todos, saber dos problemas e informá-los aos superiores caso houvesse necessidade. Além desse garoto tinha mais um representante, uma garota, que no dia anterior advertiu True sobre o horário, o seu dever era saber dos problemas e reclamações das meninas, mas também auxiliava o outro representante caso este precisasse de ajuda.

O motivo de True não se comunicar não era por não gostar das pessoas, mas por não ter interesse nelas, as pessoas o cumprimentavam, e ele apenas respondia do mesmo modo. Os outros alunos não tinham medo dele ou o achavam estranho, apenas imaginavam que ele seria uma pessoa reservada, o que era muito comum naqueles tempos.

O professor entrou pela porta e todos os alunos se levantaram ao sinal dos representantes batendo continência, prática que todos deveriam executar assim que algum superior dividisse o mesmo local.

Bom dia, vai começar a aula de filosofia da ditadura - proclamou o professor que deveria ter cerca de quarenta anos e antes de começar a aula, ele observava se não estava faltando alguém para dar queixa aos soldados. — Bom, parece que não está faltando ninguém, quero que abram seus cadernos e criem o que vão ouvir.

O professor pegou o pequeno aparelho de som e nele seriam transmitidas as palavras do próprio ditador, orientando os jovens para os caminhos que iriam trilhar após a maior idade.

True odiava aquelas palavras, já tinha as ouvido várias e várias vezes e sabia que se Light não tivesse aparecido, teria que passar por aquilo. Entediado, aproveitou para treinar o seu *olho da verdade*, logo procurou um alvo e então se deparou com um colega que True sempre achava que seguia os outros, nunca tinha visto o garoto agir sozinho, sempre nas sombras colado a alguém, sem nunca dizer o que pensava. Ele achou que seria interessante saber que tipo de forma a alma de seu colega teria. Na posição em que True estava, conseguia ver não o olho inteiro, mas boa parte dele, o suficiente para que usasse sua habilidade. Ele o encarou e em menos de cinco segundos uma ovelha se formou, projetada acima da cabeça do colega. *Ovelha* - ele pensou e logo riu de si mesmo, satisfeito que sua opinião estava certa sobre o colega. Procurando outro alvo, tentou o colega do outro extremo da sala. Esse já era uma pessoa que sempre se concentrava nos estudos, conversava com os outros alunos, mas não era muito popular. True não pensou duas vezes e logo usou seu *olho*, porém nada se formou, ele então se perguntou se algo teria acontecido de errado, mas como tinha conseguido ver o do outro colega, concluiu que não era erro dele, e sim que aquele era como o pássaro que ficava pousado na terra, como Light havia explicado sobre a alma que não tinha forma. Agora, True estava desanimado, a maioria de seus colegas era como aquele garoto do outro lado da sala. Foi então que seu pensamento foi

cortado por uma instrução do professor.

Quero que façam um círculo para que possamos debater sobre as palavras ouvidas agora a pouco.

Todos arrumaram suas carteiras fazendo um círculo. True reparou que aquela seria uma ótima chance para usar sua habilidade, tinha várias pessoas de frente para ele, então começou a procurar um alvo. Ele olhou rosto por rosto esperando que alguém chamasse sua atenção enquanto o professor começava o debate.

Para dar início ao nosso debate, ninguém melhor para começar do que a senhorita Esmeralda, que acabara de chegar de seus deveres.

Esmeralda? — True logo a encarou, atônito. — *Ela está de volta!*

Esmeralda não era uma aluna qualquer, ela era a única que tinha 18 anos e ainda estava cursando o Ensino Médio, mas não era por algum motivo de repetência ou algo parecido; afinal, mesmo que os jovens não terminassem o Ensino Médio antes dos 18, eram obrigados a largar os estudos e servir o exército imediatamente. No caso dela, já servia o exército e era de uma patente alta, era a Tenente-coronel Esmeralda. Todos tinham que ter muito respeito com ela, caso contrário, teriam que acertar as contas com o próprio general. Até os soldados e professores a temiam. Apesar de ser uma garota muito respeitada, tinha um corpo perfeito: cabelos pretos, olhos verde-claros, seios generosos, cintura fina, quadris largos, pele bronzeada e cerca de 1,65m de altura. Os homens diziam que ela se parecia com uma deusa. Os olhos de True, assim como os dos outros garotos da turma, começaram a olhar cada curva do corpo de Esmeralda, foi nesse momento que True reparou nos lindos olhos verdes que a garota possuía; o que justificava seu nome, Esmeralda. A coloração de seu verde era única.

Inconscientemente, True ficou encarando os olhos verdes por algum tempo e logo recuperou a consciência, abalado. Seu corpo tremia com o que via, ele, ao admirar os olhos da jovem, acabou vendo também sua alma, e o formato que avistou não era algo que ele esperava ver. A alma tomou a forma de uma mulher-demônio.

Ela é uma caída? - pensou True estarecido. - Não pode ser. Não ela!

Por mais que Light havia lhe avisado sobre as almas *corrompidas* daqueles que faziam parte do exército do ditador, True imaginava que Esmeralda era uma exceção à regra. Pois em seu íntimo, ele guardava uma paixão pela jovem.

"Ainda lembro perfeitamente do dia em que fui transferido da capital do país para a cidade do Rio de Janeiro. Segui a viagem de ônibus junto a muitas outras crianças na época. Fomos escoltados durante toda a viagem para que ninguém tentasse fugir. Tínhamos acabado de nos separar dos nossos pais e familiares. Muitas crianças choraram no começo, mas foram repreendidas pela violência dos frios soldados. Eu, como qualquer outra criança, sentia saudade dos meus pais e queria estar ao lado deles ao invés de estar naquela prisão sobre rodas a qual chamavam de 'veículo de transferência', mas não queria demonstrar minha fraqueza, não para aqueles soldados que se divertiam a cada lágrima que caísse.

Quando chegamos à cidade e fomos levados a nossos respectivos dormitórios, conheci Duce e a princípio pensei que não nos daríamos bem, mas o cotidiano mostrou que respeitávamos um ao outro; afinal, nós dois éramos vítimas da ditadura. E foi naquele lugar onde passei meus últimos cinco anos.

Tinha se passado pouco mais de um ano desde que o dormitório se tornou meu novo lar, ou melhor, prisão domiciliar, quando conheci Esmeralda. Na verdade, não nos conhecemos exatamente, ela foi apresentada a todos do dormitório, apartamento por apartamento, para ficar claro que ela era um Tenente-coronel e todos deveriam ter o devido respeito, lembrando, é claro, das conseqüências caso a desacatassem. Quando a vi pela primeira vez, me senti estranho, como se não fosse digno de fitá-la em meio a tanta beleza, mas logo esse sentimento passou.

Foi em uma aula extracurricular quando de fato me interessei por ela. Até então, apenas a via como os outros garotos, deslumbrados com a beleza, o que depois de um tempo decidi ignorar, já que nunca teria os requisitos para me aproximar dela. Mas em um breve instante, superando dias e dias de convivência em uma mesma sala de aula, notei algo em Esmeralda que ninguém havia percebido, e se tivesse, não dera o mesmo valor que dou até hoje. Na excursão até a Ilha das Cobras, onde Esmeralda morava junto ao general em uma imensa mansão, ela estava sendo assediada - como todo dia — pelos soldados de grande mérito que lhe davam presentes e mais presentes, um mais caro que o outro. A multidão que a cercava brigava entre si na disputa pelo reconhecimento da bela jovem, e enquanto eles estavam distraídos, um tentando ser mais esnobe que o outro, notei algo no olhar de Esmeralda, algo que não imaginava surgir naqueles lindos olhos verdes. Contradizendo os sorrisos e as palavras de satisfação, seus olhos transmitiam tristeza. Eram vagos como se perdessem sua identidade, assim como... os meus.

Eu já fui uma pessoa otimista e vivia sempre sorrindo, motivando e animando a todos que me cercavam, mas isso foi antes, daquele pesadelo começar. O mesmo certamente tinha acontecido a inúmeras pessoas, mas não podia imaginar ocorrer com Esmeralda. Ela tinha tudo: respeito e admiração de todos, inúmeros pretendentes aos seus pés, a mansão mais desejada para se morar, dinheiro que nunca faltava, tudo! Muitas mulheres dariam a própria alma para estar em seu lugar, mas então, por que aquele olhar? E eu só tinha uma resposta: porque nada daquilo importava a ela. É por isso que hoje não posso acreditar naquela forma que a alma dela havia tomado."

O resto da manhã foi um terror, True não conseguia concentrar-se em nada, só pensava no que tinha descoberto.

Tenho que contar isso para Light — dava a ordem a si mesmo, dando coragem para entregar a colega.

Finalmente chegou a hora do almoço e True seguiu a passos largos rumo ao seu dormitório. Chegando ao andar, empurrou todos que estavam à sua frente. A porta já estava aberta. Ducey o esperava para o almoço, quando entrou e se deparou com Light o aguardando.

Light? - indagou o garoto surpreso, mas aliviado.

Boa tarde, garoto, tenho boas notícias.

E eu, infelizmente, não posso dizer o mesmo.

Light pareceu confuso, ficou pensando no que poderia ser, enquanto pensava, Ducey se envolveu.

True, coma logo, não se esqueça de que terá aula daqui a uma hora.

Ele não irá para o turno vespertino - disse Light interrompendo a senhora.

Não irei? - True franziu o cenho.

Ducey, quero que você entregue esta carta ao professor responsável. Diga a ele que True foi fazer exames para certificar-se que o que ele teve na noite retrasada não foi nada grave.

Ducey, perdida, sem saber o que fazer, apenas olhou para True e perguntou:

Posso confiar nesse homem?

Sim, ele é de extrema confiança.

Se você confia, darei um voto de confiança a ele também, mas quero que volte antes do toque de recolher.

Não será necessário. Nós ficaremos aqui, só precisamos conversar - disse Light explicando.

Ótimo, assim fico mais tranqüila.

True, morrendo de fome, convidou Light para comer, durante a refeição contaria o que descobriu.

Ducy pegou a carta e foi levar para o professor responsável pela sala trezentos e três, aproveitando a ausência dela, True começou a conversa:

Lembra de que me mandou treinar meu *olho*?

Light não disse nada apenas assentiu com a cabeça, ele parecia estar prestando bastante atenção e preocupado.

No começo, não achei muita coisa interessante, a maioria das almas da minha turma não tinham forma. Porém, ela chegou.

No começo... Ela...? Aonde quer chegar?

Uma garota chamada Esmeralda, ela é uma *caída*.

Light deu um suspiro despreocupado.

Garoto, é natural que ache pessoas *caídas*, muitos jovens carregam sentimentos ruins no coração, principalmente, nesses tempos difíceis. Mas não se preocupe, eles amadurecem com...

True, ficando de pé, tentou mostrar que a situação era um pouco mais problemática.

Eu vi a forma da alma dela, era a de um demônio! Ela é a Tenente-coronel do general da América do Sul! Demônio não é o nível mais *corrompido*?

Light desta vez ficou mais preocupado percebendo a seriedade da descoberta. Ele não esperava que o general tivesse um Tenente-coronel e principalmente não uma tão perto.

Ducy estava na sala dos professores, que ficava no térreo no prédio, e falou com o soldado que desejava entregar uma carta ao professor responsável pela sala trezentos e três. O soldado então a guiou até o local onde estava o professor. Chegando lá, Ducy viu que o professor estava acompanhado de uma bela moça, logo reconheceu que era Esmeralda.

Boa tarde, Tenente-coronel - cumprimentou Ducy em sinal de respeito.

Esmeralda não a cumprimentou, mas encarou o professor e os dois soltaram uma gargalhada. A garota estava sentada no colo do professor em uma postura inapropriada. Ducy, confusa, não sabia qual era o motivo da graça, mas logo Esmeralda começou a explicar:

Tenho certeza de que você deve estar se perguntando por que estamos rindo. — Antes que Ducy pudesse responder, ela continuou. — Eu fiz uma aposta com o professor de que a criança que você toma conta, True o nome dele, não é?

Sim, senhorita.

Está traindo nosso Führer e para isso está fugindo de suas responsabilidades para planejar tomar a posse do governo. Não estou certa, Ducy?

-True nunca faria isso, nunca! - Ducy defendeu o garoto não entendo o fundamento da acusação. Deixe-me continuar... Como eu ia dizendo, o professor apostou que ele não iria trair o governo, que ele era muito medroso e fraco para tal tarefa, mas eu apostei que ele iria. Ele mandaria uma

carta dizendo que estava passando por algum problema, para que à tarde tivesse tempo para armar seu plano. E não é isso que você veio fazer aqui?

Ducy estava congelada, ela de alguma maneira, sabia que True se ausentaria à tarde, mas o motivo nem Ducy sabia.

Soldados! - Esmeralda os chamou e logo seus soldados de defesa pessoal bateram continência esperando as ordens.

Quero que entrem no dormitório de Ducy e executem o garoto e quem estiver com ele. - Enquanto dava suas ordens, ela pegou a carta e deu para o professor, sussurrando no ouvido dele que tinha ganhado a aposta. - E levem essa velha daqui direto para a penitenciária mais próxima, acusada de ser cúmplice de traição.

Na ditadura, as pessoas não tinham direito nem a uma audiência, nem advogado e muito menos a um telefonema. As palavras dos tenentes eram lei.

Não! Por favor, ele é apenas um garoto!

Mesmo sendo julgada inocentemente como cúmplice, Ducy continuava a proteger True das acusações. O garoto era, para ela, como um neto.

Temos que sair daqui imediatamente! - exclamou Light enquanto andava pensativo.

Por quê? E a Ducy?

True, a alma daquele demônio é muito sensível aos sentimentos, a habilidade se assemelha a do anjo, a diferença é que nós sentimos a personalidade dela e ela sente as nossas intenções. Isso significa que ela sabe que suas intenções são acabar com a ditadura.

Não pode ser, e a Ducy?

Já deve estar presa nesse momento, temos que sair daqui agora!

True não queria aceitar o que estava acontecendo. Ducy tinha sido presa por sua culpa. Light abriu a janela e olhou para baixo analisando o local.

Podemos fugir, tem um toldo logo abaixo de nós, ele amortece a queda.

Está falando sério?

Quer morrer ou salvar Ducy?

True se concentrou e juntou coragem para fugir, ele estava determinado que salvaria algum dia a pessoa que cuidou dele por todo esse tempo desde que seus pais partiram.

Ele olhou pela janela e viu que o toldo era comprido, não seria difícil acertá-lo. Quando então se ouviu a porta sendo arrancada da parede, antes que True pudesse olhar para os soldados, eles começaram a atirar na direção dos dois. Light, pensando rápido, criou um escudo dourado impedindo que se ferissem.

Rápido, True! Antes que cerquem as ruas!

Sem pensar duas vezes, o garoto se jogou na direção do toldo, que com sucesso amorteceu a queda, e depois pulou mais uma vez para chegar ao chão. As pessoas que passavam nas ruas se assustaram ao ver o momento incomum, mas não ficaram para ver o final, apenas se distanciaram temendo que fossem influenciadas no episódio.

Light agora estava em uma situação difícil, teria que se defender dos três soldados que atiravam sem descanso. Foi então que teve uma idéia, pronunciando algumas palavras que pareciam uma prece, Light criou uma enorme quantidade de luz que cegou os soldados por alguns segundos, dando tempo para que ele saltasse da janela e chegasse ao toldo. Assim que chegou ao chão,

puxou o garoto pela manga, fazendo-o correr.

Vamos! Teremos que andar um pouco.

True e Light cumpriram os últimos metros do percurso de dois quilômetros que percorreram até o local onde o rebelde pensava em se abrigar. Durante a caminhada, True aproveitou para ver a alma de Light. Era de um anjo, assim como ele dissera, igual ao rebelde, as únicas diferenças eram as asas e os cabelos longos que levava o garoto a se perguntar o motivo. Naquela manhã, True também aproveitou para ver se a alma de Ducky teria alguma forma, mas como imaginava, a senhora não era crente nas questões espirituais, o que justificou a ausência de um formato.

Quando enfim haviam cumprido toda a trajetória, eles chegaram a uma casa abandonada que ficava fora da cidade. O local estava em péssimas condições, o que fez True perguntar-se se ali seria o esconderijo de alguém que desafiava o exército. Ao entrarem no casebre, Light arrastou uma mesa e debaixo dela tinha um tapete, que ele logo o retirou. Finalmente, viu um pequeno alçapão, que, quando aberto, fez com que True se surpreendesse com uma escada que levava para algum lugar no subsolo. Interrompendo o olhar de curiosidade do garoto, Light pediu para que o seguisse.

No subsolo foi construído um projeto de dormitório, assim como era o pequeno apartamento onde True morava. Descendo a escada chegasse a uma pequena sala, tinha um sofá e um colchão ao centro.

Light? Já está de volta? - Aquela voz era conhecida, logo True a reconheceu.

Romeo!

O que o garoto faz aqui? - Romeo perguntou parecendo surpreso.

Temos péssimas notícias.

Light contou toda história para o amigo, fazendo com que ele também concordasse com sua atitude. Os três estavam pensando no que fariam agora. Foi então que True se lembrou:

Light, quando me viu na hora do almoço disse que tinha boas notícias, o que era?

Estava pensando em você passar a tarde treinando comigo, mas agora não se trata de um simples treinamento de falhas ou sucessos. Você terá que aprender tudo o mais rápido que puder. Inclusive começaremos nesse momento.

Mas antes queria saber mais sobre a alma da Esmeralda.

nalidade dela e ela sente as nossas intenções. Isso significa que ela sabe que suas intenções são acabar com a ditadura.

Não pode ser, e a Ducky?

Já deve estar presa nesse momento, temos que sair daqui agora!

True não queria aceitar o que estava acontecendo. Ducky tinha sido presa por sua culpa. Light abriu a janela e olhou para baixo analisando o local.

Podemos fugir, tem um toldo logo abaixo de nós, ele amortecerá a queda.

Está falando sério?

Quer morrer ou salvar Ducky?

True se concentrou e juntou coragem para fugir, ele estava determinado que salvaria algum dia a pessoa que cuidou dele por todo esse tempo desde que seus pais partiram.

Ele olhou pela janela e viu que o toldo era comprido, não seria difícil acertá-lo. Quando então se ouviu a porta sendo arrancada da parede, antes que True pudesse olhar para os soldados, eles começaram a atirar na direção dos dois. Light, pensando rápido, criou um escudo dourado

impedindo que se ferissem.

Rápido, True! Antes que cerquem as ruas!

Sem pensar duas vezes, o garoto se jogou na direção do toldo, que com sucesso amorteceu a queda, e depois pulou mais uma vez para chegar ao chão. As pessoas que passavam nas ruas se assustaram ao ver o momento incomum, mas não ficaram para ver o final, apenas se distanciaram temendo que fossem influenciadas no episódio.

Light agora estava em uma situação difícil, teria que se defender dos três soldados que atiravam sem descanso. Foi então que teve uma idéia, pronunciando algumas palavras que pareciam uma prece, Light criou uma enorme quantidade de luz que cegou os soldados por alguns segundos, dando tempo para que ele saltasse da janela e chegasse ao toldo. Assim que chegou ao chão, puxou o garoto pela manga, fazendo-o correr.

Vamos! Teremos que andar um pouco.

True e Light cumpriam os últimos metros do percurso de dois quilômetros que percorreram até o local onde o rebelde pensava em se abrigar. Durante a caminhada, True aproveitou para ver a alma de Light. Era de um anjo, assim como ele dissera, igual ao rebelde, as únicas diferenças eram as asas e os cabelos longos que levava o garoto a se perguntar o motivo. Naquela manhã, True também aproveitou para ver se a alma de Ducky teria alguma forma, mas como imaginava, a senhora não era crente nas questões espirituais, o que justificou a ausência de um formato.

Quando enfim haviam cumprido toda a trajetória, eles chegaram a uma casa abandonada que ficava fora da cidade. O local estava em péssimas condições, o que fez True perguntar-se se ali seria o esconderijo de alguém que desafiava o exército. Ao entrarem no casebre, Light arrastou uma mesa e debaixo dela tinha um tapete, que ele logo o retirou. Finalmente, viu um pequeno alçapão, que, quando aberto, fez com que True se surpreendesse com uma escada que levava para algum lugar no subsolo. Interrompendo o olhar de curiosidade do garoto, Light pediu para que o seguisse.

No subsolo foi construído um projeto de dormitório, assim como era o pequeno apartamento onde True morava. Descendo a escada chegava-se a uma pequena sala, tinha um sofá e um colchão ao centro.

Light? Já está de volta? - Aquela voz era conhecida, logo True a reconheceu.

Romeo!

O que o garoto faz aqui? - Romeo perguntou parecendo surpreso.

Temos péssimas notícias.

Light contou toda história para o amigo, fazendo com que ele também concordasse com sua atitude. Os três estavam pensando no que fariam agora. Foi então que True se lembrou:

Light, quando me viu na hora do almoço disse que tinha boas notícias, o que era?

Estava pensando em você passar a tarde treinando comigo, mas agora não se trata de um simples treinamento de falhas ou sucessos. Você terá que aprender tudo o mais rápido que puder.

Inclusive começaremos nesse momento.

Mas antes queria saber mais sobre a alma da Esmeralda.

Light não queria falar sobre aquilo tão cedo, mas não tinha escolha.

A alma dela é a de Súcubo. Uma mulher-demônio.

As habilidades são muito poderosas? - True queria saber com o que estava lidando.

Não sei se "poderosa" seria a palavra certa. Esse tipo de alma usa a sedução como arma, o maior

problema é que essas almas não surgem tão facilmente, o modo como ela *caiu* é difícil de reverter. As portadoras dessas almas passaram por muitas coisas cruéis. Ainda assim, tem um jeito de salvá-la.

Como? - True se animou.

Essa habilidade é o que difere qualquer alma do anjo, essa habilidade é única e muito poderosa, ela pode fazer um *caído* se tornar um *puro* novamente. Mas, primeiro, a pessoa portadora de tal poder tem que saber usar o *olho da verdade*, e isso você já sabe, faltando apenas mais um passo, sincronizar a sua alma!

Capítulo 6

O reerguer de um caído

O sol não tinha começado a se pôr quando Light iniciou o treinamento com True para que pudesse sincronizar sua alma ao corpo. Light fez com que o garoto se lembrasse de quando Romeo derrotou os soldados na primeira vez em que se viram. Naquele momento, Romeo tinha mudado o seu aspecto físico, fazendo com que sua mão se transformasse em uma garra, era nesse ponto que Light queria chegar. Ele começou a explicar que para ativá-la, teria que achar um ponto de encontro entre sua alma e seu corpo, em outras palavras, eles teriam que pensar em algo que ambos queriam, fazendo com que corpo e espírito ficassem em perfeita sintonia. True não sabia como começar, mas teria que dar um jeito. Duce estava esperando por ele, assim como todo o mundo esperava, para acabar com aquela era de trevas.

- Sei que prometi ser a primeira e última vez, mas... Quero que você medite de novo, os resultados foram ótimos da primeira vez e tenho certeza que também dará certo agora. Vá e converse com sua alma, ache um desejo mútuo, uma motivação. Assim poderá entrar em sincronismo.

Sem questionar, True assentiu para Light e foi para o sofá, que parecia mais confortável do que o colchão. Ele já sabia como fazer a meditação, então sem demora, em pouco menos que dois minutos, voltou ao seu *mundo*.

Desta vez, ao reabrir os olhos, não estava em um lugar escuro. Ele se mantinha em um pilar enorme, tão alto, que mal conseguia ver o chão. Olhou para frente e encontrou Taiji em um pilar de pedra igual ao que se encontrava.

O que aconteceu aqui?

Durante esses dias nós passamos por mudanças, já começamos a criar nosso *mundo*, agora temos luz, e a água está muito abaixo.

Isso é bom. Sinal que não é preciso se preocupar com nossa *corrupção* por enquanto, mas vim aqui por um motivo importante, temos que criar um ponto de encontro entre nós para que possamos ficar em sincronismo.

Concordo, mas, para isso, precisamos pensar ambos da mesma forma, satisfazer tanto o corpo como o espírito.

Eu quero salvar Esmeralda. - True começou propondo e quando o fez, metade da ponte se formou na fenda que separava o garoto do ser celeste.

O nosso corpo a quer, nossas necessidades como homem, mas nossa alma não tem interesses em um corpo vazio.

A ponte se quebrou caindo no oceano logo abaixo de onde estavam. True estava certo de que não era apenas a aparência encantadora de Esmeralda que lhe chamava a atenção, mas talvez esse outro sentimento não fosse forte o suficiente para uni-los.

Eu quero salvar Duce. - Taiji propôs e metade da ponte se formou do seu lado.

Nossa alma pede por isso, mas nosso corpo não tem vontade - disse True, entendendo melhor como funcionava aquele tratado.

E a ponte caiu novamente.

True não sabia o que propor, ele teria que satisfazer seu corpo e sua alma, uma tarefa que

parecia tão simples era tão complicada. Ele pensou um pouco e percebeu que para ambos terem o que queriam, teriam que obter poder para salvá-las, não deixando de ser uma opção, ele logo propôs à alma:

Ambos queremos "poder" para salvar aquelas que amamos, não concorda?

Concordo - assentiu Taiji.

Ao entrarem em conformidade, a ponte inteira se formou, porém ela não parecia segura e mal agüentaria uma pessoa.

Com um sinal de concordância, decidiram refazer a ponte, agora mais resistente. Enquanto a ponte se desfazia por inteira, True pensou como aquilo tudo fazia sentido. O "poder" poderia fazer com que eles *caíssem* facilmente, assim como no mundo exterior, onde pessoas traem umas as outras para obter mais e mais "poder".

O garoto não sabia mais o que tentar, já tinha pensado em tudo ou talvez estivesse pensando apenas nos outros.

Taiji, o que realmente queremos? Até agora só falamos sobre salvar alguém, salvar o mundo da ditadura... Não acha que deveríamos primeiro nos salvar? — Ele não sabia se era egoísmo de sua parte, mas sabia que sem antes achar uma solução para seu problema, não poderia achar para os outros.

Tem toda razão - respondeu Taiji pensando no assunto. - Como podemos salvar os outros se estamos presos. Quero muito seguir os passos de Light, acredito que ele tenha muito a nos ensinar.

E eu quero fugir do mundo exterior, onde sempre faço as mesmas coisas todos os dias sem um sentido. Eu poderia acabar como os outros da nossa sala, vazio, sem personalidade.

O que realmente queremos é... — Taiji começou.

Nos sentirmos vivos! - True completou.

No mesmo instante em que eles chegaram a uma decisão, uma nova ponte se formou unindo os pilares ao longo da fenda. Esta agora era forte e poderia agüentar bem mais de uma pessoa. Ambos deram passos em direção ao outro e quando se encontraram no centro, deram um aperto de mão.

Estamos prontos - disse True seguro.

Agora vamos recuperar aquilo que perdemos há muito tempo...

Quando o garoto acordou, reparou a mudança de seus braços: o esquerdo estava revestido por uma nova camada, negra, com uma aura sombria e fria a envolvendo. As grandes unhas pretas, pontudas e afiadas, o lembravam de seu lado demônio. Quando viu seu braço direito, não pareceu muito contente, era como se o mesmo estivesse pegando fogo, a pele estava muito vermelha e dava para ver um vapor saindo dela. Além disso, uma luva sem dedos, que se estendia até pouco antes do cotovelo, se materializou, era branca, feita por um material que nunca vira antes. Light avaliava a forma com que a alma se adaptara ao corpo.

Light, eu consegui? - True não sabia ao certo se tinha feito tudo correto.

Sim, meus parabéns! Poucos têm uma alma tão conectada ao corpo. Até hoje só vi você e Romeo fazerem uma sincronia tão perfeita — Light respondeu animado.

True encarou novamente seu braço direito, apesar de não sentir dor alguma, seu braço parecia ter sofrido uma queimadura de segundo grau. Poderia esperar uma aparência bizarra da metade demônio, mas não do anjo. Romeo, percebendo a preocupação do garoto, o acalmou:

-Tudo bem garoto, é só a forma que sua alma se adaptou, também me espantei com a minha na primeira vez.

Como já era noite, Romeo sabia que True estaria com fome e decidiu ir até a cidade conseguir comida.

Volto em poucos minutos - disse Romeo se despedindo.

Seja rápido, em menos de quinze minutos vai tocar a sirene - alertou Light.

Quinze minutos? São aproximadamente dois quilômetros da cidade até aqui! - True se envolveu, imaginado que era impossível entrar e sair da cidade a tempo.

Não se esqueça de que tenho a alma do lobo, posso ir mais rápido que vocês.

Entendendo de onde tinha vindo a confiança, True decidiu dar de ombros.

Não demorou muito, cerca de dez minutos depois Romeo já estava de volta com comida para os três. True realmente admirou a velocidade daquele homem. Ele correu quatro quilômetros em dez minutos contando toda a viagem, mas logo Romeo o corrigiu:

Menos de dez minutos, levei um tempo para subornar o dono do restaurante para que me desse comida, já que o único restaurante que achei era para estudantes.

Light esperou que todos acabassem para que pudessem sair, True não podia perder tempo com seu treinamento. E para a próxima parte do treino, era necessária a participação de Romeo, pois o treinamento envolveria um soldado, o que fez o garoto engolir em seco. Todos subiram as escadas e do lado de fora encontrava-se um soldado amarrado a uma pilastra de madeira atrás da casa que estavam usando como esconderijo.

Por que foi preciso que o amarassem? - indagou True querendo saber o que seu tutor pretendia.

Chegou a hora de você aprender aquela habilidade de que te falei. A que eu particularmente batizei de *Solstice* ou Solstício, como preferir, como uma forma de simbolizar o início da vitória da luz sobre a escuridão, que é exatamente o que essa técnica faz — explicou. — Você já aprendeu a usar o *olho da verdade* e a sincronizar sua alma, então creio que conseguirá usá-la. O objetivo dela é fazer um *caído* voltar a ser um *puro*, porém você deve julgar se ele é merecedor de uma segunda chance ou se ele deve ser julgado no outro mundo, em outras palavras, se ele continuará vivo ou merece a morte.

Isso pareceu muita responsabilidade para ele, não sabia se seria digno para julgar alguém.

Não se preocupe, quero que antes de tomar sua decisão, quero que fale ela para mim, ou melhor, me fale tudo o que ver dentro do *mundo* dele.

Eu vou entrar no *mundo* dele? - True espantou-se ainda mais.

Sim, mas tome cuidado para não ser afetado pela *corrupção* ou então o equilíbrio de sua alma poderá ser afetado.

True engoliu em seco e ficou pensativo por um minuto, mas se decidiu: teria que fazer isso. Estava certo de que Light o ajudaria caso as coisas saíssem do controle. Antes de avançar, reconheceu a forma da alma do sujeito, que era de um guaxinim, uma forma até agradável para o que esperava, mas a expressão hostil do animal espiritual o fez logo mudar de idéia.

Primeiro, ative sua alma ou sincronize ela ao seu corpo, a expressão que preferir; depois, ponha a mão respectiva a do anjo na testa do soldado e então é o mesmo princípio da meditação. Concentre-se na mente do soldado e esqueça tudo à sua volta.

O garoto assentiu e obedeceu. Assim, ativou sua alma e com a mão direita chegou perto do soldado e a colocou sobre a superfície da testa.

Tire sua mão de mim, garoto! Sou um soldado e se não tirar essa sua mão imunda agora... True recuou um passo amedrontado, enquanto Romeo criou sua garra e ameaçou o soldado: Fique quieto! Você não está em posição de fazer afrontas!

O garoto, ainda hesitante, decidiu confiar, tentar mais uma vez, devido à presença de Romeo, se sentiu mais confiante. Ele colocou a mão novamente na testa do soldado e começou a se concentrar, ele já não podia ouvir os insultos que o *caído* dizia um após o outro. O soldado agora estava ficando sem forças e seus olhos se arregalaram, como se sua vida estivesse passando diante seus olhos.

Ele entrou - Light avisou ao amigo.

Sim, espero que dê tudo certo - concordou Romeo um pouco apreensivo.

True abriu os olhos e verificou que estava em um apartamento. Ele viu o soldado sentado em um sofá com uma mulher que aparentemente seria sua esposa e uma menininha que saiu correndo dando um pulo no colo do soldado que parecia ser seu pai. A pequena família estava sentada vendo algum programa que passava na televisão. True se lembrou daquele programa que há muito tempo não via e como a família estava unida, concluindo que aquilo era antes da ditadura. O tempo passou rápido, as memórias iam avançando em cenas. Na cena seguinte, o soldado estava sentado com a mulher na mesa da cozinha; eles pareciam tristes e choravam.

À medida que ele via as coisas, narrava em voz alta para que Romeo e Light escutassem e acompanhassem o que estava vendo. Apesar da diferença de tempo entre os mundos, aqueles que permaneciam no mundo material não percebiam a mudança temporal.

O casal parecia estar com muitas dívidas e iriam ser despejados do apartamento se não pagassem os meses atrasados de aluguel no outro dia. O soldado decidiu que naquela noite conseguiria o dinheiro para pagar as contas. Decidido, pegou uma blusa com capuz, uma arma que estava guardada no criado-mudo e saiu noite afora. O homem avistou uma mulher saindo do banco com uma bolsa, ele não pensou duas vezes e a assaltou, depois de sair correndo, contou o dinheiro, mas ainda não era suficiente. Então fez mais três assaltos naquela noite, no último, o homem não queria entregar o dinheiro, então o soldado atirou, tirando a vida daquele que tentara resistir.

O dia estava amanhecendo quando chegou ao apartamento, seu casaco estava lotado de dinheiro, acordou a mulher mostrando que tinha conseguido o valor para pagar suas dívidas, esperava que ela o abraçasse e ficasse contente com o que fizera, mas a reação foi outra. A mulher disparou a chorar não acreditando na atitude do marido e ao perceber uma mancha de sangue na sua blusa, no mesmo segundo, começou discutir sem acreditar no que ele tinha feito. O homem estava confuso e indagava, em um ato de defesa, se a esposa preferiria morar na rua. Ela, por sua vez, dizia que preferia morar na rua desde que fosse ao lado do marido, porém ela não mais o reconhecia.

No dia seguinte, a mulher e a menina foram morar com uma amiga, enquanto o homem pagou os meses de atraso que devia e viveu sozinho no apartamento. Divorciado e desempregado, continuou a roubar e se tornou capanga de um influente mafioso, em um de seus trabalhos para a máfia, encontrou um homem muito alto de cabelos curtos e morenos que lhe fez uma proposta ambiciosa, contou que estavam criando um exército que tomaria o mundo e desejava que ele fizesse parte. O homem misterioso disse que receberia muito dinheiro e benefícios, sendo assim,

o meliante aceitou e então veio a ditadura, a qual ele ajudou a acontecer.

True tirou a mão da testa do soldado, que chorava devido às lembranças recordadas.

Esse homem é um monstro, não merece uma segunda chance! - rugiu True entredentes devido às ações que acabara de presenciar.

Light pareceu triste, como se True tivesse falhado. A face de Romeo ficou vermelha e os olhos se arregalaram de raiva, ele pegou o garoto pelo colarinho o erguendo alguns centímetros do chão.

"Monstro", você disse? - Romeo gritava aborrecido. - Se o seu *mundo* fosse tirado de você, queria vê-lo, o perfeito, não *cair*!

True não sabia de onde se originou tanta raiva e antes que pudesse se defender, Romeo fechou o punho da mão livre e atingiu o rosto do garoto com um soco, com tanta força que Light virou seu olhar como se tivesse sentido a dor. O garoto ficou paralisado no chão, ainda sem saber o que tinha feito de errado.

Light, eu vou dormir, não quero mais fazer parte disso - disse Romeo furioso, cuspidando no chão antes de sair.

Light assentiu e foi até o garoto para ver se não estava sangrando.

Desculpe-me por isso, garoto, não foi culpa sua.

Como não foi? Pelo jeito, eu fiz algo de muito errado aqui. - True não tinha voz, ele respondia pausadamente meio atordoado.

Light foi até o soldado, tocou em sua testa e disse:

Eu o perdoei de seus pecados, siga sua vida sem *cair*.

Ao pronunciar aquelas palavras, a alma, agora deforme, aparentava ser apenas uma nuvem. O soldado deu um sorriso e, mesmo naquela situação, dormiu, brotando uma última lágrima em seu olho. Voltando ao garoto, falou em voz baixa:

Devia ter te contado sobre o passado do Romeo. Se eu tivesse contado, isso não teria acontecido - culpou-se.

Passado? - indagou True soando em um tom extremamente cansado.

Romeo era um *caído*. Eu o dei uma segunda chance — Light falou entristecido, e ao ouvir as palavras do rebelde, True começou a entender melhor a reação de poucos instantes. - Vou te contar a história dele, pois é necessário. Apesar dele não gostar que eu fale sobre isso, direi mesmo assim, ou então esse episódio de poucos instantes poderá voltar a acontecer, e isso eu não quero mais presenciar.

Capítulo 7

O lobo sem alcatéia

Ao contrário de como o reservado homem foi apresentado a True, Romeo, na verdade, se chamava John Strongheart. Um americano que morava junto à sua querida e grande família nas cidades movimentadas dos Estados Unidos. Com exceção dos avós que moravam em outro país, com os quais tinha pouco contato e só via durante as férias devido ao seu dever nos estudos e de seus pais no trabalho, ele morava com toda a sua família: os pais e os seis irmãos. O grande número de filhos foi um desejo de seus pais quando ainda eram noivos, por serem filhos únicos, queriam compensar, ter uma vida agitada, para que a solidão e o silêncio nunca visitassem aquela alegre e barulhenta família.

John, o caçula, convivia bem com os irmãos, apesar de algumas divergências que ocorriam, naturalmente, como em qualquer outra família, os irmãos viviam uma relação de pleno apoio e confiança. E seus pais, orgulhosos da família que tinham constituído, não imaginavam uma vida melhor que aquela: eles tinham um ótimo emprego, a maioria dos filhos terminaram a faculdade e alguns já estavam empregados, enquanto John acabara de ingressar, saúde não lhes faltava assim como muitos sorrisos e pessoas andando pela casa.

Tudo que eles desejavam estava ali, pelo menos, até o obscuro dia em que o inesperado exército surgiu levando o medo a cada canto do mundo.

Felizmente, a família Strongheart era abençoada com muita sorte, ou assim pensavam até então. Mesmo após a ditadura ser proclamada, a família permaneceu unida, o que era muito raro, principalmente para uma família grande como eram. Geralmente, cada pessoa era mandada para cidades, estados e até países diferentes; contudo, eles apenas se dividiram em alguns dormitórios, perto o suficiente para se encontrassem no dia a dia. John foi o único que dividia o apartamento com outra pessoa, mas, para sua tranquilidade, era Ethan, um antigo amigo de escola.

Três anos depois a família foi convocada para prestar serviço em um presídio da região. Como os Strongheart havia demonstrado um excelente comportamento durante os anos que serviram, já que cumpriam seus deveres com eficiência, não houve problemas para que trabalhassem juntos. Na verdade, aquela era uma estratégia do ditador, uma vez que percebeu o modo como aquela família agia. O comportamento exemplar que possuíam não era por acaso, e sim porque temiam que um dia fossem separados, e aproveitando-se desse desejo, o Führer ordenou que cuidassem do presídio onde sabia que nenhum membro dos Strongheart se aventuraria em desafiar sua autoridade.

Era assim como o ditador e a família pensavam, porém o destino planejava algo muito maior, além da compreensão dos Strongheart ou do próprio Führer.

Foi em um dia normal de serviço quando tudo começou. John andava pelos corredores do andar respectivo do presídio que ele e sua família vigiavam quando parou em determinada cela de onde ouviu o choramingar de algum prisioneiro.

O choro, acompanhado de alguns soluços, era mais sutil do que os gritos de pânico e pavor que estava acostumado. Quando se aproximou curioso para averiguar, seus olhos se arregalaram de espanto com o que encontrou. Deixados naquela cela fria de péssimas condições, estavam três

crianças, dois garotos e uma menina.

Um dos garotos estava de joelhos com as mãos firmes nas barras de metais, a cabeça no vão entre elas enquanto fitava o chão. O outro, por sua vez, estava recostado na parede de tijolos com as pernas esticadas e olhos vidrados enquanto riscava o chão com uma pedra, levando-a para frente e para trás de maneira uniforme e sem qualquer tipo de pausa. A menina era a única que ainda demonstrava alguma reação, e era dela que se originavam os prantos. Ela estava no centro, sentada com os joelhos próximos ao corpo onde escondia seu rosto, suas mãos envolviam as pernas em um abraço enquanto as lágrimas caíam uma após a outra.

Ei! Garota, o que houve? - John indagou, batendo cuidadosamente a lanterna que carregava contra a barra de ferro, o suficiente para que chamasse atenção da menina e não a assustasse.

Ela se contraiu ainda mais ao perceber a companhia inesperada se dirigir a ela. Por um instante, continuou a tremer e a chorar, mas, aos poucos, notando o cuidado do estranho em não assustá-la, conteve as lágrimas e procurou erguer sua cabeça.

Quem é você? - a garota estranhou. Não esperava que ninguém se preocupasse com seus lamentos.

Meu nome é John, sou um dos responsáveis pela vigilância deste andar.

Um civil... — ela reconheceu, e John assentiu, notando a voz da garota que começava a normalizar. - Nesse caso é melhor que volte ao que estava fazendo, ou poderá ter o mesmo destino que o nosso...

"Destino"? Sobre o que está falando?

Ele não sabia ao certo por que continuava a insistir, deveria deixá-la assim como a menina propôs e cuidar de seus próprios afazeres, mas não pôde. John nunca ouvira falar de detentos que eram crianças e aquela visão que estava presenciando o incomodava. Sua mente estava confusa, sentia-se no dever de tirá-las daquele horrível lugar, mas não podia; pelo menos, não se quisesse permanecer vivo com sua família.

Nós fugimos do nosso dormitório. Estávamos a ponto de enlouquecer, principalmente, aqueles dois... - A garota começou a explicar e John percebeu os rostos pálidos das crianças, como se não comessem há horas. Os lábios secos e rachados também indicavam que não bebiam já fazia um bom tempo. — Não conseguimos ir muito longe quando fomos capturados, e o resultado... foi a pena de morte.

Aquelas palavras foram como um golpe em seu orgulho, não podia aceitar que crianças que deviam ter cerca de 11 anos fossem punidas daquela maneira por algo tão insignificante. Porém, ele sabia mais do que todos que a pena, uma vez sentenciada, dificilmente era recorrida. Ele tinha acompanhado vários casos de presos que nada puderam fazer em sua defesa. O destino daquelas crianças estava traçado, a não ser que ele as ajudasse. Naquele momento, se viu em uma bifurcação: de um lado estava a segurança daquelas crianças que mal conhecia e de outro sua própria segurança.

Qual é o seu nome, garota?

Emily, senhor. Emily Whitfield.

Whitfield? Você tem o mesmo nome do último presidente dos Estados Unidos.

É o que todos dizem.

Muito bem, Emily, já me decidi. Avise aos seus amigos, mas não deixe que demonstrem algo fora do normal...

Não estou entendendo - Emily franziu o cenho e se aproximou de John, que sussurrava enquanto olhava para o longo corredor, verificando se ninguém estava por perto.

Eu irei libertá-los! É uma promessa!

Apesar das corajosas palavras, John sabia o quanto estava se arriscando. Ele sabia exatamente o que fazer, mas ainda lhe faltava algo muito importante naquele momento: o apoio de sua família. Quando tiveram a chance de se reunir, John contou a todos os Strongheart sobre suas intenções, no entanto, as reações foram contrárias ao que esperava. Acostumado à união que sempre fora capaz de vencer qualquer obstáculo, desta vez se via sozinho, pois todos, pais e irmãos, foram totalmente contra sua vontade. Depois de muito argumentar, percebeu que nada adiantaria e a decisão já fora tomada, se quisesse ajudar aquelas crianças, teria que agir por conta própria.

Ethan, preciso de sua ajuda! - disse John assim que chegou ao dormitório, antes mesmo de se preocupar em tirar a farda que o acompanhara durante todo o dia.

Olá, John. Eu estou bem, obrigado - retrucou Ethan com ironia. Ele lia uma revista que havia ganhado dos soldados pela manhã. O rapaz era de extrema confiança do exército, e em algumas épocas colhia frutos de tal confiança.

Desculpe chegar desta maneira, mas só você pode me ajudar!

Ethan fitou John pelo canto dos olhos e estranhou a seriedade das palavras do colega. John costumava fazer muitas piadas na maior parte do tempos mas, naquele instante, ele não parecia de bom humor.

O que quer? - indagou abaixando a revista para que se concentrasse no pedido que John estava prestes a fazer.

Preciso que consiga a chave de uma das viaturas - disse finalmente e quando Ethan estava prestes a questioná-lo, ele o impediu. - Não me faça dizer o motivo. É algo que preciso fazer sozinho e não posso te envolver nisso. Apenas me prometa que irá trazê-la amanhã durante o dia, que não vai estar no presídio no período noturno e que nunca contará essa conversa para ninguém!

Ethan franziu o cenho e estudou atônito o comportamento do colega, mas, por fim, visto a determinação no olhar de John, assentiu.

Muito bem... Eu prometo!

Era uma noite de neblina quando decidiu botar seu plano em prática. Sua família havia prestado serviço durante o dia, diferente dele, que teria uma noite de surpresas pela frente. Em sua mente, havia calculado que salvaria as crianças e voltaria antes que notassem sua falta. John sabia muito bem como funcionava o presídio e sabia que ninguém se envolveria no posto de outro vigia, estava certo de que tudo aconteceria como planejado pelo menos era o que pensava.

Por ter acesso às chaves e ser o único no andar naquela noite, John não teve dificuldades em libertar as crianças da cela. Elas pareciam atônitas sem conseguir acreditar que o estranho cumprira a promessa, mas John não esperou que acreditassem, apenas pediu que ficassem quietas e o seguissem com cuidado.

Ele guiou o pequeno grupo até o andar inferior onde ficavam as viaturas de patrulha dos soldados. Apesar de servir o exército, havia uma grande diferença entre ele e um soldado: soldados eram apenas aqueles que ajudaram o Führer a conquistar todo o território mundial ou aqueles que o próprio ditador nomeava por algum mérito. Fora essas condições, aqueles que trabalhavam para

o exército não passavam de servidores, que em outras palavras, eram escravos. E utilizar os veículos era uma das coisas de que um servidor era privado.

Procurando controlar a adrenalina que a ocasião oferecia, John olhou atentamente o recinto do estacionamento para verificar se nenhum soldado passava furtivamente pelo local. Ao perceber que o caminho estava livre, ele fez um gesto para que as crianças o seguissem até uma viatura que, possuindo as chaves que Ethan lhe entregara naquele mesmo dia, usaria para escapar. John entrou cuidadosamente para que não fizesse muito barulho e esperou até que as crianças se posicionassem no banco traseiro. Tudo pronto, ele deu a partida, permanecendo com os faróis desligados, e avançou velozmente em direção à saída.

Em todo o presídio havia duas saídas e duas entradas. Uma saída e uma entrada ficavam no andar principal onde existia um enorme portão de fiscalização, obrigando cada veículo, ao passar por ele, parar para que fosse examinado. Porém, a outra entrada e saída, que funcionava em uma mesma passagem, era a da garagem onde John se encontrava naquele momento, onde uma cancela e alguns soldados fortemente armados impediam o avanço de alguém não autorizado.

O ronco do motor era ouvido pelos soldados que se perguntavam quem era o responsável pelo barulho. Eles se viraram e tentavam avistar qualquer movimento entre as sombras, mas era inútil. A escuridão e a neblina da noite, somada à falta de iluminação da garagem, além da cor preta que revestia a viatura, camuflou totalmente o veículo que avançou ferozmente contra os soldados, destruindo a cancela e permitindo que John deixasse o presídio com as crianças a salvo. Emily e os garotos, que quase nunca falavam, devido às experiências traumáticas, comemoravam com gritos de alegria no banco traseiro enquanto John sorria ao volante orgulho do que tinha feito. Os soldados deixados para trás se levantavam ainda zonzos com a imagem do vulto que passou por eles antes que conseguissem fazer algo para impedir.

John e as crianças seguiram viagem até um antigo orfanato que ainda funcionava sem o conhecimento do ditador. O lugar era distante da cidade, o que levou toda a noite, fazendo com que chegassem na manhã seguinte.

A primeira impressão que elas tiveram ao ver o incomum estabelecimento foi de total encanto. No orfanato havia várias crianças correndo de um lado para outro, subindo e descendo, se divertindo no *playground* improvisado que fora construído na área ao lado do casarão. John foi cumprimentar os proprietários e apresentou a eles os três novatos. Os garotos imediatamente se sentiram em casa e como se morassem no lugar há anos. Correram imediatamente ao serem encorajados pelas outras crianças que os chamavam para brincar. Emily, no entanto, hesitava.

O que foi, Emily? Não gostou do lugar? - indagou John, notando um discreto desconforto da garota.

Não é isso! Não, mesmo! Estou tão feliz pelo que fez por nós, John, que nem sei como agradecer em palavras. É só que...

Ora, rapaz, não vê o motivo? Emily já está se tornando uma mocinha! É claro que ela se sentiria desconfortável perto dessas crianças bagunceiras - disse a senhora, dona do lugar, com um sorriso contagiante.

Emily retribuiu o sorriso, porém singelo.

Acho que ela está em boas mãos - John se tranqüilizou ao notar a atitude materna da senhora. Certamente, ela cuidaria bem daquelas crianças, as outras pareciam confirmar seus pensamentos. - Obrigado por poder cuidar delas. Agora preciso ir antes que os soldados

percebam minha ausência.

John e a senhora, assim como os outros ajudantes do local que foram apresentados, trocaram um rápido cumprimento para que ele fosse até a viatura e retornasse à cidade.

John! - Emily o chamou, correndo até ele com um sorriso antes que entrasse no automóvel.

Ele se virou e abaixou para que suas estaturas se equivalesssem, com as sobrancelhas franzidas na tentativa de adivinhar o que a menina faria. Antes que abaixasse completamente, Emily se aproximou e deu um beijo carinhosamente em sua bochecha, obrigando-a a ficar nas pontas dos pés.

Após o gentil agradecimento pelas nobres ações de John, Emily e o corajoso homem se dividiram em seus caminhos. John seguia para viatura e antes de entrar no veículo, olhou uma última vez sobre ombros, quando viu que Emily fazia o mesmo movimento antes de chegar até a senhora que a esperava. E naquele segundo em que seus olhares ficaram conectados, Emily deu um sorriso sincero antes de se virar completamente, deixando que John partisse.

Na viagem de volta, John aproveitou os minutos que tinha de vantagem, já que não havia trânsito naquele início de manhã, e parou em uma lanchonete à beira da rodovia. Como estava de farda, ninguém o questionou, permitindo-o que fizesse seu desjejum sem que alguém o interrompesse. Sentia-se em paz consigo. A sensação de que havia feito a coisa certa o preenchia. Porém, seu pesadelo estava prestes a começar. Algo que carregaria sobre os ombros durante toda a sua existência.

Interrompendo a tranqüilidade que pairava no recinto, a chamada de um noticiário proclamou: "Interrompemos esse programa para dar um aviso urgente: a família Strongheart, que cumpria o mandato de vigiar o andar de um presídio, foi acusada de ter libertado três detentos ontem à noite. Segundo um civil que servia no local, a família agiu sozinha e o procurou para que fosse um álibi. Toda a família será executada daqui a poucos instantes e será transmitido ao vivo. O filho mais novo do casal, John Strongheart, ainda está foragido, e caso seja localizado, deverá ser contatado imediatamente às autoridades."

John estava atônito. Por um momento pensava estar tendo algum tipo de alucinação, mas tudo era bastante real. Bastou apenas alguns minutos para que a imagem de seus pais e irmãos surgisse no televisor, confirmando o que ele não queria acreditar.

Toda a família estava vendada com as mãos amarradas e de costas para um paredão. Soldados foram postos em fileiras e carregavam suas armas. O comandante do pelotão preparava para dar as ordens e consultava o relógio para que começasse.

John fixou seus olhos naquela cena que jamais deixaria de assombrar sua mente enquanto previa as palavras que estavam prestes a surgir dos lábios do comandante.

Preparar...

O coração de John batia mais forte, ele não conseguiu permanecer sentado e se aproximou do televisor em um movimento inconsciente, como se de algum modo pudesse impedir o episódio.

Apontar...

As armas se moveram novamente, e aquele ruído o deixava a ponto de enlouquecer. O dono da lanchonete notou o modo como John via o acontecimento, uma reação incomum, visto que as pessoas, infelizmente, já estavam acostumadas com a frequência do acontecimento.

Fogo!

Finalmente, o comandante deu a ordem, fazendo com que os soldados fuzilassem a indefesa

família. No momento dos disparos, John desabou de joelhos enquanto lágrimas jorravam de seus olhos. Seu corpo tremia e sua força o traía. Após a morte dos Strongheart a imagem foi cortada, voltando a transmitir o programa anterior quando foi interrompido, como se tudo voltasse ao normal e aquela cena caísse no esquecimento. Talvez de alguns, mas não dele.

Uma foto de John foi posta no canto inferior direito enquanto uma mensagem passava no rodapé alertando aos civis de que aquele homem era perigoso e estava sendo procurado. O dono do estabelecimento, percebendo a semelhança do civil que estava caído de joelhos, reconheceu de que se tratava da mesma pessoa. John, percebendo o olhar que o homem lhe dirigia, esforçou-se para deixar o lugar o mais rápido que pôde.

Sem tempo para lamentar a perda que sentia, John entrou no veículo e arrancou em direção à rodovia. Ele chorava ao volante, memórias ocupavam sua mente. Sem saber para onde ir ou o que fazer, decidiu, após muito pensar, procurar a única pessoa que lhe restava. Seu amigo: Ethan. Esperou durante todo o dia o regresso de seu amigo. Após estacionar a viatura em um beco escuro de pouca circulação, foi até o dormitório onde escalou a escada da saída de emergência para que entrasse pela janela. Ethan, ao entrar e se deparar com o colega, assustou-se. Imediatamente, John disparou a contar a ele o que havia passado naquela tarde enquanto Ethan, ouvia atentamente e assentia dizendo que ele havia feito a coisa certa em ir ao seu encontro.

Foi tudo tão de repente... E eu não pude fazer nada! - culpava-se, mais consciente após Ethan o acalmar.

Eu soube pelos outros. Estava a serviço quando tudo aconteceu... Sinto muito.

Ethan deu uma palmada nas costas de John. Um gesto comum entre amigos que ele interpretou como uma forma de Ethan mostrar que estava preocupado. Ao interpretar o gesto, John indicou que já estava melhor.

Agora, vá lavar esse rosto enquanto vou preparar algo para nós comermos - disse Ethan ao se levantar e seguir para a cozinha.

John assentiu. Em seguida, atravessou a pequena sala rumo ao estreito corredor onde procurou pelo banheiro. Antes de abrir a torneira, resmungou do cheiro pouco convidativo que pairava no recinto, tomando nota em sua mente para limpar o lugar no dia seguinte; afinal, devia cuidar bem do local onde morava. *Onde eu moro...* - refletiu após acumular a água na concha que fez com as mãos. John não sabia quanto tempo podia ficar escondido ou para onde iria a partir dali. Pelo menos podia contar com os cuidados de seu amigo; desse modo, imaginou que deveria agradecê-lo.

John fechou a torneira e antes de concluir o que o fez ir até ali, voltou ao corredor e procurou pelo amigo.

Ethan, eu...

John de repente congelou. Ele seguia em direção à cozinha quando, antes que atravessasse todo o corredor, viu que Ethan estava ao telefone preso entre o ombro e a cabeça enquanto terminava de armar sua pistola que ganhara para fazer a segurança no presidio.

Ele está aqui... É claro que tenho certeza! Quanto tempo acha que eu o aturei... Sim, venham logo! - dizia Ethan ao telefone.

Não, não poder ser... - John imaginava ter entendido errado. Por um momento pensara que seu amigo estava o entregando para os soldados do dormitório, uma vez que o telefone só era permitido para passar informações ao exército ou para casos de emergência. Decidido a

desfazer o mal entendido em sua mente, ele apoiou-se na parede e tentou dar alguns passos para que ouvisse melhor o que estava sendo dito.

Ele é mesmo um idiota por não ter percebido... Não, não se preocupe. Ele foi ao banheiro, não pode nos ouvir...

"Segundo um civil que servia no local, a família agiu sozinha e o procurou para que fosse um álibi". - As palavras ditas pelo jornalista vinham automaticamente à sua mente.

Devido ao choque dos acontecimentos, John não percebeu no ato do ocorrido que o civil ao qual o noticiário se referia era ninguém menos que Ethan. O golpe que recebera em suas costas pelo seu próprio amigo doía como se fosse um ferimento real ao seu corpo. Sua vontade, naquele momento, era de agarrar o pescoço do traidor e socá-lo até que ficasse irreconhecível. Ele poderia desarmá-lo facilmente, porém os soldados já estavam a caminho. Então, se quisesse viver, não havia tempo a perder.

A porta e a janela por onde entrou não eram acessíveis por Ethan estar próximo a elas naquele momento, vendo-se sem alternativa, John virou-se e fitou a ampla janela. Movido pelo instinto de sobrevivência, correu em direção à sua única saída e saltou, estilizando-a. A poucos instantes de atingir o chão, John rolou diminuindo o impacto do pouso. Seus músculos ficaram dormentes devido ao encontro brusco com o solo, mas não foram suficientes para pará-lo. Perto de seu dormitório, nos limites da cidade, havia um bosque onde John partiu como seu único meio de refúgio. E do local que ficara para trás, apenas ouvia a voz daquele que dizia ser seu amigo:

- Ele fugiu pela janela! Atrás dele!

No dia seguinte, John despertou com o chamado de uma bela voz. Era uma mulher de belas feições que Light nunca soube como exatamente ela era, como se a mente de John se recusasse a lembrar. Seu corpo doía devido à fuga da noite anterior, a qual não sabia como de fato conseguira fugir.

A estranha, porém amável, cuidou de suas feridas enquanto lhe explicara como havia parado ali. Ela, assim como John, era fugitiva, e aquele bosque lhe servia como refúgio há bastante tempo. Pondo um dos braços do ferido sobre seus ombros, ela deu sustendo ao seu corpo e o levou cuidadosamente até uma cabana que tinha construído por conta própria com galhos, troncos e inúmeras folhas há algum tempo.

John passou algum tempo de repouso até que se recuperasse totalmente. Os músculos que excederam seu limite estavam rijos e latejavam, impossibilitando que andasse. Durante a recuperação, John foi criando

afinidade com a mulher e depois de certo tempo, confiança. Talvez ele ainda não percebera, mas havia se apaixonado pela bela moça, e ela, aos seus olhos, parecia demonstrar o mesmo.

O tempo passou. John estava recuperado e já ajudava a companheira nas tarefas diárias e necessárias para a sobrevivência. Havia dias que alguns soldados rondavam o bosque, mas não adentravam o suficiente para que avistassem os foragidos. A cabana foi construída em um lugar estratégico para que não fosse avistada ou encontrada por alguém que não fosse convidado. Por viverem isolados da sociedade, garantir as necessidades básicas era algo que exigia esforço. John aprendera a caçar e, quando necessário, ir até a cidade conseguir alimentos sem que alguém o notasse. Em um desses dias, John havia ido à cidade, e a mulher permaneceu no refúgio com a desculpa de que não se sentia disposta. John concordou que ela ficasse. Afinal, não podia arriscar

sua saúde e depois de tudo o que ela fez por sua recuperação, era o mínimo que podia fazer por ela. *Quanto menor o grupo, menor a chance de ser visto* — pensou.

Assim que John partiu, a mulher se levantou da cama onde estava jazida e seguiu para fora da cabana, onde cumpriria seu verdadeiro motivo de estar ali. Ela parou próxima a uma clareira e olhou à sua volta como se procurasse por alguém.

Eu estou aqui! Como prometido! - disse em bom som fazendo sua voz ecoar entre as árvores.

De súbito, ouviu-se o balançar de galhos e os ruídos do caminhar sobre a mata. Entre dois arbustos, três soldados surgiram com sorrisos sombrios. Eles estavam armados como de costume, mas a mulher parecia não se importar.

Já era hora! - resmungou a mulher.

Meça bem suas palavras, mulher! Não se esqueça de que você é uma reles foragida diante de três agentes do exército - disse um dos soldados. - Agora diga-nos onde ele está!

Ela engoliu em seco, mas não queria perder todo o controle da conversa.

Primeiro, vamos rever o acordo...

Não demorou muito quando John retornou ao bosque carregando uma sacola cheia de alimentos. Ele percebeu que o solo estava cheio de pegadas que iam em direção onde estava a sua amada, o que o deixou preocupado e sobre alerta. Com o tempo, John aprendeu algumas habilidades de caçador, sabendo, agora, ler os rastros deixados pelas pessoas ou animais. Quando se aproximava do fim da trilha, escondeu-se atrás de uma árvore e ouviu a mulher conversando com os soldados:

Se eu o entregar, estarei livre?

Já disse que tem a nossa palavra! - o soldado reiterava.

John estremeceu. Ele não acreditava no que ouvia, a mulher com quem criara um relacionamento de confiança o entregava. O choque do acontecimento o fez soltar a sacola no chão, espalhando os vegetais e todos os alimentos, revelando sua localização. Ao reconhecerem o homem por detrás da árvore, o fitaram com sorrisos perversos.

Renda-se, John Strongheart! Acabou para você!

Não vai fugir de nós novamente! — acrescentou outro soldado.

Os soldados falavam sorridentes, e a mulher continuou no mesmo tom de vitória:

Eu sabia que você valeria alguma coisa quando te encontrei.

O corpo de John estava paralisado, mas dentro de sua mente começava uma explosão de angústia, tristeza e ódio. As lembranças do que tinha acontecido com ele, desde sua família ter sido morta até o momento em que seu melhor amigo e a mulher por quem se apaixonara o estavam delatando, fez sua mente e alma entrarem em conflito. Até que então escutou pela primeira vez a voz de sua alma.

Vamos fazê-los pagar, John!

John aceitou o convite sem hesitar, tornando-se um *caído*. Seu corpo adotava uma forma monstruosa: garras, presas, músculos e pelos surgiram transformando-o em um lobo bipede.

Sem se conter, investiu contra os soldados. Como também eram *caídos*, os soldados puderam contê-lo por alguns segundos, mas John estava muito mais fundo no mar da tristeza, em um nível muito mais *corrompido*. Depois de ter acabado com um por um dos soldados, virou-se para a mulher que o traía. Ele não a reconhecia, apenas queria vê-la morta.

As garras enormes, os dentes visíveis saltando da boca e sua força sobre- humana faziam a

mulher tremer. E antes que ela implorasse por misericórdia, John bateu com toda força na lateral do corpo da delatora, quebrando os ossos de seu braço e algumas costelas, arremessando-a em direção a uma pedra que esmagou sua cabeça.

Após saciar toda a sua sede de vingança, John voltou ao normal. Porém, agora não sabia o que fazer. Ele se lembrava de quando era feliz com sua família, tinha amigos que sempre o ajudavam, mas agora só restava ele e a solidão.

Por causa da luta contra os soldados, John tinha graves ferimentos. Estava perdendo muito sangue, deixando-o sem forças. Aos poucos sua visão foi escurecendo, até perder a consciência.

Quando despertou, notou que não estava mais jazido na mata. Estava em um quarto pequeno de mobília simples, deitado sobre uma cama de lençóis remendados. Sem saber como havia parado ali, levantou-se assustado. O movimento brusco o fez sentir a dor das feridas, que por um momento tinha se esquecido.

Você acordou! - disse uma jovem que estava parada na porta. Ela tinha algumas semelhanças com John, como a cor dos olhos, a pele clara, a estatura e a expressão séria. Os cabelos lisos, longos e morenos era o que mais a diferenciava. - Light, ele acordou! - chamou por alguém que estava na antessala.

John puxou os lençóis e os arremessou para longe de seu corpo, o que causou novamente as dores.

Por favor, volte a se deitar! - pediu a jovem, preocupada. - As feridas podem reabrir!

Ela se aproximou perto o suficiente para que a mente abalada de John, como um meio de defesa, projetasse a imagem da mulher que o havia delatado aos soldados. Como se não bastasse às lembranças que despertavam seu sofrimento, John viu pelo canto dos olhos quando um homem loiro de olhos azuis entregou no quarto, e sua mente novamente o traiu, projetando a imagem de Ethan no lugar do estranho.

Laura, saia de perto dele! - Light alertou na tentativa de impedir o que John iria fazer.

Laura afastou-se no momento exato, jogando-se contra o chão, antes que John sofresse novamente a metamorfose e a atingisse com suas enormes garras.

Rapaz, preste atenção somente na minha voz! Você é um *caído*! E eu posso te ajudar!

Ao ouvir a proposta, John começou a gargalhar.

Se quiser me ajudar, traga minha família de volta! O que, é claro, você não pode. Afinal, as pessoas só sabem fazer uma coisa: mentir! — respondeu John avançando em direção ao estranho e espatifando tudo no seu caminho. Quando ele estava prestes a atingir o estranho com sua garra, o homem o paralisou tocando-o na testa.

Quem diabos é você? - indagou, esforçando-se para falar ao mesmo tempo em que estava atônito pelo movimento sutil, mas que impediu seu feroz avanço.

Meu nome é Light. Vamos ver pelo que você passou, rapaz.

Naquele instante, Light teve acesso ao *mundo* de John e a toda sua história. Após usar o Solstício para purificar sua alma, John voltou a ser um *puro*, apesar de ainda não saber o que era ser um. Aquele estranho o havia ajudado sem qualquer interesse, o que perturbou sua mente por um tempo.

Com a brusca mudança que acontecia em sua vida, John ficou curioso a respeito do homem que lhe ajudara em seu momento mais difícil. Aos poucos, Light ia ensinando sobre um poder oculto

que John possuía e sobre sua alma do lobo. Aos poucos começava a confiar em Light, e talvez, estivesse nascendo uma nova esperança para ele. John já tinha achado seu novo melhor amigo e sabia que nesse podia confiar. A última coisa que lhe faltava era uma esposa que o fizesse esquecer-se da mulher que o traiu, assim, conseqüentemente, recuperando a confiança que perdera.

Eles estavam acomodados pela família Silvermoon, na qual todos possuíam almas semelhantes a de John, de um lobo. Laura, filha do casal fundador da família, deu início ao seu treinamento ao lado de John. Ambos tinham Light como tutor, que percebera uma rivalidade entre os dois que procuravam mostrar rápidos resultados. À medida que o treinamento ia progredindo, os dois jovens aprendizes foram conhecendo melhor um ao outro, e o que começou como uma competição, resultou em casamento.

A família Silvermoon tinha uma tradição de que quando as filhas e filhos arranhassem alguém especial, teriam que realizar uma cerimônia na qual mudariam seu nome de nascimento, isso, para eles, significava um novo nascimento. Para que fosse realizada a cerimônia, eles tiveram que esperar até a lua cheia para que pronunciassem seus votos e os novos nomes. Os pais de Laura queriam que eles esperassem até a terceira lua cheia, mas John estava ansioso demais para esperar.

Quando, enfim, a lua cheia pairava sobre o céu, a família deu início ao ritual. Laura foi a primeira a proclamar seus votos e logo em seguida renasceu com o nome de Juliet. Uma homenagem ao romance "Romeo e Juliet" que tanto adorava. Na vez de John, ele fez o mesmo, pronunciando seus votos até que mudou o nome para Romeo, para que alegrasse ainda mais sua esposa. Laura, que agora se chamava Juliet, deu um grande beijo no marido para finalizar o ritual. Dando início a noite cheia de comemorações.

Após o tempo de descanso e passada sua luademel, John voltou a ajudar Light em suas tarefas. Agora que dominava bem o controle de sua alma, dava suporte ao amigo em suas viagens.

Prometo que voltarei logo, Juliet - despediu-se Romeo com um beijo apaixonado.

Eu estarei aqui, te esperando.

Deixando a família Silvermoon, Romeo e Light partiram em busca de novas almas *puras*.

A viagem durou pouco mais de um mês quando voltaram, sem sucesso, ao encontro dos Silvermoon. Romeo estava ansioso para rever a esposa, passou todo o caminho apressando o amigo para que chegassem logo ao destino. Imaginando como o amigo se sentia, Light o encorajou a ir na frente. Romeo tinha uma velocidade muito superior a dele e levando em consideração a curta distância, Light não se preocupou em seguir o resto do caminho sem a proteção extra do amigo. Agradecido, Romeo sincronizou sua alma e desapareceu no horizonte.

No entanto, quando chegou à velha casa, ninguém estava lá. Todos os pertences desapareceram, nenhum sinal de algum Silvermoon era visto ou ouvido ali. Angustiado sem saber o que havia acontecido ou se tratava-se de uma brincadeira de muito mau gosto, Romeo começou a procurar por rastros que levassem ao paradeiro da família. Aos poucos foi percebendo que eles partiram há pouco tempo e quando teve certeza da direção, seguiu a trilha de galhos quebrados onde o solo não estava mais fofo, sinal de que alguém passara pelo local.

Romeo avistou a minúscula família, vista de seu ponto, subindo a montanha e gritou para que eles parassem. Eles se viraram, e como se não o conhecessem voltaram ao seu percurso, indiferentes. Romeo não entendia o que havia acontecido e se alguma coisa tinha feito para que

aquilo acontecesse. Ele estava a ponto de enlouquecer quando Light chegou e parou ao seu lado, ofegante devido à corrida quando avistou a casa totalmente abandonada.

- Está tudo bem, amigo? Quero dizer... Sei que não está tudo bem... Se quiser ir atrás deles, nós podemos...

Antes que Light pudesse achar as palavras certas, Romeo o interrompeu.

-Tudo bem. Sei que você quer ajudar, mas não vou *cair*. Não se preocupe. As pessoas têm esse hábito de me iludir... Na verdade, a culpa é minha, por minha família ter morrido e também alguma coisa que eu fiz para que os Silvermoon e Juliet fossem embora.

Light queria dizer que não era culpa dele, mas falando isso apenas iria fazer Romeo se culpar ainda mais, o que poderia aumentar as chances dele voltar ao seu abismo.

Após esse episódio, Light convidou Romeo para a organização. Incapaz de alcançar seus objetivos, completamente sem rumo, ele por fim aceitou o convite, decidindo seguir Light aonde quer que ele fosse, uma vez que era a única pessoa em quem poderia confiar. Sem esperança de que pudesse restaurar o seu *mundo* novamente incompleto, com apenas 22 anos desistiu de seus propósitos, passando aqueles anos posteriores vagando e ajudando seu único e verdadeiro amigo. Durante dois anos Romeo viajou dando suporte à organização. Em uma dessas viagens, foram para a América do Sul, onde encontraram True.

True ainda estava jazido ao chão enquanto Light, que estava sentado ao seu lado, terminava de contar sobre a história trágica do amigo.

Esta é a história de Romeo. Espero que entenda e perdoe os atos dele de agora a pouco.

True, tentando levantar-se segurando na mão que Light oferecia, estava triste por Romeo ter passado por todo aquele sofrimento. - Light...

O que é?

E se Romeo tivesse *caído* pela segunda vez? - O garoto quis saber ao tentar imaginar a dor que Romeo sentiu ao fitar sua esposa desaparecer no horizonte.

Aquelas palavras deram um aperto no coração do rebelde, fazendo-o sentir um medo que atingia até mesmo sua alma. Apesar de sempre estar com um sorriso no rosto, odiava ter que pensar nessa possibilidade.

Se ele *cair* uma segunda vez pela mesma razão, nem eu nem ninguém com a alma do anjo poderá trazer ele de volta. A alma de Romeo atingirá um nível extremamente *corrompido*.

Igual à de um general? - comparou.

Não, True, muito pior! Para que você entenda, pense como os soldados sendo a forma primária de um *caído*; os generais, a intermediária. Caso Romeo venha a *cair*, ele irá superar esses dois níveis!

True teve medo e, ao mesmo tempo, pena. "Uma alma que superaria a *corrupção* de um general" — ele pensava. Ele não conseguia imaginar tanto poder e tanto sofrimento dentro de uma única pessoa.

Não se preocupe. Por enquanto não há chance dele *cair*, mas não é impossível. Talvez um dia, Romeo terá que enfrentar novamente seus pesadelos.

Washington D.C. - Estados Unidos - América do Norte.

Em certo aeroporto, alguns soldados embarcavam em uma aeronave com destino ao Brasil. Dentre a tropa, três indivíduos olhavam atentamente ao seu redor, estudando o ambiente ao qual

pareciam não pertencer. Assim que adentraram a aeronave militar, dirigiram-se para a última fileira de assentos, de onde podiam avistar o restante da tropa.

Aline, procure se acalmar! O medo está nítido em seus olhos! — disse um homem com baixa estatura, de barba e bigode grisalhos para a jovem trêmula que estava ao seu lado.

Desculpe. Tem razão. Não quero que descubram nosso disfarce por minha causa - respondeu a linda jovem com sua voz adorável.

Fale baixo! - resmungou o homem, olhando discretamente para certificar-se de que ninguém havia ouvido a conversa.

Os soldados continuavam a se posicionar sem nenhuma curiosidade com o trio mais distante.

Eu disse que era uma má idéia, Edgar! - murmurou a outra mulher, que até então permanecia em silêncio, para o homem barbado ao seu lado.

Talvez para você - ele retrucou. — Mas, segundo o que nos disse, eles são habilidosos. Portanto, é melhor que esqueça de uma vez seu orgulho.

A mulher cruzou as pernas e os braços e ficou pensativa, refletindo seus próprios problemas.

Está tudo bem, Juliet? - indagou Aline, notando o desconforto da companheira.

Quantas vezes vou ter que repetir, Aline? Pare de me chamar de Juliet! Meu nome é Laura!

Capítulo 8

Novo lar

Estava ficando tarde e o frio surgia na madrugada. Light ajudou True a se levantar e mandou que entrasse na casa feita de madeira, que de tão velha dava para ouvir os rangeres das tábuas ao serem pisadas.

Antes de descerem ao subsolo da casa, True pediu cinco minutos para falar com Romeo. Ele, de qualquer maneira, sabia que True tinha agora conhecimento de seu passado, que Light teria contado, então para evitar aborrecimentos, True preferia conversa com Romeo a sós. Light permitiu, mas se houvesse alguma briga, ele teria que interferir. True aceitou a proposta e desceu as escadas pensando no que ia dizer.

Romeo estava deitado no sofá e não dava para ver seu rosto, que estava virado para a parte onde dava apoio às costas. True preferia assim, ele não queria ver a expressão zangada do homem que, mesmo indiretamente, julgou. Ele se apoiou na parede e sentou no outro extremo do colchão onde ficava o mais distante de Romeo, se o assunto o irritasse, ele não agüentaria outro soco igual ao que recebera.

Romeo, posso falar com você? - True começou cauteloso.

O que você quer, garoto? - O tom da voz de Romeo parecia mais brando, mas ainda demonstrava sua irritação.

O garoto respirou fundo e então começou decidido:

Light me contou sua história, não quero que fique zangado com ele, acho que fez a coisa certa ao me contar. Claro que deveria ter te consultado, mas como você estava aborrecido, dificilmente permitiria - enquanto falava, ele prestava atenção em cada movimento de Romeo, se percebesse que o veterano estava ficando desconfortável, pararia a conversa onde estava e esperaria o tempo resolver o assunto. — Foi a primeira vez que entrei no *mundo* de outra pessoa e sei que não posso julgá-la apenas pelos atos presentes, se eu estivesse no lugar daquele soldado, talvez tivesse feito o mesmo. Aquele soldado deveria amar muito sua família para ter coragem de fazer o que fez. Depois de ter ouvido sobre sua história, sei que te causei uma grande dor com minhas palavras, fazendo-o lembrar de seu passado e de certa forma acabei te julgando. Espero que possa me perdoar e sei que a gente pode se dar bem. Também espero que ache aquilo que procura, é justo depois de tudo que você passou. É isso que queria te dizer... Desculpe mais uma vez pelos problemas. Boa noite.

Sem dizer mais nada, True pegou o travesseiro e o lençol que Light tinha posto anteriormente em cima do colchão e foi dormir. Ele estava exausto por causa do treinamento e do golpe que recebera, agora só pensava em descansar. Light desceu as escadas e viu que ambos já estavam dormindo, feliz por não terem destruído o local e não se matarem em sua ausência.

Light? — Romeo sussurrou para que não acordasse o garoto.

Está acordado, Romeo? Eu pensei que já estivesse dormindo.

Esse garoto pode realmente fazer a diferença em nossa missão, fez bem ter contado a ele minha história.

Que bom que concorda comigo - Light suspirou aliviado.

Mais uma coisa...

Romeo pegou o travesseiro que apoiava sua cabeça e bateu com força no rosto de Light que estava deitado no colchão ao lado do sofá.
Isso é por não ter pedido minha permissão!

A manhã chegara e True foi acordado com a voz de Romeo gritando em seu ouvido.

Acorda garoto! Temos que fazer o jejum e andar bastante hoje!

O garoto se levantou meio zozó, sem saber onde estava ao certo.

Isso é para você. Como tem uma sincronização parecida com a minha, você precisa ter mobilidades nos braços.

Melhorando pouco a pouco do sono, True pegou a roupa que Romeo tinha lhe dado e a examinou. Era uma regata preta e uma calça jeans cinza.

Sem as mangas vai poder movimentar seus braços mais facilmente. Quanto à calça, não sabia o que gostava de vestir, mas imaginei que uma calça lhe daria mais proteção pelo que vamos passar hoje. Achei que não seria uma má escolha. Seu coturno é resistente, agüentará nossa jornada. Agora vá se trocar e jogue logo essa farda fora — Romeo terminou de esclarecer e logo após foi se juntar a Light enquanto murmurou comparando True com uma pedra quando estava dormindo.

O garoto, que agora estava totalmente acordado, foi se trocar. Ele estava faminto, aqueles treinamentos, apesar de não usar muito esforço físico, eram muito desgastantes mentalmente.

Após True ter colocado a roupa que ganhara, juntou-se aos outros para fazer o jejum. Assim que terminaram, guardaram as roupas de cama no pequeno guarda-roupa que ficava em um corredor estreito perto de onde dormiram.

Bom, agora que está tudo em ordem vamos seguir viagem, lembrando que será a pé, pois não temos carro e mesmo que tivéssemos poderíamos ser barrados se passasse algum soldado, o que estragaria tudo. Ontem tivemos muita sorte de não sermos seguidos no meio de toda aquela confusão.

Para onde vamos?

Não acha que aqui é o nosso esconderijo, acha? Temos uma base aqui na América do Sul e ela é bem maior que isso, tem muitas pessoas que nos ajudam com algumas tarefas. Quando chegarmos à base, mostrarei cada canto dela — prometeu Light, explicando tudo sempre com muita calma e um sorriso no rosto.

True deu de ombros e se adiantou subindo as escadas, seguido por Romeo e por último Light que tampava a passagem que levava ao subsolo.

Eles começaram a andar em direção a uma floresta fechada onde andaram pelo resto do dia. Começava a anoitecer quando alcançaram a encosta do morro que subiam. Do local onde estava, True pôde ver uma enorme cachoeira que nem imaginava que existia. Um lugar belo, ele admitia, cercado pela mata e talvez tivesse sido esse o motivo do garoto nunca ter visto ou ouvido falar sobre a cachoeira que via.

Chegamos - disse Light.

True imaginou que tinha ouvido errado. Eles estavam no meio de uma floresta contemplando uma cachoeira, não seria lá o esconderijo que Light tinha falado com tanto ânimo. Se bem que duvidava que alguém os encontrasse ali.

Como assim "chegamos"? Não vejo nada além dessa cachoeira que, na verdade, nem sabia de

sua existência.

Apenas observe, garoto - Romeo sussurrou próximo a ele.

Light ergueu uma de suas mãos e sobre ela surgiu uma luz que oscilava. True assistia a tudo sem entender, parecia que Light acenava para alguém, mas quem?

Enquanto o garoto observava o local atentamente esperando que algo acontecesse, escutou um grande estrondo. Os olhos procuravam atentamente pela origem do barulho.

Vai começar — Light avisou abaixando o braço.

Novamente, outro barulho, agora era o som de metais que pareciam vir do topo da enorme cascata. Os olhos de True se arregalaram com a cena incrível. Paredes feitas aparentemente por rigorosos metais se erguiam no topo da cachoeira, impedindo que a água caísse. Quando toda a queda d'água cessou, uma ponte feita pelo mesmo metal surgiu e cruzou a depressão alcançando o local onde True, Light e Romeo estavam.

Inacreditável! - disse o garoto maravilhado com a engenhosidade da entrada.

Você ainda não viu nada, garoto - comentou Romeo sorrindo e se lembrando da primeira vez em que viu o processo.

Light foi à frente e True o seguiu para não se perder, entrando em um túnel onde luzes se acenderam ao passarem por um detector de movimento. True, após entrar no túnel, se assustou quando a água voltou a cair e a ponte retornou ao seu ponto inicial.

O que achou? - indagou Light percebendo o espanto no rosto do garoto.

Incrível! Nunca iria imaginar que algo assim existia.

Você tem razão de não conhecer esse local, já que ele é artificial. Tudo, até mesmo a cachoeira não passa de uma obra bem planejada.

Quem é você, afinal? - O garoto se espantou ainda mais, a criação de um projeto dessa magnitude era muito complexa para ele.

Light sorriu e fez um gesto para que seguissem em frente. Após descerem vários metros em um elevador, chegaram a um túnel que parecia não ter fim. True avistou o pequeno metrô que fazia o transporte.

Entraram no vagão, e Romeo foi até a cabine para que iniciassem a trajetória. Não demorou muito para enfim avistarem a plataforma onde desceriam. True estava feliz por finalmente descansar suas pernas depois do dia de caminhada, um assento era tudo o que queria.

Assim que desceram, Light deixou para que True abrisse a porta que dava acesso à base, ele, com certeza, teria uma grande surpresa. Ao abri-la, o garoto ficou sem fôlego pelo que via. O lugar era enorme, tinha de quinze a vinte pessoas trabalhando com computadores e outros aparelhos eletrônicos, fora outras dezenas de pessoas que faziam outras tarefas que ele não reconheceu a princípio. Além do andar em que eles estavam, havia mais dois pisos onde Light o levaria como prometido.

Uma curiosidade que ele pôde notar eram as várias línguas estrangeiras que eram ouvidas no recinto. Provavelmente, as diferentes formas de comunicação era uma consequência do envio das pessoas para outros países a serviço do exército. Light deveria tê-los recrutado ao notar suas almas que emanavam fidelidade e bondade.

Assim que o líder adentrou e foi anunciada a sua chegada, todos pararam o que estavam fazendo para aplaudi-lo. Aquilo constrangia o garoto. Light era o centro das atenções e True estava bem ao lado dele, fazendo as pessoas o fitarem e se perguntarem a respeito de sua identidade.

Uma mulher levou um microfone para que Light pudesse falar algumas palavras em sua língua materna para as pessoas que o aguardavam.

É muito bom rever a todos! Já faz muitos dias que não retorno e como prometido, trouxe mais um guerreiro que nos ajudará a acabar com a ditadura! A América do Sul logo estará livre!

Houve muitos aplausos e assobios para Light quando deu as boas notícias. As pessoas pareciam ter grande afeto e fê por ele.

Onde estão meus representantes? - Light perguntou para a mulher que tinha lhe entregado o microfone.

Eles saíram hoje pela manhã e disseram que voltariam amanhã no mesmo horário, sem erros - a mulher respondeu.

Entendo. Nesse caso, True, venha comigo, quero te mostrar nossa base - Light o chamou puxando-o pelo ombro, após despedir-se da mulher. - Neste primeiro piso ficam os computadores que essas pessoas usam para atualizar o número de nossos membros e onde estão. Conseguimos usar um dos satélites para passar mensagens de uma base para a outra. Nesse exato momento estamos na capital do Rio de Janeiro, onde se encontra o atual general que comanda toda a América do Sul. Através dos túneis, por onde passamos, é possível ir para cidades vizinhas, como Niterói, facilitando nossa movimentação sem sermos vistos.

Espere - True interveio. - Você disse Niterói? Do Rio não é possível ir para Niterói a não ser por barco ou pela ponte - lembrou. - Um túnel só seria possível por baixo do mar - acrescentou, imaginando que aquilo seria impossível; no entanto, a expressão de Light e Romeo era contraditória à sua opinião.

E exatamente isso que fizemos — disse Light com seriedade. - Utilizando máquinas de perfurar túneis, semelhantes as que foram usadas no Canal da Mancha que liga a Inglaterra à França, junto às minhas habilidades e de outras almas extremamente habilidosas para esse projeto, pudemos concretizá-lo.

True nada disse, apenas manteve-se estarecido e boquiaberto. Romeo, notando a expressão, sorriu. Ele recordava de suas reações quando conheceu a engenhosa base rebelde pela primeira vez.

Eu disse que você não tinha visto nada — sorriu e fez um gesto discreto para que o garoto fechasse a boca.

Após esclarecer a dúvida do novo integrante, Light continuou a mostrar a base.

No segundo piso ficam os dormitórios, a área de alimentação e a ala médica. No terceiro, meu predileto, fica nosso arsenal e a sala de reuniões. Nossas almas não necessitam de acessórios, pois elas mesmas modelam nosso corpo fazendo ser nossa própria arma, porém há aqueles que a alma só fornece o aumento dos sentidos, fazendo com que necessitem de armas. O elevador fica bem no centro da nossa base e é através dele que podemos chegar à superfície. Nós não o usamos antes devido à nossa fuga inesperada, então se quiser subir para os outros andares, quero que use a rampa, o elevador é apenas para ir à superfície, tudo bem?

Entendido - True respondeu admirado. - Mas poderia me mostrar melhor à área de alimentação, não acha?

Light, entendendo a vontade do garoto, assentiu.

Também estou com fome, então vamos.

Depois de comerem uma ótima refeição, feita por um dos ajudantes de Light, True estava seu

olho da verdade sempre que possível e o resultado foi melhor do que na escola. Ele tinha visto várias formas de alma cada vez mais rápido. Ele estava melhorando, sabia disso.

Light, vou até a superfície dar uma volta, quero sentir o ritmo da cidade de novo - avisou Romeo. Ao mesmo tempo em que gostava do silêncio, adorava a agitação das grandes cidades.

Vou mostrar a ele um pouco mais da nossa base, nos encontramos mais tarde.

Até mais, garoto.

True se despediu do amigo e achou interessante o comportamento de Romeo ao se despedir dele, parecia que não guardava nenhum rancor.

Romeo pegou o elevador que o levou até a superfície. Os barulhos dos carros, as pessoas correndo cada uma para o seu local de destino, os restaurantes cheios de pessoas que almoçavam; tudo aquilo o lembrava dos velhos tempos antes da ditadura. As pessoas agora corriam não porque podiam chegar atrasadas e perder seus empregos, mas, sim, porque podiam perder suas vidas por desobediência ao Estado. Os carros, a maioria deles, ao invés de serem de moradores que iam planejar uma ida a algum lugar em especial para se divertirem, eram dos soldados fazendo patrulha para ver se tudo estava em perfeita ordem. Apesar das várias pessoas que passavam pelas ruas, não havia os velhos murmúrios das pessoas conversando ou uma explosão repentina de risadas. Todos andavam rapidamente, temerosos com o que podia lhes acontecer e sem qualquer interesse pelos outros que passavam à sua volta.

A capital era bem mais vigiada do que as cidades menores, Romeo sabia que devia tomar cuidado, mas isso não o intimidava. Andou até achar uma biblioteca onde os estudantes passavam a maior parte do tempo, já que a internet fora extinta, faziam suas pesquisas em outro lugar. O governo as criara em lugares estratégicos, onde se localizava mais soldados para vigiar. Já que a porta da frente estava fortemente vigiada e, mesmo que não estivesse, ele seria barrado por não ser um estudante. Romeo entrou em um beco onde pulando de parede em parede escalou o prédio. Ele se orgulhava de sua habilidade, eram poucas as almas que possuíam tal maestria. Abrindo a porta da cobertura, desceu as escadas até abrir outra passagem onde ficavam alguns estudantes, eram poucos, pois nesse andar haviam menos livros e a maioria deles não faziam parte do que era estudado na escola do governo. Ele então foi até o fundo de um corredor onde não tinha nenhum aluno. As duas prateleiras com livros o camuflavam, a pessoa responsável pelo andar dificilmente andava entre as prateleiras para ver se algum estranho estava por lá, como a entrada era bem vigiada, ninguém se preocupava em fazer rondas.

Sentou-se e apoiou as costas na parede, fechando os olhos, aproveitando o silêncio e a tranquilidade que a biblioteca oferecia. Após alguns minutos seu silêncio foi quebrado por sons de passos. Reabrindo os olhos, procurou de onde vinha o ruído, foi quando percebeu que outra pessoa estava do outro lado da prateleira na direção em que olhava. Era uma garota, que após pegar um livro, se sentou quase em frente onde Romeo estava, a diferença era de poucos centímetros mais para a direita. Enquanto a garota lia o livro, Romeo a encarava percebendo que não era uma garota qualquer, ela era linda: tinha cabelos pretos, pele levemente bronzada, olhos castanhos, lábios pequenos, usava uma blusa preta sem manga, calça jeans e uma sandália rasteira prata. Romeo se lembrou do passado, quando tinha a idade de True, a garota era certamente o tipo de Romeo e se fosse alguns anos antes, certamente iria falar com ela, porém seu passado mostrava muitas dores e dúvidas. Aqueles pensamentos faziam ele lembrar-se da namorada que o

entregou para os soldados no bosque e da mulher, Laura Silvermoon, que o abandonou sem explicações.

Quando voltou a encarar a garota, ela o olhava nos olhos. Romeo, envergonhado, olhou para o lado oposto, esperando alguns segundos, voltou a encarar a garota do outro lado da prateleira. Ela ainda o olhava, sem saber o que queria, ele levantou e saiu o mais rápido que pôde antes que criasse falsas esperanças e ela o entregasse para o vigia do andar.

Romeo saltou do prédio, voltando ao beco que usou para se camuflar e escalar o prédio. Ainda não estava pronto para voltar à base subterrânea, a qual não apreciava.

Ele passou o resto da tarde andando e vendo a cidade para passar o tempo, sentindo a brisa que passava entre os edifícios. Então, interrompendo sua paz, viu soldados correndo na direção oposta a que andava, ele pôde ouvir que nos rádios dos soldados era transmitido um pedido de reforços para um quarteirão onde Romeo tinha acabado de passar.

A mensagem era passada na língua inglesa. Os soldados que cuidavam do Brasil sabiam falar português, mas entre eles falavam a língua oficial que o ditador adotou, assim facilitava o entendimento entre eles, já que, aparentemente, não eram de uma única nação.

Romeo podia chegar ao local facilmente, não era tão longe; na verdade, nada era longe quando se podia correr como o vento, outra habilidade que Romeo se orgulhava em ter. Aproveitando a desordem dos soldados, rapidamente deu um jeito de subir nos prédios para chegar ao local mais rápido. Pelo alto, conseguia vê-los chegando de todas as direções, quando avistou uma roda que se formava no centro da rua de onde chegavam mais e mais soldados.

Romeo alcançou um prédio maior para ver o que acontecia exatamente, foi quando se admirou. A garota que tinha visto na biblioteca estava enfrentando os soldados um a um e, para a sua surpresa, ela tinha garras que se assemelhavam as dele. Sem pensar uma segunda vez, desceu do edifício e foi ajudar a garota.

A garota reparou quando os soldados voltaram sua atenção para alguma coisa fora do círculo que se formou ao seu redor. Neste momento, avistou Romeo abater alguns soldados e ir ao seu encontro, cobrindo sua retaguarda.

Precisa de ajuda? - Romeo se ofereceu.

Eles são muitos!

As palavras pareceram um sim para ele, que reparou, mesmo naquela situação, como a voz da garota era doce.

Os reforços vão continuar a chegar, estamos com sorte que esses soldados usam armas corpo a corpo, mais cedo ou mais tarde eles irão perceber que são inúteis e mandarão soldados especializados em longo alcance.

O que sugere?

Apenas me siga, vou abrir uma passagem e depois vamos até um beco que leva a um setor de residências, nele tem muitas árvores que podemos nos esconder. Confie e tudo dará certo.

Sem escolha, a garota apenas assentiu.

As residências eram dadas apenas aos soldados e civis que tinham mérito e eram de extrema confiança do exército, as outras pessoas eram confinadas nos dormitórios para que fossem vigiadas vinte e quatro horas por dia.

Esperando pelo momento certo, Romeo e a garota lutavam bravamente contra os numerosos soldados. Ele percebeu que sua velocidade estava ficando cada vez maior e o trabalho em dupla,

apesar de nunca tê-la visto, era incrível, eles pareciam desfrutar de uma só mente sabendo exatamente o que o outro ia fazer.

Com suas habilidades melhoradas, foi fácil para Romeo achar uma brecha. Sabendo a hora certa, forçou os pés contra o chão para que tomasse impulso e empurrasse uma boa quantidade de soldados. Quando investiu no primeiro, perdeu o equilíbrio e esbarrou em mais dois que caíram, levando mais um que tinha acabado de chegar, abrindo-se uma passagem que Romeo e a garota usaram para fugir.

Correram o mais rápido que puderam para o beco que Romeo descrevera, pulando pelos muros das casas até chegarem às árvores que estavam exatamente onde Romeo tinha dito que estaria. Ambos eram muito rápidos e os soldados não puderam acompanhá-los. Respirando forte, os dois se acalmavam pouco a pouco nos galhos fortes da grande árvore que usaram como esconderijo. A garota reparou que o homem que tinha lhe ajudado possuía uma mão em forma de garra assim como a dela. Sem agüentar mais a curiosidade, perguntou:

Você também possui a alma do lobo, não possui?

Também? - Romeo franziu o cenho.

Eu e minha família somos todos portadores da alma do lobo. Estamos à procura da organização rebelde, existem boatos de que eles estavam por aqui, na capital do Rio de Janeiro. Como você me salvou, não deve ser do exército e acho que te devo um voto de confiança.

Romeo sorriu. Pensando no que tinha feito e pela sorte que a garota tivera.

Você está com sorte hoje, garota, eu também tenho a alma do lobo e não só conheço a organização como faço parte dela. Posso te contar isso porque tenho certeza que não é uma armadilha do exército, como vi a ativação da sua alma, sei que você é *pura*.

Não acredito! Finalmente achei vocês! Minha família vai ficar contente em saber que achamos a organização. Todos nós sabemos sincronizar nossas almas e queremos fazer parte dela para libertar a América do Sul. Sabia quando te vi na biblioteca, tinha certeza de que você era um portador do lobo!

Tenho certeza de que temos vagas para você e sua família. Mas como sabia da forma da minha alma?

Bem, quando portadores do lobo estão acompanhados, eles ficam mais fortes e velozes, além disso, você tem cara que é um.

Romeo não entendeu como podia ter um padrão para as pessoas portadoras da alma de lobo. Talvez o cabelo que batia em seu ombro o entregava. O cabelo da garota também não era curto, batia aproximadamente na metade das costas.

Meu nome é John Strongheart, mas pode me chamar de Romeo.

Romeo? E o mesmo nome de um antigo membro de nossa família. Meu nome é Aline, Aline Silvermoon.

O sobrenome da garota machucou Romeo como se enfiasse uma faca em seu peito. Silvermoon, a família dos portadores do lobo. Ele se perguntava várias vezes porque não tinha pensado naquela possibilidade, ele estava ficando descontrolado, os sentimentos ruins estavam voltando, as dúvidas.

Encontre-me na cobertura do prédio da biblioteca, aonde nos vimos mais cedo, você e sua família, amanhã, ao meio-dia.

Antes que ela pudesse responder, Romeo saiu correndo desesperado para a base rebelde antes

que os pensamentos o controlassem.

Capítulo 9

Os fantasmas do passado

Enquanto Romeo estava fora, Light mostrava cada canto da imensa base para True. Os olhos do garoto brilhavam cada vez mais, ele nunca imaginava uma base que era quase uma cidade em miniatura embaixo de outra cidade. Ficava ainda mais empolgado só de saber que ninguém da superfície sabia da existência da base. Light passou boa parte da tarde respondendo às curiosas perguntas do garoto.

Então o ar vem por esses dutos que são ligados à superfície, fazendo com que ele circule. - Light respondia à última pergunta que True tinha em mente sobre a circulação do ar dentro da base a vários metros da superfície. — Estou ficando cansado, acho que já te mostrei tudo o que tinha para mostrar. Com a prática, você vai saber andar aqui tranquilamente.

Quer saber quem projetou toda esta base.

Esta fui eu - disse com um sorriso que descrevia seu orgulho. - Pelo meu sobrenome você rapidamente saberá. Meu nome é Light Adam.

Adam! E mesmo, aquela famosa família que construiu grandes bases militares e abrigos subterrâneos nos Estados Unidos? Como não imaginei isso antes!

True se lembrava das aulas de economia na qual tinha ouvido a respeito da empresa multinacional, corporações Adam. Ela se destacava, pois quando o exército tomou conta de suas ações, a empresa já estava falida. Um golpe feito pelos antigos donos, dessa forma, hoje o exército não sabia suas localizações, assim retiraram todo o dinheiro antes que o Führer desse a ordem para tomá-lo. A construtora era muita requisitada, em especial, para fins militares e para o governo em geral, pela sua eficiência e precisão nas datas de entrega.

Essa mesma — disse Light sem conseguir conter uma risada.

Enquanto as surpresas sobre a base da organização não cessavam para True, a conversa foi interrompida quando um dos membros da organização gritava ao encontro do líder.

Senhor Adam! Senhor Adam!

O que está acontecendo? - Light não entendia o motivo do desespero.

É o Romeo, Senhor. Ele acabou de voltar da superfície e assim que saiu do elevador, despencou no chão e apenas grita para que chame o senhor.

Sem saber o que teria acontecido com o amigo, Light e, em seguida, True correram até o centro da base onde ficava o elevador. Quanto mais chegavam perto do local, escutavam cada vez mais altos os gritos de Romeo:

Chamem o Light!

Chegando ao centro da base onde estava Romeo, que gritava sem cessar, Light, ao invés de descer as rampas, jogou-se do primeiro andar até o local onde o amigo estava. True dava a volta pela rampa quando via atentamente o que Light fazia antes que pudesse bater com o corpo contra chão, ele empurrou a mão em direção ao solo fazendo um pequeno redemoinho que amorteceu a queda. True pensava em quantas habilidades Light possuía que ele ainda não tivesse visto.

O que aconteceu, meu amigo? - Inúmeras possibilidades passaram na mente de Light, ainda zozno com tudo aquilo.

Rápido, Light, eu quero que me faça dormir! Se eu não apagar agora, os pensamentos podem

dominar minha mente!

Isso é perigoso, dependendo do corpo pode sofrer danos.

Faça agora!

Light, ignorando todos os sentimentos que poderiam atrapalhá-lo, mirou o dedo indicador e o mediano em direção à testa de Romeo enquanto a outra mão o apoiava no colo, fazendo algum tipo de prece, criou-se um pequeno raio que percorreu todo o corpo de Romeo fazendo-o desfalecer. Uma técnica que só era possível se houvesse a vontade da pessoa em adormecer.

True, chegando perto para ver o que tinha acontecido, viu Romeo desmaiado e Light pensativo.

O que houve?

Acredito que... Os fantasmas do passado de Romeo voltaram para assombrá-lo.

O garoto sabia sobre o que Light queria dizer. Os Silvermoon estavam no Rio de Janeiro.

Levem-no para a ala hospitalar imediatamente! - Light deu a ordem para que alguns dos espectadores agissem.

Eram cerca de 1h da madrugada do dia seguinte quando Romeo abriu os olhos. Ele olhava em volta para saber onde estava e viu True na cama ao lado e Light em pé, esperando por seu despertar.

Obrigado, Light. Se não me fizesse parar de pensar não sei se resistiria.

Romeo deve estar se referindo a cair pela segunda vez — imaginou True.

Você os viu, não foi? A família Silvermoon?

Sim, e você nem sabe a maior novidade - Romeo abriu o sorriso irônico. - A família inteira quer se unir a nós - disse cuspidando as palavras.

True deu um salto da cama sem acreditar no que aquela família estava pensando. Por um momento, professor e aluno se entreolharam atônitos.

-Acalmem-se, me deixem explicar... - Romeo interveio e começou a informar tudo o que havia feito no período em que esteve ausente no dia anterior, o que fez Light ficar cada vez mais preocupado com a situação do amigo.

Se quiser não precisamos aceitá-los na organização - ele propôs.

Não, eu quero que eles entrem - respondeu Romeo, e True se surpreendeu com a resposta. - Eles têm a garota que te contei, ela luta muito bem. Só precisa ter mais experiências de batalha.

Romeo, sabe o que isso pode fazer com você, não sabe?

Estou ciente. Quase *caí* há poucas horas. Mas agora que sei o que vou encontrar, posso me controlar melhor.

Tudo bem. Amanhã ao meio-dia vamos, nós três, ao local marcado.

Romeo apenas virou para o lado e voltou a dormir, imaginando que não teria mais nenhum pesadelo.

Tem certeza disso, Light? - True estava preocupado depois da cena que presenciou.

Não tenho, mas é o desejo dele.

O sol nasceu, porém na base não chegava a luz solar, as pessoas tinham que se orientar pelo relógio para saber se era dia ou noite. True estava dormindo em seu quarto quando ouviu vozes altas e muita agitação, perguntando-se o que estava acontecendo. As lembranças do dia anterior foram tomando sua mente, se lembrando da cena de Romeo gritando.

Seria ele outra vez? - pensou agora agitado. Levantou-se e vestiu a roupa que Romeo tinha lhe dado.

O garoto correu se guiando pelas vozes de sotaques incomuns que se misturavam. Uma era extremamente grave predominava sobre a outra alta, porém mais aguda. Ambas não se pareciam nada com a de Romeo, mas se não era ele, True não tinha idéia de quem pudesse ser. Quando virou para a esquerda na encruzilhada dos corredores, esbarrou em cheio com alguém, fazendo-o cair ao chão botando a mão sobre o nariz que estava doendo pelo baque.

Por que esse moleque não olha por onde anda! - A voz era alta, mas era de uma mulher. True olhou para encará-la e o corpo dele gelou quando a avaliou. Sua expressão era hostil, além dela ter no mínimo 1,80m de altura.

Acalme-se, irmã. O garoto não viu que você estava aí - disse um homem que mais parecia um urso de tão grande. Ele chegava a ter quase 2m de altura, seu corpo parecia extremamente forte, qualquer um podia notar isso só de olhar para o tamanho dos músculos. A voz era grave e o garoto percebeu que era ele quem falava há pouco tempo.

Calma? Esse garoto não devia andar por aí tropeçando nas pessoas.

Light estava rindo com toda a situação e, antes que aquilo ficasse pior para True, explicou:

Tudo bem, ele é o garoto de quem falei. O proprietário da alma de Tao. True, estes dois são os substitutos que ficaram cuidando da base enquanto estive fora. A mulher se chama Acauã que significa "Ave que come as serpentes" e esse "monstro", seu irmão gêmeo, se chama Piatã que significa "Forte, Vigoroso".

True percebeu que Piatã ria com a piada que Light tinha feito sobre ele ser "monstro". O homem parecia ter mais senso de humor que a irmã.

São nomes estranhos — True criticou.

A mulher encarou True nos olhos e apontou a pistola, presa ao cinto em direção ao rosto do garoto.

Quem tem nome estranho aqui? — Dava-se para ver uma veia subir na testa da mulher de cabelos amarrados e escuros como a noite.

Light, essa mulher é louca! — gritou True enquanto levantava as mãos para o alto.

True via Piatã e Light gargalharem enquanto ele pensava que ia morrer.

Após Acauã se acalmar, eles foram até a área de alimentação para fazer o desjejum. Enquanto comiam, Light explicou mais sobre os irmãos. Eles eram indígenas, por isso os nomes tão incomuns. Light tinha pedido para que True usasse o *olho da verdade* para checar como a habilidade tinha evoluído. True, obedecendo, olhou para os dois irmãos nos olhos e desta vez não demorou nem dois segundos para ele conseguir ver a alma da mulher que era de uma águia; depois olhou a do irmão e verificou que era de um urso. Ele não se admirou em saber que a alma de Piatã era de um urso. Light deu os parabéns pela evolução da habilidade e logo começou a explicação sobre aqueles tipos de almas.

A águia dá ao usuário grandes melhorias no sentido da visão, além de fornecer certo equilíbrio nos movimentos, porém aquele tipo de alma não fornecia uma arma específica como a do Tao, que materializava a luva no braço direito e a garra da mão esquerda. Graças a essa grande habilidade com a visão e equilíbrio, Acauã adotou armas de fogo como suas armas de batalha, fazendo com que ela dificilmente errasse um tiro que é sempre destinado em pontos vitais. - True se lembrou de quando ela mirou a pistola na cabeça dele, agradecendo por não saber daquilo

naquela hora. - A do urso garante grandes defesas físicas ao Piatã, capaz de resistir a grandes danos.

True se maravilhava com as habilidades dos companheiros e também agradecia por eles serem aliados. Light, pondo um fim à alegria de True, disse que Acauã seria sua professora para o treinamento e Piatã seu adversário.

Romeo já tinha acordado e se juntou a eles para o desjejum. Os irmãos sabiam de toda história de Romeo, então também estavam cientes dos perigos que a família Silvermoon podia oferecer a ele.

O tempo passou e quando estava perto das 11h, Light ordenou que Acauã e Piatã ficassem cuidando da base até ele voltar. True esperava Romeo para que fossem para a superfície. Light dava as últimas instruções aos irmãos quando True o chamou dizendo que Romeo já estava pronto. Eles entraram no elevador que possuía espaço de sobra para os três.

O pequeno grupo chegou ao local de encontro quinze minutos adiantado da hora marcada para o encontro, fizeram isso propositalmente para que Romeo se preparasse psicologicamente para o encontro.

Romeo!

Ele olhou para frente e avistou Aline e mais duas pessoas que a seguiam. Romeo ficou na frente enquanto True junto a Light cobriam a retaguarda, caso ele enlouquecesse, True iria segurá-lo, apesar de não saber se conseguiria superar a força de Romeo, enquanto Light usaria a mesma técnica que tinha usado no dia anterior.

A garota foi à frente, deixando os outros dois membros de sua família para trás.

Bom tarde, Romeo. Estes são Laura e Edgar Silvermoon. - O coração de Romeo recebeu uma pontada de dor quando falou de Laura, seu corpo estava tenso e o calor o deixava inquieto.

Boa tarde, Aline. Eu quero te apresentar o criador da nossa organização: Light Adam. E a nossa alma mais rara: True Constantine, o Taiji.

True corou um pouco quando foi dito que era a alma mais rara, se sentindo especial, e de fato, ele era.

E um prazer conhecê-los. - Light e True apenas assentiram com a cabeça.

Não sabia que você tinha uma organização, Light, nem que você era da família Adam — Laura disse interrompendo Aline.

True deu uma boa olhada em Laura, ela parecia o par perfeito para Romeo. Os dois tinham quase a mesma altura, cerca de 1,76m. Ambos possuíam a mesma postura e seriedade. A diferença entre os dois era apenas no cabelo. Laura tinha um cabelo mais comprido, liso e moreno. A pele, assim como a de Romeo, era clara o que a diferenciava dos outros membros da família.

Você os conhece, Laura? - Edgar agora se intrometeu. Ele parecia um anão, deveria ter 1,40m de altura, mas parecia bastante forte, a barba grisalha que chegava ao peito dizia que ele deveria ter cerca de 70 anos. Além de usar um tapa-olho no olho esquerdo.

Sim, eu os conheci quando era mais jovem. - Os três estavam atentos sobre como exatamente ela diria que conhecia Romeo. - Eles estavam viajando e passaram algumas noites hospedados em minha casa, mas, na época, o garoto não estava com eles.

Romeo fechou o punho, mas logo se acalmou. Eles precisavam de força ofensiva, não podiam perder a chance de fazer uma aliança com a família Silvermoon.

Eu me lembro dos seus pais, Laura. Onde eles estão neste momento? - Light retrucou.

Nós os perdemos em uma batalha. O general descobriu sobre nós, sabíamos que não podíamos com eles, então meus pais se ofereceram para servirem de isca para que o resto da família fugisse. Por isso precisamos de ajuda, sozinhos não somos nada contra aquela aberração!

Aline... - Romeo disse para que a conversa voltasse para os dois — que grau de parentesco você tem com eles?

Light entendeu onde Romeo queria chegar. Caso Aline fosse filha de Laura com Edgar, ele tinha certeza que Romeo atacaria os dois.

Na verdade... - Aline começou. - Eles não têm nenhum grau de parentesco comigo. Edgar era dono de um orfanato onde eu morava, com o começo da ditadura, nós fomos expulsos do orfanato e seríamos mandados, no meu caso, para uma idosa me criar, e Edgar iria prestar serviços para o exército. Os membros da família Silvermoon não são necessariamente parentes de sangue, e sim parentes de alma. Se você for proprietário do lobo, pode fazer parte da família. Nós não temos o *olho* para ver as almas assim como os possesores da alma do anjo, mas temos um instinto que nos faz reconhecer apenas os de mesma raça.

Romeo perdeu esse instinto por já ter *caído* uma vez.

Eu sei disso — Romeo disse com um sorriso no canto da boca. — Eu sei porque meu nome é Romeo Silvermoon.

A atmosfera ficou pesada naquele instante. Laura encarou Romeo nos olhos, ela queria saber até onde ele pretendia ir. Light tinha se enganado com o propósito de Romeo, era óbvio que Aline não era filha de Edgar e de Laura; afinal, Laura era um ano mais velha que Romeo e Aline parecia ter no mínimo 18 anos. Seu objetivo era saber até que ponto Laura teria contado sobre eles.

Qual é a sua idade, Aline? - Light perguntou apenas para se certificar de suas teorias.

Vinte e um, mas vou fazer 22, no fim do ano, senhor.

Sem "senhor", apenas Light — ele cobrava o título apenas para seus ajudantes, para aqueles que lutavam ao seu lado nas batalhas só bastava que o chamassem pelo primeiro nome.

Tenho 22, mas completei no começo do ano. Sabe por que sua família sabe sobre tudo isso, Aline? - Romeo estava gostando de estar no comando da conversa, ele encarou Laura para ver a expressão em seu rosto. — No período que passamos na casa dos pais de Laura, Light ensinou a mim e a eles tudo o que sabia, e agora estamos colhendo o fruto disso, somos companheiros de batalha - disse respondendo à própria pergunta.

Aline encarou Laura para saber se a informação era verdadeira. Laura assentiu sem hesitar, mas se perguntava o motivo do ex-marido não ter contado o verdadeiro passado deles.

Se você é um Silvermoon, somos parentes? - Aline agora estava confusa sem saber onde Romeo se encaixava na família.

Romeo estava gostando do rumo que a conversa ia tomando, colocando cada vez mais Laura contra a parede, então ele respondeu a pergunta:

Eu era casado com uma mulher de sua família, mas com a ditadura nos separamos e recentemente soube que ela faleceu — mentiu, preferindo ocultar quem verdadeiramente era sua esposa. - Você deve saber sobre o ritual de casamento. Foi por isso que meu nome mudou de John Strongheart para Romeo Silvermoon.

"*Agora tudo faz sentido*" - Aline pensava consigo mesma, mas ela quis voltar à proposta que fez

surgir aquele encontro.

Light, quero saber sua resposta sobre nos unirmos à sua organização. Não temos nenhum pertence, apenas as roupas que usamos, então podemos partir neste momento.

Light encarou os outros dois companheiros para saber suas opiniões, True deu de ombros e Romeo assentiu.

Vocês têm minha aprovação, venham conosco.

Capítulo 10

Experiência e poder

Light teve que repetir todo o processo que fez com True com os novos membros da organização, tirando alguns detalhes que eles não tinham curiosidade assim como o garoto. Romeo foi falar com os irmãos indígenas para saber se teve alguma novidade enquanto estiveram fora. True estava entediado. Todos estavam ocupados e logo ele também estaria, o que o deixava ansioso.

O silêncio foi quebrado com a voz de Light pedindo para que todos os membros de guerra comparecessem à sala de reuniões, eram eles: True, Light, Romeo, Acauã, Piatã, Aline, Laura e Edgar. Apesar de serem apenas oito pessoas, tinham habilidades incríveis, além de serem as únicas esperanças da América do Sul.

True não lembrava exatamente onde era a sala de reuniões, sabia que ficava no terceiro andar e as portas eram grandes de cor vermelha. Ele tinha certeza de que assim que chegasse ao andar, acharia a sala em poucos minutos.

Assim como havia previsto, não foi complicado chegar à sala de reuniões, porém foi o último a chegar. Envergonhado, escolheu uma cadeira e se sentou. A imensa mesa retangular tinha sobre ela um mapa da América do Sul e, em especial, o mapa do Rio de Janeiro ampliado e bem detalhado. Com todos presentes, Light pode começar:

- Agora que temos força suficiente para atacar a base onde o general se encontra, explicarei como será feita a invasão. Já faz algum tempo que venho elaborando esse plano e com a união da família Silvermoon será muito mais fácil colocá-lo em prática. O quartel se localiza na antiga Ilha Fiscal, como era chamada a ilha antes do início da ditadura, o local é relativamente pequeno tendo apenas dois pavimentos, sendo que o superior é ainda menor, onde se encontra o aposento do Tenente-coronel. A única maneira de se chegar à base é usando as barcas, apenas com uma rara exceção, quando estão em manutenção, a travessia é feita em um ônibus por uma única passagem. A entrada é fortemente vigiada e, ao ancorar, existe um pequeno pátio onde se encontram vários soldados.

E como vamos fazer para chegar à base sem sermos percebidos? — Piatã perguntou.

Através da ponte Rio-Niterói, por onde são transportados os presos para que o próprio general decida o destino deles. Sabendo dessa informação, eu, True, Romeo e Aline fingiremos ser soldados que estarão transportando vocês para a base militar. Um detalhe importante é que há uma grande chance de os soldados detectarem as almas *puras*, então preciso que diminuam o máximo sua sincronização. Como eles não possuem o *olho da verdade*, será fácil passar por eles. True não precisará se preocupar com isso, como é metade *caído*, os soldados não desconfiarão de nada.

Light havia explicado a todos sobre o caso especial da alma de True. Apesar de não ter sido aceito de primeira impressão, eles confiavam em Light a ponto de irem contra seus próprios julgamentos. Além disso, o objetivo da organização também era de ajudar os *caídos* a se tornarem *puros*, então não podiam se prender a preconceitos.

Usaremos nosso túnel para chegar à Niterói e esperando por nós estarão veículos similares aos que são usados pelo exército. Se passarmos despercebidos, quando chegarmos à base, simularemos a seguinte cena: Acauã, Piatã, Laura e Edgar, que serão os presos, vão se soltar das

algemas e começarão o ataque fingindo resistência. Com toda a atenção voltada para vocês, eu, True, Romeo e Aline iremos procurar pelo general, porém preciso que alguém fique responsável pela Tenente-coronel.

Eu cuido dela! - True disse com voz confiante e estava feliz por ter uma chance de salvar Esmeralda.

Por um breve momento, todos fitaram o jovem e novo membro de guerra se pronunciar.

Muito bem, problema resolvido.

Finalmente esse garoto falou como um homem. — Acauã tinha interesse pelo garoto, mas não queria demonstrar.

Continuando, com True segurando Esmeralda, o caminho estará livre para o general. Eu, Aline e Romeo iremos enfrentá-lo. Como não posso usar habilidades ofensivas, usarei o máximo de habilidades possíveis para ajudá-los a vencer. Todos de acordo?

Os membros concordaram com o plano sem terem nenhuma objeção.

Agora os preparativos. Acauã e Piatã ficarão responsáveis pelo treinamento de True. Romeo avaliou Aline e acha que ela pode ser de bom uso na batalha. Ele passará seus conhecimentos para ela. Laura e Edgar têm os mesmos conhecimentos que eu e Romeo, então Laura me ajudará a encontrar possíveis falhas no plano enquanto Edgar ficará avaliando o desenvolvimento do treinamento de Aline e True. Agora que todos já têm suas ordens estão dispensados.

True suspirou aliviado. Ele pensou que Light o impediria por ainda conhecer muito pouco sobre as almas. Também não podia negar que sentia certo temor, nunca tinha travado uma batalha tão grande como aquela, mas sua determinação em salvar a colega era maior que seu medo.

Vamos, garoto, temos muita coisa para fazer — Acauã ordenou.

Aline, nós podemos ir? — convidou Romeo.

Aline e Romeo se dirigiam para a área de treinamento número 2. Nela haviam vários obstáculos para se escalar. Era como uma pequena cidade em miniatura.

Aline, o exercício é bem simples, ao meu sinal, cada um de nós se esconderá pelas casas e tentará encontrar um ao outro. O objetivo é encontrar o oponente primeiro e vencê-lo ou imobilizá-lo. A medida que formos treinando, vou te apresentar seus erros. Se eu te derrotar ou te imobilizar, você perde e a gente começa de novo.

Mas e se eu te derrotar? - Aline teve um pouco de dúvida, mas tinha idéia da resposta.

Então não será mais necessário esse treinamento.

Cada um foi para um extremo da quadra que era usada como simulação de uma cidade. Romeo deu um longo assobio que significava o início do treinamento. Aline pôde ouvir com clareza e logo correu entre os becos estreitos para se esconder. Apesar de ser apenas uma simulação, o coração da garota palpitava rapidamente com o suspense da prova. Andando devagar, viu um vulto passar pelo outro corredor por onde ia, se encheu de esperança pensando que Romeo tinha passado por ali e ainda estaria de costas para ela. Confiante, foi até onde ela pensava que seu oponente estaria quando uma mão passou pelo seu pescoço fazendo-a congelar.

Isca pode ser uma ótima tática para você capturar seu inimigo. Depois de tê-la localizado, apenas tive que atrair sua atenção, fazendo acreditar que você estava no comando, quando, na verdade, eu tinha escalado a casa e vindo te prender por trás - enquanto explicava ele colocava a sua garraafiada perto da garganta da garota, fazendo-a permanecer imóvel. — Vamos recomeçar.

Romeo assobiou novamente para que começassem. Aline agora teve a idéia de subir no telhado das pequenas casas; com a altura, ela poderia ver por onde Romeo se movia. Ela pulava de casa em casa olhando cada rua tentando localizá-lo. Quando foi pular para uma casa onde a distância não era tão grande como as outras, olhava para a direita tentando ver algum movimento, nesse instante, Romeo puxou uma das pernas da garota que estava com a guarda baixa. Ela se assustou pensando que o chão tinha desaparecido. Romeo a puxou tão rápido que ela mal pode ver onde tinha parado.

A idéia de usar o telhado para me localizar foi muito boa, mas como eu sabia de sua existência, foi fácil te encontrar apenas olhando para cima. Não desista e lembre-se: o medo não é um sentimento ruim, ele a deixa alerta e vencendo-o, você ficará mais forte.

O exercício foi repetido diversas vezes e Aline sempre era pega pelo seu instrutor. Tentava de diversos modos, mas Romeo sempre estava um passo à frente dela. Cansada de sempre fracassar, resolveu bolar um plano que garantisse sua vitória de uma vez, mas, para isso, precisava testar suas teorias.

Eles fizeram o exercício mais duas vezes e percebendo que Aline estava cansada, Romeo perguntou se queria que fizessem um intervalo.

Não... Eu estou bem... Além disso... Esta será a última vez! - Aline disse confiante, com a voz que demonstrava seu cansaço, enquanto encarava o instrutor nos olhos.

Romeo surpreendeu-se com a atitude da aluna, queria poder saber que planos ela teria feito para capturá-lo. E ele sabia que em breve descobriria.

Aline estava na posição inicial para começar o exercício e Romeo na sua. Quando foi soado o sinal, Aline disparou para pôr em prática seu plano. Romeo andava calmamente entre as miniaturas de casas enquanto procurava pela garota, olhando por cada rua estreita, atento a qualquer movimento. Depois de andar por alguns minutos, viu um vulto e concluiu que seria a garota, ele, para pegá-la de surpresa, foi pelo telhado, seguindo-a para ver aonde ia. Aline tinha parado em uma encruzilhada e ficou com as costas na parede, checando se Romeo não vinha por nenhum dos lados.

Ela não tem jeito — Romeo murmurou para si enquanto se preparava para surpreender a aluna. A garota no último segundo entrou na rua e correu até uma casa. "Que sorte" - pensou ele, por ela ter saído do local no momento em que ele ia prendê-la.

Ela apenas tinha adiado o fim daquela partida, ele só teria que segui-la por dentro da casa e tudo acabaria. Seguindo a garota, viu que tinha entrado em uma casa de apenas um pavimento, que mais parecia um toca de tão pequena. Ele com cuidado procurava pela aluna à medida que entrava. Foi quando foi surpreendido por Aline que estava nas suas costas com a garra bem próxima ao seu pescoço.

Parabéns! Agora poderia dizer como bolou tudo isso? - o professor elogiou a aluna que finalmente tinha passado no teste.

Nas últimas duas partidas eu pensei em um plano, mas para colocá-lo em prática teria que testar minhas teorias antes, e foi isso o que fiz. Primeiro, tinha que ter certeza de que você me seguiria; segundo, precisava achar um local para me esconder e atingir sua guarda baixa. Essas casas menores têm portas que eu posso facilmente escalar e ficar em cima delas sem que alguém me veja, confirmando essas teorias, foi fácil trazê-lo aqui e o surpreender como fez comigo na primeira vez que fizemos esse exercício.

Entendo, acho que te subestimei - Romeo disse com um sorriso no rosto.

A aluna soltou o professor e deu um longo abraço nele, enquanto Romeo falava que iriam passar para a segunda e última fase do treinamento.

Edgar chegou ao local de treinamento onde Aline estava e se sentou distante para que nem ela nem Romeo percebessem sua presença, pois isso poderia atrapalhar a concentração deles no treinamento.

Romeo e Aline concordaram que antes de começarem a última parte do treinamento fariam uma pausa para retomar as energias. Romeo, sabendo que Aline estava exausta, propôs irem até a área de alimentação para buscarem algo para comer. Aline concordou e agradeceu pela gentileza.

Os dois foram para a área de treinamento de número 1, junto com Edgar, que ainda preferia ficar oculto. O local não tinha obstáculos como os outros, era apenas uma área para treinar combate corpo a corpo, o chão era forrado por colchões que amorteciam as quedas caso houvesse. Romeo tinha achado de comer e Aline terminava de beber o suco que Romeo trouxera para ela. Enquanto isso, Romeo encarava Aline, admirado pela sua beleza e também por sua personalidade. Conversaram bastante durante o intervalo, e ele descobriu que tinham muitas coisas em comum além de possuírem o mesmo tipo de alma, o que era normal devido à alma tomar forma dependendo da personalidade. Ele sentia que estava nascendo uma nova esperança em seu coração, talvez aquela garota devolvesse o *mundo* para ele. Depois de se recuperarem, Romeo anunciou a nova etapa do treino:

Essa última parte é mais simples do que o treino de antes. Vamos lutar um contra o outro, quando ver que possui alguma dificuldade, vou te ensinar como melhorar. Começaremos sem ser uma batalha séria, você vai anunciar como vai me atacar e ao fazer, mostrarei como vou me esquivar do golpe ou como vou desarmá-lo. Quando se sentir segura de que pode lutar a sério comigo, lutaremos até que alguém saia da área dos colchões ou não consiga mais lutar. Alguma dúvida? Não. Podemos começar.

Aline começou a usar seus golpes, Romeo desviava e falava o que ela teria que fazer depois. O resto do dia foi tomado por esses exercícios, cada golpe que Aline aplicava pensando que era perfeito, Romeo mostrava os defeitos. Ela não ficava triste em saber de tantas imperfeições em seus golpes, pelo contrário, queria saber o máximo como melhorar, aumentando sua motivação.

Romeo também estava gostando do treinamento, nem via o tempo passar ao lado de Aline, sempre corrigindo a posição das mãos, dos pés, a forma certa de equilibrar o corpo. Cada vez que corrigia a postura de Aline, seu coração batia forte em estar tão perto da bela jovem. Assim que Aline aprendeu como atacar devidamente, Romeo propôs atacá-la e ela se defender, com isso poderia aprender não só a atacar como a se defender devidamente. Então começou a usar os golpes e Aline não teve muitos problemas na defesa, só teria que aprender a se equilibrar melhor depois que a força do golpe a acertava. Após alguns minutos, Aline já parecia ter melhorado significativamente e parecia segura.

Romeo, estou pronta.

Percebendo segurança em suas palavras, Romeo concordou em fazer o duelo.

A área da luta era equivalente a uma quadra de voleibol, teriam bastante espaço para se moverem. Romeo começou avançando e Aline já o esperava para desarmar seu ataque. Ela, em

seguida, devolveu com outro ataque enquanto ele se desviava facilmente. Para Edgar, que assistia ao duelo, aquilo parecia uma dança, ambos dirigiam ataques um ao outro, mas nunca conseguiam acertar. O equilíbrio do corpo dos dois era perfeito, as esquivas eram feitas no último segundo e com elegância. Quando os ataques não eram esquivados, eram defendidos e dava-se para ouvir o impacto do soco e dos chutes acertando a defesa do outro. O combate durou cerca de dez minutos, e Edgar estava ficando entediado. Porém, Aline teve o azar de pisar em um colchão que estava com pouca espuma fazendo com que seu pé afundasse. Romeo, percebendo a chance, dirigiu golpes fortes para que Aline defendesse propositalmente, fazendo com que a perna apoiada no colchão, que afundava, recebesse todo o peso dos ataques. A garota não conseguiu agüentar por muito tempo e logo sua perna dobrou facilitando para Romeo, que apenas deu o golpe final fazendo com que ela rolasse para fora da arena de colchões.

Bom duelo! Se você não tivesse tido o azar de afundar o pé no colchão, talvez fosse você a vencedora — Romeo estendeu a mão para que Aline se levantasse.

Talvez.

Edgar assistia tudo de longe, escrevendo seu relatório sobre o treinamento de Aline. Assim, Light ficaria informado dos acontecimentos enquanto estava ocupado com Laura vendo possíveis erros no plano.

Agora só restava o membro mais jovem da Ordem: True.

O equilíbrio dos opostos: o Taiji de fogo e gelo.

Acauã carregava suas pistolas enquanto seu irmão se equipava com um enorme colete e um escudo da largura de seus ombros. True, vendo aquilo, engoliu em seco ao imaginar o que o esperava. Após se equiparem devidamente, eles foram até a área de treinamento de nº 3. Ela possuía nela tinha um espaço equivalente a um campo de futebol, porém havia várias pilastras que True não entendia o motivo de estarem ali. O recinto era coberto por areia, para que exigisse uma força maior das pernas e equilíbrio devido ao terreno irregular. A areia também servia como meio de proteção, para que durante as quedas eles não sofressem um dano maior, como ocorreria se fosse em um terreno de concreto. Um pouco mais afastado, quase imperceptível devido à extensão da arena, havia um suporte para as armas, que naquele momento tinha somente um bastão, provavelmente esquecido.

— Estes pilares servirão como obstáculos. Você poderá usá-los para se esconder ou para se defender. Seu primeiro desafio será contra meu irmão. Sua tarefa será movê-lo. Parece algo simples, mas na prática você vai descobrir que pode ser algo realmente problemático, a não ser que... - Acauã apanhou a mão do garoto e apalpou os músculos do braço. — Esquece. Vai ser bem difícil para você - concluiu dando uma palmada no ombro de consolação.

Ignorando a provocação, True se dirigiu junto ao Piatã para a arena de areia enquanto Acauã ficou no perímetro de proteção de onde podia assistir e guiar o garoto durante a luta.

Ficarei de longe observando seus erros. Não se preocupe, eu irei ajudá-lo. Agora sem demora, ative sua alma! - Acauã deu a ordem.

True sem questionar ativou Taiji, fazendo o braço direito ter um aspecto avermelhado de onde se originava um vapor, os dedos da mão esquerda se alongaram e se tornaram afiados enquanto eram revestidos por uma proteção escura que se estendia por todo o braço. A metamorfose fez os irmãos hesitarem por um instante. Eles não estavam acostumados a ver almas que moldassem o próprio corpo.

Gostei dos seus braços, garoto. Agora comecem! - Assim que Acauã ordenou, Piatã fixou seu escudo na vanguarda e se concentrou em seu oponente.

O homem robusto parecia firme em seu lugar, os músculos contraídos demonstravam a força que era aplicada para que permanecesse imóvel. True, por sua vez, era tomado pelo nervosismo de sua estreia. Até então, o garoto nunca havia participado de um combate, apenas tinha trocado ameaças com aqueles que tentaram intimidá-lo no colégio. Como o interior dos dormitórios são vigiados rigorosamente durante o dia, dificilmente ocorriam brigas entre os alunos. True participou de poucas exceções, mas nada que fosse além de alguns empurrões e pontapés. Apesar do boneco de treinamento e o saco de areia com os quais estava acostumado a treinar, agora se via contra um adversário digno, que merecia toda a atenção e a qualquer instante podia revidar.

Está tudo bem, True. Siga sua intuição, eu irei guiá-lo — disse Taiji em sua mente.

Com as palavras de sua alma, o garoto se sentiu mais seguro e avaliou o oponente que deveria derrotar.

Piatã é dotado da alma do urso, a qual proporciona um vigor sobre-humano, fazendo-o ser capaz de resistir a golpes mortais. True estava ciente das características únicas de seu adversário e agora pensava se esse diferencial não era passado aos seus equipamentos de defesa, uma vez que o escudo e o colete que Piatã levava ao corpo pareciam mais rijos.

Antes de atacar, ainda restava uma dúvida em sua mente: como faria o assalto. A falta de experiência em combates e de conhecimento em relação à sua alma o deixavam praticamente desarmado. Graças a Light ele havia aprendido a usar o *olho da verdade*, pelo qual descobriu as características de seu oponente ao sincronizar sua alma. Romeo também deu algumas dicas de como se comportar em uma batalha, a primeira delas: nunca subestimar seu oponente. Mas subestimar Piatã não passou pela cabeça do novato.

— Não temos o dia todo, True! Em um combate real, seu oponente não vai esperar pelo ataque! - resmungou Acauã, e True sabia que ela estava certa, mas antes precisava ver suas opções.

O jovem rebelde fitou seus braços por um instante. O braço direito do anjo, em que se originava o vapor, não parecia muito útil. Por outro lado, a garra de sua mão esquerda, respectiva a do demônio, parecia sua única escolha em uma batalha. Os dedos que se alongaram e se tornaram afiados como o fio de uma espada eram a escolha mais óbvia naquele momento.

É hora de avançar! - True pensou e foi o que fez.

O jovem rebelde investiu escolhendo a garra de sua mão esquerda para realizar o golpe. Primeiro teria que diminuir a proteção de Piatã, foi pensando nisso que True pensou em atingir seu escudo, com a garra ele imaginava que certamente a destruiria.

True avançou em linha reta sem temer o adversário na defensiva. Acauã notou o erro do aluno, mas não o impediu. Há momentos em que as pessoas devem aprender com suas próprias experiências, e foi o que a tutora deixou que ele fizesse.

O garoto contraiu o braço envolto de *corrupção* e calculou o tempo certo para que incidisse. No entanto, antes que True encontrasse o tempo e espaço adequado, Piatã, com um sorriso, brandiu o escudo e em um movimento habilidoso atingiu o garoto na lateral do rosto, fazendo-o perder o equilíbrio por um instante e ser arremessado alguns metros para trás.

A força de Piatã era equivalente a de um urso, talvez superior, e True pôde sentir essa força em sua pele. O garoto pareceu um brinquedo arremessado por uma criança, sua face imediatamente ficou avermelhada na região do golpe e certamente ficaria dolorida no dia seguinte. Piatã era um exímio protetor, e como um, deveria saber invalidar seus oponentes e afastá-los a todo custo de seu protegido. True sabia que se Piatã quisesse, poderia tê-lo deixado inconsciente com o golpe, mas fez somente o necessário para que ele entendesse a mensagem.

Nunca vá tão confiante para seu oponente, garoto! Deve atingido quando estiver desprevenido, e não quando estiver preparado - disse Acauã.

Poderia ter avisado - murmurou o aprendiz.

Poderia, mas não surtiria o mesmo efeito. Tenho certeza de que você não cometerá esse erro novamente - retrucou.

True percebeu um leve tom de satisfação nas palavras de sua tutora e ele se perguntava se ela não estava se divertindo com tudo aquilo. Porém, como não tinha tempo de se preocupar com algo tão insignificante, ele deveria encontrar um meio melhor de alcançar seu oponente.

True investiu novamente, desta vez hesitante. Ao diminuir a distância entre eles, True parou a menos de um metro e alternou entre as direções, na tentativa de encontrar alguma falha na

defesa do oponente. Piatã percebeu a estratégia e procurou esconder o sorriso para que o garoto pensasse que estava no controle.

Assim que Piatã parou de segui-lo com os olhos, o jovem investiu e pouco contraiu o braço, dando uma importância maior em permanecer com ambos os pés próximos ao chão, para que esquivesse se fosse necessário. A garra estava a poucos centímetros de atingir o escudo quando Piatã desfez sua proteção e apanhou o braço de seu oponente pelo pulso. True esbugalhou os olhos ao ser alcançado, e antes que tentasse algo, Piatã, com seu sorriso de costume, o arremessou novamente para o outro lado da arena, caindo sobre a região onde a areia estava em maior volume.

True se levantou rapidamente, cuspidos alguns grãos de areia que adentraram em sua boca. Ele ouvia claramente a risada de Piatã que soava a alguns metros de onde estava, mas aquilo não o irritou. Ele sabia que aquele pouso poderia ter sido muito pior se seu oponente assim desejasse. Demonstrando total controle da situação, Piatã desarmou o ataque do garoto e o arremessou em um lugar escolhido.

Não deve se dirigir eufórico contra seu oponente, mas agora você recuou demais. Encontre um ponto de equilíbrio entre essas duas investidas - Acauã o ajudava.

True tomou nota mentalmente das palavras de sua tutora e se reergueu para uma nova tentativa. True, você está pensando demais! —Taiji o alertou. - Um estilo calculista não combina muito com você, ou melhor, com nós. Não pense, sinta!

O garoto estava certo que encontrara o ponto certo entre as duas velocidades, mas decidiu abandonar seu plano original. Taiji estava certo, True não gostava de ser calculista e ficar testando suas hipóteses, ele preferia agir através de seu instinto e evoluir com sua experiência.

Com esse pensamento, ele atacou.

True investiu de uma maneira incomum. À medida que avançava em uma corrida, ele penetrou as pontas de sua garra na areia de modo que o obrigasse a fazer um esforço maior para prosseguir. Os irmãos indígenas estranharam a princípio o movimento, mas logo entenderam.

Piatã posicionou seu escudo no ângulo desejado e esperou pelos últimos passos de seu oponente. Acauã assistia ao combate atenta quando viu a garra de True iniciar sua subida.

Piatã ia atingir o garoto novamente com o escudo, mas foi impedido. Quando a garra deixou a areia, avançou com uma velocidade surpreendente contra o escudo, o que criou um baque surdo que obrigou o garoto a recuar alguns passos após atingir o rijo bloqueio.

Acauã refletia sobre o movimento. True havia enterrado parte da garra para que obrigasse a usar uma força maior para avançar. Quando a garra deixou a areia, manteve a mesma aceleração que era imposta enquanto avançava sob ela, no entanto, quando deixou o terreno arenoso que exercia uma força contrária a que seguia, não havia nada que desacelerasse seu avanço, o que permitiu que toda a força que era imposta a ela fosse direcionada ao escudo. Apesar da boa tentativa, o escudo facilmente o repeliu.

True se reequilibrou rapidamente e saltou em seguida contra Piatã. Ele, ao ver a investida de seu oponente, posicionou o escudo acima dos ombros onde True incidia com sua garra. O garoto pousou e aproveitou o peso do corpo para criar uma força maior. A garra penetrou o escudo e por poucos centímetros não acertou o braço de Piatã que equipava a proteção. O indígena, vendo sua vantagem, brandiu o escudo com o objetivo de arremessar o jovem rebelde que estava com a garra presa ao escudo. True, notando o perigo, chutou o escudo para que retirasse a garra e

recuasse alguns metros.

— Muito bom, garoto! - elogiou Acauã reconhecendo o progresso, porém True não parecia satisfeito.

Ele já estava ofegante. Enquanto Piatã permanecia imóvel, ele era obrigado a correr pelo terreno de areia que exigia mais de seus músculos da perna, comparado a um lugar plano. Mas o fato que mais o perturbava era o de Piatã não ter se movido sequer um passo. O habilidoso oponente havia defendido todos os seus assaltos apenas com o movimento de seus braços, sem que derramasse uma gota de suor ou fosse obrigado a se esquivar.

Avaliava seu oponente enquanto retomava o fôlego. Quando atingiu o bloqueio de Piatã, ele pôde sentir a dureza do escudo, o que confirmava sua teoria da alma do urso estar aumentando a proteção do equipamento com sua aura. A força que usou contra o escudo havia retornado para ele, e se continuasse assim, True só se desgastaria.

Isso é difícil! - resmungou o garoto em sua mente.

Quer desistir? - indagou Taiji.

Desistir? Nunca! Só foi um comentário. Afinal, se não fosse difícil não teria graça.

E assim que se fala. Agora, se me permite a pergunta, por que não usa seu braço direito?

True interrompeu seus pensamentos e fitou seu braço respectivo ao do anjo.

Bem... Light sempre diz que alma em forma de anjo não possui habilidades ofensivas.

Talvez ele esteja certo, mas isso não se aplica a nós.

Não? — True pareceu confuso.

Com certeza não. Lembre-se, True, nós não somos um anjo porque possuíamos corrupção e também não somos um demônio porque possuímos pureza. Nós somos o equilíbrio entre eles!

Então... O que esse braço pode fazer?

Não saberemos até tentarmos, mas antes nós devemos cuidar da defesa de Piatã.

Tem razão - assentiu True, voltando a se concentrar no oponente.

A alma do urso é incrível, pode fazer alguém se tornar uma verdadeira muralha... - comentou Taiji.

Com as palavras de sua alma, um estalo veio à mente do garoto.

Espere, você disse muralha?

Sim. Algo errado?

True sorriu e sua alma pôde sentir uma onda de confiança tomar a mente e o coração do jovem aprendiz.

Taiji, procure descobrir o que esse braço direito pode fazer. Eu cuidarei de enfraquecer as defesas de Piatã.

Entendido.

Sem conseguir conter o sorriso, True deixou que ele se formasse no canto de seu rosto. O oponente, atento aos seus movimentos, notou a confiança se manifestar no garoto. Acauã assistia curiosa e tentava imaginar o que True estava tramando.

True iniciou sua corrida e Piatã manteve-se firme. No primeiro momento, tudo indicava que o garoto realizaria um ataque direto, mas não foi o que fez. Quando Piatã brandiu seu escudo, imitando o golpe anterior que usou para abater o jovem rebelde quando fez uso da mesma tática, True seguiu para esquerda, deixando seu oponente atônito ao perceber que fora enganado.

True aproveitou sua chance e fez um corte no cotovelo de Piatã, não muito profundo, apenas

deixaria uma pequena e discreta cicatriz. O oponente, sem sair do lugar, girou e tentou atingir o escudo no garoto que se esquivou por pouco em um salto. True aproveitou e fez outro corte de mesma profundidade em uma região específica do ombro, e antes que fosse atingido, cruzou os braços e esperou pelo baque inevitável.

Piatã, ao atingir True com seu escudo, o fez recuar cerca de quatro metros. Sem desviar os olhos de seu oponente, ele verificou seus ferimentos e soube que nada muito profundo ou que poderia lhe trazer riscos foi feito. Apesar do ferimento quase superficial, a região que True havia atingido causava um incômodo quando Piatã movia seu escudo. Por isso, foi obrigado a trocar seu equipamento de braço.

Acauã, com sua visão superior, estudou os ferimentos de seu irmão e concluiu que não era nada grave, mas o que a intrigava era se aquele ferimento foi feito propositalmente ou o garoto não conseguira fazer nada de maior gravidade.

True investiu novamente e repetiu o mesmo percurso, porém no lado oposto. Ele causou os mesmos cortes no outro braço e ombro e em seguida recuou ao receber o golpe de Piatã. Em um movimento involuntário, o robusto adversário intercalava o escudo entre as mãos, e foi nesse momento que True soube que sua estratégia daria certo.

O garoto simulou uma expressão de insatisfação para que seu adversário não lesse através de sua face e descobrisse que seu plano estava se concretizando. Contendo seu sorriso, True continuou a investir.

Tornozelo, a região detrás dos joelhos, os dedos e outras áreas específicas foram atingidas. Os dedos exigiram um esforço maior da parte do garoto, que precisou receber alguns golpes com o escudo e falhar em algumas tentativas até que os atingisse como queria.

True estava recuado, recuperando o fôlego enquanto fitava seu oponente que não demonstrava sentir mais nenhuma dor, mas que alternava o peso do corpo entre uma perna e outra. Piatã, antes imóvel como uma rocha, agora se mexia inquieto com os pequenos incômodos, mas nada que o fizesse dar um passo.

Taiji, tudo pronto! Algum progresso com nosso braço?— disse True à sua alma.

Não muito. Esse vapor que surge de nosso braço direito ainda me parece um mistério, mas posso afirmar algo.

True dobrou sua atenção e recuou alguns passos para que não se arriscasse.

Ela responde à nossa vontade de lutar. A garra de nosso braço esquerdo reage apenas pelo fato de estarmos em um combate, mas nosso braço respectivo ao do anjo é diferente - continuou Taiji.

Está dizendo que o braço direito vai reagir quando canalizarmos nossa determinação?

É exatamente isso. A energia pura é criada desse sentimento. Portanto, concentre toda a energia no braço direito, deixe que a vontade de seu coração se manifeste! Tenho certeza de que irá funcionar!

Ótimo, mas está esquecendo de que não sabemos o que pode acontecer. Pode surgir qualquer coisa, como a garra da mão esquerda.

True, eu não sei como explicar. Eu apenas... sei. Confia em mim?

True ficou pensativo por um instante e sorriu.

É claro que confio! Senão, era o mesmo dizer que não confio em mim.

No ínterim do diálogo de True com sua alma, Acauã o observava atentamente. Até que ela

percebeu uma mudança brusca na aura do garoto.

O que é isso? Mesmo a esta distância consigo sentir um aumento na sincronização daquele garoto... Seja lá o que ele fez, a alma está respondendo perfeitamente. O que ele estará pensando? - refletia a tutora.

True recuou o braço esquerdo e se concentrou em seu direito. Ele fitou Piatã brevemente e deixou que o sorriso se manifestasse em seu rosto.

Vamos, Taiji! — pensou True e iniciou sua corrida.

Piatã avistou a investida em linha reta e alinhou o escudo. Diferente do início do confronto, não estava confiante quanto ao lugar onde True atacaria. Nos últimos assaltos, True demonstrou se aperfeiçoar na esquiva e atacar onde não é esperado. Em apenas um combate, o garoto havia absorvido completamente o conhecimento que Acauã lhe passou em palavras.

True começou o avanço com confiança, mas assim que seu olhar encontrou o de Piatã, ele temeu que não conseguisse.

Não desvie seu olhar! — disse Taiji ao sentir o medo começar a assombrá-lo. - Olhe para frente, True! Não há nada a temer! Lembre-se de nossos objetivos! Precisamos salvar Ducey e alcançar o coração perdido de Esmeralda, e para isso, alguns obstáculos estarão em nossa frente. Piatã é apenas mais um deles, assim como subir os andares de nosso dormitório no auge da noite! Tudo o que precisamos fazer é...

Superá-los! - respondeu True, e naquele instante sua alma sentiu a confiança retornar ao garoto.

Acauã, que assistia a luta sentada de longe, foi obrigada a se levantar para acreditar no que via. Algumas faíscas saltavam do braço direito do garoto, mas logo Acauã foi obrigada a corrigir seu pensamento.

Não são faíscas, são...

Brasas! — reconheceu Piatã atônito, que agora não tinha mais dúvidas que o ataque seria direto.

Agora, True! Acenda a chama de sua determinação!

Obedecendo às palavras de sua alma, True canalizou sua vontade de luta e focalizou seu oponente. O garoto não mais via o robusto adversário que segurava o escudo fixamente na vanguarda, ele apenas via uma muralha que se opunha ao caminho de seus sonhos.

Acauã via as brasas rapidamente se transformarem em labaredas. O fogo tomava conta de cada centímetro do braço, fazendo-a imaginar se o garoto estava sentindo alguma dor, e se estivesse, como ele suportava.

Piatã, que manteve sua formação atrás do escudo, via o olho direito de True atingir um tom esverdeado, no lugar do castanho, que era a cor de seus olhos.

— Saia da frente! — berrou True, convencido que Piatã não passava de um obstáculo.

Com ímpeto, True golpeou o escudo do oponente com seu braço envolto em chamas. O bloqueio não suportou e se estilhaçou devorado pelo fogo. Piatã se via desarmado e antes que pudesse detê-lo, True manteve sua força e velocidade. O golpe atingiu seu colete, que suportou a investida por poucos segundos.

True liberou sua voz com um grito de batalha e obrigou as chamas a se multiplicarem. A sincronização de True com sua alma era invejável. O fogo respondia ao seu comando e alimentado com a vontade de superar o desafio imposto a ele, o garoto realizou seu último golpe. Contraíu o braço e, após um estrondo provocado pela propulsão das chamas, golpeou a proteção no abdômen de Piatã. O homem robusto conseguiu manter-se firme por um instante, mas algo

que ele não esperava aconteceu.

Como se os ferimentos do seu corpo fossem várias peças de dominó enfileiradas de pé próximas a outra, tudo começou a desmoronar. Ao ser atingido pelo soco chamejante em seu abdômen, Piatã recuou uma perna para que se equilibrasse, no entanto, os ferimentos nas juntas o fizeram perder a força e quando buscou apoio na outra perna, a mesma estava enfraquecida devido aos machucados. Sem equilíbrio, Piatã procurou impedir o avanço do golpe com suas mãos, ignorando as chamas que o envolvia, mas a mesma situação se repetiu. Com os pontos específicos do braço e ombros feridos, o forte e resistente braço de Piatã não foi capaz de apagar o golpe.

Seu corpo caía como uma muralha após várias de suas estruturas básicas serem destruídas. Piatã viu ali sua derrota.

Sem que pudesse fazer algo para impedir, o indígena foi jogado para trás. Seu corpo voou poucos metros e logo atingiu a areia, onde caiu abismado.

Acauã, apavorada, foi correndo checar se seu irmão estava bem enquanto True equilibrava sua alma novamente, dividindo a pouca energia restante para os dois braços.

Irmão, está tudo bem?

Esse garoto... sabe como dar um soco! - Piatã respondeu com seu senso de humor que parecia nunca ter fim. Ele mostrou para a irmã o colete derretido com o impacto das chamas e os vários ferimentos que o impediram de revidar.

Acauã olhou horrorizada o tamanho da força que a alma do garoto possuía. Ela virou para True confusa e esperou por uma explicação.

Depois que passei a ver Piatã, literalmente, como uma muralha, eu me baseei na Lei de Hooke. Se eu fizesse cortes em lugares estratégicos, comprometeria toda a estrutura do corpo - disse pondo a mão no queixo. - Quem diria que aquela escola irritante me ajudaria em uma hora dessas?

Lei de Hooke? - pensou Acauã atônita. - E ele conseguiu pensar em algo assim no calor da batalha!

Muito esperto, garoto — disse Acauã ao ajudar Piatã a levantar. — Vamos fazer um intervalo de duas horas. É o tempo que levarei para cuidar dessas feridas de meu irmão. Mas quando eu voltar...

Ela fitou o garoto, que notou seu próximo desafio prestes a ser anunciado.

Vamos ver como você se sai com um oponente de agilidade - falou Acauã. - Agora é você e eu, mas saiba desde já que não sou como meu irmão. Eu não fico parada no campo de batalha, esperando o golpe.

True engoliu em seco. Tinha certeza de que seria bem mais difícil enfrentar Acauã.

Uma hora foi adicionada ao tempo previsto pela tutora. True, assim como Piata, estava com muitos ferimentos para serem tratados. Nada muito grave, mas que precisavam de atenção.

True foi o primeiro a retornar para a arena e agora teria que enfrentar Acauã, uma mulher que não era, em nenhum ponto, fácil. Além da visão muito precisa de sua oponente, teria que lidar com sua velocidade e equilíbrio.

Acauã chegou logo em seguida, mas sem o irmão, que continuava na enfermaria tratando os cortes causados pela garra da mão esquerda do Taiji. Sem haver a necessidade de esperar por Piatã, eles deram início ao treinamento.

True pensou rápido e se protegeu entre os pilares, desse modo, dificultaria Acauã de acertá-lo. As balas que a tutora usava eram de borracha, garantindo que o garoto não corresse risco de morte, pelo menos, não quando era ela quem estava com o dedo no gatilho. Apesar de saber disso, True ainda não queria ser atingido pelos projéteis e antes que sua instrutora realizasse qualquer disparo, investiu dirigindo o mesmo soco que derrotou Piatã, mas o resultado foi diferente. Ela se esquivou com facilidade, e como ele estava muito próximo, Acauã deu um chute lateral que acertou em cheio o abdômen do garoto, fazendo-o cair sentindo o impacto do chute.

Durante os primeiros minutos não houve grandes mudanças. True foi obrigado a manter-se na defensiva enquanto Acauã esperava o momento oportuno para acertá-lo. Houve algumas tentativas do garoto atingi-la com seu braço em chamas e com sua garra, mas todas resultaram em novos hematomas onde as pequenas esferas de borracha atingiram.

- E só isso? Se quiser me acertar terá que ser bem mais rápido garoto!

True ouvia as palavras de sua tutora enquanto se escondia atrás de uma das pilastras.

ISSO NÃO É BOM! SE CONTINUAR ASSIM EU NÃO VOU CONSEGUIR VENCER!— pensou True preocupado. Ele estudava suas opções, mas a cada tentativa se via sem idéias. Mais uma vez fitou seus braços. Apesar de ter dominado o fogo de seu braço direito, não sabia como deveria usar o esquerdo. Ele sentia a pulsação de seu braço respectivo ao seu lado *CORROMPIDO* pedir para lutar; no entanto, aquilo apenas o deixava mais hesitante em usá-lo.

- Preciso arriscar! - disse para ninguém em especial.

Quando True se virou para ir ao encontro de sua adversária, encontrou Acauã a pouco mais de um metro, estendo sua arma que apontava para sua cabeça.

Essa não! — espantou-se o garoto, reagindo por reflexo ao som do disparo e voltando ao local que lhe fornecia proteção.

Ele estava ofegante. Ao menos o susto serviu para deixá-lo mais alerta. Enquanto sua respiração se normalizava, pôde ouvir o som das armas de Acauã sendo recarregadas e viu ali sua chance de investir.

True deixou a proteção e avançou com toda a velocidade contra sua oponente, dirigindo um soco chamejante na altura do ombro. Acauã não esperava pelo golpe, mas reagiu a tempo para esquivar e contra-atacar com um chute. Imediatamente, ela descarregou rajadas contra o garoto que recuava a cada impacto.

O seu corpo doía e quase não tinha forças para levantar, no entanto, o garoto foi obrigado a reagir rapidamente quando escutou os passos de sua adversária irem à sua direção. Levantou vagarosamente e fez o que pôde para se mover para a próxima pilastra. Acauã o seguiu e não deu descanso para o garoto que tentava a todo custo se esquivar.

Acauã se movia velozmente pela área das pilastras, procurando por sua vítima. True tentava enganá-la com movimentos do corpo, simulando que ia para uma direção quando ia para a outra. Sua estratégia funcionou no início, mas logo Acauã conseguiu prever seus movimentos e True foi obrigado a deixar a área se não quisesse ser pego.

O jovem paladino criou suas chamas e atingiu o chão em um golpe intenso, criando uma cortina de poeira que escondeu sua presença.

Sem conseguir vê-lo, Acauã não hesitou e dirigiu novas rajadas com suas armas de repetição aleatoriamente pela cortina de areia que se levantou. Alguns projéteis atingiram o alvo e True

sentia seu corpo cada vez mais pesado. Ele estava cansado de fugir e não agüentaria continuar por muito tempo. Tudo que ele pensava em fazer era acertar sua exímia oponente à distância.

True, tente fazer alguma coisa! Você esta perdendo a concentração!— *Taiji tentava reanimá-lo, ciente da exaustão de seu corpo.*

A cortina de poeira começava a se assentar. True tinha que agir rápido e procurou se afastar o mais rápido que pôde. Ele se arrastava pelo terreno arenoso até que suas costas bateram em algo que True não se lembrava de estar ali. Ouvia o balançar de algo feito de madeira, então ele se virou e reconheceu o suporte preso à parede onde se guardavam lanças, espadas e outras armas de combate. No entanto, no suporte, apenas estava um bastão abandonado, o qual estava velho e aparentemente não lhe era muito útil.

Você perdeu, garoto - disse Acauã, apontando suas pistolas em direção ao peito desprotegido de True.

O garoto se assustou com a presença da oponente. Ele imaginava que tinha se afastado o suficiente para que lhe desse algum tempo para pensar, mas estava enganado.

Eu não quero atirar. A essa distância pode ser muito doloroso, então desista - continuou a tutora.

Bem devagar, True levantou suas mãos na altura da cabeça, com as palmas viradas para a tutora.

Acabou - disse Piatã entristecido. - Por um instante pensei que ele venceria — continuou enquanto passava a mão pelo cabelo bem aparado.

O indígena olhou em volta da arquibancada e encontrou Edgar em um canto mais distante. O Silvermoon bufou e deu de ombros quando começou a anotar o resultado do treinamento para entregar ao Light.

Se pelo menos tivéssemos mais tempo... - Piatã se levantou, espanou a areia de sua calça, que havia pousado quando a cortina de poeira se manifestou, e em seguida se dirigiu ao encontro da irmã.

Eu ainda não ouvi — insistia Acauã para que o derrotado garoto assumisse a derrota.

True mantinha-se em silêncio, pensativo.

Deixe disso, irmã. Ele perdeu. Acabou. Não precisa humilhá-lo!

Não o estou humilhado - retrucou. - É apenas mais uma lição. Se fosse uma batalha real, ele já estaria morto! E preciso que ele perceba que perdeu.

Piatã pôs as mãos na cintura e bufou, balançando a cabeça em desaprovação.

O que vai ser, garoto? — ela voltou ao aluno.

True estava cabisbaixo, e quando ergueu a cabeça, encontrou os olhos de Acauã.

Quer me ouvir dizer que perdi? Pois muito bem... - True arquejava, mas não desviou seu olhar da tutora. - Meu corpo perdeu.

Piatã se dirigia para deixar a arena, mas parou quando ouviu as palavras do garoto. Edgar teve a mesma reação.

Seu corpo? — Acauã indagou franzindo as sobrancelhas.

True assentiu.

Meu corpo é fraco, não possui muita resistência. Minha mente não é tão brilhante para criar estratégias muito elaboradas.

A medida que pronunciava aquelas palavras, True levava suas mãos para trás, em um movimento quase imperceptível.

Porém, minha alma é forte! E é ela que me faz ser incapaz de desistir!

Em um rápido movimento, True pegou o bastão que estava suspenso no suporte a um passo de distância de suas costas e o incidiu contra a oponente.

Não me subestime, garoto! Um bastão não vai me...

Boom! Ouvia-se um estrondo assim que Acauã se esquivou e True atingiu o chão com sua nova arma.

O que foi isso? - disse Acauã atônita em sua língua indígena.

Por reflexo, a tutora havia recuado o suficiente para que não fosse atingida, mas não imaginava que o bastão pesava tanto para criar tamanho estrago.

Piatã também foi pego de surpresa e voltou para a arquibancada, junto a Edgar, com um sorriso no rosto.

Vamos à prorrogação - brincou.

Uma nova cortina de areia se levantou e com ela um zumbido que tomou conta do local. Piatã, que assistia, o treinamento a olhou para a irmã para certificar-se de que ela sabia o que fazia o barulho. Ela respondeu dando de ombros. A visão que a alma da águia dava à Acauã era inútil com aquela nuvem de poeira que escondia o garoto, foi então que viu um objeto ser atirado de onde True estava em direção a ela. Surpresa com o ataque inesperado, ela foi forçada a se jogar para trás, caindo ao chão para se esquivar. O objeto foi puxado de volta para a nuvem de poeira que se assentava.

Acauã agora podia ver claramente o que True segurava. Os olhos da tutora se arregalaram admirados com o que via. True havia materializado uma foice que estava presa por uma corrente, substituindo o bastão que usou. Ele apoiava o cabo da foice com uma das mãos enquanto a outra enrolava o final da corrente no braço para garantir que ela não escapasse de suas mãos.

Minha nossa! - Piatã levantou para poder olhar melhor a arma que o garoto criara.

A foice era negra com alguns detalhes prateados e sua lâmina parecia bastante afiada. Piatã se perguntava como True conseguiria usá-la sem passar por um treinamento prévio. Aparentemente, a foice era pesada e para se usar a corrente, certamente precisaria de certa perícia.

Quase a peguei - True disse orgulhoso de si com a ótima combinação que tinha feito. A foice é uma arma de médio alcance, com a corrente amarrada a ela, poderia aumentar esse alcance arremessando-a e, além disso, arremessaria girando como se fosse um laço, ganhando 360° e um raio de 1,20m. Aquela era uma arma que poderia ser usada em um combate de curta e longa distância.

Taiji, por que não me disse que era capaz de criar algo assim? - *indagou True animado.*

Eu não sabia. Quando pegou o bastão, deixei que minha energia fluísse pela arma, o que a transformou na foice. No entanto, ela não parece ser uma arma normal...

O que quer dizer?

Apesar de ter nascido da fusão de nossa energia, tanto pura quanto corrompida, e do bastão, sinto que ela não pode ferir uma pessoa. A lâmina é capaz de cortar objetos inanimados, mas, no caso de um ser, acredito que ela atinge a alma ao invés do corpo.

True fitou sua foice e tentou imaginar que segredos ela teria. Por um instante hesitou em usá-la, mas não tinha opção. Ele tinha que ganhar aquela luta, de outro modo, não poderia fazer parte da

rebelião. O destino de Esmeralda, Ducey e de toda a América do Sul estava em suas mãos. Decidiu que não sairia dali sem uma vitória.

Acauã, percebendo o perigo, correu até os pilares onde poderia usá-los como escudo.

- Não vou permitir! - disse True. Ao entender o que sua habilidosa oponente queria, jogou sua foice mais uma vez. Acauã já imaginava que ele faria isso, então com sua visão avançada viu a foice se aproximar lentamente, e quando chegou perto o suficiente, ela deu um salto e usou a foice como apoio para dar outro salto. True não acreditou no que viu, ele sabia que sua oponente tinha uma visão bem melhor que a dele, mas não imaginou que ela era capaz de se apoiar na foice em movimento, o que provavelmente foi possível graças ao equilíbrio que a alma da águia proporcionava.

True se levantou com dificuldades, mas sua expressão obstinada não havia mudado.

A batalha contra Acauã está nos levando ao limite. Enquanto Piatã é lento e resistente, Acauã é rápida e mortal— *comentou Taiji*. - Apesar de serem irmãos gêmeos, são ambivalentes.

Ambivalente? Ambivalência! E isso, Taiji! Libere o restante da energia. Eu tenho um plano.

Taiji, que compartilhava a mesma mente que True, logo entendeu a estratégia do garoto.

True investiu veloz em direção à área dos pilares. Ele corria alternando as direções para que dificultasse a mira de Acauã. Porém, mesmo seu oponente estando em movimento e realizando movimentos alternados, a indígena foi capaz de acertá-lo, mas com uma quantidade menor de disparos.

Assim que o garoto alcançou os pilares onde Acauã se escondia, antes de adentrar, ele cravou a lâmina de sua foice em um dos pilares e investiu com sua garra contra a tutora. Acauã desviou facilmente, fazendo seu oponente atingir o pilar que estava detrás da tutora.

Taiji, essa corrente tem um limite de extensão? - *True procurou saber*.

Desde que tenhamos energia, ela poderá aumentar o quanto desejarmos. — *explicou*.

True enrolou o braço direito com o fim da corrente e continuou suas investidas contra Acauã.

O garoto fezera várias tentativas, mas todas terminaram com o mesmo resultado. Ele investia com sua garra da mão esquerda, e Acauã esquivava sem nenhum esforço, obrigando True a atingir o pilar do local onde estava. Enquanto se movimentava, a corrente se alongava. True não interrompia os ataques e os intervalos eram somente o tempo dele retirar a garra que penetrava nos pilares.

Cansada daquele jogo, Acauã começou a reagir. Por ora, apenas continuou a se esquivar até que encontrasse um ângulo para disparar com sua arma. Quando teve a chance, ela mirou sua pistola no abdômen do garoto, onde ele fora atingido inúmeras vezes, e disparou. Porém, algo inesperado ocorreu.

O ângulo e o tempo haviam sido perfeitos e atingiria seu alvo exatamente onde Acauã queria que atingisse. Contudo, ela não contava com um bloqueio. Quando a tutora estava prestes a tirar, True percebeu o movimento ao ler sua expressão e rapidamente pôs o braço esquerdo na frente do corpo. Dele surgiu um escudo, feito de um rijo gelo que repeliu o projétil.

Um escudo? — *pensou Acauã*. — Desde quando ele é capaz de criá-lo?

Após o fracasso, a tutora não se entregou. Continuou a disparar sem cessar, obrigando True a recuar. Ora o garoto repelia as balas com seu escudo, dando uma importância maior aos pontos vitais, ora ele usava os pilares para se esconder. Alguns projéteis atingiam algumas partes da perna e braço, mas True parecia não se importar, uma vez que sabia que se desfizesse a proteção

em lugares mais frágeis, poderia ser atingido pela exímia atiradora.

Mais algumas tentativas ocorreram até que True começou a recuar a uma distância maior. Ele atravessou toda a área até que se abaixou e pulou para fora da área dos pilares. Acauã, que o seguia, esbarrou com a corrente que estava enrolada pelo lado de fora e dava voltas pelos pilares, impedindo seu avanço.

True saiu no mesmo lugar por onde tinha entrado. A foice ainda estava presa ao pilar e o garoto logo a recuperou. Acauã, ao perceber o perigo que corria, tentou recuar, mas novamente seu movimento foi impedido por uma corrente que estava estendida na altura de sua cintura, dando voltas pelos pilares.

Acauã olhou à sua volta à procura de uma saída e se surpreendeu com o que viu. Sem que ela percebesse, True enrolou sua corrente por todos os pilares, delimitando cada vez mais a área até que a prendesse.

- Você perdeu - disse True ao puxar sua foice e fazer toda a corrente imitá-lo.

Os locais onde True havia atingido com sua garra serviram para enfraquecer a estrutura dos pilares, para que fosse mais fácil derrubá-las. Acauã imaginava que estava se esquivando dos golpes, quando, na verdade, o objetivo de True sempre foi os pilares.

Assim que True se afastou puxando a corrente, toda a estrutura cedeu. Acauã se abaixou e buscou abrigo enquanto os pilares despencavam sobre ela.

Acauã! - Piatã gritava preocupado. Assim que presenciou os pilares caírem sobre sua irmã, ele se levantou imediatamente da arquibancada e correu ao seu encontro.

Ela está bem - True respondeu apontando para onde ela estava.

Acauã sentou sobre os destroços e começou a tossir no meio da imensa nuvem de poeira que tinha se formado com o desmoronamento dos pilares. Abrindo os olhos, viu que True erguia a mão para ajudá-la a levantar. Ela sorriu assumindo a derrota e aceitou a ajuda do garoto.

Piatã correu para ver o estado da irmã. Agora que ele a via de pé, sentiu um alívio por não ter se machucado. No lugar da preocupação, veio um forte sentimento de raiva contra o garoto.

Você ficou louco! Poderia tê-la matado! - Piatã estava com uma aparência bem zangada, mas True não se intimidou.

Não se preocupe, eu nunca tive a intenção de feri-la. Quando cravei minha foice no pilar, percebi que ele não era feito de um material resistente. Light provavelmente pensou na possibilidade deles caírem durante o treinamento, portanto os fez com um material mais leve, que não oferecesse perigo aqueles que usassem a arena.

Isso mesmo... - Acauã confirmou, mas foi interrompida devido à tosse. - Agora me diga, garoto. Quando aprendeu a criar aquele escudo?

Bem, foi quando Taiji comentou sobre os opostos — disse sem querer detalhar que sua alma falava das diferenças entre os dois irmãos. - Minha alma é o equilíbrio entre os opostos, pensando nisso, concluí que se um lado era fogo o outro poderia ser...

Gelo - Acauã completou e True assentiu.

Incrível. Ele conseguiu criar os dois elementos em uma única batalha. Com a experiência ele poderá controlar melhor esses elementos e será de grande ajuda para a Ordem — *pensava a tutora admirada.*

Você fez o certo em não desistir — ela continuou. — Aquilo foi um teste e você se saiu muito bem. Nunca esperei que me derrotasse e o resultado me surpreendeu. Mas se tivesse desistido

em vez de continuar lutando, eu não poderia aprová-lo.

Então eu...

Acauã assentiu.

Você passou. Você está pronto para enfrentar Esmeralda.

True, feliz com sua vitória, viu que Acauã não era tão ruim como ele pensava. Na verdade, ela era muito bonita. Os cabelos negros, os quais estavam soltos, faziam uma perfeita combinação com a pele morena, além de sua aparência indígena lhe dar certo charme. Podia ser rigorosa, mas seu critério de avaliação era correto.

Edgar resmungou por ter que apagar seu relatório e reescrevê-lo agora que True ganhara. O Silvermoon agradeceu por seu dever ter chegado ao fim, ele não agüentaria ficar mais tempo intercalando entre os locais que eram realizados os treinamentos.

True, exausto, desabou na areia com o corpo esticado.

Não consigo dar nem mais um passo - murmurou o garoto.

Deixe de ser mole! — a aprovação de Acauã se foi rapidamente.

Piatã não hesitou em sorrir.

Tudo bem, irmã. Deixe-o descansar. Eu o carrego até a enfermaria para ter certeza de que não houve nada grave.

Piatã, você é um cara legal — True agradeceu em um bocejo. Sentia suas pálpebras pesarem e logo adormeceu. Sua sincronização foi desfeita e junto a ela a foice desapareceu.

E pensar que eu perdi para um moleque desse - resmungou a tutora. - Devo estar envelhecendo.

Ora deixe disso, irmã. Você é ainda muito jovem - sorriu. - Vai me dizer que não reconhece a força desse garoto? Ela é a mesma força que nos fez lutar e despertar nossas almas naquele dia.

Esse garoto não luta para si, luta pelos outros.

Acauã parecia remexer em suas lembranças, mas, por fim, concordou com o irmão.

Talvez tenha razão... — disse. — Dessa vez — acrescentou com um sorriso.

Capítulo 12

O início da rebelião

Light reuniu todos novamente na sala de reuniões para debater os últimos detalhes do plano e algumas modificações que tinham feito. True agora que sabia o caminho não foi o último a chegar à sala. Assim que todos se reuniram, Light começou:

- Como havia dito, eu e Laura ficamos encarregados em observar possíveis erros no plano. Foram poucos, mas existem. O primeiro problema que vimos foi a nossa defesa. Enquanto os soldados possuem uma farda que não é feita por um material qualquer, nós apenas temos roupas comuns, foi pensando nisso que decidimos avaliar a farda de um soldado que foi capturado por nós e descobrimos como aquele material foi fabricado. As roupas que usaremos na invasão serão feitas desse material. Outro ponto fraco é a nossa comunicação, se houver problemas com um dos nossos grupos, o plano poderá falhar. Por exemplo, se o grupo encarregado em entreter os guardas não concluir com êxito, o grupo que estiver invadindo correrá grande perigo, pois estarão com a guarda baixa pensando que o grupo encarregado fazera seu papel. Como solução, decidimos acrescentar na roupa um pequeno rádio que nos manterá em comunicação e a mensagem será enviada para todos os membros. Um último possível erro que analisamos seria se True não conseguisse impedir Esmeralda, mas de acordo com o relatório de Edgar e dos instrutores responsáveis por seu treinamento, foi concluído que ele tem total habilidade para impedi-la.

True encarou Piatã e Acauã que sorriram para o garoto.

- A invasão acontecerá amanhã. Hoje quero que vocês descansem para que estejam com toda força. A partir de agora estarão dispensados para fazerem o que quiserem o resto do dia.

Light é uma pessoa muito sábia, ninguém questionava suas decisões. Ele sempre pensava no bem estar de cada membro. Mesmo ansiando o início da invasão para libertar a América do Sul, sabia que Aline, True e os instrutores estavam exaustos com os treinamentos.

Romeo chamou Aline para que fossem à área de alimentação conversar e comer alguma coisa, convite que ela aceitou animada. Acauã e Piatã chamaram True para contar histórias indígenas de seus antepassados, o garoto adorava histórias antigas e então foi com os irmãos sem pensar duas vezes. Edgar e Laura foram ver como andava a fabricação das roupas e Light aproveitou que todos estavam ocupados e foi averiguar como andava sua base: checar como estava o estoque de comida, o gerador que era fiscalizado pelos engenheiros bem capacitados e como andavam seus ajudantes que viviam lá há bastante tempo. Também anunciou para toda a base que no dia seguinte colocariam a operação de libertação em prática, a base inteira comemorou. As horas passaram voando para todos. Passar o dia descansando foi ótimo para que se esquecessem da tensão do dia seguinte. Romeo se encantava por Aline cada vez mais e ela também parecia sentir o mesmo. Eram quase 23h da noite quando todos se despediram e foram para seus respectivos quartos para dormirem, pois no dia seguinte teriam que acordar cedo para iniciar a invasão. Todos, com exceção de Romeu, que decidiu fazer uma visita antes de se recolher.

Laura estava se preparando para dormir quando ouviu batidas em sua porta, o que a fez se perguntar quem poderia ser àquela hora da noite. Imaginando que fosse Aline ansiosa pelos

acontecimentos, Laura atendeu ao chamado. No entanto, quando abriu a porta, soube que não era Aline quem a procurava, mas alguém que ela não esperava ver tão tarde da noite.

- John?

- Imaginei que você não estivesse dormindo - disse Romeo enquanto demonstrava que não pretendia entrar. — Vim aqui e quero que você apenas me escute.

Laura estreitou os olhos, irritada com o tom de voz do ex-marido, mas não ousou dizer sequer uma palavra.

Eu não sei que loucura passou pela sua cabeça e da sua família para partirem naquele dia sem me darem uma explicação. Mas eu não me importo, não mais. Você me deixou uma cicatriz quando partiu, e ela é a prova que você não me amava. Então, independentemente do que aconteça amanhã, a relação que um dia tivemos não existem mais.

Não existe? - retrucou Laura logo em seguida. - Então por que continua com o nome de Romeo? Por que permite que todos o chamem por esse nome ao invés de John, que é seu verdadeiro nome? - ela deu um tempo para que ele pensasse e continuou. — Tem certeza de que não quer saber o motivo de tê-lo deixado?

Romeo não respondeu. Ele ficou mudo por um tempo até que disse simplesmente:

Adeus, Laura.

E partiu, deixando-a com seus pensamentos.

Romeo caminhava silenciosamente pelo andar dos dormitórios até que chegou ao seu respectivo aposento, porém hesitou ao abrir a porta.

Maravilha... Agora não vou conseguir dormir...

True rolava de um lado para o outro, não conseguia pegar no sono. Em sua mente memorava cada detalhe da invasão; caso ele falhasse, seria horrível para o plano. Dúvidas paravam sobre sua cabeça, impedindo-o de dormir. Então, resolveu andar pela base para esvaziar a mente. Assim que deu o primeiro passo para fora do quarto foi surpreendido por Light que passava pelo local.

Dificuldades para dormir? - Light indagou já imaginando a resposta.

Sim. Você também?

Sou uma pessoa ansiosa, apesar de tudo. Imaginei que você também estaria inquieto e vim te chamar para ir à superfície.

Superfície? O que vamos fazer lá? - True perguntou sem entender, a base era enorme podiam ficar por lá até a ansiedade passar.

Romeo, Acauã e Piatã também estão lá. Os irmãos fizeram uma roqueira para ficarmos conversando debaixo do céu que está cheio de estrelas.

Depois de passar o dia com eles, True sabia que isso era típico dos irmãos indígenas. Ele aceitou o convite.

Sairam pelo túnel que levava à floresta de onde tinha vindo, quando chegaram lá, True viu Romeo e os irmãos sentados em volta da fogueira.

True! Que bom que você veio! Sente-se e junte-se a nós - Piatã convidou sorridente.

Light e True sentaram em um pequeno tronco que servia como assento. Piatã estava terminando de contar as histórias de seus antepassados para Romeo, as mesmas histórias que contara para True mais cedo. Depois que Piatã terminou, fez-se um enorme silêncio em volta da fogueira,

todos estavam pensando no dia seguinte. Percebendo isso, Light propôs:

Eu tenho uma idéia que pode afastar esse sentimento de angústia.

Todos encararam Light esperando pelo que ia falar.

Podíamos falar os motivos que nos levaram a fazer parte desta organização. O por quê de amanhã irmos para o campo de batalha.

True entendeu o objetivo do líder, fazendo com que cada um falasse o motivo pessoal de estar ali e, assim, acendendo a determinação de cada um novamente.

Certo, eu começo - Light disse antes que alguém desistisse do passatempo. — Criei esta organização primeiramente para encontrar meu irmão gêmeo, Arthur, que há muito tempo está desaparecido. Além disso, vi que muitas pessoas passavam pela mesma situação, as famílias foram separadas com a ditadura, e isso é muito triste em minha opinião. Meu objetivo é acabar com a ditadura para que as famílias se unam de novo.

Quando Light terminou, viu que True o encarava de uma maneira diferente, então pensou nas palavras que dissera e entendeu o espanto.

Eu não contei a você que tinha um irmão gêmeo?

O garoto balançou a cabeça negativamente com veemência, queixando-se mentalmente por ser o único não informado.

Eu e meu irmão nos separamos quando éramos crianças. Minha mãe viajava muito e em uma dessas viagens Arthur foi com ela, porém era uma viagem sem volta. Minha mãe sofreu um acidente e morreu, no local do desastre, o corpo de meu irmão não foi encontrado, mas testemunhas disseram que o viram entrando no carro junto a ela antes do acidente. Desde então está desaparecido.

Enquanto Light falava, retirou um pequeno camafeu que estava em seu pescoço e, dentro dele, continha a foto de seu irmão ao seu lado. Nela, os irmãos deveriam ter cerca de 8 anos, eram idênticos, poucos conseguiriam diferenciá-los.

True ficou realmente surpreso com a notícia, não imaginava o fato e refletia o motivo de Light não tocar com mais frequência no assunto, mas logo seu pensamento foi cortado com a fala de Acauã.

Acho que é a nossa vez - disse indicando que o motivo era mútuo entre ela e Piatã. — Estou aqui porque quero mostrar a toda a minha tribo que posso me tornar uma guerreira. E como sabem, por sermos gêmeos, somos indesejáveis entre nosso povo.

True fez uma expressão de dúvida e Light logo explicou:

Algumas tribos acreditam que gêmeos representam o bem e o mal. Um trará a harmonia para a tribo e o outro a encarnação do mal, nasceu para amaldiçoar a tribo. Por não saberem quem é o bem e quem é o mal, sentenciam os dois. As formas variam desde enterros à abandonos.

Isso é inumano! — exclamou True atônito. — Como sobreviveram?

No dia de nosso nascimento, quando fomos enterrados vivos, por obra do destino o pai de Light fazia um estudo no Brasil sobre a cultura indígena e sua arquitetura. Foi naquele dia, enquanto estudava nossa tribo, que ouviu nosso choro. Piatã foi meu salvador. Até onde sei, por milagre, meu irmão ficou em uma posição que manteve uma fenda, permitindo que o ar circulasse a três palmos abaixo do solo.

True ouvia tudo surpreso, não imaginava que os irmãos haviam passado por algo dessa magnitude.

Meu pai, em parceria com um órgão federal responsável na época, cuidou deles até que convencessem a tribo a nos aceitar em seu meio. O fato de meu pai ter filhos gêmeos foi o que ligou nossas histórias — explicou Light.

Demorou algum tempo, mas voltamos. Porém, nem tudo acabou ali. Ainda não éramos completamente aceitos pela tribo. Olhares de reprovação como se fôssemos demônios — continuou Acauã com : olhar fixo na fogueira de onde se ouvia o estalar dos galhos. - E se não fosse o bastante, não me deixaram fazer o que eu sabia fazer de melhor: caçar.

Esse sempre foi o dom dela, mas óbvio que não a deixaram fazer um trabalho de homem - concordou Piatã. - O maior problema era que nosso povo ainda se perguntava qual de nós levava o mal encarnado, e com o interesse incomum de Acauã, suspeitaram dela - os ouvintes notaram quando o homem robusto se entristeceu. Quando viu que as pessoas o fitavam, logo recuperou o bom humor. — Ela nunca foi do tipo 'dona de casa, vocês podem perceber.

Acauã estreitou os olhos golpeou o irmão com um soco no braço, o que ocasionou um momento de risos e descontração.

As suspeitas estavam ficando fora do controle e por um momento pensei que seria morta. Apesar de meu irmão ter me acalmado inúmeras vezes, eu não conseguia me conter, ficava cada vez mais irritada com aqueles olhares... - recordava-se. - Até que começou a ditadura. Nossa tribo foi atacada e nossos guerreiros foram derrotados facilmente. No fim, restava apenas eu e meu irmão; os outros estavam presos ou haviam sido mortos. E por mais que fôssemos tratados de maneira preconceituosa, ali estava nossa família, tínhamos que protegê-los.

Foi quando despertaram suas almas - True concluiu e os irmãos assentiram.

Conseguimos evitar o pior e nosso povo se abrigou na mata. Alguns vieram se abrigar aqui no Rio, entre eles, nosso pajé. Mas a partir daquele dia juramos que libertaríamos nosso país e, assim, ganharíamos o respeito de nosso povo.

Essa é uma história para poucos - True admitiu em sua mente. Os irmãos indígenas tiveram muita sorte naquele dia ou, talvez, realmente fosse o destino agindo ali. Era para os bebês morrerem como na tradição, porém o pai de Light estava lá naquele dia. O garoto agora se perguntava se a existência de Acauã e Piatã significava algo mais. Se eles conseguissem alcançar seus objetivos, poderiam mudar o pensamento daquele povo.

Agora era a vez de Romeo. True arrumou a postura no assento para que ficasse mais confortável e esperou que ele começasse. Ele já sabia da história trágica de Romeo e sabia que todos ali também estavam cientes.

Eu sei que vocês conhecem minha história, mas não sabem toda a história.

Todos se olhavam na dúvida sobre o que ele poderia estar falando. Light era o único que o conhecia bem. Viu tudo o que passou quando fez Romeo voltar a ser um *puro* e desde então os dois procuram por novos membros.

Como sabem, para que eu restabeleça meu *mundo*, é preciso que eu obtenha um amigo e companheira leal. Mas esses requisitos são, na verdade, para que eu possa concluir certo... rito - disse Romeo, e True pôde notar um momento de hesitação, como se sentisse envergonhado por dizer o nome daquilo que verdadeiramente queria. - A princípio parece algo simples, porém é preciso ter habilidade, fruto de confiança, honestidade e sentimentos do casal, chamada de *Laço*. O *Laço* é capaz de unir os *mundos* dos parceiros e elevar suas habilidades a um nível inimaginável. Com tal habilidade, não haveria general que nos impedisse — concluiu com um

sorriso e um olhar reluzente.

Então é por isso que esses dias têm passado muito tempo com a Aline — Acauã disse zangada e do mesmo modo que o sorriso nasceu no rosto de Romeo, desapareceu.

Não pensem coisas precipitadas! - irritou-se. - Eu me aproximei de Aline sabendo, sim, que ela poderia ser *aquela* que estou procurando, mas nunca pensei em usá-la para obter esse poder. Nesses dias tenho passado muito tempo com ela por ser uma garota interessante, e não por ambição.

True notara como o amigo havia dado atenção em aquela. Até o momento, o garoto pensava que o veterano estava atrás de uma companheira qualquer, mas, ao que parecia, se tratava de alguma garota específica. Ele ficou feliz pelo amigo, depois de sofrer tanto talvez voltasse a ser feliz ao lado de Aline.

E antes que pudesse dar asas à sua imaginação, foi interrompido quando percebeu que todos o observavam, agora seria sua vez de explicar seus objetivos.

Bem... — True começou sem saber o que dizer. - Assim que conheci Light, ele me explicou sobre as almas, os *puros* e os *caídos*. Então percebi que aquela seria uma ótima oportunidade para tomar um rumo diferente, ùu não gostava da vida que levava: acordar, ir a uma escola onde é ensinado coisas que não concordo, ser obrigado a conviver com pessoas que só falavam comigo por obrigação...

Naquele momento, o garoto se lembrou da escola onde não tinha nenhum amigo e percebia que agora estava cheio de companheiros valiosos que o ajudavam.

Eu também quero salvar Duce e Esmeralda. Para tanto, tive que me juntar à organização, que prometeu me ensinar a controlar minha alma - ele agora lembrava o que lhe motivava e estava determinado: salvaria Esmeralda no dia seguinte e, em seguida, Duce.

True se levantou e agradeceu às pessoas que estavam na fogueira.

Obrigado, Light, por me lembrar de meus objetivos e por tudo o que tem feito. Eu também agradeço a vocês: Piatã, Acauã e Romeo; por me ajudarem a ter uma chance de alcançá-los - assim que terminou, ele se virou para que entrasse no túnel onde o levaria de volta à base.

Esse moleque fala cada bobagem - Acauã disse virando o rosto para que não vissem que tinha se emocionado com as palavras do garoto.

Light avaliava o garoto enquanto caminhava até o túnel. Ele sorriu e sentia que suas expectativas estavam certas.

Todos, assim que levantaram e fizeram o desjejum, se encontraram perto do túnel que conectava a capital com Niterói. Laura distribuía as roupas respectivas de cada um. A roupa de True era uma regata branca com capuz e uma calça comprida preta, nas costas foi colocada a imagem do yin-yang. A roupa de Romeo era similar a de True, a diferença era a regata cinza com a figura do lobo nas costas. A roupa de Aline e de Laura era um vestido curto sem mangas e um *short legging* para que tivessem facilidade no movimento das pernas e braços, nos vestidos tinham o símbolo da família Silvermoon, a Lua cheia prateada. Edgar também possuía o mesmo tipo de calça que Romeo e True, apenas a camisa de manga o diferenciava, nela também foi bordado o símbolo da família Silvermoon. Acauã usava calça e uma blusa de mangas compridas de gola em "V", a águia nas costas da regata simbolizava sua alma. Piatã era o único que não possuía as roupas que foram feitas do material do exército, para ele foi feita uma armadura com

o melhor metal que eles tinham acesso. O escudo tinha a figura do urso, a armadura foi guardada no porta-malas da viatura que usariam como disfarce. Light estava com roupas sociais, no lugar do paletó usou-se um *sweater* sem mangas sobre a blusa com a imagem de um anjo. Todas as roupas foram equipadas com rádios comunicadores, instalados nas golas.

Os ajudantes da base levantaram cedo para ver a partida das pessoas que lhes devolveram a esperança. Assim que todos se equiparam devidamente, se dividiram em dois grupos de acordo com o plano e se encaminharam à cidade. Fora da base, esperando por eles, tinha dois carros que se assemelhavam aos do exército.

Eram 5h30 da manhã e não havia muitas pessoas nas ruas. Quando os grupos se dividiram, a equipe um, que era composta por: True, Light, Edgar e Laura, foi à frente enquanto a segunda, composta por: Romeo, Aline, Acauã e Piatã, os seguia.

Antes de subirem à superfície, True, Light, Romeo e Aline vestiram um falso uniforme para se passarem por soldados. Enquanto os outros colocaram roupas comuns para parecerem civis.

Adeus, garoto yin-yang — Piatã despediu-se com seu conhecido bom humor. True entendendo a piada sorriu para Piatã, mas não o deixou sair impune.

Até mais homem-lata — retrucou e Piatã sorriu junto ao garoto.

Assim que o primeiro grupo saiu, o segundo foi logo atrás. Pouco tempo se passou e eles começaram a atravessar a ponte Rio-Niterói, que ligava a cidade à capital, mas para isso teriam que passar despercebidos pela fiscalização da ponte. Light, que estava dirigindo, avisou-os do perigo através do rádio:

Estamos nos aproximando da fiscalização, quero que todos, com exceção de True, diminuam o máximo sua sincronia com a alma.

O carro de Light foi o primeiro a parar seguido por Romeo. O soldado 5 se aproximou enquanto mais dois soldados davam a volta para fiscalizar o veículo.

Sangue, mente e alma pelo Führer! - disse o soldado em inglês britânico batendo no peito.

Light imaginou que aquilo seria um cumprimento, então imitou a saudação.

Estamos levando estes civis para serem julgados. Preciso que me permita a passagem.

O soldado olhou para seus outros companheiros para se certificar que estava tudo certo. Como Light havia imaginado, aqueles outros dois soldados eram rastreadores.

Podem seguir - falou o soldado quando os rastreadores indicaram que não havia nada com o que se preocupar.

O próximo era o carro que Romeo e os outros estavam. O primeiro grupo esperava mais à frente. Light olhava pelo retrovisor para poder ajudar caso algo desse errado.

O mesmo procedimento se repetiu, o soldado fez a saudação padrão e Romeo pediu passagem explicando que estava levando civis para serem julgados. No entanto, Aline estava muito nervosa, perdendo o controle de sua alma. Romeo pôde perceber ao notar a mão da garota que tremia. Os rastreadores sentiram a aura e quando iam interrogá-la, Romeo os impediu:

Escutem! Eu tenho que levar esses civis o mais rápido possível até o general e se o meu senhor perguntar o motivo da demora, vou dizer que alguns soldados, fiscalizadores da ponte, demoraram a me dar passagem! - ameaçou Romeo enquanto apanhou a mão da garota, que estava gelada, para acalmá-la.

Os rastreadores engoliram em seco, todos temiam o general e sabiam que uma ordem deveria ser cumprida perfeitamente, principalmente no prazo.

Podem passar! Só acalme sua amiga — disse um dos soldados.

Eu entendo seu medo - um dos rastreadores disse a Aline, batendo em seu ombro, imaginando que o medo que ela sentia era referente à punição do general. — Já presenciei a morte de muitos por fracassarem em suas missões.

Aline fez um gesto de concordância para o soldado rastreador e evitou encontrar seu olhar. Com a passagem permitida, o segundo grupo realizou a travessia.

Muito bom, Romeo - pensou Light vendo tudo pelo retrovisor.

Obrigada - Aline agradeceu ao amigo quando os soldados não podiam mais ouvir.

Agora que os dois grupos passaram pela ponte, apenas teriam que seguir caminho até as embarcações. O percurso era menor e a tensão cada vez maior.

Ambos os grupos seguiram sem problemas. Quando enfim chegaram ao local de embarque, Light avistou algo nada agradável.

Qual é o problema, Light? - True quis saber, imaginando que algo tinha saído errado.

Os barcos não estão aqui! Creio que eles mudaram a rota pra chegar à ilha.

Um soldado, vendo as duas viaturas paradas, foi em direção a eles para checar o que estava acontecendo.

O que está fazendo aqui, soldado - o homem perguntou.

Tenho ordens para levar estes civis ao general. Onde estão as embarcações?

Mudamos a rota ontem à noite, sua unidade não informou?

Passsei a noite toda atrás destes civis - apontou. - Eles resistiram e fugiram quando estava escurecendo. Desde que os encontrei, segui direto para levá-los ao general.

O soldado examinou cada passageiro dos carros, achando que algo estava suspeito, perguntou:

Sabe que tem permissão para matar estes civis em caso de resistência. Por que não os matou?

E perder toda a diversão de vê-los sendo torturados pelo general?

O soldado deu um sorriso maldoso e por um tempo ficou pensativo como se recordasse das cenas. Então resolveu desistir das suspeitas.

Voltem pelo mesmo caminho que vieram que irão encontrar a ponte para a Ilha das Cobras, quando chegarem, um guia vai mostrar o novo local de embarcações para chegar à Malevolência.

Light cumprimentou o soldado e seguiu em direção à Ilha das Cobras.

"Malevolência"? - Aline indagou franzindo o cenho.

"Malevolência" foi o nome dado à antiga Ilha Fiscal, mas isso não é importante. Estamos correndo sério risco indo para lá. A Ilha de Cobras é um local destinado somente aos melhores, isto é, piores soldados. Quartéis luxuosos para aqueles que cumprem todas as ordens do general, mesmo sendo as mais baixas. Agora não é algo que estou pedindo. Se quiserem ficar vivos, não deixem que percebam nem um pouco da *pureza* de suas almas.

Light sabe como deixar alguém mais nervoso — *pensou True engolindo em seco.*

Ao chegarem na entrada que dava acesso à ilha, Romeo e Light estacionaram seus veículos e todos desembarcaram. Seguindo o plano, True, Romeo, Aline e Light escoltaram os falsos civis para poderem passar. Romeo levava consigo uma grande mala contendo todas as partes da armadura de Piatã.

Espere, soldado! — disse um dos homens que impedia a passagem para a ponte que levava a ilha. - O que querem?

Sangue, mente e alma pelo Führer! - disse Romeo e Light batendo no peito, procedimento padrão entre o exército. - Estamos levando esses civis para o general.

O soldado encarou os prisioneiros e sorriu.

Você prendeu um dos grandes — disse o homem ao encarar Piatã. — Tudo bem, vocês podem levá-los - Light, Romeo, Piatã e Acauã passaram sem problemas, mas quando chegou a vez True e Aline, foram barrados. - Quanto a vocês dois, esperem um minuto!

O medo tomou conta da mente de ambos, eles pensavam no que os teria delatado ou o motivo de terem sido barrados.

Precisamos passar! - retrucou o garoto.

Fique quieto, franguinho! - O segundo homem se envolveu, ele era maior e mais forte que a primeira sentinela.

Quem é esse aí? Nunca te vi na ilha antes - o primeiro homem perguntou.

Há poucas semanas completei dezoito anos, agora estou cumprindo ordens.

Não tente me enganar, franguinho! Um civil não pode se tornar um soldado, apenas aqueles que ajudaram o nosso Führer a conquistar a glória ou que seja reconhecido por ele, o que não deve ser o seu caso.

O coração de True batia forte, ele sabia que se continuasse do jeito que estava, seria descoberto.

E quanto a você, doçura - o soldado agora se dirigia à Aline, esticando sua mão para tocá-la no rosto.

Não me chame de doçura! Tenha mais respeito, soldado! — disse Aline se defendendo ao mesmo tempo em que agarrou o braço do soldado e o torceu. - Sou da guarda pessoal do Tenente-coronel, apenas tive um trabalho extra, encontrando esses civis foragidos. Caso não me deixe passar, creio que contarei uma boa história à minha superior.

O soldado se contorcia de dor e gritava para o parceiro o ajudar. A outra sentinela fitava boquiaberta a garota que aparentemente parecia frágil.

Largue ele, senhoria, por favor. Desculpe nosso engano, deixaremos você e seu soldado passarem - o segundo homem implorou.

Assim é melhor - falou Aline ao libertar o soldado.

Você teve sorte, franguinho - o segundo homem empurrou True, que perdeu o equilíbrio e caiu ao chão. — Vou levá-los ao local de embarcação, me sigam.

True se levantou, mas pode ouvir outros soldados zombando de sua situação.

Tudo bem, garoto? — Romeo indagou.

Nada que eu já não tenha passado antes — True respondeu e foi a caminho do grupo.

Quanto a você, Aline, se saiu muito bem.

Eu tive um ótimo professor - disse a garota sorrindo.

A medida que iam penetrando pelos arredores da ilha, puderam ver os olhares maliciosos de cada soldado que estava nas ruas. Os olhares acompanhavam seu caminho como se fossem presas para os animais famintos que os cercavam.

O barco está logo ali. Use-o para chegar até Malevolência. Eu vou voltar para o meu posto. Sangue, mente e alma pelo Führer!

O soldado se despediu, deixando finalmente o grupo a sós.

Estamos chegando ao nosso destino. Assim que todos desembarcarem, vou criar uma barreira ao redor da ilha para que não chegue reforços. Assim que eu criar, Edgar, Laura, Piatã e Acauã

causarão o tumulto, essas algemas estão soltas, então não se preocupem - explicou Light. Os grupos subiram a bordo e foram em direção ao seu objetivo. Eles sentiam medo, mas precisavam libertar a América do Sul naquele dia. Quando concluíram a travessia e todos desembarcaram, Light perguntou através do minúsculo rádio:

Estão prontos?

Todos assentiram e então eles deram início à invasão. Piatã se libertou das algemas e arremessou uma granada, que Light lhe entregara, na multidão de soldados.

Estão soltos! — Romeo gritou para fingir a resistência dos civis.

Light rapidamente criou uma enorme barreira ao redor da ilha, impedindo que qualquer pessoa entrasse ou saísse dela.

Um alarme soou em Malevolência alarmando todos os soldados que estavam fora, dentro e sobre os muros. O grupo, aproveitando a confusão, correu em direção à entrada da base. Piatã se equipou rapidamente com sua armadura.

Que desordem é essa?

True parou quando reconheceu a voz de Esmeralda. Ele ergueu seu rosto e lá estava ela, a Tenente-coronel no andar superior, apoiada no parapeito. Mesmo com toda aquela situação, o garoto admirava a beleza da antiga colega de classe, mas ele sabia de seus deveres.

Esmeralda!

True criou sua foice e a arremessou sobre o muro, fazendo a Tenente-coronel desviar-se para não ser atingida. O garoto, conseguindo fixar a foice no topo, usou a corrente como apoio para escalar o muro.

Preciso falar com você! Por favor, não quero te machucar!

Você? Não o vejo desde que... mandei te matar - Esmeralda deu uma pausa e sorriu. - Espere um minuto, você me machucar? Está se esquecendo quem é a Tenente-coronel aqui?

Com True distraído Esmeralda, o restante do grupo continuou o avanço no interior da base militar. No momento que entraram, outros soldados tentaram impedi-los, porém Romeo e Aline os derrotaram facilmente antes que chegassem a Light.

Enquanto o grupo avançava subindo uma pequena escada de aproximadamente oito degraus penetrando no interior da base, um dos soldados correu até o general para comunicá-lo da invasão:

General! Rebeldes estão atacando a base! Eles estavam disfarçados, por isso não pudemos prever o ataque. Nossas defesas não são suficientes para pará-los. Eles se dividiram em dois grupos de quatro integrantes. Um grupo está vindo até o senhor enquanto o outro está contendo nossas forças. Além disso, um deles criou uma barreira impedindo que nossos reforços da Ilha de Cobras entrem em Malevolência. Eles parecem ter ciência de nosso poder e acreditamos que o objetivo deles é matá-lo, senhor!

Matar-me? - A voz do general não tinha vida, as pessoas sentiam-se tristes apenas em ouvi-la. - Não me faça rir. Nossas tropas superaram os maiores exércitos da antiga era em menos de um dia. Então eu te pergunto seu insolente, acha que um grupo de quatro pessoas poderá me matar? - Enquanto falava, o general sacava sua espada da bainha.

O grupo avançava sem hesitar. A antiga Ilha Fiscal não foi totalmente reformada, mas para que fosse usada como base do general, algumas reformas foram feitas. Em vez de vários cômodos e divisórias, tudo foi unido criando um salão, somente o local onde o general exercia suas funções políticas era reservado. Light guiava o caminho até o general. Refletindo, Romeo queria saber como Light teria obtido a informação.

Light. Como você sabe sobre esta base?

Apenas capturei um soldado e entrei em sua mente. O mesmo que eu e Laura capturamos para estudar o uniforme.

Muito esperto.

Quando enfim atravessaram a sala que levava ao general, a porta do salão estava aberta. Romeo fez um sinal para que esperassem e fossem com cautela. Ele foi primeiro, andando perto da parede e esticando a cabeça para ver onde estava o general. O local estava escuro e vendo que não tinha problemas, fez um sinal para que avançassem.

Assim que entraram, as janelas foram abertas por um mecanismo moderno controlado pelo general. Agora que a luz tinha tomado conta do local eles puderam ver claramente uma lâmina atravessada em um soldado.

Que bom que vieram, tive que me entreter com meu subordinado enquanto não chegavam. Esperava que viessem os quatro, mas creio que o outro se perdeu durante o percurso - enquanto falava, retirou a lâmina do homem que acabara de matar, deixando que o corpo caísse sobre os pequenos degraus que elevava a cadeira onde o general estava sentado.

Os olhos de todos estavam direcionados para a figura sentada de pernas cruzadas, o rosto era apoiado pela mão esquerda, o qual também segurava o controle remoto das janelas. Seu rosto era belo, os cabelos muito curtos e morenos, os olhos eram escuros como a noite e a pele, bronzeada. O general se levantou e todos puderam ver como ele era alto e magro, deveria ter a altura de Piatã. A farda era negra e as mangas estavam dobradas, apenas o rosto, mãos e antebraço estavam descobertos.

Deveriam ter me atacado enquanto me levantava, seria o único instante que estaria sem equilíbrio. Agora que estou de pé, podem começar suas preces para seu Deus! - O general brandiu sua espada fazendo o sangue que estava na lâmina ser arremessado na parede; depois, esperou pelo movimento dos invasores.

Capítulo 13

A princesa da luxúria

Finalmente True estava frente a frente com a antiga colega de classe, a única pessoa que tinha despertado sua atenção. No dia anterior, pensava no motivo de querer tanto salvá-la. Seria apenas desejo? Não, há algo mais. "Algo que vi naquele dia" - pensou ele, lembrando-se de quando foi à Ilha das Cobras na aula extracurricular. True sempre admirou os lindos olhos verdes que Esmeralda possuía, mais do que qualquer curva de seu corpo. Ele via que em seus olhos havia algo mais do que seu título ou sua beleza.

O garoto avistou quando o restante de seu grupo adentrou em Malevolência, o que o acalmou, pois além de salvar a antiga colega, precisava garantir que o plano continuasse.

Você realmente acha que me impediu de detê-los? Eu não tinha interesse nos seus amigos. Ainda bem que eles foram até meu mestre, assim posso me divertir um pouco já que você está aqui e não precisarei sujar minhas mãos - disse Esmeralda, interrompendo os pensamentos do garoto.

True encarou Esmeralda pensando no interesse que ela tinha nele. Ele percebeu que a garota, que parecia mais uma mulher já formada, usava uma roupa bastante sensual, inapropriada para uma batalha. Pensando melhor, a luxúria era sua maior arma, então talvez a roupa que estava usando fazia parte de sua estratégia.

Por que você *caiu*? — True foi direto ao assunto.

Eu "caí"? Por acaso esta me vendo no chão? — Esmeralda disse com ironia, com a mão na boca fingindo que estava pensativa.

True não aceitou as provocações de Esmeralda, sua consciência estava limpa de que tentaria da maneira mais fácil, caso ela não cooperasse teria que ser da maneira mais difícil.

O que quer comigo? - O garoto se lembrou de sua dúvida de poucos instantes.

Quero seu corpo. Você está malhando não está? Por que não me mostra seus músculos? — A cada pergunta ela dava um passo à frente abrindo os traços para alcançar o garoto.

True sabia que aquilo não levaria a nada. Esmeralda estava usando sua íbia para atraí-lo a uma armadilha. Infelizmente, o garoto teria que passar para força bruta.

Ele investiu em direção a garota e a dois passos de distância tentou acertá-la com seu soco em chamas. Esmeralda se esquivou com facilidade e True não ficou surpreso, aquele ataque possuía uma força imensa, mas era facilmente desviado se o oponente concentrasse na batalha. Aquele ataque foi apenas para testar Esmeralda. True, agora perto da extremidade do muro, usou as pequenas torres para ter um impulso, aumentando a velocidade do ataque, mas Esmeralda, a poucos centímetros de ser atingida, desviou com um sorriso no rosto. Com equilíbrio, ele ainda girou e tentou acertá-la mais uma vez. Ela jogou as costas contra chão em uma esquivada e com as pernas puxou True para perto dela.

Por que você não me beija? - Esmeralda forçou as pernas para puxar o quadril do garoto ainda mais perto.

Ele aproveitou que Esmeralda estava com os olhos fechados e usou toda sua força para atingi-la em cheio na barriga. Ela não podia fugir, teria se colocado mesma naquela situação, porém True sentiu algo que parou seu golpe. Ele olhou para as duas facas médias que tinham aparado com facilidade seu soco. Esmeralda as tinha retirado da longa bota que usava.

Como? - True não entendeu como duas facas podiam parar seu soco que derreteu até o gigante escudo de Piatã.

Taiji, o que houve? - True perguntou a sua alma.

Não estamos totalmente sincronizados, nosso corpo se distraiu com Esmeralda! — *Taiji respondeu.*

Temendo que fosse atingido, o garoto se esforçou até que conseguiu se libertar, *afastando-se* o máximo que pôde da adversária. Ele tinha se distraído e aquilo não podia se repetir. Esmeralda era perigosa, sabia como provocar os homens, e isso poderia ser ruim para a sincronização de True. Ele teria que lutar a distância, assim como fez contra Acauã, lembrando-se do treinamento, trocou a força do seu punho pela foice com a corrente.

Infelizmente, a foice e as chamas de seu braço necessitavam de muita energia, o que o impossibilitava de usá-las simultaneamente, pelo menos no nível que se encontrava.

Gostei da foice, True. Vamos ver se gosta da minha alma — disse a garota com um longo sorriso no rosto e arremessou as duas facas que carregava para o pátio de Malevolência.

True viu a Súcubo desaparecer no topo da cabeça da oponente e então assistiu a ativação de sua alma. As roupas de Esmeralda queimaram, deixando-a apenas de roupa íntima, um par de asas de demônio surgiu nas costas da garota e um enorme chicote com espinhos se materializou em sua mão. True assistiu a transformação percebendo algo que achava impossível. Esmeralda, que já era linda, ficou ainda mais encantadora com a ativação da alma, apesar do par de asas que levava nas costas e o pequeno par de chifres que ornamentava o topo da cabeça.

O garoto, ao vê-la, perdeu totalmente a sincronização com sua alma, deixando-o vulnerável.

Por que recolheu sua alma? Não seja tímido. Logo agora que íamos brincar! - Esmeralda mudou seu tom de voz, fazendo uma cara emburrada que True sabia que era parte da encenação.

Ele estava com sérios problemas, sem a sincronização com Taiji, não podia ativá-lo. Cada vez mais Esmeralda o provocava, sem saber o que fazer, tentou fechar seus olhos para concentrar-se em sua alma, mas foi inútil. Esmeralda arremessou seu chicote, prendendo-o na perna, e com um forte puxão fez o garoto desabar e ser levado até ela. A concentração de True foi interrompida com o impacto de seu corpo contra o chão e em poucos segundos Esmeralda o imobilizou. Ela segurava seus braços, deixando-os abertos, e sentou em cima do garoto, impedindo-o de mover as pernas. Para provocá-lo ainda mais, beijou lentamente seu pescoço.

Ele não sabia o que fazer. Seu corpo e sua mente estavam paralisados, nada o obedecia e um forte arrepio gelado tomava conta de seu corpo. Esmeralda ergueu novamente sua cabeça e encarou os olhos de True. Os olhos verdes de Esmeralda o enfeitiçava, deixando seus olhos arregalados por tanto beleza. True estava quase se entregando quando a voz de Taiji ecoou em sua mente.

Eu lhe disse, não disse? Você só quer salvá-la por desejar o corpo que ela possui.

Não é verdade! - *contradiisse.*

É claro que é. Não tente me enganar, garoto; afinal, sou parte de você!

Está enganado! — retrucou e havia verdade em suas palavras.

Estou? Então prove! - Taiji provocou com um sorriso. Imaginando que aquilo seria suficiente para lembrar o que os trouxeram até ali.

Aquele não foi o primeiro dia que True viu Esmeralda, eles compartilharam a mesma sala durante todo o Ensino Médio. True sempre quis o coração de Esmeralda, mas sabia que nunca o

teria. Lembrou-se de que não havia chance contra os outros garotos, que também admiravam a Tenente-coronel em matéria de posição social e beleza. Mas havia um diferencial que apenas True possuía. Ao contrário dos outros, ele via algo além de Esmeralda, algo que ia muito além do corpo físico e a mostraria naquele momento.

Esmeralda, no interim em que se aproximava para beijá-lo, um beijo mortal que o enfeitiçaria e o faria se esquecer de quem ele era, assustou-se com a aparência do garoto. Uma nova expressão nascera em sua face, uma que ela não sabia distinguir. A expressão não era prazer, nem medo, nem raiva; assim que os olhos de True se encontraram aos dela, Esmeralda soube que o garoto via muito além do que qualquer pessoa havia visto nela.

Ele via sua alma, sua verdadeira identidade.

- Que cara é essa, True? - Esmeralda perguntou fazendo a voz ficar com um tom o mais meigo possível.

Antes de responder, aproveitou a folga nas pernas e as libertou dirigindo um chute duplo na barriga de Esmeralda que recuou alguns passos devido ao impacto. Sem perder sua chance, o garoto passou sua energia para a mão direita, criando seu braço em chamas, e, em um piscar de olhos, acertou a lateral do corpo de Esmeralda, arremessando-a muro abaixo indo parar no pátio de Malevolência.

Agora que ele estava totalmente livre, respondeu à pergunta:

Parece que você percebeu. Então, você já pode parar com seus joguinhos de sedução - True fez uma pausa até que seus olhares se encontraram novamente. - Não se preocupe, Esmeralda, eu vou salvá-la!

Eu estou bem, True. Não há nada de que precise me salvar...

Não falo com você, Tenente-coronel — interrompeu elevando a voz. - Falo com a verdadeira Esmeralda dentro de você.

Por um momento, os olhos de Esmeralda ficaram úmidos e tremeram. O movimento foi rápido e imperceptível ao garoto que estava há alguns metros de distância. Confusa e tomada pela raiva por seu plano ter falhado, ela se levantou, enquanto botava a mão sobre a queimadura em sua cintura.

Você poderia ter morrido depois de passar por um momento de prazer, mas agora sua morte será lenta e com muita dor! - Esmeralda gritava com ódio do garoto. E após levantar-se, usou o chicote para acertá-lo no rosto.

Taji, o escudo - True falava para sua alma enquanto pulava do andar superior e ia ao encontro de sua oponente.

Ele se defendeu com perfeição do ataque de Esmeralda, acumulando e consequentemente alargando o escudo feito de gelo. Esmeralda estava com tanta raiva que nem percebeu quando o garoto havia criado o bloqueio, apenas admirou a rapidez com que se reequipou.

Taji, a foice, por favor — pediu o garoto equipando a foice com a corrente que usou na batalha contra Acauã.

Sem hesitar, arremessou a foice na direção de Esmeralda, que desviou do ataque com dificuldades, em seguida, tentou acertar o garoto novamente com seu chicote. True rapidamente trocou para o escudo, se defendendo da investida e acumulando mais energia, em seguida, mudou para a foice para golpear a garota. Nesse momento, Esmeralda percebeu algo que a ajudaria na batalha.

Com a troca do escudo para a foice, levava certo tempo para que toda energia passasse para o lado que True desejava, naquele momento, seria a hora certa para ela atacar. Esmeralda mudou também sua arma, dividindo ru enorme chicote em dois menores. True não entendeu o motivo, mas logo descobriria.

A garota se aproximou e jogou o primeiro chicote para prender a foice, assim ele não poderia arremessá-la, com o outro chicote na mão livre, acertou True no ombro, mas foi impedida quando ele se defendeu com o escudo. Esmeralda sorriu, era isso que ela queria. Usando a energia para se defender do ataque, True estava vulnerável à segunda investida do outro chicote que agora estava livre, ele não tinha tempo para se defender nem cara trocar de equipamento, recebendo o ataque de Esmeralda no peito. Os espinhos que faziam parte do chicote poderiam ter feito ferimentos profundos no corpo do garoto, mas felizmente ele estava com a roupa especial que Light lhe entregou, protegendo-o de maiores danos.

Ao cair no chão, Esmeralda já preparava mais dois ataques para acertá-lo. Feliz por ter treinado seus reflexos, True rolou dando uma distância segura dos ataques de Esmeralda.

Taiji, temos que acabar logo com isso - *disse True para sua alma.*

O que propõe! - Taiji pareceu curioso.

Primeiro quero saber se é possível ativar o escudo e a foice ao mesmo tempo.

Sim, é possível. Assim como fizemos contra Acauã, mas como sabe, só temos que fazer essa transição por não termos energia suficiente para ativar os dois. No treinamento nos arriscamos por passarmos por riscos reais, agora é diferente.

Eu não vejo diferença. No treinamento não podíamos falhar, e agora também não podemos. Então me diga como conseguimos mais energia.

Aumentando nossa sincronização, aumentamos nossa energia - *respondeu sua alma.*

True fechou os olhos para se concentrar em Taiji. Prometeu que salvaria Esmeralda; todos estavam contando com ele. True não suportaria ter que informar ao rádio que tinha falhado em sua única tarefa. Todos estavam dando o melhor de si para tirar a América do Sul daquele terror. Laura, Edgar, Piatã e Acauã estavam lutando contra vários *caídos* e teriam que segurá-los ali.

True não queria ouvir a bronca de Acauã por não ter cuidado de um único inimigo.

Taiji e True estavam mais sincronizados do que nunca, ele sentia a energia fluir sobre seu corpo. No momento que reabriu seus olhos, viu Esmeralda saltar para cima dele, esticando suas mãos para trás com a vontade de acertar os dois chicotes de uma só vez contra seu oponente. Felizmente, o ataque de Esmeralda não pôde ser concluído, a pressão da energia de True fez com que ela fosse jogada para trás. O garoto conseguiu ativar seu escudo e a foice simultaneamente, além disso, seus olhos adquiriram colorações diferentes: o olho esquerdo estava com uma coloração vermelho-sangue e o olho direito com um verde-claro que quase se igualava ao de Esmeralda.

Esmeralda o encarava com dúvidas. "Onde se originou essa energia que ele manifestou de repente" - ela se perguntava.

A batalha de True e Esmeralda seguia para seu desfecho. Os dois jovens trocavam os últimos e decisivos golpes.

Esmeralda contava com seus dois chicotes que poderia atacar em um intervalo menor do que True. O garoto, por sua vez, possuía o escudo para protegê-lo e a foice para investir; no entanto, ele não podia arremessá-la.

Tudo ao redor dos dois parecia não existir, ambos se concentravam nos movimentos de seu oponente. O mundo inteiro pareceu se resumir àquele lugar para os dois jovens.

Os assaltos, apesar de mortais, eram precisos e sincronizados. True e Esmeralda atacavam e se esquivavam perfeitamente como em uma dança.

Que sensação é essa? Sinto meu corpo mais leve, é como se nada pudesse me atingir — *pensava o garoto.*

Por que esse garoto me irrita desse modo? — *Esmeralda refletia.* - Aquele olhar... é como se ele olhasse para dentro de mim, para minha alma. O que é essa sensação? Não! Ele é igual aos outros! Eu devo matá-lo!

Os golpes se tornavam cada vez mais intensos, e os combatentes investiam mais próximos. De onde vem essa vontade de sorrir? Será que estou ficando louco? Será medo? — *True se questionava na tentativa de entender o que sentia naquele instante.* - Eu estou... feliz? Taiji, eu devo estar parecendo um idiota agora.

Não, True. Eu também estou sentimento a mesma sensação - *disse Taiji.*

True fitou os olhos de Esmeralda e, no mesmo instante, sorriu.

Eu estou contente apenas por estar ao lado dela. Isso faz de mim um tolo?

Um tolo? Não. Você seria um idiota se não sorrisse quando se sentisse alegre. Por que deveríamos hesitar para o que nos faz feliz? Corra até sua felicidade!

As palavras de sua alma o confortaram, e na presença da garota que tanto admirava True deixou que o sorriso se manifestasse, um sorriso radiante o qual interrompeu até os pensamentos mais sombrios de Esmeralda, que por um segundo sentiu a paz retornar a sua mente.

Esmeralda estava desatenta e não teve tempo para reagir quando True se aproximou subitamente, redirecionando com intensidade o chicote, permitindo que uma abertura fosse feita na defesa de Esmeralda.

Adeus, Súcubo! - True levantou a foice e incidiu contra Esmeralda, atingindo-a.

A garota soltou um enorme grito que ecoou por toda a ilha de Malevolência.

True? O que foi isso? Responda! - Era a voz de Light ao rádio, mas True não respondeu.

Esmeralda caiu ao chão, enfraquecida, após a foice cortar a *corrupção* de sua alma.

Não se preocupe. A foice não corta o corpo, mas, sim, a alma do meu oponente. Agora me deixe salvá-la - disse True para que a garota se acalmasse ao mesmo tempo em que fazia sua alma voltar à forma original.

O garoto agachou e colocou Esmeralda em seu colo, apoiando a cabeça dela com o braço esquerdo enquanto a mão direita tocava em sua testa.

Vamos começar - anunciou o garoto ao usar o *Solstício*.

True reabriu os olhos notando que estava no *mundo* de Esmeralda. Ele olhou em volta e percebeu que o *mundo* era modelado como uma cidade, nas ruas não havia muitas pessoas, os únicos lugares abertos eram bares e outros lugares que adultos frequentavam. Por alguma razão, ele se sentia muito mal em estar naquele lugar. Enquanto procurava por Esmeralda, ele ouviu: Socorro! Alguém, por favor, me ajude! - a voz era de uma menina, parecida com a voz doce de Esmeralda, mas parecia mais jovem.

Ele viu uma menina que deveria ter 13 ou 14 anos fugir de algo em seu encalço. A menina não parava de correr. Ela pedia ajuda sem cessar, desesperada. E logo atrás dela, True pôde avistar

três sombras em forma de homens. Os sorrisos diabólicos em seus rostos fez com que True tirasse conclusões de seus atos.

A menina caiu exausta e mal deu para ouvir seu último pedido de ajuda. Em nenhum momento olhou para trás, e mesmo ao chão, tentava fugir se arrastando.

Uma das sombras a alcançou e rasgou um pedaço de sua blusa enquanto outro a agarrava pela perna. True correu o mais rápido que pôde até onde a garota estava caída e atacou o primeiro que tinha a alcançado com seu braço em chamas. Antes que os outros homens fugissem, True os acertou, desfazendo-os. Ele sabia que não eram homens de verdade, eram apenas lembranças de Esmeralda, partes de um pesadelo. Agora que não havia perigo, True agachou perto da garota para ver seu estado.

Por favor, não me machuque! - implorou a garota com o resto da voz que possuía. True notou as lágrimas que eram derramadas dos olhos verde-claros da menina.

Não vou te machucar. Só quero conversar com você. Posso ficar distante se preferir.

A menina hesitou, mas logo concluiu que aquele garoto era diferente dos outros; afinal, ele a tinha salvado. Mais confiante, a menina se sentou sem força e enxugou as lágrimas ainda tremendo. Suas roupas viraram trapos devido à violência dos agressores.

Qual é o seu nome, menina? - True começou.

Esmeralda — ela respondeu devagar.

Os pensamentos de True estavam certos, ele reconheceu a voz doce e os olhos verde-claros que ela possuía. A única coisa que não entendeu era o motivo dela ser uma pré-adolescente.

Por que aqueles homens estavam atrás de você?

Eles... — True viu que outra lágrima se formava nos olhos de Esmeralda. - Queriam abusar de mim.

True levou um choque em seus nervos, seu corpo passava por um forte sentimento de ódio por aqueles homens e de tristeza pela menina.

Não conseguia suportar a idéia de homens abusarem da indefesa e jovem menina.

Esmeralda perdeu o equilíbrio do corpo e ia bater com a cabeça no chão, mas True a impediu de se machucar.

O que uma garota dessa idade faz tarde da noite nas ruas? — *pensou ele.*

Ela reabriu os olhos e sem forças para lutar, ficou sem se mexer no colo do estranho.

Está tudo bem, não quero seu mal. Eu vim aqui para te ajudar - repetiu, deixando clara suas intenções. - Poderia me contar a sua história e como veio parar aqui?

Esmeralda inicialmente teve receio em dizer, mas ao ser envolvida— pelos braços do estranho, que por algum motivo lhe transmitia uma sensação de segurança, decidiu contar a ele.

Eu sempre fui linda desde pequena. Meus pais acreditavam que eu recebi uma benção divina de tão bela. Minha mãe adorava me enfeitar como podia, deixando-me ainda mais encantadora. Simbolizando o quanto eu era preciosa para meus pais, eles me deram o nome de Esmeralda, pois, assim como a gema esmeralda, meus olhos tinham a mesma coloração verde. Porém, nem tudo era belo... Nossa família era muito pobre, morávamos em uma cidade esquecida pelo governo. Meu pai trabalhava de mascate e minha mãe de doméstica. Eles se esforçavam muito para garantir nossas necessidades básicas e, em especial, minha educação. Devido a tanto trabalho, meus pais começaram a adoecer e se recusavam a tratar de suas doenças para economizar. O que mais me doía era não poder ajudá-los nas despesas. Pelo menos, não até ele

chegar... - ela fez uma pausa recordando-se do episódio. - Um homem de belas feições, vestido com um elegante terno, cujo nome deve ser esquecido, bateu em nossa porta. Ele se apresentou e explicou que estava interessado em me fazer uma modelo de sucesso. Apesar de ser muito jovem e ter apenas 14 anos, aparentava ter um corpo de 18 anos. Meus pais hesitaram no início, mas eu os convenci, para que pudesse ajudá-los nas despesas. O que eu não havia percebido era que tudo se tratava de uma grande armadilha...

True pensou que Esmeralda começaria a chorar, mas ela continuou:

O que começou com poucas fotos, se tornou em um eterno pesadelo. Com o dinheiro dos álbuns comprei alguns remédios para meus pais, mas não era o suficiente. Eu tinha que crescer financeiramente, e o homem viu ali sua chance. Em uma viagem para fora do Estado, paramos em uma pousada para passar a noite. Dividíamos o mesmo quarto e não havia muitas pessoas hospedadas naquela noite, foi quando ele mostrou quem realmente era e abusou de mim...

Com aquelas palavras, o coração de True parou. A dor que ele sentia por Esmeralda fez lágrimas brotarem de seu rosto, enquanto ela continuava, ele a abraçou mais forte.

O homem, na verdade, fazia parte de uma quadrilha internacional e um dos seus trabalhos era seqüestrar crianças e adolescentes para servirem de escravas por todo o mundo. A maioria das garotas, assim como eu, foi obrigada a vender o corpo, fazendo encontros com quem pudesse pagar. Aquele tempo, que parecia uma eternidade, pensei que nunca acabaria. Eu já não sabia quem era, tinha nojo de mim mesma, e à medida que era forçada a fazer aqueles trabalhos, minha alma ia sendo destruída...

Esmeralda deu uma pausa para retomar o fôlego e conter as lágrimas para que continuasse.

Quando a ditadura começou, aquela quadrilha foi completamente extinta. Os malfeitores, que nos mantinham em cárceres, foram mortos diante de nossos próprios olhos de maneiras brutais pelos soldados do ditador. Nós, que éramos vítimas de suas atrocidades, não conseguimos sentir em nenhum momento pena daqueles bárbaros. E então percebi em que havia me transformado. Os soldados não pouparam as crianças e adolescentes, pois não queriam testemunhas. Apenas eu sobrevivi. O líder dos soldados, ao colocar seus olhos em mim, admirou minha beleza e decidiu que eu seria dele a partir daquele dia. E percebi aquele mesmo olhar de quando fui tirada de minha cidade e de meus pais. Aquele comandante tinha um cabaré em seu nome, no qual fui posta para trabalhar. O cabaré ficou conhecido por todos. Os soldados faziam fila só para me ver, cada um deles aumentava a quantia de dinheiro do antecessor só para ir ao quarto comigo. O comandante, dono do estabelecimento, ganhava muito dinheiro; aquela teria sido a melhor decisão que havia tomado. Essa vida se repedi dia após dia, até que em uma noite, o general da América do Sul ficou sabendo da minha existência e foi pessoalmente ao cabaré onde eu trabalhava. Ele se encantou quando me viu e decidiu me levar junto a ele. O comandante que era meu dono ficou revoltado pela decisão do seu superior, mas ele não podia fazer nada, as palavras de um general eram eis, e por ele não querer aceitar a decisão, foi morto na frente de todos. O general me deixou ir uma última vez à cidade onde morava e foi quando descobri que meus pais haviam falecido. Graças ao general, meus pais tiveram um enterro digno e depois que me despedi, fui morar na mansão do general na Ilha de Cobras, onde era tratada como uma princesa. Qualquer soldado ou civil que tentasse se aproveitar de mim seria morto. Apesar de sentir saudades de minha família, eu adorava o lugar: ter um imenso banheiro só para mim, produtos de beleza nunca faltavam. Mas nem tudo era bom, eu também tinha que fazer as tarefas

que o general me ordenava: colher impostos, tomar grandes decisões e até mesmo matar. Quando fui nomeada Tenente-coronel, voltei a estudar. A *corrupção* começava a me afetar e antes que percebesse, havia me tornado uma pessoa completamente diferente de quem era. Eu adorava provocar os homens, pois sabia que se tentassem algo, seriam mortos. Aquela era uma maneira de me vingar do destino. Todos me diziam que a beleza era uma benção, que era algo que deveria agradecer em possuir. Eu era a única que achava o contrário, até onde vivi, a beleza era uma maldição.

True não conseguia conter seu choro, derramava lágrimas e mais lágrimas que caíam em Esmeralda.

Por que está chorando? — Esmeralda indagou, confusa.

Como por que... Você não deveria passar por isso... Não foi culpa sua ter nascido em um mundo de aberrações! - True respondia soluçando devido ao choro. - Eu posso te tirar dessa escuridão, apenas me deixe protegê-la! Nunca mais terá que vender seu corpo nem terá que matar ou obedecer ninguém para isso, você será livre!

Parece ótimo - a menina disse fechando os olhos novamente, desta vez, com um sorriso. — Leve-me à luz novamente.

True olhou para cima e viu que o céu, na verdade, era água, concluindo que toda aquela cidade onde estavam teria *caído* junto com Esmeralda. Ele, com toda a determinação que possuía, emergiu junto a menina, levando-a, para a *superfície* novamente.

True? - era voz de Romeo no rádio.

Responda, True! De quem foi esse grito? — agora era Light quem falava.

True, o que está acontecendo aí? Por acaso está chorando? — Acauã gritava impaciente.

O garoto segurava forte a linda mulher que tinha nos braços, com as últimas gotas de lágrimas caindo sobre ela, pôde responder:

Que droga de mundo é esse! - True gritou o mais alto que pôde em desabafo.

Seus companheiros ficaram tentando imaginar o porquê daquele comportamento.

A... Aqui é True falando — um silêncio se fez no rádio para que todos ouvissem. — O grito de antes foi de Esmeralda quando a acertei com minha foice, mas não se preocupem. O Flagelo das Almas não acerta o corpo da pessoa e sim a alma.

"Flagelo das Almas"? - ouviu-se alguém perguntar.

É como decidi chamar minha foice - explicou e logo continuou. -Aquele Súcubo não existe mais nesse nem no outro mundo. Eu consegui trazer Esmeralda de volta, agora ela não é mais uma *caída*. No momento ela está dormindo. Esmeralda passou por muitas coisas ruins, e eu não quero que passe por tudo aquilo de novo.

Todos os outros membros soltaram um suspiro de alívio.

Aqui é Light falando. Fez um ótimo trabalho, garoto! Agora descanse que nós cuidaremos do general.

Aqui é Acauã. Não estou zangada com você, garoto, até os homens mais fortes choram às vezes. Nosso grupo concluiu a tarefa com perfeição. Edgar está com um corte no peito, mas nada grave. Quando terminarmos os primeiros socorros, nos encontraremos com True e Esmeralda.

Não tenham pressa - disse True. - Preciso de um tempo para descansar.

Agora, o único inimigo que faltava era o general. Romeo o encarava nos olhos, estudando o forte oponente que teria que enfrentar.

— Vamos logo dar um fim nisso! - Romeo ordenou, investindo contra o general.

Capítulo 14

O demônio de Malevolência

Até o momento, o plano fora um total sucesso. O grupo liderado por Acauá cuidou dos guardas com perfeição, e True, como prometido, salvou sua antiga colega deixando o caminho livre até o general. Agora só teriam que lidar com mais um inimigo e tudo acabaria, falhar não era uma opção.

O grupo, composto de três pessoas, podia se concentrar apenas no inimigo à frente. Seus aliados fizeram como planejado para que eles tivessem essa chance, agora, frente a frente, eles não podiam perder.

Romeo seguiu na dianteira e atacou o general, enquanto Aline investiu pela lateral. Light usou uma habilidade para que o general ficasse preso no chão, incapacitando-o de movimentar suas pernas.

O general percebeu a habilidade que Light sem se preocupar, apenas bloqueou o ataque de Romeo, fazendo-o ser jogado para trás. No momento do ataque de Aline, o general desarmou o golpe e a agarrou pelo cabelo.

Aline! - Romeo gritou.

Não deveriam atacar seu inimigo tão diretamente - disse o general.

Romeo, aproveitando que seu inimigo estava distraído com Aline, correu para perto do general e usou a garra para ferir a mão que mantinha sua aliada presa. Com o ataque o general não teve escolha a não ser soltá-la. Romeo agarrou a companheira e deu um salto pra trás, recuando.

Você é rápido rapaz. Qual é o seu nome? - o general se interessou pelo inimigo que o tinha ferido. Romeo ficou em silêncio, encarando o homem com hostilidade.

Entendo. Eu não me apresentei para vocês. Meu nome é Victor, apenas Victor, não possuo um sobrenome.

Light aproveitou e avaliou a alma do general. Como previa, ele acertou o formato que a alma possuía.

Romeo, a alma dele é a de um demônio. Então não espere compaixão.

Victor olhou para Light que estava o mais distante dele. O general deu um longo sorriso e Light percebeu que era ele o motivo da graça.

Incrível! Vocês acharam uma pessoa portadora do anjo. Eu acho que entendi seus planos. Se eu não me engano, vocês pretendem me derrotar e usar o *Solstício* em mim, não estou certo? - Victor provocou quase dando gargalhadas.

Você merece a paz tanto quanto nós. Se estiver disposto, podemos te ajudar a ser um *puro* novamente.

O general agora gargalhava o mais alto que pôde. Os corredores de Malevolência foram tomados pelas risadas irônicas de Victor.

Enquanto o general estava distraído com o rumo que a conversa tinha levado, Romeo fez um sinal para que Aline o seguisse para tentar atacá-lo novamente. Dando passos lentamente para o lado, Romeo ia por trás para acertá-lo nas costas e Aline escalava a janela para saltar e acertá-lo na cabeça.

Romeo olhou para ver se a companheira estava em posição e fez um sinal para saber se estava

pronta. Ela assentiu, fazendo com que Romeo desse a primeira investida contra o oponente. Porém, quando Romeo pensou que o acertaria, Victor deu um giro desviando do ataque e desferiu um corte em suas costas. Aline saltou e o general bloqueou o ataque com a espada que tinha erguido um pouco acima da cabeça. Victor girou o corpo acertando um chute nas costelas de Aline, fazendo a garota ser jogada para o meio do salão.

Achavam mesmo que por algum minuto eu não estava concentrado em vocês? Todos vocês subestimam o título de general dado a mim!

Romeo se arrastava com a esperança de alcançar Light. A ferida em suas costas fez um grande dano, impossibilitando-o de se esquivar rapidamente.

Aonde pensa que vai? - Victor perguntou sorrindo com a cena que via e agarrando Romeo pelo pescoço. — Então essa é a atual força da família Silvermoon. Eu ouvi falar que essa família possuía habilidades inacreditáveis, mas pelo visto era tudo mentira.

Light não deixaria seu amigo naquela situação, antes que o general pudesse notá-lo, Light investiu e dirigiu um pequeno raio no pulso do general, fazendo perder o movimento do membro por alguns segundos, tempo suficiente para que Light desse apoio ao amigo e o levasse para longe do perigo.

Talvez você esteja atento a eles, mas parece que me subestima, general — disse Light em uma distância segura.

Manipulação do vento, entendo, foi assim que me alcançou tão rápido. Seu insolente, vai desejar nunca ter feito isso! - retrucou Victor, furioso.

Light cuidou dos ferimentos de Romeo e Aline, nada que deixasse o corpo dos dois como antes da luta, mas o suficiente para que pudessem continuar a lutar.

Escutem — pediu Light para os companheiros. - Nós não temos tempo para que os ferimentos sejam totalmente curados, mas eu restaurei o suficiente para que possam lutar. Se levarem um ataque desses novamente, não poderei cuidar de ambos ao mesmo tempo. Então vamos fazer o seguinte...

O general recuperou o braço paralisado furioso com o inimigo que atrapalhara sua diversão. Brandindo novamente sua espada, não esperou pela investida do inimigo, ele mesmo atacou. Victor avançava com o objetivo de perfurar Light no peito, porém ele não estava sozinho.

Romeo se pôs à frente do amigo e com suas garras direcionou a lâmina para outra direção. Do atrito entre as duas armas surgiam faíscas devido à velocidade do ataque. Aline, vendo a guarda baixa do inimigo, direcionou um chute no abdômen de Victor, atordoando-o tempo suficiente para que Romeo continuasse a seqüência de golpes. A cada golpe que Romeo e Aline dirigiam ao general, suas velocidades e forças iam aumentando como efeito da habilidade passiva que os proprietários do lobo possuíam. Victor não podia responder a nenhum golpe, enquanto Aline atacava em lugares estratégicos para atordoá-lo por pequenos segundos, Romeo o atingia em pontos vitais.

Não me subestimem! - rugiu Victor criando forças para acertar sua espada no rosto de Romeo.

A lâmina, quando ia atingi-lo, foi repelida por algum tipo de escudo que o protegia.

Como? - perguntou o general a si mesmo, mas ele já sabia a resposta. Procurando pelo salão, sentado no canto quase imperceptível, estava Light com as mãos em posição de prece conjurando algumas palavras. - *Anjo insolente!*

A velocidade da dupla já tinha atingido seu limite. Victor era forçado a recuar a cada golpe até

que atingiu os degraus que elevavam sua poltrona, fazendo-o perder o equilíbrio. O frio tomou seu corpo, sua guarda estava aberta e seu equilíbrio quebrado. Romeo e Aline não deixaram a oportunidade passar. Ambos forçaram o banco para trás e em uma investida ensaiada, atingiram o peito de Victor, que foi jogado contra a poltrona feita de algum tipo de minério. O assento não aguentou e rachou, para finalizar, Romeo abaixou a mão para dar apoio à Aline, que a utilizou como impulso para um salto. Com algumas cambalhotas bem realizadas no ar, aterrissou finalizando com um chute duplo no corpo do general, destruindo totalmente o assento que estava atrás de seu corpo.

Uma cortina de poeira se formou devido à intensidade do golpe. Aline deu um passo para fora da cortina para que pudesse respirar melhor. Romeo foi até Light para certificar-se que estava tudo bem.

Conseguimos? - perguntou Light ansioso.

Romeo não soube responder ao certo então esperou até que a cortina de poeira se assentasse. Aline estava afastada do restante do grupo, mas não abaixou sua guarda até que tivesse certeza do resultado.

Quando a poeira abaixou, eles puderam ver o corpo de Victor atirado ao chão sem se mover. De sua boca escorria sangue. Os braços estavam abertos e sua espada, afastada a alguns centímetros de sua mão esquerda. Os olhos fechados não mostravam nenhum sinal de vida, então Aline olhou para os dois companheiros para saber o que fazer.

Parece que conseguimos - disse Aline.

Romeo e Light deram um suspiro de alívio. Romeo tentou usar o rádio para passar a mensagem aos outros companheiros, mas o sinal não estava bom, talvez o aparelho tivesse sido afetado durante a batalha. Para se certificar, Romeo foi até a entrada do salão para verificar se o sinal melhorava e enquanto isso Light sentou e esticou as pernas, aliviado que tinha acabado.

Aline, agora tranqüila, deu as costas ao corpo do inimigo e começou a andar ao encontro de seus companheiros.

Romeo, sem sucesso no sinal de rádio, refletia sobre a batalha de há poucos instantes, então veio um pensamento em sua mente que fez seu corpo congelar. — *Não pode ser!*

Aline! Saia de perto dele agora! — gritou Romeo, mas era tarde de mais.

Aline só conseguiu ver um vulto a envolver pelo pescoço.

Não acharam que se livrariam de mim tão fácil, acharam, seus lixos? — Victor estava de pé com um sorriso malicioso envolvendo a garota em seu braço.

Romeo correu o mais rápido que pôde para salvar a amiga. Fazendo o mesmo movimento que a livrou da outra vez, tentou acertar o braço do general, porém algo aparou seu golpe.

A garra de Romeo tremia na tentativa de penetrar no braço que mantinha a Aline presa. A pele de Victor foi coberta por uma nova camada mais resistente, suas mãos se transformaram em garras e seu rosto foi deformado, tomando a aparência de um demônio.

Ele ativou a alma! Saia de perto dele! — Light alertou o amigo.

Antes que Romeo se esquivasse, o general o pegou pelo braço e o arremessou acertando Light, fazendo-os serem jogados contra a parede do salão.

Agora é sua vez, garotinha - disse Victor iniciando seu ataque.

O general a segurou pelo braço levantando a alguns centímetros do chão. Em uma tentativa desesperada, Aline tentava chutá-lo e acertá-lo com sua garra, mas era tudo em vão.

Sem piedade, Victor acertou Aline com socos e chutes por todo o corpo. A cada golpe, a garota ia ficando mais cansada, o sangue escorria por seu rosto através das várias feridas, alguns cortes eram feitos pela nova camada que revestiu o corpo do general. Quando Victor a ergueu ainda mais alto e percebeu que a garota mal se movia, agarrou sua espada para dar um fim a ela. Romeo viu a cena de longe e em uma tentativa desesperada para salvar a amiga, correu enquanto gritava pelo nome de Aline.

Não faça isso, general! Aline! - Romeo correu para tentar impedir o pior.

Sem misericórdia! — respondeu Victor que voltou sua atenção à garota. - Adeus, mocinha.

O general olhou no fundo dos olhos de Aline que imploravam para que ele parasse. Victor olhou uma última vez para Romeo, que corria na esperança de salvá-la, e com um sorriso diabólico, cravou a espada no abdômen da garota.

ALINE! - Romeo gritou novamente vendo a lâmina atravessar o corpo da jovem.

Victor retirou a espada e a deixou cair ao chão gélido do salão de Malevolência. Um sorriso incontrolável tomou seu rosto e a insanidade tomou sua mente. Ele ergueu suas asas, similares a de um morcego, e voou sobre o salão.

Aline! Fale comigo! - implorava Romeo ao alcançar a garota e a segurar nos braços.

Aline não respondeu, apenas olhava o rosto do tutor, amigo e companheiro de batalha que a ajudava sempre que necessitava.

Light! Tente curá-la! — Romeo recorreu ao amigo na esperança de que ela não morresse.

O general gargalhava enquanto planava, o que fazia Romeo ficar ainda mais irritado.

Não sei se posso curá-la a tempo, meu amigo, mas vou fazer o que posso.

Faça de tudo para salvá-la! Eu cuidarei do general!

Romeo! Você também está fraco, não posso cuidar de suas feridas enquanto estiver me concentrando em Aline.

Romeo ficou de pé após deixar a garota aos cuidados de Light. Ele via o sorriso de satisfação de Victor, o que o enfurecia. O rebelde ficou pensativo por um instante e depois decidiu realizar sua estratégia.

Vou fazer aquilo que lhe disse, não temos outra escolha!

-Tem certeza? - Light viu a determinação nos olhos do amigo, mas já que não podia impedi-lo, tentava fazê-lo mudar de idéia.

Romeo apenas o encarou assentindo.

Assim que True havia saído do local onde estavam ao redor da fogueira, os irmãos indígenas não demoraram muito e logo foram dormir, deixando Light e Romeo a sós. Naquela noite Romeo propôs um plano "B" na invasão, que se eles falhassem em derrotar o general, ele queria que Light fizesse uma barreira para trancar ele e o general, assim Romeo poderia lutar à vontade contra o inimigo. Light viu um problema nesse plano, apesar do amigo ser forte, talvez não fosse o suficiente para derrotar um general. Romeo apenas disse que daria um jeito e Light acreditou; afinal, Romeo sempre tinha cumprido com suas palavras.

Realmente não há outro jeito — *Light pensou.*

Victor! Desça agora mesmo! Ou será que você é do tipo que só consegue matar mulheres mais frágeis?

O general se irritou com o insulto, desfazendo no mesmo momento o seu sorriso. Romeo investiu

contra o general, atacando-o novamente. Victor se defendeu facilmente e Romeo, com uma de suas garras, segurou a espada do general e com a outra garra livre tentou atacar o rosto de Victor, mas ele apenas segurou seu pulso. Aqueles ataques foram apenas para imobilizar o general enquanto Light criavam imensas barreiras que impediam qualquer um de entrar ou sair. No momento em que ficou preso aqui, você perdeu, general - Romeo disse seguro de sua estratégia.

Tem certeza disso, inseto? Você esquece que eu sou Victor, o demônio de Malevolência!

Romeo não sentia medo. A aparência de Victor pouco o amedrontava. Romeo só sentia uma coisa, vontade de fazer justiça.

Ambos se soltaram e recuaram. Victor olhava o oponente como um louco, se ele não conseguiu vencê-lo com a ajuda de duas pessoas, como poderia vencer sozinho?

Tenho que admitir, você tem coragem, inseto. Mas nada do que está planejando vai dar certo.

Victor fez uma pausa avaliando o comportamento do rebelde. Romeo estava exausto, mal conseguia ficar de pé, sua respiração estava ofegante e seus olhos pesados pediam por descanso. O general, vendo isso, sorriu.

Você me lembra de quando eu era mais jovem. Quando eu era criança, era um menino qualquer que vivia na favela, aqui mesmo no Rio de Janeiro. Hoje elas não existem mais, foram todas destruídas pelo meu superior - Victor fez outra pausa, pensativo. - Eu nunca tive nada, mal sabia quem era meus pais, vivi cada dia como se fosse o último. Mas sobrevivi e aqui estou agora, poderoso, temido e rico. Eu era visto como um lixo por todos, uma criança qualquer de rua, um inseto que se desaparecesse do mundo ninguém sentiria falta. "Menos um", diriam as pessoas.

A visão de Romeo estava embaçada, não conseguia ver claramente onde estava seu agressor, caso Victor atacasse, seria seu fim.

"O mundo dá voltas", eu sou a prova disso. De centenas de pessoas que convivi na favela e durante minha vida, apenas uma me tratou como igual. Em um dos "arrastões" que fazia para sobreviver, quando corria levando tudo que era valioso pelo caminho, uma garotinha entrou em meu caminho. Ela erguia a bolsa me entregando de boa vontade, não havia medo nos olhos dela, mesmo em toda aquela confusão. Eu me lembro de perguntar: "Não está com medo?", e ela respondeu: "Eu sou de uma família rica, acho que você precisa disto mais do que eu". Eu tomei a bolsa e voltei para a favela, mas a imagem daquela garota nunca saiu de minha mente.

Romeo começava a recuperar a visão e seus sentidos. Os poucos minutos de descanso o ajudavam a recuperar o fôlego. Light, fora da barreira, tentava salvar a garota, conseguindo até então estancar o sangue.

Eu voltei à praia no dia seguinte - Victor continuou. - Eu a vi brincando na areia e ela notou minha presença e perguntou se eu não queria me juntar a ela. Eu não tive tempo de responder, os pais dela a levaram para longe para que eu não falasse com ela, mas já estava acostumado, pois como poderia um menino de rua se sentar com uma filha de milionários e se divertir? Eu nunca soube seu nome, só sabia que ela tinha os olhos verdes mais lindos de todos - o general sorriu com a sua atitude. - Não sei por que estou te contando isso, rapaz, mas a vida não é assim. Eu aprendi com o tempo que as pessoas não se importam umas com as outras, apenas algumas coisas fazem diferença na vida. O dinheiro, o poder, o medo, com isso posso dominar até mesmo um continente inteiro. Algumas de minhas vítimas morreram defendendo o amor — Victor sorriu. —

O amor não existe, existe o interesse individual! E apenas isso importa na vida.

Está enganado! - Romeo o interrompeu. - Eu entendo a sua dor, mas o que está dizendo está errado. As pessoas podem unir forças e se ajudar, e não há interesse nenhum entre elas.

Todos ficaram em silêncio. Romeo sabia o que Victor estava sentindo e sabia que podia ajudá-lo. Eu também passei por coisas nada fáceis... Eu tive uma família, mas por minha culpa eu a perdi... Tive um amigo, mas ele me traiu... Uma esposa, mas ela foi embora sem dar explicações... Já *cai* uma vez, mas... Apesar de tudo isso, nasceu uma nova esperança em meu coração!

Do que está falando, rebelde? - Victor se envolveu. - Prove o que está dizendo!

Romeo se virou para encarar o local onde seus companheiros estavam.

Aline... - disse Light aliviado, ao notar que a garota voltara a se mexer.

Fico feliz que está bem — Romeo disse aliviado enquanto Light ajudava a garota a se sentar.

Aline olhou para ele confusa sobre o que estava acontecendo naquela hora.

Aline, eu não posso vencê-lo no meu estado atual - Romeo continuou e a garota mantinha total atenção em suas palavras. - Para vencê-lo, preciso que você me responda uma pergunta.

O silêncio era absoluto, nem Victor interrompeu, ele queria saber até onde aquilo chegaria.

Eu, desde o momento que te vi sentada na biblioteca, sinto um calor tomar conta do meu coração, algo que não sentia há bastante tempo. Depois que nos conhecemos, percebi que tínhamos muito em comum e um sentimento mais forte foi crescendo cada vez mais. Eu quero que saiba que eu a amo e preciso saber se, assim como eu, você me ama? — Romeo finalmente perguntou.

Então era esse o plano de Romeo! — *Light pensou atônito.* — Se Aline responder que o ama, seu mundo estará completo e receberá habilidades incríveis, mas caso ela responda que não, tenho certeza que ele cairá novamente.

True tinha uma sensação boa, como se alguém estivesse passando as mãos em seus cabelos. Pouco a pouco ele ia voltando à consciência, abrindo seus olhos devagar. Assim que abriu, admirou-se com o rosto de Esmeralda. Ele olhou para o lado, tentando entender onde estava. True reconheceu o pátio e aos poucos ia se lembrando do que tinha acontecido. A garota passava sua mão levemente pelos cabelos de True que estava deitado em sua perna.

O garoto sentou rapidamente saindo do colo da garota onde sua cabeça descansava.

Está tudo bem? - Esmeralda indagou preocupada.

Não quer me matar? - True perguntou cuidadoso.

Por que desejaria? Você me salvou. - Esmeralda respondeu agora confusa.

True se lembrou do terrível *mundo* de Esmeralda, tudo que ela tinha passado, voltando a sentir o peso da tristeza em seu coração, mas logo desviou o sentimento, contente que a tirou daquele lugar.

O garoto percebeu que seus ferimentos tinham sido cuidados. Os ferimentos das pernas e do peito estavam enrolados, provavelmente teria sido Esmeralda quem havia cuidado de seus ferimentos. Meu aposento é logo ali, onde peguei minha maleta de primeiros socorros - esclareceu. - Desculpe ter te deixado aqui, no chão, mas se eu tentasse te levado até lá, poderia piorar seus ferimentos e também não sei se tenho tanta força para te carregar.

True encarava Esmeralda, pensativo. Com certeza, ela teria força para carregá-lo, ela mostrou

isso na luta. Talvez agora que ela não possui mais a alma do Súcubo, ela não tivesse a mesma força. Ele também percebeu que a garota tinha um ferimento na lateral da cintura, uma queimadura que ele havia provocado.

Desculpe por isso - True indicou.

Ah? Isto? Não se preocupe, eu também não estava sendo a menina mais comportada naquele momento. - Esmeralda sorriu enquanto pressionava o curativo no local da queimadura.

Esmeralda ainda estava apenas com a roupa íntima que usava na batalha, antes que True corasse, ele ofereceu a roupa que estava usando. Apesar de Esmeralda ter 18 anos, era menor que True, fazendo com que a regata que batia um pouco abaixo da cintura do garoto, fosse um pequeno vestido para ela. Depois de Esmeralda colocar a peça de roupa, True pediu ajuda para que andassem até onde Romeo e os outros estavam. Ela concordou, mas assim que ficaram de pé, Laura, Edgar, Acauã e Piatã chegaram e quando viram que Esmeralda ajudava o garoto, eles hesitaram sem saber ao certo se ela era amiga ou inimiga.

Está tudo bem, ela é uma de nós agora - lembrou o garoto.

Acauã olhava desconfiada, mas acreditou em True. Todos então entraram a procura dos outros. Enquanto atravessavam o corredor, True encarou pela primeira vez os corpos de seus inimigos que foram mortos pelas mãos de seus aliados: fraturas expostas, poças de sangue, feridas abertas. Por um momento não conseguiu mover o corpo, impressionado com o cenário da guerra. Seu coração martelava acelerado e sua boca, seca.

Está tudo bem, garoto? - Acauã perguntou vendo True botar a mão sobre a boca.

Sim, só vou levar algum tempo até me acostumar a tudo isso. Quando o exército do ditador atacou a todos para tomar o mundo, meus pais fizeram de tudo para que eu não visse as cenas de horror que aconteciam no lado de fora, então é a primeira vez que vejo tantos corpos.

Vai ficar tudo bem, garoto. Vamos nos encontrar com os outros - respondeu Piatã compreendendo o que ele sentia.

Chegando ao salão, viram a enorme barreira que prendiam Romeo e Victor em seu interior. O que os faziam se perguntar por que Romeo estava lutando sozinho.

O que houve aqui, Light? - indagou Acauã.

O plano original não deu certo. Romeo tinha outra estratégia e está aplicando agora — Light respondeu.

Acauã estudou o lugar, vendo que Aline estava bastante ferida. Light estava intacto, mas sua expressão era séria. Quando ela olhou melhor Aline, não entendeu a expressão em seu rosto, ela parecia surpresa. A roupa da garota estava ensopada de sangue o que deixou a todos preocupados, mas notaram que Light havia curado seus ferimentos.

Por que Aline está assim? - Edgar perguntou se envolvendo, referindo-se a expressão de surpresa de sua parenta.

Isso faz parte do plano de Romeo. Ele acabou de confessar seus sentimentos e agora quer saber se Aline corresponde ao dele - Light respondeu encarando o resto do grupo que chegou.

True arregalou os olhos, assim como Light, ele sabia aonde Romeo queria chegar. Foi uma aposta alta, mas se tudo desse certo, não haveria razão para se preocupar com o general.

Capítulo 15

Alone Waller

O silêncio pairou no salão, todos esperavam pela resposta de Aline. Sua resposta seria decisiva para o destino de todos, principalmente de Romeo. Até mesmo o general esperava ansioso, se eles conseguissem provar o que Romeo dissera, Victor poderia aceitar o *Solstício* e voltar a ser um *puro*. As almas de Romeo e Victor pareciam pertencer ao mesmo destino, dependendo da resposta, elas se tornariam *puras* ou *corrompidas*.

Ro... Romeo, quero que saiba de uma coisa antes que eu responda... - Aline começou. - Todos esses dias que passamos juntos foram ótimos. Desde quando o vi na biblioteca, quando me salvou, o treinamento, na área de alimentação. Eu sempre... — Aline deu novamente uma pausa agora sentindo a dor do ferimento. — Guardarei essas lembranças comigo. No treinamento você foi muito gentil em todo instante, paciente... Trazendo comida para mim sabendo que eu estava faminta e exausta...

Droga, se ela recusar... - True pensou preocupado.

Romeo vai... — continuou Light com o mesmo raciocínio que True.

Espere. Preciso de um tempo... — Aline pediu.

True sentou junto à Esmeralda, se apoiando na parede. Apesar da torcida pelo Romeo, Esmeralda estava aflita pelo general. Acauã e Piatã congelaram esperando pelo que ia acontecer. Edgar também assistia inquieto, mal sentia o ferimento da perna. Laura estava mais afastada, não sentia mais nada por Romeo e o assunto não a interessava.

Vou te dar minha resposta - respondeu Aline decidida, querendo dar logo um fim ao assunto.

Enquanto esperava pela resposta, o *mundo* de Romeo estava desabando. Ele moldou seu *mundo* como uma grande cidade de arranha-céus, cheio de pessoas andando para todos os lados. Porém, naquele dia, as ruas estavam cobertas pelo oceano que invadira a cidade como um *tsunami* que destrói tudo por onde passa.

Romeo estava ao lado de sua alma no prédio mais alto. Mesmo vendo tudo rachando e quase desmoronando, uma visão de outro *mundo* vizinho o confortava. Logo à sua frente estava um prédio equivalente à mesma altura, em seu topo, estava Aline, parada, o observando. Ele iria arriscar um salto para atingir o prédio vizinho.

Está pronto para fazer isso? - Romeo perguntou à sua alma e ela assentiu.

Decidido, ele e sua alma correram e pularam esperando que alcançassem o *mundo* vizinho, caso não conseguissem, eles cairiam no mar que engolia a cidade, destruindo os prédios menores, até atingir onde estavam. Eles, por mais alto que pulassem, não alcançariam o outro lado. Dependiam da ajuda da garota no topo do outro prédio. Se ela estendesse sua mão, eles poderiam chegar ao outro lado, ambos a salvo.

Não posso! — o silêncio agora era absoluto, todos pararam a respiração só para ouvir melhor a decisão de Aline. - Nós nos damos bem, mas não sinto algo tão forte por você. Eu te admiro Romeo, por isso não posso mentir.

Romeo paralisou, ele estava confiante que tudo daria certo, mas no final, o seu último voto de

esperança se foi e com ele seu *mundo* foi devorado pelo mar de *corrupção*.

Não! - Light e True gritaram ao mesmo tempo olhando para Aline, mas foram obrigados a se virarem para ver o estado de Romeo.

Dentro do *mundo* de Romeo, ele *caía* sem parar junto ao lobo que era sua alma. Ele a encarava com tristeza por não poder fazer mais nada.

Esculpe meu fiel companheiro, eu não o mereço.

Não fale bobagens, John - a alma respondeu. - Nós somos a mesma pessoa, vamos *cair* juntos e renascer juntos!

Eu sei disso, mas não queria que fosse assim. Queria que nós renascêssemos *puros*, queria vê-lo como uma luz que guiaria aqueles que habitam na escuridão - Romeo deu uma risada e continuou. - Sabe o que acho irônico?

A alma ficou quieta esperando pela resposta.

As mulheres sempre reclamam que sofrem. Dizem que não conseguem aquilo que tanto querem. Elas ficam horas e horas conversando sobre o amor da vida delas, sobre seus príncipes encantados. Dizem que o homem está mudado, que hoje em dia o homem não sente mais nada por elas, que não possuímos mais romantismo. Será mesmo que nós somos o problema? Será que não são elas que estão perdendo a sensibilidade? Queria poder viver para saber as respostas - ele fez uma pausa suspirando quando atingiu finalmente o oceano. — Eu queria poder entender o porquê delas passarem tanto tempo beijando príncipes sabendo que são sapos, do que beijar sapos sabendo que são príncipes. Será que todo aquele treinamento para ficarmos fortes para protegê-las foi tudo em vão? Infelizmente, nunca saberemos as respostas...

Romeo virou para encarar o lobo que o ajudou tantas vezes.

Adeus, velho amigo. Espero que na outra vida, se for para sofrer, possamos sofrer juntos.

Os dois afundavam cada vez mais no mar da tristeza e da solidão.

Enquanto a dor ia preenchendo o vazio em seu peito.

Victor gargalhava sem parar do episódio que tinha acabado de presenciar. Os outros esperavam alguma reação de Romeo que estava imóvel olhando para baixo.

Eu sabia! Eu sabia! - Victor falava, continuando a sorrir. - Você cometeu um grande erro em acreditar nos humanos, rapaz, agora você perdeu! Bem-vindo ao mundo sem luz! - ele continuou a gargalhar.

Eu perdi? Acho que você tem problemas de audição, general - Romeo interrompeu Victor que agora estava sério. - Eu disse que no momento em que ficou preso junto a mim, você perdeu! - Romeo se virou para Victor, mas ele não pôde ver seu rosto, pois Romeo o tampava com a mão. Light não o reconhecia, Romeo tinha mudado seu tom de voz. Nunca o tinha visto com uma presença tão assassina como estava naquele momento. A energia *pura* que emanava da alma do lobo se fora completamente, dando lugar a uma energia *corrompida*, a qual nunca tinha presenciado em todos aqueles anos.

Se por acaso Aline respondesse que sim, eu atingiria o grau de *pureza* equivalente a de um anjo ou maior, mas como ela me rejeitou, *cai* pela segunda vez. Agora sou tão *corrompido* que supero seus poderes — Romeo explicou.

Agora tudo fazia sentido para Light. O plano de Romeo era para derrotar de qualquer forma o general e, além disso, para decidir finalmente se existia ou não aquela esperança que passou a

vida toda procurando.

Romeo estava com a mão no rosto e, ao retirá-la, todos puderam ver o sorriso assustador que guardava além do olhar sombrio e sem vida. Ele parecia procurar por alguém quando finalmente fixou seu olhar em Laura.

Laura Silvermoon, quero te deixar ciente de que usarei a habilidade proibida da família.

Eu o proíbo! Essa habilidade só pode ser usada se... - Laura começou.

Se a família Silvermoon estiver correndo risco — Romeo concluiu. — E pelo que vejo vocês não estão na melhor situação.

Habilidade proibida? - indagou True.

É uma habilidade da alma do lobo, ela foi descoberta pela família Silvermoon, que decidiu proibir essa habilidade por ser um ato cruel mesmo contra um *caído*. Então criaram uma condição, seria usada apenas para manter algum membro da família a salvo - Laura explicou.

True assistia ao desfecho da luta aflito, sem poder fazer nada, esperou pelo que ia acontecer. Esmeralda se encontrava na mesma situação, com os olhos úmidos, temendo o fim do general que, apesar de tudo, foi como um irmão mais velho para ela.

A partir de agora, John e Romeo morreram! O que estão vendo nesse momento é o nascimento de um novo ser! Eu nunca mais deixarei que mintam para mim, nunca mais acreditarei em ninguém! Meu nome é Alone Walker!

Seus companheiros não aceitavam o que estava acontecendo. Estavam tristes por Romeo ter perdido as esperanças e agora a única coisa que vagava pelo mundo era seu corpo esperando pelos últimos dias de sua vida.

Alone direcionou seu olhar para Victor e disparou em sua direção.

Agora é você e eu — disse Alone com um sorriso maldoso.

É inútil, rapaz - respondeu o general atacando com sua espada, mas antes que notasse, Alone desapareceu de sua frente e reapareceu em suas costas. O general ficou surpreso com a agilidade que seu adversário obterá. Antes que Victor pudesse acertá-lo, Alone agarrou seu par de asas e o arrancou, impossibilitando que Victor voasse novamente.

O general gritou com a dor, mas não era uma dor física já que as asas não pertenciam ao seu corpo, a dor que sentia, era em sua alma.

Com Victor preso às mesmas condições que Alone, ele investiu em direção ao general e o agarrou pelo pescoço. A força era tanta que Victor não conseguia respirar, se contorcendo e lutava para se livrar do oponente. A garra de Alone apertava mais e mais forte, elas penetravam pouco a pouco no pescoço do general, fazendo o sangue ser jorrado.

Alone quis fazer Victor sofrer ainda mais, então usou a habilidade proibida dos Silvermoon, mordendo e arrancando um pedaço de seu ombro. O general deu um grito de dor e pavor, enquanto Alone arremessou o pedaço de carne do general contra o chão.

O que ele acabou de fazer? - Acauã disse encarando Laura.

Laura não teve escolha a não ser contar para os companheiros.

Os lobos não caçam suas presas usando as garras para matá-los, e sim as presas. Essa habilidade só pode ser usada por algumas almas, usando os dentes, o usuário pode cortar e destruir qualquer coisa, inclusive o corpo humano — Laura esclareceu.

Aquilo tudo fazia sentido, os lobos tinham fortes presas para arrancar a carne de suas caças. Como se não bastasse a brutalidade dos ataques de Alone, Light viu algo que o fez arregalar os

olhos, quase o deixando sem controle.

True! — Light chamou pelo garoto que estava encostado na parede em palavras pelo que via. — Veja a alma dele!

True, obedecendo, olhou para Alone para Alone, ele já não precisava encará-lo nos olhos, pois já tinha visto a alma de Romeo anteriormente.

O garoto ficou no mesmo estado que Light. O lobo de Romeo agora era um cachorro enorme com mais de três cabeças.

Que diabos é isso, Light? - True perguntou perplexo.

A alma de Romeo renasceu como um Cérbero! - respondeu Light ainda sem acreditar.

Alone assistia sorridente seu oponente ficar imóvel com a dor. Victor o encarava sem acreditar no que estava acontecendo. Ele tentava mover seu braço, mas era inútil.

Eu cortei o tendão de seu braço, não tem como você mexê-lo. Você perdeu Victor - Alone disse sorrindo, com o sangue envolto nos lábios.

Como? - a voz de Victor estava rouca.

Ao contrário de você, que *caiu* apenas uma vez, eu me *corrompi* duas vezes - Alone lembrou.

Como consegue suportar? Eu mal consigo dormir com todas as imagens ruins em minha mente, não entendo como consegue ficar de pé.

Não consigo, general. Não consigo - respondeu Alone encarando Victor fixamente nos olhos.

Querendo acabar com a batalha, Alone deu um rápido passo para perto de Victor e o atingiu com um chute no rosto, fazendo o general ser atirado ao chão com os braços abertos.

Agora darei o golpe final.

Não faça isso, Romeo! Ele sabe onde Duce está! - gritou True correndo até o antigo amigo, mas foi impedido por Light.

Não podemos fazer mais nada, garoto. Foi uma fatalidade.

True encarou Light vendo as lágrimas escorrerem pelo seu rosto. Seus olhos também se encheram de lágrimas, apesar dos poucos momentos que passaram, True admirava Romeo. Eles eram amigos, pareciam confiar um no outro, mas o destino os separaria naquele momento.

"Sem misericórdia" - repetiu as mesmas palavras que o general pronunciara ao atacar Aline. Alone olhou uma última vez para sua vítima e rapidamente cravou sua garra no coração do general tirando sua vida.

Victor! - Esmeralda berrou aos prantos e True a conteve.

Naquele momento, a barreira foi desfeita e Light pôde ir até o corpo de Victor.

Espere, general. Só me responda uma última coisa. Há poucos dias uma senhora chamada Duce foi presa acusada de ser cúmplice de traição. Se sabe onde ela está nos diga, por favor!

Se... - Victor gemeu com a dor e a hemorragia. — Se ela foi acusada de traição, deve ter sido mandada para a prisão da Europa.

Light suspirou aliviado, agora sabiam onde estava Duce e que estava viva.

Victor! Fique conosco, você ainda pode mudar!

Não me entendam mal - Victor sussurrou. - Não pedi para que Esmeralda morasse comigo para que eu abusasse dela. Eu só a quis por ser tão semelhante à menina que me tratou como uma pessoa um dia.

O demônio de Malevolência estava morto, mas ninguém comemorava a vitória sobre o general; afinal, não foi uma vitória. Esmeralda correu até Victor e chorava ao lado do corpo. Eles

perderam a chance de trazer uma alma de volta à luz, além do antigo amigo, Romeo, que se foi. Alone se virou e caminhou lentamente meio zonzo deixando o corpo de Victor para trás, até que perdeu o equilíbrio e bateu os joelhos contra o chão.

Es... - eles pensaram ter ouvido algo de Alone. - ta... doen... — Alone falava muito baixo, eles não conseguiam ouvir o que queria dizer. — Está doendo! Minha... cabeça! Light! Alguém! Está conseguindo! Meu coração! Alguém! Eu imploro! - Alone gritava com todas as forças.

True se lembrou daquela cena quando Romeo se reencontrou com a família Silvermoon, gritando por ajuda, mas a situação parecia muito mais grave do que a anterior. Light fechou os olhos de Victor e o deixou com Esmeralda para acudir Alone que estava sofrendo. Seu coração estava apertado, ele condoía junto ao amigo.

Rápido, Light! Está... - Light deu o mesmo choque de antes para deixá-lo inconsciente. Ele agachou e abraçou o corpo do amigo. - Não precisava ser assim, meu amigo - as lágrimas escorriam pelo seu rosto.

True chorava com o episódio, nunca se interessara por ninguém. Aquela organização o estava mudando, aprendia coisas novas sobre as pessoas todos os dias e naquele dia, aprendeu sobre a dor de perder um amigo.

Onde estou? - *Alone se perguntava.* — Vozes? Não... São risadas. Mas por quê? Talvez haja uma festa, mas para quê?

Enquanto as dúvidas tomavam sua mente, ele ouvia vozes mais altas e similares. *Light e True* — ele reconheceu.

Alone abriu os olhos e viu True, que estava sentado na cama ao lado onde Esmeralda dormia, e Light, que estava de pé, parado, logo à sua frente.

Onde estou?

Na enfermaria - respondeu o garoto.

Alone sentou-se, botando a mão sobre a cabeça.

Como está se sentindo? — Light indagou.

Vazio - respondeu Alone.

Ele não entendera o motivo de o trazerem à base. Daquele dia em diante seriam inimigos.

Quem é você? John, Romeo ou Alone? — perguntou Light cuidadoso.

True também estava curioso pela resposta. Queria saber exatamente o que o amigo tinha se tornado.

Eu sou uma pessoa sem esperança - respondeu Alone.

Light encarou True preocupado, ele não sabia o que fazer naquela situação.

Eu não sou totalmente o mesmo, Light. Minha alma mudou e não tenho mais esperanças. Então não tem porque continuar na organização - Alone continuou.

True ficou surpreso com a decisão de Alone, mas entendia seu ponto de vista.

Como é *cair* pela segunda vez? - Light perguntou. True também tinha a mesma pergunta em mente, mas achava melhor não fazê-la, aquilo só o faria relembrar dos acontecimentos. - Só responda se quiser.

Alone refletiu por um instante.

-Tudo bem. Como havia dito, não sinto mais nada agora. Quando se *cai* pela segunda vez, você passa por três etapas, pelo menos foi o que aconteceu comigo até agora. A primeira é a

insanidade; seu corpo treme e você fica louco, rindo sem saber o motivo. Depois vem uma dor insuportável, como se estivesse arrancando seu coração pela boca, ficando um buraco no lugar dele; sua alma se estilhaça como se fosse um vidro acertado por uma pedra. O último é quando a dor se estabiliza, você não sente mais nada, inclusive esperança, apenas um vazio, como se nada mais fizesse sentido. Tudo perde a cor, ficando cinza. O som desaparece e a única coisa que se escuta são os pensamentos. É como me sinto agora.

Alone olhou para a cama ao lado e viu que Esmeralda estava deitada dormindo profundamente. Parece que você conseguiu, garoto.

True seguiu o olhar de Alone e logo compreendeu.

Sim, o mundo dela era horrível. Eu realmente não sei como ela lidava com esse fardo por todos esses dias, com aquelas lembranças em sua mente.

Interessante como é esse mundo. Eu sempre lutei para que uma mulher confiasse seu coração a mim, e agora, vejo um garoto fazer isso apenas na primeira tentativa.

Light e True se olharam preocupados se Alone iria se revoltar.

Eu não consegui o coração dela — True se defendeu.

Claro que conseguiu garoto, talvez não como queira, mas conseguiu. Ela confia em você como nunca confiou em ninguém. Por isso não faça bobagens - Alone se virou para encarar os olhos de True, e ninguém falou nada por alguns instantes.

O silêncio entre eles foi cortado pelas risadas e assobios do lado de fora da enfermaria.

O que está acontecendo? - Alone perguntou curioso.

A base inteira está em festa, comemorando nossa vitória. Não só a nessa base como toda a América do Sul. Vários soldados estão deixando o continente, amedrontados com a morte do general.

- Alone tinha se esquecido de tudo, as memórias voltavam pouco a pouco. Eles tinham derrotado um dos cinco generais. Mas aquilo não mais o interessava. Então ele se levantou da cama para ir embora.

Aonde vai? - True quis saber.

Não tenho mais motivos para ficar aqui e se nos encontrarmos por aí, lembre-se de que eu sou um *caído*, então não baixe sua guarda.

True virou para Light, ele queria saber o que fazer. Light apenas fez um sinal para que o deixasse partir.

Mais uma coisa - os dois ficaram atentos esperando pelas palavras de Alone. - Um *caído* de nível dois, como no meu caso, tem total controle sobre seus atos. Então não se preocupem, não serei manipulado por nenhum general.

Alone foi andando até as rampas que o levavam ao térreo, onde ficava o elevador. Assim que apertou o botão para ele descer, olhou para cima vendo um grande número de pessoas reunidas.

Todos os ajudantes de Light ficaram nos andares superiores junto de Edgar, Acauã, Piatã, True, Aline, Light e Laura. Apenas Esmeralda estava ausente.

Boa sorte, John, e obrigado! - Light gritou e todos aplaudiram.

Alone olhou para eles surpreso com a atitude dos antigos companheiros.

Incrível! Parece uma chuva de Aplausos! - disse Cérbero para Alone.

É verdade - Alone concordou. — Quem diria que você viraria um Cérbero.

"Se for para sofrer, que soframos juntos", não foi isso o que você disse? — lembrou Cérbero.

Cérbero, por que não sinto que isso é uma despedida? Por que não sinto que aqui é o fim, já que acabou? Por que não sinto nada, como se fosse apenas dar um passeio?

Eu não sei as respostas, Alone, talvez as achemos em nossa nova jornada.

Talvez... — disse Alone por fim, dando de ombros.

Quando a porta do elevador se abriu, Alone entrou e deu uma última olhada nas pessoas até que a mesma se fechasse, separando os caminhos que ele e seus antigos amigos trilhariam por ora.

Ele se foi. Será que o veremos novamente? - True perguntou a Light.

Agora só o destino poderá responder a essa pergunta.

Capítulo 16

A Ordem dos Paladinos

Em algum lugar da Europa.

Führer, desculpe-me incomodá-lo, mas um dos seus soldados deseja ter uma audiência com o senhor - proclamou um soldado responsável pela segurança dos aposentos do ditador.

O ditador observava a neve que caía do lado de fora, submerso em seus pensamentos.

Espero que seja algo importante, senão vocês pagarão com suas vidas. Leve-o para a sala de reuniões que logo estarei lá. - O Führer estava vestido com uma farda que apenas ele possuía, o diferenciando dos outros soldados e generais.

O seu guarda pessoal assentiu e deixou os aposentos.

A sala de reuniões tinha uma imensa mesa e na parede estava fixado um enorme mapa-múndi, com alfinetes especificando alguns territórios.

O soldado pôde ouvir a porta sendo aberta. Tremendo, bateu continência para o ditador, que após entrar, puxou uma cadeira e se sentou, fazendo um gesto para que o soldado falasse o que o trazia ali.

Führer, trago notícias da América do Sul - o soldado conseguiu dizer apesar do nervosismo e da tremedeira.

Notícias da América do Sul? O que poderia ser tão urgente para atrapalhar meus momentos de reflexão? - disse o ditador com um tom de impaciência, aquilo fez com que o soldado tremesse ainda mais do que já estava.

Uma... Uma rebelião, senhor, na América do Sul, senhor...

Rebelião! - o Führer gritou interrompendo o soldado. - Já houve várias rebeliões nesses últimos cinco anos que governo, mas todas foram inúteis!

O soldado caiu sentado temendo o que aconteceria a ele, mas arranjou forças para continuar.

Desta vez foi diferente, meu senhor... Os rebeldes conseguiram matar o general! - concluiu, pondo os braços à frente do corpo.

O ditador hesitou e por um instante ficou pensativo, ainda sem acreditar na veracidade da notícia.

Quem lhe informou? Preciso saber se a fonte é confiável.

Assim que o general foi morto, um de seus homens ligou diretamente da América do Sul e nos comunicou sobre o atentado. Ele disse que era um grupo de oito pessoas que possuíam ciência das mesmas habilidades que nós.

O Führer ficou paralisado. Ele parecia nunca ter imaginado que alguém descobriria o segredo de sua força. Depois de alguns minutos pensando, finalmente decidiu.

Victor era nosso general mais fraco, os rebeldes tiveram sorte de enfrentá-lo. Se tivesse alguma chance de perder o controle, seria na América do Sul. Soldado, tenho ordens para você.

Estou ouvindo, senhor - disse o soldado levantando-se, esperando pelas ordens.

Conte tudo sobre o que me disse agora para nossa melhor caçadora de elite - enquanto ditava as ordens, pegou um pedaço de papel e escreveu uma carta contendo informações sobre a missão que a aguardava. - Entregue isso a ela; assim, ela saberá o que fazer.

O soldado pegou a carta, fez a continência e saiu da sala deixando o ditador com seus

pensamentos.

Finalmente ele apareceu — pensou o ditador com um sorriso.

Base da organização rebelde do Rio de Janeiro, América do Sul.

Todos os membros de guerra estavam reunidos na sala de reuniões. Havia muito que debaterem sobre os acontecimentos durante a libertação da América do Sul. Além dos membros de guerra, Esmeralda também fazia parte da reunião ocupando o lugar de Romeo. Light tomou seu lugar na ponta da mesa e esperou que todos se sentassem para começar.

Agora vamos começar a reunião do conselho de guerra - Light proclamou, fazendo com que todos ficassem em total silêncio. - Quero, antes de tudo, dar os parabéns pelo ótimo trabalho que fizeram no campo de batalha há dois dias. O plano foi um total sucesso, e se não fossem por vocês a América do Sul não estaria livre hoje. Porém, durante a batalha, perdas e ganhos. Infelizmente teremos o nosso companheiro de guerra e amigo, Romeo Silvermoon, se tornou um *caído* durante a batalha e se auto-nomeou: Alone Walker. Apesar de ter feito parte da nossa organização, quero que vocês fiquem cientes de que, agora, ele é nosso inimigo! O mesmo nos alertou enquanto eu e True conversávamos com ele na enfermaria. Portanto, não relaxem a guarda se por acaso encontrarem com ele. Laura, eu queria saber sobre Romeo, que agora é Alone Walker, se encaixa nas leis de sua família.

Laura estava um pouco distraída, mas entendeu a pergunta.

A família Silvermoon abriga toda e qualquer pessoa dotada com a alma do lobo. Como a alma de Alone, antigo Romeo Silvermoon, renasceu com outra forma, ele foi banido de nossa família por não possuir os requisitos necessários para receber o título de um Silvermoon.

Entendo - Light continuou. - Apesar de termos perdido um membro, ganhamos outro durante a invasão. Esmeralda faz parte agora da nossa organização e estará sob os cuidados de True. — Todos aplaudiram enquanto Esmeralda sorria agradecida.

Devo isso ao True, por ter me salvado - agradeceu Esmeralda enquanto puxava a cadeira para mais perto do garoto, recostando a cabeça no ombro do rapaz.

Light simulou uma tosse para que a atenção voltasse para ele.

Continuando, fui obrigado a criar um nome para nossa organização e um símbolo para a mesma. A partir de agora seremos tratados como uma esperança para o mundo. A América do Sul inteira está em festa e espera que nos apresentemos, para isso, nossa equipe está procurando um meio de nos comunicarmos com toda a América do Sul. Não se preocupem com os soldados que estavam espalhados pelos outros países, pois sem um general eles não têm uma mente superior para liderá-los e organizá-los. Provavelmente, aos poucos, vão voltar a ser *puros* como nós. A Ilha de Cobras está completamente deserta segundo informações confiáveis.

Qual foi o nome que escolheu? — Piatã indagou curioso.

Na verdade, não fui eu quem escolheu, e sim as pessoas que nos batizaram. Eles chamam nossa organização de "A Ordem dos Paladinos", por levarmos a paz e bondade ao mundo novamente. Tendo a inspiração pelo nome que nos reconhecem, tomei a liberdade de criar o seguinte símbolo: um escudo com duas listras que se cruzam formando uma cruz, no centro, uma coroa simbolizando o "Rei", o qual representa os civis. Duas asas brancas envolvem a lateral do escudo, simbolizando o anjo, a alma mais *pura*. Atrás do escudo fica uma espada simbolizando nossa força e vontade de lutar por nossa liberdade.

Os membros debateram um pouco sobre o assunto, pareciam aprovar o nome e o símbolo.

Light! - True se manifestou. - Eu não entendi porque o Rei são os civis, não dá a impressão de que eles são os donos da organização?

Imaginei que faria essa pergunta - Light sorriu por poder explicar. - Para você entender melhor, pense como um jogo de xadrez, o Rei é o objetivo do jogo e as outras peças devem protegê-lo a qualquer preço. Por isso os civis são o Rei, devemos protegê-los, pois sem eles não há razão para lutarmos. É esta a mensagem que quero passar.

Não só True como todos pararam para refletir sobre o símbolo da Ordem, ele se encaixava perfeitamente com o objetivo da organização.

Já que ninguém foi contra, está decidido. Pedi para que fizessem novos uniformes com proteção dobrada e reforçada para o frio que teremos que suportar. O uniforme será semelhante ao que vocês usaram na invasão, a diferença será que cada uniforme levará o símbolo da organização no peito esquerdo e também cada membro receberá um sobretudo com capuz resistente ao frio. Por hoje vocês estarão liberados para se despedirem da América do Sul, amanhã iremos para o Canadá.

Canadá! Sempre quis ir à América do Norte! - Esmeralda gritou com empolgação.

A família Silvermoon e Acauã a fitaram com um olhar de desprezo, eles não tinham se acostumado com a inimiga que agora era aliada. Ela rarecia muito relaxada e parecia não se importar com o principal objetivo ze irem para o norte.

Light ia chamar a atenção da garota, mas True o encarou e fez um gesto de cabeça para que Light não interviesse. Ele percebeu e decidiu que depois conversaria com True sobre o comportamento de Esmeralda.

Antes de finalizar. Alguns membros ficarão aqui no Brasil para se certificarem de que a América do Sul não será tomada novamente. Primeiramente, quero agradecer ao apoio da família Silvermoon e quero que essa aliança continue entre nós, vocês serão bem-vindos quando precisarem.

Nós que agradecemos, devemos muito a vocês - respondeu Laura. — Caso haja algum ataque enquanto estiverem fora, fiquem tranquilos que defenderemos nosso território.

Light fez um gesto de agradecimento e continuou o que estava dizendo.

Acauã e Piatã também ficarão aqui, preciso que administrem a base como tem feito perfeitamente, além de darem apoio à recém-família aliada.

Desculpe Light, mas eu discordo! - True interveio. - É isso que você quer dizer como "Alguns membros"? Nossa força ofensiva diminuirá muito se for apenas eu, você e Esmeralda!

Concordo com você, True, mas não fui eu quem quis a separação. A família Silvermoon só concordou em se unir a nós para libertar a América do Sul e os irmãos indígenas prometeram para sua aldeia que permaneceriam no Brasil.

True ficou decepcionado com a notícia, mas não podia forçá-los. Pelo menos concordaram em defender o local.

Além disso, preciso que Piatã e Acauã ajudem a organizar a América do Sul. Eles estarão encarregados de criar as medidas provisórias até que tudo seja resolvido - Light ficou pensativo por um instante. — Um parlamento seria suficiente. Escolham os representantes de cada país e unifiquem as nações. E não se preocupem, as pessoas que nos ajudam nas tarefas da base estão neste momento acalmando a sociedade sobre nós, deixando claro que não temos intenções de assumir o poder.

Os irmãos se entreolharam e ficaram refletindo sobre sua tarefa.

Vai ser uma tarefa extremamente complicada... — disse Acauã.

Podemos criar uma aliança sul-americana, pelo menos, até tudo se resolver - propôs Piatã, começando a trabalhar nas soluções.

Light assentiu com um sorriso e sabia que os irmãos não iriam decepcioná-lo. Apesar de indígenas, eles foram criados na área urbana e estavam cientes como um país funcionava.

Desculpe uma responsabilidade tão grande para vocês, mas a rebelião não pode parar. Conto com vocês para esse serviço - disse Light e fez um gesto de gratidão. Os irmãos assentiram e começaram a debater entre si sobre as soluções. - Agora que está tudo resolvido, todos estão dispensados, menos você, True.

O garoto ia se levantando com Esmeralda para ir embora, mas teve que pedir para ela aguardar do lado de fora por alguns minutos. Esmeralda concordou sem reclamar e se despediu com um beijo no rosto do garoto.

Quando todos foram embora, deixando True e Light a sós. Light iniciou a conversa:

Percebi que você e Esmeralda estão bem próximos.

É verdade, mas não somos mais do que amigos - True falou um pouco envergonhado.

True, pode me dizer o motivo de ter me impedido de chamar a atenção de Esmeralda? - Light foi direto ao assunto.

True ficou pensativo por um minuto e respondeu:

Quando encontrei Esmeralda no *mundo* dela, era apenas uma garota de 14 anos. Ontem, enquanto comemorávamos, percebi algumas atitudes infantis em Esmeralda, era como se ela ainda tivesse aquela idade e não a idade que tem. Por isso, quando disse que íamos para o Canadá, ela se empolgou tanto.

Está me dizendo que ela parou no tempo?

Não que ela esteja *parada no tempo*, mas acho que está vivendo a fase de adolescência que nunca teve - disse o garoto pensativo.

Light refletiu um pouco sobre as palavras de True, aquilo fazia sentido para ele.

Err... Light - True disse começando a corar. — Posso te pedir uma coisa, mas não quero que tire conclusões precipitadas.

Tudo bem. O que é?

Nesses últimos dias, Esmeralda não sai do meu lado, até quando foi dormir, ela deitou-se na minha cama. Eu acho que isso também tem a ver com o tempo que ela ficou prisioneira no seu próprio *mundo*. Ela foi forçada a crescer da noite para o dia, mas você sabe, é desconfortável para eu dormir na mesma cama com ela. Apesar de não querer mal a ela, sou homem e...

Ok Já entendi. Na base que vamos ficar tem quartos com duas camas, farei que um deles seja seu e da Esmeralda, mas com uma condição: quero que me conte o que viu no *mundo* de Esmeralda.

O sentimento sombrio que True sentiu naquele dia voltara, mas ele não tinha escolha a não ser contar para Light, aquilo também seria bom para desabafar.

Tudo bem, sente-se.

True contou cada detalhe do que vira. As sombras em forma de homem, sobre os malfeitores e a brusca mudança de vida. Disse também dos soldados que mataram os seqüestradores e de quando o general a encontrou.

O garoto começou a chorar novamente com as lembranças daquele lugar. Light também se sensibilizou, mas se conteve para não piorar as coisas.

Agora eu entendo o motivo dela passar todo o tempo com você. A única pessoa em quem ela confia é você, True, por isso ela não sente medo em dividir a mesma cama e quarto.

Eu imaginei que fosse isso... - respondeu True pensativo.

Quase ia me esquecendo! - disse Light interrompendo os pensamentos do garoto. Ele foi até um armário para pegar algum tipo de pote e o levou até True. - Aqui dentro estão as cinzas de Victor. Nós tivemos que cremá-lo, pois caso fizessemos um túmulo, no futuro poderia atrair seguidores e começar tudo novamente. Quero que dê isso à Esmeralda e deixe-a escolher o que fazer.

True assentiu e pegou o pote feito de argila. Ele se lembrou de Romeo que tinha partido e de quanto ele sofreu também.

Light, será que tudo isso faz sentido?

Light não entendeu onde o garoto queria chegar então perguntou:

O que quer dizer?

As pessoas que fizeram o maior mal para Romeo e Esmeralda não eram soldados do ditador. Eles eram pessoas próximas dos dois, apesar de serem falsas. O mundo antes da ditadura também não era um lugar perfeito. Não quero dizer que com a ditadura ficou melhor, mas talvez os *caídos* não sejam os principais inimigos, e sim, as vítimas.

Light entendeu a filosofia do garoto. Aquele assunto era complicado para debater até mesmo para uma pessoa experiente como ele.

Eu também penso assim, True. Por isso prefiro dar uma chance aos *caídos* antes de matá-los.

Se eles não são os verdadeiros inimigos, quem são? - True indagou com a esperança que Light soubesse a resposta.

Eu realmente não sei, mas espero saber um dia - respondeu Light entristecido.

O garoto ficou decepcionado, esperava que Light soubesse a resposta, mas procurou entender.

Vou sair com Esmeralda a noite para ver a cidade. Ela deve aproveitar para jogar as cinzas em algum lugar. Não se preocupe, nós voltaremos cedo para descansar e nos preparar para a viagem de amanhã.

Light apenas assentiu e se despediu do garoto. O assunto sobre o verdadeiro inimigo da humanidade fixara em sua mente.

Esmeralda esperava do lado de fora e quando avistou o pote, perguntou o que era e True logo explicou:

Aqui estão as cinzas de Victor. Elas são suas agora. Você era a pessoa mais próxima a ele, então acho justo que você escolha onde deixá-las.

Esmeralda pegou o pote e ficou olhando para ele durante um tempo.

Ele nunca me fez mal. Foi como um irmão mais velho. Ele tinha seus defeitos, me pediu para fazer serviços sujos como general, mas nunca fez mal ao meu corpo; pelo contrário, sempre o protegeu.

True sorriu. Sabia que Victor havia ligado a menina de olhos verde-claros, que conheceu na infância, à Esmeralda. Foram um para o outro, as únicas pessoas que os viram como pessoas.

A noite chegara e True esperava Esmeralda se arrumar para subirem à superfície. Ela trouxera seus pertences da base militar onde morava com o general, mas não tudo, apenas algumas

roupas de que gostava e seus produtos de beleza.

Esmeralda, já estou pronto! Não demore porque temos que chegar cedo. - True gritou, tentando superar o barulho do secador no outro cômodo.

Estou quase pronta! — ela respondeu.

True, que estava sentado no canto da cama, repousou o resto do corpo, fazendo com que fitasse o teto vazio. Sua mente se lembrava de todo o caminho que tinha percorrido até agora.

Incrível como uma noite pode mudar o destino de uma vida — pensou se lembrando da noite em que Light o encontrou no restaurante junto de Romeo. Agora que tinha recordado, sua mente ficou ocupada pensando como Romeo ou Alone, estava naquele momento, para onde teria ido e o que estaria fazendo. Apesar de não ter passado tanto tempo junto dele, True sentia falta da confiança que Romeo passava. — *Alone Walker* — o garoto se lembrou. - *Por que não ficou aqui para que nós te ajudássemos?* — queixou-se.

Estou pronta! Vamos? — Esmeralda interrompeu seus pensamentos.

Vamos — disse o garoto se levantando e quando olhou para Esmeralda, ficou paralisado. A garota estava usando um vestido curto e verde com alças, cabelo cacheado nas pontas presos atrás da cabeça, destacando seus olhos e rosto, brilho nos lábios e um salto plataforma.

Por que essa cara? Acha que devo colocar outra coisa? - Esmeralda perguntou sem entender a reação de True.

O garoto desviou o olhar e ficou furioso consigo por ter olhado para a garota daquela maneira. Ela estava tentando esquecer aquelas memórias e os olhares para seu corpo só iriam fazê-la se recordar.

Não, está ótima, vamos - disse True consertando o erro que cometera. Ele apanhou o pote com as cinzas de Victor e estendeu o braço para que ela o segurasse como gostava de andar.

América do Norte, em algum lugar dos Estados Unidos.

Em um setor de residência, onde apenas soldados de grandes méritos com o exército moravam, várias viaturas estavam estacionadas ao redor de uma casa específica. A residência era uma clássica casa americana com garagem, um pequeno jardim e dois pavimentos. A beleza vista de fora da casa era esquecida ao entrar, pois em seu interior havia vários soldados mortos e ensangüentados.

Logo no *hall*, a passagem era impedida por vários corpos jazidos e outros apoiados na parede, tingindo-a de vermelho. Rastros de sangue alastravam-se pelos outros cômodos. A mobília estava toda revirada. Das poças de sangue originavam pegadas, a maioria dos calçados dos soldados, enquanto o outro padrão levava ao andar superior onde um homem de aspecto sombrio estava sentado sobre uma poltrona, segurando o único sobrevivente pelo pescoço.

Por favor, John... Dê-me uma segunda chance! - Ethan choramingava enquanto tentava se libertar inutilmente da garra que apertava seu pescoço.

O que um homem precisa fazer para ter um pouco de paz hoje em dia... - Alone murmurava para ninguém em especial.

Alone estava com as garras sujas de sangue assim como parte de seu rosto. O olhar vazio não mudara, bem como a expressão sombria que manteve desde sua partida no Brasil.

Diga-me, meu velho amigo... - disse Alone com ironia, cuspidando as palavras. - Onde posso ter

um pouco de paz?

Entendendo que Alone se referia ao volume de soldados que o procurava, Ethan pensou rapidamente em um local adequado para que ele o libertasse.

Canadá! — disse em voz trêmula. - Não há muitos soldados nessa região, assim como civis.

Parece perfeito - refletiu Alone coçando o queixo.

É sim! É tudo o que você quer! - afirmou com veemência. - Agora, por favor, John, me liberte...

Você prometeu!

Alone deixou que um sorriso de satisfação preenchesse seu rosto e com *sua* força sobre-humana, levantou-se e se aproximou Ethan, suspenso a alguns centímetros do assoalho, para sussurrar em seu ouvido.

Eu menti!

Ethan esbulhou seus olhos e o temor tomou conta de sua mente.

Não, John! Eu imploro! Eu já pedi desculpas pelo que fiz a sua família! Faça o que você quiser!

Por favor! Não, - John... NÃO! AAARGH!

Rio de Janeiro, Brasil.

True e Esmeralda pediram para que um dos membros da organização os levasse até o Cristo Redentor, local escolhido por Esmeralda para jogar as cinzas do general. Percorreram o trajeto de carro, as pistas estavam livres, poucos possuíam algum veículo depois da ditadura. Enquanto não chegavam, olhavam a cidade em festa com a liberdade restaurada.

Quando chegaram ao local, o motorista preferiu permanecer no veículo, deixando os jovens a sós. Depois de subirem a escadaria, Esmeralda botou o pote sobre o parapeito enquanto admirava a vista. A garota olhava o Cristo pensativa junto a True, que estava ao seu lado em silêncio.

É lindo, não concorda? - disse Esmeralda interrompendo o silêncio. — Victor às vezes me trazia aqui. Ele adorava vê-lo, dizia que era como se o Cristo quisesse abraçar toda a humanidade, e isso o confortava quando não conseguia ficar em paz com sua alma.

True não disse nada. Não havia o que dizer.

Eles foram até o pote e o garoto abriu entregando para Esmeralda.

Prometo a você, Victor, que o mundo se tornará um lugar mais justo e tranquilo - despediu-se Esmeralda, jogando as cinzas pelo vento que as levava sobre a linda paisagem. - Adeus, irmão. Obrigada por tudo.

True se aproximou e a abraçou gentilmente, reconfortando-a enquanto assistia às cinzas dançarem com o vento.

Assim que terminaram, voltaram ao veículo e depois de seguirem por alguns quilômetros, pediram para que o motorista os deixasse na cidade. Eles queriam andar pelas ruas e ver as pessoas felizes se cumprimentando. Elas teriam um longo tempo de adaptação pela frente, mas, naquele dia, só pensavam em festejar. Os sorrisos nos rostos das pessoas, com certeza, era algo que fazia True se esquecer de seus problemas.

Enquanto andavam, Esmeralda avistou uma praia onde várias pessoas estavam conversando e se reencontrando. Os dois caminharam pela calçada, que ficava ao lado da praia, enquanto viam a alegria que tomava conta do local.

Como é bom vê-los assim - comentou Esmeralda abrindo um sorriso. - Realmente o sorriso é

contagiante.

Tem razão - True assentiu.

Um homem que estava dentre a multidão reconheceu True e Esmeralda quando retiraram seus calçados e começaram a caminhar pela praia.

Olhem! - gritou o homem que notara a presença dos dois. - Aquele garoto é da Ordem!

A multidão virou para vê-los.

Você tem certeza? — indagou uma mulher em dúvida.

-Tenho sim - respondeu o homem se defendendo. - Hoje pela manhã estava indo cedo para meu local de serviço e vi esse garoto embarcar para a Ilha de Malevolência.

É verdade! Olhem! Mas não é a Tenente-coronel Esmeralda ao lado dele? - falou outra pessoa que estava junto da multidão, mas desconfiada.

Eu soube que ela se juntou a eles - um garoto acrescentou.

A multidão agora cercou o lugar onde True e Esmeralda estavam. O garoto ficou sem jeito com aquela situação.

Deixe-me passar, por favor! - Era a voz de um senhor de terceira idade que tentava se aproximar dos dois rebeldes.

As pessoas deram passagem para que o homem passasse. Ao ficar frente a frente com True, ele começou a perguntar:

Você é um dos Paladinos? Por favor, me responda, é muito importante para mim! - o homem de aproximadamente setenta e oito anos dizia apressado.

Sim, ele é um deles. True lutou hoje pela manhã para libertá-los da ditadura - disse Esmeralda antes que True tentasse omitir algum fato.

Então quero agradecê-lo, rapaz - o homem disse pegando na mão de True. - Muito obrigado, garoto, fazia anos que não via meu neto, que sempre foi muito apegado a mim. Esses anos eu fiquei separado dele sem ter nenhum tipo de contato devido à ditadura, foi muito difícil para mim, não imagina o quanto! - um menino espiava o rosto de True, se escondendo atrás do avô.

Abram passagem! — disse um homem mal-encarado, que avançava pela multidão enquanto seus seguidores afastavam as pessoas para que ganhassem espaço.

O grupo hostil estava armado. Alguns improvisaram e se equipavam com pedaços pontiagudos de madeiras e metais enquanto outros seguravam facas de cozinha. A multidão, que antes aclamava os paladinos, se afastou, temendo o que aconteceria ali.

True — disse Esmeralda preocupada, pondo-se detrás do rebelde.

Fique perto de mim e faça exatamente o que eu disser — sussurrou e a garota assentiu.

Vocês são aqueles que todos chamam de "Paladinos"? — O homem, que parecia ser o líder do bando, indagou.

Sim — True respondeu sem demonstrar hesitação. — Aqueles que os libertou — lembrou.

O homem sorriu e notou que o rapaz não tinha se intimidado com sua presença, logo decidiu revelar suas intenções.

Se o que diz é verdade, vocês são superiores as forças do exército que se encontravam nesse país. O homem fez uma pausa para verificar se tinha ganhado a atenção de todos. Assim que notou os olhares curiosos em sua direção, continuou:

Como nós podemos saber que vocês não farão o mesmo que o ditador? Se desejarem nos escravizar, não há nada que possamos fazer! - Novamente ele fez uma pausa para que as pessoas

ao seu redor refletissem em suas palavras. - A garota ao seu lado, é a Tenente-coronel, não é? True estreitou os olhos e entendeu o objetivo daquele homem. Aquele grupo era da oposição, os civis que temiam que o terror voltasse a reinar naquele lugar logo agora que tudo havia acabado. Por saberem que eram inferiores comparados às forças dos rebeldes, o medo era o que movia aqueles homens.

O que tem ela? - disse True para que o líder da oposição continuasse.

Esta moça, apesar da frágil e bela aparência, foi responsável pela morte de muitas pessoas! - acusou. — E se ela se uniu a vocês, isso só pode significar uma única intenção!

Os murmúrios cresciam a cada instante. True percebia as pessoas confusas, sendo levadas pelas opiniões daquele grupo. Ele já ignorava as palavras do homem que continuava a envenenar a mente das pessoas contra os paladinos. True procurava o mais rápido possível reverter àquela situação.

Quem está comigo? - O líder do grupo indagou e no mesmo instante a maioria da multidão, que antes cercava os paladinos, se posicionou perto do orador. - O que você tem a dizer, paladino? — O homem perguntou, certo da vitória.

True cerrou os punhos e sua vontade foi de investir e acertar o sorriso sagaz daquele homem. Ele não conseguia imaginar que alguém fosse tão ingênuo. Depois de tudo que ele e seus amigos passaram para levar a paz àquele lugar, um descrente está estragando todo o trabalho feito pela Ordem dos Paladinos. No entanto, contrariando sua vontade impulsiva, respondeu de outra maneira.

Esmeralda é tão vítima das atrocidades do exército quanto vocês, se quiserem descontar alguma aflição, façam em mim!

True se ajoelhou e abriu os braços. O homem franziu o cenho e não esperava aquela reação. Para ele, o rebelde investiria contra ele, o que provaria as más intenções da organização rebelde. Esmeralda, depois de um tempo, imitou o garoto. Ela se pôs ao lado dele e abaixou a cabeça como se esperasse por uma punição. True, por sua vez, fitava o líder opositor diretamente nos olhos.

As pessoas estavam confusas e não sabiam o que fazer e a quem ouvir.

Nós não queremos que vocês nos temam — True continuou. — Eu era uma pessoa comum como vocês, mas o meu líder e amigo, Light, me acolheu e me ensinou seu ofício, foi assim que me tornei um deles.

Está nos dizendo que podemos fazer esses... - o homem procurou a palavra certa, mas falhou - truques que vocês fazem?

Não são truques! É o poder que cada um de vocês possui adormecido em seus inconscientes. Nós podemos ensinar como usar corretamente esse poder, mas peço que vocês tenham paciência, pois há outros iguais a vocês que são vítimas do medo. Eles precisam de nós, e é nosso dever salvá-los!

Os murmúrios aumentaram. O homem não tinha palavras para contradizer o rebelde.

Deixe disso, homem! - O velho senhor, que agradeceu a True por ter unido novamente ele e seu neto, falou. — Olhe para eles! São apenas jovens! Porém, mais sábios que você!

Ouviram-se algumas risadas das pessoas mais afastadas.

Se não fosse por eles, eu não teria reencontrado meu neto e apostado que muitos de vocês também são gratos - continuou o senhor e a multidão se calou, pensativa. — Se vão fazer algo a eles, terão

que passar por mim!

O idoso se juntou a True, que agradeceu com um gesto de cabeça pelo apoio. O senhor se ajoelhou e lá permaneceu fitando o homem que causara toda aquela confusão.

Aos poucos, várias pessoas fizeram o mesmo gesto do sábio senhor de terceira idade. Até mesmo aqueles que seguiam o líder opositor largaram suas armas e se uniram à multidão. O líder do pequeno grupo, que agora era formado por nada mais que dez pessoas, viu sua derrota.

True se lembrou de que Light tinha explicado que todos da América do Sul queriam conhecê-los por terem salvado aquele lugar. Aquela momento parecia um lugar e hora perfeita para explicar quem eram eles.

Nós não queremos que vocês se curvem a nós, pelo contrário, nós viemos para servi-los — disse True e a multidão o apoiou eufórica, mas logo ficou em silêncio para que o garoto continuasse. - Agora, se me permite a pergunta, quem entre nós demonstra ter más intenções?

O homem congelou com a pergunta. Ele avaliou a situação e se viu armado com seus seguidores contra civis que se ajoelhavam e não demonstravam nenhuma hostilidade. Derrotado, o homem largou a faca que levava em sua mão e fez um gesto para que o grupo o imitasse.

True se levantou e a multidão ao seu lado o imitou. O garoto deu um passo em direção ao homem cabisbaixo.

Conto com você para proteger essas pessoas - disse True, oferecendo a mão em um cumprimento.

O líder do grupo opositor, ao perceber o gesto, hesitou, imaginando que aquela seria uma forma de humilhá-lo.

Sem ressentimento — True o encorajou. — Essas pessoas confiam em você, faça valer essa confiança.

Sem mais nenhuma desconfiança, ele percebeu que as intenções dos rebeldes eram nobres.

Desculpe, garoto. Eu pensava que...

Não precisa se explicar, se estivesse em seu lugar, também estaria com medo. O que estas pessoas passaram não pode acontecer de novo.

O homem sorriu e cumprimentou o rebelde como igual.

Aproveitando a atenção, True subiu em um banco para que todos pudessem vê-lo.

Por favor, peço que ouçam o que eu tenho a dizer! - A multidão, já concentrada no rebelde, se calou. - Eu sou um dos membros da organização que derrotou o general deixando a América do Sul em paz como era. Porém, ainda não acabou! Eu e os outros Paladinos iremos percorrer o resto do mundo para derrotar os outros generais, derrotar inclusive o ditador que se encontra em algum lugar na Europa! Nós vamos fazer a paz voltar a este mundo, para que todos possam sentir a mesma felicidade que vocês estão sentindo neste momento: o sentimento de liberdade!

A multidão gritava apoiando-o, seguido de várias palmas e assovios. True desceu do assento e falou com cada pessoa que queria vê-lo. Esmeralda estava ao seu lado com um sorriso no rosto ao vê-lo distribuir esperança para todos.

Quando finalmente True terminou de falar com cada um dos civis, chamou Esmeralda para que voltassem a caminhar pela praia.

Foi por pouco! Por um minuto pensei que tudo terminaria em uma tragédia — disse True ofegante.

Também estou surpresa. Como soube o que fazer? - Esmeralda quis saber.

Sinceramente, não sei. Intuição ou sorte, talvez. Eu vi que alguns de nossos ajudantes da base estavam dentre a multidão, o que ajudou muito na hora de me apoiar. As pessoas devem confiar muito naquele homem, e por um momento pensei que a noite terminaria comigo enterrado na areia.

Esmeralda sorriu.

Intuição ou sorte, chame do que quiser, mas você agiu muito bem!

Aproveitando o belo céu estrelado que estava naquela noite, os jovens continuaram a passear pela praia. Eles passavam o tempo conversando e lá permaneceram durante algum tempo. À medida que o tempo ia passando, True podia ver alguns olhares dos homens em direção a Esmeralda, e isso o incomodava, não por sentir algum ciúme, mas não queria fazer a garota lembrar-se de sua antiga vida.

Esmeralda, vamos voltar para a base - True pediu levantando-se e segurando na mão da garota. Por quê? Não deve ser tão tarde assim.

O garoto fez um gesto com a cabeça, para que Esmeralda visse os olhares dos homens os quais estavam passando a poucos metros. Ela logo percebeu e concordou.

Tudo bem, vamos.

Caminhavam em silêncio pela rua deserta. As pessoas comemoravam nas praças ou em algum restaurante que antes só era permitido servir refeições para estudantes e soldados.

Desculpe, True - disse Esmeralda, que parou e abaixou a cabeça.

Sobre o que está falando?

Você teve que sair de lá por minha causa. Você estava tão feliz com aquelas pessoas...

O garoto ficou em silêncio e com as mãos, ele ergueu levemente o rosto de Esmeralda para que ela o fitasse nos olhos.

Não se preocupe. Eu prometi que cuidaria de você. Apesar de ter gostado dos poucos minutos de fama, prefiro ficar no meu canto - disse True com um sorriso no rosto.

Não entendi - a garota olhou para True, confusa.

Eu não sou o tipo de pessoa que gosta dos outros me admirando o tempo todo. Prefiro ficar em algum lugar fazendo algo que gosto e olhar de longe o que acontece. Quem deveria te pedir desculpas sou eu. Prometi que não deixaria ninguém te fazer nenhum mal, porém não posso controlar os pensamentos dos outros homens.

Esmeralda abaixou novamente a cabeça, mas desta vez ela começou a chorar.

Não sabe como eu odeio ter nascido assim! Preferia ter nascido deformada! — Esmeralda gritava enquanto algumas lágrimas escorriam em seu rosto.

True segurou forte o rosto de Esmeralda, fazendo com que ela não tirasse os olhos dos dele.

Escute aqui! Você é linda e deve se orgulhar disso! Ninguém pode controlar os olhares dos homens e também das mulheres que te invejam, mas uma coisa posso te garantir. Não vou permitir que ninguém lhe faça mal algum!

Esmeralda olhava atônita para o garoto, mas não era de medo, e, sim, admirada com as palavras que tinha ouvido.

Não saia do meu lado, por favor! - Esmeralda o abraçou, e ele retribuiu o gesto com a mesma intensidade.

Não irei a lugar algum. Apenas quando pedir e se sentir segura.

Obrigada - Esmeralda agradeceu, enxugando as lágrimas no canto dos olhos. - Agora vamos

voltar antes que Light se preocupe.

Quando voltaram para a base, True e Esmeralda avisaram Light sobre como estava a cidade, principalmente sobre o episódio na praia. O líder rebelde ficou aliviado em saber que tudo deu certo no final, pelo menos, aquilo ajudou para que as pessoas passassem a confiar mais na força que se levantou contra o ditador.

A manhã chegou e Light, True e Esmeralda checavam suas malas para partirem ao Canadá. Apesar dos dois jovens não saberem como exatamente chegariam lá.

As novas formas de proteção foram entregues para os donos respectivos. Todos já estavam devidamente vestidos e foram até o andar onde ficava o elevador. True e Esmeralda esperavam por Light o que estava atrasado, o que parecia estranho uma vez que ele conhecia melhor do que ninguém a base.

Por que será que ele está demorando tanto? - Esmeralda indagou inquieta.

-Também queria saber - True respondeu cruzando os braços, pensativo.

Enquanto esperavam, Light apareceu no andar de cima chamando pelos dois.

Por que ainda estão aqui? Vamos, temos que chegar lá pela manhã.

Esmeralda e True se entreolharam sem saber para onde teriam que ir. Para eles, teriam que pegar o elevador para então ir à superfície e de lá ir ao aeroporto. Porém, não parecia esse o plano, então decidiram dar de ombros e seguir Light para, enfim, saberem no que ele estava pensando.

O líder rebelde foi até um dos túneis que também dava acesso à superfície. Assim que True e Esmeralda o alcançaram e entraram no pequeno metrô, seguiram pelo imenso túnel.

Para onde estamos indo? - True perguntou sem saber o que o amigo estava fazendo.

Estamos indo para o aeroporto - Light respondeu paciente.

O garoto pensou um pouco e lembrou. Os túneis estavam interligados por toda a capital. O aeroporto era um dos principais lugares, com certeza Light não deixaria de construir um túnel que o levaria rapidamente até lá.

Em quinze minutos chegaram ao aeroporto e avistaram os Silvermoon e os irmãos indígenas.

Olha! Todos vieram se despedir! — Esmeralda gritou feliz por ver os companheiros.

Não só para despedir, como também para assegurar que decolemos. Não sabemos se algum *caído* veio se vingar de nós ou nos impedir de irmos ao Canadá. O que não seria um problema, mas tomaria nosso tempo que está curto - explicou Light.

Um pequeno jatinho os esperava para levá-los. Os olhos de Esmeralda vibravam, pois nunca tinha entrado em um avião. True se perguntava o quanto a família de Light, a Adam, seria rica. Eles tinham várias bases em quatro continentes e ainda possuíam aviões de última geração para transferi-los para os lugares.

Os jovens notaram que havia algo diferente nos irmãos indígenas. Quase toda a superfície de seus braços foi pintada criando diversas formas, as quais foram tingidas com as cores primárias.

True, tem um minuto? - indagou Acauã antes do garoto embarcar.

True franziu o cenho na tentativa de adivinhar o que Acauã tinha para falar com ele. O garoto olhou para Esmeralda, que o esperava na porta do avião, e ela com um gesto indicou que o esperaria no interior da aeronave enquanto Acauã trataria do assunto com ele.

Algo errado? - preocupou-se. A expressão de Acauã parecia séria, mais do que o garoto estava

acostumado a ver.

Piatã, que também participava da conversa, sorriu ao notar a hesitação da irmã.

Eu não acredito... Quem diria que Acauã, a exímia caçadora, que enfrentou corajosamente o exército e foi reconhecida como guerreira, fosse tão tímida para dizer "obrigado" - disse Piatã em uma risada.

Fique quieto! - resmungou Acauã. - Só estou procurando as palavras certas!

True não entendia nada sobre o que os irmãos indígenas se referiam, mas notou quando Piatã teve o cuidado de acrescentar que a irmã foi reconhecida.

Espere! - True interveio. - "Reconhecida"?

Piatã alargou o sorriso e Acauã cruzou os braços, desviando o olhar, sentindo-se envergonhada.

Enquanto você e Esmeralda estavam fora, Light nos acompanhou ao encontro do nosso povo para que fosse comprovado nossos feitos na rebelião. O fato de Light ter nos acompanhado simbolizou o compromisso que um dia o pai dele fez com nossa tribo, a de cuidar de nós.

Então... Quer dizer que! - True abriu o sorriso, adivinhando o que Piatã estava prestes a dizer. Ao notar a percepção do garoto, Acauã enrijeceu ainda mais.

Exatamente - Piatã assentiu. - Nosso povo reconheceu que estavam errados. Agora, eu e minha irmã somos tratados como iguais. E Acauã foi autorizada a caçar e faz aquilo que se sente feliz..

Obrigada - Acauã atropelou as palavras do irmão. Ela estendeu a mão para cumprimentar o garoto, que a ajudou em seu propósito, mas ainda sem o fitá-lo.

True notou o cumprimento, mas não apertou a mão da amiga. Por aquele ser um momento único, pensou em fazer algo melhor. Então, em vez de um simples aperto de mãos, True a abraçou.

Acauã foi pega de surpresa pela demonstração de afeto e hesitou antes que retribuir o abraço. Seu irmão sorria como nunca, um sorriso que ensaiou durante anos e, finalmente, tinha chegado a hora de mostrá-lo.

True também cumprimentou Piatã, mas de um modo diferente, fazendo uso do humor que Piatã conhecia bem. Aproveitou o momento e verificou o *mundo* dos irmãos, os quais, por fim, tinham conquistado seus sonhos. O lugar era tão belo que True não conseguia descrever em palavras. Ele sentia a felicidade dos irmãos que preenchia o lugar ao lado da paz que reinaria durante anos.

Por um momento, Piatã pensou que a irmã estava chorando ao notar seus olhos úmidos, mas ela retrucou dizendo que era apenas um cisco que a incomodava desde que acordara. O irmão não quis insistir e apenas ficou ao seu lado, sorrindo.

Assim que o garoto embarcou e foram feitas todas as despedidas, Light se lembrou de algo que o perturbava há algum tempo.

Você conseguiu algum contato com a base do norte? - indagou aos irmãos indígenas, os quais eram seus representantes na América do Sul.

Nada, estamos tentando há horas, mas não conseguimos sequer uma resposta.

Light ficou pensativo por um instante, mas decidiu não se preocupar.

Deve ser algum problema com os mecanismos de comunicação. De qualquer forma, vamos nos encontrar daqui a pouco - Light concluiu e se despediu de seus companheiros para entrar.

Ao sentarem em seus respectivos lugares. Light apresentou o piloto aos dois.

-True e Esmeralda, quero que conheçam meu velho amigo Jack Eagle. Ele trabalha como piloto há muito tempo, antes mesmo de eu nascer.

Light! Não me faça parecer mais velho do que já sou — disse Jack, sorrindo.

O piloto tinha aproximadamente a mesma altura de Light, usava barba aparada, roupas de proteção para o frio, um chapéu característico de aviação que escondia completamente seus cabelos, pele queimada do sol e olhos castanho-escuros.

Além de ser um ótimo piloto, ele é um antigo amigo da minha família. Podem confiar nele, ele não os decepcionará.

Certo. Podem relaxar e aproveitem. O tempo está ótimo, garantindo que chegaremos lá ainda pela manhã sem passar por turbulências - continuou Jack, explicando.

Turbulências? - Esmeralda indagou.

Parece que a senhorita nunca entrou em um avião antes. Assim que decolarmos, vou te levar a minha cabine e te mostrar como se pilota. Também tirei qualquer dúvida que tiver, como sobre turbulências.

Esmeralda segurou forte na mão de True e virou para encará-lo. Light percebeu o comportamento de Esmeralda, então sussurrou para o piloto.

Ela teve alguns problemas, então acho melhor levar o garoto junto dela, é assim que ela fica mais calma.

Jack assentiu franzindo o cenho e foi com Light para a cabine, dando início à viagem.

Capítulo 17

Novos aliados e novos inimigos

A viagem ia bem. O tempo, assim como Jack havia previsto, estava ótimo para voar. Esmeralda conheceu a cabine e todos os controles, sobre turbulências e outras dúvidas que surgiram, por exemplo, sobre os radares que monitoravam as aeronaves. Jack trabalhava como piloto para o exército e servia como agente para os paladinos, permitindo que ele os transferisse sem riscos de serem descobertos. A aeronave que Jack usava era, por padrão, utilizada na transferência de civis, o que serviu como pretexto para que fizessem a viagem. O piloto explicou tudo da forma mais simples possível para que a jovem entendesse. Todos estavam em seus devidos assentos, olhando as nuvens pela janela, quando Jack anunciou pelo rádio: - Aqui é o piloto, já estamos chegando ao nosso destino. True olhou para Esmeralda e sorriu. Ele também queria conhecer o Canadá, apesar de saber que não estava lá a passeio. Light estava na cabine ajudando como copiloto, já tinha voado inúmeras vezes, com isso, acabou aprendendo a pilotar.

Quando avistaram a pista, Jack anunciou mais uma vez que iam pousar, fazendo True e Esmeralda colocarem o cinto de segurança. Ele ia pousando a aeronave quando algo que o piloto não esperava aconteceu. As rodas do avião, assim que tocaram a pista, deslizaram, fazendo o piloto perder o controle da aeronave que deslizava sem controle.

Atenção! Perdemos o controle do avião! Quero que se segurem e abaixem a cabeça.

True e Esmeralda obedeceram rapidamente, abaixando a cabeça e colocando as mãos sobre a mesma. Light e Jack faziam de tudo para recuperarem o controle do avião, caso não conseguissem desviar um pouco para a direita, acertariam as outras aeronaves que estavam estacionadas uma ao lado da outra.

Jack usou toda sua força e experiência para fazer movimentos com a roda, com o objetivo de que o avião fosse para a direção oposta à das outras aeronaves, indo parar no campo de terra. O terreno tinha pedras enormes e alguns buracos, com isso, a aeronave balançava enquanto perdia velocidade até parar. Esmeralda estava apavorada por nunca ter passado por uma experiência como aquela, na verdade, ninguém além de Jack tinha passado por aquilo, mas True estava mais confiante por saber que um piloto experiente com certeza daria um jeito naquela situação.

Quando finalmente pararam, True foi ajudar Esmeralda a tirar o cinto enquanto checava se nada tinha acontecido a ela.

Vocês estão bem? - indagou Light, preocupado, ao sair da cabine.

Sim, estamos bem. Esmeralda só está um pouco assustada. E o Jack?

Quando passamos em um buraco, ele foi jogado contra o painel e bateu a cabeça. Vou tirá-lo daqui e quero que faça o mesmo com Esmeralda.

True assentiu e ajudou Esmeralda a se levantar para saírem do avião. Light foi logo atrás dele carregando Jack nas costas.

True! Tem uma passagem para nossa base perto daquele centro de comando — disse Light, apontando para a enorme torre de comando próxima aos aviões.

Enquanto eles caminhavam em direção à torre, começou um forte vendaval e a nevar. True avistou a porta que parecia levar ao subterrâneo, assim como eram construídos nas casas para levar ao abrigo do porão.

Está congelada! — disse True ao tentar abrir, sendo obrigado a elevar a voz por causa do barulho do vento.

Esmeralda tentou ajudar puxando de um lado enquanto o garoto puxava do outro. Realmente o gelo estava bastante rígido, dificultando abrir a passagem com força bruta.

Tente derreter o gelo com o fogo de sua alma - propôs Light. True logo obedeceu e ativou Taiji. True colocou a mão sobre o local congelado e rapidamente as chamas fizeram o gelo derreter-se, possibilitando a entrada.

O local estava escuro. Light não entendeu o motivo de não haver iluminação. Talvez tivesse ocorrido um *blackout* e as equipes estavam trabalhando duro como sempre para que o gerador voltasse a funcionar. Light criou uma pequena luz em sua mão, iluminando o local o suficiente para que eles pudessem andar em segurança. Esmeralda já caminhava com seus próprios pés e Jack continuava desacordado.

Olhe! Não é o metrô que nos leva a base? - True gritou, apontando para o meio de transporte que estava todo destruído.

Sim, ele mesmo, mas não entendo o motivo de estar nessas condições - disse Light franzindo o cenho. - Não temos outra escolha senão seguir o resto do caminho a pé.

True e Esmeralda não podiam reclamar, os dois teriam que andar enquanto Light teria que carregar Jack nas costas. A caminhada durou cerca de uma hora quando, finalmente, chegaram à porta que dava acesso à base.

Light viu marcas na porta, concluindo que a mesma tinha sido forçada. Ao notar, mostrou para que True visse e tivesse a mesma conclusão. O garoto entendeu o que Light queria dizer, então ativou novamente a alma e pediu para que Esmeralda ficasse atrás dele, a partir daquele momento poderia aparecer um *caído* a qualquer momento.

Light entrou e se horrorizou com o que viu. A base inteira estava congelada, a neve havia tomado conta do local. Vários corpos estavam no chão, congelados, e Light concluiu que eles estavam mortos. Enquanto ele botava Jack encostado na parede, True entrava em seguida junto a Esmeralda, que fechou os olhos e procurou True para se esconder após ver o horrível local que mais parecia um cemitério de estatuas humanas.

Light? O que está fazendo aqui? - Era a voz rouca de um homem que estava quase em seu fim, atirado ao chão.

Terry! O que houve? - Light indagou enquanto ajudava o amigo a se levantar.

Não! Não me levante. Já estou no meu fim... Não recebeu minha mensagem?

Que mensagem? Acabei de chegar! Primeiro me conte o que houve nesse lugar - disse Light assustado, agora apoiando o amigo no colo.

Terry juntou forças para falar e quando conseguiu, começou:

Caçadores de Elite! Eles descobriram nossa base e atacaram... Eram apenas dois, mas tudo aconteceu de uma forma muito estranha. Eles pareciam fugir de alguma coisa que os perseguiam — Terry fez uma pausa e logo continuou. — Neve! Muita neve! Assim que eles penetraram na base, uma avalanche os seguiu destruindo tudo.

Neve? - Light estranhou. - Como a neve poderia andar por vontade própria?

Eu não sei meu amigo, mas nos dias de hoje isso é bem possível, ou pior, acho que foi tudo planejado. Assim que a neve destruiu tudo, eles procuraram por sobreviventes e perguntaram sobre vocês. Eles souberam de alguma maneira que vocês viriam ao Canadá... - Terry contava

dando pausas para recuperar o fôlego. — Eles estão procurando por vocês! Eu disse a eles que tinha passado uma mensagem avisando-os do ataque e então blefei dizendo que vocês partiriam para outra base... Sabiam que eu morreria então me deixaram aqui para sofrer.

Sabe onde estão? — perguntou Light, sabendo que a força do amigo estava acabando.

Devem estar pela cidade... Não há muitos soldados por aqui... Acredito que estão procurando por vocês do outro lado do Canadá...

Obrigado, meu amigo - disse Light enquanto fechava os olhos de Terry, os quais nunca mais se abririam.

Vou fazer os curativos em Jack e depois iremos procurar outro local para ficar.

True e Esmeralda assentiram e sentaram para descansar, estavam exaustos com a caminhada e a tensão do local. Light estendeu o corpo de Jack no chão e puxou as mangas de sua blusa, colocando a mão sobre o rosto dele. Uma luz verde saía da mão de Light enquanto curava os ferimentos do piloto. True assistia estudando como Light fazia aquilo.

Não poderia fazer isso com Terry? — True quis saber.

Terry estava muito mais ferido do que Jack, necessitando de muito mais energia para curá-lo. Eu também sofri danos no avião, meu corpo usou parte da energia de minha alma para me proteger, deixando o que restou apenas para curar Jack.

True compreendeu. Lembrou-se que para criar seu escudo de gelo e materializar a Flagelo das Almas precisou de muita energia.

Jack começou a recuperar a consciência e viu Light o curando.

O que aconteceu?

Não fale nada, deixe-me cuidar disso primeiro — respondeu Light enquanto terminava de fechar as feridas do amigo.

Assim que finalizou, Light contou tudo para Jack, que não acreditava no que tinha acontecido. Quando pôde ficar de pé, todos foram para a superfície para encontrar um novo abrigo. Assim como Terry havia dito, no Canadá não havia muitos soldados, apenas via um ou outro que não fazia rondas pelas ruas, apenas ficavam guardando a entrada de locais importantes. Também não havia muitas pessoas por lá. A maioria ficava nos seus devidos serviços, os quais eram mandados pelo exército.

Enquanto caminhavam, perceberam que a pequena cidade não possuía muitos prédios, apenas alguns estabelecimentos de dois a três andares no máximo. Procuravam por abrigo quando avistaram algo que chamou a atenção do grupo. Uma enorme estaca saiu do chão, chegando a medir mais ou menos seis metros. Ela tinha surgido na outra rua, onde vários soldados entravam e saíam, alguns amedrontados e outros atirando sem parar.

Vamos ver o que está havendo - Light ordenou.

Mas Light! Tem vários guardas que... - True começou e foi interrompido por Light.

Que estão nos ignorando, percebeu que nem notaram nossa presença? Algo de muito importante está acontecendo naquela rua!

O pequeno grupo atravessou e foi checar o que chamava tanto a atenção dos soldados. Quando todos conseguiram um bom ângulo para ver o que acontecia, observavam um garoto asiático com enormes fones de ouvidos que enfrentava soldado por soldado que o atacava.

Light, eu vou ajudá-lo! — disse True ativando sua alma, passando sua energia para o braço direito.

True pulou na frente do garoto quando ia ser acertado por um tiro de um dos soldados, fazendo o projétil derreter antes que o acertasse.

Não pedi sua ajuda - disse o garoto sem qualquer expressão no rosto.

O que disse? - True apesar de ter ouvido com clareza o que o garoto dissera, perguntou para confirmar-se de que não tinha se equivocado.

Eu disse que... - O garoto começou, mas foi forçado a desviar de outro golpe, desta vez, de um machado que o soldado possuía.

True se irritou com a situação e decidiu acabar logo, pois queria continuar a conversar com o garoto.

Quando três dos soldados foram atacar o garoto com fones de ouvido, True os viu passarem por ele, mas não pode ir ajudá-lo, já que outros soldados atiravam sem parar em sua direção. True pensou rápido e se concentrou ao máximo em sua alma para adquirir muita energia para atacar. Ele estava agachado atrás de um veículo militar que o protegia dos tiros. O garoto esperou o momento certo e rolou no chão rapidamente, mirou nos soldados que atiravam e, impulsionando seu braço direito para frente, criou uma imensa esfera de chamas fazendo os soldados correrem do local. Agora faltavam só os três soldados que foram atrás do outro garoto asiático.

True se virou e avistou os três soldados, um equipado com espada e os outros dois com machados, pularem com toda força para acertar o garoto. Ele estava imóvel enquanto os soldados o cercava por todos os lados.

Saia daí! - True gritou para o garoto se mover, mas ele não obedeceu.

Com um simples levantar de braços, o garoto asiático fez três estacas saírem do chão e perfurarem em cheio os órgãos vitais dos três soldados que tinham saltado para atacá-lo. True ficou sem palavras com o que via.

Quem é você? Como consegue controlar essas estacas?

O garoto não quis encarar True, então logo desviou o olhar.

Meu nome é Genkaku e essas estacas são meus espinhos.

Espinhos? — disse True quase para si mesmo.

Incrível! - interrompeu Light, que aplaudia sozinho para o garoto. - Sua habilidade é fantástica!

O garoto viu o grupo que estava ao lado de True. Ele parecia não gostar de muitas pessoas, pois assim que eles chagaram perto dele, deu alguns passos para trás. Também parecia demonstrar uma frieza em relação aos soldados, que matou sem hesitar.

Meu nome é Light. Esta garota ao meu lado é Esmeralda e do meu lado esquerdo o nosso piloto, Jack Esse que te ajudou é True.

Hajimemashite, Boku no namae wa Genkaku Kyōki desu. Yorosbiku onegai shimasu — disse o garoto.

Japonês? — Light perguntou enquanto o resto do grupo se olhava para saber se alguém além de Light havia entendido.

AH! Desculpe! Eu sou japonês e estou acostumado a cumprimentar as pessoas dessa maneira. Mas não se preocupe, posso falar em seu idioma.

Você fala muito bem português - Light o elogiou.

Obrigado. Também falo fluentemente inglês e tenho um pouco de conhecimentos com outras línguas, quando era pequeno, viajava muito com minha família para o exterior.

Light achou melhor não perguntar sobre os pais do garoto, certamente eles foram separados do

filho com a ditadura.

Vocês são da organização rebelde, não são? — indagou Kyōki.

Isso mesmo. Somos conhecidos como "A Ordem dos Paladinos", ou apenas Paladinos se preferir. Estava procurando por vocês. Aprendi a controlar minha alma sozinho, desde criança. Quando morava no Japão, meditava muito, além de ter várias crenças sobre uma força interior dentro de cada um. Foi assim que aprendi a controlar.

True encarou, surpreso, o garoto. Kyōki era mais novo que ele e já tinha aprendido a controlar bem sua alma. Suas habilidades na batalha também não pareciam ser recentes.

Você está querendo juntar-se a nós? - Light perguntou, e Kyōki assentiu. - Então me diga seus motivos.

Quero libertar o Canadá e o Japão que, atualmente, são comandados cada um por um general. Posso ser útil dando informações sobre eles - o garoto explicou.

E após os libertarmos, o que fará?

Então não terei mais interesse em ajudá-los - Kyōki, sempre sério, foi honesto com o que queria, e Light gostou de sua atitude.

Tudo bem, estamos mesmo procurando por novos membros. Se não tiver nenhuma objeção... - Light virou para encarar os outros paladinos que deram de ombros. - Certo, Kyōki, você agora é um Paladino assim como nós, então não se preocupe com formalidades.

O garoto abaixou a cabeça junto ao tronco em um sinal de respeito.

Arigatou Gozaimasu! Foi até fácil me unir a vocês, imaginei que tivesse algum tipo de teste para evitar que qualquer um entre.

Ele está nos subestimando: — Taiji se irritou. — *Acho que sim* - respondeu True.

Você provou o bastante agora a pouco - Light riu, percebendo a expressão zangada de True. - Além disso, posso *ver* que você é uma boa pessoa, então não tenho motivos para suspeita - disse, referindo-se ao seu *olho da verdade*. - Agora mudando de assunto, Kyōki, nossa base foi totalmente destruída, então não temos um lugar para ficar. Sabe de algum lugar que podemos passar a noite?

O garoto ficou pensativo por um momento e falou:

Não posso levar vocês para meu dormitório, como sabem, só é permitida a entrada de estudantes. Mas conheço um bar que é usado por soldados à noite. O dono do bar é um homem já de terceira idade. Tenho certeza de que se vocês disserem que são os Paladinos, ele lhes dará abrigo. O estabelecimento fica ao lado de um lago congelado, se vocês seguirem em frente, o encontrarão, não tem erro. Agora eu vou indo para meu dormitório, antes que mais soldados descubram que fugi.

Antes que Light pudesse perguntar como eles manteriam contato, Kyōki saiu correndo desaparecendo na tempestade de neve.

Garoto misterioso, esse aí... — *pensou True*.

O pequeno grupo andou pelas ruas até finalmente avistarem o lago totalmente congelado. Esmeralda foi a primeira a correr até o lago para ver como seria, mas não chegou a pisar no gelo, apenas olhava de longe. Virou-se para voltar aos outros que a esperavam quando seu cachecol escorregou de seu pescoço, devido à força do vento, indo parar a alguns metros no lago congelado. Light a impediu que fosse pegar, ela poderia escorregar e se machucar, então como

ele já tinha experiência, entrou e agarrou o cachecol da garota, devolvendo-o. Naquele momento, a quantidade de neve que caía aumentou, o vento estava mais forte e a visibilidade piorava.

Acho melhor acharmos logo o bar que "o fone de ouvidos" falou, precisamos logo de um abrigo — disse Jack

O grupo todo concordou e deu as costas para o lago, indo em direção ao bar, onde segundo Kyōki, estaria não muito longe dali.

Fiquem parados onde estão!

O grupo se virou para encarar a pessoa que tinha dado a ordem. A língua que ouviram era inglesa, mas como falavam fluentemente inglês, todos entenderam perfeitamente. True tinha aprendido na escola do governo onde era obrigado a falar corretamente a língua do ditador, Esmeralda aprendeu com os dias em que trabalhou para os soldados e para o general. Quando olharam era uma mulher de cabelos longos e ruivos, atrás dela estavam dois soldados armados que sorriam por algum motivo.

True! Eles são os caçadores de elite! Rápido ative sua alma e proteja Esmeralda! Eu protegerei Jack

True obedeceu e ativou sua alma e moldou o escudo com seu gelo no braço esquerdo.

Proteger? Não me façam rir, todos vocês estão em perigo nesse momento. Eu sou uma caçadora de elite, não há nada que eu seja ordenada para capturar que não consiga! Os meus subordinados serão suficientes para fazer o serviço. Esmeralda será a primeira, sentenciada à morte por trair o governo.

Um dos soldados levantou a arma mirando em Esmeralda.

Não vou permitir! - disse True, pondo-se à frente da garota.

Não vai permitir? - O soldado falou com a aparência sorridente. - Eu já a acertei!

True não acreditou no que o soldado havia dito, ele então se virou e viu Esmeralda cair lentamente ao chão.

Esmeralda! — exclamou atônito.

A garota fora atingida no pescoço por um dardo. True retirou e a segurou para que não atingisse o chão.

Hahaha! - O soldado não se conteve em rir o mais alto que pôde. - Não se preocupe, eu não a matei de imediato, ela irá sofrer com meu veneno que a matará pouco a pouco.

True virou para encarar os olhos do soldado que envenenara sua amiga.

Muito bem, Sting, agora que já cuidamos da traidora, vamos cuidar do garoto.

O outro soldado saiu para atacar True e antes que o garoto pudesse defender, Light assumiu a vanguarda criando uma barreira que repeliu o ataque. O soldado ficou aborrecido e rapidamente dirigiu outro soco no escudo de Light quebrando-o.

Como? - pensou True sem entender como um subordinado pode quebrar uma barreira que nem um general pôde romper.

True viu que Light estava vulnerável então criou suas chamas no braço direito e concentrou o máximo de energia que pôde para acertar o soldado. O soco atingiu o inimigo em cheio, fazendo-o ser queimado por completo devido a enorme quantidade de chamas.

Quer que eu cuide disso, Senhora? - perguntou Sting que apontava a arma para o garoto.

Não há necessidade, você fez o bastante por hoje. Eu devo matá-los para corrigir o erro de meu

subordinado - Sting abaixou a arma deixando Light e True para sua superior.

A mulher ativou sua alma fazendo com que duas lágrimas negras surgissem de seus olhos, deixando duas listras pretas por onde a lágrima tinha percorrido.

Antes que Light e True percebessem, a mulher estava ao lado deles e, com o cabo de uma das facas que tinha tirado da cintura, acertou o garoto em cheio na cabeça, fazendo-o cair no chão, quase perdendo a consciência.

Daqui a pouco eu cuido de você! O seu amigo deve ser o suporte entre vocês - disse a mulher tirando os olhos de True, mudando seu foco.

Light estava surpreso com tamanha velocidade que a mulher possuía, antes que ele criasse outra barreira para se defender, a caçadora retirou um punhal do estojo, que estava amarrado a sua cintura, e investiu para acertá-lo, porém algo a impediu.

Não deveria sair por aí esfaqueando as pessoas, minha senhora - um homem, que deveria ter quase setenta anos, impedira o ataque da caçadora, segurando-a pelo pulso. Ele estava vestido com as roupas necessárias para sobreviver ao frio. Além das roupas de inverno, uma boina bege, usada pelos homens muito antes da ditadura, enfeitava sua cabeça. Apesar de sua idade, seu corpo era robusto e sua estatura, média.

A caçadora de elite, sem acreditar que um homem comum a tivesse impedido, fez um corte com sua mão esquerda no braço do estranho para que a soltasse, porém aquilo não fez o homem a soltar e sim arremessá-la até o lago congelado. A mulher parecia ser uma pedra que tinha sido arremessada por uma criança, fazendo-a deslizar no lago.

Você está bem, senhor? - perguntou o homem.

Sim, mas o senhor está ferido!

Não se importe comigo agora, veja como eles estão - o senhor apontou para os dois jovens.

Light assentiu e foi se assegurar de que True e Esmeralda estavam bem.

A caçadora conseguiu levantar-se enfurecida e voltou ao chão firme. A tempestade de neve tinha aumentado, tornando-se uma nevasca que surgira do nada. A mulher se segurou para não sair voando com a imensa força do vento.

Quem está no meu lago? — Naquele instante, uma terceira figura misteriosa apareceu. True, mesmo a pouco de perder a consciência, avistou um menino, que deveria ter nada mais que 6 anos, vindo do centro do lago congelado.

A mulher ruiva de roupas negras de couro arregalou os olhos e parecia que tinha reconhecido a voz da criança. Ela se virou procurando por ela, mas não conseguia ver ninguém. Seu corpo tremia e seus olhos se arregalavam com o fenômeno. Light via a cena sem entender para onde a mulher olhava, a criança estava próxima a ela, mas era como se não conseguisse ver. A caçadora chamou seu subordinado e correu o mais rápido para longe do local.

Ela fugiu - disse a criança. - Mas não foi só ela que entrou no meu lago. Você também entrou!

Light sabia que era com ele que a criança estava falando, ele tinha entrado para apanhar o cachecol de Esmeralda. Percebendo que algo aconteceria com ele, pediu ao homem:

Por favor, cuide desses jovens!

O homem viu o desespero no pedido do estranho e a preocupação sincera que tinha por eles, então ele assentiu e se virou para apanhar True e Esmeralda, colocando-os em seus ombros. O garoto estava desacordado com o golpe que sofreu da caçadora e Esmeralda mal se mexia devido ao veneno.

Estou falando com você! - A criança gritou aborrecida e dirigiu a enorme nevasca para Light, que tentou desviar-se do ataque.

Apesar de ter escapado da maior parte do dano, sua perna fora atingida, se tornando um bloco de gelo.

O que foi isso! - exclamou Light, horrorizado com a velocidade do gelo em envolvê-lo e olhou para o menino que dirigia mais um ataque em sua direção.

Desculpe True, deixarei tudo por enquanto em suas mãos. - Esse foi o último pensamento de Light antes de ter sido totalmente congelado, virando uma estátua de gelo.

O general da América do Norte

True acordou e se deu conta de que não estava no lago glacial onde foram atacados pelos caçadores de elite. Ele agora se encontrava em um quarto não muito grande, mas confortável. O garoto se esforçava para lembrar como tinha chegado ao local enquanto se sentava na cama para despertar. As memórias vinham pouco a pouco, fazendo-o se lembrar do acidente com a criança que transformou Light em uma estátua de gelo.

O garoto não entendia como uma criança possuía tanto poder, ele poderia ser um *caído*, mas True lembrou-se de que não viu nenhuma forma de alma na criança. Agora, sem Light, True sabia que teria de tomar a liderança. Light lhe dissera que se caso algo acontecesse com ele ou com Romeo, True seria o líder provisório.

Não quero ficar aqui!

Acalme-se, senhorita! Você está doente, deite na cama!

True reconheceu a voz de Esmeralda, então saiu correndo do quarto descalço, pois seus calçados não estavam por perto nem suas roupas, que deveriam ter sido trocadas por alguém. O garoto usava uma roupa que nunca tinha visto, concluindo, então, que os proprietários do local teriam cuidado deles enquanto estava desacordado.

Seguindo o som, pôde localizar o quarto onde Esmeralda estava. Ela tentava se levantar, mas era impedida por duas mulheres que a seguravam.

Soltem a garota! - True gritou para as mulheres e correu para proteger Esmeralda.

True! - ela gritou aliviada.

As mulheres que a prendiam se afastaram, dando passagem para o garoto. Com tamanho tumulto, o homem que os salvaram apareceu e gritou para que todos se acalmassem:

Fiquem quietos! Quero que vocês deixem a garota sozinha, apenas o garoto pode ficar! - As mulheres saíram imediatamente, deixando apenas ele e os dois jovens no quarto. - Desculpem pela bagunça, o piloto de vocês disse que deveriam ficar juntos, mas minha mulher não gostou muito da idéia de deixá-los sozinhos em um quarto.

True segurava a mão de Esmeralda e pôde ver que estava muito mais quente do que o normal.

Você está bem? - True perguntou.

Ela está com febre de trinta e nove graus. A febre vem piorando desse ontem - disse o homem.

True sabia de onde vinha aquela febre. Sting, o subordinado da caçadora de elite, tinha acertado Esmeralda com um de seus dardos. Ele se sentia culpado por não tê-la protegido. Se não estava enganado, a alma do Sting era de uma cobra, uma cascavel.

Maldito! Ele poderia tê-la matado em segundos, mas preferiu injetar um veneno mais lento para fazê-la sofrer — *pensou True*.

Creio que além de querer fazê-la sofrer, ele queria demonstrar seu poder, passando a mensagem de que poderia matá-la se quisesse — *concluiu Taji*.

Deixe-a descansando e venha comigo - pediu o senhor, dono do lugar.

Esmeralda fez um gesto com a cabeça de que estava tudo bem e logo caiu no sono, enquanto ela dormia, True seguiu o homem até o andar de baixo, onde ficava o bar. Eles se sentaram, e o homem se apresentou:

Meu nome é Juan Leon. Eu morava com minha família no México, mas fui mandado para o Canadá a serviço do exército - True percebeu um pouco do sotaque da língua espanhola, a pele bronzeada, também indicava que o homem vinha de algum país litorâneo. - Seu piloto teve que voltar para o aeroporto, ele estava bem, apenas preocupado com vocês.

A conversa foi interrompida pelo barulho do sino que ficava perto da porta, anunciando a entrada de qualquer pessoa que entrasse no bar.

Kyōki! Já era hora! — disse Juan com um sorriso no rosto.

True virou para ver o garoto, e só naquele momento pôde perceber a forma de um porco-espinho que a alma do jovem japonês tinha adaptado. Kyōki, percebendo que True o encarava, abaixou a cabeça o cumprimentando.

Boa tarde. Desculpe a demora. Tem muita neve lá fora e foi difícil andar pelas ruas - dizia Kyōki enquanto pendurava seu casaco.

Sente-se aqui! Não há muito trabalho hoje, todas as mulheres vieram, portanto, se junte a nós - convidou Juan, puxando uma das cadeiras para que Kyōki sentasse.

O garoto aceitou o convite de Juan, apesar de ter se sentado na outra ponta da mesa bem distante deles.

Kyōki trabalha aqui no bar durante a tarde, por isso é dispensado do colégio pelo turno vespertino - explicou Juan, e, enquanto explicava, Kyōki arrumava os grandes fones de ouvido que estavam tortos devido à caminhada.

Já é de tarde! - disse True quase gritando.

Sim, vocês estavam cansados com os acontecimentos de ontem. Então resolvi não acordá-los.

Daqui a alguns minutos, as mulheres servirão o almoço.

Kyōki percebeu que True estava se recordando dos acontecimentos do dia anterior.

True, podemos conversar a sós depois do almoço? - Kyōki mudou a direção do olhar agora encarando Juan. - Nada que eu queira esconder de você, mas não será algo que entenderá facilmente.

O que ele deve querer comigo? — *pensou True.*

E verdade. Realmente eu não entendo desses assuntos da juventude - disse Juan dando de ombros.

Tudo bem, depois do almoço nós conversaremos - respondeu True.

No almoço foi servida sopa com alguns pedaços de pães. True não gostava muito de sopa e nem estava acostumado a comer uma no almoço, apenas no jantar, porém não podia reclamar. A sopa tinha um gosto picante. Kyōki, ao começar a comer, disse algo como "itadakimasu", mas True não entendeu o significado.

Uma mulher recolhia os pratos enquanto Juan dizia que ia deixar os dois conversarem. Aproveitando, ele foi ver como estava Esmeralda.

O que significa itadakiu...

Itadakimasu, você quer dizer. É algo que nós japoneses dizemos antes de comer. Na sua língua seria algo como "Obrigado pela comida", agradecendo a pessoa que fez a refeição.

Interessante. Agora... O que queria falar comigo? — True foi logo ao ponto. Ele teve que falar em um tom um pouco mais alto, já que Kyōki estava na outra ponta da mesa.

Percebi que você está com medo da situação na qual você se encontra. Como agora sou um Paladino assim como você, acho que é meu dever ajudá-lo.

True abaixou a cabeça por alguns segundos, pensativo. Kyōki tinha razão, a ajuda dele seria bem-vinda. Apesar de acabar de conhecê-lo.

Quando me encontro em alguma situação difícil, sempre vou sozinho para algum lugar tranquilo e uso a lógica para solucioná-los.

Lógica?

Sim. Conte-me o que aconteceu ontem depois de nos despedirmos.

True contou tudo o que houve com Light e os caçadores de elite e sobre suas habilidades, inclusive a de ver as almas das pessoas. Aproveitou também para contar melhor sobre Light e Esmeralda, mas apenas o necessário. Kyōki ouvia tudo com bastante atenção, mas estava sério e calmo como sempre. Explicou que no caminho até o bar viu um homem congelado próximo ao lago e foi então que ele reconheceu Light.

Isso é tudo... — disse True terminando. - Eu não entendo como aquela criança pode controlar uma nevasca sem possuir qualquer formato de alma. E aquela caçadora correu muito assustada. Talvez os dois não sejam *caídos*.

Nesse ponto você está errado - disse Kyōki, interrompendo o garoto. - A mulher é uma *caída*, assim como a criança. Apesar de não saber por que você conseguiu vê-lo.

Não entendi. Ele estava na margem do lago, tenho certeza de que Light também conseguiu vê-lo. Kyōki ficou pensativo por um momento. True não conseguia entender a reação do garoto, para ele, todos tinham visto a criança na margem.

Quero que saiba de uma coisa - Kyōki começou e deu uma pausa para se certificar que True estava prestando atenção. - Além de você e Light, ninguém conseguiu ver aquela criança! Somente alguns moradores das redondezas conseguiram ouvir sua voz e apenas sua voz - enfatizou. - Acredita-se que ele seja o general da América do Norte.

True congelou com a notícia.

Aquela criança? Um general!

Geralmente fica andando pelo lago, mas, às vezes, sai por alguns minutos para andar pela cidade. Nós sabemos onde ele se encontra pela força do vento e quantidade de neve que cai. Quanto mais forte o vento e a quantidade de neve, mais perto ele está e quanto mais fraco o vento e quantidade de neve, mais longe - explicou Kyōki, e se lembrando do outro problema que eles tinham, perguntou. - Qual era a alma da mulher?

Era a de um... — True se esforçava para lembrar. — Acredito que seja de um guepardo.

Entendo... Os guepardos são animais extremamente rápidos, isso deve explicar a velocidade da caçadora. Agora que você sabe como encontrá-lo e eu encontrei vocês para me ajudar, não vejo motivos para não tentarmos derrotá-lo. Realmente acredito que, por algum motivo, você possa vê-lo, então você será meu olho e eu sua arma.

True pensou na proposta, mas não era algo simples derrotar um general. Ele presenciou a difícil batalha contra o general da América do Sul. Teria sido bem pior se Romeo não tivesse se sacrificado.

Se todos estivessem aqui, mas Light virou uma estátua humana e não posso deixar Esmeralda nessas condições. Ela está doente e precisa de mim por perto - explicou True.

Eu sou forte o suficiente para substituir Light e Esmeralda, que até o momento não consegue ativar sua alma, então nós podemos cuidar disso.

Desculpe, mas discordo! Prometi proteger Esmeralda, ela estará ao meu lado em qualquer lugar

mesmo no campo de batalha. Além disso, quando lutamos contra o general da América do Sul, havia oito pessoas para derrotá-lo.

O lugar era uma base militar e não se esqueça de que esse general caminha pelo território sozinho. Não há muitos soldados por aqui. Só a caçadora de elite poderia complicar nossos planos, porém ela, por algum motivo, teme o general, então o último lugar que ela estará é perto dele. Mas faça como quiser, você é o líder agora, o que eu menos quero é criar uma desarmonia. Vocês me aceitaram de braços abertos, então vou respeitar sua decisão.

Kyōki tentava convencer True. As palavras do garoto não tinham raiva ou qualquer outro sentimento. Elas eram apenas sugestões, True percebeu isso então não se irritou. A conversa foi interrompida com o barulho de alguém descendo as escadas rapidamente.

True! True! - Juan chamava apressado.

O que houve, Juan? - ele perguntou.

Esmeralda piorou!

True, junto de Kyōki, subiram as escadas o mais rápido que puderam ao encontro de Esmeralda que estava deitada na cama e mal abria os olhos. A respiração estava forte, e a garota variava como se estivesse tendo alucinações.

Esmeralda! Está me ouvindo? - indagou True envolvendo a cabeça da garota com os braços.

Esmeralda não respondeu. Ela pronunciava algumas palavras, mas nada que fizesse sentido.

A febre piorou, está em quarenta graus! Ela está sentindo dores, fica se contorcendo de um lado para outro - disse uma mulher que estava ajudando Juan na recuperação de Esmeralda.

True pegou um pano com água morna e colocou sobre a testa da garota.

Onde está o termômetro? Quero medir a temperatura novamente.

A mulher entregou o aparelho digital para o garoto que checou a temperatura de Esmeralda.

Quarenta graus e meio! - True estremeceu, não esperava que a febre aumentasse em poucos minutos. - Liguem o chuveiro! Não deixem que a água fique muito fria!

Juan assentiu e voluntariamente foi ligar o chuveiro para deixar a água na temperatura adequada enquanto True pegava a garota nos braços para levá-la ao banheiro.

Deixe isso comigo, garoto. Ela precisará se despirm para ter melhor resultado - disse a esposa de Juan que já estendia a mão para pegá-la. Uma senhora de mesma idade que o marido, usava roupas simples e sua aparência demonstrava os anos de trabalho duro.

Não! Eu prometi cuidar dela! Isso é minha obrigação! - True gritava para a mulher que recuou alguns passos, amedrontada com a reação do garoto.

Não pode fazer isso sozinho, garoto! Deixe que eu, uma mulher, cuide dela. Por acaso não confia em nós? - retrucou a senhora, mas o marido chamou sua atenção.

Juan fez um gesto para a esposa, dizendo que estava tudo bem. True não perdeu tempo e logo entrou no banheiro, fechando a porta, e tirou as roupas de Esmeralda. A temperatura da água estava apropriada para que ela entrasse sem que houvesse riscos de choque térmico.

O garoto retirou a roupa de frio, ficando apenas de bermuda e com uma blusa fina. Ele segurou Esmeralda nos braços e a levou até debaixo do chuveiro, para que ela recebesse a maior quantidade da água que caía. True estava com suas roupas encharcadas, mas não ligava, o importante era salvá-la. Vendo um pequeno banco ao lado da pia, pegou-o e usou para sentar-se enquanto segurava Esmeralda.

Passaram-se cerca de vinte minutos, mas a temperatura não parecia abaixar. Ele já estava

sentido dores por todo o braço, mas não ligava.

Não posso deixá-la partir agora - *True pensava aflito*. - Você queria conhecer o Canadá ainda não vimos nem metade! Fique com a gente, vamos mudar o mundo juntos!

True sentia o corpo de Esmeralda ficar mais e mais quente, ele queria que aquilo fosse sua imaginação, mas, infelizmente, não era. O corpo da garota parecia estar em chamas, começando a tremer como se alguém a sacudisse.

- Não! Não piore! - True a segurou mais forte. A responsabilidade e o medo tomavam conta de sua mente. - Esmeralda! Eu quero que você melhore, quero que você abra seus olhos e se levante como fez todas as vezes que passou por algo difícil. Agora, por favor, acorde!

True gritou com todas as suas forças enquanto lágrimas se formavam em seus olhos.

Como nós somos barulhentos - *queixou-se Taiji*.

Taiji? — True perguntou.

Quem mais? — *Taiji respondeu*. - Se quisesse curar a garota podia ter me pedido, nosso lado anjo tem habilidades de cura esqueceu? Mas tudo bem. Não tínhamos energia suficiente até agora.

O que devo fazer? — True indagou ansioso.

Primeiro, preciso que fique calmo. Depois façamos nossa sincronização e deixe que o fogo flua sobre seu braço.

True suspirou e procurou manter-se calmo; afinal, seu nervosismo não solucionaria aquele problema, muito menos conseguiria fazer algo por Esmeralda. Quando se sentiu seguro, ativou sua alma e deixou que sua energia fluísse para o braço direito, cobrindo seu braço de chamas.

Por que as chamas? — *True quis saber*.

Porque precisamos somente de energia Yang, em outras palavras, pura.

E quanto ao Flagelo das Almas?

O Flagelo das Almas é diferente. A foice possui tanto energia yin quanto yang, quando a criamos, doamos uma pequena porção de energia de cada lado.

Mas ainda há algo que não entendo, Taiji. Por que concentrou nossa energia nas chamas? Isso não iria só piorar a febre de Esmeralda?

True, o que você pensa sobre o fogo? Talvez sendo a nossa mente e corpo você tenha uma visão errada do que o fogo representa.

O que quer dizer?

Fogo não é destruição, assim como pensa. O fogo não é utilizado apenas para afastar os inimigos e se defender. Ele não é somente usado como meio ofensivo. O fogo, True, é vida, é transformação. Assim como os alquimistas usavam para criar suas invenções ou os homens da terra que usam o fogo em sua mata para melhorar o solo. Lembre-se do Sol, que nos ilumina dia após dia, trazendo a luz e levando a escuridão, que nos aquece protegendo-nos do frio. O fogo está presente também no espírito de cada um, a chama da determinação, o calor dos sentimentos. Nunca se esqueça: fogo é luz!

As chamas cresciam, tomando totalmente o braço do garoto, mas como Taiji havia explicado, aquele fogo não destruía o braço do garoto e nenhuma dor era provocada, pelo contrário, True sentia um calor agradável. Aquele calor lembrava quando Esmeralda segurava sua mão ou quando se apoiava em seu braço. Ele estava determinado que a chama da alma de sua companheira não se apagaria.

True apoiou Esmeralda no braço esquerdo e com seu braço direito, tocou no local onde a garota

tinha recebido o tiro do soldado. As chamas se espalharam rapidamente pelo corpo da garota. True se assustou com aquilo, mas procurou lembrar-se das palavras de sua alma, o fogo não a machucaria, ele queimaria a infecção e deixaria o corpo de Esmeralda livre de qualquer impureza.

True podia sentir o corpo da garota voltando à temperatura normal, e à medida que a curava, as chamas iam diminuindo até que foram apagadas completamente. Ele estava fraco com a energia que utilizou, então com suas últimas forças, desligou o chuveiro e vestiu Esmeralda com um pijama que uma das mulheres que trabalhavam no bar tinha separado. Depois, já exausto, True a levou de volta até a cama.

True? Está tudo bem?—Juan logo perguntou vendo o garoto cobrindo Esmeralda com um edredom.

O garoto não tinha forças para responder, então se jogou na cama e logo dormiu.

A esposa de Juan foi até Esmeralda checar sua febre, e colocando a mão sobre a testa da garota, pôde sentir que ela tinha melhorado. A mulher, sem saber como o garoto tinha feito aquilo, olhou para o rosto de Juan e ele percebeu que True tinha conseguido.

Será que ele está bem? - indagou a esposa, vendo que o garoto apenas se jogou na cama com as roupas ensopadas.

Sim, ele está - Juan teve certeza ao dizer, vendo o sorriso no rosto do garoto que dormia profundamente.

True acordou assustado, olhava de um lado para outro à procura de Esmeralda que não estava mais no quarto. Ele viu um relógio no criado ao lado da cama indicando 20h05. Quando ele ia se levantar, Esmeralda entrou no aposento trazendo uma refeição em uma bandeja.

Boa noite, dorminhoco.

Esmeralda! Você está melhor? - True se apressou em saber.

Sim, graças a você. Juan me contou tudo o que houve. Você deitou na cama todo ensopado, então Juan teve que trocar suas roupas - sorriu.

True corou com a notícia, e Esmeralda percebeu a reação.

Não sabia que você era tão tímido - ela disse alargando o sorriso. - Eu não fiquei assim quando soube que foi você quem me trocou.

Aquilo só fez o garoto corar ainda mais. Esmeralda ria do garoto, mas, no fundo, aqueles sorrisos eram de felicidade por tê-la salvo. Ela entregou o prato com comida para True, que o agarrou e começou logo a comer, já que não tinha comido nada desde o almoço.

Kyōki também me falou sobre o plano de enfrentar o general. Descul... - Esmeralda parou, ela sabia que True não gostava de vê-la se culpando, - Eu achei um bom plano, podemos botá-lo em prática amanhã pela tarde.

Você tem certeza disso? Sabe que depois que usei o Solstício em sua alma, outra forma ainda não apareceu. Além disso, apesar de ser apenas um oponente, ele está invisível aos olhos de vocês. Apenas eu posso vê-lo.

Eu sei, True, mas Kyōki me disse algo que pode ser verdade. Com a derrota do general, Light deixará de ser uma estátua de gelo. Quanto ao nosso número, não temos a quem recorrer, mas não estamos em tanta desvantagem. Você será nosso guia, enquanto eu cuidarei para que nenhum ataque te acerte de surpresa, posso te alertar se vir alguma coisa. Kyōki me pareceu

bastante habilidoso, talvez ele realmente possa cuidar do general.

True pensou um pouco na proposta, mas logo concordou.

Já que não temos outra escolha, diga ao Kyōki que aprovo. Com o descanso que tive à tarde estarei com minha energia totalmente recuperada amanhã.

Kyōki estará aqui amanhã à tarde, nessa hora vamos agir - Esmeralda acrescentou.

True assentiu colocando mais um pouco de comida na boca. Enquanto degustava da ótima comida, lembrou sobre ninguém além dele e Light ter visto a criança na margem do lago.

Esmeralda, você tem certeza de não ter visto nenhuma criança ontem no lago? — True sabia que ela não tinha visto muita coisa, após ter sido atingida, ficou paralisada e pouco conseguia se mexer.

A garota se esforçava para lembrar, mas apenas vultos e vozes vinham em sua mente.

Eu não lembro de muita coisa... Tudo foi muito rápido. Lembro-me de que depois de ser atingida, você me segurou, depois vi Juan nos protegendo. Também me lembro da caçadora procurar por alguma coisa no lago, ela ficava olhando para todos os cantos como se não achasse o que queria.

True concluiu que Kyōki estava certo, apenas ele e Light teriam visto a misteriosa criança, apesar de não saber o motivo.

Capítulo 19

O guardião dos caídos

Após a caçadora de elite ter passado pelo episódio no lago com o general, ela e o seu subordinado corriam sem rumo o mais longe possível do local. Depois que eles percorreram quilômetros, a mulher decidiu parar perto de uma pequena praça para descansar.

O que foi aquilo, senhora? - Sting indagou sem fôlego.

Eu não sei... Mas acredito que seja o general - disse a caçadora, recuperando a voz.

O corpo de Sting foi tomado por um longo calafrio. O general da América do Norte tinha fama de um ser que atacava qualquer um, aliado ou inimigo, que entrasse em seus domínios. Apesar de todos conhecerem seus boatos, ninguém o viu, nem o próprio ditador - era o que diziam os boatos. A dupla, exausta, procurou um banco na praça para se sentar. O local estava aparentemente vazio, o frio tomava conta do local afastando as pessoas. A caçadora e o seu subordinado esperavam que o local, estivesse abandonado, mas assim que os dois sentaram, a mulher avistou alguém que não esperava encontrar.

Sting! Olhe no outro banco à nossa frente.

Sting, curioso para ver o que era, seguiu o olhar de sua superiora. Ao contrário do que aconteceu com ela, Sting abriu um longo sorriso. Alone Walker estava do outro lado da praça.

Aquele é John Strongheart! O que está foragido há anos! - reconheceu Sting quase dando uma gargalhada de satisfação. - E ele está distraído! Podemos matá-lo e entregá-lo ao Führer, tenho certeza de que ele ficará muito feliz conosco.

A mulher ficou pensativa por algum tempo e decidiu:

Não quero que ataque agora - disse a caçadora, interrompendo seu subordinado que erguia sua arma. - Nós iremos até ele para ter certeza.

Sting não gostou muito da idéia, mas não podia discutir com sua superiora. A fama da caçadora de elite também era conhecida como um dos *caídos* que menos se desejava ter como inimigo.

Alone estava olhando para o céu pensativo, mas foi interrompido quando ouviu passos de duas pessoas que vinham em sua direção.

Você é John Strongheart? - A caçadora quis ter certeza.

Alone não respondeu de imediato, esperou que o barulho do vento se assentasse para que ele não precisasse elevar a voz.

"John Strongheart". Chamavam-me por esse nome no passado, se não quiser me irritar, não me chame assim. Meu nome é Alone Walker, *caída* — Alone mal se moveu, continuou olhando para o céu nublado.

Que seja! - A caçadora gritou impaciente. - Você é acusado de ter ajudado a organização rebelde, conhecida atualmente como Ordem dos Paladinos, na rebelião contra o governo da América do Sul. O que você alega?

Paladinos? - Alone começou dando um sorriso. - Esse nome combina com eles. Fazer parte daquela organização foi umas das poucas coisas que não me arrependo de meu passado.

Como eu pensei! Sua afronta contra o Führer será paga com a morte! - A mulher fez um gesto para que seu subordinado mirasse.

Ela estudou Alone para ver qual seria sua reação, mas do jeito que eles o encontraram, ele

permaneceu. Irritada, a caçadora fez Sting atirar, fazendo um enorme barulho interrompendo o silêncio que tomava conta do local.

A mira foi perfeita, o alvo ficou parado e a bala foi na direção certa, mas algo não saiu de acordo com o que eles esperavam. A bala caiu no chão sem que parecesse sofrer qualquer impacto. Sting olhou horrorizado para Alone e a caçadora estava com a mesma expressão. *Talvez ele tenha errado* — ela pensou, então fez o sinal para que o soldado disparasse mais tiros.

Sting disparava sem parar, mas as balas, quando iam acertar o alvo, caíam ao chão.

Vocês nem sequer conseguem me acertar — quando terminou de falar, Alone, com uma velocidade incrível, reapareceu atrás do soldado, prendendo a cabeça de Sting em seu braço. A caçadora, que estava ao lado de seu subordinado quando percebeu o movimento de Alone se aproximando para imobilizá-lo, deu um longo salto para trás afastando-se. Alone apertava cada vez mais o pescoço do soldado, dificultando sua respiração.

Incrível! Você conseguiu ver meu movimento - disse Alone para a mulher enquanto apertava mais o pescoço do soldado.

Que velocidade é essa? Ela quase se equívale a minha! Tenho que ter cuidado com esse homem - a caçadora pensava.

Alone encarou a mulher nos olhos com um olhar provocador, e em um piscar de olhos, Alone arrancou o braço do soldado que carregava a arma. A caçadora só pôde ver o movimento por estar acostumada a se mover em grande velocidade, mas isso não a impediu de ficar surpresa com tamanha força e frieza de Alone.

Vo... Você arrancou o braço dele com os... dentes? - Enquanto a caçadora tentava falar, ela ouvia os gritos de seu subordinado pedindo para que o ajudasse.

Então você percebeu - disse Alone com um sorriso no rosto coberto de sangue.

O soldado iria perder bastante sangue e certamente morreria, mas Alone não gostava que nem os seus inimigos morressem dessa maneira; então, com um rápido movimento, quebrou o pescoço do soldado e o soltou, deixando que a neve fosse tingida com o sangue do *caído*. A caçadora observava aflita com certa distância, apesar de seu subordinado ter morrido, ela não parecia se importar.

Alone andou lentamente até onde a caçadora estava imóvel. A cada passo o corpo da mulher tremia mais, até que suas pernas não a suportaram, fazendo-a cair sentada. Quando ele ficou frente a frente com a mulher, pôde ver que ela estava chorando, porém algo mais o chamou atenção. No lugar de um olhar de desespero ou medo, ele encontrou um olhar de esperança e um sorriso de alegria.

Por que está sorrindo? Não está com medo de mim? — Alone indagou, confuso. Aquelas perguntas ficavam martelando em sua cabeça, procurando por uma resposta.

Você possui a alma do Cérbero, não possui?

Alone tentava imaginar como aquilo traria felicidade àquela mulher. Interessado pela resposta, afirmou:

Sim, eu sou aquele que possui a alma de Cérbero.

O sorriso da mulher aumentou ainda mais, lágrimas e mais lágrimas deslizavam no rosto da caçadora.

Eu estava te procurando... E agora... Finalmente... Eu o encontrei!

Alone encarava os olhos da mulher, ele não fazia idéia do motivo para ela o estar procurando.

Sem ação, ficou parado em dúvida se ajudava ou aquilo seria uma armadilha para pegá-lo de guarda baixa. Sua vida inteira foi assim, cheia de truques e ilusões, o que parecia um sonho se tornava um pesadelo.

Enquanto Alone pensava como agir, sua mente foi tomada por imagens horríveis. Visões passavam em sua cabeça, cenas de morte, desespero, tristeza, horror. Aquilo acontecia algumas vezes durante o dia. Alone colocou a mão na cabeça, pressionando os ouvidos, com a esperança que os gritos sumissem, e ele finalmente pudesse ficar em paz.

A caçadora via a cena com atenção. Alone percebeu que ela, por algum motivo, sabia o que estava acontecendo.

Está tendo visões? Eu sei pelo que está passando, deixe-me te ajudar!

Alone, sem forças para responder, foi levado para o banco e ficou sentado ao lado da caçadora que ele já não sabia se seria uma inimiga ou aliada.

Quando as vozes finalmente desapareceram, ele voltou a sua consciência e puderam continuar o assunto anterior.

Como sabe que tenho essas visões? - Alone perguntou ofegante.

Vou te contar tudo o que sei, mas em troca terá que me ajudar, será um acordo. Você aceita? -

Propôs a caçadora estendendo a mão.

Alone não tinha escolha, ele queria muito saber sobre sua alma sobre a qual não conhecia nada.

Antes era Light quem o ajudava com essa tarefa, mas ele não estava mais lá. Um favor para mulher seria apenas um detalhe, que com o poder que ele possui, seria rápido e fácil.

Tudo bem. Mas se vou mesmo ou não te ajudar, isso vai depender do que me disser! - disse

Alone, aceitando a condição, e então a mulher começou a explicar.

Cérbero é conhecido, baseado na mitologia, como o guardião do portão do submundo. Ele impede que as almas saiam do submundo e vão para o mundo humano. Acredita-se que um Cérbero possui três cabeças, mas esse número não é exato - começou a caçadora e deu uma pausa para recuperar o fôlego. - A alma em forma de Cérbero não é como as outras, ela é extremamente rara, apenas uma a cada um bilhão de pessoas a possui. No caso, você foi o escolhido para tê-la. Assim como Cérbero guarda o portão do submundo, é sua missão proteger este mundo para que ninguém tenha uma alma tão corrompida que supere a sua, em outras palavras, mandar as almas extremamente corrompidas de volta ao submundo. As visões que passam na sua cabeça são as visões que o Cérbero viu nesse exato momento. Vocês estão ligados, tanto ele pode ver o que você vê, como você também pode ver, ouvir e sentir as mesmas coisas que ele vê, ouve ou sente.

Alone fechou os olhos naquele momento e tentou concentrar-se para ver o submundo. A tentativa foi um sucesso, ele viu uma espécie de caverna bem escura e atrás dele tinha um enorme portão feito de ossos e vários crânios tingidos de sangue. Nas frestas do portão dava-se para ver um vapor gelado que petrificava toda a área que alcançava. Os gritos também eram ouvidos do lado de fora, aquilo fez com que Alone liberasse a visão de Cérbero.

Estou sem palavras.

No momento em que você *caiu*, sua alma atingiu um nível muito abaixo no oceano da *corrupção*.

O Cérbero está em um plano que nenhum corpo físico pode alcançar - a mulher continuou.

Isso é verdade, Cérbero? - Alone indagou a sua alma, que era o único ser que confiava.

Eu também não sabia o que tinha acontecido direito. O que ela falou parece ter sentido —

Cérbero respondeu.

Isso explica a dor incomum que sentimos.

O que mais você sabe? — perguntou Alone, inquieto.

Eu sei que suas habilidades são as mesmas de sua alma anterior, mas agora estão inúmeras vezes mais poderosas, além disso, você deve ter ganhado outras habilidades como a troca de visão entre sua alma e corpo. Você é o que conecta esse mundo ao outro, Alone.

Alone estava muito inquieto, levantava e sentava diversas vezes, dava voltas e voltas em círculos, pensando no que tinha acabado de ouvir. Apesar de não saber se a mulher estava ou não o enganando, sua alma concordava com a versão da história.

Como não notou nada? - Alone perguntou novamente para Cérbero.

Pensei que esse local seria nosso mundo, depois de ter sido completamente destruído, fui parar nesse local e estou aqui desde então.

Alone decidiu que confiaria naquela mulher por enquanto, mas não deixaria de suspeitar dela. As vezes em que ele foi enganado serviram como experiência para nunca mais acreditar em alguém.

O que quer em troca?

A caçadora suspirou, aquele era o momento que ela esperava.

Preciso que você encontre um *caído* para mim, primeiro quero que Cérbero procure na memória dele se esse *caído* está morto e fugiu do submundo. Se não estiver, você possui a habilidade de sentir a presença dos *caídos* por perto, é assim que o acharemos.

E depois que o acharmos?

Eu resolverei o que fazer. Sua missão até lá é apenas encontrá-lo.

Alone ficou pensativo por um minuto. Quando finalmente parou, ele encarou o horizonte. A caçadora o examinava desejando saber no que ele estava pensando.

Como é essa pessoa que você procura?

É uma criança de seis anos: cabelo ruivo, pele branca como a neve e sardas no rosto.

Cérbero, quero que procure em suas lembranças uma criança com essa aparência.

Farei o que puder.

Cérbero está procurando... — Alone deu uma pausa e encarou a mulher que notou.

O que foi? Algo errado? - ela indagou confusa.

Qual é o seu nome? É complicado conversar com alguém que não sei como me referir.

A caçadora sorriu, ela estava tão obstinada em conseguir saber sobre a criança que se esqueceu de se apresentar.

Meu nome é Alexandra. Nasci e cresci aqui no Canadá antes de entrar para o exército.

Você é uma *caída*, certo?

Alexandra assentiu e explicou:

Não quero falar exatamente como foi, mas posso dizer o motivo de ter seguido o ditador. - Alone balançou a cabeça para que ela continuasse. — Quando eu *caí*, não sabia exatamente o que tinha me tornado, mas sabia que não tinha mais motivo para viver. Foi em um acidente que tudo aconteceu, eu perdi meu *mundo* e é essa pessoa, que era meu *mundo*, que estou procurando. O acidente ficou conhecido por todo o Canadá. Foi então que eles me acharam. Eu era um alvo fácil, conseguiram fazer minha cabeça para que eu me juntasse a eles. O exército me ensinou sobre tudo e o que mais me chamou a atenção foram as habilidades individuais de cada alma.

Passei dia e noite estudando sobre mitos e lendas que me dessem a possibilidade de chegar ao mundo dos mortos, onde certamente a pessoa que eu perdi estaria. Quando finalmente achei sobre o mito grego de Cérbero, descobri várias coisas interessantes através dele, mas não sabia ainda como eu poderia ir ao mundo dos mortos. Durante o treinamento, meu mestre me disse que os formatos das almas poderiam adotar criaturas mitológicas e adquirirem suas habilidades. A partir daquele dia tenho procurado por alguém que possuísse a alma de Cérbero. Meses se passaram e eu não conseguia nenhuma pista, meu mestre me disse que os formatos de alma eram similares ao nosso mundo, assim como existia vários lobos na Terra, existiriam também várias almas em forma de lobo, como só há um Cérbero, provavelmente, só haverá uma alma em forma de Cérbero.

Alone, eu não encontrei ninguém com essas características.

Tem certeza?

Sim, poucas crianças passam por aqui e as que passaram não eram como a Alexandra descreveu.

Cérbero não encontrou nada. Parece que a pessoa que você procura está viva.

Alexandra congelou como se não esperasse pela notícia. Alone achou estranha sua reação, se essa pessoa não estivesse morta, eles apenas teriam que achá-la ou talvez Alexandra não a quisesse viva.

Como não achou? Eu mesma presenciei sua morte! Eu vi o corpo sendo enterrado! - Alexandra gritava enfurecida, agarrando a gola do sobretudo de Alone.

Acalme-se! - Alone gritou de volta empurrando-a em direção ao banco. - Se essa pessoa está viva vamos achá-la e então você fará o que quiser! Não foi o que disse?

Alone se sentou ao lado da mulher, desta vez ele abaixou a cabeça e colocou sua mão sobre o rosto, se esforçando para pensar. Alexandra estava imóvel, o corpo dela tremia enquanto lágrimas surgiam no canto dos olhos.

Onde podemos começar a procurar? - Alone indagou depois de esperar que ela se acalmasse.

Tem um lago... Ele é um pouco extenso... Podemos começar a procurar por lá... - Alexandra não podia mais esconder o incidente que teve naquele dia pela manhã, então decidiu contar. - Tem algo que você precisa saber antes de irmos para lá.

Alone, que estava com a cabeça baixa encarando o chão cheio de neve, virou para prestar mais atenção às palavras de Alexandra.

Hoje, pela manhã, eu me encontrei com os Paladinos - aquela palavra fez o coração de Alone bater mais rápido, seus antigos companheiros estavam mais perto do que ele esperava estar. — Nós lutamos, mas eles não foram suficientes para me impedir, porém antes que eu acabasse com eles. Ele apareceu... - Alexandra parou nesse momento tentando arrumar forças para continuar.

Quem apareceu? - Alone perguntou inquieto.

O general... Esse general não é igual aos outros, ele não é aliado nem inimigo, qualquer um que cruze seu caminho ele tira a vida. Eu já ouvi muitas histórias sobre ele, mas nunca o vi, assim como outros *caídos* também nunca o viram. Hoje, quando estava no lago, pude perceber a semelhança com a voz da criança que estou procurando, mas eu não entendo. Eu vi essa criança morta, como pode ela estar viva? - Alexandra não conseguia se controlar, cada vez mais perdia o comando de seu corpo e de suas emoções.

Controle-se Alexandra! - Alone gritou e segurou no ombro da caçadora para que voltasse ao controle de sua mente. - Hoje vamos descansar, pois pelo que me parece, você passou por algo realmente difícil. Não pense que me importo com você, mas se não estiver com a mente controlada, só irá dificultar meu trabalho. Amanhã você me guiará ao lago e eu irei assumir de lá.

Alone ajudou Alexandra a levantar-se para que a levasse até o hotel onde estava hospedado. Por Alexandra ser da elite do exército, eles não tiveram problemas em encontrar um quarto e muito menos com suas despesas.

Quando a noite chegou, Alone havia combinado com Alexandra que eles jantariam no restaurante no térreo do prédio. Na hora marcada, Alone saiu de seu quarto e foi chamar Alexandra para que pudessem descer juntos. Ela dissera que a porta estaria sempre aberta, bastava apenas ele bater três vezes antes de abrir. Alone seguiu a orientação e entrou no quarto. Assim que abriu a porta, encontrou Alexandra olhando pela janela.

Está nevando.

Alone não entendeu o que ela quis dizer e também não sabia o que falar naquela situação, ele preferiu ignorar, mas certamente ela estaria pensando no dia seguinte.

Tem certeza que quer procurá-lo amanhã? Não tem problema se adiar um dia ou dois.

Não! — Alone levou um susto com a resposta. — Esperei muito tempo para encontrá-lo, agora que tenho todas as ferramentas não foi me acovardar!

"Ferramenta", então é isso que eu sou. Por que não pareço surpreso?- *pensou Alone.*

Está pronta? Estou faminto.

Alexandra apenas se virou e foi para fora do quarto. Apanhou as chaves para fechar a porta. Quando não estava, preferia manter a porta trancada.

Amanhã, Alone! Amanhã, nós vamos encontrá-lo!

Alone assistia a determinação se formar no rosto de Alexandra.

Se tudo isso for verdade. Eu te agradeço, até agora não tinha um sentido para viver desde que caí, parece que você me deu um — *agradeceu Alone silenciosamente em sua mente.*

Capítulo 20

Destino

A manhã parecia não passar. Cada segundo pareciam horas, o tempo era algo que parecia congelado como os lagos e plantas do lado de fora do alojamento. Juan limpava o pequeno bar no andar de baixo para que mais um dia começasse sempre perfeito e preparado para receber os clientes. Apesar de serem soldados, Juan não os tratava de malgrado. Sua mulher preparava um belo almoço para que o pequeno grupo pudesse agüentar o frio que o esperava do lado de fora. Apesar de não saber exatamente o que os jovens iriam fazer, sabia que precisavam estar fortes e saudáveis. "Com saúde se faz tudo" esse era o lema do casal.

True se exercitava do modo que podia no pequeno quarto, séries de flexões e abdominais eram repetidas sem parar para que seu corpo estivesse pronto para o combate que o esperava. Esmeralda o assistia imóvel na cama com o cobertor enrolado em seu corpo. Depois de ter passado por uma febre tão alta, não queria que aquilo se repetisse, então tomava todos os cuidados. Além dos exercícios servirem para manter o corpo de True no ritmo, também tinha a função de passar o tempo. Assim que terminou todas as séries de exercícios possíveis e se limpou com um pano e água morna, deitou-se no colo de Esmeralda, que acariciava seu cabelo. Sua mente era tomada por estratégias e possíveis armadilhas na parte dos *caídos*. Aquele era um cuidado que o garoto possuía, ele pensava em situações que podiam colocá-los em risco, caso acontecesse, ele já saberia o que fazer.

Na mente de Esmeralda apenas passava um pensamento: como ela poderia ajudar e não atrapalhar. Ela sabia que True não a deixaria junto de Juan e sua esposa, primeiro que o local era repleto de soldados que iam para o bar passar o tempo; segundo, que ela se sentiria abandonada sem o garoto. Esmeralda estava aliviada por True ter dito que a levaria junto a ele, porém sabia que True não poderia lutar livremente tendo que protegê-la. A garota estava determinada a não atrapalhar e ficaria com a guarda reforçada no caso de algum soldado chegar pelas costas ou outros inimigos tentarem se envolver na batalha.

Quando finalmente a tarde chegou, True e Esmeralda estavam sentados na mesa com oito cadeiras esperando pela refeição. Kyōki chegou poucos minutos depois que os dois desceram. O garoto cumprimentou-os e juntou-se a eles. Juan foi quem serviu o almoço para os jovens ansiosos e famintos.

Não comam depressa, isso vai fazê-los terem dores no estômago.

True era o que parecia mais ansioso e envergonhado com sua atitude, se acalmou e começou a comer devagar. Ele teve que concordar com Juan, comendo devagar pôde sentir melhor o sabor da deliciosa comida que a senhora Leon preparara.

Assim que todos terminaram de comer, True e Esmeralda se vestiram com as roupas que Light tinha mandado fazer na América do Sul especificamente para aquele lugar. Kyōki, como ainda não possuía sua roupa especial, veio com roupas confortáveis, mas que o protegessem do frio. True notou que Kyōki trouxe seu fiel fone de ouvido o qual sempre o acompanhava, e percebeu que nunca tinha visto o garoto sem o aparelho.

Antes de partirmos, quero que olhem este mapa — disse Kyōki estendendo o mapa sobre a mesa. O mapa era uma réplica do local. Kyōki queria revisar o plano que não era muito complexo, mas

era necessário para que True e Esmeralda tivessem uma visão mais completa do local.

Aqui é Yellowknife, onde estamos agora — Kyōki começou a explicar apontando para o local onde estavam. — Seu piloto disse ao Juan que vocês vieram do aeroporto de Vancouver. - Quando Kyōki apontou para o local distante, True pôde perceber finalmente a distância que tinham percorrido pelos túneis da base subterrânea, que foi totalmente destruída. — O lago, onde vocês tiveram o incidente com o general, é este mais perto da cidade, como eu tinha explicado antes, através da força da tempestade podemos saber onde o general se encontra. Moradores relataram que foi ouvida uma voz de uma criança nas fronteiras do leste da cidade. - Kyōki fez um semi- círculo, com um pincel vermelho que segurava nas mãos, na área onde foi ouvida a voz da criança. - O lago inteiro é o território dele, então como a quantidade de neve por aqui está fraca, concluo que ele esteja ou no lago ou então mais ao sul, onde se encontra a floresta e, segundo soldados que a patrulham, foi ouvida a voz de uma criança.

Todos que acompanhavam a explicação de Kyōki ficaram maravilhados com a inteligência do garoto. De uma maneira simples, ele resolveu o problema de encontrá-lo, reduzindo o leque de possibilidades de onde a criança poderia estar.

Incrível! Como conseguiu descobrir tanta coisa? - True quis saber.

Apenas usei a lógica e as informações que possuía. O meu dormitório fica no leste, onde consegui ouvir outros alunos falarem sobre uma voz de criança que surgia com os ventos. Quanto à floresta, eu obtive a informação aqui mesmo no bar enquanto os soldados conversavam. O lago foram vocês mesmos que confirmaram minhas teorias. Às vezes, quando vinha trabalhar aqui pela tarde, via as nuvens negras se formando no lago.

True e Esmeralda estavam mais aliviados. Kyōki parecia possuir profundos conhecimentos do local e não era uma pessoa distraída, estava sempre alerta aos detalhes que o cercavam. Aquelas características faziam os dois jovens se lembrarem de Light que sempre pensava em tudo, ficando, assim, mais tranquilos.

Agora que todos os detalhes foram informados e todos estavam prontos. O pequeno grupo composto por True, Kyōki e Esmeralda partiu ao encontro do general. True tentou levar Juan para ajudá-los, apesar de o homem ser de terceira idade e não possuir uma forma de alma, conseguia lutar como fez no lago impedindo a caçadora de matar Light, porém ele não aceitou. Juan é uma pessoa que não gosta de brigas, apenas se envolve para defender alguém ou para impedir que uma comece. Ele também não fazia idéia do motivo da batalha, além de não se adaptar facilmente a novas experiências.

A medida que o grupo percorria o caminho, a neve caía com mais intensidade e a brisa se transformava em vendaval. Eles percebiam a mudança enquanto caminhavam cada vez mais perto do lago. True viu que Kyōki estava mais afastado dele e de Esmeralda, o que o fazia se lembrar do almoço quando todos se sentaram à mesa e Kyōki era o mais distante.

Kyōki, está tudo bem?

Sim...

Não consigo te ouvir! Por que não fica mais perto da gente para que possamos te ouvir? O vento está muito forte! — True entendeu perfeitamente a resposta do garoto, mas fez aquilo para que ele diminuísse a distância entre eles.

Esmeralda percebeu o objetivo de True e ficou feliz que ele se importasse com os outros, uma atitude que o garoto não possuía antigamente.

Kyōki, que agora caminhava lado a lado dos outros dois jovens, encarou True para saber o que queria. O garoto teve que pensar em alguma pergunta qualquer para fazer a Kyōki.

Errr... — enquanto pensava em qualquer coisa útil, acabou se lembrando de uma pergunta que queria ter feito assim que o conheceu. — Como fez a sincronização de sua alma com seu corpo? Quer dizer, você aprendeu sozinho a controlar sua alma? Eu tive um pouco de dificuldade para passar por esse processo mesmo com a ajuda de Light, então queria saber como o fez sem ajuda.

Esmeralda ouviu a pergunta e também ficou curiosa. Ela talvez pudesse tentar a mesma técnica para ativar a sua nova alma que até o momento estava oculta. Aquilo era estranho para ela, não tinha ganhado uma nova alma, mas, sim, um novo formato com a recuperação depois de ter *caído*.

Eu, na verdade, não sabia que isso era possível. Eu acreditava que possuíamos uma energia dentro de nós, mas não que essa energia pudesse ser transformada em alguma coisa ou que pudesse ser trazida para fora de nossa mente. Isso aconteceu no meu aniversário de 11 anos. Minha mãe dizia que eu era muito triste e quase não sorria. Então ela decidiu me dar esse aparelho de som de presente. Nele, ela colocou várias músicas que faziam sucesso no Japão e no mundo na época. Eu gostei do presente, ouvia o tempo todo as músicas, os quais, de alguma maneira, faziam minha alma vibrar. Minha mãe ficou feliz que eu tinha gostado então me deu esses fones de ouvido maiores, que, segundo ela, prejudicavam menos a audição - Kyōki explicou mostrando o aparelho que estava no seu bolso e apontou para os fones que usava. - Isso foi no ano em que a ditadura começou. Às vezes que a via ficaram cada vez menores até que meses se passaram e nunca mais pude vê-la.

True passava pela mesma coisa, seus pais foram mandados para a Ásia há quatro anos em um serviço para o exército e nunca mais pôde vê-los.

Enquanto ouvia as músicas, conseguia fazer meu serviço muito mais rápido - continuou Kyōki. - Foi então que minha alma e corpo, através da música, ficaram conectados, e é por isso que sempre estou com meu fone.

Kyōki respondeu a mais uma pergunta de True. Ele não imaginava que a alma poderia sincronizar ao corpo através da música, mas aquilo era arriscado, no caso dele esquecer o aparelho de som, a bateria acabar ou o oponente danificar o aparelho, seria o fim para Kyōki, mas True não queria alertá-lo, aquilo poderia tirar a concentração dele para a luta, e, com certeza ele já teria pensado nessa possibilidade.

O grupo tinha avançado mais da metade do lago então decidiram parar para pensar em um novo rumo.

Como não há tempestade por aqui, acredito que seja um daqueles dias em que ele anda pelas redondezas — explicou Kyōki.

Então vamos para o sul? - indagou True.

Tenho uma idéia melhor. Vou fazer uma grande estaca com minha alma, assim, vou ter altitude suficiente para ver o local. De cima será mais fácil ver onde está a tempestade.

Kyōki não parava de surpreender, suas idéias sempre estavam um passo à frente das de True, mas o garoto não sentia inveja, apenas admiração.

O garoto asiático criou a estaca que se estendia junto a ele em direção ao céu. Olhou para os lados e viu, em duas direções opostas, nuvens negras se formando. Aquilo anularia seu plano para

encontrar o general, mas como não estava sozinho, poderia bolar outra estratégia que ainda os manteriam na vantagem.

E então, o que encontrou? — True perguntou.

Nada bom, tem uma tempestade vindo da floresta, mas há outra que vem do nordeste do lago. O único modo de encontrá-lo será nós separando. Alguém vai achar o general e o outro vai apenas se deparar com uma tempestade climática comum.

Nós separar? Isso está fora de questão! Nenhum de nós, sozinho, poderá derrotar um general — True balançada a cabeça em discordância.

Eu sei, por isso, no caso de eu encontrar o general, irei sinalizar para vocês com minhas estacas. Posso andar muito mais rápido sem vocês com a ajuda de meus espinhos, então se eu não encontrar o general, vou para a direção que vocês foram.

True e Esmeralda concordaram com o plano, o objetivo era enfrentá-lo juntos.

Sendo assim estou de acordo, mas tome cuidado!

Vou pela floresta, conheço o local melhor que vocês, a chance de me perder é quase nula e se eu me encontrar com algum soldado posso derrotá-lo facilmente. Você e Esmeralda irão para o nordeste do lago, tem menos chances de se perderem e caso isso aconteça, é só andarem para a margem e segui-la até que encontrem o bar de Juan.

True e Esmeralda assentiram, partindo no mesmo momento que Kyōki para seus respectivos destinos.

Você percebeu que Kyōki gosta de agir sozinho sempre que possível? - Esmeralda reparou. True já estava sentido falta da voz da garota que passou a caminhada toda em silêncio.

Sim, mas eu acho que sei por quê - True respondeu e percebeu que Esmeralda o encarou com um olhar de curiosidade. — Não sei se estou certo, mas em uma das histórias de Piatã, ele me contou sobre o dilema do porco-espinho.

O Porco-espinho não é a forma da alma de Kyōki? — Esmeralda se lembrou.

Sim, isso mesmo. Se eu não estiver enganado, o dilema é o seguinte: um porco-espinho quando se encontram com outro da mesma espécie, tem medo de se relacionarem...

Que tipo de medo?

Eles têm medo de ferir um ao outro com seus espinhos, quanto mais perto, maiores as chances. Não sei se isso faz sentido, mas depois de pensar um pouco, Kyōki talvez tenha medo de que confiemos nele e ele não consiga responder as nossas expectativas. Ou o contrário, ele confie em nós e nós, por algum motivo, o traíramos - True explicava enquanto o vento ficava mais forte, empurrando-os para trás. Estavam cada vez mais perto de alcançarem seu destino.

Isso é besteira! Nós nunca faríamos isso e sabemos que ele não é perfeito.

Eu concordo, mas é um dilema que ele carrega — disse True e logo após encerrou o assunto por um tempo. - Chegamos, mas pelo visto aqui é a tempestade climática, devemos voltar e ir ajudar Kyōki.

Esmeralda assentiu dando meia-volta e segurando o cabelo que o vento assoprava. Após andarem alguns metros, o garoto decidiu voltar ao assunto anterior.

Concordo com a mãe de Kyōki, ele sempre parece triste, na verdade, nunca o vi sorrir desde que o conheci.

Acho o mesmo, pensando bem, também nunca o vi alegre — Esmeralda concordou.

A dupla já tinha voltado mais da metade do lago, já podiam ver a entrada da floresta que de

longe parecia em miniatura.

Pode parecer besteira, mas sabe quem o Kyōki me lembra? - True perguntou caminhando com o rosto abaixado.

Alone!

Sim. Como sabe?

True olhava para Esmeralda que estava com uma expressão preocupada. Ele via os olhos verdes da garota encarar algo na neblina. Ele se perguntou se seria um inimigo então rapidamente ativou sua alma e ficou na frente de Esmeralda, que quase desapareceu atrás de suas costas.

Ele olhava atentamente para a neblina e pôde ver que realmente alguém se aproximava cada vez mais de onde estavam. Os passos no gelo denunciavam qualquer tentativa de se ocultar na neblina e aquilo deixava Esmeralda informada se a pessoa que se aproximava era apenas uma ou haveria mais, se vinha correndo ou vinham lentamente despreocupados. Quando enfim os passos cessaram, True pôde ver a pessoa a qual Esmeralda avistou.

Olá, True, Esmeralda, como vocês estão?

Alone! - True disse com os olhos esbugalhados com a surpresa. Ele agora entendeu que Esmeralda o avisara, não concordado com seus pensamentos.

Ele está sozinho? — True sussurrou para Esmeralda.

Acho que sim, não percebi mais ninguém se aproximando.

Alone estudava os dois. Ele viu que True estava com o corpo à frente de Esmeralda, com o intuito de protegê-la, o que o fez sorrir.

Você tomou uma sábia decisão em proteger a garota, True. Por que eu não sei se você se lembra, mas disse que quando nos encontrássemos de novo, seria como inimigos!

Kyōki avançava sem parar criando os espinhos gigantes que saiam do chão e eram usados para que ele tomasse impulso para alcançar o próximo, e assim sucessivamente. Aquilo dava a ele uma grande vantagem em relação à True e Esmeralda que caminhavam.

O local não tinha muitos soldados, um ou outro era visto deitado, talvez dormindo, o que era difícil para alguém devido à temperatura, mas os soldados do exército estavam longe de serem normais. Kyōki logo concluiu que aqueles soldados não estavam ali descansando, e sim porque foram derrotados pelo general que deveria estar por perto. O garoto pensou em avisar True e Esmeralda que o general estava na floresta, mas queria ter certeza antes de tirá-los de sua rota.

Kyōki avistou mais um corpo de um soldado jogado ao chão. Ele poderia ainda estar vivo; assim, arremessou um espinho em direção à perna do soldado. No caso dele se mexer com a dor, saberia que estava vivo, apesar de não ter certeza se os soldados sentiam dor, mas certamente tentaria localizar a pessoa que arremessou ou pelo menos retiraria o espinho da perna.

Seguindo sua estratégia, após ter arremessado, Kyōki se escondeu na árvore mais próxima, no caso de o soldado estar vivo e procurar por quem arremessou, mas ele não reagiu. O garoto então desceu e viu que realmente estava morto. Examinando o corpo, percebeu que era o mesmo estado em que Light se encontrava, totalmente congelado. Com o corpo naquele estado, não restaria outra coisa além da morte. Ele não queria pensar no pior para Light, mas fatos são fatos em sua mente.

Kyōki pensou na possibilidade do soldado ter sido congelado devido ao clima, mas essa idéia foi abandonada, pois como estava nevando muito, o corpo teria sido coberto pela neve.

Então ele realmente está aqui - afirmou Kyōki seguro que sua dedução estava correta.

Quando foi criar o enorme espinho para sinalizar True e Esmeralda, ouviu alguém vindo em sua direção, então, rapidamente, enterrou suas pernas até a cintura na neve e para esconder a cabeça e os braços, usou o corpo do falecido soldado. Para ver quem se aproximava, teve o cuidado de deixar um espaço mínimo para sua visão.

A pessoa vinha correndo e parou exatamente no melhor ângulo da visão de Kyōki. Ele pôde ver facilmente que se tratava da mulher que True descreveu como a caçadora de elite que os perseguiu no dia anterior.

O que ela faz aqui? - Kyōki se perguntou enquanto a mulher, inquieta, olhava para todos os lados.

- Alone me disse para ir dez metros a sudeste ou sudoeste? Que droga! Não consigo me lembrar!

Alone? O antigo Paladino que deixou a organização? O que será que ele faz aqui? — Kyōki gravava em sua mente perguntas que ele procuraria saber as respostas mais tarde.

A caçadora partiu correndo mais para o sul. Kyōki esperou que ela percorresse alguns metros para que ele saísse de seu esconderijo. Ele sabia que a caçadora possuía as habilidades da alma de guepardo; então, se não andasse logo, perderia ela de vista.

O garoto teve que tomar cuidado dobrado com o barulho, se ela era uma caçadora de elite, com certeza prestaria bastante atenção em ruídos, mas isso não foi problema com a neve solta que diminuía o som das estacas que saiam do solo.

A tempestade estava tornando-se insuportável, o garoto teve que diminuir a velocidade de sua corrida para que não saísse voando com a intensidade do vento, mas isso não foi um problema, já que a caçadora não podia mais correr com tanta neve atrapalhando sua visão. - Quem está aí? — A voz de um menino soou através vento, fazendo a caçadora e Kyōki hesitarem.

Eles sabiam de quem era aquela voz: a criança com enormes poderes de um general finalmente estava presente. Kyōki precisava sinalizar para True e Esmeralda, mas ainda não era o momento apropriado, aquilo só iria chamar a atenção da caçadora e da criança. Ele teria que ter mais paciência e estudar mais o que iria acontecer.

Por que não consigo te ver, general? Estou do mesmo lado que você - disse Alexandra com a alma já ativa.

General? Eu não sou um general! Só sei que você quer fazer maldade com minha mãe!

Não pode ser! É mesmo você? - murmurou Alexandra, e Kyōki pôde entender. Ler lábios era uma das habilidades que adquiriu pessoalmente.

Você morreu! Eu mesma o vi afundando naquele lago! Como pode estar aqui, agora?

Kyōki estava confuso com tudo o que estava acontecendo, de alguma maneira a mulher sabia o que realmente era o general. Enquanto ele pensava, pôde ver uma enorme quantidade de neve se acumular no ar e despencar na direção da cabeça da mulher, que não percebeu já que estava de joelhos, chorando. No momento em que ia ser atingida, Kyōki criou uma série de espinhos que serviram de escudo em forma de pirâmide para proteger Alexandra do ataque.

Venha comigo! — disse Kyōki, puxando a caçadora para fora do escudo forçando-a a correr.

Quem é você?

Kyōki foi obrigado a fazer outro bloqueio, desta vez em forma de uma muralha para impedir outro ataque que surgiu pelas costas, mas o poder do general foi maior, fazendo a proteção de espinhos ser quebrada, arremessando Kyōki e Alexandra morro abaixo. O dano só não foi maior porque Kyōki conseguiu criar em tempo um escudo de espinhos em volta de seu corpo que ao

puxar a caçadora para perto, impediu que ela sofresse o impacto.

Meu nome é Kyōki, caçadora. Eu posso te ajudar, mas terá que contar tudo o que sabe sobre o general - disse o garoto asiático enquanto se esforçava para levantar.

Como sabe tanto do que está acontecendo aqui? - indagou Alexandra, ofegante.

Kyōki mordeu os lábios sabendo que se revelasse que era um Paladino poderia estar correndo sério perigo, mas não tinha escolha.

Sou um Paladino, mas teremos que esquecer nossas diferenças por enquanto se quisermos sair daqui vivos.

Alexandra o encarava sem saber se podia confiar no garoto, mas estava desesperada para conseguir o que queria.

Meu nome é Alexandra, rebelde. Antes de te dizer qualquer coisa, prometa-me que não irá matá-lo!

Kyōki revirou os olhos, não matar um alvo que queria matá-lo era algo que não conseguia entender, mas o fato da caçadora decidir ajudá-lo já seria o bastante até que outro plano surgisse em sua mente.

Você tem a minha palavra. Agora me conte o que sabe.

ALGO chamado esperança

True estava imóvel observando qualquer movimento que Alone pudesse fazer. Enquanto o estudava, protegia Esmeralda com seu corpo e com o braço estendido, impedindo qualquer passagem que chegasse à garota.

O sorriso irônico de Alone fazia True tremer cada vez mais. Ele não sabia o que o antigo companheiro queria e muito menos o que estava fazendo naquele local. Alone não tinha motivos para matá-los ou algo do tipo, talvez ele quisesse reencontrar Light, mas isso era uma das últimas opções. Alone, antes de partir, deixou claro que não voltaria para a organização.

O que você faz por aqui? - True, finalmente, perguntou, querendo acabar com suas dúvidas.

Alone percebeu o tom de medo e dúvida na voz do garoto e se divertiu com aquilo. O garoto, apesar de ter sido um antigo companheiro, fazia-o lembrar de momentos nada agradáveis de seu passado.

Acreditem ou não, eu conheci uma mulher que trabalha para o ditador. Ela me pediu um favor em troca de informações valiosas para mim, então concordei em ajudá-la - esclareceu Alone.

True pensava em quais informações exatamente iriam trazer algum interesse para Alone. O garoto não sabia de muita coisa, e, para ele, Alone apenas vagava pelo mundo sem qualquer interesse nos assuntos que iriam gerar o futuro da humanidade. Com certeza aquela informação não era sobre a família Silvermoon, pois Alone queria distância da família que foi a principal culpada por ele *cair*.

Se é esse o motivo, então por que não se junta a ela ao invés de estar aqui?

Ela me pediu apenas para orientá-la. O assunto ela mesma irá resolver. Vocês devem conhecê-la, ela me contou que encontrou com vocês ontem pela manhã, ou vocês não se lembram da Alexandra, a caçadora de elite? — Alone explicou com uma voz sarcástica. Ele adorava manipular o rumo das conversas.

True não sabia em que conclusão chegar. Se Alone estava ajudando a caçadora de elite, talvez ele tivesse se unido ao ditador, mas aquilo não fazia sentido.

Ela, neste momento, está na floresta atrás do general — continuou Alone apontando para a floresta.

Os olhos de True e Esmeralda se arregalaram ao mesmo tempo. Kyōki também estava no local e apesar de ser habilidoso, dificilmente conseguiria enfrentar um general e uma caçadora de elite ao mesmo tempo. Eles teriam que ir ajudá-lo, porém Alone estava no caminho e não parecia querer que eles passassem.

Foi bom revê-lo, mas temos que ir. Também fizemos um amigo e ele precisa de nossa ajuda na floresta.

True poderia ter ocultado a parte de que Kyōki estava na floresta. Agora, Alone sabia onde estava o outro Paladino e se suas intenções fossem ruins, certamente as coisas iriam piorar muito para Kyōki.

Esmeralda puxou a manga de True para que passassem por Alone, mas foram impedidos com um de seus braços.

Por que a pressa? Acabamos de nos reencontrar, fiquem mais um pouco e me contem as

novidades.

Aquilo estava ficando cada vez mais perigoso, eles teriam que tomar cuidado com suas palavras, ou então, uma luta desnecessária iria começar.

Nós queríamos ficar para conversar, mas infelizmente Light está nos esperando. Ele ficou doente e precisou de remédios, eu e True saímos para procurar por uma drogaria, mas como vê, acabamos nos perdendo. Dizei a ele que você mandou lembranças. - Esmeralda explicava abaixando o braço de Alone para que passassem.

Enquanto a garota explicava, Alone fez seu sorriso crescer ainda mais. Porém assim que ela terminou, ele foi forçado a tirar o sorriso e substituí-lo por uma aparência séria e sombria.

Vou ter que explicar melhor o que está acontecendo - True e Esmeralda paralisaram quando Alone começou a falar com uma voz sem vida. — Alexandra me pediu para ficar a sós com o general, o seu amigo já é muito para incomodá-la, mas creio que ela dará um jeito. Deixar mais duas pessoas atrapalharem, irá deixá-la bastante zangada e isso vai me prejudicar, então por que vocês não ficam onde estão e esperam que ela termine o que esteja fazendo?

A conversa chegou a um ponto que True queria evitar. Eles não poderiam deixar Kyōki sozinho, então não tinham outra escolha senão enfrentar Alone.

Essa conversa poderia ter tomado um rumo diferente, mas já que não temos escolha - disse True.

Esmeralda saiu da proteção do garoto e correu para o lado, afastando-se dos dois, ela entendeu que aquele lugar se tornaria um campo de uma batalha nada agradável. True se aliviou quando Esmeralda se afastou percebendo o que ele faria, agora ele tinha espaço para atacar Alone sem que tivesse chance da garota se envolver.

O garoto ativou sua alma e rapidamente dirigiu um forte soco em chamas, mas Alone já esperava, desviando com facilidade em um perfeito salto para trás.

Alone, acho que aqui não é o local ideal para um combate. Com a força de nossos golpes, o gelo pode se romper! - alertou True.

Não se preocupe, criança. O general congelou o lago a vários metros de profundidade. Apesar de nossas habilidades serem a única coisa que pode quebrar esse gelo, ele é bastante resistente mesmo para nós.

True, apesar da difícil situação que se encontrava, estava mais preocupado com Kyōki. Já sabia que o general conseguiria congelar um lago apenas com a presença, mas ele não imaginava que seria mais do que a superfície. Aquilo era mais uma prova do poder do exército.

Alone avançou para atacar o garoto, que foi interrompido de ter outros pensamentos que não fossem sobre a batalha. True materializou sua foice, o Flagelo das Almas, para poder atacar e se proteger ao mesmo tempo. Como Taiji havia dito, a foice consumia energia de ambos os lados, não necessitando que True apagasse suas chamas.

Esmeralda não podia fazer nada a não ser assistir e cuidar para manter True atento no caso de outro inimigo aparecer. Ela odiava ver o garoto ser atacado por Alone, que, com sua força, forçava-o a recuar a cada golpe.

Você se juntou ao ditador? - True questionou enquanto ele e Alone mediam forças.

Alone não pode resistir e sorriu.

Eu disse que não me importava com o destino que o mundo levaria, se sabe disso, por que a pergunta? Mas, respondendo: eu não me uni ao exército.

Os dois recuaram com um salto. Aquilo realmente seria difícil. Alone sabia de todos os movimentos de True, assim como o garoto sabia das grandes habilidades de luta de Alone.

Se não se uniu a eles, por que está ajudando a caçadora?

Ela está atrás de alguém e obedecer ao ditador foi a maneira mais rápida de atingir seu objetivo, mas agora que ela me encontrou, não precisa continuar seguindo ordens daquele barbudo.

Em vez das respostas servirem para esclarecer as dúvidas do garoto, acabavam criando ainda mais. Ele não conseguia entender como Alone poderia ser útil à caçadora.

Eu não consigo imaginar algo que você possa fazer que o exército não possa.

Não me subestime, garoto. Acha mesmo que sou a mesma pessoa que conheceu naquela noite?

Alone estava certo. Tinha acontecido muita coisa. A alma e a vida de Alone mudaram, e para pior na maioria dos sentidos. Com toda certeza, a nova alma de Alone tinha dado a ele novas habilidades que True desconhecia. Devido a esse detalhe, a batalha tinha tomado um novo rumo, Alone estava com toda a vantagem. True teria que proteger Esmeralda de qualquer ameaça, além de não possuir nenhuma habilidade nova que garantisse sua vitória. A sua alma, apesar de ter agora habilidades de cura, não servia para criar um grande dano ofensivo.

True? - Esmeralda falou para se certificar que o garoto não tinha se abalado com a sua atual situação.

Estou bem - True respondeu, segurando mais forte sua foice.

O garoto arremessou o Flagelo das Almas em direção ao adversário que estava imóvel. True não gostou nada da reação do oponente, ele deveria, no mínimo, se preocupar em desviar, mas ao invés disso, estava parado esperando pelo ataque.

Vou te mostrar a diferença entre nós, criança.

A foice tinha sido arremessada com muita força e velocidade. Como Alone estava parado, True acreditava com todas as suas forças que ele o acertaria, porém não foi exatamente o que aconteceu. A foice, no momento em que ia acertar Alone, parou a poucos centímetros de sua garganta. Ela parou no ar, tremendo, como se algo a chacoalhasse.

Como? - True se espantou sem entender o que acontecera. Ele jogou com toda a sua força, a velocidade e precisão foram perfeitas, mas Alone não recebeu nenhum arranhão, na verdade, nem o atingiu.

Alone ria do garoto atônito sem saber absolutamente nada do que tinha acontecido. Algo o dizia que Alone já esperava esse ataque e o usou para mostrar sua superioridade.

Eu vou te explicar para que mude essa sua cara de espanto. Você deve saber como um campo magnético funciona, não estou certo? — Alone perguntou, mas não esperou que True respondesse. — É um pouco parecido com o que acabou de acontecer. Existe um campo em volta do meu corpo que em vez de atrair os corpos para mim, os repele. Essa energia que faz os corpos repelirem tem certa quantidade de força, então se quiser me acertar, terá que usar uma habilidade muito mais forte que esta! - Alone não conseguiu conter o sorriso que ocupava a maior parte do seu rosto.

O garoto não sabia o que fazer, aquele ataque foi o melhor que conseguiu. Além da foice, ele tinha o braço em chamas e a garra do braço esquerdo. O braço em chamas causava muito dano, porém a velocidade do ataque não era grande, dando tempo mais que suficiente para se desviar.

Esmeralda acompanhava a luta aflita. True realmente estava em uma situação difícil. A única coisa que ela pensou em fazer foi animá-lo.

True, não desista! Acerte-o com tudo o que tem! - ela não sabia muito bem o que dizia, mas tinha que acreditar no garoto.

True segurou a foice com sua mão esquerda, deixando o braço em chamas livre para atacar. Até o momento ele não tinha se concentrado totalmente naquela luta. Alone, apesar de ter negado qualquer envolvimento futuro com a organização, ainda simbolizava algo para o garoto e ele não poderia simplesmente ignorar esse fato, mas querendo ou não, teria que ganhar aquela batalha pelo bem de Ky ôki e do resto do mundo.

Não tenho escolha, Alone. Eu vou te acertar com toda a minha força.

Eu prometo que não vou me mover - disse Alone estendendo os braços, fazendo com que True se enfurecesse.

Mesmo sendo um antigo aliado, True estava irritado com o comportamento do *caído*, que o subestimava. Ele não sabia o que estava sentindo naquele momento, raiva, medo e tristeza dominavam seu coração o deixando louco sem saber como agir. Enquanto pensava no que fazer, seu braço esquerdo pulsava, quase possuindo vida própria, pedindo para lutar. O garoto não entendia o que estava acontecendo exatamente, mas decidiu voltar à sua forma original fazendo o fogo de seu braço direito se apagar e sua foice desaparecer.

True ergueu seu braço esquerdo e encarou por um tempo a garra negra de seu lado demônio. Ele quase nunca a usava por medo do que aquilo poderia causar, mas não estava em uma situação que poderia escolher, teria que ver o que aconteceria. O garoto percebeu que pequenos fragmentos do lago glacial rodeavam a garra, quase se unindo a ela. Ele pôde sentir o ar gélido que a circulava e quando olhou envolta de seu corpo, percebeu que os fragmentos de gelo dançavam ao redor de seu corpo como se esperassem por uma ordem. Aquilo deixou Esmeralda e o próprio True surpresos, mas não Alone. Ele estava na mesma posição, parado com os braços estendidos o esperando.

Venha! Seu braço esquerdo está ganhando força por que você aumentou sua raiva! Não se esqueça de que nessa forma é o poder do seu lado *corrompido*. Ele fica mais forte com os sentimentos negativos - Alone falou sem qualquer tom de preocupação.

Aquilo já estava passando dos limites. True ficou ainda mais furioso, aumentando ainda mais a quantidade de fragmentos que saiam do solo congelado. Então sem pensar uma segunda vez, partiu em direção a Alone, acumulando toda energia que tinha naquele ataque. Enquanto avançava, mais fragmentos surgiam, alguns se unindo ao braço e outros flutuando ao seu redor.

Saia do meu caminho, maldito! - True gritou acumulando ainda mais raiva, fazendo seu olho esquerdo adquirir uma tonalidade vermelha-sangue, o mesmo tom de quando lutou contra Esmeralda.

Investiu com seus dedos encostados, um ao outro, fazendo sua garra ter o mesmo efeito de uma lança. Com o gelo unido a ela, a garra estava mais resistente e afiada.

True mirou no abdômen de Alone, mas seu ataque foi parado com a força que o impulsionava para a direção oposta, o repelindo. Como antes ele estava distante, não pôde sentir a imensa força que cercava Alone. Era como se uma enorme quantidade de vento surgisse, empurrando ele para trás.

O garoto não pôde mais se segurar, então foi jogado metros de distância alcançando o local onde estava Esmeralda. Alone abaixou os braços quando True foi arremessado, ele não riu do garoto, apenas ficou com uma aparência séria, o que vindo dele significava que algo muito pior estava

por vir.

True! Está ferido? - disse Esmeralda preocupada enquanto ajudava o garoto a se sentar.

True estava sem fôlego e sem palavras para descrever tamanha força que o repelia. Os fragmentos de gelo que se uniram a seu braço foram todos destruídos e o vento que o cercava foi interrompido. Quando, enfim, conseguiu restaurar o fôlego, respondeu a Esmeralda:

Não estou ferido... Mas não sei o que fazer... Alone possui uma enorme força envolta do seu corpo que parece impossível atravessar.

O coração de Esmeralda agora batia mais rápido, ela não queria admitir, mas até o momento não tinham como eles vencerem aquela batalha. True, que estava bem próximo de Esmeralda, pôde ouvir o coração acelerado da garota.

Não se preocupe. Vou dar um jeito — disse True se levantando.

Esmeralda via o corpo do garoto tremendo depois de tamanho esforço na tentativa de furar a defesa de Alone, o que o fez gastar muita energia.

Minha vez — anunciou Alone ao investir.

True! Ele está vindo! - Esmeralda o alertou.

O garoto materializou o Flagelo das Almas e a girou até que sentisse que estava com força suficiente para acertar o alvo que se aproximava cada vez mais rápido.

Quando Alone tinha percorrido metade do caminho, True conseguiu arremessar a foice com o dobro da força anterior, o que ele não acreditava que seria possível. A lâmina se dirigiu para o rosto do *caído* e quando True começou a ter esperanças que ia acertá-lo, Alone, em um inacreditável movimento, quebrou a foice cravando seus dentes no metal que mais parecia papel devido à facilidade que ele teve em destruí-la.

Muito lento! - Alone gritou pegando a corrente que estava soldada à foice com uma das mãos e com um único puxão fez True, que segurava do outro lado da corrente, ser levado até ele.

Alone segurou o garoto, que não teve tempo para reagir, pelo pescoço com a mão livre.

Não! - Esmeralda gritou enquanto arranhava o gelo inquieta por não poder fazer nada.

O *caído* iniciou uma série de golpes no garoto. Socos e chutes acertavam o paladino sem que ele pudesse responder a algum golpe.

Consegue perceber agora, True? A diferença entre nós? - Alone sussurrou no ouvido do garoto paralisado de medo.

Alone ergueu o garoto um pouco acima de sua cabeça e então com a mão livre, esticou o braço para trás o máximo que pôde. Esmeralda, que assistia tudo a distância, entendeu o que Alone estava prestes a fazer e, naquele momento, o pânico tomou sua mente.

Não! Não faça isso, Alone! Por favor, True, reaja! - Esmeralda gritou enquanto tentava levantar-se e correr até onde eles estavam. Porém, a garota estava muito nervosa, perdendo o equilíbrio a cada dois passos que dava.

Aprenda sobre a primeira dor, garoto, a dor física! — Alone usou toda a força que tinha armazenado em seu braço livre para atingir True no abdômen. No momento em que foi atingido, o garoto cuspiu sangue, sendo "arremessado novamente até Esmeralda, mas desta vez ele não caiu simplesmente no chão gelado, o impacto do golpe o fez perder velocidade enquanto seu corpo era arrastado pelo gelo. Ele teria ido mais longe, mas Esmeralda o segurou para que parasse.

- True! Fale comigo! — Esmeralda tremia. O medo de o garoto ter morrido com aquele golpe

tomou conta de sua mente.

True virou para o lado e vomitou mais sangue, o que fez Esmeralda temer ainda mais.

Por que sempre atrapalho? - Esmeralda pensava. - *Por que nunca posso ajudar em nada? True me salvou daquele abismo e eu não posso ajudá-lo agora. Eu sempre tenho que ser protegida. Se ao menos eu pudesse lutar; True teria ajudado Light a lutar contra a caçadora. Se possuísse algum poder, eu não tinha recebido aquele ataque do Sting e True não se sacrificaria para me curar. Se pelo menos eu tivesse algum poder, poderia ajudar True nessa batalha contra Alone! Mas não posso...*

Esmeralda? — uma voz doce a chamou.

A garota olhou para True, que estava imóvel e cada vez mais pálido, e para Alone que se aproximava devagar, mas nenhum deles tinha a chamado.

Esmeralda, consegue ouvir minha voz? — A voz doce chamou novamente.

Por algum motivo, a garota sentia que aquela voz vinha de seu interior.

Sim, consigo. Quem é você? - respondeu Esmeralda em seu consciente.

Sou nossa alma. Aquela que renasceu depois de termos caído. Eu ouvi que deseja poder, mas qual é o motivo de desejá-lo tanto?

Eu preciso lutar! True, aquele que nos salvou, precisa de ajuda! Ele não pode lutar sozinho!

Esse garoto é tão importante que faz nosso corpo e alma querer ajudá-lo?

Claro que sim! Ele salvou nosso corpo dos horrores do mundo e nossa alma do abismo. Nós somos gratas a ele!

Se for assim, eu posso ajudá-la a lutar quando quiser, mas curar aquele garoto será somente desta vez.

Alone alcançou o lugar onde o garoto e Esmeralda estavam. Ele viu que True estava sem se mexer no chão, enquanto a garota se colocou em pé apoiando as mãos nos joelhos.

Afaste-se daqui! - Esmeralda gritou materializando uma alabarda com a qual tentou perfurar Alone, que, por reflexo, deu um salto recuando e escapando do ataque.

Não se engane, garota, eu apenas desviei por... - Alone interrompeu o que ia dizer quando viu algo que chamou sua atenção.

Cores surgiram no lago glacial tingindo toda a sua extensão. Alone se perguntava como aquilo era possível, mas logo percebeu que as cores não tinham sua origem do lago; eram reflexos do céu.

Aurora Boreal? Não pode ser! - ele admirou confuso, mas quando uma idéia surgiu em sua mente, mudou a direção de seu olhar dirigindo-se agora para Esmeralda, que fez o homem desertor arregalar os olhos.

Esmeralda, além de ter materializado a alabarda, tinha materializado uma armadura azul com detalhes dourados que protegia todo o seu corpo, apenas a cabeça estava sem proteção.

Levante, guerreiro! - disse Esmeralda ficando a alabarda no gelo e estendendo a mão para True. O garoto não via nitidamente, apenas o vulto. Por instinto, agarrou a mão de Esmeralda que curou todas as suas feridas. A medida que ia melhorando, ele pôde ver melhor o que estava acontecendo.

Esmeralda? - True indagou sem acreditar.

Sou eu - Esmeralda respondeu abraçando o garoto, deixando lágrimas caírem em seu ombro.

Como você? - True estava sem palavras diante do que presenciava.

Eu consegui, True! Minha alma despertou, por isso pude curá-lo, mas apenas desta vez - falou

Esmeralda colocando o dedo sobre os lábios do garoto, impedindo que ele fizesse mais perguntas. A garota, que há pouco tempo estava impotente, agora possuía forças para lutar. Graças a ela, True não chegou a morrer e como ela havia pedido, eles poderiam lutar juntos contra Alone.

True, tenho um plano.

Enquanto Esmeralda explicava o que havia planejado, Alone assistia a tudo de longe ainda sem acreditando na sorte que os dois jovens tiveram. Sorte, na verdade, era algo que talvez não existisse ali. Esmeralda estava à espera do despertar de sua alma e Alone fez com que isso acontecesse. Ele deveria ter esperado por isso, mas já era tarde. A incrível habilidade de cura e a armadura entregaram a forma que Alone facilmente reconheceu.

Então você se tornou uma Valquíria!

True tinha notado o novo formato com seu olho. Uma espécie de guerreira com asas brancas como a de um anjo estava refletida nos olhos de Esmeralda.

"A guerreira alada mandada pelo deus Odin. Cada uma possuía uma habilidade única, até de reerguer os guerreiros para lutar novamente. Segundo as lendas, a Aurora Boreal é o caminho que a Valquíria percorreu com seu cavalo alado" - Alone contava com uma aparência mais animada para a batalha.

Esmeralda alinhou sua alabarda em sua frente e correu em direção ao inimigo. True ia logo atrás enquanto passava toda sua energia para o braço direito, manifestando as chamas. A garota segurou a alabarda com as duas mãos e esticou os braços para que atacasse com um giro.

Isso não vai adiantar — disse Alone subestimando Esmeralda.

Para a surpresa do *caído*, a garota conseguiu acertá-lo, fazendo um corte logo abaixo de seu peito, e True continuou o golpe o acertando logo em seguida com suas chamas, obrigando-o a recuar.

Eu realmente não conseguiria, mas tenho o poder de True junto ao meu - explicou Esmeralda.

Alone sentia a dor da queimadura causada pelo garoto e quando se recuperou, pôde ver uma linha dourada que ligava os dois paladinos, aquilo fez a mente de Alone ter lembranças nada agradáveis, alimentando sua alma corrompida.

True, pode me ouvir? — Esmeralda perguntou em sua mente.

Sim. Qüie incrível! Como isso é possível? - True respondeu do mesmo modo, notando que suas mentes estavam conectadas.

Agora temos boas chances de vencer! Podemos nos comunicar livremente sem que ele saiba o que estamos planejando.

Maldito! - Alone gritou com tanta força que fez os pensamentos de True e Esmeralda se romperem. - Você sabe que habilidade é essa, True? Você deve se lembrar de quando a citei naquela noite de céu estrelado — Alone perguntava com uma expressão hostil.

True assistia o estranho comportamento do antigo companheiro. Ele nunca o tinha visto daquela maneira, parecia que Alone estava em um estado de insanidade, deixando o garoto amedrontado.

Eu realmente não me lembro - True respondeu baixo.

Não se lembra? Então vou refrescar sua memória. A habilidade que desejei. A habilidade que precisa de uma parceira e que o casal confie a vida um ao outro. Um dos requisitos para o rito supremo. Agora se lembra!

True lembrava vagamente sobre a habilidade. Mas algo não parecia correto, de acordo com o que imaginava, a habilidade era usada por usuários com a alma do lobo, não por anjos.

Ela não deveria ser usada apenas por lobos? - indagou True ainda amedrontado.

A habilidade tem maior efeito com os lobos, devido à existência de outra habilidade de suporte em grupo. Mas existe a possibilidade de ser feita por outras almas, o que é raríssimo! A habilidade chamada de *Laço* é algo que sempre sonhei em ter e você simplesmente, sem qualquer esforço, consegue as duas coisas que sempre procurei por toda a minha vida! Como isso é possível? O que você possui de tão diferente de mim?

Houve um silêncio. Os dois jovens ficaram quietos, apenas assistiram Alone dar socos e socos no solo congelado. A verdadeira batalha estava para começar e com toda certeza, Alone iria jogar todo o ódio acumulado em cima dos dois.

Eu não possuo muita energia restando. O que posso fazer agora é utilizar meu braço esquerdo e juntar o máximo de fragmentos que conseguir para criar um escudo. Você terá que ser minha arma... - True explicou.

E você será meu escudo — continuou Esmeralda.

Alone levantou o rosto encarando os dois jovens. Sua face estava molhada, deixando dúvidas do que aquela água representava, poderia ser suor ou lágrimas. Quando enfim ficou de pé, encarou o garoto nos olhos, que esperava por sua investida. Após dar alguns passos para frente, parecendo sem equilíbrio, finalmente disparou ao encontro dos dois.

True foi à frente para defender o golpe e Esmeralda foi na seqüência. Os fragmentos se aglomeravam rapidamente, criando o formato de um escudo que True criara em sua mente. O impacto do golpe de Alone foi absorvido pelo sólido bloco de gelo. Antes que ele pudesse contra-atacar, Esmeralda saltou e tentou cravar a ponta de sua alabarda em Alone, que deu um passo para trás desviando, mas a garota foi mais esperta, após enterrar a ponta no gelo, usou o cabo da arma como apoio para dar um chute no torso de Alone.

O golpe aplicado fez com que o oponente perdesse o equilíbrio, já que era difícil mantê-lo com o solo congelado. Sem perder tempo, ela usou as duas mãos para recuperar a alabarda e atacar o oponente desequilibrado. Porém a experiência de batalha foi mais forte naquela situação. Alone usou um dos braços para que o ataque deslizesse para o lado, deixando o corpo livre para um contragolpe.

Em uma luta um contra um, Esmeralda pagaria o risco de usar uma arma de alcance médio, mas True estava ao seu lado bloqueando o golpe que ela iria receber. Agora quem tinha deixado uma brecha em sua defesa era Alone, e Esmeralda soube aproveitar sabiamente dirigindo um chute no abdômen do *caído*.

Alone foi jogado contra solo congelado, fazendo-o deslizar alguns metros. True e Esmeralda aproveitaram que o oponente continuava sem equilíbrio para atacá-lo novamente sem dar chance dele se recuperar. Mas Alone já estava preparado para isso. Assim que a garota investiu com a alabarda, Alone girou o corpo para fazê-lo deslizar e fazer Esmeralda errar o ataque, fíncando a lâmina no gelo. Enquanto a garota puxava com todas as suas forças na esperança de recuperar sua arma, Alone já estava de pé para atacá-la, porém True foi mais rápido e defendeu mais um ataque do inimigo.

— Você está começando a me irritar, rapaz! - disse Alone entre os dentes.

True não aceitou a provocação, apenas se manteve firme e atento no caso de vir outro ataque. A ponta da alabarda penetrou fundo no gelo, dificultando a tarefa de retirá-la, se fosse um gelo normal, ela já a teria recuperado, mas se tratava de um gelo feito pelo general.

Alone começou a atacar incontáveis vezes, não eram golpes muito efetivos, apenas para tentar desequilibrar o garoto que se lembrou de seu treinamento. "Equilíbrio é a chave de uma batalha, faz você perder ou ganhar" - as próprias palavras que aprendera com Alone no passado.

O escudo de True já estava trincando, mas antes que se quebrasse por completo, lembrou-se de quando treinava com Piatã e quando seu tutor usou uma investida com o escudo para fazê-lo recuar. True fez a mesma investida contra Alone, interrompendo os ataques e o afastando alguns metros.

True correu para ajudar Esmeralda a retirar a alabarda, o que foi bem mais fácil com duas pessoas.

Obrigada — agradeceu Esmeralda e True apenas fez um gesto com a cabeça.

Tajji, esse escudo pode agüentar mais tempo? - True perguntou à sua alma e Esmeralda pôde ouvir o que o garoto tinha dito.

Não se preocupe, True — respondeu a alma do garoto. — Você criou o escudo através do gelo, que é a habilidade do nosso lado demônio. O gelo obedece às suas ordens, assim como o fogo no outro braço. Faça-o suportar!

O seu escudo é irritante, garoto - disse Alone esperando os movimentos dos dois jovens e interrompendo a conversa que True tinha com sua alma.

Esmeralda, já levamos muito tempo nessa batalha. Agora é a hora de usarmos o nosso plano - propôs True.

Concordo.

Alone avançou com sua incrível velocidade para cima dos dois. True foi à frente, fingindo que daria outra investida, quando, na verdade, se jogou no gelo, fazendo-o deslizar para tentar uma rasteira no oponente que, percebendo a intenção, esperou que a distância diminuísse para atacá-lo enquanto deslizava. O garoto tinha pensado naquela possibilidade, então apenas ergueu o escudo se defendendo do ataque mais uma vez. Alone foi obrigado a saltar para não receber a rasteira, deixando True passar para o outro lado.

Esmeralda foi a próxima a atacar. Em vez de usar um ataque forte contra Alone, desta vez, ela usou vários ataques rápidos com a alabarda. No entanto, Alone desviou facilmente de cada um deles. A longa alabarda não era de fácil manuseio e como Esmeralda nunca tinha usado uma, não estava acostumada com seu peso e velocidade de ataque.

Por Alone estar concentrado nos golpes de Esmeralda, não viu quando o garoto chegou pelas costas, dirigindo um chute nas dobras de suas pernas. Alone pôde agradecer depois a sorte de seu reflexo, que ao ver o vulto do garoto se aproximando, o fez girar, conseguindo acertar um chute no abdômen de Esmeralda, o que não fez muitos danos devido à armadura, e um soco dirigido ao rosto do garoto, que conseguiu defende-se do ataque, mas com o impacto, o fez recuar.

Os três estavam sem fôlego. Sendo obrigados a permanecerem onde estavam. Alone olhava de um lado a outro para certificar-se de que nenhum de seus adversários estava indo em sua direção. Após ver o rosto dos dois jovens, ele não conseguiu resistir e deixou um longo sorriso nascer em sua face.

O que é tão engraçado? - indagou True irritado.

Desculpe, mas não consigo me conter. Vocês deveriam ver suas caras. Eu não acredito que realmente acham que possam vencer! - Alone agora não apenas sorria como gargalhava. - Talvez eu tenha uma parte da culpa. Sempre disse a vocês para superarem o medo e assim

ficariam mais fortes. É o que estão fazendo, não é?

True e Esmeralda assistiam irritados a atuação de Alone. Um oponente nunca deveria subestimar o outro ou poderia se surpreender. Essa era uma das regras que o garoto aprendeu com Alone. Talvez aquele não fosse o antigo companheiro que o ajudou ou talvez ele realmente soubesse o que estava falando.

Eu devo admitir que você possui muita sorte na vida, garoto. Mas não é sempre assim. Você pode ter uma alma rara, pode ter se livrado das tarefas do exército, pode ter encontrado uma fiel companheira, pode ter conseguido uma das mais incríveis habilidades do mundo, pode ter conseguido tudo isso apenas acordando cada dia sem qualquer esforço, mas de todos aqui é o que menos tem chance de sobreviver a essa batalha! - disse Alone.

Aquela provocação fez o corpo de True tremer, seus olhos ardiavam de energia, fazendo o olho direito adquirir a coloração verde-claro similar a de Esmeralda. A garota olhava para ele, procurando algum sinal de descontrole. Ele teria recuperado a calma se Alone não tivesse continuado.

Esmeralda ainda é uma criança comparada às dores que ainda não presenciou neste mundo. Ela deveria se envergonhar! Muitas mulheres passaram pelo mesmo passado e não tiveram a mesma sorte, ninguém as salvou, elas que se salvaram! - Alone continuou e aquilo foi o bastante para fazer True explodir.

Basta! — gritou True. — Eu prometi a ela que nunca mais teria que pensar nessas lembranças horríveis, mas você, miserável, a fez lembrar e isso eu não posso permitir!

Alone encarou a expressão na face do garoto, ele podia ver claramente a raiva nascendo. Esmeralda estava chorando, ela não fazia barulho, apenas deixava as lágrimas escorrerem em seu rosto até que sua mente se esquecesse de suas memórias.

Alone, você fala de mais! - berrou True, fazendo um corte com sua garra no rosto de Alone.

Quando ele...? - pensou o *caído* tentando descobrir como o garoto tinha o alcançado tão depressa. True se juntou ao lado de Esmeralda, enxugando suas lágrimas e a confortando. Enquanto o fazia, Alone avaliava o braço esquerdo do garoto. O gelo parecia obedecer às suas vontades. Os fragmentos continuavam a surgir ao seu redor, consertando as rachaduras do escudo. Alone concluiu que aquela súbita investida foi possível devido ao gelo ter-lhe dado velocidade. Se ele estivesse certo, o lago era seu território. Enquanto seu lado anjo controlava o fogo, seu lado demônio controlava o gelo, mas parecia que nem o próprio True sabia controlar devidamente.

Esmeralda, ainda pode lutar? - perguntou True em sua mente que estava ligada através do *Laço*.

Sim, vamos acabar de uma vez com isso — respondeu a garota confiante.

Agora era Esmeralda quem tomou a dianteira. True mandou toda a energia para o braço direito, recriando as chamas. Alone avaliava os dois e sabia que eles estavam tramando alguma coisa. Ele via os olhos brilhantes do garoto com curiosidade, um tingido de vermelho-sangue e o outro em um tom verde-claro, ele não podia ver melhor os detalhes devido ao corte ter sido suficiente para deixá-lo com a visão embaçada. O que era ruim para ele, pois assim não poderia arriscar uma investida em seus oponentes.

Isso é por ter subestimado minha dor! — Esmeralda gritou para Alone colocando a ponta da alabarda em sua frente.

True concentrou toda a sua força em seu braço direito, acumulando o máximo de chamas que podia, gastando o resto de sua energia. Ele abaixou para que Esmeralda se apoiasse em seu

braço, e, com toda a sua força, True arremessou a garota com um estrondo devido à pressão que as chamas fizeram ao serem liberadas.

A energia era imensa, a força com que Esmeralda foi arremessada superava a tempestade climática, indo em direção à Alone com uma incrível velocidade. O *caído*, já recuperado do ataque, se preparou para se defender do incrível ataque combinado. Com seu habilidoso reflexo, segurou a ponta da alabarda assim que o alcançou, mas não foi o suficiente para pará-la, apenas para não atravessar seu corpo. As chamas envolviam Esmeralda e sua lança queimou as mãos de Alone, que parecia suportar a temperatura. O campo, que repelia qualquer coisa que tentasse se aproximar de seu corpo, serviu para que a lâmina não cortasse suas mãos enquanto a segurava e para desacelerar a lâmina que investia com uma força espantosa.

Alone realmente tinha subestimado os dois, ele era empurrado para trás sem que tivesse a chance de inverter o golpe. Talvez aquele fosse o fim para ele, e aquele fim seria sua culpa por não ter lutado a sério com os dois jovens. Além de ter despertado a alma de Esmeralda, ainda os fez aprender o *Laço*, algo que foi certamente o trunfo para vencê-lo. Ele estava acabado, porém viu algo que mudaria o rumo da batalha.

Alone estava tão concentrado para não ser atingido com a alabarda que não percebeu o olhar que Esmeralda o encarava. Assim que olhou para os olhos de Esmeralda, fez com que cada parte de seu corpo tremesse, mas não era medo o que sentia, era ira.

Os olhos de Esmeralda possuíam confiança, uma confiança sincera entre ela e o garoto. Seus olhos não transmitiam medo e fitavam seu oponente como se já conquistassem a vitória. Alone reconheceu aquele olhar apenas vendo sua sombra, o olhar que tanto desejou ter um dia. O que o fez se lembrar de seu passado, de seus vários e lamentáveis fracassos.

Esmeralda, concentrada em seu alvo, percebeu que o mesmo abaixou a cabeça e alargou seus lábios. Talvez fosse surgir o típico sorriso irônico, mas não foi isso que a garota avistou. Alone rangia os dentes por tamanha raiva que sentia. Para a surpresa da garota, ele soltou a alabarda como se fosse acertá-lo, mas não foi o que aconteceu. Quando ele deixou seus braços estendidos na horizontal, Esmeralda mudou sua expressão de confiança para o medo do desconhecido.

O incrível ataque combinado de True e Esmeralda, que foi perfeitamente executado, não surtia efeito em Alone.

A forte onda que repelia a lança vinha da aura protetora do *caído*. Esmeralda estava em grande perigo, com uma força imensa a jogando para Alone e o campo a empurrando para o lado oposto, ela seria esmagada se continuasse naquele lugar. Através do *Laço* Esmeralda pôde avisar True do perigo, que rapidamente fez as chamas se apagarem, impedindo que a garota continuasse a ganhar velocidade.

Esmeralda, ao aterrissar no gelo, recebeu um soco de Alone, fazendo-a ser arremessada até o garoto. A armadura rachou no local que recebera o golpe.

Graças à habilidade que deixava True e Esmeralda conectados, o garoto sabia o que sua parceira presenciara e teve que admitir, só um milagre poderia salvá-los.

True começou a entender como a aura de Alone reagia. A força que o rodeava era medida pelo seu ódio. Quando maior fosse, maior seria a sua proteção. Uma aura protetora alimentada por sua *corrupção*.

O lago estava começando a se partir, várias rachaduras foram feitas e blocos de gelo foram arrancados durante a batalha. True ajudava a garota a se levantar depois do impacto recebido,

assim que ela pôde ficar novamente de pé, eles encararam Alone, esperando por seu movimento. O garoto não possuía mais energia, fazendo sua alma ser desativada, voltando ao seu estado natural. Esmeralda também estava em seu limite, mas ainda conseguia manter a alma ativa.

True, sabe quantas cabeças tem um Cérbero? - perguntou Alone, encarando-o com um olhar penetrante. Mas True não entendeu o motivo da pergunta naquela situação.

Dizem que ele tem três cabeças - respondeu o garoto gaguejando em algumas palavras.

Você disse bem: "dizem". Mas, na verdade, ninguém sabe ao certo quantas cabeças exatamente um Cérbero possui - explicou Alone que continuou. - Creio que você se lembre de que minha alma se tornou um Cérbero, não se lembra?

True assentiu, vendo a criatura mais uma vez com o seu *olho da verdade*. Na última vez que o viu, a imensa criatura estava de costas, mas desta vez ela estava virada para ele com todos os pares de olhos o encarando. Aquilo certamente o fez temer ainda mais o que aconteceria.

Vocês terão o privilégio de descobrir quantas cabeças o meu Cérbero possui.

Alone abriu os braços e encarou o garoto para ver sua reação. True observava o oponente quando ele e Esmeralda viram algo saindo do corpo de Alone. Primeiro saiu algo como uma pata, as garras arranhavam o gelo para que pudessem sair. Pouco a pouco a criatura ia surgindo e agora eles viam os olhos avermelhados como o sangue junto à sua cabeça com a expressão raivosa, com os dentes a mostra, sedentos por destruição.

Os jovens, que assistiam àquela cena estranha, presenciaram sete cães saírem de Alone e quando, enfim, todos se manifestaram, o homem pôde abaixar seus braços e acariciar cada um de seus cães que andavam em círculo em volta de seu corpo, mas com os olhos fixos nos dois estranhos afastados.

Deixe-me apresentá-los - disse Alone no momento em que os sete cães pararam um ao lado do outro, apenas dois ficaram na frente. — Este é Sadness, eu o obtive quando senti pena das crianças presas sentenciadas a morte pelo ditador - apresentou Alone mostrando o primeiro cão, seguindo pela ordem. - Este outro é Loss, eu o obtive quando meus pais e irmãos foram mortos. O próximo é Fear, eu o possuo desde que fugia dos soldados sentindo medo dia e noite sabendo que a qualquer momento poderia morrer. Os outros dois são Delusion e Betrayal, eu obtive ambos quando confiei minha alma à mulher que conheci na floresta onde me escondia dos soldados. - Alone acariciava cada cão enquanto os apresentava. - E essa foi a primeira vez que *caí*. Agora estes dois da frente são especiais, antes de apresentá-los, quero que me respondam uma coisa. Qual é a base para a criação de um *mundo*?

True e Esmeralda se entreolharam sem saber o que responder, então o garoto resolveu arriscar: É necessário algo que queira. Algo que seja mais valioso para você.

Alone deixou um sorriso nascer no canto de seu rosto e logo corrigiu o garoto:

Resposta errada. Antes disso, tem mais uma coisa.

True não sabia o que era. Light o tinha ensinado que o *mundo* era o nosso principal motivo de vida, além do lugar onde se encontra a alma. A mente do garoto foi tomada pela dúvida. Light não tinha explicado como exatamente era a criação.

Eu não sei - disse o garoto, e Esmeralda respondeu o mesmo.

Alone chegou mais perto do cachorro a sua esquerda e o acariciou na cabeça.

É algo chamado esperança, que, por acaso, é o nome deste cão. Ou como o chamo: Hope.

Esperançai — aquela palavra ecoou na mente dos dois jovens. Era óbvio, antes de sair à procura daquilo que é mais importante para você, cria-se a esperança para achá-lo e obtê-lo. A esperança é a base do *mundo*.

Pelas suas expressões, devem ter entendido. Eu o obtive quando estávamos lutando contra o general da América do Sul. Quando minha esperança de possuir minha parceira foi apagada.

True se lembrou da cena. Alone, que na época era conhecido como Romeo, declarou para Aline o que sentia e, infelizmente, não foi correspondido, fazendo-o *cair* pela segunda vez.

Este cão é especial. Assim como eu, fechou os olhos para a esperança e aumentou seus outros sentidos para sobreviver - Alone continuou, e os jovens puderam ver que o cão era cego. - Agora o último. - Alone caminhou até o último cão para apresentá-lo. - Este se chama Solidão ou Solitude. Ele é o mais parecido comigo atualmente. Apesar de comandar os outros cães, não gosta de ter qualquer relacionamento com eles, na verdade, ele não os comanda, são os outros que o reconhecem como líder e seguem sua filosofia. Como vocês podem ver, eu sou um Cérbero de sete cabeças.

Aquilo realmente era assustador. Os cães não eram comuns, cada um nasceu por meio de uma dor vivenciada por Alone. O motivo de apresentar todos os cães aos dois não fazia o menor sentido se quisesse matá-los ou talvez, ele só queria desabafar antes de acabar com suas vidas.

Agora que se conhecem... Ataquem! - Alone deu a ordem para seus cães, que partiram imediatamente em direção a True e Esmeralda.

Os dois jovens tiveram que se levantar rapidamente para tentar fugir, mas ambos estavam exaustos. True não conseguia fazer a sincronização e Esmeralda não possuía qualquer meio de defesa, sua alabarda fora danificada com a aura de Alone.

Aquele realmente parecia ser o fim.

Quatro dos sete cães morderam os membros de Esmeralda deixando-a esticada no gelo, cada vez que tentava libertar-se, os cães a mordiam mais forte, fazendo mais feridas e sangue escorrer no gelo. Os outros três cães atacaram True, e assim como havia acontecido com Esmeralda, eles paralisaram seus membros, deixando apenas a mão direita do garoto livre. True não conseguia lutar, os cães tinham muita força nos dentes, parecendo que iam arrancar seu braço e pernas. Alone caminhava lentamente até que chegou ao lado do garoto.

Olhe só para você. Aquele que possui a alma de um *puro* e de um *caído* - disse Alone, pisando no pulso direito do garoto. - Até agora você só pôde sentir a dor física. Mas eu irei lhe mostrar neste instante as dores da alma!

Alone agarrou a mão direita do garoto e a colocou em sua testa. Ele sabia que não havia menor perigo, pois True estava sem energia para criar as chamas.

Agora quero que entre em minha mente, não é um *Solstício*, então não deve gastar tanta energia. Não! Ainda estou conectado com Esmeralda através do *Laço*. Eu não quero que ela veja! - True lutava inutilmente.

Essa é a idéia, garoto. Ela também tem que ver!

Os cães mordiam cada vez mais fortes os membros de Esmeralda, que gritava com a dor, deixando o garoto sem escolha a não ser atender ao pedido de Alone.

Tudo bem - disse True, fazendo o *caído* abrir um longo sorriso.

Desculpe, Esmeralda — True pensou quando ativou sua habilidade.

Agora True e Esmeralda viam as memórias de Alone, que não eram nada agradáveis. Cenas e

mais cenas de horror eram mostradas para os dois jovens que só possuíam um único desejo, sair daquele lugar. Coisas que nunca imaginavam ter acontecido eram mostradas a eles. Guerras, fome, miséria, traição, abuso, desespero, sofrimento, tortura eram exemplos do que era passado em suas mentes. Famílias, almas, esperanças eram despedaçadas por todo o mundo, com incontáveis atrocidades. Quando viram todas as memórias que Alone havia selecionado, True pôde cancelar a habilidade e sair da mente do *caído*.

Todos, sem exceção, deixaram lágrimas derramarem com o que viram. Esmeralda era a que mais chorava. True encarava o céu chocado com o que tinha acabado de presenciar, e Alone apenas enxugava as lágrimas que brotavam de seus olhos.

Este é o verdadeiro mundo em que vivemos. Enquanto estamos em nossas casas com nossas rotinas, essas pessoas sofriam dia após dia. Eu vejo isso o tempo inteiro, é um fardo que tenho que carregar pela alma que possuo.

Ninguém respondeu ou disse qualquer coisa. Alone se levantou e seus cães o seguiram para irem embora. Quando se afastaram a alguns metros, True se sentou e socou o gelo.

Não vou te perdoar! - disse o garoto, fazendo Alone parar onde estava. - Eu vou te derrotar agora mesmo e te fazer pedir perdão a Esmeralda!

A garota via True levantar-se mesmo sem forças, o que fazia perguntar-se como depois de tudo aquilo o garoto possuía forças para se erguer. Alone virou para olhar True que o fitava demonstrando seu ódio. Aquilo fez seu sangue ferver novamente.

Eu ia deixar que vivesse junto a ela, mas, pelo jeito, você não quer essa chance. Já que deseja tanto morrer, que assim seja! - gritou Alone, ordenando que seus cães atacassem novamente.

True tentava ativar sua alma, mas falhava. Ele estava sem energia, exausto com a batalha, ferido e fraco com os danos que recebeu dos cães e do combate. Ele certamente seria morto. Uma atitude impensada da parte dele, colocando não só sua vida como a de Esmeralda em risco.

Alone se virou, ele não quis ver a cena sangrenta que aconteceria. Apesar do ódio que sentia, ainda possuía um mínimo de afeto no fundo de seu coração amargurado pelos dois jovens. Se não mandasse seus cães atacarem, ele não teria coragem de tirar a vida dos dois naquela situação.

Alone caminhou alguns passos quando ouviu o choro de seus cães.

Não pode ser! - disse em sua mente imaginando que True tivesse dado um jeito de enfrentá-los.

Ele voltou a encarar os jovens e teve uma surpresa. Um homem de quase setenta anos, mas com um corpo atlético, abateu os cães, impedindo que eles atacassem. Em sua mão estava um pedaço de madeira quebrada que supostamente foi usada para agredir os animais sobrenaturais.

Juan? — disseram True e Esmeralda em uníssono.

Juan olhou bem para os olhos de Alone os quais tremiam por algum motivo. True notou o comportamento de Alone sem entender exatamente o que tinha acontecido com ele. E então Juan disse algo que esclareceu o comportamento do *caído*.

Não esperava reencontrá-lo em uma situação como esta... Já faz muito tempo que não o vejo, meu neto!

Capítulo 22

Endo Facul

Kyōki e Alexandra se escondiam atrás das árvores e se camuflavam com a neve, enquanto o general, que os abateu morro abaixo, procurava por eles para ter certeza de que estavam mortos. O fato de nem Kyōki nem Alexandra conseguirem ver o general dificultava o combate, ao menos, eles podiam guiar-se pelo vento irregular que dava voltas em círculos no topo do morro, deduzindo que seria o general.

Nunca ninguém viu o general da América do Norte, e se alguém o viu, estava morto. Era o que diziam. True e Light eram exceções, eles de alguma maneira, conseguiram vê-lo.

O pequeno redemoinho no topo do morro se foi, fazendo Kyōki e Alexandra saírem de seus esconderijos. A mulher sabia algo sobre o adversário invisível e Kyōki havia percebido. Ele fez um acordo com Alexandra para que ela contasse tudo que sabia; em troca, poderia ajudá-la.

Ele deve ter pensado que fugimos. Certamente, seria o que um soldado, que de alguma maneira sobrevivesse, faria. Apesar de não saber de onde veio o ataque nem quem o atirou - explicou Kyōki.

E uma possibilidade, mas não devemos abaixar nossa guarda - acrescentou Alexandra.

O garoto encarou o rosto da mulher, esperando que ela comesse a contar o que sabia. A caçadora tentou fugir do assunto, mas o garoto insistiu. Assim, não teve outra escolha senão começar a contar:

Eu morava com minha família em uma cabana na floresta. Meu marido era um líder da rebelião e possuía esperanças em libertar o Canadá. Em uma tarde, meu filho me pediu para patinar no lago ao lado de onde nos escondíamos. Nós estávamos refugiados e fazia muito tempo que não nos divertíamos. Aquilo era muito estressante para uma pessoa, ainda mais para uma criança. Uma criança saudável não consegue ficar tanto tempo confinado em uma cabana sem ter nada para passar o tempo, principalmente, uma cheia de energia como ele era. Então, mesmo com o meu marido sendo contra, acabei levando meu filho para patinar no gelo.

Kyōki pôde ver lágrimas surgirem no rosto da mulher. A história que ela contava não parecia que terminaria com um final feliz.

Quando chegamos ao lago... - continuou Alexandra se esforçando para não soluçar com o choro. - Meu filho sorria como nunca! O seu sorriso me fazia esquecer toda aquela ditadura e sofrimento. Ele sempre me chamava: "Mãe! Olha o que eu sei fazer!" - A mulher sorriu com a lembrança.

Alexandra deu uma pausa e não conseguiu se conter, derramando lágrimas e lágrimas de sofrimento com as memórias de seu filho. O garoto não sabia o quer fazer, de certa forma, ele não sabia como agir a certas reações humanas.

Meu filho me fez se juntar a ele, mas eu era uma horrível patinadora. Ainda sou, na verdade — agora a lembrança a fez abrir um longo sorriso enquanto enxugava as lágrimas. - Nós ríamos com minhas quedas, tenho que concordar que foram realmente engraçadas. Mas então meu filho viu algo na margem do lago - Alexandra ficou séria de repente e Kyōki percebeu, dobrando a sua atenção para o que a mulher ia dizer. - Era um soldado, mas não era um comum, ele era um caçador de elite com a missão de encontrar os rebeldes. Naquela hora eu me lembro de puxar o

braço do meu filho e de tentarmos sair correndo, mas não adiantou. Eu caía sem parar, e o soldado cada vez mais se aproximava. Quando conseguimos recuperar o equilíbrio, corremos o mais rápido que pudemos e quando eu olhei para trás, vi que o soldado não estava nos seguindo. Eu me senti aliviada, mas durou pouco. O soldado tinha retirado uma granada de um bolso da calça e arremessou em nossa direção. Quando ela explodiu, fez o gelo do lago se romper. Com a explosão, eu tive a sorte de cair perto da margem e alcançar a terra firme, porém meu filho não teve o mesmo destino, caindo na água, e como não sabia nadar, se afogou. Eu também não sabia nadar e estava com medo do soldado me alcançar. Eu sei que foi algo horrível o que eu fiz, e sei que se fosse qualquer outra mãe no meu lugar teria pulado no lago para salvar o filho, mas... eu não pude! - Alexandra chorava pela culpa que a assombrava.

Está me dizendo que o general é seu filho falecido? - concluiu o paladino.

Alexandra assentiu ainda chorando.

Você não teve culpa — disse Kyōki. - Como você não sabia nadar, só iria morrer junto ao seu filho.

Alexandra arregalou os olhos e parou de chorar no mesmo instante, ninguém nunca tinha dito isso a ela. As pessoas que ouviram a sua história apenas a julgaram por ela não ter salvado o filho.

Eu te agradeço por me contar. Agora que sei de tudo, bolei algo que pode ser a nossa única chance: ele te reconhecer - explicou o garoto. — Eu ouvi boatos que quando ele ataca, diz algo como: "proteger minha mãe" ou "Não vou deixar que façam mal a minha mãe". Esses relatos batem com a sua história, então de algum modo, devemos fazê-lo acreditar que você está bem e que não somos inimigos.

A mulher acompanhava a estratégia de Kyōki. O plano era arriscado, mas era sua única saída.

Eles, sem dificuldades graças às estacas de Kyōki, escalaram o morro do qual tinham caído. Quando chegaram ao topo, Alexandra o guiou até a cabana onde supostamente estaria o general. A cabana, feita de madeira resistente, estava aos pedaços devido à luta que ocorreu em seu interior no passado. As janelas estavam quebradas e as que restavam estavam penduradas. Na cabana já não havia uma porta, a qual deveria ter sido destruída quando os soldados invadiram.

Alexandra foi à frente, tendo cuidado para não chamar a atenção do general. Primeiro, de acordo com o plano, eles teriam que descobrir a localização exata do general para, depois, Alexandra tentar convencê-lo de ser sua mãe. O garoto estaria logo atrás para defender os ataques, caso houvessem.

A medida que se aproximavam, eles puderam ouvir o vento forte passar pelas aberturas onde eram as janelas. Alexandra, que tinha mais experiência para não ser detectada, olhou por uma abertura para saber se o general estava no local. Ela, como não podia vê-lo, teve que prestar bastante atenção se ocorressem ventos irregulares. Os móveis, que também eram feitos de madeira, estavam revirados. Prestando atenção nesses detalhes, ela pôde ver que uma cadeira pequena estava virada para cima. O local onde seu filho sentava de costume. A caçadora concluiu que ele realmente estava lá, pois a cadeira virada para cima e a quantidade de vento que passava em volta do assento o denunciou.

A mulher fez um sinal para que Kyōki recuasse. Ele entendeu e andou bem devagar para não fazer qualquer ruído. Quando estava distante o suficiente para conversar sem que chamasse a atenção, Alexandra explicou a experiência que teve.

Eu pude vê-lo! Não claramente, mas pude sentir que era realmente ele sentado na cadeira onde

sentava antigamente!

Kyōki levou um choque com a notícia, aquilo poderia ser uma lembrança que Alexandra acreditava estar acontecendo, mas decidiu dar um voto de confiança a mulher. *Quando nos acostumamos a ver algo com muita frequência, acabamos acreditando que o que vemos sempre estará no mesmo lugar* - pensou Kyōki.

Então vamos tomar posição - disse Kyōki, e a mulher assentiu.

Alexandra ficou a poucos metros da porta, e Kyōki se preparou para criar um escudo caso precisasse.

Peter! - a caçadora gritou e Kyōki soube que aquele era o nome da criança.

No momento que a mulher gritou, uma quantidade enorme de vento se manifestou da cabana, arrancando as últimas janelas penduradas. O vento que percorria em volta da criança deu a forma de um pequeno corpo a ele, facilitando a sua localização para Kyōki e Alexandra.

Mãe? - A criança indagou, mas logo mudou de idéia. — Você não é minha mãe! Você é a mulher de antes!

Não! Peter... Sou eu, filho... Vem me dar um abraço! Senti tanto a sua falta! - insistiu Alexandra. Eu não sei como sabe meu nome, mas minha mãe nunca teria um olhar de ódio como o seu! - disse Peter dirigindo uma grande quantidade de neve em direção à caçadora.

Kyōki teve que agir rápido ao criar um escudo com suas estacas para proteger Alexandra.

Então você tem companhia.

O garoto asiático teve que criar outro escudo, pois agora ele era o alvo. Os ataques estavam cada vez mais rápidos e fortes. Se recebessem um ataque direto, poderia ser fatal.

Alexandra, vamos recuar! - gritou Kyōki, mas a mulher não pareceu ouvir.

Kyōki não teve outra escolha senão pegar a mulher nos braços e levá-la para longe. O general não era uma pessoa com quem pudessem brincar, na verdade, nem uma pessoa ele parecia.

Quando o paladino conseguiu se afastar o suficiente, colocou Alexandra ao chão e quis saber o motivo dela não ter se movido. A mulher não respondeu, estava abalada com alguma coisa. Depois de Kyōki tanto insistir chamando o nome dela, Alexandra finalmente disse alguma coisa. Você ouviu o que ele me disse? — ela encarava o rosto do garoto com uma lágrima escorrendo de seus olhos.

Sim, mas certamente ele não iria te reconhecer na primeira tentativa.

Não foi isso... - disse Alexandra, fazendo Kyōki não entender onde ela queria chegar. — Uma criança de seis anos me falou sobre ódio.

Então foi isso que a abalou - pensou Kyōki, entendendo a reação da caçadora.

Ele deve ter enfrentado muitos soldados, como ele é uma criança, deve ter ouvido isso dos *caídos* e desde então fica repetindo. Porém, no caso dele realmente souber o que é o ódio, você deve ajudá-lo o mais rápido possível! - disse o garoto.

Tem razão. Eu quero tentar de novo!

Mas antes... - Kyōki interrompeu, botando o braço que impediu a passagem. - É melhor que dessincronize sua alma.

Alexandra estava tão concentrada em fazer o filho reconhecê-la que esqueceu que sua alma estava ativa. Ela concordava que sua aparência, enquanto a alma estava ativa, não parecia nada amigável e materno. As listras negras em seu rosto tornavam sua aparência assustadora. Assim que desativou a alma, Alexandra seguiu Kyōki para localizar o general novamente. Agora o

trabalho seria mais fácil, pois eles sabiam que o general estava próximo, e como a criança já sabia da existência de ambos, não teriam que se preocupar em se ocultar.

Alexandra, se seu filho é reconhecido como general, isso quer dizer que o ditador o nomeou, não estou certo? - indagou Kyōki.

Realmente para que alguém receba o título oficial de general, o próprio ditador tem que pessoalmente concedê-lo.

Como eu pensei, mas se não podemos vê-lo, como o ditador pôde? E mesmo se o visse, eu não acredito que ele daria um posto tão importante para uma criança - Kyōki pensava e estava tão distraído que não viu o ataque que surgiu a sua esquerda.

Kyōki! Cuidado! - Alexandra o alertou, mas foi muito tarde e o garoto recebeu o ataque, o qual o jogou contra uma das árvores.

O garoto não ficou inconsciente, mas a pancada fez a cabeça dele girar. Sua visão estava embaçada, colocando-o em risco. Mesmo naquela situação, Kyōki sabia da sorte que teve, o general investiu com a neve que cobria a floresta, se fosse de outra maneira, o garoto teria sido congelado assim como Light.

Os fones foram retirados do ouvido devido ao golpe que recebera, cancelando a sincronia com a alma. Por algum motivo, ele se desesperou e cobriu os olhos o mais rápido que pôde com uma das mãos. Mesmo zonzo, agarrou rapidamente os fones e os recolocou nos ouvidos. Por sorte, o aparelho não foi danificado.

Alexandra estranhou o pânico do garoto, mas não possuía tempo para se preocupar com aquele detalhe. Ela estava em uma situação complicada. Com Kyōki ferido, ela não tinha ninguém para protegê-la dos ataques além de não poder ativar sua alma, se o fizesse, a criança teria a mesma reação que na tentativa anterior. A única chance que eles tinham seria de Peter reconhecê-la naquele momento.

Pare, Pet! - Alexandra gritou chamando seu filho pelo apelido, como ela o chamava antes do acidente. Ela estendeu os braços e botou seu corpo à frente de Kyōki, para que o garoto não recebesse nenhum ataque. - Eu sofri muito com a sua morte, não só minha vida mudou como meu olhar para o mundo também mudou. Esse olhar de ódio me fez sobreviver nessa selva. O meu objetivo, as minhas forças, era de um dia vê-lo mais uma vez, e agora você está bem na minha frente!

O vento forte e agressivo estavam diminuindo, voltando a circular a pequena forma da criança que o vento esculpia. Alexandra encarava a neve temendo que o único motivo dela continuar vivendo não a reconhecesse.

Depois daquele dia em que nos separamos - ela continuou —, eu pensei em me matar várias vezes, mas sentia, no fundo, que aquilo não era o certo. O mundo é tão cheio de segredos, talvez houvesse um jeito de eu te ver mais uma vez. Sabe por que eu desejei esse único encontro?

Alexandra dizia, olhando para o suposto local onde o filho dela estava.

Para te pedir desculpas! Eu... — A mulher tremia com suas emoções, seus braços não puderam mais ficar estendidos, lágrimas escorriam em seu rosto sem que ela pudesse evitar. - Eu não pude te salvar... estava com tanto medo...

A medida que Alexandra pronunciava suas palavras sinceras, a tempestade de neve se tornava uma brisa gelada. A figura, com o contorno de uma criança, se aproximou de Alexandra, abraçando-a. Ela sentiu a temperatura do vento mudar ao redor de seu corpo, estava quente,

afastando o frio daquele dia.

Não estou bravo, mãe. Fico feliz que esteja bem - disse Peter ao reconhecer sua mãe. - Eu não pude ter meu descanso eterno ainda, pois estava procurando por você. Enquanto afundava, imaginei que o soldado continuaria a te perseguir. Eu queria tanto que ele fosse embora, queria tanto saber se você estava a salvo que não pude seguir a luz naquele dia! - disse a voz da criança, e Alexandra teve certeza de que se tratava de seu filho.

A voz do garoto ecoava como o vento pelas árvores. Kyōki estava pouco a pouco recuperando a sua visão e equilíbrio. Alexandra envolveu seus braços no pequeno corpo feito pelo vento. As lágrimas que brotavam não eram mais de medo ou dor; eram de alegria e paz.

Mãe... — A voz de Peter agora parecia trêmula. - Eu fiz coisas horríveis, mas não queria fazê-las! Ele me obrigou, mãe, um homem...

Não diga nada, Pet — interrompeu a mãe emocionada. — Depois falamos sobre isso, quero apenas que me abrace. — Alexandra imaginou que ele se referia ao ditador, então ignorou aquelas palavras.

O momento parecia perfeito, mãe e filho aproveitavam o momento sentindo aquela brisa quente que era o reencontro. Mas algo ainda não se encaixava, sabendo agora os motivos da criança estar ainda naquele mundo, não fazia sentido o ditador tê-lo nomeado como um general. Alexandra estava tão feliz que não queria atrapalhar aquele momento com pensamentos de angústia. Foi Kyōki que, ao se recuperar, percebeu que alguns fatos estavam faltando, mas logo algo apareceu para se encaixar no quebra-cabeça. Uma mão humana marcada com o símbolo do exército e unhas enormes saiu de dentro da criança, agarrando o pescoço de Alexandra.

Alexandra, recue! - Kyōki alertou, mas era muito tarde.

Mãe! - Peter gritou.

Os ventos agora não traziam a voz doce de Peter, traziam uma risada de um homem que certamente não tinha boas intenções.

Que cena tocante! Eu admito que estou emocionado. — Enquanto a voz irônica e arrogante começava seu discurso, Kyōki procurava em todas as direções onde ela tinha se originado. Aquela era uma tarefa complicada, os ventos eram usados como meio de comunicação, confundindo a mente do garoto.

Quando uma cabeça apareceu ao lado do braço que apanhou Alexandra, Kyōki pôde notar de onde tinha saído àquela voz. Ambos tinham saído do filho de Alexandra.

Talvez aquele soldado tenha a habilidade de entrar em corpo de pessoas e talvez até de almas - o garoto deduzira.

Deixe me apresentar - disse o estranho homem jogando Alexandra para a mesma árvore onde Kyōki fora arremessado. - Meu nome é Endo Facul, sou o atual general da América do Norte.

Endo é o tipo de pessoa que pode afirmar-se não ter boa aparência. O rosto era desproporcional, não tinha cabelo nem sobrancelhas. O sorriso largo se estendia quase até as orelhas. A voz era aguda e os olhos, pequenos e entreabertos, atentos ao que viam. Para piorar, o general possuía um péssimo hábito de deixar a saliva escorrer de sua boca até o queixo.

Kyōki e Alexandra finalmente descobriram a última peça que estava faltando. O ditador não deu o título para o filho de Alexandra, mas para Endo, apesar de não ter certeza como Endo se apoderou de Peter.

Saia do meu filho agora mesmo! — Alexandra gritou, ativando sua alma.

Como Peter já tinha identificado sua mãe, não havia motivos para que Alexandra não ativasse sua alma, apesar do garoto ainda não aprovar a nova aparência.

Calma, caçadora - disse o general e ia continuar, mas foi interrompido.

Mãe, este é o homem que me obrigou a fazer maldade!

Cale-se! — O general interrompeu a criança antes que ela dissesse mais alguma informação, tomando total controle sobre o garoto. — Posso ver que você não é uma caçadora qualquer, você é da elite! — Endo continuou, voltando a sua atenção para a caçadora.

De soldados até os generais, todos recebem certos distintivos para identificar seu posto. Os distintivos variam de formato e cor. A cor bronze é dada para os soldados, ele tem forma de um escudo com a bandeira do exército. A dos caçadores são anéis de cor prata enquanto o dos caçadores de elite são dourados. Os generais usam tatuagens como distintivo, símbolo que significa que até os últimos dias de sua vida não poderiam deixar o seu posto ou o exército, assim como não poderiam apagar aquela marca.

Alexandra foi descoberta por estar usando o anel dourado por cima da luva, o que era obrigatório para a identificação.

Isso é ridículo - disse Kyōki. - Qualquer um poderia usar um anel prata ou dourado e dizer que é um de vocês.

Endo gargalhou com o que tinha ouvido. O garoto não entendeu a reação do general, para ele, o que tinha dito fazia sentido.

Não esqueça, garoto, que todos se ajoelharam a nós em menos de uma semana e para isso acontecer teríamos que ser muito bem organizados. Nós escolhemos esses acessórios para parecer o mais comum possível. Antes de dominarmos tudo, usávamos esses acessórios para nos identificar entre nós, mas para diferenciar dos outros acessórios, temos uma sigla em todos os distintivos que inclusive os generais têm que tatuar.

B.M.S.F - Alexandra interveio.

Sangue, mente e alma pelo Führer - o general continuou. - Mas apenas isso não seria suficiente, cada soldado, caçador e general tem um número de série que é identificado pelo sistema do nosso governo, evitando que alguém se passasse por algum agente do exército caso roubasse um distintivo. Mostre para ele, caçadora.

Alexandra retirou o anel do dedo e mostrou o avesso para Endo que estranhou, pois no anel não tinha qualquer sigla ou número de identificação, fazendo-o suspeitar de a mulher ser realmente uma caçadora.

Esta é uma aliança de casamento que eu usava antes de tudo acontecer. O anel de caçadora está guardado no bolso de minha jaqueta, como sempre estou com meu subordinado e procurando por rebeldes, não tenho que provar para ninguém quem sou - explicou Alexandra e retirou do bolso o distintivo real com as iniciais marcadas do lado de dentro.

Ela pensava no falecido marido e no filho, mesmo servindo ao exército. O que a lembrava de que estava fazendo tudo aquilo por eles — o paladino deduziu.

Eu queria muito saber o que você faz aqui - disse Endo com um sorriso torto. - Por que está atrás da criança em vez de caçar rebeldes? - Endo agora olhava na direção de Kyōki. - Esse garoto certamente não é um de nós e pelo visto, consegue ativar sua alma, por que não o matou?

Alexandra sabia que o general tentaria matá-la ou, na melhor das hipóteses, capturá-la. Ela já estava preparada para ser considerada traidora, como tinha reencontrado seu filho, não havia

mais motivos para continuar no exército.

Eu não vim atrás de rebeldes, general. Eu vim para libertar meu filho de uma aberração como você! - falou Alexandra, fitando o general nos olhos minúsculos.

São palavras perigosas que podem custar sua vida, caçadora. Está disposta a largar seu ótimo posto no exército para ter seu filho de volta? - perguntou Endo.

Estou disposta a sacrificar minha vida por ele! - respondeu Alexandra determinada.

É uma pena, você deve ser uma caçadora muito boa para ser da elite. Largar tudo isso para tentar ter seu filho de volta... Mas como você pode ver, eu o controlo, então...

Alexandra não esperou o general terminar suas palavras inúteis, ela avançou com sua extrema velocidade e acertou um golpe no rosto do *caído*.

Sentindo o impacto do golpe, o general retornou ao seu hospedeiro e, aproveitando o furo na defesa de Alexandra, acertou com um chute fazendo-a recuar alguns passos.

Kyōki acompanhava a batalha atento. Ele pôde perceber a habilidade incrível do general de se mover livremente através do corpo do hospedeiro, que, no caso, era Peter. A velocidade com que ele se movia era impressionante, mas era facilmente superado pela velocidade de Alexandra caso ele deixasse o corpo. Enquanto a mulher atacava, Kyōki supôs qual era a forma da alma do general, mas tinha que avisar Alexandra de alguma maneira.

A caçadora recuou alguns passos para recuperar o fôlego. O general estava com toda a sua energia sem que pudessem notar qualquer exaustão. Endo acumulou uma grande quantidade de vento e neve para arremessar em Alexandra. Kyōki avistou o ataque e alertou a companheira.

Recue! Ele vai atacar!

Alexandra usou sua velocidade para recuar, e Kyōki foi em seguida, criando algumas estacas pelo caminho, fazendo a velocidade da neve ser diminuída.

Eles recuaram cerca de quinze metros. O ataque do general lembrava uma pequena avalanche destruindo tudo por onde passava. Os obstáculos criados por Kyōki apenas serviram para retardar. Agora que estavam a sós, o garoto pôde contar o que tinha descoberto para Alexandra.

Eu acredito que descobri a forma da alma do general.

A atenção de Alexandra estava totalmente voltada para a batalha, mas como estava há alguns metros de distância do inimigo, resolveu se concentrar no que o paladino tinha a dizer.

Endo Facul é um pseudônimo, uma referência de sua própria alma. Pelo que observei, ele pode livremente se manifestar e se esconder em seu filho. O seu corpo realmente está enterrado, o que nós estamos lidando é com a alma dele. Como Peter disse, ele não pôde descansar em paz, pois estava preocupado com você. Eu acredito que o general tenha a alma em forma de parasita e, de alguma maneira, consegui fazer a alma de seu filho ser o hospedeiro dele. O nome Endo e Facul vem de "endoparasita" e "facultativo". Endoparasitas são os parasitas que ficam no interior do hospedeiro e um parasita facultativo é aquele que não depende do hospedeiro para sobreviver, mas escolhe parasitá-lo. Isso também explica porque apenas True e Light conseguiram ver seu filho, ambos têm a alma do anjo e com ela podem ver as almas das pessoas. No caso de Peter, ele é a própria alma. Eu acredito que os generais tenham liberdade para escolher seus pseudônimos para que sua identidade passada seja apagada. No entanto, esse general nos deixou pistas de sua alma.

Tudo isso faz sentido - concordou Alexandra pensativa. - Muito bem, garoto, eu pensei que você seria um pirralho qualquer para me atrapalhar, mas vejo que você pode ser de grande ajuda.

Obrigado, mas não me chame de garoto, meu nome é Kyōki.

Certo, Kyōki, o que vamos fazer agora? - Alexandra quis saber, gostando da atitude do paladino. Temos que levá-lo até True. Ele é o único que pode tirar o general de Peter, já que Light foi congelado.

A caçadora apenas assentiu. Eles tinham que levar o general até o lago. A distância que eles recuaram ajudou para ficar mais perto, mas ainda faltava um quilômetro até ele.

Não me deixem esperando - alertou o general, mas eles não sabiam de onde ele estava vindo. Alexandra e Kyōki ficaram de costas um para o outro em uma rápida estratégia, assim um deles veria o ataque que surgiria de ambos os lados. Porém aquela estratégia não foi necessária, o general se revelou da cintura para cima. Eles não entenderam o motivo tão descuidado da parte do general.

Cansei desse joguinho de esconde-esconde! Vou acabar de uma vez com vocês para que eu possa voltar a descansar - disse Endo com uma aparência zangada.

O general, bem devagar, levantava as mãos para o céu tempestuoso. Enquanto o fazia, toda neve que forrava a floresta era levada para frente de Endo, onde uma muralha ia se formando. A neve era arrastada para o general, fazendo Kyōki e Alexandra se desequilibrarem. Antes que fossem levados até onde a neve se acumulava, subiram na árvore mais próxima para permanecer em segurança. Cada vez mais a muralha ia ficando maior e mais neve ia sendo concentrada.

Alexandra! Ele pretende criar uma onda, como se fosse um tsunami! Temos que sair daqui agora!

Aquele foi um choque e tanto para a mulher. Ela não queria deixar o filho para trás, não suportaria se o perdesse novamente.

Não se preocupe, ele vai tentar nos encontrar para saber se o serviço foi feito - insistiu Kyōki.

A caçadora não teve outra escolha senão correr o mais rápido que pôde em direção ao lago. A muralha já estava alcançando seus quarenta metros, se eles não conseguissem chegar ao lago, certamente iriam morrer esmagados.

Capítulo 23

Descanse em paz

Assim como True e Esmeralda, Alone estava surpreso com a chegada de Juan, que, aparentemente, seu avô. True não conseguia acreditar que a notícia era real. Ele não sabia muita coisa sobre a família de Alone, mas tinha conhecimento de que seus pais e irmãos foram mortos porque ele salvou as crianças prisioneiras do destino da morte. Durante o tempo em que conviveu com Alone, ele nunca havia comentado sobre seus avós.

Abuelo? - disse Alone atônito.

Esmeralda não entendeu o que ele disse, mas através do *Laço*, True pôde saber e explicar sobre a dúvida da garota.

Abuelo significa avô em espanhol, que é a língua falada no México. Alone devia ter o costume de chamá-lo assim quando o visitava.

A garota agora tinha entendido, confirmando a surpresa de conhecer o avô do ex-paladino.

Juan, você realmente é avô do... - True ia dizer Alone, mas imaginou que Juan não estava ciente das mudanças que seu neto passara. - John?

Juan virou para fitá-lo como um olhar de dúvida.

Vocês o conhecem?

True e Esmeralda fizeram que sim com a cabeça.

Como esse mundo é pequeno... - refletiu. - Respondendo à sua pergunta: sim, sou o avô dele. Com a ditadura perdemos totalmente o contato, mas não fomos mortos como o restante da família. A morte de minha única filha.

True notou a mudança do tom da voz de Juan, que conteve suas emoções.

O episódio foi levado até o ditador, que decidiu não nos julgar pelo crime; afinal, éramos de grande importância no Canadá. Não há muitos refeitórios aqui e como nunca criamos problemas, o Führer nos julgou inocentes - Juan continuou. - Quando vimos a execução pelo noticiário, foi o momento mais difícil para mim e para minha esposa. Porém, John ainda estava foragido e orávamos para que ele nunca fosse pego. A razão de conseguirmos continuar nossas vidas era saber que nosso neto ainda estava vivo - Juan explicou. - Os avós paternos de John morreram antes mesmo desse terror começar. A única família que resta a ele sou eu e minha esposa. Talvez o ditador tenha nos inocentado porque assistir a morte de nossa família tenha sido uma punição pior que a morte.

Enquanto Juan esclarecia o ocorrido de vários anos para os paladinos, Alone, paralisado, não sabia o que fazer naquela situação. Ele só desejava desaparecer daquele lugar o mais rápido possível.

Como você está, John? - disse Juan, voltando a se dirigir para o neto. - Faz muito tempo que não o vejo. Eu e sua avó estamos morrendo de saudades.

Alone não respondeu, apenas abaixou a cabeça, pensativo. Juan esperou por um instante e, percebendo que ele não responderia, continuou:

Você deveria usar coleiras nestes seus cães, se eu não estivesse aqui, não sei o que poderia ter acontecido com seus amigos.

O que você faz aqui? - indagou Alone, rompendo seu silêncio, em um tom de amargura.

Bom, eu vi uma tempestade se aproximando e não poderia deixar que estes jovens despreparados a enfrentassem sozinhos - respondeu Juan apontando para True e Esmeralda. - De onde eles vêm, duvido que estejam acostumados com todo este frio.

Eles não são meus amigos! — Alone estava com uma aparência séria e tentou demonstrar que não estava no local para rever alguém.

Juan fez uma expressão de decepção, enquanto os cães derrotados no chão viravam sombras e retornavam ao seu dono.

Você não era assim, sempre estava cercado de amigos, feliz. Sempre com uma expressão alegre contagiando todos à sua volta. O que aconteceu com você, meu neto? E o que está acontecendo aqui? Esses seus cães não parecem ser normais!

Alone não se conteve e soltou uma longa gargalhada. True sentia raiva pelo comportamento do *caído*, mas entendia seus motivos para estar daquela maneira.

Aqueles "amigos" pelos quais era cercado não eram nada mais que simples pessoas usando máscaras para conseguir algum benefício próprio. Eu era tão ingênuo... — disse Alone, falando a última parte quase para si mesmo. - Quanto aos meus cães, não se envolva em uma briga que não é sua!

Você está diferente, meu neto. Pare com isso! Nem todo mundo é assim. Você deveria confiar mais nas pessoas. Por que não vem morar comigo, como antigamente?

Finalmente, True soube que havia algo a mais no passado de Alone. Segundo o que Juan dissera, Alone havia passado algum tempo com ele.

Alone deu outra gargalhada, mas desta vez o garoto não entendeu os motivos.

Você acha mesmo que vou cair em outra armadilha? Acha que não aprendi nada com meus "amigos" que me traíram? É claro que não vou morar com você! Eu fui o responsável pela morte de sua única filha, minha mãe. Como você poderia me perdoar por isso?

Juan ficou chocado com a reação e as palavras que saíram da boca de seu neto. Parado, abaixou sua boina dificultando ver seus olhos.

Sei que não era sua intenção que aquilo acontecesse, mas vou te dizer por que eu posso te perdoar... E a resposta é: Porque sou seu *Abuelo!*

Aquelas palavras foram como um choque na alma de Alone, dúvidas surgiam em sua mente. Verdade e mentira lutavam para declarar quem realmente era real, mas aquilo não durou por muito tempo. Alone *caiu* duas vezes por um motivo bem comum que poderia ser resumido em uma palavra: decepção.

Se não quiser morar comigo, aqui no Canadá, eu não me importo, só quero, meu neto, que você seja feliz! - continuou Juan. - Não deixe crescer essa dor que está no seu peito, ou ela pode acabar te devorando aos poucos.

Tum, dum... Tum, dum...

True assistia atentamente o reencontro de Alone com seu avô, quando, naquele instante, começou a sentir uma imensa dor em seu coração. Ele, surpreendido pela dor, colocou a mão sobre o peito e Esmeralda, através do *Laço* sentiu que algo estava errado.

True! Está tudo bem?

Ele não respondeu. Nunca tinha sentido aquilo antes, era como se uma bomba estivesse prestes a explodir em seu peito.

True! Diga alguma coisa, ou pelo menos pense para que eu possa te ajudar!

Juan se virou para ver o que estava acontecendo, mas antes que ele pudesse se preocupar, o garoto conseguiu dizer alguma coisa.

Está tudo bem! Só... Só me deixem respirar um pouco...

A dor começou a subir pelo corpo de True, ele sentia algo quente e gelado chegar a sua cabeça até seus olhos.

AAAH! - True gritou apavorado, agora sentindo seu olho direito em chamas e seu olho esquerdo congelar.

Esmeralda não sabia o que estava acontecendo. Ela soube o que o garoto estava sentindo através do *Laço*, mas, aparentemente, seus olhos estavam normais.

True cobriu os olhos com as mãos e continuou a gritar.

Ei! - chamou Juan. - Tem certeza que ele não precisa de ajuda?

Não, espere. Acho que está passando — Esmeralda respondeu.

Pouco a pouco a dor dos olhos ia desaparecendo, assim como a do peito.

Quando o garoto abaixou as mãos, Esmeralda arregalou os olhos, boquiaberta.

Os olhos de True adquiriram a tonalidade de antes na batalha. Seu olho esquerdo estava com um tom vermelho-sangue enquanto o direito estava em um tom verde-claro. O que Esmeralda não entendia era como isso era possível. True não tinha mais energia e sua alma não estava ativa. Os olhos pareciam mais estáveis do que antes, como se aquela cor sempre fosse o tom de seus olhos.

True, seus olhos... - Esmeralda tentou avisar, mas foi interrompida pelo garoto.

Eu posso ver! Eu podia antes, mas... está diferente! Posso ver com mais clareza!

Se não fosse a conexão entre ele e a garota, Esmeralda não teria entendido o que True tentava dizer. Ele agora podia ver as almas sem ter que usar sua habilidade. Elas ficavam fixas sobre as pessoas. True reconheceu o Cérbero, a alma de Alone. A Valquíria, a alma de Esmeralda, que planava sobre a cabeça da garota, com a mesma armadura que Esmeralda metalizara na batalha contra Alone.

Antes, True via as almas imóveis e instáveis. Agora, elas pareciam mais vivas, mas não demonstravam qualquer expressão.

Taiji, o que houve?

O olho da verdade, True. Agora ele é permanente. Não precisamos gastar energia para usá-lo — esclareceu a alma do garoto.

Interessante. Mas vou ficar com meu olho dessa cor? Além disso, vou ficar vendo a almas de todos, mesmo sem querer?

Sim, vai. Isso mostra nossa evolução, True. Pelo que parece, durante a batalha, estávamos muito sincronizados, o que pode ter despertado o olho. O *Laço* também ajudou. Além do reencontro de Alone com seu avô. Fortes emoções influenciam na alma.

Eu gostei — aprovou Esmeralda através do *Laço*.

True sorriu com o elogio e antes que pudesse voltar sua atenção para a conversa, ele viu algo que o surpreendeu.

Sobre a cabeça de Juan estava um leão equivalente a um de tamanho real. True se lembrava de ter verificado cada pessoa no estabelecimento de Juan. Como ele não teria notado uma alma tão grande e que emanava tanta *pureza*?

Os tamanhos das almas variavam, e True nunca soube o motivo. A Alma de Alone era imensa, já a de Esmeralda fazia a Valquíria parecer uma fada devido à estatura. Ele se perguntava de

que tamanho seria a sua.

O que foi agora, True? - Esmeralda indagou ao notar o olhar do garoto fixo em Juan.

A alma de Juan. É de um leão e é dos grandes - ele conseguiu falar trocando sua expressão de espanto para a de dúvida. - Mas eu não entendo. Por que Juan não faz a sincronização com a alma? Talvez nem ele saiba a respeito dela.

Enquanto True pensava em algo que explicasse o fenômeno, Alone continuava imóvel onde estava desde o início da conversa, encarando o gelo, deixando o vento bagunçar seus cabelos compridos.

Juan, sabendo que não podia fazer mais nada, se virou para ajudar True e Esmeralda que estavam com sérias feridas nas pernas e braços, as quais os impossibilitava de andar.

Porém, quando ele se virou, viu algo que o apavorou. Uma avalanche estava vindo em direção ao lago com uma velocidade espantosa. Juan sabia que não conseguiria sair do lago a tempo de carregar os dois jovens sem que a neve os alcançasse, quando enfrentou os cães, sofreu um ferimento na perna provocado por um dos animais.

Alone, sentindo a vibração do solo, interrompeu seus pensamentos para avistar a imensa avalanche que em poucos segundos chegaria ao seu encontro. Ele seria o único que poderia escapar com vida daquele local, mas não sabia ao certo se deixaria os três para trás. Enquanto a dúvida o perturbava, Alexandra e Kyōki saíram da floresta em direção ao lago para comunicá-los.

True! - gritou Kyōki ao avistá-lo. - Descobri tudo sobre o general, mas antes temos que impedir que essa avalanche nos acerte. Você tem alguma idéia? — disse ele, notando a nova tonalidade dos olhos do garoto e se espantou. - Por Buda! O que aconteceu com seus olhos?

Depois eu explico.

O garoto se encontrava em uma situação complicada. No modo em que estava não poderia ativar sua alma e talvez só suas chamas pudessem salvá-los da enorme avalanche que se aproximava. Enquanto o garoto pensava em algo, Alexandra tinha ido até Alone para contar o que descobriu.

Eu não posso ativar minha alma no meu estado atual. Teria que me curar antes, mas para isso preciso de energia. Assim que eu conseguir, usarei minhas chamas para tentar parar a avalanche, mas também precisarei de muita energia para impedi-la de nos acertar - informou True quase sem esperança.

Eu posso ajudar - disse Esmeralda, feliz por finalmente dizer aquela frase. — Eu posso mandar todo o resto da minha energia para você. E pouca, mas é o suficiente para você conseguir se curar e ativar sua alma.

True assentiu e Esmeralda passou suas últimas forças para o garoto através do *Laço*. O garoto agora pôde ativar sua alma na forma original e, como tinha energia, usou a habilidade do anjo para curar seu corpo.

Obrigado, Esmeralda - agradeceu True.

A garota apenas fez um gesto com a cabeça, pois se sentia exausta devido à transferência. Juan a pegou no colo para que não ficasse jogada no gelo.

Kyōki, você tem muita energia sobrando? - perguntou True.

Não muita, tive que usar bastante dela na floresta e para chegar até aqui.

True pensou e concluiu que o garoto não teria muita energia significativa. As opções eram

poucas, tirando Esmeralda e Kyōki, tinha Alexandra, Alone e Juan, porém True não sabia se Alexandra e Alone iriam cooperar, além de ambos terem usado muita energia nas batalhas.

Use a minha — disse Juan sendo um voluntário. - Eu não sei exatamente que energia é essa que vocês tanto falam, mas acredito que eu deva ter.

Não sei se Juan pode ajudar nessa situação, sem querer ofendê-lo - disse Kyōki, mas True concordou.

Eu agradeço, Juan. Mas só foi possível Esmeralda passar energia para mim porque estamos conectados.

Alone, impaciente, caminhou até o garoto e o acertou com um cascudo.

O que pensa que está fazendo! — True berrou com o *caído*.

Use a cabeça, garoto! - retrucou Alone. - Se um inimigo te atacasse com fogo você usaria o gelo para contra-atacar ou simplesmente usaria seu braço direito para controlá-lo?

O que Alone dizia fazia sentido. True, pensando melhor, se lembrou da batalha que teve há poucos instantes. Ele, com o braço esquerdo, controlou os pequenos fragmentos de gelo para criar o escudo. Seguindo sua teoria, ele poderia parar a avalanche com seu braço; afinal, o gelo era o outro elemento que manipulava.

Mas, Alone, eu não sei se posso parar uma avalanche inteira. Eu mal consegui controlar os fragmentos de gelo.

Eu sei que isso é impossível para você, criança - Alone zombou. — Pensando nisso eu bolei um plano. Com minha aura posso no máximo retardar a avalanche para que ela não nos esmague de uma vez. Enquanto isso, você estará logo atrás tentando dividi-la ao meio para que ela não nos acerte.

Faz sentido - concordou Kyōki. - Juan pode proteger Esmeralda, segurando-a em seus braços, já que ela está incapacitada de se mover no momento. Eu posso ajudá-los a retardar a avalanche com meus espinhos. E Alexandra poderá escapar caso o pior aconteça.

Os olhos de Alexandra e de Kyōki se encontraram por um instante. Mesmo se todos morressem naquele lugar, ela poderia escapar com sua velocidade e talvez resgatar seu filho.

Eles não tinham tempo a perder, a avalanche se aproximava cada vez mais, então logo entraram em posição.

Alone tomou à dianteira e logo atrás estava True, erguendo a mão esquerda de seu lado demônio. Kyōki estava na direita começando a criar os vários obstáculos de espinhos para retardar a avalanche, o que aparentemente não tinha efeito algum.

Por que está fazendo isso, Alone? - True quis saber os motivos do *caído* em ajudá-los.

Não confunda as coisas, garoto. Só estou fazendo isso pelo meu avô, não quero que ele morra em um lugar como este. Agora, prepare-se!

Todos estavam em suas posições. True se concentrava na grande quantidade de neve que se aproximava. Pouco a pouco podiam ouvir o barulho da neve destruindo tudo por onde passava. Quando finalmente a onda de neve alcançou a margem do lago, Alone ergueu os braços para que sua aura repelisse a neve.

A avalanche passou violenta no local onde estavam. Se não fosse pelo esforço de Alone, todos teriam sido varridos pela neve.

Rápido, True! Desvie a neve!

O garoto estava nervoso. Sua mão tremia com a situação, o medo tomava conta de sua mente,

interrompendo sua concentração.

True, acalme-se! Vamos conseguir, apenas acredite! — disse Taiji em sua mente.

True fechou os olhos e tentou ignorar tudo o que Alone berrava em seu ouvido. Ele sentia o forte vento bater contra seu rosto tentando imaginar que a neve que se aproximava fazia parte de seu corpo.

Saia da frente, Alone! — pediu True, e Alone rapidamente obedeceu cancelando sua aura e desviando para o lado.

O garoto foi à frente contra a avalanche que podia prosseguir livremente sem a aura de Alone para impedi-la. Quando pensaram que a neve os esmagaria, True, com seu braço erguido, dividiu a avalanche ao meio, fazendo ela seguir para dois caminhos distintos.

As laterais da onda passaram por eles e tomaram conta do lago. Agora estavam em segurança.

True desativou a alma deixando seu corpo cair sobre o gelo, mas Kyōki o impediu que batesse a cabeça.

Conseguimos - falou True aliviado.

Muito cedo para comemorar - disse Kyōki encarando a floresta.

Não se preocupe — falou Alexandra, interrompendo o medo do garoto. - Agora eu e Alone assumimos.

Uma pessoa se aproximava saindo da floresta ao encontro deles no lago. Era um homem vestido com roupas pretas parecidas com as de Alexandra. Ele estava com uma aparência séria e decidida.

Ele tomou todo o corpo - disse Kyōki, que percebeu o olhar de dúvida de True. Aproveitando o momento, ele decidiu contar tudo o que acontecera em sua ausência.

Endo parou na margem do lago e avaliou a situação de seus inimigos.

Pelo que vejo vocês conseguiram escapar de meu ataque, mas agora já não lhes resta muita energia.

Nem para você, que a usou naquele ataque - retrucou Alexandra.

Endo não se conteve e começou a rir.

Eu sou um parasita, caçadora. Eu uso a energia do meu hospedeiro, então estou com bastante energia sobrando.

Alexandra não reagiu, o mesmo fez Alone que só observava. Endo avaliava o comportamento dos dois.

Que cena maravilhosa. Vocês não sabem o que fazer, não é mesmo? - disse Endo rindo com a situação dos rebeldes.

Alexandra, irritada, não se conteve e arremessou uma de suas facas em direção ao coração de Endo, que desviou fazendo a faca passar raspando em seu braço, criando um pequeno corte.

O general voltou à alma do garoto ficando invisível novamente. Seguro de que ninguém o atingiria, gargalhou.

Desistam! *Vocês* não podem comigo. Se eu estivesse no lugar de vocês, fugiria o mais rápido que pudesse — provocou Endo que continuou acreditando que era invulnerável. — Por que acham que o Führer me deu o título de general? Porque eu tenho poder para isso, não existe nada que possa me tocar!

Enquanto o general continuava seu discurso, Alexandra e Alone deram um salto para lados opostos, deixando o caminho livre para que True investisse usando o cabo do Flagelo das Almas

para separar a criança do *caído*. Como a lâmina não acertou Peter, ele permaneceu no mundo físico.

True possuía o *olho da verdade*, possibilitando-o, agora mais do que nunca, ver as almas das pessoas e as almas que deixaram seus corpos.

Você fala muito, general - vociferou Alexandra, encarando-o com ódio.

Alone rapidamente agarrou o general pelo pescoço, apertando o suficiente para que ele não tivesse forças para reagir.

Quando foi que... - disse Endo se esforçando para falar.

Nosso plano sempre foi te trazer para o lago onde estava o garoto, que possui a alma de *Tao*, sendo metade dela, anjo. Você deve saber que essa forma tem a habilidade de ver almas, e isso foi sua ruína! - explicou Alexandra feliz que finalmente o tinha capturado.

O general estava atordoado com tudo aquilo. Ninguém nunca o havia capturado, e agora, lá estava ele sem saber o que fazer.

Como planejou tudo isso?

Não me subestime, general! Afinal, fui nomeada como caçadora de elite.

Alone sorriu pensando na ironia. Ela queria que menos pessoas possíveis se envolvessem com seu assunto pessoal, e, agora, todos estavam envolvidos.

Endo, em uma tentativa desesperada, tentou possuir o corpo de Alone, mas ao entrar em seu corpo, viu todas as horríveis cenas que habitam sua mente. Ele não tinha escolha, uma vez que estava preso ao Cérbero. O general viu o imenso cão de sete cabeças fazendo desistir de fazer Alone, seu hospedeiro.

Após alguns segundos, o general saiu do corpo de Alone aos berros. Alone não deixou que fugisse, logo que saiu ele o agarrou novamente.

Como consegue suportar? Essas visões! Sua alma! Tão *corrompida*! Se você se unisse ao exército teria uma grande carreira, nosso senhor lhe concederia...

Quer que eu o mate, Alexandra? - perguntou Alone, ignorando o que Endo falava.

Não. Quero obter mais respostas.

Alexandra virou para encarar True que estava sentado com a ajuda de Kyōki.

Garoto, queria te pedir mais um favor - disse Alexandra. - Quero que entre no *mundo* do general e veja em sua memória como ele encontrou meu filho. Pode fazer isso?

O garoto pensou, ele não sabia se deveria confiar na pessoa que no dia anterior queria matá-los. Além disso, estava exausto.

Se fizer isso, quero que prometa que não irá mais nos caçar — propôs True.

Não se preocupe. Eu só fiz parte do exército para encontrar meu filho, agora não tenho mais motivos para continuar.

True observou como a mulher respondeu. As palavras dela pareciam ser sinceras. Kyōki contou sobre Peter e sobre o general, mas não disse os detalhes sobre os motivos de Alexandra ser uma caçadora.

Se é assim... Mas já aviso, terei que ser breve, não tenho muita força.

Alone levou o general até True, que ergueu a mão direita na testa do mesmo. Ele fechou seus olhos e entrou no *mundo*.

No começo da ditadura, assim que os *caídos* tomaram posse do mundo, os generais foram

escolhidos para cuidar de seus respectivos continentes. Os quatro generais foram rapidamente nomeados por terem qualificações e serem de alta lealdade ao ditador.

Nos dois primeiros anos houve muitas revoltas com a esperança de que as pessoas pudessem recuperar o mundo que perderam, porém foi um fracasso. De todos os continentes, havia um que possuía o maior índice de rebeliões, era o continente americano. Graças a isso, o ditador, querendo resolver o problema, decidiu nomear outro general para ocupar a América do Norte, enquanto o outro que estava na América Central iria para a América do Sul.

O plano parecia ótimo, colocar dois generais em um só continente iria pôr muito mais medo e vigilância nas pessoas, reduzindo o índice de rebeliões. Porém havia um único problema: quem seria esse general. O ditador, apesar de ter vários homens de confiança, não tinha um que possuísse tanto poder para tomar tal responsabilidade. Quando teve uma idéia.

De todos os líderes de rebeliões, havia um que nunca tinha sido pego e que estava dando muito trabalho para achá-lo, seu nome era Brian Oak, líder da maior união de rebeldes que existia.

Por causa daquela situação, o ditador reuniu os três melhores caçadores de sua elite, sendo que um deles era Endo, e propôs a eles que quem capturasse Brian Oak, vivo ou morto, e o trouxesse até ele, ganharia o posto de general da América do Norte. Os caçadores ficaram muito animados com a proposta, àquela era uma oportunidade única de subir de posto, mas eles sabiam que não seria algo fácil, já que se tratava de um inimigo que eles perderam várias vezes de vista. Porém, mesmo com tanta dificuldades, Brian não passava de uma pessoa como as outras, ele não possuía conhecimento sobre as almas.

Depois de quase um ano de procura e extrema dedicação, os três caçadores descobriram que Brian estava morando com sua família na floresta próxima à Yellowknife. Endo foi o primeiro a encontrá-lo e no momento em que ia capturá-lo o outro caçador chegou e o atacou para que ele pudesse capturar Brian e ganhar a recompensa. Foi uma batalha mortal e enquanto os dois lutavam, o terceiro caçador capturou Brian e o levou ao ditador. Endo, apesar de ter ganhado a batalha, matando o caçador que o atacou, estava gravemente ferido. Ele andava lentamente para o lago, caminho que ele pensava que o caçador tinha tomado, porém quando chegou ao lago, encontrou uma mulher e uma criança patinando no gelo. Eram respectivamente Alexandra Oak e Peter Oak, esposa e filho de Brian. Endo ficou contente por encontrar alguém para que pudesse ser seu hospedeiro e assim se recuperar.

Quando ele caminhava lentamente sem forças para correr até os dois, Alexandra o avistou se aproximando e correu com o filho para a margem do lago. Endo estava sem forças para ir atrás dos dois, retirou uma granada de seu bolso e arremessou no lago para que o gelo se rompesse e eles não fugissem.

Com a explosão, Alexandra conseguiu ser arremessada até a margem enquanto Peter afundava no lago. As esperanças de Endo haviam acabado, sem um hospedeiro não poderia recuperar seus ferimentos, mas como uma última tentativa, se arrastou até a margem com a esperança de que alcançaria a mulher.

Depois de se arrastar alguns metros, pôde ver que a mulher estava muito distante, fazendo-o desistir de alcançá-la. Ele, exausto, voltou até o buraco que a explosão fez no gelo para se certificar se a criança estava viva. Vendo o corpo imóvel, se irritou consigo mesmo tamanho o desespero em que se encontrava. Uma criança não poderia sobreviver em uma água tão gelada se nem ao menos soubesse nadar. Com essa conclusão, deu as costas para o corpo submerso, se

deitou no gelo e fechou os olhos, esperando que sua vida chegasse ao fim. Porém, para a sua surpresa, viu uma luz que vinha de dentro do lago, por um momento pensou que estava morto, mas viu que a luz saía da criança.

A luz emergiu com uma grande quantidade de vento à sua volta. Endo estava assustado com tamanho poder e quando conseguiu ver melhor, percebeu que o vento tomava forma de uma criança com o tamanho exato da que tinha acabado de morrer afogada no lago. Logo percebeu que o que estava em sua frente era um espírito e, devido ao desespero, usou sua habilidade para fazer da alma sua hospedeira. Ele não sabia se podia usar sua habilidade em algo que não fosse um ser vivo, mas aquela era a sua última chance.

Para sua surpresa, conseguiu tomar controle da alma da criança e com ela, ele era invencível. Tomado por vingança, esperou que o caçador que capturou Brian tomasse posse da América do Norte, para que quando chegasse o dia, ele atacasse.

No dia em que o caçador ia receber o título de general, vários soldados estavam presentes como testemunhas. O próprio ditador estava no local para oficializar o título. Endo, tomado por ódio, atacou com força total, matando soldado por soldado até que chegasse ao caçador que tomou seu lugar. Endo não teve trabalho em matá-lo, como era invisível e intocável, o caçador foi congelado e morto rapidamente. O único que tinha sobrado era o ditador que aplaudia Endo. Ele não entendia como o ditador conseguia vê-lo ou se estava realmente vendo, mas seus olhos o fitavam como se soubesse de sua localização. O título foi concedido a Endo e por estar exausto pelo ataque, deixou que a criança tomasse o controle por um tempo até que ele se recuperasse.

Então foi assim que aconteceu - disse Alexandra enxugando suas lágrimas.

True retirou a mão da testa do general e tentou consolar Alexandra.

Não foi sua culpa. Se não tivesse levado seu filho para patinar, vocês dois teriam sido mortos pelos caçadores junto ao seu marido, Brian Oak, que foi um grande homem. Eu mesmo o mencionava como referência de esperança. O general só conseguiu controlar seu filho porque sua alma não é de um parasita qualquer, é um demônio parasita. Talvez, por estar no fim da vida entre os dois mundos, Endo conseguiu ver a alma de seu filho.

Talvez tenha razão - disse Alexandra mudando a direção para onde olhava. - Alone, não preciso mais dele.

Como quiser — ironizou Alone com um sorriso maligno no rosto.

Espere! - gritou Endo com suas últimas forças. - Eu não tive escolha! Eu ia morrer! Vocês não sabem como é ter que depender dos outros para sobreviver!

True, apesar de querer tentar fazer do general um *puro*, não se envolveu. Aquela decisão cabia a Alexandra.

Sobreviver? Você é um parasita facultativo, não necessita de um hospedeiro para sobreviver - disse Kyōki.

Na verdade, seria bem melhor que você tivesse morrido em vez de meu filho - Alexandra falou enquanto retirava a faca de seu estojo e cravasse no coração do general.

True não quis ver a cena, mesmo sendo um general, sentia pena dele. Talvez fosse daquele sentimento que o seu lado anjo se originou.

Após Alexandra retirar a faca, Alone procurou um local onde o gelo estivesse mais fino para quebrá-lo e arremessar o corpo do general.

Não disse que o lago inteiro estava congelado, não só a superfície? - lembrou True.

E estava, porém o general não está mais controlando a alma de Peter, então tudo o que ele congelou está derretendo - explicou Alone enquanto jogou o general na água gelada que pouco a pouco ia afundando até atingir o fundo.

Mas se ele é um parasita, não poderia encontrar um ser vivo e possuído lá embaixo? - perguntou Kyōki.

Não existe um ser nesse lago que esteja vivo. Esse lago foi congelado com habilidades sobrenaturais. Pensamos também na hipótese de haver outra alma no lago, mas True já procurou com seu *olho*.

Kyōki olhou para o garoto que assentiu. Apesar de True e Alone não serem mais aliados, Kyōki pôde perceber que mesmo sem planejar nada com antecedência, um sabia exatamente o que o outro iria fazer.

Kyōki, pode me ajudar? Quero ir até Peter - True pediu.

Eles caminharam até a criança que apenas True conseguia ver parada na neve.

Então você é o filho de Alexandra. Peter, não é?

A criança era como Alexandra havia descrito. Ele tinha um pouco de sardas no nariz e um pouco abaixo dos olhos, pele clara, cabelo ruivo com uma franja que cobria a testa. Era pequeno e magro, aparentando cerca de seis anos. Usava roupas de inverno. Apesar de estar morto, permanecia com sua antiga forma.

Peter encarou True e estranhou os olhos de cores diferentes, mas não se intimidou.

Sim, senhor. — True achou diferente o modo como foi chamado, de "senhor". A criança parecia ser bem educada. - Fico feliz que ela esteja bem, mas eu queria que ela pudesse me ver.

Não se preocupe com isso, eu posso ajudá-la - True olhou para a Alexandra e fez um gesto com a cabeça, indicando para que ela se aproximasse.

Ele está aqui? - perguntou Alexandra ansiosa.

True assentiu e se afastou.

Pet, meu filho! - Alexandra estendeu a mão e sentiu quando um vento quente passou entre seus dedos. - Agora tudo acabou, filho. Aquele homem mal, já foi embora. Você vai poder ficar em paz - uma lágrima brotou dos olhos da mãe.

Não chore, mãe — disse Peter enxugando a lágrima com o vento. — Eu estou bem. Vou poder rever meu pai. Ele deve estar com saudade, de nós dois é claro. - Alexandra riu com a preocupação do filho de incluí-la. - Mas para partir, preciso saber se ficará bem, mãe. Não quero que continue com esse olhar, você é muito linda para ficar assim - Peter tocava o rosto de sua mãe e ela pôde sentir.

Não se preocupe, filho. Mamãe ainda tem algumas coisas para fazer, mas não vai continuar no exército. Eu te prometo! - Alexandra sorriu esforçando-se para não chorar.

Fico feliz - Peter abraçou sua mãe que fechou os olhos para se concentrar no vento à sua volta. True assistia a tudo de longe, ele estava feliz em poder ajudar no reencontro, mas sabia que Peter tinha que partir. - Eu te amo, mãe. Mas agora tenho que ir, estaremos esperando por você, eu e meu pai.

Tudo bem, filho. Descanse em paz. Mamãe também te ama, muito - Alexandra não aguentou e deixou as lágrimas escorrem pelo seu rosto.

True viu Peter mudar sua forma, transformando-se em luz, desfazendo-se lentamente até ir em

direção ao sol que quase não dava para se ver em meio ao clima.

Ele foi embora - avisou True.

Alexandra chorava, mas aliviada que tudo tinha acabado. Ela finalmente havia se livrado do imenso peso que carregava, acusando-se por todos esses anos da morte de seu filho. Agora a paz voltou a sua mente, sabendo que seu filho estava feliz ao lado de seu marido que tanto amava.

Obrigada, garoto. Estou em dívida com os paladinos.

Kyōki ajudou True a chegar perto de Alexandra, ele estendia a mão para ajudá-la a se levantar. Não precisa agradecer. A Ordem dos Paladinos só quer a paz no *mundo* das pessoas. É desse modo que pode nos agradecer.

True viu o guepardo, a alma de Alexandra, diminuir sua *corrupção*. Uma aura negra deixava a alma, o que não foi o suficiente para voltar a ser *pura*, mas era um começo.

Prometo que darei uma nova chance ao meu *mundo*, paladino. Mas agora não é o momento, ainda preciso fazer uma coisa antes.

O garoto não compreendia os pensamentos da caçadora, aquele parecia ser o momento ideal para dar uma nova chance à vida, ele ia perguntar o que a mulher pretendia, mas Kyōki o interrompeu:

Eu estava pensando. Se o lago está derretendo, não significa que Light também esteja? - perguntou Kyōki.

O garoto de fones de ouvido lembrou a todos de algo muito importante, haveria uma chance de Light sobreviver. Todos imediatamente partiram para onde o corpo de Light havia sido congelado, no entanto, quando True passava por Alone, sussurrou algo próximo a ele.

Devia ouvir seu avô.

Não se intrometa onde não é bem-vindo, garoto - alertou Alone, cerrando os punhos.

Você já parou para pensar: talvez não seja as pessoas que não tenham lhe dado uma segunda chance, mas, sim, você, quem não deu a si mesmo?

Antes que Alone retrucasse, True correu ao encontro de Kyōki e Esmeralda que iam em direção ao local onde Light fora petrificado. Juan acompanhava com os olhos a partida dos jovens, para que pudesse ficar sozinho com o neto, mas antes que percebessem, Alone e Alexandra já haviam partido. O homem, de quase setenta anos, queria se despedir do neto, mas já era tarde.

Cuide-se, meu neto - Juan pensou com um aperto no coração.

Alone seguia seu caminho para sudeste rumo a Niagara Falls quando percebeu que Alexandra o seguia.

Por que está me seguindo, caçadora? Nós tínhamos um acordo, você cumpriu com sua palavra e eu cumpri com a minha, logo não há mais necessidade que andemos juntos.

Não sou mais uma caçadora, desertei do exército - lembrou - Alone, sei o que vai fazer, mas saiba que não precisa seguir este destino desolado. Eu posso ajudá-lo.

Não preciso da sua ajuda. Você cumpriu um acordo sem me apunhalar pelas costas e já estou grato por isso. Não preciso lhe dar outra oportunidade.

Como você disse, eu não o apunhalei pelas costas. Você pode confiar em mim, graças a você pude reencontrar meu filho. Se for melhor, façamos outro acordo: eu te ajudo com seu destino e você me ajuda a dar o troco no exército pelo que eles fizeram a mim e a minha família. Nós podemos ajudar um ao outro.

Alone ficou pensativo por um instante.

Faça como quiser — ele respondeu e se virou para caminhar.

Só me prometa uma coisa, Alone. Prometa que nunca tentará nada comigo! Eu amo muito o meu falecido marido e não é só porque ele morreu que...

Alone se virou rapidamente antes que Alexandra pudesse fazer qualquer movimento. Ele a agarrou pelo pescoço e a ergueu alguns centímetros do chão.

Olhe bem para estes olhos! - Alone rugia. - Acha que eu tentaria algo com você, mulher! Ao contrário de sua história, a minha não teve um final feliz!

Alone a soltou e ao atingir o solo, a mulher tossia com a falta de ar.

Brian dizia que toda história tinha um final feliz, se não teve, é porque não chegou ao fim.

Alone parou novamente. A mulher pôs o braço à frente do corpo, imaginando que ele a atacaria novamente, mas ao contrário do que ela esperava, ele respondeu:

E onde Brian está agora?

Alexandra não disse nada. Apenas se levantou e seguiu o *caído* em direção à fronteira do Canadá com os Estados Unidos.

Foi o que pensei... - murmurou.

Light foi encontrado vivo e foi levado até a o bar de Juan, que com suas empregadas cuidou para que Light não pegasse uma doença séria devido ao tempo que ficou exposto ao frio.

Todos se recuperaram após um banho quente e depois de terem cuidado de suas feridas. A janta preparada pela esposa de Juan ajudou na recuperação, inclusive na de Juan, que sofreu danos quando defendeu True e Esmeralda dos ataques dos cães. True usou as chamas de sua alma para ajudá-los a cuidar dos ferimentos.

Juan não falou nada sobre ter visto Alone, ele não queria fazer sua esposa sofrer mais do que ela sofria com saudade do neto e de seus parentes que foram mortos.

Na manhã seguinte, após uma ótima noite de sono, todos estavam totalmente recuperados e, com exceção das empregadas e da esposa de Juan, esperavam o despertar de Light.

Quando enfim ele abriu os olhos, todos sorriram e o cumprimentavam, dando as boas-vindas. Light ficou contente de encontrar todos os seus amigos bem e preocupados com sua saúde. Ele estava recuperado e contou que tinha feito uma barreira com suas últimas energias em volta do seu corpo quando o general o congelou. Isso impediu que o interior do seu corpo fosse afetado, mantendo-o vivo.

True, como era o líder temporário, relatou tudo o que acontecera enquanto ele esteve congelado. Light acompanhou surpreso todo o percurso da história. True tinha ficado com uma grande responsabilidade em seus ombros.

Distintivos... Eu nunca imaginei que eles fossem tão organizados - disse Light surpreso.

Eu também não imaginava... - True ia concordando quando foi interrompido por um de seus pensamentos. - Esmeralda! Você era tenente-coronel, não recebeu um distintivo?

A garota estava distraída e quando virou o centro das atenções, corou.

Eu acho que não. Victor apenas me dava colares e pulseiras.

- Colares! É isso! Eles usavam acessórios comuns como distintivos para não chamar a atenção.

Traga para mim os colares que ganhou do general.

Esmeralda assentiu e foi correndo até sua pequena mala para pegar seus acessórios, que eram

muitos, mas nem todos foram dados pelo falecido general.

Juan, assim que certificou que Light estava bem, deixou o quarto para continuar seus afazeres, sem conseguir esconder a expressão entristecida. True olhou pelo corredor para ver se alguma empregada ou a esposa de Juan estava por perto para conversar sobre Alone.

Como eu te contei, tivemos uma luta difícil contra Alone e durante o combate, descobrimos sobre Juan ser seu avô. Por acaso sabia de alguma coisa? - True indagou.

Alone não fala muito dele, mas quando dizia algo do avô, sentia muito orgulho. Juan é muito conhecido por onde ele passa, faz várias amizades por sempre ajudar as pessoas. A esposa dele não fica muito contente por todo o tempo as pessoas o procurarem quando precisam de ajuda, temendo que abusem da boa vontade do marido. Uma vez ele me disse que nunca conheceu alguém como Juan, forte e calmo ao mesmo tempo. Alone agradecia por ser neto dele, assim não tinha riscos de enfrentá-lo - Light sorriu com a lembrança.

True pensou no exato momento em que Juan apareceu para ajudá-los, ele se lembrou de que Alone nem se atreveu a lutar contra o avô, mas o que ele não sabia era se Alone tinha medo de enfrentá-lo ou se não queria feri-lo.

Eu achei estranho, depois de tudo o que Juan presenciou, ele não me questionar sobre nada. Se estivesse no lugar dele, nos bombardearia de perguntas.

Light sorriu.

Juan é uma pessoa sábia, True. Alone também nunca entendeu esse lado do avô, mas é nesse ponto que os dois são parecidos. Juan sabe que o neto passa por dificuldade e isso já é o bastante para ele. Ele sabe que por mais que nos pergunte, ele não entenderá devido à sua experiência de vida. Se é difícil para os mais jovens entender sobre as almas, imagine alguém que sempre viveu acreditando em antigas crenças. É um ponto delicado.

True refletiu sobre as palavras de seu líder. No primeiro momento ele estranhou o comportamento de Juan, mas pensando melhor, nada que soubesse iria mudar o fato de Alone estar passando por problemas. E o único e verdadeiro fato que o preocupava era a mudança brusca de seu neto.

Achei! São todas estas — disse Esmeralda chegando e interrompendo a conversa.

Light deu uma boa olhada em todos os colares e pulseiras, porém só foi achada a sigla B.M.S.E nos colares, a mesma sigla que tinha na bandeira do exército. Ele então deduziu que os colares seriam os distintivos dos Tenentes e Majores.

Obrigado, Esmeralda, você ajudou muito - agradeceu Light com um sorriso no rosto, deixando-a feliz por ser útil.

Agora que todos tinham ido para outros cômodos. Light pôde conversar a sós com True. Aproveitando para notar a mudança de cor nos olhos do garoto.

True! O que houve com seus olhos?

- Ah, isso... - True não sabia direito o que tinha acontecido, mas talvez Light soubesse explicar. - Não sei como foi exatamente, eu senti uma dor no coração que subia até meus olhos. Não sei ao certo se estavam queimando ou congelando.

Light ficou pensativo analisando os olhos.

Assim que eu sair desta cama, você fará uns exames para checar como está sua visão.

Não se preocupe, Light. Minha visão está ótima, consigo ver até melhor as almas. Tajji explicou que o *olho da verdade* ficou permanente.

Entendo. Mas deixe a parte da "visão ótima" para os exames.

True bufou. Quando Light dizia algo era difícil mudar sua opinião, então resolveu mudar o assunto.

Light, tem mais uma coisa. É sobre Juan. Quando fiquei com esses olhos, pude ver a alma imensa de um leão. Era a alma dele, mas pelo jeito ele nem suspeita do poder que ele possui.

Entendo. Há casos assim, True. Certas pessoas possuem seus princípios e os seguem dignamente, assim como Juan. Mas elas não acreditam em um poder espiritual. Podemos colocá-los entre as *aves* que não voam e as que estão no céu. Da forma deles, ajudam as pessoas, podendo até fazer nosso papel de trazer um *caído* aos *puros* - Light tentou explicar.

O garoto se lembrava da metáfora que Light usou quando se conheceram, quando explicou a ele sobre a diferença entre as almas. Ele esqueceu rapidamente o assunto quando se lembrou da dúvida sobre seu novo destino.

Quando partiremos para o outro continente? Ou melhor, qual será o próximo?

Eu estava pensando em ir para a Ásia. Kyōki só está conosco para libertar o Canadá, que agora está livre graças a vocês, e Tóquio, onde se encontra o outro general. Jack deve estar de volta amanhã pela manhã, será quando partiremos.

Tudo bem. Vou avisar aos outros.

Só mais uma coisa! - gritou Light para que True esperasse. - Você se saiu muito bem! - disse tendo o cuidado de elogiá-lo.

O garoto sorriu e fez um gesto de agradecimento.

Light se deitou novamente curtindo a paz que sentia por mais pessoas serem livradas da ditadura. O gesto de True lembrava muito Alone. Light riu com a comparação, eles eram reservados, mas valentes na hora que era preciso. O efêmero silêncio foi interrompido com o barulho de duas pessoas subindo as escadas.

Light, tem mais uma pessoa querendo te ver - informou Juan batendo na porta.

Light, apesar de estar cansado, se levantou e disse que a pessoa podia entrar. Ele sempre se deixava por último, mostrando primeiro nas pessoas a sua volta.

Light! O que você aprontou enquanto eu estive fora? - Era Jack e ao ver seu estado, ficou assustado.

Não se preocupe, meu velho amigo, agora estou bem. Pensei que você só viria amanhã.

Não tinha muitos voos para fazer, então vim mais cedo. Na verdade, queria saber antecipadamente para onde vocês pretendem ir agora.

Nosso próximo destino será Tóquio, devemos sair amanhã pela manhã se você puder - disse Light contente pelo amigo ter chegado com antecedência.

Tudo bem. Vou programar um voo para amanhã bem cedo. Acredito que com a ausência do general não teremos problemas como no último voo.

Isso seria bom.

Light e Jack conversaram um pouco mais. Jack estava interessado no que tinha ocorrido. Light contou a ele sobre o fim do general e que finalmente um continente inteiro estava livre.

Enquanto os Paladinos arrumavam suas malas para partirem para Tóquio, o seu novo destino, muito longe de onde estavam, o ditador ordenou uma reunião com os generais restantes. Com o atual estado de rebelião, não podia mais ignorá-los.

Estamos todos reunidos? — A voz inflexível do ditador ecoou pela sala.

Sim, meu Führer - disse um dos generais.

A reunião começou com o ditador se levantando e indo até um quadro onde se encontrava o mapa-múndi. Nele mostrava, em vermelho, os territórios que pertenciam ao seu exército e em branco os territórios conquistados pelos Paladinos.

Como vocês podem ver, nosso inimigo dominou todo o continente americano. Nossos generais não foram suficientes para detê-los. Agora que eles dominaram todo um continente, não podemos ignorá-los - disse o ditador quebrando a varinha que segurava, demonstrando o quanto estava irritado.

Não se preocupe, Führer - falou uma voz quase impossível de se descrever. Aqueles que a ouviam sentiam sua sede por destruição. As palavras saíam como risadas. Ela lembrava um predador que se diverte ao ver sua presa amedrontada, sem chances de sobrevivência. - Certamente, irão ao meu continente, e quando isso acontecer, eu os matarei!

A sala de reuniões estava escura, impossibilitando de ver os rostos de quem estava presente. Apenas uma lâmpada no centro da sala fazia a iluminação.

O ditador avaliou o general que estava confiante, mas teve que atualizá-lo do que estava acontecendo.

Não tenho dúvidas quando a isso, Pandinus. Porém eles não vão para o seu continente, o Africano. Nosso informante nos disse que eles estão se dirigindo para Tóquio, na Ásia.

Como podem ignorar meu continente! — gritou Pandinus em frenesi, arremessando a cadeira que estava sentado contra a parede que a espatifou.

Eles devem ter motivos para isso - disse o outro general que estava calmo, apoiando a cabeça com sua mão.

Pandinus, que estava em pé inquieto, encarou o outro general com ódio por ele ser o general da Ásia.

Silêncio! — gritou o ditador fazendo os dois generais em crise se calarem. — Preciso que vocês trabalhem juntos e quero que vocês deem as boas-vindas aos nossos rebeldes - o ditador deu uma efêmera gargalhada. - Akuma, você tem consciência de que *ele* virá, não tem?

Sim, meu senhor. O que me deixa mais empolgado! - sorriu o general da Ásia continuando na mesma posição na cadeira.

Muito bem. Pandinus Imperator, general da África, e Akuma Genkaku, general da Ásia, tenho um trabalho para vocês!

Pandinus sentou-se novamente na cadeira com um sorriso maligno, interessado na missão que seria ordenado. O outro general, Genkaku, não teve nenhuma reação, apenas esqueceu as provocações do general e se concentrou no Führer.

Havia outro e o último general na sala, era uma mulher que estava mais afastada dos outros, sentada na última cadeira do lado mais sombrio da sala. Além do ditador, ninguém a tinha notado.

Canadá — Yellowknife.

- A... Z... R... F...

A noite havia chegado quando True fazia o exame de vista improvisado por Light. Ele fez uma espécie de tapão para que o garoto pudesse testar cada olho individualmente. Há alguns metros estava uma folha que Light segurava com algumas letras que variavam de tamanhos.

Light, já chega! Estou cansado de ficar falando letra após letra!

Muito bem. Realmente sua visão está ótima, melhor do que a minha, devo admitir - disse Light olhando desconfiado para o tamanho das letras.

Esmeralda assistia ao exame, sentada em um banco no canto do quarto.

Light olhou torto para a garota e suspeitou:

Você não está dizendo as letras através do *Laço*, ou está?

Light! - True se irritou com a teimosia do tutor.

Desculpe - Light sorriu assumindo o erro. — Mas é porque esses olhos estão me incomodando. Essa mudança de cor pode ser relativa à alma, mas ficar permanente... Isso é estranho - Light tentava pensar em algo botando a mão sobre a cabeça, sentando na cama para relaxar. - True me diga mais uma vez o que aconteceu.

Mas Light! Eu já disse mil vezes!

Por favor.

True suspirou cansado.

Eu senti meu olho direito queimar e meu olho esquerdo congelar... - contou True novamente, desanimado. - Então depois que a dor passou, conseguia ver as almas mais estáveis.

Só isso? Tinha mais coisa na primeira vez que me contou.

Além da dor no peito, não teve mais nada que...

Dor no peito... Dor no peito! - interrompeu Light. - Mas é claro! True tire a blusa, preciso certificar uma coisa!

Tirar minha blusa? Mas Light, estamos no Canadá, melhor dizer qual das sete blusas devo tirar.

Não seja exagerado, aqui dentro tem aquecedor e o quarto está fechado. Comparado ao frio que enfrentou lá fora, alguns segundos sem camisa não vão te matar.

True olhou torto para a garota no canto do quarto. Light percebeu para onde o garoto olhava e logo chamou sua atenção.

Não está com vergonha da Esmeralda, está?

O que? Eu? Não, é só que posso escutar os pensamentos dela e isso pode ser... estranho — True corou ao tentar se defender.

Esmeralda riu da timidez do garoto.

True, você as vezes é tão fofo! — provocou Esmeralda através da mente o que fez o garoto corar ainda mais.

Vocês não precisam manter o *Laço* conectado em tempo integral, apenas quando quiserem, é claro.

True e Esmeralda se entreolharam, eles não sabiam desse detalhe.

Dando uma instrução em suas mentes, eles desfizeram o *Laço* dourado que unia a mente dos dois.

E então? - perguntou Light.

Não escuto nada - disse True e Esmeralda confirmou.

Ótimo, agora tire a camisa.

True, sem escolha, retirou a blusa de frio e as outras camadas de camisas sem mangas que usava por baixo. Assim que descobriu seu peito, Light viu uma espécie de estigma que lembrava uma tatuagem.

A marca era a mesma da bandeira do exército. O símbolo estava localizado exatamente onde seria o coração, explicando a dor que o garoto sentira naquele dia.

Como isso surgiu, True? - Light indagou.

Eu não sei, na verdade, nem sabia da existência dela, se não fosse você nunca saberia que estava aí.

Ele apenas sentiu uma dor no peito, Light - Esmeralda tentava ajudar. - Dizia que o coração ia explodir, mas depois de um tempo passou.

Light não disse nada. Já tinha ouvido a versão do garoto, que fora a vítima, e da garota, que presenciou o momento. Ele colocou a mão no queixo pensativo e andava de um lado a outro inquieto.

Sobre seus olhos, acredito que seja algo de sua alma. Uma característica própria dela. Mas essa marca, nunca tinha visto antes. Ela é a mesma que o ditador usa em sua bandeira, mas não sei o que isso significa — Light fez uma pausa esperando que o garoto vestisse a roupa.

Boa coisa não deve ser - disse True desanimando. - Se é o mesmo símbolo do exército, talvez eu tenha uma relação maior com meu lado *caído*.

Não acho que seja esse o motivo, de qualquer forma, acho que já tomei bastante tempo dos dois.

Vocês podem ir e terminem de arrumar as coisas para a viagem de amanhã.

Esmeralda e True deixaram o quarto rapidamente. Light imaginou ter ouvido True murmurar algo como "Pensei que nunca sairia daqui", mas ignorou. O símbolo no peito esquerdo do garoto o preocupava, não menos que a mudança de cor dos olhos.

Light não queria dizer ao garoto, mas a *corrupção* que sentiu emanar do estigma o preocupava.

Ele é mais parecido com você do que imaginei — pensou Light enquanto tocava no camafeu que levava em seu pescoço.

Capítulo 24

Cilada

Todos levantaram bem cedo, checando mais uma vez suas bagagens. Esmeralda, no dia anterior, pediu para True, com a permissão de Light, para que conhecessem o Canadá. Já que conseguiram libertá-lo e só no outro dia partiriam, Light não teve motivos para impedir.

A garota quis ir mais uma vez ao lago onde tudo aconteceu, era um passatempo que algumas pessoas, assim como ela, gostavam de fazer. Lugares que marcavam histórias são bons para passar o tempo e lembrar os acontecimentos.

True, está tudo bem? — Esmeralda indagou vendo a expressão triste do rapaz.

Só estava pensando na marca em meu peito.

Não deixe que isso fique te atormentando - Esmeralda colocou sua mão sobre o local do estigma.

- Logo descobriremos que isso não é nada, e as pessoas vão achar que é durão por parecer que fez uma tatuagem.

Tem razão... Espere! "Achar que é durão"?

Convenhamos, True. Um garoto que fica com vergonha de tirar a blusa na frente de uma garota não me parece muito "durão" - Esmeralda riu com a provocação.

Como tem coragem de dizer isso! Volte aqui garota! - True sorriu e correu atrás de Esmeralda que fugiu sorrindo em direção à casa de Juan.

Kyōki estava ansioso para ir à Tóquio, mas ele guardava um segredo que decidiu contar para todos antes que eles descobrissem sozinhos. O garoto asiático esperou que True e Esmeralda chegassem para então reunir os paladinos.

Light havia conversado naquela manhã com Juan sobre a importância de ele se unir à ordem. Juan salvou a vida dos dois jovens e poderia reforçar sua guarda caso eles se descuidassem. Ele possuía uma alma formidável que se aprendesse a usá-la, poderia fazer uma grande diferença. Juan não concordou na primeira tentativa de Light, mas depois que pensou melhor, poderia proteger aqueles jovens além de ter novamente a chance de reencontrar o neto. O que o fez lembrar-se dos estranhos cães que evaporaram em uma fumaça negra. Juan tinha comentado o sobre incidente com Light e o líder rebelde explicou da forma mais simples que pôde, mas no fim Juan não quis se envolver no assunto sobre as almas. Quando se decidiu, foi contar para a esposa, que não gostou muito da idéia, mas teve que deixá-lo ir. Apesar de estar feliz que Juan iria com eles, Light sabia que o homem estava indo contra a própria vontade, motivo que, entristecia Light.

Assim que todos estavam presentes, Kyōki pediu para que se sentassem à mesa do bar. Light aproveitou para que todos levassem suas bagagens para facilitar quando Jack chegasse.

Quero que prestem bastante atenção no que tenho a dizer - disse Kyōki fazendo todos se calarem e esperarem por suas palavras.

Está tudo bem, Kyōki? - Light indagou.

Sim, mas preciso que saibam de uma coisa - o garoto assentiu fazendo Light se preocupar com o que ele tinha a dizer. — Antes que saibam por outra pessoa, quero que fique claro que o general da Ásia, Akuma Genkaku, o qual enfrentaremos, é meu pai.

Todos levaram um choque com a notícia, alguns até ficaram boquiabertos com a notícia. O

garoto quase não se comunicava e sempre que dizia alguma coisa, era importante, fator que deveriam ter levado em conta para que não se abalassem tanto com a notícia. Apesar da surpresa de todos, Kyōki mantinha sua expressão séria, não demonstrando medo ou algum tipo de incomodo.

Isso significa que teremos uma guerra contra o seu pai? — True quis se certificar de que não ouviu errado, se levantando e botando as mãos sobre a mesa.

Kyōki apenas assentiu e Light não sabia o que dizer, mas como líder, teria que fazer algo. True ia se envolver mais uma vez, mas foi impedido.

- True! - gritou Light para interromper o garoto. - Kyōki tem que dizer se está tudo bem para ele, e se estiver, não podemos fazer nada! A decisão cabe a ele!

True ia retrucar, mas decidiu ficar quieto.

Jack entrou no bar interrompendo a situação tensa que estava acontecendo. Light foi cumprimentá-lo e ordenou que todos levassem suas malas para o transporte de Jack.

A ida até o aeroporto só não foi em total silêncio porque Light e Jack conversavam sem parar sobre suas histórias de piloto. Porém, assim que embarcaram, Light foi novamente servir como copiloto, deixando o silêncio pairar na cabine dos passageiros.

Esmeralda estava na poltrona da janela e True estava ao seu lado. Kyōki, sempre distante, estava na primeira poltrona da janela do lado esquerdo, oposto onde os outros dois estavam. Juan já estava mais próximo, sentado ao lado da poltrona de True, apenas o corredor os separavam.

A esposa de Juan, junto à empregada, foi até o aeroporto se despedir de todos. Esmeralda acenava para elas pela janela, mas logo tiveram que ir embora para que o avião decolasse. A esposa ficaria bem agora que os soldados foram embora do continente, amedrontados com os paladinos.

Desta vez ninguém estava usando as roupas especiais da organização, apenas roupa comum. Com a destruição da base, ficaram desamparados em relação à comunicação e utensílios para a batalha. Dessa forma, estava impossibilitada a comunicação com a base da Ásia, que serviria para avisá-los de sua viagem até o continente.

A viagem foi tranqüila, o tempo estava perfeito, a derrota do general ajudou muito nesse fator. O avião que Jack usava era geralmente usado para transferir civis de um país a outro, facilitando quando houvesse inter-calações para que os soldados não os impedissem de seguir viagem.

Assim que estavam chegando depois de longas horas de voo, Jack anunciou ao rádio e True foi até a cabine para observar Tóquio de cima. Ele adorou a vista, porém algo a mais chamou sua atenção. Jack estava usando um colar prateado o qual True nunca tinha reparado. Com um movimento do pescoço, True viu algo escrito no colar, mas não pôde ver claramente o que era. Jack teve que pedir para o garoto voltar ao assento, pois iriam pousar.

Quando Jack virou o avião para iniciar a aterrissagem, Light viu algo extremamente desagradável. Na pista de pouso estava esperando por eles uma aglomeração de soldados ansiosos para capturá-los.

Jack! Está vendo aquilo? Algo não está certo, não é necessária aquela quantidade de soldados para fazer a vigilância nos aeroportos. Eles devem ter descoberto algo, temos que levantar o avião agora mesmo!

Tarde de mais, Light - respondeu Jack, calmo, o que Light estranhou. - Estamos muito perto da pista, agora teremos que pousar.

Light sabia que dava para erguer o avião, mas a insistência do amigo o fez hesitar. Tudo o que podia fazer agora era alertar a todos do perigo.

Ele anunciou ao rádio para que todos, com exceção de Juan e Jack, ativassem suas almas, pois havia inimigos os esperando. Light não sabia o que fazer, se o exército decidisse atacar, não teriam nenhuma chance.

True foi o primeiro a descer do avião, concentrando-se para criar o gelo e formar o escudo que o ajudou na batalha contra Alone. Light foi logo atrás do garoto e em seguida Jack e Kyōki. Esmeralda foi a penúltima protegendo Juan que era o mais vulnerável.

Aqui é Genkaku Akuma, atual general da Ásia! - disse o general no alto-falante. Ele usava um terno elegante que substituiu sua farda. O cabelo escuro era bagunçado, mas não era muito comprido. Os óculos de lentes lilás cobriam seus olhos. — Nós estamos aqui representando o Führer! Não temos a intenção de atacar, queremos apenas fazer um acordo com vocês! Para que possamos conversar melhor, peço a vocês que dessincronizem suas almas!

Ao lado do general da Ásia estava outro general, Pandinus, o general do continente Africano. O homem devia ter dois metros de altura e aparentava ser bastante forte. Sua pele era escura e seu rosto era coberto por um capacete, deixando apenas o nariz e a boca a mostra. O cabelo longo e crespo saía do capacete até sua cintura em uma trança. Vestido com um sobretudo que escondia todo o seu corpo, com exceção das pernas, as quais eram cobertas por uma espécie de armadura de aço.

True olhou para Light, esperando por sua ordem.

Como saberemos que não irão atirar em nós quando desativarmos nossas almas? - indagou Light o mais alto que pôde enquanto estudava os soldados fortemente armados que os cercavam.

Se quiséssemos matá-los, já teríamos feito isso enquanto estávamos pousando!

Light estava nervoso. Tinham apenas duas escolhas: se arriscarem a conversar ou reagir, porém estavam em grande desvantagem para a última alternativa.

Eu tenho um plano, mas é arriscado - sussurrou Light apenas para que seus companheiros ouvissem. - Posso colocar uma barreira em volta do avião até que nós decolemos e... - Light ia dizendo, mas Jack o interrompeu, apontando uma arma para sua nuca.

Você não vai tentar nada, Light!

Todos ficaram chocados com o que estavam vendo. Como já tinham descido da rampa do avião, Jack pôde puxar Light para longe deles antes que reagissem.

Por que está fazendo isso, Jack? — perguntou Light atônito.

Porque eu sou o Major da Ásia!

True, quando ouviu aquelas palavras, se lembrou do colar que viu no pescoço do piloto. O que ele tinha visto escrito no colar era a sigla do exército. O garoto se perguntava por que não tinha percebido antes, ele poderia salvá-los daquela situação, mas agora era tarde e teria que dar um jeito de ajudar Light.

Vocês devem ter conhecido meu major, Jack Eagle! Mas agora digam sua resposta! — disse o general da Ásia, apressado.

Com Light como refém, não tiveram escolha, então desativaram suas almas. Com as mãos estendidas se rendendo, os soldados foram até cada um deles e os algemaram, levando cada paladino em uma viatura distinta. A que mais sofreu com a situação foi Esmeralda que gritava apavorada.

Um helicóptero e alguns cinegrafistas mostravam ao vivo em rede internacional os paladinos serem levados até o quartel general.

A viagem não durou muito e logo todos se reencontraram na entrada do quartel. Kyōki reconheceu o local e avisou True:

Esta é a base militar deste continente. Aqui funcionava um templo budista, o templo Zojoji, antes da ditadura.

True olhou curioso para o templo, sempre quis conhecer um, mas não daquela maneira.

Os rebeldes foram escoltados até uma sala enorme com vários sofás. Havia uma mesa no centro onde Akuma se apoiou enquanto permanecia de pé. Jack ficou do lado direito do general e soltou Light para que se sentasse com os outros rebeldes.

True notou, assim como seus companheiros, que havia outro general que estava à esquerda de Akuma. Algo os dizia que ele não era um general comum, por possuir uma cauda de escorpião revestida de aço, que não tinham notado antes, apenas o ferrão na ponta da cauda estava desprotegido. O general da África estava com um sorriso amedrontador, enquanto, de tempo em tempo, passava a língua entre os lábios.

Akuma pôde notar os olhares amedrontados e curiosos para o outro general, então resolveu apresentá-lo:

Este à minha esquerda é o general Pandinus Imperator, general da África. Ele estava ansioso para conhecê-los. Mesmo em tão pouco tempo, vocês ficaram famosos.

Muito prazer, minhas presas - disse o general alargando o sorriso.

Eles não serão suas presas, general! Caso concorde com nosso acordo, é claro — lembrou Akuma.

A atenção voltou para o general da Ásia. Eles avaliavam enquanto ele ajeitava os óculos no rosto e mexia no cabelo negro e bagunçado. Suas ações o contradiziam. Apesar de usar uma roupa elegante, o cabelo bagunçado e o modo como se apoiava aparentava alguém relaxado, mas o cuidado com os óculos e a posição da gravata demonstrava ser perfeccionista. True aproveitou para dar uma olhada na alma do inimigo. Ela parecia adotar a forma de uma borboleta ou de uma mariposa, o garoto não sabia distinguir nem o que significava. O que pôde perceber é que dela saía uma aura *corrompida* que confundia seus sentidos. A alma, tingida de vermelho, parecia grande para uma mariposa, equivalendo-se ao tamanho do rosto de Akuma.

O Führer reconhece a força e coragem de vocês e acha uma pena desperdiçar tanto talento. Mandou avisá-los que os generais que combateram não se equivalem a nós. Se por acaso pensam que somos iguais...

Genkaku deu uma risada baixa - podem esquecer! Caso nos enfrentem, serão, sem dúvida, mortos! Ou pior...

Todos congelaram, estavam sendo subestimados, mas por alguma razão acreditavam nas palavras do general. Akuma se levantou, ajeitou o elegante terno e foi até o outro lado da mesa e se apoiou.

Possuo uma habilidade interessante que vocês chamam de "ler a mente", mas o que realmente faço é vasculhar suas memórias.

Deve ser a mesma habilidade que eu e Light possuímos - pensou True.

Não. Não é a mesma habilidade, garoto, e se me permite o elogio, seus olhos são fascinantes!

True paralisou, mesmo em uma fração de segundos, o general tinha lido sua mente e até

descoberto sobre seus olhos, o qual não parecia amedrontá-lo.

Como eu ia dizendo, posso procurar por todas as suas lembranças, inclusive descobrir seus maiores medos. Para provar, vou falar qual seria o pior pesadelo para cada um de vocês. Vou começar por você, Juan - apontou para o homem imóvel até então. - Juan, seu maior pesadelo é que todo o mundo entre em guerra, haja um massacre e ninguém nunca mais olhe para o outro com um olhar de ternura. Você teme que o mundo encarne o ódio. Você teme isso porque já viveu uma guerra... Você tentou impedir que nossas tropas dominassem o mundo há cinco anos, agora eu me recordo.

Juan não disse uma palavra, apenas ficou de cabeça baixa.

A próxima é... Esmeralda? - O general pareceu confuso ao vê-la.

Pensei que o Führer tinha mandado Alexandra cuidar de você... Então ela reencontrou o filho e é agora uma traidora! Lembre-se de contar isso ao Führer, Pandinus — interrompeu Genkaku virando-se para o aliado.

Enfim, seu maior medo é que seu passado volte. Medo de ser abusada inúmeras vezes pelos homens mais uma vez.

Cale a sua boca imunda, maldito! - vociferou True avançando para atacar o general, mas foi impedido por dois soldados que o seguravam pelo braço e o apunhalaram no abdômen.

Apesar de True ter gritado com o general, estava com medo. O general estava não só descobrindo os nomes de cada um, como revendo suas memórias, descobrindo sobre Alexandra e sobre todos os medos individuais. Como se não fosse o bastante, quanto mais o garoto encarava a alma do general da Ásia, mais entranho ele se sentia.

Você é muito corajoso, True. Então você é o garoto que possui a alma de *Tao*. Eu acho sua alma interessante, mas a minha é muito superior. Vamos ver seu medo garoto... — O general ficou um pouco pensativo por um instante. - Desculpe a demora, mas achei sua mente fascinante! Seu medo é de que Esmeralda sofra novamente e você não possa ajudá-la. E estranho por que...

Cale-se! - gritou True novamente e desta vez o próprio general o acertou com vários socos, terminando com uma joelhada no queixo que jogou o garoto contra o sofá.

Juan não aguentou ver aquela cena. Ele se levantou e acertou em cheio uma cabeçada no nariz do general, fazendo-o sangrar. Pandinus não se conteve com o ato do prisioneiro, então decidiu acertá-lo com o ferrão de sua cauda, gravando-a no peito do rebelde.

Juan! - Light gritou, preocupado com a gravidade do ferimento.

O veneno não irá te matar de imediato. Ele aumenta mês a mês, até que um dia seu corpo não irá mais agüentar - explicou Pandinus.

Juan gemia com a dor, mas eles não podiam fazer nada, apenas lamentar o que tinha acontecido. O próximo é Light - o líder dos paladinos ficou pálido por um tempo, como se estivesse com medo que o general lesse sua mente. - Acredito que não haja necessidade de penetrar em sua mente, já que todos sabem de seu maior medo. Você e sua organização falhando em tentar restaurar o mundo, mas não devo te iludir, seu maior medo será real - continuou o general depois de limpar o sangue que escorria do nariz. - O próximo é...

O general olhou para o lado e teve uma surpresa.

Filho? Não percebi que estava aí. Que vergonha, andando com más companhias, era para você ser meu major, mas é uma pena. Eu também não preciso ler sua mente para saber seu maior medo, que é eu fazer mal à sua mãe.

True não entendeu o comportamento frio da parte do general. Ele deveria estar longe do filho durante algum tempo, mas não tinha demonstrado nenhum tipo de afeto. Kyōki também não demonstrou entusiasmo ao revê-lo. O garoto apenas assistiu o pai voltar para a mesa e sentar sobre ela, começando a balançar os pés até que se sentiu confortável para continuar.

Se acharem essa minha habilidade impressionante, terei que desapontá-los. Minha verdadeira habilidade é criar ilusões, por exemplo, posso criar uma pistola na minha mão — disse o general retirando os óculos e materializando a arma. - Apesar dela não existir, se eu atirar em qualquer um de vocês, você morre por seu cérebro acreditar que uma bala de verdade o atingiu.

Além de ler mentes, ainda cria ilusões! Com que tipo de pessoas estamos lidando? — pensava Light abismado, assim como os outros rebeldes.

Agora imaginem - continuou o general com um sorriso no rosto. — Se eu posso criar qualquer tipo de ilusão, já imaginaram se eu criar o pior pesadelo de cada um de vocês?

Aquelas palavras eram o que faltava para abalar a todos, sem exceção. Eles tremiam com tamanhas habilidades destrutivas do general. A habilidade de ler a mente e de criar ilusões é o par perfeito para descobrir o medo da pessoa e torná-lo real.

Sei que alguns de vocês ainda não acreditam quando disse que somos muito mais superiores que os outros generais que enfrentaram. Por isso vou mostrar a vocês o meu poder!

Pandinus sorriu. Como se estivesse esperando por aquilo desde que chegou.

Akuma respirou fundo e com um olhar sombrio criou os maiores medos de cada prisioneiro em suas mentes. Juan viu o mundo inteiro tomado por ódio, o fogo tomando conta de tudo, destruindo a vida que ia embora do planeta, ficando apenas as cinzas. Seu bar pegava fogo junto aos seus amigos e parentes. Enquanto procurava por socorro, via as famílias lutando entre si, pais contra filhos.

Esmeralda e True dividiram o mesmo pesadelo: Esmeralda estava amarrada em uma cama enquanto vários homens saíam das sombras abusando dela das formas mais nojentas e dolorosas. True assistia a tudo sem poder fazer nada, pois estava acorrentado a uma parede. Ele apenas conseguia gritar pelo nome de Esmeralda e para que os homens com sorrisos maliciosos a deixassem em paz.

Light teve quase a mesma visão que Juan, porém ele era o motivo do fracasso, fazendo o mundo entrar em uma ditadura bem mais rígida do que era antes. Vendo seus amigos e aliados de guerra morrer na sua frente. Ele sabia que nenhum civil jamais teria esperança novamente, afogando no mar do desespero.

Kyōki também passou por um pesadelo, vendo a mãe sendo agredida pelo seu pai. Mas ao contrário de todos, ele não demonstrou muito pavor, apenas seus olhos estavam esbugalhados.

As ilusões duraram cerca de três minutos, mas para quem estava passando por elas, pareciam que os minutos eram eternos e, quando finalmente acabou, todos tremiam e choravam. Apenas Esmeralda que, além de chorar, vomitou no chão da sala e Kyōki que estava encolhido pressionando os fones nos ouvidos.

Este é o meu poder. E se estão neste estado, imaginem ficar presos por horas ou dias - disse Genkaku colocando os óculos de lentes lilás.

Aquilo estava além da compreensão de uma pessoa, apenas quem estava na ilusão podia sentir tamanho sofrimento. Enquanto permaneciam na ilusão, não conseguiam acreditar que não era real. Juan pôde sentir o calor do fogo que fizeram feridas reais em seu corpo, o que tornava a

habilidade do general ainda mais assustadora.

Se não quiserem mais passar por isso, aceitem a generosa oferta do Führer. Ele deixará todos vocês vivos, porém terão que assinar um documento dizendo que abrem mão da organização, que devolverão o continente americano para nós e que nunca, nunca tentaram algo novamente contra o governo. E claro que ficarão presos por uns anos devido a tantas leis violadas. Mas isso não é nada comparado à pena de morte. Então, o que me dizem?

Enquanto o general explicava, eles arrumavam forças para conseguir dizer uma só palavra. Light, sabendo que era sua responsabilidade, respondeu sobre a proposta:

Nós aceitamos! Agora, por favor, nos deixe em paz! - Light estava de cabeça baixa e com a voz trêmula enquanto uma lágrima deslizava pelo seu rosto.

Genkaku, assim como Jack, sorriu por tudo seguir como havia planejado. Ele fez um sinal para que seus subordinados os levassem para os quartos onde iam passar a noite. Apenas Light ficou na sala com os generais e o major.

Pedi para que você ficasse, pois tenho que te explicar como exatamente vai acontecer esse acordo. Hoje vocês vão passar o resto do dia e a noite nos luxuosos quartos desta base, e não se preocupe que será servida comida para todos. Amanhã, ao amanhecer, vocês irão até o avião no qual Jack os levará de volta para o Canadá. No avião também estarão alguns subordinados meus para que a viagem seja "tranquila", se é que me entende. Assim que chegarem ao Canadá, ficarão em um hotel próprio para que descensem para, então, no dia seguinte, todos os rebeldes que estavam aqui, assinem o acordo em rede internacional, para que o mundo veja o quão generoso nosso Führer é. E quão tolas são as pessoas que tentam enfrentá-lo.

Light entendeu cada informação, mas estava com um olhar exausto.

-Vocês querem nos humilhar para o mundo... Tudo bem... Eu não me importo, desde que não os matem...

Genkaku deixou outro sorriso nascer no canto do rosto, assim como Pandinus.

Você fez uma sábia decisão. Fique ciente de que estarei mandando dois aviões com os novos generais e soldados para tomar o cargo oficialmente quando todos já tiverem assinado o acordo e feito o juramento. Agora que estamos conversados, vou pedir a meus subordinados para que o levem até seu aposento.

O general da Ásia fez um gesto de aprovação e os dois soldados que estavam atrás do sofá bateram continência e agarraram os braços de Light para levá-lo.

Se me permite, senhor. Também vou me retirar — disse Jack feliz em ter cumprido seu papel e com nenhum sentimento de culpa.

Permissão concedida, major. Você fez um ótimo trabalho hoje - elogiou o general colocando a mão no ombro de Jack - Mais tarde mandarei que levem algumas mulheres para que lhe façam companhia. Também pedirei que sirvam comida e umas bebidas. Você deve estar exausto com a viagem.

Muito obrigado, meu senhor! - Jack agradeceu sorridente e se retirou.

Quando os generais estavam a sós, Pandinus comentou:

Não vai mandar ilusões para o quarto dele de novo, ou vai? - disse em uma gargalhada.

Como pode dizer isso, Pandinus? Eu não sou assim, tão cruel - falou Genkaku com ironia e um sorriso no canto do rosto.

A noite nos aposentos da base militar da Ásia foi a pior da vida dos rebeldes, não devido ao conforto e comida, pois o local era luxuoso e a comida era farta, mas devido à cilada em que foram pegos. Comeram apenas para não morrer, o que não era uma má opção para o que estava para acontecer. Depois ficaram na cama deitados até adormecer, o que não foi nada fácil, torcendo para quando acordassem tudo não passar de um pesadelo.

Esmeralda chorava por estar sozinha. O medo tomava conta de sua mente, não só dela como a de todos. True ouvia o choro da garota, mas não podia ajudá-la. Ele botava o travesseiro nos ouvidos com esperança de que tudo ficasse em silêncio, mas seus pensamentos o atormentavam brotando mais lágrimas de seus olhos.

Como não pude perceber que Jack era um deles! - True se culpava.

Não foi sua culpa, garoto - a voz de Taiji também parecia abalada. - *A alma de Jack não tem forma, o que nos impossibilitou de descobrir que ele era do exército.*

O garoto não respondeu, ainda sentia a dor dos golpes que recebera do general. Ele também sabia que nada do que pensasse mudaria o que aconteceu.

No dia seguinte todos foram levados ao aeroporto e foram postos em fila para entrar no avião. Variando de duas em duas fileiras, sentava um rebelde perto da janela que era acompanhado por um soldado ao seu lado. Nas poltronas da frente e de trás estavam mais dois soldados, impedindo qualquer tipo de fuga e comunicação entre eles.

Após quase um dia de viagem, chegaram ao Canadá e foram levados para o hotel reservado para passarem a noite. No dia seguinte, entrariam nos veículos para serem levados ao local onde seria assinado o acordo.

A cidade de Vancouver foi escolhida para a realização do evento. O local seria a nova base militar quando o outro general assumisse. Havia vários soldados fazendo a segurança, mas nenhum general estava presente. Afinal, eles não podiam deixar seus países ou então uma nova rebelião iria acontecer nos respectivos continentes, apesar de ninguém ter a coragem de enfrentar o exército depois das únicas pessoas que conseguiram fazer algo a eles serem capturadas. Jack cuidava para que tudo acontecesse como o planejado, inclusive a transmissão que seria enviada por todo o mundo.

Os Paladinos foram organizados em fila indiana por ordem alfabética. À medida que eram chamados, iam até a mesa onde se encontrava o contrato para assinarem, mesmo algemados. Após assinarem, esperariam para que os outros assinassem para que todos fizessem o juramento e enfim fossem enviados para a prisão onde cumpririam a sentença por longos anos.

Quando deram 9h da manhã no horário local, teve início a transmissão, para que o mundo visse a derrota dos rebeldes, o que serviria como exemplo a qualquer um que tentasse algo contra o governo.

Há várias milhas daquele local, Alone e Alexandra estavam em uma lanchonete. Então, neste momento, Alexandra foi surpreendida com a notícia que passava na televisão. Alone estava de costas então não havia notado.

- Alone! Eles foram pegos! - gritou Alexandra, apontando para televisão.

Alone se virou e pediu para que o dono do estabelecimento, que também estava acompanhando a notícia, aumentasse o volume.

"A organização rebelde, conhecida como Ordem dos Paladinos, foi surpreendida em Tóquio pelo general da Ásia, Akuma Genkaku, e o general da África, Pandinus Imperator, que capturaram os

rebeldes e, seguindo ordens do Führer, propuseram uma espécie de acordo, dando posse do continente americano novamente para o exército. Eles cumprirão prisão de vinte a trinta anos e, assim que forem soltos, realizarão trabalhos para o exército sendo todos vigiados por vinte e quatro horas. Os seus familiares e eles próprios não serão mortos, decisão que o Führer tomou. Segundo ele, isso servirá como exemplo para todos os civis" - disse o soldado que atualizava o mundo do acontecimento quando fez uma pausa.

Na América do Sul, a família Silvermoon e os irmãos indígenas também acompanhavam a notícia com todos da base.

Surpreendidos? Light sempre foi tão cuidadoso. Eu não acredito que ele tenha cometido um erro tão grave — pensava Alone imaginando como seus antigos amigos foram parar naquela enrascada, quando foi interrompido percebendo que o soldado que passava a notícia parecia receber mais informações.

"Desculpe. Acabo de receber mais informações sobre um major que estava infiltrado com os rebeldes. O major da Ásia, Jack Eagle, ajudou na captura dos..."

Jack? Como aquele piloto de segunda pôde fazer isso! - Alone rugiu jogando a mesa que estava ao seu alcance pelos ares.

Algumas pessoas que estavam na lanchonete saíram do estabelecimento, amedrontadas.

Quando tudo estava pronto, deu-se o início a chamada para que fosse até uma pequena mesa onde se encontrava o acordo que deveria ser assinado.

Esmeralda Elizabeth! - chamou o soldado.

A garota deu passos curtos até chegar à mesa e então assinou seu nome. Depois um soldado a encaminhou para uma cadeira para esperar pelos outros até que assinassem e começasse o juramento à bandeira do exército.

Juan Leon Strongheart!

Alone assistia seu avô caminhar mais devagar que Esmeralda. Ele parou na frente da mesa e pediu ajuda para por os óculos para que pudesse enxergar de perto. Juan assinou com lágrimas nos olhos.

Kyōki Genkaku!

O garoto foi mais rápido que os anteriores, ele assinou e rapidamente se sentou ao lado dos prisioneiros que estavam de cabeça baixa.

Light Adam!

Light seguiu o mesmo ritmo de Esmeralda e ao apanhar a caneta não assinou de imediato. Alone acompanhava tudo pela televisão, a milhas de distância, sem acreditar que Light assinaria, mas o soldado o apressou, fazendo-o assinar sem escolha.

True Constantine!

O garoto estava parado e foi empurrado pelo soldado para que começasse a andar. Ele andou normalmente, sem pressa e sem se arrastar, como se estivesse caminhando em um lugar qualquer. Quando chegou à mesa, tentou apanhar a caneta, mas ela caiu no chão e como estava algemado, pediu para que um soldado a apanhasse para ele.

É o nosso fim! - lamentou o dono da lanchonete onde estava Alone e Alexandra.

Alone achou estranho o comportamento do garoto, então ignorou o comentário do homem a sua frente.

Antes de assinar, posso perguntar algo para o Major Jack? - pediu o garoto em um tom de

respeito.

O soldado ao seu lado o agarrou pela blusa pensando que o garoto estava brincando com sua paciência, mas antes que o soldado fizesse algo ao paladino, Jack fez um sinal para que subordinado deixasse o garoto falar.

O soldado encarou o garoto e o soltou com desprazer.

Jack porque nos traiu?

Eu não traí vocês, rebelde - disse imediatamente. - Sempre estava seguindo as ordens do meu general. Não pense que vocês foram os primeiros rebeldes que enganei. Você sabe muito bem que para entrar no exército do grande Führer precisa se dedicar bastante e merecer o título. Um civil comum, como eu era, não teria a mínima chance se não fizesse qualquer tipo de serviço que fosse ordenado.

Por que o general te escolheu? Você sabe muito bem que não possui uma forma de alma; em outras palavras, não possui nenhum poder sobrenatural. Se o general tem ciência disso, por que ele te fez Major?

Os soldados olharam para Jack em dúvida se podia ou não transmitir aquela última mensagem que, de certa forma, revelava o segredo do poder do exército. Jack não interferiu, as pessoas comuns não iam entender do que eles estavam falando de todo modo, então não haveria motivos para a mensagem ser editada.

Justamente por isso, rebelde. Como não possuo uma forma de alma, os seus olhos não podem distinguir se sou *caído* ou não. Mesmo que não tenha os benefícios da alma, posso enganar facilmente as pessoas com a ilusão de que sou amigo delas, quando na verdade, estou levando-as para a morte - Jack riu consigo com suas últimas palavras.

True se irritou com o traidor e antes que pudesse fazer alguma coisa, os soldados o cercaram, ameaçando-o. Sem escolha, voltou ao contrato.

O garoto apanhou a caneta e quando ia escrever, suspirou e deu um sorriso torto. Todos olhavam para ele confusos, se perguntando se o garoto tinha ficado louco. Um microfone estava disponível a eles para que todos ouvissem quando fizessem o juramento.

Agh! - gritou True fazendo todos os seus companheiros o encarar. - O que Alone diria se estivesse aqui? - Agora o garoto sorria abertamente para que todos percebessem.

Light ficou pensativo por um instante, mas logo deixou nascer o mesmo sorriso que havia em True. Esmeralda e Kyōki mantinham sua atenção no garoto e continuavam a se perguntar o que ele queria com aquilo. Principalmente a garota, que tremia com o medo de seu destino.

"O medo é nosso aliado. Vença-o e torne-se mais forte" — respondeu Light se lembrando.

Exatamente, e ele estava certo. Ele pode ser aquele *caído* sentimental de agora, mas devemos a ele. Enfrentamos muitos medos juntos e este de agora não é diferente dos outros. Uma vez você me disse: "Se você não conseguisse chegar nem na cobertura do seu prédio, dificilmente conseguiria fazer parte da nossa organização, estamos sempre nos arriscando e em perigo". Mas eu faço parte da Ordem dos Paladinos com muito orgulho, podemos fazer isso! Somos aqueles que superam o medo!

Todos os seus companheiros assentiram, acreditando nas palavras do garoto, todos eles já sabiam o que fazer. Em um rápido movimento, True ativou sua alma, as quais criando as chamas em seu braço direito as quais derreteram a algeima. O garoto tocou no contrato fazendo-o queimar, transformando-o em cinzas. Jack, revoltado, levantou a mão com a pistola e disparou um tiro

com o intuito de acertar a cabeça de True, porém Light criou um escudo que repeliu a bala.

True ajudou Esmeralda e Kyōki a se libertarem das algemas. A garota logo ativou sua alma e foi ajudar Juan. Kyōki criou várias celas com seus espinhos, aprisionando os soldados que investiam ferozmente na direção de seus aliados.

Jack mirava agora em Juan, por ele não possuir nenhuma habilidade. Esmeralda estava ocupada ajudando o homem a se livrar das algemas e não pôde ver a ameaça do major, mas Kyōki viu que Jack ia atirar, então rapidamente, criou uma estaca que perfurou o braço de Jack, que soltou a arma deixando-a cair no chão. O garoto não podia mais subestimá-lo; então, em outro rápido movimento, criou outro de seus enormes espinhos que atravessou o coração de Jack, agora ele iria ser julgado por sua traição no outro mundo.

Todos os soldados foram contidos e Light anunciou em rede internacional:

Nós somos a Ordem dos Paladinos! Aqueles que irão livrar o mundo da ditadura e não há general que irá nos impedir! O continente americano é nosso!

O mundo inteiro gritou apoiando a organização. Apenas o ditador e seu exército que assistiam estavam furiosos com tamanha ousadia dos rebeldes.

O que vamos fazer, Führer? - indagou Akuma ao telefone, esperando pelas ordens.

Deixem que pensem que estão no comando. Quando vierem para nos enfrentar, vamos fazê-los sofrer mais do que qualquer miserável já sofrerá na vida! Vocês não podem, por motivo algum, deixar seus respectivos continentes! Depois do discurso desse paladino, certamente os civis se acharão com o direito de tentar algo - respondeu o ditador, quebrando o copo que segurava com a mão. Ao desligar o telefone, o ditador ficou perdido em seus pensamentos. - *Não há mais dúvidas! E ele, tenho certeza!*

A lanchonete, onde Alone e Alexandra estavam, ficou em festa, o dono da lanchonete gritava pedindo desculpas, feliz por ainda restar esperança no mundo.

Aquele garoto não cansa de me surpreender - pensou Alone, sorrindo.

Light! - gritou True - Temos que curar Juan!

True se lembrou de que Pandinus havia o envenenado na Ásia, mas eles não puderam fazer nada desde aquele momento. Light pediu para que Juan deitasse nas cadeiras e que tirasse a blusa.

Havia uma pequena mancha roxa no local, que, segundo Pandinus, cresceria mês a mês. Light tentou curá-lo, mas não surtira efeito, a mancha, crescia lentamente, fazendo a cura de Light servir apenas para retardar o processo.

True e Light trocaram olhares sabendo que em poucos anos Juan não suportaria, mas iriam fazer de tudo para desacelerar o veneno. Mesmo com toda aquela situação, Light se lembrou das palavras que o general da Ásia havia lhe dito na ausência de todos. Akuma enviaria dois aviões assim que eles partissem, contendo neles; vários soldados e um general em cada aeronave para que ocupasse o cargo na América.

True! Temos que correr! Chame Esmeralda para que venha conosco - Light o chamou e o garoto assentiu à procura da garota. - Juan você pode dirigir? Temos que chegar ao aeroporto o mais rápido que pudermos.

Claro, posso fazer isso. O veneno ainda não fez muito efeito no meu corpo.

Kyōki! Quero que também venha conosco. Nos dê cobertura até a viatura.

O garoto assentiu em um gesto de cabeça e aumentou o volume do aparelho de som para aumentar a sincronização. Não retirar o aparelho de Kyōki foi um erro que os soldados

cometeram por não o conhecer bem.

Juan encontrou um carro abandonado dos soldados e o usou para levá-los até o aeroporto. Juan dirigia muito bem, mesmo em uma velocidade alta, os passageiros se sentiam seguros.

Chegaram ao aeroporto em poucos minutos e praticamente pularam do carro. Esmeralda foi abrindo o caminho entre os poucos soldados que restavam no local. Quando finalmente chegaram à pista, dois aviões se aproximavam para pousar.

São eles! — exclamou Light.

Como sabe? Pode ter civis naquele avião! — disse True.

Com certeza não há. Os portos são exclusivos de transferência de soldados, aqueles que transferem civis são diferentes dos demais, confie em mim - Light tentou explicar. - Agora, quero que os três prestem bastante atenção no que vou fazer. Este é o motivo de vocês estarem aqui!

Eles, obedecendo, ficaram parados e atentos a Light, que dava alguns passos para frente enquanto se concentrava.

Light suspirou e aumentou a sincronização com sua alma. Seu cabelo loiro se alongou até a cintura. Asas brancas surgiram em suas costas, fazendo-o levitar. Seus olhos estavam mais claros, deixando o azul original atingir a cor do céu. Uma aura *pura* cercava o paladino, demonstrando seu poder. True, Esmeralda e Kyōki não acreditavam no que viam. Light nunca tinha dito sobre uma fase mais avançada da sincronização do corpo e alma.

Nos próximos meses, nós iremos reconstruir a nossa base, e durante esse tempo, quero que vocês treinem para alcançar este nível.

Light ergueu os braços e criou uma enorme barreira ao redor do aeroporto. Ela era tão grande que os jovens acreditaram que aquilo não era possível, mas "não ser possível" era algo que cada vez mais sumia de seus vocabulários.

Os aviões estavam muito perto do aeroporto, impossibilitando-os de mudar o curso. Não demorou muito quando se chocaram contra a barreira, fazendo os dois aviões explodirem.

A América estava a salvo.

Esta é a verdadeira sincronização, a sincronização avançada! - disse Light virando para seus aprendizes que o encaravam, avaliando sua incrível semelhança com um anjo.

Parte II

Agentes das sombras, servidores da luz.

Capítulo 25

Luto

Passaram três anos desde que os Paladinos foram pegos em uma armadilha no continente asiático, sendo forçados a assinarem um acordo dando total poder para o exército do ditador. No entanto, felizmente, True, o garoto que possui a alma do *Tao*, reavivou a chama da esperança de seus amigos dando-lhes coragem para enfrentar o medo que sentiam.

Durante esses três anos, a Ordem dos Paladinos não tentou dominar novos territórios, permaneceram na defensiva enquanto se aprimoravam. Mas prometeram que após esse período recuperariam o resto do mundo com força total.

Light, o líder da Ordem, mostrou aos seus jovens aprendizes a sincronização máxima da alma. Durante o tempo em que permaneceriam na defensiva, todos teriam que aprender essa técnica para que suas forças se equivassem a dos generais restantes.

True, no momento, tinha 20 anos e daqui a poucos meses faria 21 anos. Esmeralda, que era mais velha, estava com 22 anos já que seu aniversário era antes do garoto.

Ele havia mudado bastante. Com o treinamento, True melhorara todas as suas habilidades, ficando mais alto, mais forte, o que não era nada exagerado, inteligente e estava se acostumando a liderar quando Light estava ausente. Também havia mudado o corte de seu cabelo, em vez do cabelo curto como era obrigado a usar, agora estava um pouco mais longo e espetado. O que mais chamava a atenção em seu cabelo eram os fios da parte detrás da cabeça que estavam compridos até a cintura, amarrados por um prendedor de cabelo no início da longa mecha e outro a poucos centímetros da ponta. O prendedor de cabelo foi feito pela organização em um tom neutro e resistente para que não soltasse ou quebrasse em uma batalha. O novo corte foi resultado da sincronização avançada que implicou em algumas partes físicas.

Apesar do corte incomum, muitos diziam que sua aparência estava ótima, motivo que era facilmente compreensível uma vez que o corte era fruto de sua alma, feito unicamente para ele.

Esmeralda não era uma exceção, a garota, que agora era uma linda mulher, se tornou ainda mais bela, o que True duvidava que fosse possível, pois sua beleza já encantava a todos no passado. Não só fisicamente, ela havia amadurecido psicologicamente com o tempo, deixando as atitudes de criança do tempo em que True a libertou de seu sofrimento do *mundo*. Estava mais confiante e não dependia tanto do amigo como antes, o que não significava que não gostasse de sua presença. Seu cabelo continuava praticamente o mesmo: longo, moreno e agora repicado.

No primeiro ano, Light dedicou-se a base do norte, que fora destruída pelo exército, durante o dia, enquanto à noite dedicava-se ao treinamento de True e Esmeralda. Kyōki, o garoto asiático que se juntou a organização para libertar a América do Norte e o continente Asiático, foi o primeiro a aprender a nova técnica. Light ficou realmente surpreso com a velocidade do garoto, tudo o que fez foi comprar um novo aparelho de som e novos fones que foram construídos pela própria organização, tendo a medida exata de Kyōki para que ficasse confortável e não fosse destruído facilmente nas batalhas. Os fios que conectavam os fones ao aparelho eram revestidos por um metal resistente para que durante alguma batalha não sofresse danos.

A música era o que sincronizava a alma de Kyōki. Como não possuía nenhum apego pelo aparelho de som que ganhou da mãe no passado, apenas pelas músicas que nele continha, não

teve problemas em se acostumar com o novo aparelho. Seis pastas com várias músicas separadas por gênero era o que continha no pequeno *player* de áudio digital.

No segundo ano, True e Esmeralda viajaram com Light pelo continente americano. A viagem não atrapalhou o andamento da construção da nova base subterrânea uma vez que Light havia dado as instruções para seus ajudantes até que voltasse. Ele tinha feito todo o projeto e medidas; afinal, era membro da família Adam, uma das famílias mais ricas e requisitadas por todo o mundo devido ao seu sucesso com passagens subterrâneas, abrigos de emergência e outras obras com fins militares, reconhecidos como verdadeiros arquitetos.

Durante esse segundo ano os aprendizes não só tiveram que aprender a sincronização avançada, como também a usar armas de fogo. Os dois jovens possuíam dificuldades em aprender a manuseá-las, mas com o tempo foram melhorando.

À medida que visitavam país por país, eram bem recebidos por multidões que queriam vê-los para agradecer, apoiar e até se juntar a eles. Light explicou, sempre com muita calma, que para fazer parte da Ordem era só ter a iniciativa para ajudar, mas para ser nomeado Paladino era diferente, deveria ter uma alma *pura* além de passar por treinamentos básicos até chegarem ao segundo passo no qual True e Esmeralda estavam. Houveram muitas reclamações devido a isso, as pessoas queriam muito ajudar de qualquer maneira. Light, com o coração fragilizado querendo dar a oportunidade aos civis, teve uma idéia que serviria exatamente para eles. Durante o tempo em que estavam na defensiva, o exército não estava parado, eles mandavam pequenos grupos de soldados atacarem os portos do continente americano. Isso era inesperado e causava vários riscos às pessoas, porém eram facilmente vencidos pelos paladinos. O que preocupava Light era saber suas localizações, e, então, decidiu criar um grupo especial para lidar com esse problema, foi então que surgiu o grupo Sentinela.

Esse grupo seria encarregado de vigiar todos os portos e litoral do continente. Aqueles dispostos a ajudar poderiam se juntar à organização e fazerem parte desse grupo. Assim que localizassem algum sinal inimigo, deveriam comunicar imediatamente a base mais próxima da Ordem para que fossem mandados os membros para os locais específicos onde estivesse ocorrendo o ataque. O rádio era um forte aliado para manter a comunicação entre a base do Norte, que estava sendo reconstruída, com a do Sul, onde os irmãos indígenas administravam. Ele também servia para que fosse realizada a troca de informações entre os pequenos postos Sentinelas para as bases centrais.

Light pôde perceber que, com os ataques, os soldados estavam cada vez mais ferozes e com maior poder destrutivo, fato que confirmou suas suspeitas e para que True e Esmeralda aprendessem de qualquer maneira a sincronização avançada.

Durante o terceiro ano, o grupo Sentinela já estava devidamente instalado nos portos, o rádio estava mantendo contato com todos, os novos uniformes foram feitos e a base de comando do norte foi finalmente inaugurada. Durante o tempo em que não permaneciam na base, Light, True, Esmeralda e Kyōki estavam morando com Juan e sua esposa, onde antigamente era um bar transformado em restaurante comunitário.

Juan havia sido gravemente ferido pelo general do continente Africano há três anos, sendo infectado por um veneno que nem as habilidades de cura de Light poderiam impedir totalmente seu avanço, apenas retardá-lo, sabendo que um dia chegaria o fim para sua vida. A esposa de Juan sofria muito com o acontecimento e culpava os paladinos por terem envolvido o marido

nessa guerra. Apesar de Juan dizer várias vezes que foi por conta própria para a Ásia, Light se culpava por ter insistido. True e Esmeralda estavam criando laços com Juan, que já era de idade, mas jovem por dentro.

Kyōki também possuía certa afinidade com Juan, já que o ajudava há algum tempo, depois que a ditadura foi banida do continente americano, não era necessário que o garoto cumprisse tarefas naquele estabelecimento, mas ele não se incomodava já que tinha terminado seu treinamento. O garoto percebia que naquele terceiro ano em que estavam convivendo com Juan, o homem estava mais indisposto e fadigava com maior frequência, o que significava o aviso do que todos temiam.

True e Esmeralda estavam treinando juntos durante esses últimos meses que estavam no continente. Light pediu para que o treinamento fosse feito a vários quilômetros da base e das cidades. Os dois jovens adquiriram grandes habilidades com a nova sincronização que certamente poderia destruir uma cidade inteira.

Pelo que eu vejo vocês progrediram bastante! - disse Light, chegando ao local do treinamento que estava totalmente destruído.

Acho que... nos empolgamos um pouco — respondeu True, olhando em volta do local todo irregular. Ele estava ofegante e feliz por fazer uma pausa.

A voz de True mudara um pouco, ficando mais grave, mas não desaparecendo o tom amigável que todos reconheciam.

Você nos trouxe um lanchinho! Como você é gentil, Light - agradeceu Esmeralda, faminta.

Apesar de ter amadurecido, Esmeralda continuava com algumas características antigas, como a voz meiga e seu afeto por gestos simples.

Light não mudou tanto quanto seus aprendizes, continuava com o mesmo cabelo curto de quando True o conheceu e a mesma expressão sorridente que todos admiravam. Apesar de estar alguns anos mais velho, o tempo não parecia afetá-lo.

Os três se sentaram em algumas pedras que serviram como assentos e os jovens começaram a saborear o delicioso sanduíche natural que Light trouxera para eles, além de algumas panquecas com *maple syrup*⁽⁸¹⁾. Para acompanhar, o tutor havia levado uma bebida quente em duas garrafas térmicas, imaginando que iriam adorar.

Light avaliava seus aprendizes com um sorriso, há quase quatro anos ele convivia com os dois jovens, fazendo-o sentir que eram uma família. Ele sabia do que gostavam ou não gostavam, sua rotina e suas manias depois de passar tanto tempo juntos.

Light - True chamou e engoliu o pedaço do sanduíche que estava comendo -, por que não nos ensinou a sincronização avançada antes? Eu sempre quis te perguntar isso, mas nunca tinha oportunidade ou esquecia. Sabe... você nem sequer mostrou para nós. Poderia ter usado contra os generais que enfrentamos, o que tornaria tudo mais fácil.

Esmeralda encarava Light esperando pela resposta, ela também demonstrava interesse pelo assunto, o qual devia ter debatido com True durante os anos.

Light sorriu vendo os olhos curiosos de seus pupilos.

Realmente eu poderia ter usado contra os generais que enfrentamos, mas isso tornaria tudo mais *arriscado* - respondeu, dando ênfase na última palavra.

Os aprendizes olharam entre si, tentando imaginar como poderia ser arriscado sendo que a sincronização aumentava o poder em aproximadamente dez vezes.

Light percebeu os olhares confusos então resolveu explicar melhor:

Quando enfrentamos o primeiro general, Victor, você era apenas um adolescente imaturo e sonhador. Estava aprendendo sobre o segredo das almas e a controlá-la melhor. Se eu mostrasse a sincronização avançada naquele momento, sua mente ia ficar confusa imaginando que seu treinamento não estava dando resultado, mas esse não era o maior dos problemas - Light deu uma pausa cruzando as pernas. - Eu quero que imagine se tudo desse errado, que Victor nos derrotasse e você não conseguisse salvar Esmeralda, nem mesmo o outro grupo com a família Silvermoon e os irmãos indígenas conseguissem conter os soldados.

True tentava imaginar a cena, a qual não gostava nem um pouco de cogitar.

Se isso tivesse acontecido, eu teria a sincronização avançada para nos tirar com vida daquele local. Como sabem, o modo avançado consome muito mais energia que apenas a sincronização comum. Então com a economia de energia, poderia salvar a todos se o pior acontecesse. Mas contra o antigo general da América do Norte foi diferente, eu fui pego de surpresa sendo congelado.

Eles refletiam sobre as palavras do professor. Talvez ele estivesse certo, se a pior das alternativas tivesse acontecido, Light poderia salvá-los. Porém algo de ruim aconteceu naquele dia. Romeo, como era chamado, *caiu* e se tornou Alone Walker, que mesmo após os anos, eles nunca o viram novamente depois do episódio no Canadá.

E Romeo? Você poderia tê-lo impedido. Mesmo assim por que não fez nada? — True quis saber.

Eu admito que errei e quero que me perdoem — o sorriso desapareceu por um instante no rosto de Light. - Romeo ou Alone sabia sobre a sincronização avançada, mas nunca conseguiu concluí-la. O motivo era porque ele não possuía um *mundo* estável. Sua alma estava pouco a pouco se desfragmentando, o motivo era porque estava perdendo a esperança. Então ele me pediu que, como vocês sabem, se o plano principal não desse certo, ele usaria seu plano "B" para que pudesse restaurar seu *mundo*, mas, infelizmente, não foi isso que aconteceu.

Não precisa se desculpar, Light. Você pensou em nós como um todo, e não se limitou a uma pessoa. Você é um grande líder, saiba disso! - Esmeralda conformava o tutor, que era como um pai, sabendo como estava se sentindo.

Os dois jovens prestavam bastante atenção nas respostas que tanto quiseram saber um dia. Mesmo sabendo a sincronização avançada, há muitas coisas que ainda desconheciam, aos poucos aprendiam com seu tutor e amigo, que mesmo para ele tantas coisas eram incertas.

Agora que as dúvidas foram esclarecidas, True só tinha mais uma pergunta que não havia pensado até então.

Light, se me permite, como você sabe tanto sobre o segredo das almas? Como descobriu sobre tudo isso, porque, nem os mais religiosos conseguiram desvendar tal segredo, pelo menos não que tenham divulgado.

Esmeralda achou a pergunta interessante e encarou rapidamente o tutor para esperar pela resposta, porém havia algo estranho com Light, ele estava ficando cada vez mais pálido, como se fosse desmaiar.

Light! Está tudo bem? - Esmeralda correu para dar apoio ao professor sem equilíbrio.

Está tudo bem, Esmeralda. Obrigado — respondeu Light enquanto a cor voltava ao seu rosto.

Aquela pergunta, de certa forma, o afetou muito para ficar naquele estado.

A última vez que assisti ao treinamento, vocês já tinham aprendido a sincronização avançada. O que estão fazendo agora? - indagou Light, esquivando-se do assunto.

Estamos ganhando experiência de batalha e nos acostumando com as novas habilidades - respondeu True, desconfiado.

Isso é ótimo...

True achou estranha a reação de seu professor. Parecia que ele tinha algo a esconder, sua alma estava inquieta, se movendo para todos os lados. Ele ia continuar o assunto, mas foi interrompido por um homem que ajudava no restaurante comunitário de Juan. O homem parecia eufórico e seu rosto estava pálido como se tivesse visto a morte encarnada. Além de sua expressão amedrontada, havia lágrimas que escorriam de seu rosto. Os cabelos cacheados estavam cobertos por uma toca que o protegia do frio. E os olhos castanho-claros, trêmulos.

True e Esmeralda já tinham terminado de comer. Agora sua atenção estava fixada no que o homem tinha a dizer.

Senhor Adam! Venha comigo, por favor, algo de muito ruim aconteceu!

Os jovens franziram o cenho e trocaram olhares.

O que foi que aconteceu? - Light perguntou sem conseguir imaginar o motivo do pânico.

E sobre Juan, senhor... Ele faleceu!

Levou certo tempo para que os rebeldes processassem a notícia em suas mentes. Eles tinham se preparado para aquela notícia, mas quando finalmente a ouviram, não conseguiam acreditar.

Light levou um choque em seu coração, mesmo sabendo que este dia chegaria, não queria acreditar que aquele era o dia. Odiava dar más notícias e, principalmente, vê-las causarem efeitos nas pessoas. Consequia imaginar como o homem se sentia com seu coração apertado. Os olhos dos dois jovens se arregalaram e lágrimas brotaram de seus olhos. Esmeralda chorava enquanto True foi ao lado dela para abraçá-la. True tinha passado grande parte de seu tempo com Juan. Mas, naquele momento, ele estava em estado de choque com a notícia, depois que algumas lágrimas descenderam, ele as enxugou e tentou manter-se forte para consolar Esmeralda.

E a esposa dele? - True indagou preocupado.

Ela não se conforma com o falecimento do marido. Tentei conversar com ela, mas ela ainda os culpa pela doença que levou à morte de Juan — explicou o homem. - Kyōki pediu para que eu viesse contar a vocês, ele disse que daria um jeito de acalmá-la.

Apesar de não desejarem o fato ocorrido, sabiam que, de certa forma eram culpados pelo falecimento do amigo. As lembranças apenas serviram para que mais lágrimas fossem derramadas.

Vamos até ela... Temos que ajudá-la neste momento, pois tudo o que fizemos até agora foi acabar com sua felicidade - disse Esmeralda se recuperando.

As palavras que a garota dizia eram fortes, mas eram a realidade. Eles não puderam proteger Juan, que se sacrificou para defender True do ataque do general.

Os paladinos chegaram rapidamente ao restaurante comunitário onde Juan e sua esposa moravam. A casa estava cheia de amigos e vizinhos que souberam da notícia e correram para ajudar a Senhora Leon naquele momento difícil.

O homem que tinha dado a notícia abriu caminho pela multidão, seguido por Light e os dois jovens. As pessoas que estavam no estabelecimento encaravam os rebeldes com olhares frios e

acusadores. Alguns não queriam culpá-los, mas era inevitável naquela situação não encará-los. Assim que subiram as escadas, já podiam ouvir o choro ensurdecedor da esposa de Juan. As mulheres que trabalhavam há muito tempo na casa desde a época em que esta era um bar, estavam ao lado da viúva, consolando-a junto a Kyōki que a envolvia com seus braços. O corpo de Juan estava sobre a cama. Ele parecia uma estátua, imóvel e fria.

True paralisou quando viu o corpo. Não conseguia acreditar na notícia que o homem tinha lhe passado. Esperava que encontrasse Juan de pé com a velha expressão sorridente e despreocupada. Seus olhos se encheram de lágrimas e se manteve na porta sem saber o que fazer.

Esmeralda correu até o falecido amigo, mas foi impedida aos berros da viúva.

Saiam daqui! Afastem-se dele! Ele não queria ir com vocês! Assassinos!

Kyōki foi obrigado a se levantar e conter a Senhora Leon. Light foi até Esmeralda e sussurrou em seu ouvido para que deixassem a mulher com seu falecido marido a sós.

Os paladinos saíram do quarto e da casa, onde era impossível pensar em alguma coisa com tantos olhares acusadores os cercando. O homem que os haviam informado sobre a morte do amigo saiu do estabelecimento junto a eles, para que pudesse contar os detalhes do ocorrido.

Michael, pode me contar como aconteceu? - Light perguntou ao homem.

Foi tudo muito rápido, Light - começou Michael pensando nas palavras certas. - Eu estava no andar de baixo limpando as mesas quando ouvi a Senhora Leon gritar alguma coisa. Eu não lembro exatamente, mas ela disse algo como: "Fale comigo". Naquele instante eu não me preocupei, o Senhor e a Senhora Leon brigavam o tempo todo por causa de vocês... bem, vocês sabem...

Light sabia que o casal discutia sobre o acontecimento de três anos atrás. Juan defendia com todas as forças a palavra dos paladinos, afirmando que eles não tiveram nenhuma parcela de culpa no que aconteceu, mas a Senhora Leon não acreditava na inocência dos rebeldes, mesmo sendo os responsáveis por manter a paz no continente americano. Michael também acreditava na inocência dos paladinos, assim como Juan, então evitava o assunto.

Continue - Light pediu indicando que não se importava com as acusações.

Como eu disse, não me movi de imediato, porém ouvi as mulheres que auxiliam na limpeza começarem a chorar e algumas gritavam por ajuda. Foi nessa hora que corri até as escadas e cheguei ao andar superior antes que outra gritasse novamente por ajuda. Quando cheguei ao quarto, Juan estava de olhos fechados e com a respiração forte, como se estivesse com falta de ar - Michael deu uma pausa para enxugar as lágrimas que se formavam. - Ele estava segurando na mão da esposa que gritava freneticamente para que o marido abrisse os olhos e se movesse. Kyōki chegou logo após, estudando o que estava acontecendo. O garoto me pediu para que o ajudasse a levantar a blusa de Juan para examinar seu peito. Assim que fizemos, me lembro de ter paralisado, a mancha roxa que, no começo, se localizava próxima ao peito, se espalhou por todo o corpo, braços, pernas e até mesmo no rosto. Devido às roupas compridas, eu não pude reparar de imediato que a mancha havia se espalhado tanto.

Deveriam ter me chamado imediatamente - disse Light e Michael assentiu.

Foi exatamente o que íamos fazer, mas Juan nos impediu. Chamou por Kyōki e disse estas palavras: "Não vai ser preciso chamá-lo, apenas diga que eu peço desculpas a ele e aos outros paladinos. Fui um completo inútil no continente Asiático." Ele ia continuar quando a Senhora Leon

o interrompeu com palavras grosseiras sobre vocês, mas ele não se importou com a atitude da esposa e continuou agora se dirigindo a ela: "Meu amor, eu a amo tanto, te amei por todos esses anos de casados como se fosse o nosso primeiro encontro. Apesar de você ser uma cabeça-dura às vezes, eu a amo, e por isso não quero que guarde ódio pelo que aconteceu". Me lembro dele tentar sorrir, mas a dor estava muito intensa para que mudasse sua expressão. Depois ele se dirigiu a mim e as outras mulheres que estavam no quarto: "Obrigado por tudo que fizeram para nos ajudar, eu e minha esposa não somos tão jovens como antes para poder suportar todo o serviço. Quero que cuidem dela na minha ausência, se for possível. Agora me deixem descansar... estou sentindo um sono incontrolável".

Light tentava manter-se forte, mas aquelas palavras machucaram sua alma. Ele devia eternas desculpas a Juan por ter insistido na ida ao outro continente e não o contrário. O líder dos paladinos derramava lágrimas, e Michael lhe deu um forte abraço, entendendo sua dor.

O Senhor Leon faleceu naquele momento. A Senhora Leon estava incontrolável. Kyōki precisou contê-la várias vezes, e desde então está com ela, como viram. O que mais me assustava era aquele paladino, o Kyōki. Apesar de conhecer o Senhor Leon há mais tempo de que todos nós, ele não demonstrou nenhum sinal de tristeza. Houve apenas uma lágrima em seu olho, o que me pareceu forçado, pois o garoto piscava sem parar como se quisesse que a lágrima descesse. Talvez ele estivesse paralisado como eu, e não quis demonstrar seus sentimentos perto da viúva que precisava de consolo.

Você sabe que horas será o enterro?

Acredito que no fim da tarde. Até lá, o corpo ficará em uma capela aqui perto da cidade. Mas sem querer ser grosseiro, senhor Adam. Acho melhor que vocês não apareçam na capela e nem no enterro.

Eu entendo sua preocupação, Michael. Mas olhe bem para aqueles jovens - Light apontou para Esmeralda e True sentados em um banco de madeira. - Eles, apesar da idade, ainda são muito jovens, estão aprendendo sobre as lições da vida, e a perda de alguém querido é uma dessas lições que eles não podem evitar. Você tem minha palavra que não apareceremos na capela, mas quanto ao enterro, não está em meu direito nem de ninguém impedir que eles se despeçam do grande amigo que Juan foi para eles.

Michael ouviu cada palavra, refletindo sobre elas. Ele olhou a expressão triste dos jovens sentados, o que o fazia lembrar-se de quando perdeu pela primeira vez alguém querido e sabia que não era algo fácil.

Faça como quiser. Só estou lhe avisando sobre o que vai acontecer - disse Michael despedindo-se com um toque no ombro do paladino.

E eu agradeço - respondeu.

O funeral aconteceu no fim da tarde como Michael havia previsto. No local estavam todos os amigos e pessoas que tinham afinidade por Juan. A viúva não queria ver Light por perto ou qualquer paladino; apenas Kyōki conseguia se aproximar, sendo o único que a viúva confiava. Talvez pelos anos que ficou trabalhando junto a Juan e sua esposa, fez criar um laço equivalente a um parentesco.

True e Esmeralda nunca estiveram em um enterro, não de uma pessoa tão próxima e querida. Apesar dos jovens terem jogado as cinzas de Victor, o sentimento era bastante diferente. Kyōki,

por ter vivido boa parte do tempo nos templos que freqüentava, acabava participando dos rituais de enterro de seu país. Porém, nenhum deles havia presenciado um funeral com tantas pessoas. Juan certamente era alguém bom e o que não faltava eram testemunhas para comprovar. Até os soldados que freqüentavam o bar na época foram bem tratados por Juan, apesar de serem do exército do ditador.

Todos se dirigiram para o local onde finalmente Juan seria enterrado, um homem se manifestou e pediu permissão para que pudesse fazer a cerimônia. A viúva assentiu, fazendo o homem começar a dizer algumas palavras de conforto. O funeral cristão foi feito como a vontade de Juan, que fora cristão assim como o resto de sua família.

True estava abraçado com Esmeralda que chorava escondendo seu rosto no peito do amigo. True olhava ao seu redor, via várias pessoas chorando desconsoladas, outras ajudando aos que sofriam mais, porém ele reparou que outra pessoa atraía os olhares dos presentes, além do corpo de Juan, eles observavam a Senhora Leon.

A esposa de Juan, Sílvia, como era chamada pelas pessoas mais próximas, não estava aceitando a morte do marido, ela chorava e lamentava ao lado de Kyōki, que estava sentado em uma cadeira ao lado da dela. True pôde ouvir das pessoas: "Ela não quer aceitar", "É uma pena, um amor tão lindo", "Ela quer o marido de volta". Aquela situação o deixava preocupado, a mulher, sentindo tamanha dor, procuraria um culpado por tudo aquilo. E isso ela já tinha.

O homem que estava realizando a cerimônia terminou de dizer as últimas palavras, desejando uma boa passagem para Juan ao outro mundo, e então proclamou:

Está na hora.

Aquela pequena frase com um simples significado fez um grande impacto sobre Sílvia, que se levantou e abraçou o caixão onde estava Juan, gritando para que ele levantasse e abrisse os olhos. Impedindo que o caixão fosse fechado.

As pessoas não agüentavam ver aquela triste cena. Kyōki tentava convencê-la para que deixasse Juan ser enterrado, mas ela estava ainda mais relutante.

Isso tudo é culpa dele! — gritou Sílvia, apontando para Light.

O que True temia tinha acontecido, ele sabia que aquela dor era muita intensa para que a viúva suportasse. Agora, ela acusaria todos eles e transformaria toda a sua dor em ódio contra os paladinos. Ela repetia as acusações várias e várias vezes para que todos ouvissem. Alguns não deram importância a elas e sabiam que os paladinos eram pessoas boas, que aquilo tudo era devido à dor que Sílvia estava sentindo. Porém outras concordaram com a mulher, eram aquelas que também não aceitavam o fato.

Sendo a principal vítima das acusações, Light não ficou quieto. Pegou o banco mais próximo e subiu para que ficasse visível. Assim todos o veriam e ouviriam sua defesa.

- Juan foi muito mais do que um aliado, ele foi um amigo, um irmão, um pai! Sempre nos tratou bem e não só a nós. Ele tratava seus inimigos como se fossem seus amigos de infância, apesar de saber que eles causavam sofrimento às pessoas. Juan fazia o oposto, enxergando o mínimo de humanidade que havia neles! Assim que cheguei ao Canadá, sofri um acidente que quase custou minha vida, como último esforço, pedi para que Juan cuidasse de meus aprendizes, e foi o que ele fez, mesmo sem saber quem eu era. Os jovens que vocês estão vendo hoje só estão aqui graças a ele! Os inexperientes paladinos enfrentaram o general há três anos, que comandava pelo medo este lugar onde estamos agora, com coragem e sabedoria que tenho passado a eles!

Durante o combate, meus aprendizes iam ser atingidos e certamente seriam mortos por um ataque do inimigo que, depois de uma árdua batalha, significaria o fim. Porém foi graças a um homem guerreiro e corajoso, que sempre coloca os outros acima de si mesmo, que os protegeu. Juan pôs seu corpo na frente do ataque inimigo, impedindo que meus dois alunos fossem mortos, mesmo sem conhecer o segredo das almas, ele não hesitou! Graças a ele vencemos o general e a paz voltou a este lugar. Nosso objetivo aqui estava terminado, iríamos partir para o próximo continente. Eu pedi, não, implorei para que Juan fosse conosco libertar o povo da Ásia, eu admito. Ele, relutante para não abandonar a esposa, lembrou-se das pessoas que sofriam naquele lugar, fazendo-o aceitar minha proposta. Foi um risco levar alguém sem possuir habilidades especiais para o campo de batalha, mas foi quando pensei: Juan é uma pessoa cheia de habilidades especiais, quem além dele colocaria a vida na frente do próximo? Quando pensei sobre esse assunto, um medo muito grande veio me assombrar e, infelizmente, ele se tornou realidade. Nosso antigo piloto, Jack Eagle, nos traiu, sendo ele um agente infiltrado que nos entregou para dois generais que nos aguardavam no aeroporto de Tóquio. Enquanto o general da Ásia nos fazia de prisioneiros, ele se irritou com um de nós, dirigindo ataques ao paladino indefeso, Juan não aguentou ver aquela cena e reagiu defendendo o garoto, porém o general do continente africano puniu Juan, aplicando um veneno que não poderia ser curado nem com nossas atuais habilidades. Tudo o que pudemos fazer foi retardar o processo. Mas sabíamos que um dia, isso aconteceria. Juan também estava ciente disso e quando nós pedimos desculpas pelo ocorrido ele respondeu: "Eu que tenho que me desculpar por ter sido inútil. O garoto ainda se machucou, e eu causei problemas a vocês". Naquele momento meu coração sentiu um aperto, qualquer um de nós desejaria vingança, ódio por termos adquirido uma doença que nos mataria, mas Juan pensava não em si, mas em nós, que fomos os culpados por o termos envolvido - Light se esforçou ao máximo para que não chorasse, mas não aguentou. — A Senhora Silvia Leon tem total direito de não nos querer por perto, por isso, hoje, nos instalaremos em nossa base e amanhã partiremos para a Ásia e só voltaremos a este local quando o mundo inteiro for libertado! Nós, da Ordem dos Paladinos, sabemos que essa cena de sofrimento ocorre dia após dia, porém muito pior. No enterro os parentes não estão presentes, pois mal sabem que seu ente querido faleceu. Nós, vamos fazer com que isso acabe, é uma promessa!

Houve murmúrios dos presentes a respeito do discurso de Light, algumas mudaram sua opinião, outras ficaram em dúvida.

Não me venha com essas desculpas! Isso não vai trazer meu marido de volta! - Silvia gritou, atirando um copo de vidro que segurava.

Mais burburinhos, agora os argumentos iam contra os paladinos.

O copo acertaria Light se True não tivesse agarrado o objeto enquanto ele seguia sua trajetória.

Calem-se! — vociferou o jovem.

True interrompeu qualquer troca de opiniões entre as pessoas, as quais, neste momento, estavam caladas mantendo a atenção no paladino.

E vocês se dizem amigos de Juan? - True olhou enfurecido para cada rosto dos presentes. Avaliou cada alma, que com exceção dos paladinos, não tinham forma.

As pessoas continuavam caladas, esperando por uma explicação sobre a pergunta que o paladino havia feito.

Vocês já pararam para pensar na diferença entre o meu ver com o ver de vocês? A diferença de

um paladino para um civil comum? Eu acredito que não! - O silêncio continuava absoluto. - Eu não possuo esses olhos tão diferentes em vão. Eu posso ver o nível de *corrupção* de uma alma assim como a *pureza*. Por que tenho esse dom? Para que eu possa enxergar o mínimo de bondade que há no coração dos *caídos*, aqueles que vocês chamam de inimigo! - True deu alguns passos à frente em direção ao caixão de Juan que ainda estava entreaberto. - Juan não precisava de olhos como os meus. Ele enxergava a bondade mesmo naqueles que faziam mal ao seu país, naqueles que mataram sua filha e parentes, naqueles que o fizeram viver o horror da guerra. Nunca irei me esquecer de quanta luz aquela alma emanava e da tamanha *pureza* que se expandia ao redor das pessoas que os cercava. — True alcançou o caixão onde o corpo de Juan descansava e lá ficou parado, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. - Eu, como amigo de Juan, não irei desrespeitar seu momento de descanso. E como ele poderia descansar sabendo que as pessoas que ele queria tão bem estão aflitas e julgando umas as outras pelo que tinha acontecido? Ele não merecia isso! O que ele sempre desejou foi paz, e em seu leito de morte não deve haver outra coisa! Hoje estou triste por me despedir de uma pessoa tão querida, mas em vez de me lamentar vou agradecer pelo destino ter me dado a oportunidade de conhecê-lo, e quando a saudade vier, eu me lembrarei dos momentos felizes que tivemos e das lições que aprendi com esse sábio - o paladino enxugou as lágrimas e abriu um longo sorriso. - Obrigado, por tudo meu fiel e querido amigo...

True agachou se apoiando em seu joelho esquerdo, colocando a mão direita em seu coração.

Foi uma honra conhecê-lo!

As pessoas se entreolhavam pensando no que fazer ou dizer. Enquanto hesitavam, Esmeralda e Light caminharam até ao lado de True e fizeram o mesmo gesto de despedida e agradecimento.

Os presentes, vendo a ação dos paladinos, decidiram fazendo o mesmo concordando com as palavras que foram ditas. Juan era um homem que desejava uma coisa no mundo: paz. Se estivesse vivo, com toda a certeza não queria ver seus amigos discutirem entre si por ele.

Silvia assistia a todos se ajoelharem e fecharem seus olhos. Alguns faziam preces enquanto outros apenas pensavam nas bonitas lembranças que tiveram desde que conheceram Juan.

Naquele momento, a neve começou a cair como se até mesmo o lugar se despedisse do incrível homem que deixou tantas lições e boas lembranças para trás.

Quando os paladinos se levantaram para ir embora, True encarou o céu nebuloso, sentindo a neve que caía em seu rosto. Light encarou Kyōki para saber onde passaria a noite.

Eu ficarei o resto do dia com Silvia, amanhã estarei na base bem cedo. — Light assentiu e foi embora junto a True e Esmeralda para que não houvesse mais problemas. Enquanto eles seguiam seu caminho em direção à base, mal sabiam que, a alguns metros do local, um cachorro de grande porte com pelagem negra e olhos escarlates assistia a todo o funeral.

Base da Ordem dos Paladinos — América do Norte.

Já era noite quando Esmeralda procurava por True. Ele não estava no quarto nem na área de alimentação. Talvez ele estivesse com algum mal-estar, então a garota procurou na ala hospitalar, mas ele também não estava no local.

Esmeralda foi procurar por Light, talvez ele soubesse do paradeiro do pupilo. O líder rebelde era muito mais fácil de se achar, quando não estava com sua equipe técnica, estava visitando as outras alas para certificar-se de que tudo estava em seu perfeito estado. Como a garota tinha visitado todas as alas atrás de True, Light só poderia estar em um local: junto aos imensos computadores que rastreavam qualquer sinal do inimigo e faziam a comunicação entre as bases. Light! - chamou Esmeralda, elevando um pouco a voz, pois o homem estava com os gigantes fones de ouvido para escutar algum contado aliado.

Pode falar, estou te ouvindo - respondeu Light sem perder a concentração do que estava fazendo. Sabe onde o True está? - Se fosse há alguns anos, a garota tinha o chamado com mais formalidade, mas à medida que os anos passaram, ela conversava de maneira mais informal.

Light virou a cadeira, pensativo, para dar mais atenção à garota.

Se bem conheço aquele garoto, deve estar nos túneis de transporte em um daqueles momentos reservados dele.

Obrigada, vou checar se ele está lá - ela se despediu dando-lhe um beijo na testa.

Light assentiu e voltou ao que estava fazendo.

Os túneis de transporte são um ótimo local para ficar sozinho e para refletir. No local passam pequenas correntes de ar da superfície, impedindo que fique abafado e ao mesmo tempo protegendo do frio rigoroso do lado de fora.

True realmente estava no local, sentado na elevação que separava da via de transporte para o local seguro. O pequeno vagão de metrô estava desativado, fazendo o local ficar ainda mais escuro. Esmeralda se aproximava, tentando não fazer barulho, e então colocou as mãos sobre os olhos do jovem pensativo.

Adivinhe quem é! - ela brincou.

Esmeralda! - True respondeu aparentemente alegre pela garota ter aparecido.

Finalmente te encontrei! Eu te procurei por toda a base! O que estava fazendo?

O sorriso no rosto de True desapareceu com a pergunta. O motivo de ele estar no local desolado, pensativo, era os atuais acontecimentos.

Estava pensando em Juan, em como a Silvia vai viver daqui para frente, sobre nossa batalha que recomeçará amanhã... Sobre Darcy, que está sofrendo em uma cela neste momento e a única coisa que sei é que ela está em alguma prisão na Europa.

A garota se sentia um pouco culpada. True tinha contado que ela fora a pessoa quem entregou Darcy aos soldados. Lembrando-se do que veio fazer, afastou os pensamentos ruins do passado.

Esmeralda fez um gesto, batendo de leve suas mãos em suas pernas. True reconheceria aquele sinal a distância. Ele recostou a cabeça nas pernas da linda jovem, esticando o resto do corpo no chão gelado, o que não o incomodava.

Esmeralda acariciava o cabelo e a fina, porém longa, mecha que ia até a cintura de True.

Qual era mesmo o motivo de você ter deixado crescer apenas esta mecha? - indagou Esmeralda, tentando se lembrar.

Faz parte do treinamento, quando ativo minha alma, essa mecha cresce, então tive que me acostumar a me locomover com um cabelo desse tamanho.

Eu achei que ficou bem diferente, combinou com você.

Que bom que acha isso. Eu não queria ficar com o cabelo todo comprido, fico aliviado por ela ser fina.

Enquanto True falava, Esmeralda procurou no bolso de trás da calça por um anel que desejava dar ao paladino.

Isto é para você.

True se sentou e pegou o pequeno anel que Esmeralda o presenteou. O anel era estreito, cabendo apenas no dedo mindinho. No anel, pequenos desenhos o enfeitavam. Começava com o sol pela metade, depois estava completo e o próximo era novamente pela metade. À medida que ia girando, podia ver o resto dos desenhos, quando terminava o sol, apareciam as fases da lua até que começava tudo novamente.

O primeiro desenho mostra o nascer do sol, depois ele ao meio-dia e logo após quando se põe. As fases da lua simbolizavam a noite até que um dia - Esmeralda agarrou a mão de True e girou o anel mostrando a última figura. - Eles se encontram formando o eclipse.

O jovem não havia percebido quando sol e lua estavam juntos, achando interessante o detalhe forjado no anel.

Por que está me dando isso?

Uma vez estava conversando com Light sobre as pessoas materialistas. Aquelas que apenas se importam com o imóvel mais caro, o melhor veículo etc. Resumindo, se importando apenas com bens materiais se esquecendo de que na vida existem coisas mais importantes, como a alma. Esse fator é responsável por grande parte das pessoas que não possuem uma forma de alma. Ele acrescentou que também existem certos objetos que mesmo não possuindo muito valor financeiro, podem ser mais valioso dependendo da pessoa.

True ouvia atento, esperando que ela concluísse.

Light me mostrou o camafeu que sempre carrega. Aquele camafeu não possui muito valor no mercado, mas, para ele, é mais valioso do que as mansões que tem em seu nome, devido ao sentimento que o camafeu o faz lembrar em relação ao irmão gêmeo. Aquele camafeu o acalma nas batalhas e nas suas decisões mais importantes, lembrando-o de não esquecer a esperança. Se o valor for com esse objetivo, em sua opinião, Light não considera a pessoa materialista, pois ela não enxerga a matéria, mas o sentimento que há nela.

True pensava no assunto e fitava o anel.

Então nós é que tornamos algo valioso - concluiu.

Sim, foi o que ele quis dizer - Esmeralda assentiu. - Imaginei que você estaria nervoso, então pensei em te dar esse anel para que se lembrasse do que já passamos.

Vou fazer mais que isso.

Esmeralda franziu o cenho em dúvida.

Eu vou fazer um juramento - True colocou o anel na mão esquerda e a cerrou. Concentrando-se no anel, continuou: - Prometo não cair em ilusões. No momento em que descobrir meu *mundo*, vencerei cada obstáculo para alcançá-lo. Mesmo se eu fraquejar no caminho sinuoso, me reerguerei e continuarei andando. Prometo, também, proteger a pessoa mais importante para mim até o dia em que o brilho continuar em meus olhos.

Esmeralda sorriu, feliz por conseguir ajudá-lo. Observando o sorriso que havia voltado ao rosto do paladino.

E quem seria essa pessoa mais importante para você? - indagou curiosa.

Isso... - True fez um tom de suspense. - Eu não vou te falar!

Como assim não vai me falar? Você vai me dizer agora!

Esmeralda investiu com seus braços, querendo alcançar os pontos em que True sentia cócegas.

Ele sorriu com a brincadeira, segurando os braços da jovem, impedindo-a que o tocasse.

Após a troca de sorrisos, True deitou-se novamente no colo de Esmeralda e ficaram em silêncio por um tempo.

Esmeralda pensava no juramento que True havia feito. Ele, mesmo conseguindo fazer a sincronização avançada, ainda não sabia qual seria seu *mundo*, o que a fazia pensar que não estava muito diferente daquela situação, mesmo depois de voltar a ser *pura*, não tinha parado para pensar no que era mais importante para ela. Até o momento, queria pagar sua dívida aos paladinos que a salvaram, o que era o bastante até então.

Mas sabe o que eu realmente queria mais do que qualquer coisa? - indagou True, interrompendo os pensamentos de Esmeralda enquanto fechava os olhos e virava a cabeça em direção a ela.

Não, o quê?

Queria que o tempo parasse agora. Eu não me importaria de passar a eternidade aqui.

Esmeralda sorriu. Realmente aquele momento era único. A brisa que atravessava o túnel parecia levar todas as preocupações embora. A paz que estava naquele local parecia eterna. A felicidade por estar com alguém querido dispensava qualquer outra coisa que se precisasse.

E uma pena que isso não dure para sempre - disse a jovem.

Capítulo 26

28 de outubro

Rio de Janeiro, Brasil — América do Sul.

A Ilha de Malevolência era agora um local de memórias. O que antes era uma base militar se transformara em ruínas, simbolizando a derrota do general e de seu exército.

Era noite e a falta de iluminação deixava o lugar escuro como o breu. O mar estava tingido de preto, somente alguns reflexos iluminavam a água. Afastado da cidade, uma canção interrompia o silêncio das ruínas. Ecoando por entre os destroços.

*"Alegria, mais belo fulgor divino, Filha do Eliseo!
Ébrios de fogo entramos, em teu santuário celeste!"*

A voz era meiga, de uma garota, encantando a todos que podiam ouvir.

- Foi aqui que tudo acabou e começou - disse Alone, olhando em volta do antigo local onde fora a batalha contra o general da América do Sul.

Alone estava usando uma espécie de máscara de caveira que escondia sua boca e seu nariz. O homem, que tinha se tornado um *caído* pela segunda vez, não estava sozinho, estava acompanhado de mais seis pessoas, um homem e cinco mulheres, sendo uma delas uma adolescente e outra estava totalmente coberta por roupas que não mostravam quase nenhuma parte de seu corpo. Todos, sem exceção, usavam a mesma máscara em seu rosto, tal qual Alone. Está tudo bem, mestre? - indagou uma mulher ruiva de cabelo chanel que chegou mais perto se agachando como se estivesse na presença de um rei.

Ela tinha cerca de 30 anos, era alta, mas menor que Alone. Usava óculos de lentes transparentes que lhe davam uma aparência séria e madura. A roupa de couro preta junto ao salto lembrava o mesmo estilo de Alexandra, a caçadora de elite que abandonou o exército. Era uma mulher de poucos atrativos, apesar do belo rosto e das sardas que, com os olhos verde-escuros, lhe davam certo charme.

Levante-se, Kristin, esqueça a formalidade por enquanto. Este momento é único no ano. Estou procurando pela princesa, sabe onde ela está?

Provavelmente, na encosta da ilha, olhando a lua.

Alone fez um gesto de agradecimento a Kristin e se dirigiu ao local descrito. A medida que se aproximava, podia ouvir melhor a canção que rompia o silêncio da noite.

*"Teus encantos unem novamente,
O que o costume rigorosamente separou,
Todos os homens se irmanam, onde teu doce vôo se detém."*

Alone aplaudiu a bela canção cantada por uma garota que logo se virou o reconhecendo.

John! - ela correu até ele.

A garota, a qual Alone se dirige como se ela fosse da realeza, era pequena, tendo aproximadamente 1,55m de altura. Pele branca como a lua. Cabelo preto e comprido que se dividia em dois, amarrados por prendedores de cabelo, batendo um pouco abaixo da cintura com uma franja de lado. Ela tinha olhos castanhos e usava um calçado e vestido pretos. Seu peso era certo para sua idade, que era 16 anos, com o corpo em desenvolvimento.

Nona sinfonia de Ludwig van Beethoven e poema "An die Freude", de Friedrich Schiller, nunca me canso de ouvi-las, principalmente vindas de você. Fico feliz que esteja fazendo sua parte, e eu prometo que logo o *Rito* estará em suas mãos.

Alone estendeu a mão para que ela usasse como apoio e assim alcançasse o local onde estava. Devido o terreno ter sofrido grandes danos com a batalha, o solo era bastante irregular, com vários destroços um sobre o outro. Apesar de que algumas estruturas, mesmo com partes destruídas, ainda estavam de pé.

A propósito - Alone continuou —, não me chame de John, minha princesa. Assim como não quer que eu a chame de rainha, também prefiro que me chame por outro nome — disse Alone enquanto caminhava até onde estava anteriormente. - E então, sabe que dia é hoje?

Vinte e oito de outubro - ela respondeu com um olhar curioso.

Exatamente, hoje faz três anos que renasci como Alone, é como se fosse meu aniversário - explicava enquanto se sentava, colocando a garota em seu colo.

Eu deveria te dar os parabéns? Como se fosse um aniversário? — ela indagou quando Alone arrumou um fio de sua franja que tinha escorregado para frente de seus olhos.

Certamente que não, minha princesa. Este dia, apesar de ser um dia de nascimento, não deve ser comemorado como um aniversário. E um dia como o dia dos mortos, as pessoas vão ao local do ente querido e visitam seu túmulo lembrando-se dos bons momentos que passaram juntos.

Mas não vejo túmulo e ninguém visitando este local - disse franzindo o cenho e botando suas pequenas mãos no rosto de Alone.

Você observou bem, como sempre - elogiou Alone enquanto pegava a pequena mão e lavava aos seus lábios, beijando-as por cima da máscara. - Assim como um corpo é cremado e são jogadas as cinzas ao vento, minha alma foi despedaçada em minúsculos pedaços, menores que um grão de areia, então não foi necessário um túmulo. E quanto às pessoas, elas estão fazendo algo que consideram muito mais importantes do que as dores do passado, talvez nem se lembrem deste trágico dia. Mas eu não me importo, de qualquer forma, um dia eu sei que mesmo vocês irão me trair e partir.

Nós nunca faríamos isso, mestre Alone! - Um coro de todas as pessoas que estavam no local surgiu. Todos ajoelharam apertando o nó que mantinha a máscara presa ao rosto.

Como você é cruel! Acha mesmo que eu irei embora? - gritou a garota com uma voz aborrecida, batendo os punhos no peito de Alone.

O *caído* fechou os olhos por um instante, agarrou os braços da garota e olhou bem fundo em seus olhos.

Princesa, você é uma pessoa rara que adquiriu uma maturidade muito mais avançada do que sua idade aparenta, para uma garota que possui 15 anos e que logo fará 16 anos, assim como você, deveria vagar pelo mundo conhecendo as coisas, errando e aprendendo com os erros, porém... - Alone fez uma pausa, passando a mão lentamente no cabelo liso e brilhante da garota. - Chegará

um dia no qual serei um peso para você, e neste dia, seguirá seu caminho. Não se preocupe, quando chegar essa época, serei eu quem sofrerá com sua falta, mas posso sobreviver sozinho, afinal meu nome é Alone Walker.

A garota abaixou seu olhar, ficou pensativa por um momento e voltou a encarar Alone.

Então viverei cada minuto enquanto estiver ao seu lado - disse, fazendo o mesmo gesto apertando o nó da máscara como os outros fizeram.

Alone deu um sorriso, mas a garota não pôde perceber devido ao acessório. Ele observava os olhos castanhos da garota assim como os dele, aparentando se lembrar de algo no passado distante.

Estava cantando aquela canção outra vez?

Sim — ela mudou a direção de seu olhar. - Por algum motivo me sinto atraída pela nona sinfonia de Beethoven.

Alone a olhou novamente nos olhos e pôde perceber o sorriso mesmo debaixo da máscara. A garota parecia estar confortável na presença do *caído*, e parecia ser a única, pois todos os outros presentes estavam afastados e encaravam Alone como se a qualquer momento ele pudesse matá-los.

O momento foi interrompido com o ruído de unhas raspando o concreto. Todos encararam um dos cachorros de Alone saindo do chão entre sombras.

Solitude! - ela gritou reconhecendo. Em um curto assovio, ela fez o cão ir a sua direção e permanecer ao seu lado.

Solitude, um dos sete cães que representa uma das sete cabeças do Cérbero, reconheceu a garota de imediato. O cão, que aparentava ser da raça *rottweiler*, abaixou a cabeça, deixando que a garota passasse a mão em seu pelo.

Eu não gosto de cães - disse a pequena jovem com um olhar penetrante enquanto acariciava Solitude. - Eles sempre estão felizes mesmo se você tiver a intenção de matá-los, mas o seu é diferente, mestre Alone - ela concluiu e Alone concordou avaliando o comportamento alerta de seu cão.

Seja bem-vindo. Agora venha - Alone deu a ordem estendendo a mão chamando seu animal do submundo, que se aproximou e virou sombra voltando ao corpo do dono.

Alone suspirou e cerrou os olhos enquanto as imagens que o cão havia visto passavam em sua mente. Ele levemente afastou as pernas da garota para que levantasse. Ela rapidamente entendeu o gesto e se retirou, mas pôde notar o olhar pensativo e vazio do *caído*.

Todos o olharam enquanto subia em uma pilastra maior e encarava a lua. Notando que algo estava errado, Kristin resolveu certificar-se sobre o comportamento de seu líder.

Aconteceu algo, mestre?

Meu avô faleceu - respondeu lentamente.

-Juan está morto? - Era a voz de Alexandra, que estava mais afastada, mas a notícia a fez conferir o que poderia ter sido um engano.

Alone se virou e encarou Alexandra se lembrando de que foi a primeira a acompanhá-lo desde que ele a ajudou no Canadá. A mulher continuava a mesma, porém notava-se um olhar mais tranqüilo do que antes quando era caçadora.

Sim, ele foi enterrado hoje no fim da tarde. Solitude estava lá e viu tudo, mas não se preocupem comigo... — Alone ficou pensativo. — Vinte e oito de outubro, neste dia minha alma,

sentimentos, esperanças, tudo foi quebrado como cacos... Juan Leon Strongheart, ele era um homem que eu admirava, não, todos admiravam.

O que vai fazer, Alone? - Alexandra indagou, mas já sabia a resposta, apenas queria que ele desse a ordem.

Estejam prontos em cinco minutos! Vamos partir para o Canadá!

Todos fizeram o mesmo sinal anterior, ajoelharam e apertaram o nó de suas máscaras. Aqueles que estavam acomodados se levantaram esticando o corpo para seguir viagem. Alone deu alguns saltos para que alcançasse o local onde tinha enfrentado o general, afastando-se dos outros.

Foi tão terrível assim? — perguntou Alexandra e Alone ficou surpreso, pois não percebeu que foi seguido.

Você não sabe o quanto! Mas não quero falar agora sobre isso. Eu só estava pensando em meu avô, o que ele faria naquela situação.

Quando eu presenciei o medo de ser morta pelo soldado e depois que perdi meu filho, senti minha alma congelar, minha mente foi tomada pelo arrependimento e desespero - disse Alexandra, tentando uma comparação.

Entendo - Alone suspirou. - Sua mente foi afetada e sua alma sofreu grandes danos, mas não o suficiente para desaparecer. Naquele dia, meu *mundo* estava desmoronando, minha alma agarrou o último fio de esperança que restava para se salvar, saltando pelo abismo, estendendo a mão para que outra pessoa a puxasse, porém ninguém estava lá! Deixando-me cair no mais profundo abismo - sorriu percebendo que mesmo não querendo tocar no assunto, desabafou com a mulher que parecia lhe dar segurança.

Você já imaginou que talvez *ela* não fosse a pessoa certa e por isso tudo isso aconteceu? - Alexandra refletiu. - Brian dizia que tudo termina em um final feliz, se não chegou a esse ponto, é porque ainda não acabou. Era assim que ele mantinha a esperança. Mesmo depois de ele morrer, ainda acredito em suas palavras, agora mais do que nunca.

Basta, Alexandra! Não quero me irritar com você.

Alone fez uma pausa e continuou:

-Amadureci muito nesses três anos, graças àquele encontro no Canadá. Refleti muito sobre as palavras do meu avô, e é claro, daquele garoto.

"Já parou para pensar se não é você quem não está dando uma segunda chance", ou algo assim — lembrou com um sorriso.

Você também tem mérito nisso, Alexandra. Se não fosse por você, eu não teria esses seguidores, nem a princesa.

Eu fico honrada. E quem sabe True esteja certo?

Ela não podia ver a expressão do rosto de Alone, que estava de costas, e querendo acabar com aquela melancolia, informou que todos já estavam prontos para partir. Após dar o recado, deu meia-volta e desceu para que Alone ficasse sozinho.

Cidade de Yellowknife, Canadá, América do Norte.

A temperatura naquele dia estava em graus negativos. A viúva Silvia estava terminando de se servir com uma apetitosa sopa que ela mesma fizera. Estava sentindo pela primeira vez o que era o vazio, o silêncio, a solidão, o nada. Não imaginava que a ausência do marido faria tanta falta a

ponto de deixá-la em desespero. Mesmo das brigas ela sentia falta, a voz de Juan que a consolava e lhe dava esperança no mais difícil problema que teriam que superar, preenchendo a casa com vida. O cabelo branco, pela idade, estava preso a um acessório enquanto alguns fios escorregavam e caíam sobre seu rosto, mas ela ignorava a má aparência.

O estabelecimento onde morava sempre foi um local cheio de gente e barulho. Depois que o general foi derrotado, o local recebeu ainda mais clientes, o que a ajudava a passar o tempo, porém, naquele dia, devido à temperatura, as pessoas resolveram ficar em suas casas com suas famílias, esquecendo-se da idosa que habitava o enorme restaurante.

Quando terminou de se alimentar, por hábito, sua mão procurou a mão de Juan, que sempre estava ao seu lado jantando, mas ele não estava lá. Aquilo fez lágrimas brotarem de seus olhos, perguntando-se o que faria de sua vida a partir de agora.

Enquanto o doloroso silêncio tomava conta do local, foi interrompido com o barulho de pancadas na porta. Silvia se perguntou quem poderia ser aquela hora. Ela olhou para o relógio de parede carrilhão e viu que já se passava de meia-noite. A viúva não conseguia imaginar alguém que deixasse o conforto de sua residência para visitá-la naquele horário, principalmente com a temperatura e a tempestade de neve que estava do lado de fora. Sabendo que não tinha nada a perder, foi checar quem era. Agarrou um cobertor para que a protegesse melhor do frio e abriu a porta, tendo o cuidado de olhar primeiro por uma fresta, para que não sentisse a mudança brusca da temperatura do interior do restaurante e do lado de fora.

Quando Silvia encarou a pessoa que estava do lado de fora, se assustou. Logo à sua frente estava um homem de sobretudo com capuz, coturno e uma máscara misteriosa com uma imagem de caveira, mostrando ossos da mandíbula, nariz e dentes. Ela pôde perceber que o homem não estava sozinho, atrás dele havia mais seis pessoas todos com a mesma máscara amarrada na parte inferior do rosto. A senhora não tinha gostado muito de suas aparências hostis. Eles não eram paladinos nem soldados, pois ambos foram embora do país, se não eram nenhum dos dois, Silvia não tinha idéia de quem seriam os estranhos.

Quem são vocês e o que querem a esta hora?

A senhora se chama Silvia Leon?

Sim, e o senhor quem é? - Silvia quis saber.

Sou eu, *abuela*. John - disse Alone, abaixando a máscara para que sua avó o reconhecesse.

John? Meu neto! - Silvia disse atônita. Ela avaliava a mudança física do neto ainda sem acreditar que realmente era ele e não um sonho. Se não fosse pela barba, talvez a viúva tivesse reconhecido mais facilmente. - Quase não o reconheci! Agora entre, meu querido! Você pode ter uma doença com a tempestade que está do lado de fora. Chame seus amigos, eles também são bem-vindos.

Assim que todos entraram para o estabelecimento, Silvia fechou a porta e pendurou o cobertor que manteve seu corpo protegido. Alone se sentou em uma mesa esperando por sua avó, enquanto seus subordinados sentaram-se em outra mesa próxima para que os parentes pudessem conversar com privacidade.

Eles conversaram durante algumas horas, contando tudo o que houve nos últimos anos, antes mesmo dos paladinos aparecerem. Silvia nunca mais viu seu neto depois que a ditadura começou. Os pais e irmãos de Alone iam visitá-los no México quando estavam de férias, mas isso se tornou impossível com a ditadura.

Sua voz mudou tanto, John. Nem parece aquele menino hiperativo que me deixava louca - Silvia deu uma risada rouca. — Também percebi que está mais sério, parece que amadureceu muito durante esses anos que não o vejo. Na época, nem barba você tinha.

Realmente eu mudei muito - Alone assentiu e ficou em silêncio por um tempo. - Mas você parece a mesma, ainda continua jovem apesar do tempo.

Silvia gargalhou.

Não me faça elogios se não são verdadeiros, sua *abuela* já está no fim da vida.

Não acho isso. Comparando com outras mulheres de sua idade, você está bem, falo sério.

Silvia sorriu mais uma vez e depois o silêncio voltou a predominar. A viúva mexia em sua sopa com o talher quando um pensamento a interrompeu.

Como sou rude! Nem ofereci comida a vocês. Desculpe-me, John, sua *abuela* não tem a mesma "cabeça" de antes - Silvia se levantou correndo até o balcão onde levava à cozinha.

Não se preocupe! - Alone a impediu. - Não estamos com fome. Sente-se, por favor.

A viúva encarou seu neto, preocupada. Quando ele era mais jovem, não dispensava qualquer refeição feita por ela, mas decidiu não discutir, ela apenas sentou-se novamente.

Você precisa saber de uma coisa - Alone encarou sua avó nos olhos, certificando-se de que tinha sua atenção. - Antes de o *abuelo* morrer, eu me encontrei com ele há três anos. Quando os paladinos estavam aqui e derrotaram o general.

Tem certeza, John? Se Juan tivesse se encontrado com você ele teria me avisado.

Você o conhecia melhor do que eu. Sabe que ele não contaria para não fazê-la sofrer e o que ele viu de mim, não era algo que um avô poderia se orgulhar de um neto.

Silvia ficou confusa e hesitou.

O que quer dizer?

Isso não importa agora, apenas pense que estou em um período difícil de minha vida.

Silvia ficou pensativa, tentando imaginar o que o falecido marido e seu neto estavam escondendo. Mas eu não vim aqui para isso. Eu vim porque queria ver como estava. Fiquei sabendo do funeral ontem pela noite, então vim o mais rápido que pude.

Alone observou a expressão de sua avó, percebendo o olhar baixo se lembrando dos acontecimentos. Quando Silvia voltou a encará-lo, contou tudo o que havia acontecido desde antes do funeral.

É muito difícil viver assim, meu neto. Eles tiraram seu avô de mim. Se eles não tivessem aparecido - Silvia chorava se lembrando.

Eles quem? - Alone perguntou sem saber dessa versão da história.

Os Paladinos. Eles convenceram Juan a ir lutar contra o exército, mas seu *abuelo* foi ferido por um ataque do inimigo. Uma espécie de veneno que não poderia ser curado com a medicina atual. Light disse que ele apenas conseguiria retardar o processo, mas eu não acredito nele!

Alone ouvia atentamente as palavras da avó, o que o fez levantar-se bruscamente parecendo irritado, mas apenas estava pensativo. O *caído* caminhou duas vezes de uma ponta a outra da mesa quando concluiu:

Você sabe que fui o responsável pela morte de meus pais e irmãos e mesmo assim você me recebeu em sua casa e ainda me chama de "meu neto". Se você pôde me perdoar, por que não pode perdoar a eles que, assim como eu, não tiveram a intenção de causar tamanho sofrimento? Silvia ficou calada por um tempo, refletindo sobre as palavras do neto. Os subordinados de Alone

também esperavam pela resposta da viúva com expressões curiosas. O *caído* falara alto o suficiente para que entendessem do que o assunto se tratava.

Talvez esteja certo, meu neto. Porém, não sei mais o que fazer! Depois que Juan faleceu, não sobrou grande coisa, não tenho forças para gerenciar o restaurante. Minhas ajudantes, um dia, terão que seguir suas vidas. Os vizinhos, assim como hoje, ficarão em suas casas com suas famílias, e eu apodrecerei nessa casa sozinha, esperando que alguém se lembre de mim - Silvia deu uma pausa restaurando o fôlego devido ao choro. - Tudo de repente ficou escuro, nada faz sentido, é como se eu acordasse e visse que tudo foi um sonho e que ele tinha chegado ao fim. A morte é uma opção, o que antes era algo terrível, virou um caminho para o fim do sofrimento! Desculpe falar essas coisas, você não deve estar entendendo nada, mas eu precisava desabafar!

Não, eu entendo tudo perfeitamente — disse Alone que se apaixonou e ficou de joelhos na altura da avó que estava sentada. - Sabe de uma coisa, todos nessa sala entendem perfeitamente o que você está passando, e todos nós não escolhemos a morte como solução, você sabe por quê?

Silvia fez um gesto de cabeça, indicando que não sabia a resposta.

Por que ela não é uma solução! Se você morrer, Juan, continuará morto e nem após a morte você poderá vê-lo. Meus pais foram executados pelo exército por minha causa, por eu ter salvado as crianças naquele dia. Eu poderia ter ficado louco e ter me matado, mas aí eu pensei, se eu morrer aqueles que executaram meus pais não pagarão pelos seus atos. Agora que não tenho nada a perder, posso fazer tudo o que julgar correto. Todos que estão aqui possuem uma ambição, e eu posso torná-la realidade!

Alone se levantou.

Agora tenho que ir, *abuela*. Passei para ver como estava, mas preciso partir. Antes de deixar o Canadá, vou visitar o túmulo do *abuelo*.

Quando se despediu de Silva e foi indo até a porta, seguido por seus subordinados, ela o impediu: Espere! Deixe-me ir com você! - Silvia implorou, agarrando no braço do neto. - Eu estou sozinha nesta casa, abandonada na escuridão, por favor, me tire deste lugar!

Alone olhou o estado triste de sua avó, imaginando como seria sua vida. Com um leve sorriso, encarou seus seguidores, todos entenderam do que se tratava; assim, fizeram um gesto de aprovação e então Alone retirou sua máscara.

Se é o que deseja - disse Alone entregando o acessório para Silvia. - Porém assim que aceitar esta máscara, devo alertá-la de que o caminho não será muito diferente do agora. Poucos conseguem trilhar o caminho que percorro, não é porque sou seu parente que você terá um tratamento especial. Quando colocar esta máscara será como se estivesse morta, e a partir deste dia, realizará tudo do que se arrependeu uma vez antes de morrer.

Eu não me importo! Ficar aqui não mudará nada!

A viúva, sem se intimidar, agarrou a máscara na mão de Alone e a amarrou em seu rosto. Naquele momento um forte vento passou pela porta, sacudindo as janelas do alojamento.

- Eu e a princesa seguiremos viagem para a Ásia. Vocês podem ir para a África sem nós, e se puderem me fazer um favor, eu quero que ensinem tudo o que sabem para minha avó - explicou Alone para seus subordinados, deixando que o sorriso crescesse ainda mais em seu rosto. Quando percebeu que Silvia tinha posto o sombrio acessório, ele a encarou nos olhos vazios. - "Deixai toda a esperança, vós que entrai". Seja bem-vinda, *abuela*, à Pandora!

Capítulo 27

Olaerinasai

Os Paladinos, depois de várias horas de viagem, estavam chegando ao continente do qual foram capturados. O local não lembrava nada de bom, deixando o silêncio e as lembranças tomarem conta do ambiente.

Light era o novo piloto com a ausência do antigo, traidor, que quase custou o fim da organização e da esperança. Apesar das tristes e humilhantes cenas que voltavam para assombrar as suas mentes, todos estavam decididos a fazer muito diferente nas batalhas, onde o inimigo seria totalmente derrotado. Kyōki havia aprendido algumas noções de pilotar, fazendo Light o escolher como seu copiloto. Como tinha terminado o treinamento da sincronização avançada muito rápido, pôde aprender coisas novas em seu tempo livre, as quais, com certeza, seriam úteis.

Light anunciou ao rádio que estavam chegando ao local, e após alguns minutos, disse para os passageiros colocarem o cinto para ter início a aterrissagem.

True estranhou, ele não via nenhuma pista de pouso pela pequena janela, questionando-se onde Light pousaria. Contrariando sua idéia, a aeronave começou a perder altitude para que pudessem pousar, o que em poucos minutos, todos puderam sentir quando as rodas tocaram o chão e, depois, quando finalmente parou.

Após retirarem o cinto, Esmeralda tomou à frente. Ela também estava curiosa sobre o local onde o avião havia pousado. Assim que a porta se abriu, uma surpresa. Uma pista de pouso tinha surgido no meio do oceano, tão comprida, que eles mal conseguiam avistar seu fim.

- Incrível! Este é mais um de seus projetos? - indagou True, maravilhado.

Não, eu tive ajuda de vários outros arquitetos realmente habilidosos. Mas vocês ainda não viram nada, vamos até aquela cabine — disse Light, orgulhoso, apontando para uma cabine com paredes transparentes.

A cabine possuía espaço suficiente para que todos pudessem se locomover com folga. Ela possuía alguns assentos na lateral esquerda, suficientes para todos, e na lateral direita ficavam os controles que até então ninguém, além de Light, sabia o que faziam.

Após todos se sentarem, Light ligou o mecanismo e deu alguns comandos ao puxar algumas alavancas. Após um leve tremor, paredes feitas por rigorosos metais se elevaram nas laterais da imensa pista de pouso, fazendo com que o local ficasse escuro e a vista para o oceano ficasse impossibilitada. Luzes imediatamente se acenderam, iluminando novamente o recinto.

Depois que a barreira de metal foi totalmente erguida, Light puxou outra alavanca, fazendo a pista de pouso descer metros e metros abaixo do oceano. Todos, com exceção de Light, acompanhavam o trajeto sem saber o que aconteceria em seguida.

A plataforma parou e começou um novo percurso a comando de Light, o qual seguia para a lateral. Depois de alguns quilômetros percorrendo nessa direção, pararam mais uma vez e, após outro comando de Light, a plataforma começou a subir, mas não demorou muito quando pararam definitivamente.

Muito bem, chegamos ao nosso destino — proclamou Light, dando o último comando para que as barreiras abaixassem e a porta que mantinha a cabine fechada fosse aberta.

O líder rebelde guiou todos até a entrada da base quando foram recepcionados.

Okaerinasai ^(お帰りなさい), *Light-san!* - disse um japonês cumprimentando Light, abaixando a cabeça junto ao tronco.

Tadaima ^(ただいま) - respondeu Light cumprimentando o japonês da mesma forma.

True e Esmeralda ficaram perdidos, mas vendo Light e Kyōki realizando o cumprimento, fizeram o mesmo.

Quero que conheçam Kenichi Nishi, ele é responsável por administrar a base enquanto eu estiver fora, além disso, ele foi um dos arquitetos que me ajudou a projetar aquela pista de pouso - disse Light, feliz por ter um ajudante tão habilidoso.

Incrível, *Kenichi-san!* Você deve ser muito inteligente e criativo - Esmeralda elogiou. Ela não sabia muitas coisas sobre a língua e costumes japoneses, mas sabia que sempre tinha que acrescentar o sufixo "san" quando fosse se dirigir a alguém.

Fico muito feliz pelos elogios, mas eu também tive muita ajuda no projeto. Os senhores e a senhorita não se preocupem, podem me chamar pelo primeiro nome.

Nishi era um japonês muito bem-educado. Um excelente arquiteto e administrador. Era paciente assim como Light. Um homem de estatura média, idade cerca de 30 a 40 anos, o peso um pouco acima da média, cabelo curto quase raspado, usava óculos e quase sempre estava com um sorriso no rosto. Light tinha orgulho de tê-lo em seu time na base, o que mais chamou sua atenção foi por Nishi ser um homem esforçado e que sempre pensa no bem-estar das pessoas, apesar de sua alma ainda não ter uma forma definida.

Esse é meu amigo Nishi, sempre modesto - Light o abraçou. - Se precisarem de qualquer ajuda na base, é só procurá-lo. Agora quero que conheçam meus alunos e nossos guerreiros, e guerreira — acrescentou.

Light apresentou cada um informando um pouco de sua história e habilidades. Nishi, assim que conheceu Kyōki, ficou feliz em saber que um japonês também estava incluído como um paladino, ajudando a libertar o mundo da ditadura.

Assim que foram devidamente apresentados, todos entraram pela porta que ligava a base. O que lembrava muito a do continente americano, possuindo apenas a diferença do meio de transporte. Em vez do pequeno vagão de metrô, estava a pista de pouso onde era guardado o avião que fizera a viagem.

A base era imensa e, apesar da semelhança do lado de fora, o interior era bem diferente das outras do continente americano. Como estavam no Japão, toda a base seguiu sua arquitetura, costumes e decorações.

Quando todos conheceram seus respectivos quartos, perceberam melhor a diferença. A porta era de correr e a cama mais baixa do que a de costume, possuindo apenas uma pequena elevação de madeira para que não se encostasse ao chão. Outro móvel bastante incomum que eles perceberam era o *kotatsu* ^(こたす), um móvel bastante comum no Japão, especialmente no inverno ou em regiões frias.

Cansados da viagem e curiosos com a diferença de ambiente, os paladinos resolveram que tirariam o dia para conhecer a base e descansarem. E na manhã seguinte, haveria uma reunião para debater os detalhes da invasão. Com todos concordando, dividiam-se para conhecer melhor cada lugar.

True foi imediatamente conhecer a culinária, algo que tinha curiosidade desde pequeno. No

primeiro momento, o jovem não apreciou a comida, sentindo a diferença no paladar entre uma região e outra. A alga contida em alguns alimentos como o *sushi* e a *temaki* não foi muito bem aprovada de início. O cozinheiro japonês riu com a expressão do jovem e comentou que a maioria estranhava o gosto na primeira vez que provava, principalmente, aqueles que vinham do mundo ocidental.

Light, depois de fazer um ronda pela base e cumprimentar a todos os seus ajudantes, acompanhou seu aluno nas refeições, pedindo o *sakê* para que brindassem a volta ao continente. True quis provar a bebida, e depois de várias experiências, o *sakê* parecia agradá-lo.

Esmeralda passou o dia provando roupas do país, ela observava algumas mulheres que andavam pela base e se encantou com o *kimono*, escolhendo o *kimono yukata* como seu predileto. Uma japonesa, percebendo a curiosidade da moça, ajudou-a com as roupas e mostrou algumas maquiagens da região, como as das gueixas.

Enquanto todos se divertiam com a nova cultura, Kyōki, o mais familiarizado com o local, foi até o segundo andar, local onde se encontrava um pequeno local de orações. O ambiente era dividido em duas pequenas salas; uma continha uma estátua de Buda, representando o budismo; e na outra era para seguidores do Xintoísmo, a qual possuía um pequeno altar elevado, chamado de *Kamidana*, consagrado aos deuses para que fossem postas as oferendas e recitasse as orações. Kyōki, como era budista, se dirigiu até a estátua de Buda e acendeu alguns incensos e fez suas preces.

O resto do dia foi usado para dormir e acostumar-se com o fuso horário. Após conhecer muito sobre a cultura oriental, precisavam de um tempo para absorver tanta informação. Nishi ficou feliz em contar sobre seu país e conversar com Kyōki quando se encontraram perto do local de orações. Nishi era xintoísta e também estava fazendo suas preces para que tudo desse certo para os paladinos.

No dia seguinte, após o almoço, todos se reuniram em uma sala criada especialmente para debater estratégias e decisões importantes para a restauração do mundo. A sala, como nas outras bases, se localizava no piso mais elevado.

Assim como toda a base, o salão de reuniões era diferente dos que tinham visto, em vez de várias cadeiras, eram pequenas e confortáveis almofadas que foram postas lado a lado no chão. A mesa possuía a mesma largura, mas sua altura era bem menor. Light sentou na ponta, como de costume, Nishi também estava presente na reunião e se sentou à direita do líder. True ficou à sua esquerda, em seguida Esmeralda e por último Kyōki, sempre mais afastado.

Agora que todos estão aqui, vamos começar - proclamou Light.

As portas sempre estavam fechadas, não para esconder informações dos outros que trabalhavam no local, mas para manter o silêncio e a concentração.

Eu compreendo que vocês ainda não devem ter se acostumado com o fuso horário. Então, antes de começarmos a invasão, quero que fiquem, no mínimo, mais cinco dias restaurando suas energias para a batalha, porém haverá horas de treinamento para que não percam o ritmo. Quanto a isso alguém tem alguma objeção? - Light indagou.

Concordo com um período de descanso, mas cinco dias? Não acha que é muito? - True opinou.

Desculpe, mas tenho que discordar do True-san. Acho que Light-san tomou uma sábia decisão. Eu iria propor esse período se não tivesse dito. Principalmente porque a diferença é enorme, doze horas entre um local e outro — explicou Nishi, e Light ficou feliz que sua filosofia estava certa.

Então quanto ao período, alguém mais tem alguma coisa a dizer?

Todos permaneceram em silêncio. Nishi parecia ter experiência e como apoiava Light, não havia motivos para duvidar da palavra dos dois.

Muito bem, continuando. Nishi-#m deixou à nossa disposição dois carros que poderemos usar para chegar ao antigo templo onde provavelmente estará o general Genkaku Akuma. Usaremos dois veículos, pois caso precisemos nos separar para distrair algum inimigo, não será possível utilizando apenas um; além disso, o veículo que iremos usar só possui bancos dianteiros. Quanto ao general, como todos sabem, ele possui habilidades perigosas, às quais ainda não possuo uma solução eficaz contra elas...

Quanto a isso... - Kyōki interveio. - Eu irei enfrentá-lo, na verdade, sou o único que pode vencê-lo.

Kyōki encarou Light com olhar sério e decidido, como de costume.

Agora eu me lembro! — Nishi interrompeu. - Você é o filho do general! Eu sabia que conhecia seu nome de algum lugar, Genkaku Kyōki.

Houve alguns segundos de silêncio e então Light recuperou a palavra:

Você tem certeza de que quer fazer isso? Ele é o seu pai. Pode cuidar disso sem que haja nenhum arrependimento? Nós somos mais que uma organização, somos como uma família, não precisa fazer isso sozinho.

True queria impedi-lo, mas como tinha ocorrido no último debate sobre o assunto, era dever de Kyōki decidir.

Sim, podem confiar — Kyōki afirmou com o mesmo olhar. - Sou o único entre nós que pode derrotá-lo.

Light pensava se estava fazendo a coisa certa ou estava tomando o mesmo erro que ocorreu com Alone, deixando seu antigo amigo enfrentar sozinho um general.

Então está decidido. No primeiro carro, irei eu e Kyōki. True e Esmeralda irão nos seguir e garantir que nossa retaguarda não seja alvo. Quando chegarmos ao quartel general, cuidaremos de abrir caminho até o Akuma e então Kyōki o enfrentará. Alguma pergunta?

True novamente queria impedir a loucura que Kyōki estava para cometer, mas não interferiu. Light percebia que True estava incomodado com o assunto, mas também não podia fazer nada.

Não deveria ir algum de nós para dar suporte ao Kyōki? Temos que dar a chance ao general de se tornar um *puro* novamente - perguntou Esmeralda, e aquela foi uma ótima chance de True se envolver, mas antes que ele pudesse dizer algo, Kyōki o impediu.

Não há necessidade. Meu pai se perdeu há muito tempo nesse caminho e não existe chance de que ele possa voltar a ser um *puro*. Eu o conheço melhor que vocês, se hesitarem por um segundo, serão pegos em uma ilusão e será o fim.

Se esta é sua decisão, não podemos contrariá-la, mas esteja ciente das conseqüências - disse Light, triste por não poder impedir a decisão de Kyōki. - Antes de terminarmos, os últimos detalhes. Não subestimem os atuais soldados, eles estão muito mais selvagens e poderosos, vimos isso quando impedimos os ataques na América. Quanto ao horário da operação, daremos início quando o sol começar a se pôr, nessa hora haverá poucos civis nas ruas, diminuindo os riscos de algum se envolver. Isso é tudo, daqui a cinco dias daremos início à libertação do continente asiático!

Passado o período de cinco dias determinado por Light para que todos restaurassem seus corpos, preparando-os para a batalha contra os generais, as roupas especiais foram entregues para cada membro.

A roupa de True era semelhante à antiga, a regata branca e a calça preta. Porém, foi adicionado um sobretudo, sem mangas de gola que elevada até a altura da ponta do nariz, tinha uma característica bastante diferente, podendo ser fechado de várias maneiras. Pensando como se fossem botões, havia pequenos prendedores de metal que se encaixavam, podendo prender somente na altura do peito até a cintura, facilitando a movimentação das pernas e garantindo a proteção da parte superior do corpo. Também poderia fechá-lo totalmente, escondendo metade do rosto até um pouco acima dos joelhos. Dividido em duas cores, preta na esquerda e branca na direita, possuía uma linha branca que contornava a extremidade esquerda e uma linha preta que contornava a direita, no centro, as duas linhas se encontravam formando do topo das costas, logo abaixo dos ombros, o símbolo do *yin-yang*. Por dentro, uma regata de algodão branca e a calça comprida preta reforçavam a defesa. True continuava optando por seu coturno como calçado, o qual lhe dava maior proteção.

Esmeralda ganhou um uniforme à sua escolha, pois quando ativasse sua alma, materializaria sua armadura. Então escolheu um vestido oriental que lhe era confortável e havia gostado.

Kyōki adotou um *kimono* que samurais usavam. Foi feito em homenagem ao seu país natal. O paladino, apesar de não demonstrar nenhuma expressão animadora, disse que gostou do uniforme e logo o colocou. Nishi ajudou na fabricação da roupa, ajudando o paladino preferido para que fizesse uma boa luta, mesmo contra seu pai.

Light escolheu roupas sociais: camisa de mangas compridas branca, calça e sapato pretos. Apesar de pouca proteção, ele não precisava tanto quantos os outros que não podiam criar barreiras assim como ele.

Apesar de, aparentemente, as roupas serem comuns. Todas eram feitas pelo mesmo material usado nas fardas do exército, que suportavam certa quantidade de danos provocados por propriedades das almas.

Assim que todos estavam prontos, foram para o último andar da base onde esperavam por eles duas Mercedes SLK, nas quais se dividiram para os respectivos carros e duplas. Nishi e os outros ajudantes que trabalhavam na base desejaram boa sorte e disseram para darem o melhor de si nas batalhas. Os jovens agradeceram, assim como Light, e então partiram.

Outro elevador levou os carros até a superfície, onde saíam de um galpão abandonado.

A dupla de Kyōki e Light seguiu à dianteira. Kyōki dirigia o carro para que Light pudesse estar com as mãos livres; assim, poderia usar suas habilidades no caso de algum ataque. Na outra dupla, Esmeralda estava na direção enquanto True seria encarregado da proteção do veículo.

Assim que partiram em direção à pista, notaram que não havia outros veículos circulando e nenhum civil pelas ruas. A medida que avançavam, começaram a estranhar a total ausência dos civis e soldados. Apesar do horário, poucos minutos antes do toque de recolher, soldados deveriam estar patrulhando o local, porém não havia ninguém, apenas eles circulavam pelas vias, aparentando serem os únicos da província.

Light, não estou gostando nada deste silêncio, algo está errado! - True anunciou ao rádio que, embutido nas roupas, fazia a comunicação entre eles.

Tem toda razão. Fiquem atentos! — Light respondeu.

Ambos os veículos diminuíram a velocidade e seguiram sua trajetória, atentos a qualquer ataque. Ainda faltavam alguns quilômetros até o antigo templo onde estava o general. Até o local eles temiam que houvesse alguma armadilha, como ocorreu há três anos.

True e Light olhavam o local abandonado. Tóquio sempre foi muito movimentada mesmo após a ditadura. *Onde estariam os milhões de pessoas que habitavam a província?* - Os paladinos tentavam imaginar.

Depois de avançar alguns quilômetros, Light e True voltaram aos seus assentos, já que não havia necessidade de proteção. True apoiou o braço na janela e ficou pensativo. Esmeralda, na direção, encarou rapidamente seu parceiro percebendo sua expressão.

No que está pensando? — indagou Esmeralda, querendo romper o silêncio que a deixava mais ansiosa.

Em tudo - respondeu. - Onde estão os civis, o motivo deles não estarem aqui, a batalha de daqui a poucos instantes contra os generais, essas coisas...

Esmeralda encarou True novamente e perguntou hesitante:

Posso te fazer uma pergunta?

Quantas quiser - disse.

O que vai fazer quando encontrar Pandinus? Você sabe... Ele é o verdadeiro culpado pela morte de Juan. Eu sei que não o veremos tão cedo, mas ele será o próximo general que enfrentaremos.

True fechou os olhos e ficou um tempo pensativo, depois de alguns segundos reabriu os olhos, encarando os edifícios.

Eu não sei. Pensei muito durante esses anos, mas ainda não achei a resposta. E como você disse, não o veremos tão cedo.

Esmeralda voltou seu olhar para a direção e continuou a conversa:

Também não sei o que fazer. Sei que temos que dar uma chance a ele, mas ele matou Juan! Um homem que não fazia mal nem a seus inimigos; na verdade, duvido que ele tivesse algum.

Eu também tive culpa, Esmeralda. Se não fosse por minha atitude, o general não teria feito o que fez.

Se pensar desta forma, todos temos culpa. Light pela insistência, eu por fazer você me proteger, e você por ter se exaltado. Em minha opinião, não foi nossa culpa, o general escolheu feri-lo!

Eu sei, mas...

Então usará o *Solstício* nele? - Esmeralda o encarou.

True ia responder quando escutou um zumbido, mas o som estava distante. Quando se concentrou melhor, o som lembrava o ruído de motores.

Não!

-Não?

Não é isso! Escute!

Esmeralda se concentrou e pôde notar o mesmo barulho. True encarou Light, percebendo que o tutor também havia percebido. Em um gesto de concordância, os dois se preparavam.

Eles já haviam percorrido metade do percurso e no momento em que passaram por um cruzamento, um Jipe Marruá e duas motos Ninja vinham de cada lado lateral da encruzilhada, totalizando dois jipes e quatro motos.

Como estavam atentos, Kyōki acelerou rapidamente seguido por Esmeralda. Eles conseguiram criar uma distância pequena, mas segura.

Os perseguidores se uniram, dando passagem aos jipes, para que estes alcançassem os fugitivos. Assim que todos iam por uma mesma rodovia, os soldados que estavam de carona nos veículos iniciaram os disparos contra os paladinos.

Kyōki e Esmeralda não podiam dirigir em linha reta, pois seriam atingidos pelos tiros. Eles ficavam alternando em direita e esquerda para dificultar a mira dos atiradores.

Se continuarmos assim será uma questão de tempo até eles nos acertem - True alertou ao rádio. - Tem toda razão. E agora que o treinamento com armas de fogo trará benefícios — disse Light. - Atrás dos bancos estão guardadas metralhadoras MP5. Tem munição suficiente no porta-luvas e debaixo dos bancos para derrubá-los.

Onde Light arruma essas coisas - pensou True, virando para pegar as metralhadoras e carregá-las.

Tudo pronto, Light.

Muito bem. Vamos focar nos jipes primeiro, eu acerto o da esquerda e você pega o da direita.

Entendido.

Esmeralda estava nervosa com aquilo. Não sabia se mantinha os olhos na direção que Kyōki seguia ou cuidava para que True não fosse atingido.

Esmeralda, mantenha sua concentração no volante. Isso só vai dar certo se todos fizerem seu papel e confiarem uns nos outros - disse Light, percebendo a ansiedade da garota.

True começou atirando, mas não teve muito sucesso com os primeiros disparos. Mesmo depois do treinamento, ainda não estava acostumado com a mira e o modo como a arma pulava ao disparar.

Mire mais embaixo, True.

O garoto disparou mais alguns tiros. A precisão estava melhor, mas o soldado desviou de todos. True imaginou que aquilo seria alguma habilidade da alma do soldado; então, pensando desse modo, o garoto mirou os pneus e os acertou.

Quando as balas perfuraram a grossa camada de borracha, o motorista perdeu o controle do veículo, fazendo o jipe acertar os soldados que estavam na moto à direita. O carro capotou quase acertando uma segunda moto que desviou.

Ótimo tiro, garoto!

True ficou bastante contente de sua idéia ter dado certo. A empolgação foi tanta que ele se virou para agradecer a Light. Uma atitude perigosa, pois poderia ser atingido a qualquer momento nas costas.

O soldado que estava no segundo jipe mirou o garoto, mas Light percebeu e rapidamente descarregou vários tiros no soldado, o qual foi morto por um projétil que acertou sua cabeça e dois que atingiram o tronco. Ele, aproveitando a chance, acertou o motorista, fazendo o veículo desgovernado capotar.

Desculpe, Light - disse True envergonhado.

Apenas não faça isso de novo.

Agora só restavam três motos para serem abatidas.

Kyōki e Esmeralda estavam se dirigindo para um túnel, do qual eles não se lembravam de sua existência.

Eu não me lembro desse túnel - Kyōki alertou. - Acho que estamos indo na direção errada.

Pouco provável, já estou vendo a torre de Tóquio - Light apontou. - O antigo templo é vizinho da

torre, estamos perto.

Kyōki, sem querer questionar seu líder, acelerou e seguiu em direção ao túnel. Esmeralda o seguiu e aumentou sua velocidade.

Um das motos que os perseguiam avançou passando por eles, ficando à frente do carro onde estavam Kyōki e Light.

Agora eles teriam que proteger sua vanguarda e retaguarda. Light não quis que aquela situação se prolongasse, então, assim que o carro de True e Esmeralda entrou no túnel, ele criou uma barreira, inclinada aproximadamente sessenta e cinco graus, que funcionou como uma rampa, fazendo as motos serem arremessadas para cima da entrada do túnel. Com o impacto, elas explodiram, restando apenas a da frente.

Light, posso destruí-la rapidamente com meus espinhos - Kyōki sugeriu.

Não! Guarde o máximo de energia para a batalha contra Akuma. Você vai precisar, Kyōki, não subestime o título de seu pai.

Kyōki não insistiu, apenas manteve a aparência séria e se concentrou no inimigo à sua frente.

A moto, que tomava à dianteira, avançou mais um pouco, aumentando a distância entre eles. Assim que calculou a distância adequada, começou a arremessar pequenas esferas que explodiam depois de alguns segundos.

Explosivos! - gritou Light para que todos ficassem atentos, principalmente para a dupla que o seguia.

Assim como fizeram para desviar dos tiros, tiveram que seguir desviando dos pequenos explosivos que eram arremessados. Mas agora era bem mais complicado.

As explosões atingiam uma área maior, além de qualquer acerto significar o fim para eles. Mesmo aqueles que não o acertavam, davam problemas. Os explosivos que acertavam o chão criavam buracos, além de arremessar pedaços da via que voavam com a explosão. Os que explodiam no ar faziam os motoristas perderem o controle da direção por alguns segundos. Os tiros dependiam da mira, mas, naquele caso, o soldado apenas arremessava os explosivos aleatoriamente.

A seqüência de explosões não podia continuar, de algum modo, eles teriam que acabar com aquela situação de descontrole.

Light tentou uma idéia, pediu que Kyōki acelerasse e esperou que o soldado arremessasse outro explosivo.

Quando enfim Light viu o movimento do braço do soldado arremessando um explosível no ar, rapidamente mirou e atirou com a metralhadora. Quando o projétil atingiu seu destino, criou-se uma explosão suficiente para que o soldado perdesse o controle da moto e fosse arremessado alguns metros à frente.

O soldado ferido levantou-se cambaleando, apanhou um explosivo e com um último esforço acertou a parte de cima do túnel. O teto cedeu caindo sobre ele, terminando de matá-lo e fechando a passagem para os paladinos.

Essa não! Alguém tem alguma idéia? — disse Esmeralda, preocupada.

Light analisou a situação e deu a ordem:

Esmeralda, acelere e fique o mais próximo de nós. True, volte para dentro e se segure. Kyōki, acelere mais um pouco e depois mantenha a velocidade. Não se preocupem, vai dar tudo certo!

Assim como foram ordenados, todos se prepararam. Light abriu a porta do veículo e por um

instante todos arregalaram os olhos, tentando imaginar o que o tutor faria. Concentrado, Light pulou para fora do veículo e ativou sua alma. Antes que fosse jogado contra a parede do túnel ou contra o pavimento, Light brandiu suas asas e voou até o carro onde estava, para que pousasse no para-brisa. Fechou os olhos e respirou fundo, ergueu as mãos para frente e começou a recitar alguma prece, criando uma barreira com o formato de uma pirâmide, com a ponta virada para os escombros. Faltando poucos metros, Light fortaleceu um pouco mais a barreira e todos se seguraram quando, enfim, veio o impacto.

Devido à forma da barreira, a força que foi aplicada no muro de pedras, que bloqueava a saída do túnel, foi concentrada em um único ponto, quebrando-a e os libertando do túnel.

Light voltou para seu assento e desativou sua alma para que não gastasse mais energia antes do grande combate. Assim que os motoristas retomaram o controle dos veículos devido ao terreno irregular, comemoraram pelo rádio, felizes por todos estarem bem, pelo menos, até o momento. Quando eles se acalmaram, Kyōki disse que já estavam chegando ao local. Aos poucos, as más lembranças reconheciam o percurso por onde foram levados quando capturados. De onde estavam, podiam ver a torre de Tóquio, antigo ponto turístico.

Em poucos minutos, finalmente chegaram à rua que dava acesso ao quartel general. Assim que Kyōki e Esmeralda estacionaram os veículos ao lado da entrada, todos desembarcaram. Os paladinos olharam em volta, como se Tóquio tivesse sido desabitada.

Não abaxem a guarda, a qualquer momento podemos ter outro contato com o inimigo - disse Light enquanto distribuía as armas carregadas. - A propósito, terei que levar sua arma e munição comigo, Kyōki. Usei energia que não queria ter gasto; então, tenho que acumular o máximo caso precisemos.

Não tem problema. Posso atirar meus espinhos caso precise.

Obrigado. Agora vamos entrar.

Light ia à frente seguido por Kyōki e True. Esmeralda ia por último, cuidando da retaguarda.

Enquanto davam os primeiros passos entrando no quartel general, Kyōki olhava atentamente relembando o local. Há vários anos ele havia frequentado o templo, despertando assim, sua alma. Notou que no lugar das pequenas barracas comerciais, estavam grandes tendas que serviam como dormitório para os soldados. Light, quando avistou as tendas, fechou a mão e a ergueu, indicando para que parassem. Depois fez outros gestos para que se dividissem e certificassem que as tendas estavam vazias.

Light e True foram para a esquerda enquanto Kyōki e Esmeralda averiguavam as da direita.

Tomando todas as precauções, viram que todas estavam vazias e não havia nenhum sinal do inimigo. Light pediu para que todos voltassem para a formação em fila e continuassem penetrando no quartel.

Diferente do que Kyōki percebeu logo na entrada, o restante do quartel general não parecia ter sofrido alterações. Parecia que o templo Zojoji continuava intocável, as estátuas, os cata-ventos, o templo de orações, tudo parecia o mesmo de oito anos antes.

Quando penetraram o máximo que puderam no local, Light relaxou e se virou para os outros paladinos.

Não há ninguém. Algo está muito estranho.

Kyōki olhava o local desconfiado, perguntando-se o motivo de seu pai não ter feito modificações. Vamos voltar aos veículos, lá pensaremos em algo - Light deu meia-volta e quando ia seguindo o

percurso até a entrada foi surpreendido por uma voz conhecida.

Aonde pensam que vão? - Era a voz do general da Ásia, Akuma Genkaku, que ecoou de todos os lados, impossibilitando saber sua origem.

Os paladinos procuraram por toda parte, quando Esmeralda os avisou:

Olhem! No céu!

Seguindo a indicação da jovem, todos avistaram a figura parada no ar. O general estava sentado, vestido com um elegante terno acompanhado de seus óculos de lentes lilás.

Como isso é possível? Ele nem possui asas como você, Light. Na verdade, ele está parado a vários metros do chão - disse True boquiaberto.

Simplesmente porque não é ele. É uma ilusão - explicou Kyōki.

Não sabem quanto tempo esperei por vocês. Desculpem pelo contratempo, mas precisava terminar de preparar a surpresa para os nobres paladinos — disse o general com um sorriso suspeito.

O que quer dizer, Akuma? Que aqueles soldados nos veículos eram apenas uma distração? - Light interveio.

Exatamente, eu não esperava menos do líder rebelde. Apenas uma pequena correção, eles não eram reais, eram ilusões para que me dessem tempo.

Ilusões? Quase morremos naquele...

Túnel? Também foi criado por mim!

Tudo estava claro na mente de Kyōki, ele desconhecía aquela rota e deveria ter descoberto que era uma ilusão.

Sinto muito, Light. Eu devia ter percebido.

Light fez um gesto indicando que estava tudo bem, agora precisava se preocupar com o que aconteceria daquele momento em diante.

Você disse que precisava de tempo. Tempo para quê?

O general deu um longo sorriso, como se esperasse por aquele momento há anos.

Para isso!

Akuma estalou os dedos, e um forte nevoeiro surgiu pelo templo, dificultando a visão.

Fiquem juntos! - Light ordenou, e todos ficaram de costas um para o outro, impedindo que qualquer ângulo estivesse exposto.

Quando a névoa ia se assentando. Os paladinos puderam ver a grande armadilha em que haviam caído. Em todo o local, sobre os muros, nos andares superiores, nos telhados, nos recintos, em todos os locais, estavam soldados armados de acordo com suas necessidades com todos os tipos de expressões. Alguns sorridentes, outros concentrados, outros ansiosos, porém todos atentos a qualquer movimento dos rebeldes.

O coração de Light estava acelerado, o suor frio percorria seu corpo e a responsabilidade dominava sua mente. Ele, o líder, deveria ter previsto a estratégia do inimigo, mas não estava lá para pensar no que havia acontecido, e sim pensar no que deverá ser feito. Uma guerra intensa estava prestes a ser travada.

Atirem! — Light deu a ordem.

Os paladinos obedeceram e imediatamente iniciaram a rajada de projéteis contra os inimigos. Eles atiravam sem parar, sem se importar com a perda de munição. Quando pararam, não conseguiam enxergar seus inimigos graças à cortina de poeira que se ergueu.

Quando a poeira abaixou, notaram que nenhum de seus disparos havia surtido efeito. Haviam soldados com almas especializadas na defesa, alguns haviam realizado com escudos materializados, outros por uma espécie de concha que os protegeu dos disparos, outros por barreiras criadas pelo manuseio do solo, e vários outros métodos.

O general gargalhou com a tentativa.

Não acham que dominaríamos o mundo se não fossemos capazes de resistir a simples disparos, acham?

Akuma continuou com sua risada quando se lembrou de outra informação nada agradável para os rebeldes:

Quase ia me esquecendo! Os civis estão misturados junto dos soldados, então tomem cuidado para não matá-los - o general não se conteve dando um sorriso. - E então? O que acharam da surpresa de boas-vindas que preparei para os senhores?

Isso não é bom! Todos estão com o uniforme, não tem como diferenciá-los. Além disso, estão usando capacetes, desse jeito não posso ver suas almas - disse True.

Achando que a situação não poderia piorar, quatro pessoas atravessaram a multidão alcançando a visão dos paladinos.

Olhe só como você cresceu, garoto cabeça-quente.

True reconheceu a voz no momento em que a ouviu. Ele, seguindo o som, encarou o homem no telhado do prédio principal. Pandinus Imperator, estava lá, com um enorme sorriso no rosto usando a mesma armadura de cobre, o capacete e o sobretudo que usava na última vez que se viram.

Pandinus também! - disse True em sua mente, preocupado com a situação. E o seu pensamento era mútuo entre os rebeldes.

As outras três figuras estavam no telhado abaixo ao de Pandinus. Três caçadores de elite que Esmeralda reconheceu pelos anéis que usavam. Eram duas mulheres, uma equipada com uma lança e a outra com duas espadas, e um homem, equipado com um machado de duas lâminas; todos aparentemente do setor da África.

Viemos levar a traidora, Esmeralda Elizabeth, para ser sentenciada perante o ditador - eles disseram em coro.

Se não bastasse as centenas de soldados que teriam que enfrentar, caçadores de elite e mais um general se juntaram para esmagar de vez os paladinos.

Light, todos estão idênticos, não tenho como diferenciá-los dos civis. Acredito que também existam alguns caçadores entre os soldados. Os uniformes...

"Os uniformes", seguindo seu significado, algo uniforme, que tem a mesma forma, idêntico. Poupe seu tempo, paladino. Cuidei para que não os diferenciassem dos demais soldados. Também dei a ordem de atacá-los, senão seria muito óbvio, não concorda? A propósito, não entendo as suas roupas, parece um desfile de moda! Além do símbolo no peito, eles não têm nada em comum, querem que eu repita o significado de uniforme? - Akuma zombava.

Não aceitem as provocações. Precisamos manter a calma - disse Kyōki.

Light, por algum motivo, sorriu. Kyōki percebeu o sorriso e se perguntou se ele teria enlouquecido ou achara uma saída para toda aquela situação.

Creio que você já tenha descoberto onde o general está, não estou certo, Kyōki? - indagou Light convencido da resposta.

Sim, acredito que ele esteja no observatório da torre de Tóquio. Posso estar me equivocando, mas creio que descobri sua técnica.

True e Esmeralda arregalaram os olhos surpresos com a agilidade da mente do companheiro. Mal tinham percebido que durante todo aquele episódio, o amigo procurava pela localização de seu pai.

Muito bem, já tenho as ordens... — Light deu uma pausa e então, com uma aparência séria, gritou as ordens para que não houvesse dúvida. - Kyōki, vá atrás de Akuma Genkaku e derrote-o! True, deixarei Pandinus em suas mãos! Eu e Esmeralda nos encarregaremos dos soldados e dos caçadores de elite!

True, apesar de surpreso, sabia que Light não tinha a intenção de se sacrificar. Se essas eram as ordens de Light, era porque ele tinha pensado bastante sobre o assunto e descobriu que este seria o melhor caminho.

Entendido! — Os três alunos gritaram em uníssono. Durante o treinamento, Light também ensinou a eles que não seria apenas um amigo no campo de batalha, ele seria um comandante e suas ordens deveriam ser obedecidas.

Kyōki agarrou o aparelho de som e arrumou os fones para que ficassem bem presos, colocou na música que desejava e aumentou o volume no máximo. Ele, em um rápido movimento, criou uma enorme estaca que se estendia até a torre.

Está pronto, True? — indagou Esmeralda.

Vamos mostrar o que fizemos desde que nos vimos! - True se alegrou finalmente por mostrar o resultado do treinamento.

Esmeralda ativou sua alma e uma armadura azul com detalhes dourados revestiu seu corpo. Sua cabeça não estava descoberta, estava protegida por um elmo da mesma coloração que a armadura, possuindo pequenas penas brancas enfeitando as laterais do elmo. Um par de asas surgiu em suas costas semelhantes às de Light. No lugar da alabarda que usava, surgiram duas espadas longas, ambas de dois gumes, porém uma possuía lâmina irregular sendo estreita no meio e um pouco mais larga na ponta, com detalhes semelhantes ao bronze; a outra possuía os detalhes de cor grená, cerras que contornavam toda a espada até a ponta onde era a única parte que a lâmina era lisa. A proteção de empunhadura das duas espadas era semelhante à cabeça de um lobo que abocanhava o início da lâmina. Correntes presas ao pomo das espadas estavam ligadas às pulseiras de ferro em cada braço. Além das espadas, uma pequena bolsa de couro foi materializada onde continha pequenas sementes.

Na vez de True, ele se afastou dando alguns passos para frente. *Conto com você, Taiji!* — disse à sua alma e quando sincronizou com ela, uma esfera de vento se formou, cobrindo seu corpo durante a transformação. Um par de asas, uma preta e outra branca, surgiram para fora da esfera e alçou vôo em direção à Pandinus. Assim que True saiu de dentro da esfera, todos puderam ver o ser misterioso que surgira. O cabelo continuava o mesmo, com a fina mecha chegando até a cintura. As propriedades dos braços estavam mais fortes que nunca, o braço direito coberto pelas chamas, enquanto o braço esquerdo estava revestido por gelo com pontas muito afiadas em todos os dedos, criando uma garra resistente como diamante.

Pandinus viu aquele ser se aproximando rapidamente sem saber ao certo se ainda era o garoto que tinha visto há três anos. Deu um longo salto para trás, criando um espaço entre ele e True, o qual chegara ao local.

Kyōki seguia seu percurso em direção ao observatório, de onde já podia ver seu pai sentado em um banco utilizando binóculos.

- Então você realmente veio, meu filho - disse Akuma para ninguém em especial, abaixando os binóculos e mostrando os olhos nus.

Não demorou muito quando o paladino alcançou o local e rompeu uma janela para que entrasse. Estudou o oponente ainda sentado a observar com um estranho sorriso. Ao que parecia, eles estavam a sós. Assim Kyōki poderia se dedicar ao seu único, mas não subestimado, oponente.

Okaerinasai, Kyōki - brincou o general dando as boas-vindas.

Tadaima - respondeu o garoto com um olhar frio.

Capítulo 28

Acerto de contas

True não esperava rever o inimigo naquele continente, para ele, aquela batalha havia sido adiada até que cuidassem do general da Ásia. No entanto, de alguma forma, Pandinus soube da chegada dos paladinos ao continente.

Apesar do inesperado encontro, o paladino estava animado vendo o inimigo frente a frente, o qual causara tanto sofrimento a Juan e sua esposa. Um inimigo que, apesar da reação de recuo, abria o sorriso como se estivesse alegre por revê-lo.

Saiam todos imediatamente! Eu cuido desse paladino! Quanto a vocês, acabem com os outros dois no pátio! - O general deu a ordem aos subordinados que sem questionar saíram do telhado indo ao encontro de Light e Esmeralda.

Pandinus voltou sua atenção ao jovem que o encarava.

Está com medo? - True indagou avaliando o comportamento do general por ter recuado. Aproveitando para notar o estranho capacete sem viseira, o qual impedia totalmente a visão do general, fazendo o jovem imaginar como o oponente sabia de sua localização.

Pandinus soltou uma gargalhada rouca e apontou em direção ao seu inimigo.

Iriam fazer a mesma pergunta para você, garoto cabeça-quente.

True sabia o motivo do apelido. Na última vez em que esteve no continente, ele se irritou com as palavras do general da Ásia, agindo como uma criança sem medir as conseqüências, e, infelizmente, isso custou a vida de Juan.

Garoto - chamou Pandinus, interrompendo as lembranças de True. - Você poderia desmanchar esse seu olhar patético?

True estreitou os olhos, tentando entender o comportamento de seu oponente.

Escute, Pandinus, general do continente africano — True começou enquanto esticava a mão direita materializando a foice negra: Flagelo das Almas. - Neste momento, estou me segurando para ocultar meus sentimentos, ignorando o que você nos fez passar na última vez que cruzamos o mesmo caminho. Então eu lhe pergunto: o general realmente deseja que eu mude meu olhar?

True havia adquirido uma habilidade que poucos obtinham: o auto-controle. Em uma batalha como aquela, qualquer um no lugar de True descarregaria todo o ressentimento pelo general, mas ele procurava se manter calmo; afinal, um dos objetivos da Ordem dos Paladinos era dar uma segunda chance aos *caídos*.

Pandinus recuou um passo. O olhar vazio e a enorme foice indicavam um comportamento impiedoso, aparentando que não estava aberto a conversas. O general avaliou as características da nova forma que a alma do garoto se adaptou ao corpo, foi então que percebeu sua chance para voltar ao controle.

Então essa é a sua forma avançada? Você deve ter se esforçado bastante para aprendê-la.

De fato - concordou o garoto -, demorei um pouco para entender. Eu tratava minha alma como outro ser que vivia dentro de minha mente, quando, na verdade, era apenas um espelho posto em minha frente. O Taiji sempre fui eu e eu sempre fui o Taiji, desde o início e será até o fim. A idéia do fogo e gelo também derrubavam todas as minhas teorias, foi quando estudando melhor sobre minha alma, percebi que ela se trata de opostos, por isso sou metade anjo e metade

demônio, fogo e gelo.

Pandinus sorriu. Ele tinha uma carta guardada na manga.

Se sabe de tudo isso, acha mesmo que minha forma está correta?

True avaliou as palavras do general por um momento. Ele não necessitava ativar o *olho da verdade*, uma vez que a habilidade se tornara passiva mesmo com a alma inativa, porém tudo o que via era um escorpião negro e grande ligado ao general. Concluindo que aquela forma ligada a ele seria sua alma.

A habilidade do *olho da verdade* tinha se aprimorado com o treinamento. Antes, True necessitava fixar a pessoa nos olhos por alguns segundos até que a forma da alma se manifestasse, sendo a maneira mais rápida. Porém em casos como o de Pandinus, que escondia os olhos, era necessário que se concentrasse por um tempo maior, prestando atenção nos gestos, tom da voz e comportamento para que seu olho visse a verdade por trás da pessoa. Devido a esse tempo, ele não pôde distinguir os civis dos soldados, o que demoraria e colocaria em risco, pois teria que se concentrar em meio a tantos oponentes.

O paladino procurou ver algo de diferente no corpo do general, mas não via nada de estranho além da larga cauda de escorpião que possuía. Para muitos, aquilo era estranho suficiente para se preocupar, mas não para ele que, sabendo da alma do inimigo, deduzira que o general já estava na forma avançada.

Assim como eu, você também está no modo avançado, fazendo seu corpo possuir características próprias de sua alma - respondeu o garoto seguro.

Errado! — Pandinus rugiu em um tom superior. - Eu estou com apenas cinquenta por cento de minha forma. Apenas sincronizei minha alma, mas não a ativei totalmente para evitar que toda a energia seja gasta de uma vez.

True não sabia se o general estava blefando. Porém, como ele ainda conseguia ver a alma de Pandinus e ela permanecia quieta, deduziu que o general falava a verdade. Quando a sincronização é completa, a alma se torna um só ao corpo, desaparecendo ao redor do proprietário. Aquilo se tornara um problema, além do ferrão, do qual o garoto não poderia receber sequer um ataque, ou então iria fazer parte do mesmo destino de Juan, ainda restavam outras habilidades desconhecidas.

Agora veja! O verdadeiro poder de um general! - Pandinus rugiu ainda mais alto.

True, precavido, colocou a foice à frente do corpo preparando-se para qualquer investida do inimigo.

Enquanto olhava atentamente a transformação de Pandinus, viu algo que o fez recuar. Uma segunda alma surgiu ligada ao general, uma alma com a forma de um leão. Ele não sabia como seria possível alguém ter duas almas, mas o que via, contrariava suas teorias.

Pandinus rugia enquanto seu corpo tomava uma forma mais forte, musculosa e apavorante. O cabelo crescia, desmanchando a trança que saía do capacete que usava, escorrendo até suas costas. Os dentes, maiores e aparentemente mais fortes, lembravam os de um leão. O general rasgou o sobretudo, ficando apenas com o *short* preto que o cobria da cintura até os joelhos. O capacete e a armadura de aço na cauda e nos membros eram as únicas coisas que protegiam seu corpo. O início da noite camuflava sua pele escura, dificultando ainda mais a batalha.

True resolveu atacar para testar o general, atirou sua foice que, com o impulso, ia ao encontro do ser estranho que enfrentava. Ele não necessitava da corrente que havia no Flagelo das Almas,

com a sincronização avançada, aprendeu a manuseá-la como um se fosse um bumerangue. A foice era resultado de sua energia positiva e negativa, o que possibilitava seu controle, assim como as chamas e o gelo.

Pandinus desviou do ataque facilmente, mesmo sendo daquele tamanho, tendo cerca de três metros, e usando o capacete que tampava totalmente sua visão. Irritado, o general deu um último rugido ensurdecedor, fazendo o paladino recuar mais um passo.

- O que achou? - Pandinus perguntou. Ao ver que seu inimigo se distanciara, zombou. - Não está com medo, está?

O jovem da alma de Taiji, vendo que sua foice estava voltando, forçou as asas, criando um impulso. No ar, ele agarrou a foice e a apoiou no braço. Aproveitando a velocidade, deu uma investida contra o general, que defendeu cruzando os braços. A lâmina da foice ficou a poucos centímetros da garganta de Pandinus, e apesar de True fazer o seu melhor para atingi-lo, o general, com uma força sobre-humana, arremessou o paladino em direção ao telhado vizinho. True não sofreu danos com a queda, pois, antes que atingisse a cobertura, usou suas asas, criando uma lufada de vento, impedindo que caísse.

O paladino investiu novamente, dirigindo golpes e mais golpes com sua foice na esperança de acertá-lo. O general esquivava e contra-atacava com socos e com sua cauda. Em perfeito sincronismo, ambos atacavam e se defendiam, quando conseguiram uma brecha na defesa um do outro, Pandinus acertou o paladino com um chute, e ele devolveu, acertando-o com o cabo da foice, indo cada um para direções opostas.

Antes que continuemos a luta, quero te pergunta algo - disse True ofegante ao abaixar a foice, dando uma pausa do combate.

Pandinus, antes de dar a resposta, tentou perceber se seria uma armadilha. Como estava a uma boa distância de seu inimigo e seu oponente havia abaixado a arma, decidiu deixar que falasse.

Por que você luta? Existe algum motivo para você estar neste lugar agora, lutando contra uma pessoa que mal conhece? - True quis saber.

Pandinus quando ouviu a pergunta abaixou os braços e a cabeça. Sem se segurar, deixou que o sorriso surgisse em seu rosto.

Você é o primeiro inimigo que me pergunta isso, Taiji.

True percebeu o tom da voz quando o general disse "Taiji". Até o momento, durante a batalha, o general apenas o chamava de "garoto cabeça-quente" ou "paladino", como se o subestimasse, mas chamá-lo de Taiji significava que o general teria o reconhecido com um oponente, ou melhor, o reconhecia por sua alma, e não por seu título.

"Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho da alma, nós continuaremos em guerra". Essa é a minha resposta, Taiji.

Entendo - True desmaterializou a foice, fazendo-a se dissipar e voltar se dividindo entre as propriedades opostas. - Creio que você conheça meu motivo de estar aqui presente. Então agora podemos continuar!

Foi a vez de Pandinus investir, assim como um leão, rapidamente alcançou o oponente tentando acertá-lo com a pesada mão que, certamente, quebraria os ossos de True com o impacto.

O Taiji usou as asas para recuar e desviar, mas foi um movimento arriscado. Quando o general quando errou o ataque, criou um impulso no chão e saltou em direção ao paladino. Se True não pensasse rápido criando um escudo com seu gelo, seria seu fim, porém conseguiu com êxito

defender-se do golpe. O escudo, mesmo feito pelo rigoroso gelo, foi quebrado com apenas um ataque do inimigo, mas ele não se intimidou.

True recuou com duas rajadas de suas asas, ele estava além da cobertura fluando no ar. Mesmo com o coração acelerado dominado pela adrenalina da batalha, percebia o resultado de seu treinamento. Agora, conseguia controlar livremente seu gelo, o qual o protegeu do ataque fatal que poderia ter custado sua vida.

Esticando as asas, True forçou o máximo para ganhar impulso e acertar o general com seu punho flamejante, mas como Pandinus não estava muito longe, recebeu o ataque, jogando-o para a outra extremidade do telhado.

O general foi se recuperando, se levantou e checou o ferimento em seu peito. O local foi queimado, equivalendo-se a uma queimadura de terceiro grau.

- Você possui habilidades incríveis, tenho que admitir. Mesmo àquela distância conseguiu se esquivar alguns centímetros. Se não fosse por isso, seu osso já estaria exposto. A temperatura das minhas chamas podem aumentar dependendo de minha vontade de lutar.

Pandinus havia se esquivado por pouco, mas mesmo escapando do pior, o golpe o abalou. Se mesmo na esquiwa as chamas fizeram tamanho estrago, em um golpe direto, certamente o atravessaria ou, no mínimo, causaria uma queimadura que derreteria até mesmo seus ossos. Pensado nisso, o general decidiu manter mais distância entre eles e usar sua cauda para lutar.

O Taiji pousou e esperou por algum movimento do inimigo. Assim que ele viu o general se levantar e correr em sua direção, decidiu fazer o mesmo.

Ambos tomaram impulso e foram se encontrar no meio do recinto. A poucos metros de alcançar o Taiji, Pandinus girou e usou a cauda para abatê-lo. True, com seu reflexo, fez o gelo absorver o dano, porém a força foi gigantesca, fazendo-o ser jogado para o lado. Antes que ele pudesse se recuperar, Pandinus atacou novamente com um giro de direita, forçando o garoto usar as asas para subir e esquivar do ataque. Quando desviou com sucesso, outro ataque do general vinha em sua direção, desta vez por cima. O Taiji teve que agir rápido, recuando, mas brusca esquiwa o fez perder o equilíbrio, tendo como consequência sua queda.

True se preocupou que naquele meio-tempo o general o acertasse, mas ele também teve problemas com o último golpe. No momento em que atacou por cima para atingir o ser celeste, Pandinus incidiu o ferrão além das telhas, ficando preso por alguns segundos. True notou que aquele seria seu trunfo para a batalha.

Quando, enfim, Pandinus conseguiu retirar seu ferrão enterrado, puxou com muita força perdendo o equilíbrio. True, aproveitando a chance, deu outro impulso com suas asas e acertou o general novamente, arremessado-o.

True estava cansado, mesmo com o gelo absorvendo boa parte do dano, o golpe que ele recebera ainda fez alguns ferimentos. A dor era tão intensa que ele se perguntava se teria fraturado alguma costela.

Mais uma vez... — pensou ele. — Mais uma vez e eu termino com isso!

Os pensamentos do Taiji eram os mesmos do general, que acreditava acabar a luta em alguns golpes após perceber que seu oponente fadigava.

De seus pontos de partida, ambos saíram novamente ao mesmo tempo para outro assalto. Tudo aconteceu muito rápido, se um dos dois perdesse o equilíbrio ou demorasse mais de um segundo para atacar e se esquivar, seria derrotado.

Pandinus atacou com sua cauda em um golpe lateral pela esquerda, True usou as asas para esquivar para o lado oposto ao do golpe. Sem perder o ritmo ou a esperança, o general girou novamente para acertá-lo em um golpe de direita, o Taiji fez o mesmo movimento anterior, usando as asas para subir e escapar do golpe e, como já era esperado, Pandinus atacou com tudo em um golpe por cima com maior velocidade.

Se houvesse alguém assistindo a batalha, não conseguiria acompanhar o último movimento. O ferrão de Pandinus vinha com uma velocidade extrema em direção ao abdômen de True, mas em uma fração de segundo, ele apoiou as mãos sobre a armadura que protegia a cauda e rolou passando para o outro lado. Errando o golpe, Pandinus enterrou novamente a cauda no telhado, só desta vez mais profundo, já que usou mais força. Desesperado para soltar sua cauda, Pandinus agarrou a própria cauda, puxando-a com toda força que possuía. O Taiji, do outro lado, concentrou sua energia no braço direito e com toda força dirigiu um soco flamejante nas costas do general.

O fogo tomou conta das costas, ferindo-o cada vez mais, com tamanha dor, o general se libertou, rugindo de um lado a outro descontrolado. Ele se contorcia girando a cauda para todas as direções, batendo-a no telhado, causando várias rachaduras. Em um dos ataques involuntários, a cauda acertou o rosto de True que foi jogado a alguns metros.

True não conseguia enxergar direito, o golpe acertou a lateral de seu rosto, acertando também o ouvido. Com seu equilíbrio e visão descontrolados, não sabia onde exatamente estava o inimigo nem o que estava fazendo. Tonto, a única coisa que pôde pensar foi criar uma proteção de gelo à sua frente em uma tentativa desesperada para se defender.

Quando Pandinus voltou a si, percebeu que o Taiji estava caído e teria sofrido algum golpe. Olhando melhor, pôde notar que tinha sangue em sua cauda e a lateral do rosto de seu oponente estava ferida. Ao descobrir o que tinha acontecido, o general avançou em direção ao alado com toda calma e com um enorme sorriso de satisfação misturado a dor, alegre em poder retribuir o golpe que sofrerá.

Quando alcançou seu inimigo, o general usou sua cauda e agarrou True, enrolando seus braços e asas, o erguendo para que ficasse com o rosto defronte ao dele.

Suas últimas palavras, Taiji.

True estava totalmente preso, não podia se defender ou se mover. Suas pernas, fora do alcance do chão, apenas se mexiam de um lado a outro inutilmente. O fogo de seu braço tinha apagado assim como o gelo que derreteu temporariamente pela falta de energia; em outro caso, a cauda não poderia prendê-lo. Pandinus teve o cuidado de deixar o ferrão liberto para poder dar o golpe final.

Já que não tem nada a dizer, mande um "oi" para Juan.

O Taiji tinha se concentrado para não julgar o general sem antes avaliá-lo. Tudo daria certo se não fosse pelo golpe de sorte que recebera. Ele queria terminar a luta sem que pensasse em vingança, por isso fez o que fez. Mas o general tocou em sua ferida adormecida.

"Se não botarmos nossas dores para fora, elas nos devoram por dentro" - lembrou-se True das palavras de Juan.

Sem alternativa, ele decidiu liberar sua fúria que, desde o começo da batalha, lutava em seu interior para se manifestar.

Quando Pandinus dera o comando para o ferrão acertar seu inimigo, o gelo voltou ao braço do

paladino, petrificando tudo o que estava à sua volta, inclusive tomando conta da cauda de Pandinus.

O general berrou, liberando seu oponente e arremessando-o para longe. A cauda estava totalmente congelada, fazendo o general, em um rápido golpe, arrancá-la de seu corpo.

Assim como as asas de True, a cauda que Pandinus ganhara era apenas um pedaço de sua alma, não fazia parte de seu corpo, em vez de ter que arrancá-la, bastava que o general desativasse a alma e a reativasse, porém levaria certo tempo para recriá-la e ativar a segunda alma que possuía. Dentre essas alternativas, o general decidiu arrancá-la, sentido a dor como se fosse um membro.

Pandinus! — True vociferou em fúria. - Hoje você irá pagar pelos pecados que cometeu há três anos!

True tomava uma forma que ninguém havia presenciado. O gelo se expandia por todo o corpo, criando uma armadura de ossos sobre suas roupas. Uma nova caixa torácica formou-se, aumentando sua proteção sobre a pele. Os ossos do membro feitos pelo gelo se uniram formando uma armadura que envolvia seus membros. Uma coluna vertebral mais alongada surgiu nas costas como uma cauda com uma ponta na extremidade. No rosto, outra mandíbula foi forjada aderindo à pele com dentes pontiagudos. O olho direito foi tapado pelo gelo que escondia metade do crânio. E no topo da cabeça havia um par de chifres. Mesmo as chamas de seu braço direito foram substituídas pelo gelo, formando outra garra; e sua asa branca recebeu o tom preto como a outra.

O general, após sofrer dois ataques fatais, estava sem forças para continuar uma batalha daquela magnitude. A voz que o julgava pelos seus atos talvez fosse a última coisa que ouviria. Como estava de capacete, não pôde ver a metamorfose que True sofrerá.

Estou falando com você, general! Levante-se e lute por sua cabeça!

Pandinus lentamente se ergueu e seu corpo inteiro parou quando sentiu a energia *corrompida* que emanava de seu oponente.

Por que fez aquilo com Juan? Ele nem sequer poderia te ferir ou matá- -lo! Ele não sabia dos segredos da alma, era apenas um humano comum querendo viver sua vida longe das guerras!

Diga-me, general, o motivo!

True caminhava em direção a Pandinus, congelando até mesmo onde pisava, e quando restavam apenas dois metros, o general soltou uma gosma verde de sua boca que por pouco não atingiu o Taiji, que desviou. A gosma caiu no telhado que rapidamente se desfez.

Ácido! Então ainda guardava essa habilidade - disse True, agarrando-o pela garganta com seu braço esquerdo.

O Taiji alçou voo segurando o general até que atingisse uma altitude elevada.

Esmeralda estava lutando contra os vários soldados quando, de relance, viu o ser estranho que erguia Pandinus a vários metros do solo.

True? - ela se perguntou, mas antes que pudesse examinar melhor, outro soldado investiu sobre ela, sendo obrigada e se concentrar na batalha.

True, alcançando a altitude de julgava suficiente, desceu a toda velocidade usando as costas do general, já feridas, para quebrar o telhado e cada andar até que chegassem ao solo.

O prédio cedeu, desmoronando sobre eles. True, no último instante, alçou voo impedindo que fosse esmagado pelos escombros. Voltando ao céu, assistia a nuvem de poeira se expandir e

depois, aos poucos, se assentar.

Light e Esmeralda, que estavam guerreando com os vários soldados, puderam ver a criatura estranha que voava pelo céu enquanto o prédio caía. Alguns soldados interromperam os ataques para ver o resultado da outra luta.

Pandinus, com suas últimas foças, saía dos escombros e se deitou exausto, com inúmeros ferimentos. True pousou e foi até o general que estava imóvel, quando o alcançou, percebeu a ferida em seu pescoço que foi criada pelo gelo quando o segurou.

Não vai poder usar seu ácido agora, vai?

Pandinus não respondeu, estava muito fraco e se preocupava em respirar o máximo que podia.

O paladino o encarou com um olhar de ódio. Estendendo a mão, forjou uma lança criada com gelo. Quando a segurou com as suas mãos, mirou o peito nu do general e investiu querendo acabar com sua vida.

O golpe ia acertá-lo e não havia nada que o oponente podia fazer para evitar. True soltou um rugido e a poucos centímetros da ponta da lança perfurar a pele, ele parou.

Pandinus ficou quieto, interrompendo até sua respiração. Pensando que sua vida havia chegado ao fim, não entendeu quando o jovem hesitou.

A armadura de gelo que envolvia todo o corpo do paladino trincou, caindo pedaços após pedaços sobre os escombros. A sua forma voltava pouco a pouco a ser o que era. A asa branca, o olho verde reabriu, as chamas se controlaram e o olhar do Taiji já não possuía mais ódio. Sua respiração estava forte e, logo em seguida, veio uma forte tosse que durou por alguns instantes.

Assim que a tosse se estabilizou, True encarou o general já vencido, se sentou em uma pedra próxima a ele. Como se não bastasse a segunda alma, uma terceira apareceu, era de um urso.

Somando a força do leão e a resistência maior que a alma do urso fornece, ele pôde sair vivo e quase sem maiores ferimentos do desmoronamento. Pandinus estava usando, na verdade, apenas trinta e três por cento do poder no começo na batalha. Você não cansa de surpreender, não é general? - pensou True.

Com a poeira totalmente abaixada, o paladino ficou defronte ao general e retirou seu capacete. A boca estava seca e os cabelos tinham voltado ao comprimento normal, quando seus olhos se abriram, True notou que ele era cego devido à tonalidade branca.

Por que não me matou? — perguntou o general quase sem voz.

Porque não foi para esse fim que me uni à Ordem dos Paladinos.

Pandinus refletiu por um breve instante enquanto novas perguntas surgiam em sua mente.

Como me venceu?

Seguindo três regras básicas que aprendi: estude seu oponente, nunca o subestime e planeje como derrotá-lo.

Pandinus deu uma risada que mal pôde ser ouvida.

Sua resposta só me faz repetir a pergunta.

True, percebendo que ele estava respirando com dificuldade, envolveu a cabeça com seu braço esquerdo para que ficasse erguida, tomando o cuidado de interromper o gelo, impedindo que o ferisse ainda mais.

O seu nome não é Pandinus Imperator, não estou certo?

O general arregalou os olhos confirmando as suspeitadas.

Como descobriu?

Ninguém teria um nome tão feio assim — True brincou.

Pandinus sorriu e esperou pela explicação.

Quando enfrentamos o general da América do Norte, o nome dele nos deu as dicas sobre sua alma. Eu tentei fazer o mesmo com o seu caso, depois do nosso encontro há três anos, pesquisei sobre esse nome e foi quando descobri. Pandinus Imperator é o nome da espécie de um escorpião encontrado no continente africano, noturnos, quase cegos, mas os pelos sensoriais em seu corpo ajuda a suprir a deficiência. Era assim que sabia de minha localização na batalha e isso explica também porque sempre mantém sua alma sincronizada, para que possa "enxergar".

Você pesquisou bem, Taiji - respondeu o general sorrindo, agora com uma voz mais alta.

Não quero forçá-lo a me revelar seu passado com minha habilidade, quero que me conte você mesmo, não sei os seus motivos, mas a resposta que me deu no início da batalha me fez acreditar que ainda existe *pureza* em você.

O general pensou um pouco na proposta, ele foi vencido por um adversário digno. De alguma maneira ou de outra, True saberia de seu passado, pensando nisso aceitou, mas antes pediu para que o ajudasse a sentar.

Eu nasci na África junto à miséria. Vivía dia após dia sem saber como fui parar naquele inferno. Em minha mente, o resto do mundo era igual, então ainda jovem comecei a pensar no motivo da vida. Pai e mãe existiam somente nos contos de fada. A pobreza e a doença eram as únicas coisas que sabíamos que era real. No lixo, eu e mais outras crianças e adultos nos matávamos para obter as sobras e poder viver mais um dia. Quando alguém adoecia, mal sabíamos o que era e o que fazer; remédio era mito. Um dia, fraco por não comer a dias, uma mulher me encontrou e me levou para um abrigo onde eram tratadas as pessoas doentes; um daqueles locais solidários que alguns países davam apoio. Eu estava tão magro que podiam ser vistos meus ossos. A doutora, mulher que me salvara, acompanhou meu desenvolvimento e, por milagre, fui melhorando. Meses se passaram e criamos um laço, ela resolveu me adotar. Mal sabendo o que estava acontecendo, comecei a chamá-la de mãe, ela sorria quando eu dizia isso. Então descobri, pela primeira vez, o que era o carinho.

Lágrimas brotavam nos olhos do general. True as enxugou com a mão direita, tendo o cuidado de apagar as chamas.

Ela era brasileira, e um dia, fomos para o seu país. Os dias que passei no Brasil foram como um sonho. Comida de vários tipos à vontade, água, eu estava no paraíso, mas algo que vi mudou meu pensamento. Quando estava almoçando em um restaurante, vi que muitos clientes deixavam sobras e que o desperdício era tanto que meu sangue fervia ao ver. Eu me lembrava dos dias em que estava passando fome e que trocaria qualquer membro por um pouco de comida. Aquelas pessoas não sabiam como era passar a vida sem ter alimento à sua disposição. Eu não pude me controlar e ataquei um dos clientes, aquilo foi um choque para minha mãe, eu nunca estive tão bravo, eu gritava com o cliente e após algumas pessoas me conterem, fomos expulsos do estabelecimento. Quando chegamos ao apartamento, minha mãe conversou comigo e eu não pude aceitar aquele fato. Depois daquele dia, aquela cena se repetiu mais três vezes em diferentes ambientes, então minha mãe voltou à África e me abandonou. Largado novamente à sorte, eu preferia assim, onde o mundo não escondia seu rosto. Com o tempo voltei a emagrecer e um biólogo me encontrou, ele me mostrou o escorpião da espécie *Pandinus Imperator* e me falou sobre ela, eu fiquei maravilhado, aos poucos estava me tornando cego como ele, devido

alguma infecção.

Pandinus ergueu a mão e tocou nos olhos. Colocando as mãos um pouco afastadas, conseguindo apenas ver os vultos.

O biólogo me disse sobre os escorpiões cometerem canibalismo com a própria raça, isso ocorria porque os escorpiões passavam tanto tempo sem comer que acabaram por cometer esse ato. Um dia o biólogo foi embora e eu voltei à minha vida solitária, mas era diferente, eu me tornei como aquele escorpião e mataria até seres humanos para me alimentar caso precisasse.

O general fez uma pausa e logo continuou:

Apesar de ter passado por tudo que vivi, ainda consegui encontrar uma dor maior do que a fome. Antes de minha mãe me abandonar definitivamente na África, nós visitamos outros países na América e na Europa. Naqueles lugares, as pessoas me olhavam com um olhar diferente, o qual nunca tinha visto. Um olhar de desprezo, de nojo, como se eu fosse uma aberração. Tudo aquilo por eu possuir uma pele mais escura que a deles. Nunca pensei que algo tão insignificante me fizesse tão mal. Naqueles dias jurei que conseguiria poder para me vingar e trazer o fim a eles.

Isso explica a frase, o motivo dele lutar, e como eu pensei, não existe uma espécie de animais para a alma, o próprio Pandinus moldou sua alma — pensou True.

Depois de fazer várias vítimas, chegou um dia em que estava me alimentando de um humano e um homem barbado se aproximou e me disse que me daria comida, poder e que nos vingariamos de todos que desperdiçavam alimentos e que nos julgava por nossas aparências. A única coisa que teria que dar a ele, era minha lealdade. E assim foi feito, esse homem se tornou o atual ditador, e eu, um general.

Talvez, quando cometeu o canibalismo, tenha adquirido parte da alma de suas vítimas. A alma de Pandinus é muito complexa, e talvez nem mesmo ele saiba explicar - True tentava achar um significado para as outras almas que apareceram.

O paladino olhava o general com um olhar triste, apesar de o homem ter feito tantas coisas horríveis, era a realidade, ele sabia que o homem certamente preferia alimentar-se de maneira adequada a cometer canibalismo, mas a vida não lhe dera muitas alternativas.

Qual é o seu nome? O seu verdadeiro nome?

Eu não nasci com um nome, mas a mulher que me adotou me chamava de Lutalo, que significa guerreiro.

Então, Lutalo, deseja voltar a ser um *puro!* - True indagou com o olhar desviado do general.

O general arregalou os olhos surpreso com a atitude do Taiji.

Você vai me perdoar? Quer dizer... eu fui o responsável pela morte daquele homem, Juan como vocês o chamam, e mesmo assim... Eu estava seguindo ordens...

Não seja ridículo! - True levantou fazendo o general ficar de pé junto a ele. - Você fez muito mal a mim, aos paladinos e a esposa de Juan! Silvia chorou mais do que qualquer um, além de perder o marido, perdeu o sentido da vida! - True deixou que seus olhos ficassem úmidos, mas seus olhos não desviaram dos de Pandinus, um olhar sério como de um pai educando uma criança. — Porém, você também sofreu muito, passou por coisas, como cometer canibalismo, e eu não quero que continue assim! Não posso ignorar uma alma que ainda possa ser salva, se fizesse o contrário, estaria desonrando a Ordem da qual faço parte!

O general ouvia pela primeira vez um inimigo se importar pelos seus pesadelos, ele agora conseguindo ficar de pé, decidiu responder:

Por favor, eu lhe imploro, mostre-me a luz mais uma vez!

True interrompeu o sofrimento que sentia e assentiu. Ele deu um passo para trás e ergueu a mão direita colocando-a sobre a testa do general.

Solstício!

Ambos fecharam os olhos e True entrou no *mundo* de Lutalo, a história que ouvira, batia com as memórias vividas pelo general. True procurava pela alma de Pandinus para purificá-la e, durante o percurso, avaliava o local que lembrava a savana africana. Ele caminhava quando encontrou no horizonte um leão deitado em uma sombra e um urso caminhando até uma lagoa que estava perto do animal. True foi até cada uma das almas e usou sua foice, rompendo as correntes que mantinham as almas ligadas a Lutalo. Ambas as almas perdiam cada vez mais a cor até que desapareceram totalmente, recebendo a paz merecida. A única que restava era a *Pandinus Imperator*.

Depois de andar alguns metros, o paladino chegou a uma depressão que estava cheia de ossos humanos, como um cemitério exposto. No centro do buraco estava o escorpião e Lutalo ao seu lado. True o chamou pelo nome e o general se virou ficando de pé. Quando o jovem estendeu sua mão para que Lutalo a pegasse e fosse *purificado*, tudo parou. Era como se a dimensão fosse alterada, mesmo Lutalo estando parado, ele se distanciava cada vez mais até que não podia ser mais visto e tudo ficou escuro. True olhou para todos os lados, mas tudo havia desaparecido, e sem saber o que ocorreria, decidiu sair daquele *mundo*.

Pandinus, eu não... - True começou dizendo, mas foi interrompido com a cena que presenciava. O peito do general foi atravessado por uma lâmina que perfurou seu coração. O sangue estava jorrando e alguns pingos caíram espirraram no paladino.

Lutalo! - True gritou e, com o barulho, fez o assassino se assustar e retirar a lâmina, deixando o corpo do general cair nos escombros.

O jovem pôde ver lentamente o corpo do general caindo para o lado e revelar o rosto do frio assassino.

Como se aquele choque não tivesse sido o bastante, True teve mais uma surpresa. Não o assassino, mas a assassina que havia cravado a lâmina no coração do general. Ela era a viúva, esposa de Juan. Era Silvia Leon que estava bem na sua frente, suja do sangue de sua vítima.

Capítulo 29

Os seis reinos

Kyōki estava finalmente frente a frente com seu pai, general da Ásia, Akuma Genkaku. O confronto havia chegado e até o amanhecer do dia seguinte o destino de seu país natal estaria traçado. De cada lado, um oponente encarava o outro se lembrando de suas vidas no passado. Depois de anos estavam juntos novamente em interesses opostos: Akuma defendendo seu poder absoluto e seu filho querendo a liberdade.

Qualquer ser que tivesse uma pequena fragilidade emocional poderia sentir a tensão naquele lugar. Como se estivessem em outro mundo, pai e filho trocavam olhares que significavam muito mais que mil palavras, tantas que talvez uma existência não fosse o suficiente.

Não era necessário ser um psicólogo ou outro especialista da mente para saber que ao encarar qualquer um dos homens naquele lugar, acharia um "Por quê?" em seus olhos. As perguntas guardadas há anos seriam respondidas.

Para muitos, assim como True, aquele momento nunca deveria acontecer ou pelo menos não da maneira que iria ocorrer. Pai e filho se enfrentando em uma batalha; algo absurdo, mas necessário. Todos possuem uma maneira de se expressar, para eles, aquela a era maneira.

Kyōki, em posição de batalha segurando seu largo espinho que lembrava uma *katana* observava seu inimigo tendo cuidado com qualquer movimento.

Eu, Kyōki Genkaku, nomeado paladino pelo líder da Ordem, estou aqui neste momento para punilo por seus atos. Estou certo de que se você se render, nosso líder, Light, poupará sua vida e *purificará* sua alma.

O general nada disse de imediato. Ele estava sentado na cadeira de forma descontraída. O assento estava virado ao contrário, fazendo o apoio das costas serem um apoio para os braços. O rosto estava descansando em uma das mãos enquanto a outra estava sobre o encosto. Mostrando-se relaxado, os olhos do general fitavam o rebelde sem nenhum tipo de interesse. Sobre uma das pernas, que estavam abertas e relaxadas, estavam os óculos.

Você realmente queria estar aqui? - O general indagou.

Não está me escutando, general? Eu vim para... - Antes que Kyōki pudesse terminar, o general rapidamente pegou seus óculos e os guardou no bolso de seu *paletó*. Ele se levantou e agarrou a cadeira, arremessando-a pela abertura que foi criada quando Kyōki entrou.

Então venha - chamou Akuma, fazendo um sinal com a mão.

Kyōki cerrou os olhos por um momento e se concentrou. Como havia imaginado, não restava esperanças para que seu pai escolhesse o lado dos *puros*. Ver aquele comportamento relaxado do general o irritou. Ele sabia que seu pai desejava aquele encontro tanto quando ele, porém parecia não querer demonstrar.

Akuma sempre foi um pai frio e ausente. Em alguns momentos, no passado, o general o procurava do nada para ver seu crescimento. O relacionamento dos dois nunca foi próximo, sempre um tentando entender o outro. Como dois lados da mesma moeda, apesar de opostos, estavam unidos para sempre pelo grau de parentesco.

O sonho do general sempre foi de seu filho herdar seus negócios; na atualidade, ser seu major. Kyōki, por outro lado, nunca gostou da companhia de seu pai, mas admirava sua inteligência e

confiança.

Pare de bancar o estúpido! - Kyōki berrou. - Eu não sou o único interessado aqui! Hoje iremos acertar nossas contas!

O general fechou os punhos e encarou seu filho com uma aparência zangada.

Por que você sempre foi assim? Nunca me deu uma chance de me aproximar.

Porque eu sei que tipo de ser humano você é: daqueles que acham que pessoas são meras peças de um jogo, podendo descartá-las e usá-las quando bem quiser; escondendo o rosto com uma máscara para que todos o vejam como uma pessoa gentil, dedicada, quando, na verdade, é uma pessoa fria e maliciosa. Meu pior pesadelo é ser como você um dia! - Apesar das duras palavras, Kyōki continuou em sua posição sem mudar sua aparência séria. Apenas o tom da voz ia aumentando.

Já chega! - O general retrucou.

Akuma Genkaku foi até a extremidade do salão e apanhou duas espadas que estavam embainhadas. Ele retirou o paletó e afrouxou a gravata, retirou as espadas das bainhas e ficou em posição de batalha. Kyōki estava tão concentrado no general que não percebeu que elas estavam no canto escuro, escondidas.

Escute, pai... Não. General - corrigiu. - Eu possuo conhecimento de como sua técnica funciona, sei de suas fraquezas. Se fosse outra pessoa, mesmo tendo ciência das suas habilidades, nunca o derrotaria, mas eu sou diferente, sou imune a elas.

Não me faça perder mais a cabeça, moleque. Além de me julgar, está me subestimando. Deveria existir um limite para tamanha insolência!

Kyōki não queria declarar suas vantagens, mas parecia que o general não acreditava em suas palavras.

Os seus olhos funcionam como um projetor. Sua mente cria a imagem, os detalhes e formatos, e com os olhos projeta a ilusão. Uma habilidade bem perigosa podendo criar qualquer coisa, até mesmo ferir um ser, desde que a mente acredite que é real. Você usa os óculos para interromper a projeção, se estiver com ele, a ilusão não é criada, provando minha teoria. Por isso ficou no observatório da torre, daqui poderia ver grande parte das vias, para que nos distraíssemos com suas ilusões.

O general arregalou os olhos e avaliou seu filho. Ele agora era um homem formado, fazendo pensar o que teria perdido de seu crescimento. Algumas coisas ainda continuavam como os cabelos espetados e a expressão séria, mas Akuma percebia que não lidaria com a criança que morava debaixo de seu teto, ela agora tinha suas próprias decisões, e por mais que o contrariasse, ele havia escolhido seu caminho.

- *Você* cresceu, filho...

O general pensativo abaixou as espadas junto à cabeça. O cabelo ficou sobre os olhos impossibilitando a tentativa de Kyōki adivinhar os pensamentos do inimigo. Quando a reergueu depois de alguns segundos com um enorme sorriso, deu uma gargalhada.

Vejo que herdou minha inteligência, mas está se esquecendo da minha outra habilidade: a leitura de mentes.

Kyōki não havia se esquecido, apenas não sabia como lidar com a habilidade do inimigo. Isso também não mudava o fato dele ser o único capaz de enfrentar o general.

Esse fato só irá prolongar um pouco a batalha - acrescentou Kyōki mais seguro.

Estou louco para saber que truque você tem guardado para me derrotar.

Não há truque algum - disse Kyōki rapidamente, interrompendo o general de acrescentar alguma coisa. - Enquanto você estava na sua empresa ganhando mais e mais dinheiro, eu usava o resto do meu tempo, que já era curto, para aprender sobre o budismo no templo.

O general franziu o cenho e logo encarou seu filho com um olhar de dúvida.

Religião? Acha que sua religião pode contra meu poder?

Sua mente é muito vaga para tamanho conhecimento. Você ainda tem que amadurecer muito para que possa entender.

Akuma não conseguiu mais se segurar e começou a gargalhar, fincando uma das espadas ao chão para servi-lhe de apoio. Um filho dizendo que sua mente era mais madura de que seu pai. A idéia ficou martelando em sua cabeça, assim como Kyōki havia previsto, seu pai não possuía a maturidade para entender.

Existem seis reinos que nossos espíritos podem "ficar". Durante as vinte e quatro horas do dia, nós podemos passar pelos estados desses reinos sem nem mesmo perceber. O que faz nossa alma ir para os determinados reinos é o nosso *karma*. Eu não consigo defini-lo rapidamente, mas para que você possa entender, são os "tipos" de pensamentos que temos que resulta no *karma*, assim como causa e efeito, se possuímos sentimentos negativos, é certo que pertenceremos a um reino inferior. E já que perguntou, esses seis reinos são as chaves para minha vitória nesta batalha.

Kyōki agarrou seu aparelho de som e o programou para ouvir as músicas da segunda pasta chamada "semideuses". A música o lembrava de seu treinamento e de seu dia a dia na organização. A música que sempre escutava quando batalhava para ativar sua alma do porco-espinho.

— Neste momento estou no reino dos *Asuras* ou deuses invejosos. O *karma* que é acima de tudo positivo ou *puro*, misturado com a inveja, causa o nascimento no reino dos deuses invejosos. Este é um estado feliz, dotado com muitos poderes e prazeres, mas por causa da força da inveja, há constantes brigas e conflitos. Eu sempre tive inveja das pessoas, elas possuem algo que nunca irei possuir - Kyōki explicava e nas últimas palavras colocou a mão sobre o rosto enquanto ficava perdido em seus pensamentos.

O general não estava entendendo o assunto, tentando imaginar o que seu filho queria dizer com tudo aquilo. Algumas coisas não faziam sentido para ele, como o *karma*, os reinos, a inveja que seu filho sentia das pessoas, tudo era vago em sua mente, o que o irritava. Mas eles não estavam lá para um conversa de pai e filho, a qual nunca tiveram, e se tentaram, nunca deu certo.

Ele retirou a espada que estava fincada e correu em direção ao seu oponente. Kyōki estava pensativo, mas em nenhum momento havia se esquecido do general. Em um rápido ataque, Akuma tentou atingi-lo por cima do ombro, mas foi impedido pelo bloqueio do espinho em forma de *katana* de Kyōki. O general não desistiu e tentou atingir seu oponente com a outra espada, mas teve que desistir quando percebeu que um espinho saía do concreto para acertá-lo. O general em uma habilidosa esquivada escapou ileso da investida.

Recuando alguns metros, Akuma resolveu iniciar suas ilusões. Ele subestimou a habilidade incrível de seu filho, o que não poderia se repetir. Em uma grande área, Kyōki podia criar quantos espinhos fossem necessários, porém só poderiam partir do solo ou de seu corpo.

O paladino não querendo perder sua vantagem, então antes que o general terminasse de recuar, arremessou alguns espinhos para acertá-lo. A precisão foi perfeita e acertou seu destino, porém

era apenas uma ilusão.

Assim que o corpo foi atingido, virou um pedaço de pano que caiu lentamente no chão.

Vai começar - pensou o garoto, reforçando sua concentração.

O general estava oculto em suas ilusões, sem deixar qualquer rastro ou provocar qualquer ruído.

Kyōki fechou os olhos e procurou se concentrar em seus outros sentidos, refletindo por onde seu pai atacaria.

Pela retaguarda! — concluiu.

Como havia imaginado, Akuma investia contra as costas do paladino quando o rebelde criou duas estacas fazendo um "x", defendendo-o do ataque.

No momento em que seu golpe foi interrompido, Akuma recuou enquanto várias estacas surgiam do solo na tentativa de acertá-lo. Quando alcançou uma distância segura, criou um nevoeiro atrapalhando a visão de seu oponente.

Não se esqueça de que conheço seu maior medo. Deixe-me lembrar seu pesadelo — a voz de Akuma ecoava por todas as direções.

A habilidade do general não estava limitada em apenas criar ilusões visuais, poderia, como quisesse, manipular o som, como também os sentidos.

Kyōki esperava atentamente pela investida do general, sabendo que não cometeria o mesmo erro de atacá-lo pelas costas. O paladino pensava em que estratégia o oponente usaria naquela situação, imaginado se seria um ataque a distância.

No local, dominado pela ilusória névoa para dificultar ainda mais seus sentidos, surgiu uma mulher andando vagorosamente ao seu encontro. Ela estava usando um *kimono* rosa, com desenhos de flores que davam uma aparência mais feminina a roupa. Uma fita branca era amarrada à cintura, fechando com um laço borboleta nas costas. Um salto plataforma deixava a mulher, aparentemente baixa, da mesma altura que Kyōki. O cabelo negro amarrado e as maquiagens denunciaram sua identidade.

Mãe? - Kyōki paralisou, mesmo sabendo que era uma ilusão, ficou chocado ao rever a aparência da mãe que começava a esquecer.

Ele ficou em silêncio por um tempo, fincou a *katana* feita por seu espinho no chão e sobre ela apoiou suas mãos enquanto abaixava sua cabeça.

Kyōki? - a mulher começou a falar. — Por que está em guerra com seu pai? Não é isso que eu quero para você.

Sem qualquer reação, Kyōki continuou com a cabeça abaixada.

Fale comigo, meu filho. Esqueça o que seu pai fez, ele só quer o nosso bem. Venha comigo, vamos ser uma família outra vez - disse a mulher quando agachou e estendeu a mão.

Kyōki, em um rápido movimento, sacou a *katana* e cortou a mulher. Como era uma ilusão, ela simplesmente desapareceu como névoa.

Não conseguirá me derrotar com ilusões tão baixas, general! - alertou Kyōki enquanto se levantava. - Porém posso afirmar que você conseguiu algo com isso. Agora irei te mostrar o próximo reino.

O garoto pegou seu aparelho e passou para as músicas da sexta pasta nomeada *Jigoku* ^(***).

Dos seis reinos existentes, eu consegui dominar cinco deles. No reino dos fantasmas famintos nunca podemos obter o que queremos, nem podemos desfrutar da comida ou bebida que

desejamos desesperadamente como fantasmas famintos. Sempre estamos precisando e procurando algo, mas somos completamente incapazes de satisfazer nossos desejos e sofremos de fome, de sede e de constantes frustrações intensas. A ganância é o que faz você ir a esse reino, o único dentre os seis que não consigo suportar. Mas...

Kyōki fez uma pausa e fechou os olhos para se concentrar. A música começou e as lembranças vinham em sua mente, mas, desta vez, nada agradáveis.

Ele se lembrava de quando sua mãe era maltratada por Akuma Genkaku, seu pai. Apesar dos pais nunca terem percebido, o garoto viu cada vez que sua mãe foi espancada, pelos problemas que seu pai trazia para casa e descontava na pobre mulher. Akuma ligava uma música alta para que o garoto não ouvisse os gritos, a mesma música que estava ouvindo naquele momento.

Mesmo passando por tudo aquilo, a mãe de Kyōki, no outro dia, acordava com um humor incrível como se nada tivesse acontecido. Ela sorria, e sempre que o garoto perguntava, ela dizia que havia caído da escada ou esbarrado em algum lugar.

Kyōki sabia que, apesar do sorriso que demonstrava em seu rosto, sua mãe chorava por dentro. Certamente, ela amava muito Akuma e não queria que o garoto ficasse sem um pai, por isso, durante todos os anos que conviveu, aguentou cada dia de sofrimento.

- Como eu disse, durante as vinte e quatro horas do dia, mudamos constantemente de reinos. Depois que entendi melhor sobre eles, usei as músicas para me manter no reino escolhido. E desta maneira que posso permanecer sem que me preocupe, controlando o *karma* através dos pensamentos - Kyōki, enquanto falava, estava tomando uma forma estranha, deformada. Seu corpo era tomado por espinhos e seus olhos se tornaram rubros. - Agora veja o sexto reino, que possui um sofrimento maior que o reino dos fantasmas famintos, o mais desagradável dos reinos inferiores. - Com exceção do tórax, do abdômen e da face, o corpo inteiro foi tomado por espinhos. Mesmo os fios de cabelo se tornaram afiados e pontiagudos, maiores como agulhas. - O reino do inferno!

O general, escondido em sua ilusão, acompanhou, horrorizado, a metamorfose. A energia *corrompida* comparava-se a sua, mesmo sendo tão jovem, o estado daquele paladino demonstrava anos de sofrimento e angústia.

Como isso é possível? Há poucos instantes ele possuía um nível corrompido quase nulo, agora se compara ao meu! - Akuma se perguntava.

Têm alguma relação aos reinos que tanto fala, mas não vamos ficar para descobrir, temos que deixar o local imediatamente — disse a alma do general.

Não temos alternativa... Attacus Atlas, vamos sincronizar ao máximo - respondeu Akuma à sua alma.

Kyōki cerrou as duas mãos e as dirigiu contra o chão com toda a força. Naquele momento, vários espinhos, que mais se assemelhavam a cristais, surgiam no observatório, preenchendo todo o local.

Antes que pudesse ser atingido, Akuma correu até a abertura na parede, criada pelo paladino quando invadiu o local, e saltou quando a sincronização avançada foi feita, dando-lhe asas alaranjadas de uma mariposa. O branco de seus olhos foi tingido de preto e a cor da íris mudou para o dourado. Chifres de cor bege cresceram sobre a cabeça e manchas negras preencheram seu rosto.

Kyōki, vendo seu inimigo fugir, arremessou uma rajada de espinhos para acertá-lo no ar, mas o

general se esquivou facilmente. Furioso por errar os ataques, Kyōki criou um par de asas que surgiram de suas costas, podendo alçar o seu oponente.

O paladino investiu com toda a sua velocidade segurando a *katana* em sua mão. Quando o alcançou, o paladino tentou acertar seu oponente em um golpe lateral. Akuma bloqueou e encarou os olhos de seu filho.

Surpreendente! Se tivesse me mostrado esse poder, eu já o teria feito major!

E o que lhe faz pensar que eu aceitaria o cargo?

Seria um tolo se não aceitasse.

Existem coisas mais importantes que a fama e o poder, general.

Acha que não sou capaz de compreender idéias como os sonhos? Sinto desapontá-lo, mas o mundo real não é tão fácil quanto aparenta!

Houve um choque com as espadas, faíscas saíram entre as lâminas com a troca de golpes.

A batalha não se limitara apenas à terra, agora a disputa evoluiu a outro nível, sendo levada ao céu. Naquela noite, as faíscas se destacavam na escuridão. A poucos quilômetros da torre, Esmeralda e Light continuavam lutando contra os numerosos soldados que não paravam de surgir: Imaginado que fosse um início de uma tempestade, os paladinos viram as faíscas surgirem, preocupando-se com a intensidade que a batalha havia chegado.

Quando houve uma abertura, Kyōki investiu mirando o peito do general que recuou antes que o golpe o acertasse.

Akuma, a uma distância segura, inspirou a maior quantidade de ar que pôde e depois soprou cuspidando uma grande quantidade de fogo. O paladino, reconhecendo que era uma ilusão, voou entre as chamas com intuito de alcançar o general no fim de sua nuvem chamejante.

Esse tipo de ilusão não vai funcionar comigo - disse Kyōki, porém quando concluiu sua frase, se surpreendeu com uma investida de seu oponente.

O general atacou fazendo um corte na lateral das costelas de Kyōki.

Vejo que possui um bom reflexo. Se fosse outro, minha espada teria atravessado seu corpo - Akuma sussurrou no ouvido de seu filho.

Em vantagem, Akuma girou e acertou o rosto do paladino com o cotovelo, arremessando-o até o segundo observatório da torre que ficava a uma altura ainda mais elevada do local onde se iniciou a batalha.

Posso ler sua mente, você já se esqueceu? A ilusão foi apenas uma distração, sabia que não funcionária, na verdade, você me disse isso através de sua mente - o general explicou, alcançando o local onde Kyōki havia sido jogado.

A mente dominada pela raiva e pelo ódio produz o *karma* para a vida em um inferno. O que sofre, nesse estado infernal, é a mente. Esse é o reino do inferno - concluiu Kyōki enquanto se recuperava dos golpes que recebera.

O general percebeu e tentou recuar. Mesmo se esquivando, Kyōki conseguiu disparar alguns espinhos que acertaram a perna do general. Alguns espinhos se dirigiram para a parte superior do corpo, mas Akuma conseguiu bloqueá-los com as espadas.

Kyōki estava ofegante, diferente do general que apenas se surpreendeu com os disparos. Com um simples puxão, retirou as duas agulhas que penetraram na perna direita. A perna esquerda recebeu apenas alguns arranhões das agulhas que passaram raspando.

Se pode ler minha mente, farei com que não possa.

Mesmo cansado, o garoto agarrou novamente o aparelho de som e mudou para a quarta pasta. O reino animal, um dos reinos inferiores, sendo ele o que possui menos sofrimento, mas isso não faz com que seja um lugar menos terrível. Nesse reino, a mente sofre a influência da cegueira, da estagnação mental e da estupidez, o que causa o nascimento como um animal. Há muitas espécies, como os animais selvagens, animais domésticos e assim por diante. Todos eles vivenciam diferentes formas de sofrimento, tais como ser comida vivo, brigar uns com os outros ou ser abusado.

O general rasgou um pedaço de pano e amarrou na ferida para que estancasse o sangue. Entrando novamente na posição de batalha, esperou pelo que vinha. Os reinos realmente eram perigosos, ele não podia avançar e ser pego por algo que não conhecesse.

Kyōki se lembrou do período em que tentava se socializar. Na escola, era tratado de maneira desigual pelos colegas. Seu pai, na época, era um grande empresário, fazendo Kyōki ser um herdeiro milionário. Todos tinham inveja de sua vida, julgavam-na perfeita. Ele nunca foi um garoto comunicativo, fazendo os colegas pensarem que ele se julgava melhor do que os outros e por isso os ignoravam, quando na verdade, Kyōki apenas tinha medo de se relacionar.

Quando não tinha ninguém por perto, os colegas se juntavam para castigá-lo. Kyōki sem poder se defender, recebia os chutes e socos sem qualquer expressão o que deixava os agressores ainda mais nervosos. Depois de terem descarregado suas raivas, iam embora e Kyōki jurava que aquilo não continuaria.

Começou a treinar, fortalecer seu corpo e aprendeu a se defender. Com a ajuda do templo e com as aulas de *kendō* que o seu pai o matriculara, ajudaram em seu propósito. Depois daqueles dias, tudo melhorou de certa forma. Os colegas que os perseguiam foram todos derrotados por suas habilidades, mas eles não pararam tão facilmente. Sempre voltavam em maior número para tentar uma revanche, mas eram novamente derrotados. O dia a dia da infância do garoto foi vivido como em uma selva, tentando todo dia sobreviver no ambiente que era rejeitado e obrigado a conviver.

Kyōki retirou a parte superior do *Kimono*, que foi rasgado pelo golpe das espadas, e o arremessou para o canto das janelas ainda intacto.

O hino da escola tocava em seu aparelho, fazendo-o lembrar do que viveu. Então, pouco a pouco, deu-se início à próxima transformação, ganhando a forma de um animal, as unhas viravam garras longas, os dentes viravam grandes presas, os olhos avermelhados com as pupilas dilatadas e os sentidos, mais aguçados.

O general recuou. Não por estar amedrontado com a aparência do inimigo, mas por não conseguir ler sua mente. O único pensamento era o de atacar. Como Kyōki havia explicado, a mente se torna estúpida, apenas o instinto estava guiando seu corpo.

A besta avançou rapidamente sem dar chance para o general pensar em algo. Em vários ataques rápidos, Kyōki saltou e atacou como um lobo feroz que protegia seu território. O general, desesperado, tentou voar para fora do alcance do ser medonho, mas foi impedido quando o mesmo arrancou uma de suas asas fazendo ambos caírem contra o chão do observatório. Sem poder voar e fugir, Akuma usava as espadas para se defender, a espada da esquerda para reforçar a defesa e a da direita para absorver a força do golpe.

Quando se levantaram, se olhavam aguardando quem faria o primeiro movimento enquanto andavam de lado. Sem perceber, Akuma chegou perto da beirada da estrutura, o general,

preocupado em não cair, olhou para trás, o que custou caro. Kyōki atacou com toda força, e o general foi obrigado a criar um bloqueio com a espada da mão direita, o que fez a espada ser jogada para fora do observatório, caindo a vários metros do chão. Quando o general ia voltar sua atenção para o combate, o garoto atacou novamente em um golpe de esquerda, fazendo cinco cortes com a garra que começou no peito e terminou próxima a cintura.

O general, por reflexo, acertou com toda força, usando o cabo da espada, o rosto do oponente que, com a dor, recuou rugindo.

Akuma, preocupado com a perda da outra arma, olhou à sua volta e retirou uma das estacas que estava fincada na parede, usando-a com sua arma. Vendo que sua roupa transformara-se em trapos, terminou de rasgar a camisa e a gravata, as quais foram cortadas pelo golpe. Furioso, decidiu terminar com a batalha.

Quando se recuperou, a besta viu que o general estava se aproximando, então se preparou para contra-atacar.

Quando ficaram cerca de três metros de distância um do outro, o general criou uma incrível ilusão: um tornado negro circulava o local, o céu e o ambiente fora do observatório tomara a cor avermelhada. Pouco a pouco o tornado ia se fechando, diminuindo o espaço do salão. No centro, os oponentes se encaravam e para completar a ilusão. Akuma criou cópias idênticas de si, confundindo o ser sem inteligência.

Kyōki estava cercado por todos os cantos, e se não fosse o bastante, o tornado ia delimitando cada vez mais o território. Se o paladino estivesse consciente, poderia facilmente escapar daquela armadilha, pois as ilusões só têm efeito se a pessoa acreditar que a ilusão é real.

O general e suas cópias começaram a correr em círculos no sentido horário. Na visão de Kyōki, eles estavam aumentando a velocidade criando outro tornado ao seu redor. Sempre que Akuma via uma abertura, saía do tornado e atacava, criando cortes a cada golpe que limitavam cada vez mais os movimentos do rebelde. A cada investida, a velocidade dos ataques aumentava. O paladino estava louco, rugia por não conseguir acompanhar seu oponente. De tanto mover a cabeça de um lado a outro, ficou zozinho perdendo cada vez mais o equilíbrio e sangue pelas feridas.

Akuma avistou a criatura já derrotada e esperou até que ficasse de costas para dar o golpe final. Se distanciando de suas cópias ilusórias, afastou-se cerca de três passos e criou uma pistola em sua mão. Sabendo que naquela forma Kyōki não poderia diferenciar o real do imaginário, tinha certeza de que seu disparo o mataria. Quando enfim teve sua chance, despediu-se do filho em sua mente: *Adeus, Kyōki. E uma pena que você mesmo tenha se posto nessa situação.* O general erguia a arma de fogo enquanto abria um sorriso de vitória que não pôde controlar. Se não fosse a dor dos ferimentos, talvez estivesse gargalhando.

Mirando na cabeça do paladino, disparou seu tiro.

Seus olhos, por reflexo, fecharam e a cabeça se moveu para o lado devido ao barulho. Quando reabriu os olhos, viu as gotas de sangue que espirraram até onde ele estava.

Tomado por uma alegria incontrolável, gargalhou enquanto encarava o sangue que jorravam sobre o chão.

Capítulo 30

Ragnarök

Light e Esmeralda enfrentavam os milhares de soldados com toda força e coragem que possuíam. Se não bastasse o grande número desigual de inimigos, entre eles estavam caçadores de elite e os civis que eram forçados a lutar contra os paladinos.

Enquanto Esmeralda cobria as costas de Light, ele tentava, relutante, distinguir os inimigos das pessoas comuns, mas era freqüentemente interrompido. Quando Light conseguia identificar um ou outro soldado, logo disparava a rajada de projéteis com sua metralhadora. Apesar do líder rebelde não querer adotar tal método, não tinha escolha naquela situação de emergência.

Esmeralda, estou quase com minha energia máxima, tenha mais um pouco de paciência.

Ela apenas assentiu, atenta para que nenhum soldado atacasse seu companheiro desprevenido. E por um instante a preocupação a respeito dos outros companheiros tomou sua mente.

Eu me pergunto se eles estão bem. O prédio onde True lutava contra Pandinus desabou e avistei alguém coberto por algum tipo de armadura, mas não sei quem poderia ser.

Não se preocupe, se algo estiver errado, eles avisarão pelo rádio.

Light disparou uma nova seqüência em quatro soldados que avançavam. As balas de uma das metralhadoras acabara, e como não tinha munição para recarregar, largou sua arma e recuou alguns passos para que ficasse ao alcance da defesa da aluna.

Esmeralda fazia o mesmo, derrotando o máximo de soldados que conseguia com sua espada, mas não se esquecia de focar sua atenção nos três caçadores de elite que desceram do prédio e se dividiram esperando a hora certa para atacar. Apesar do tempo em que estavam lutando, o número de inimigos não havia diminuído significativamente. Esmeralda apenas atordoava aqueles que não sabiam se eram civis ou soldados.

Falta pouco - disse Light chegando ainda mais perto da guerreira. - Assim que minhas balas acabarem, vamos colocar em prática nossa estratégia.

Esmeralda assentiu mais uma vez e voltou a se concentrar nos inimigos.

Os soldados estavam muito mais fortes e insanos desde a última vez que os combateram. Durante o tempo em que eles treinavam, os soldados certamente se aprimoraram. Se não fosse por Esmeralda, Light já teria sido pego pelo inimigo, apesar da boa perícia com armas de fogo, a desigualdade era incomparável.

Light sentiu a arma falhar dirigindo o último projétil que atingiu a cabeça do inimigo. Largou a arma e fez a sincronização com sua alma.

Esmeralda, suas espadas estão prontas?

As espadas que Esmeralda carregava continham um pequeno marcador no centro da lâmina. A cada golpe e a cada defesa que usava as espadas, elas absorviam uma pequena fração da energia espiritual do oponente. Assim que o marcador alcançasse seu limite, Esmeralda estaria pronta para usar seu trunfo.

Sim, ambas estão carregadas à espera do seu comando.

Ótimo, tente ganhar espaço para que eu crie a barreira!

Os três caçadores de elite já tinham se espalhado, ficando um em cada extremo, formando um triângulo. Esmeralda estava ocupada com dois soldados e percebeu que os caçadores atacariam.

Pensando nisso, guardou uma das espadas e com a outra erguida investiu, arremessando-os a poucos metros, mas o suficiente para que Light criasse sua barreira e garantisse a segurança.

Santuáriol - sussurrou Light invocando uma barreira.

No momento em que a barreira foi criada, os três caçadores de elite atacaram, mas era tarde, fazendo-os se chorarem contra o bloqueio sólido e transparente.

Esta barreira parece diferente das demais - notou a Valquíria.

Santuário é uma barreira que apenas permite almas *puras* equivalentes a de anjos. Nenhum *caído* ou uma alma *pura* inferior pode permanecer dentro dela, caso por engano alguma alma seja presa, a barreira agirá como um organismo de defesa tentando expulsar o ser estranho. Além desta, existem outras camadas que exigem ainda mais *pureza*. Esse tipo de proteção é chamada de barreira celeste.

Esmeralda pôde sentir a diferença no momento em que permaneceu dentro dela. Além da mudança de cor do dourado para o branco quase incolor, ela sentia uma sensação boa, de paz, dentro da barreira, como se fosse levada para outro lugar, como se não estivesse no meio de uma guerra.

Vou manter a barreira sólida, então não poderei te ajudar no combate. Agora deixo o resto com você - disse Light enquanto sentava de pernas cruzadas e as mãos encostadas uma a outra em posição de prece.

Chegou sua vez de brilhar, Esmeralda — pensou o tutor contente.

No espaço livre ao lado de onde Light estava sentado, Esmeralda abriu a pequena bolsa de pano e pegou uma das sementes que continha em seu interior. Com a espada que ainda estava em sua mão, quebrou o concreto abaixo de seus pés e lá depositou a semente. Erguendo a mão livre na altura de seu rosto, moveu a espada e encostou a lâmina afiada no dedo polegar.

Yggdrasil, árvore da vida, eixo do mundo, eu ofereço meu sangue em troca de sua proteção!

Fazendo um corte superficial, uma gota de seu sangue brotou e caiu sobre a semente enterrada no solo.

Naquele momento, o chão começou a tremer, o que fez os soldados recuarem alguns passos para longe da barreira celeste. A semente que havia sido plantada crescia rapidamente, atingindo vários metros de altura. Nove raízes saíam do solo envolvendo nove esferas brilhantes de diferentes cores. Em uma velocidade surpreendente, a pequena semente cresceu e se tornou uma enorme árvore majestosa que em seus galhos cresciam frutos dourados reluzentes. Em seu tronco um cordão verde fosforescente o envolvia ligado ao coração de Esmeralda.

Yggdrasil, o eixo do mundo segundo a mitologia nórdica. Enquanto Esmeralda estiver ligada à árvore, todos os seus ferimentos serão curados tornando-a quase invencível, porém uma habilidade tão incrível como esta, certamente teria seus riscos. Caso a árvore sofra algum tipo de dano, Esmeralda também sofrerá, em outras palavras, se uma delas morrer a outra também morre. Por isso necessita-se de algum tipo de suporte para manter a árvore a salvo de ataques inimigos, o que é perfeito para minha barreira "Santuário". O Cordão Vital que as mantém unidas não possui limite de distância e não pode ser rompida por armas comuns e dificilmente por armas criadas por almas, sendo o menor dos problemas- Light assistia a tudo sem perder o foco de sua barreira.

A Valquíria virou em direção aos seus inimigos e começou a se concentrar, erguendo seus braços os quais seguravam a empunhadura das espadas em suas costas. Fechou os olhos e suspirou brevemente, controlando sua respiração. Após alguns segundos ignorando o barulho que

os soldados faziam do lado de fora da barreira celeste, sentia a brisa suave que assoprava seu cabelo. E assim que se sentiu segura, avançou para fora da barreira.

Quando já havia avançado alguns metros para longe da proteção, alçou voo até que pudesse ver todos os inimigos de cima. Calculando a distância certa, arremessou suas duas espadas em direções opostas. A corrente que mantinham as espadas presas ao seu braço se estendia sem parecer ter um fim. Ambas as armas penetraram fundo no concreto, delimitando o local onde todos os soldados e sua barreira estavam.

Eu os liberto! Skoll e Hati, lobos celestes!

No momento em que Esmeralda pronunciou aquelas palavras, os grilhões em seu pulso se romperam, libertando as espadas de seu corpo. Quando o fez, ambas espadas, afastadas a vários metros uma da outra, liberaram uma energia escura que tomava forma de lobos gigantescos que cresciam conforme subiam em direção ao céu, envolvendo todo o local delimitado.

Agora! - A Valquíria ergueu a mão em direção ao céu. - *Ragnarök!*

Os lobos soltaram um longo uivo enquanto se expandiam aprisionando todos em uma cúpula negra. No céu, tomado pela escuridão, apenas via-se o eclipse. Do solo, saíam raízes que envolveram alguns dos supostos soldados dentro da cúpula.

Aí está! Ragnarök, a habilidade suprema de Esmeralda. Delimitando a área da cúpula com suas espadas, ninguém que uma vez fosse aprisionado poderia sair antes que um dos lados terminasse vencedor. Com a Yggdrasil ativa, ela pode identificar aquelas de almas puras e protegê-los do "fim dos tempos". Em outras palavras, protegendo os civis, permitindo que Esmeralda lute contra os soldados sem hesitar - Light sorria pelo plano ter dado certo. - Porém o maior problema vem agora, para manter a Yggdrasil e o Ragnarök consome-se muita energia, dando a ela no máximo dez minutos devido o tempo em que já vem lutando. Espero que consiga vencer todos os soldados antes que seu tempo acabe — o tutor se preocupou.

A Valquíria, vendo que tudo ocorreria como planejado, pousou para enfrentar seus inimigos.

Dei-me poder, mundo de Niflheim! — A pedido de Esmeralda, de dentro de uma das esferas que *Yggdrasil* envolvia com suas raízes, de coloração preta e roxa, saiu uma alabarda que em poucos segundos chegou até ela.

Brandindo sua arma, Esmeralda demonstrava sua maestria com a alabarda, fato que fizeram os soldados hesitarem, fazendo um empurrar o outro para decidir quem daria a primeira investida.

Se não veem até mim... - disse a Valquíria com um sorriso - eu vou até vocês! - disse, por fim, trocando o sorriso por uma expressão amedrontadora.

True não acreditava no que via. O corpo de seu inimigo jogado ao chão no momento em que ia mudar seu destino. Um inimigo que tinha pedido pelo perdão e era seu dever dar a ele uma segunda chance. Como um soldado que fracassou em sua missão, a tristeza tomou conta de seu coração e quando procurou para ver quem o impedira do sucesso, via Silvia Leon, a viúva que culpava os paladinos pela morte de seu marido.

O Taiji não reconheceu a mulher de imediato. Ela estava usando uma máscara no rosto, a qual nunca tinha visto antes. Nela havia o estranho desenho de alguns ossos da face.

Silvia, é você mesma? - True perguntou, querendo acreditar que tudo aquilo tinha sido um engano.

Silvia afrouxou o acessório para que descesse ao pescoço, e assim facilitasse sua identificação.

Não reconhece a pessoa que te deu abrigo e te alimentou por três anos? - respondeu, encarando-o com um olhar frio.

Ela estava vestida com uma roupa preta, a mesma que estava usando no funeral de seu marido. O vento sobrava os cabelos longos e brancos. O punhal, sujo com o sangue de Lutalo, estava em sua mão esquerda.

Finalmente encontrei o responsável pela morte de meu marido. Agora ele pagará pelos pecados que cometeu.

Ele não matou Juan com essa intenção, foi apenas... - True tentava buscar as palavras certas, mas falhava. — É complicado explicar, mas ele passou por muita coisa e...

Escute, paladino! - Silvia o interrompeu. - Estou disposta a perdoá-los, agora que sei quem é o verdadeiro assassino. Mesmo sem ter consciência, você me ajudou com meu propósito. Eu estava presente quando o prédio desmoronou e pude ouvir quando ele confessou. Não quero que tenham pena de mim, muito menos agora que estou em uma organização mais justa que a de vocês.

Organização? — pensou True. — Que outra organização existe além da nossa?

Pandora, é nome do nosso grupo. Não temos a menor intenção de atrapalhá-los, nosso único objetivo é dar um fim aos nossos pesadelos.

Quem é o seu líder? - True perguntou mesmo sabendo que talvez não o conhecesse.

Nosso líder? Não sei se tenho permissão para contar, mas posso adiantar que você já ouviu falar dessa pessoa.

True ia fazer mais perguntas, mas uma estranha sombra apareceu e puxou Silvia para baixo, junto ao corpo de Lutalo.

O que está fazendo?

Eu vou levá-lo, essa foi a ordem dada a mim.

O paladino investiu para que tentasse segurá-la, mas antes que True conseguisse impedi-la, Silvia desapareceu com o corpo do falecido general.

O que houve aqui? Por que Silvia está no meio disso tudo? Por que me sinto feliz que ela tenha matado o general e nos inocentado? Se me sinto assim, por que estou triste por Lutalo morrer a poucos instantes de se redimir? Por que

estou sorrindo e chorando ao mesmo tempo? O que houve aqui?

Há poucos quilômetros dali o general gargalhava ainda com a cabeça abaixada, certo de sua vitória. A cada gota de sangue que escorria pelo salão uma nova risada. Ele estava fraco, cansado e sem energia para fazer mais ilusões. A última combinação de habilidades lhe custou bastante esforço e concentração.

Para que as ilusões dessem certo, três fatores importantes deveriam ocorrer: primeiro, o general usa seu cérebro para imaginar a ilusão em três dimensões, tendo o devido cuidado com detalhes, para que então o olho projete. Ao contrário do que Kyōki imaginava, não era necessário que o general tenha total campo de visão para que haja a projeção, ele apenas teria que manter a concentração, desse modo, evitando que a ilusão já projetada desaparecesse do local onde não estivesse olhando. Segundo, a pessoa que estiver vendo a ilusão deve acreditar que ela realmente é real; e por último, mas não menos importante, o usuário deve possuir energia suficiente para manter a ilusão criada, como uma bateria.

O "olho projetor" é uma melhoria do projetor comum, em vez de mandar a imagem apenas à sua frente, ele manda a imagem em uma área específica escolhida pelo usuário. Mas Kyōki acertara em uma coisa, os óculos serviam para interromper a habilidade e apenas ao retirá-los poderia criar as ilusões.

Mesmo as pessoas sabendo que são ilusões, o cérebro, por alguns segundos, pode criar uma relação com a realidade, o que pode ser fatal, basta um milésimo de segundo para que o que era fantasia se torne real. A verdade talvez não existisse, e sim existisse uma verdade para cada um. A incrível habilidade do general que mesmo alguns decifrando seus segredos, o temiam.

Eu venci... Eu venci... - dizia o general ofegante.

Quem você venceu, general? - indagou uma voz conhecida.

O corpo de Akuma congelou, um frio enorme tomou seu corpo e, desta vez, de medo. Ele lentamente procurou pelo corpo abatido e viu a figura ferida o encarando.

Kyōki?

O paladino tinha criado uma barreira no momento exato em que a arma disparou, porém a bala conseguiu penetrar o escudo mesmo perdendo muito de sua velocidade, o que apenas resultou em uma ferida na palma de sua mão, a qual usou para criar o bloqueio.

Ainda não peguei o jeito destas barreiras. Light realmente é incrível por criar com tanta facilidade e em tamanhos tão variados.

O general o encarava sem entender o que estava acontecendo. Em sua mente, ele o teria matado pelas costas, mas o garoto estava bem, apenas com a mão ferida.

Kyōki percebeu a dúvida no rosto de seu pai então decidiu esclarecer:

O reino divino, o *KARMA* positivo combinado com pouquíssimo *KARMA* negativo, resulta em um renascimento nos estados divinos. Há diferentes níveis de existência divina. Mesmo em um reino tão *PURO*, ainda há sofrimento devido ao tédio e vida longa, por isso, quando começam a morrer, percebem que desperdiçaram suas vidas mais uma vez, entram em um processo de sofrimento mental terrível.

Akuma deu um rápido e grande salto para trás, recuando. Ele, ainda com uma de suas espadas e na outra mão uma das estacas de Kyōki, ficou em posição de batalha e avaliou a nova forma do seu oponente.

Kyōki estava com duas asas brancas e seus ferimentos foram curados. A forma se assemelhava a de Light, mas com algumas diferenças. Seu corpo se curava automaticamente quando era ferido, o que gastava bastante energia fazendo as barreiras serem menores, mas Kyōki achava mais útil daquela maneira.

Minha alma passou à forma de um anjo - explicou para que o general entendesse. — O reino animal é perigoso por perder o controle da mente, e foi pensando nisso que programei a música para não repetir, assim que acabou, determinei que tocasse alguma música me deixar no reino divino, já imaginando que sofreria alguns ferimentos.

As músicas contidas na primeira pasta nomeada "*TENGOKU*" lembrava coisas boas, apesar da vida que levou, houve momentos em que estava em harmonia. A melodia que ouvia lembrava o tempo em que passava com sua mãe, deitado, enquanto ela ficava ao seu lado o acariciando. Apesar do pai ausente, ele mantinha a situação financeira da família, que era ótima, dando-lhes conforto.

Kyōki avaliou seu oponente e percebeu que não restava tanta energia para que ele fizesse ilusões.

Pensando nisso, decidi contar a ele sobre o que queria ter dito há muito tempo. Um segredo que responderia as dúvidas do general e enfim, poderiam acabar de vez com a batalha.

Por que não acabamos logo esta luta? - disse Kyōki, fazendo o general focar sua atenção. - Proponho que nós retiremos nossas "máscaras" para por um fim a tudo isso.

O general sabia o que Kyōki queria dizer com "máscaras". Ele sempre soube que seu filho guardava algum segredo que nunca compartilhou e como Kyōki havia dito, ele não era alguém que fosse honesto com as pessoas, guardando seu real sentimento para si próprio.

Tudo bem, eu concordo - respondeu o general, recuperando a postura. Ele desejava há muito tempo desvendar o filho que, mesmo com a habilidade de ler mentes, não pôde entender.

Kyōki cancelou a barreira e abaixou o volume da música que tocava no seu aparelho.

Como eu disse, existem seis reinos que nossa alma pode permanecer. Usei esses reinos para que minha alma mudasse sua forma, dando-me mais habilidades, mas, ao contrário do que todos pensam, não passei esses anos tentando melhorar minhas habilidades, pelo contrário, tentei ocultá-las ao máximo.

O general ficou ainda mais confuso. Ele sempre procurou por mais e mais poder para alcançar seus ambiciosos objetivos, mas seu filho estava fazendo o oposto.

O que quer dizer?

Kyōki respirou fundo e olhou para seu minúsculo aparelho de som.

Durante a batalha passei por quatro dentre os seis reinos, e um dos dois que não usei, eu expliquei que não possuía controle sobre ele até o momento.

Akuma acompanhava a explicação atento e assentiu enquanto o garoto o encarava.

Existem três reinos superiores e três reinos inferiores. Todos os inferiores eu comentei, mas ainda resta o último reino dos superiores que falta lhe apresentar. Ele é o reino humano. A condição humana é a primeira das existências nos reinos superiores. Os humanos são praticamente os únicos seres dotados com as condições necessárias para o progresso espiritual, apesar de ser uma condição menos dolorosa que as existências nos reinos inferiores, a condição humana ainda tem muitos tipos de sofrimento, sendo que os quatro tipos principais são o nascimento, a doença, a velhice e a morte.

O general continuava sem entender. Kyōki apenas estava ensinando religião, e ele não era uma pessoa que tinha paciência para coisas desse tipo. O paladino percebeu que seu pai estava com uma expressão de dúvida, então resolveu ir logo ao ponto.

Os humanos possuem uma grande característica que os diferem dos outros seres: a inteligência. A capacidade de raciocínio que, até o momento, ninguém sabe seu limite. Lembrando-nos de que apenas dez por cento do nosso cérebro é usado. Esta é a característica deste reino e, assim como os outros, possui sua característica única.

Sem conseguir agüentar mais nenhum minuto sobre o assunto, imaginando que seu filho nunca lhe diria o que desejava, o general investiu contra o paladino com a estaca. Ele correu a distância que os mantinham distantes e quando o alcançou, usou a ponta para perfurar a face. Em um ataque veloz, Kyōki desviou e deixou que a estaca se envolvesse no cabo do fone, retirando-os de seu ouvido, o que lhe custou um pequeno corte superficial na lateral do rosto.

O general ficou ainda mais ofegante. Ele tinha perdido o controle e viu seu filho estender a mão até o rosto para sentir a gravidade da ferida.

Kyōki tampava os olhos e o ferimento. Ele recuou dois passos, fazendo o general imitá-lo.

Durante o dia podemos viajar por todos os seis reinos, porém... — Akuma pensava que o garoto ia repetir novamente sobre o período de vinte e quatro horas, mas voltou à atenção quando escutou o "porém" - no meu caso é diferente. Eu, por algum motivo, estou preso neste reino eternamente, mesmo através da música, minha viagem aos outros reinos é limitada.

Kyōki retirou a mão do rosto e o general, no momento em que encontrou os olhos de seu filho, sentiu seu corpo e alma congelarem. Seu coração começou a bater mais rápido e o medo do desconhecido tomou sua mente.

Kyōki estava com um olhar que ele nunca vira antes. Em poucas palavras, ele podia definir um olhar frio, racional, mas havia muito mais. Assim como o olhar de True permanecia após ocultar seus sentimentos, o olhar de Kyōki estava vazio. Era como se tivesse arrancado as suas emoções e o vão tomasse o lugar de sua alma. "Vazio" seria a palavra mais apropriada para descrever o que via.

Este sou eu, pai. Preso no reino humano, preso somente à razão. Eu sou... um psicopata!

Naquele momento, do lado de fora, uma chuva forte começou. Relâmpagos surgiam no céu e as fortes gotas de chuva caíam dificultando a dura batalha que acontecia.

O general estava em choque após ouvir as palavras de seu filho. Aquela notícia responderia a muitas perguntas que desejava saber, mas não queria acreditar.

Não brinque comigo! Psicopatas não possuem sentimentos, e você mostrou várias vezes que os possui! - Akuma, apavorado, começou a falar em japonês, que era sua língua materna.

Quando? - Kyōki avançou dizendo. - No passado? Quando chorava ou sorria? Na batalha de há poucos minutos quando fiz expressões com meu rosto? — ele respondia no mesmo idioma, e a cada pergunta Kyōki avançava mais um passo enquanto o general recuava. - Vou esclarecer as coisas em uma palavra: teatro!

O general, assustado, perdeu o equilíbrio e caiu sentado no chão e continuou se arrastando para longe do paladino.

Mentira! - gritou o general quando criou uma distância e percebeu que Kyōki não avançava. - A música é um exemplo, você, quando as ouviu, sentiu algo como... - gaguejou quando notou que Kyōki voltou a avançar. - Ódio! - ele se lembrou. - Você disse que no reino do inferno a mente fica tomada pelo ódio.

Quando finalmente Kyōki o alcançou, agachou para ficar frente a frente com seu pai.

As músicas não me fazem ter sentimentos, mas lembranças. Através delas eu lembro o que desejava naquele momento. Quando você machucava minha mãe, desejava fazer o mesmo com você para castigá-lo, esse pensamento fez meu *karma* produzir energia negativa, por isso o reino do inferno. O que me lembra de três anos atrás, quando me fez rever o episódio. Naquela hora, por pouco você não revelou minhas habilidades, o que talvez você pudesse saber a muito tempo se não fosse orgulhoso e ignorasse minha mente.

Akuma poderia ter vasculhado a mente de seu filho quando foi pego junto aos paladinos. No entanto, se julgava conhecedor da mente do garoto, o que custou a derrota nessa batalha.

Lembra quando lhe falei sobre o reino dos deuses invejosos?

O que têm eles? - disse o general recordando-se.

A inveja que me referi das pessoas era por elas terem sentimentos, diferentes de mim.

Akuma arregalou os olhos, ele lembrava-se perfeitamente desta parte, era uma das perguntas que queria que Kyōki respondesse.

Agora se levante. Vamos acabar logo com isso. Você está patético com medo, nem parece uma atitude de um general.

Kyōki deu de costas e foi até a outra extremidade do terraço. Agarrou sua *katana* moldada por seu espinho e ficou em posição de batalha, esperando para que seu oponente se preparasse.

O general levantou furioso por seu filho criticar sua postura como general, o medo foi esquecido e ele se preparou brandindo a espada. Seu orgulho gritava em seus ouvidos, ele não seria derrotado por uma aberração, como julgava ser seu próprio filho, sem que em nenhum momento tentasse imaginar como ele conseguiu suportar todo esse tempo sem sua ajuda.

Só me responda uma coisa, por que se tornou general? - Kyōki quis saber. Ele achou justo depois de ter dito seu maior segredo.

"Tudo muda em um segundo" - respondeu o general lentamente e avançou.

Kyōki não entendeu muito bem o que ele quis dizer, mas depois acharia a resposta. No momento, tinha que garantir que haveria um amanhã para ele.

O paladino avançou para enfrentar o general que se aproximava. Os olhos do rapaz continuaram vazios desde a destruição de seu fone de ouvido. O general estava sério, mas não chegava nem perto da expressão de seu filho.

Quando a distância foi percorrida, eles se encontraram e em um rápido movimento de espada tentaram se acertar. Depois da veloz investida, eles ficaram de costas um para o outro nas extremidades.

Kyōki recebeu um pequeno corte no peito esquerdo, nada muito profundo, porém com o general foi diferente. O paladino conseguiu fazer um feroz ataque sobre a ferida já aberta onde havia atingido anteriormente quando estava no reino animal. Akuma caiu ao chão derrotado, enquanto uma poça de sangue se formava ao seu redor.

O garoto se virou e foi até seu pai, que estava quase morto, e o virou para ver seu rosto. Sua *katana* estava fincada na outra extremidade, já que não necessitaria dela naquele momento.

Como conseguiu? — perguntou o general com suas últimas forças, sua mente só ficaria em paz quando descobrisse como foi derrotado.

Ao contrário de você, eu não usei nenhum truque. No reino humano eu não posso usar nada mais que minha mente avançada. Não posso materializar espinhos ou garras ou barreiras, apenas a inteligência foi minha arma. Mesmo quando estava no reino animal, eu me lembro da batalha. A espada que você levava na mão esquerda era uma ilusão, por isso nunca se defendia com ela por ser arriscado, uma vez que dependia de eu acreditar que era real, mas atacar era diferente, você podia arriscar. Outro pensamento veio em minha mente, uma pessoa que dedicou a vida toda ao escritório de uma empresa não poderia manejar tão facilmente duas espadas de uma vez. Se tivesse acompanhado minhas aulas de *kendō*, você saberia disso. Então, apenas tive que acreditar que meu golpe atravessaria sua espada, assim sua ilusão não iria funcionar. E foi o que aconteceu, eu consegui te atingir com um golpe direto. Vocês, generais, deixam o orgulho tomar o controle, subestimando seu inimigo.

Entendo... - disse o general quando foi interrompido com os pigar-ros de sangue. - Você não vai ficar com remorso, vai?

Os psicopatas não sentem remorso, nós podemos até saber que estamos errados, mas não sentimos isso.

Akuma, lembrando-se do passado, deu um sorriso torto.

Isso explica muita coisa, o fato de você ser um psicopata. Nunca conseguia fazer você sorrir, por mais que tentasse. Eu o matriculei na aula de *kendô* quando me pediu imaginando que nossa relação melhoraria, mas não foi como o esperado.

Desculpe-me por isso.

Não deve se desculpar, até porque não sente de verdade algum arrependimento quanto a isso. Eu deveria ter notado, sou seu pai, era meu dever.

Ambos ficaram em silêncio por alguns segundos quando Akuma continuou:

E sua mãe, ela sabia?

Eu não sei. Ela sempre me tratou bem, mas eu também não retribuía muitos sorrisos. Com o tempo, aprendi a sorrir observando as outras pessoas, mas não era bom o suficiente para parecer espontâneo. Talvez ela sempre soubesse e nunca se importou. Ela devia me amar, apesar de eu não saber exatamente o que é o amor.

Amor - o general lembrava. - Sua mãe foi a melhor coisa que me aconteceu e mesmo assim deixei que o orgulho me possuísse de tal maneira que fiz tamanho mal a ela - lágrimas surgiram dos olhos de Akuma, o que fez Kyôki se surpreender, pois nunca tinha visto seu pai chorar. — Então acho que meus herdeiros acabam aqui, já que não possuo sentimentos, creio que não se interesse por uma esposa.

Não que seja esse o ponto. Realmente, por eu não possuir sentimentos, não sei o que é o amor ou outro sentimento ligado à outra pessoa, mas não é isso o que mais me impede.

O general encarou seu filho esperando pelo que ia dizer.

Se eu tivesse um filho ou filha, não ia querer que eles sofressem. Os pais afetam em uma grande parte na vida de seus filhos, pensando nisso, imaginei um de meus filhos chegando até mim com um desenho feito por ele. Quando sobe no meu colo ele diz: "Papai, fiz para você, somos eu, você e a mamãe, o que achou?". E nessa hora, eu, sem conhecer os sentimentos,

respondo: "Ficou ótimo". Mesmo sabendo que é um elogio, o tom da voz seria o mesmo, a expressão continuaria séria, e aquele episódio iria se repetir em outras ocasiões, fazendo as crianças crescerem com um pai frio em suas vidas. Então como eu poderia esperar que elas não me odiassem? Como poderia querer que elas dessem importância aos sentimentos se o próprio pai não os possui?

Akuma refletia sobre as palavras enquanto derramava lágrima após lágrima que escorriam pela lateral do rosto. Kyôki o encarava sem saber se o que havia dito provocava tristeza a ele, em sua mente, nunca conseguiria entender.

Está falando de mim, não é?

Não, me refiro a mim. Tive a sorte de conhecer o templo onde aprendi sobre o budismo, se isso não tivesse acontecido, não sei onde estaria hoje, talvez estivesse no seu lugar como general.

Responda-me uma última coisa, o que você é? Um *puro* ou um *caído*? - perguntou com suas últimas forças.

Segundo o ensinamento budista, eu seria um *puro*. Mas quem sou eu para me julgar, aprendi poucas coisas, os monges possuem uma sabedoria muito mais avançada do que meu conhecimento. Além disso, minha forma se assemelha a de um humano, não de um anjo ou de um demônio. Os paladinos não sabem disso, eu estava no reino dos Asuras, então Light julgou minha alma de acordo com aquele momento. O meu aparelho de som serve somente para que não descubram a verdade, sem ele, minha verdadeira forma se manifesta.

Entendo... - Akuma, sentindo muitas dores, decidiu pedir um último favor ao seu filho. - Kyōki, termine o que começou... Se for você, eu não me importo.

O general tossiu mais sangue, e Kyōki decidiu aceitar o pedido. Buscou a *katana* e voltou até o corpo de seu pai, que já estava com os olhos fechados. O cansaço o dominava junto à dor, então Kyōki ergueu a estaca e a segurou com as duas mãos. Com um rápido movimento, cravou a ponta da lâmina no coração do general, dando um fim ao seu sofrimento.

Akuma Genkaku estava morto.

Capítulo 31

A ajuda emerge das sombras

Kyōki recolocou os fones percebendo que seu lado esquerdo sofrerá danos com a última investida do general. No entanto, com o direito ainda em bom estado, podia se manter no reino dos semi-deuses impedindo que os paladinos descobrissem sobre seu segredo. Ele tentou imaginar se Light ficaria bravo com ele por não ter tomado cuidado. Antes que se esquecesse, ele foi até onde tinha deixado a parte superior do *kimono*, que foi rasgada em um ataque do general, e o colocou sobre as suas costas, voltando uma última vez ao corpo de seu pai para se despedir.

Encarou a posição em que seu pai havia falecido. A expressão era de paz, algo que pensara nunca ver em seu rosto. Um sorriso torto chamava a atenção do paladino que se perguntava o motivo. Avaliando melhor, percebeu a estranha posição do corpo, o braço direito estava estendido um pouco acima da cabeça, diferenciando-se do resto do corpo que estava reto. Para alguém que aceitou a morte como uma amiga, não devia estar deitada em uma forma irregular. Pensando melhor, foi quando percebeu. O general deixou uma mensagem a ele, como se apontasse para alguma coisa. Com os olhos, Kyōki seguiu a direção em que o braço apontava quando encarou uma pequena porta que, até então, estava oculta a seus olhos devido à falta de iluminação.

Decidido, Kyōki caminhou calmamente em direção à sala, curioso para descobrir o que seu pai queria lhe dizer. Porém, após alguns passos, sentiu um grande abalo no chão, fazendo se perguntar se aquilo seria um terremoto. Para sua surpresa, estava enganado.

Ele virou para o local onde estava o corpo e percebeu que era daquele ponto de onde o abalo vinha com mais intensidade. A cada segundo ia ficando mais forte, quando ele não pôde mais se equilibrar, caiu ao chão, conseguindo usar o braço para impedir que se machucasse.

O abalo não era como um terremoto, ele oscilava. Um abalo e parava, depois outro abalo mais forte.

Após se desequilibrar, mais dois abalos ainda mais intensos sacudiram a torre. Kyōki, sem entender o que estava acontecendo, olhou pela janela fazendo seus olhos se arregalarem. Uma gigante pata de animal, semelhante à de um cão, se aproximava com velocidade ao encontro do observatório. O paladino, já abaixado, envolveu sua cabeça com os braços e esperou pelo encontro.

Quando a pata atingiu a torre, levou com ela o teto do observatório junto ao topo da torre que despencou a vários metros de altitude, criando um grande estrondo assim que atingiu o solo. Alguns fragmentos do teto caíram sobre o paladino, porém não eram grandes o suficiente para feri-lo.

Além da pata que destruiu a estrutura, outra pousou afundando o concreto, criando várias rachaduras, servindo de apoio para que a imensa criatura surgisse.

Kyōki encarou o ser medonho que estava diante de seus olhos. As patas fincaram no concreto mais adiante, para dar uma maior estabilidade e então vieram as cabeças.

A criatura possuía uma imensa cabeça de cão e mais outras seis ao redor, que eram menores. Em cada uma delas uma espécie de coleira feita com a união de várias serpentes. O cão parecia

procurar por alguma coisa, ele fitou com os vários pares de olhos negros para Kyōki, mas não parecia ser ele seu objetivo.

- Nós o encontramos! Ele está deitado logo ali! - A voz de uma garota ecoou sobre a noite.

Kyōki não tinha percebido que uma garota, entre 14 e 16 anos, estava agachada em cima da cabeça central da besta. Ela estava usando uma espécie de vestido preto que dificultava ser encontrada na noite e ainda mais sobre a imensa criatura negra.

O cão encarou o corpo do general e todos os seus olhos se arregalaram. Antes que Kyōki pudesse fazer qualquer coisa, a criatura abriu a enorme boca da cabeça central e abocanhou o corpo do general, destruindo grande parte do local.

A garota, no momento em que o cão incidiu, saltou para a parte sólida do observatório. Ela não parecia ter notado que ele estava lá, e ele muito menos queria ser descoberto.

Voltando sua atenção ao cão, viu que ele estava diminuindo de tamanho, tornando-se uma espécie de sombra que formava o corpo de um homem ao lado da garota. Quando a transformação foi concluída, pôde observar um homem alto, forte, de cabelos ondulados usando uma máscara, que, por algum motivo, era a mesma que a garota estava usando.

O homem, percebendo a presença de Kyōki, seguiu em sua direção. O paladino tentou se levantar tirando os olhos do estranho por alguns segundos, e quando voltou sua atenção a ele, o homem estava parado à sua frente com a mão erguida, oferecendo ajuda.

Segure minha mão, eu te ajudo a levantar.

Kyōki, sem saber o que fazer, resolveu confiar e aceitar a ajuda. Quando ambos estavam de pé, o homem encarou Kyōki e parecia reconhecê-lo.

Por acaso, você é aquele garoto que ajudou Alexandra no Canadá?

Sim, sou eu. Mas quem lhe deu essa informação? — lembrou Kyōki do nome da caçadora com qual trabalhara junto para resolver o mistério do general da América do Norte.

O homem afrouxou o nó da máscara facilitando a memória do paladino.

Alone? Alone Walker! O que está fazendo por aqui? - Kyōki analisou o *caído* e se perguntou como não notou que era ele. Alone era o mesmo, o cabelo alguns centímetros mais compridos e o cavanhaque, eram as poucas mudanças que havia nele fisicamente.

Eu estava caçando o general da Ásia, mas alguém já o matou o paladino vendo seu estado quando teve sua conclusão. — Foi você quem o derrotou?

Kyōki assentiu.

—Mas por que o estava caçando? — Kyōki quis saber.

Quando Alone ia responder a garota o interrompeu:

Está uma bagunça lá embaixo. Creio que seja melhor irmos até os outros que devem estar entediados após perderem a viagem até a África.

Você está certa — respondeu Alone e depois voltou sua atenção para Kyōki. - Nos veremos de novo, rapaz.

Quando Alone terminou sua fala, ele criou sua garra e fez um corte no ar. Um portal escuro se abriu, surpreendo o paladino, e antes que ele pedisse para esperar, Alone e a misteriosa garota entraram, desaparecendo por completo.

Desde quando ele pode fazer isso? — *pensou*.

Agora que estava novamente sozinho, voltou-se ao que ia fazer. Ele temia que, com o ataque da imensa fera de sete cabeças, a sala teria sido destruída, mas para sua felicidade estava intacta.

Ele não hesitou e arrombou a porta que estava trancada.

O jovem tinha a intenção de encontrar informações importantes para ajudar os outros paladinos na batalha contra o ditador, mesmo que não encontrasse nada que lhe dissesse sobre seu passado. Quando começou a revirar o escritório não encontrou nada de útil. Sobre a mesa estavam alguns documentos como pedidos de residências para soldados, quantidade de alimentos em estoque nos dormitórios, pedidos de transferências, entre outros. Porém, após revirar todos os arquivos, achou uma planta de um presídio de segurança máxima, indicando cada passagem e seu local. O presídio ficava na Europa, onde supostamente estaria Ducy.

Kyōki também encontrou uma pasta que informava a relação dos nomes dos prisioneiros contidos na penitenciária da Ásia, indicando se deveriam ser transferidos para a Europa, se foram sentenciados ou permaneciam no continente. Ele não encontrou o nome de Ducy na relação de prisioneiros contidos na Ásia nem dos sentenciados, para seu alívio. Kyōki teria uma ótima notícia para True, que sonhava em reencontrá-la.

Aproveitando as informações em suas mãos, decidiu procurar pelo nome de sua mãe, que, até então, não tinha notícias desde que foi mandado para outro continente.

Quando localizou o nome, no lugar onde informaria sua atual situação, estava um asterisco que não constava na legenda. Perturbado, procurou no rodapé da página quando encontrou uma descrição.

Então foi isso que aconteceu - Kyōki fechou a pasta e a deixou sobre a mesa.

O paladino, mesmo encontrando informações sobre Ducy e sua mãe, esperava saber mais, foi quando viu que uma gaveta possuía uma fechadura e estava trancada, com o propósito de manter algo protegido e acima de tudo sigiloso.

Ele começou a procurar pela chave, e como tinha convivido com o general, sabia de seus truques. Seu pai guardava coisas importantes em fundos falsos de gavetas e armários. Então, depois de examinar outras três gavetas notou que uma delas possuía um fundo diferente, descobrindo o local da chave. Como havia previsto, a pequena chave dourada que estava escondida no fundo falso destravou a tranca da gaveta, possibilitando sua abertura.

Kyōki poderia ter forçado a fechadura, mas aprendeu também com a convivência com seu pai que ele armava alguns mecanismos que destruíam o conteúdo da gaveta ou cofre caso alguém tentasse forçá-la.

Em seu conteúdo estava um pequeno caderno de anotações. Kyōki pegou e o observou melhor, ao lê-lo, seu corpo paralisou e seus olhos se arregalaram.

- O diário do meu pai!

"Pandora", "um líder que eu já ouvi falar", "nova organização", "um propósito maior que o da Ordem" - *True refletia sobre as palavras ditas por Silvia, que fora tomada pela vingança.* — Tenho que atualizar Light sobre os últimos acontecimentos. Ainda possuo energia espiritual restando, posso voar até onde estão.

True, ansioso para chegar até seu líder, contraiu suas asas, preparando para alçar voo. No entanto, algo o fez hesitar. O paladino antes de abandonar o local, olhou a poça de sangue deixada pelo corpo do general da África, Pandinus Imperator, que havia sido levado por Silvia.

Nós não conseguimos salvá-lo - *disse Taji em sua mente.* - Mesmo aprendendo a sincronização avançada, não pudemos mudar seu destino.

Desculpe, Taiji — True respondeu, deixando sua alma confusa.

Por que está se desculpendo?

Você é uma alma rara, com habilidades formidáveis. O culpado por não termos salvado Lutalo sou eu.

O que está dizendo, True? Sabe que somos um, dependemos um do outro para existir...

Eu sei! Foi sabendo disso que conseguimos a sincronização avançada, mas... o nosso corpo é fraco, não consigo usar toda a nossa capacidade.

Taiji nada disse, ele ficava pensando no que True dizia. Não podia fazer nada para ajudá-lo, o jovem teria que crescer sozinho e fortalecer seu corpo.

Taiji!—*True chamou em sua mente, fazendo sua alma assustar-se com o comportamento incomum.*
- Quero que libere todo o seu potencial! Eu vou suportar! Apenas não quero presenciar outro pedido de ajuda que não possa atendê-lo!

-Taiji estava pensativo e ficou sem responder durante alguns minutos. O que True estava pedindo era muito arriscado, talvez pudesse levá-lo à morte.

True, posso fazer o que está me pedindo, mas devo te alertar que pode haver conseqüências. Quando o equilíbrio da balança entre alma e corpo é rompido, coisas muito ruins podem acontecer a uma delas.

True não entendia o porquê de sua alma se referir ao equilíbrio da balança. Ele estava farto de falhas e queria estender a mão a todos aqueles que pudessem segurá-la.

Faça agora!- o paladino ordenou. Sua alma, sem mais hesitar, atendeu ao seu pedido.

Tum, dum... Tum, dum... Tum, dum...

Uma dor insuportável tomou o coração de True naquele instante. Como havia acontecido no Canadá, seus olhos estavam sofrendo alterações. Tomado por sensações opostas, gelo e fogo feriam seus olhos como se fossem destruí-los.

Não era isso que True havia pedido. Parecia que Taiji estava ferindo seu corpo por dentro, tornando a dor quase insuportável. O coração ardia e pulsava acelerado, o que fez o jovem pensar que explodiria.

Após alguns segundos que pareceram longos minutos, a dor ia decrescendo enquanto o paladino caía de joelhos, ofegante.

Desculpa por isso True, não imaginava que seria tão doloroso.

O jovem ainda ofegante arrastou-se até uma pedra onde descansou sua cabeça. Agora que a dor havia passado, criou uma fina camada retangular com seu gelo em uma das grandes pedras que estava ao seu lado, podendo ver seu reflexo.

As colorações de seus olhos mudaram novamente. O verde-claro de seu olho direito converteu-se para um tom laranja-claro, similar a cor da chama que envolvia seu braço. O olho esquerdo, antes vermelho-sangue, mudou para o azul-claro.

O que mais o surpreendeu foi ver sua alma refletida junto ao seu reflexo no pequeno espelho improvisado.

Atingimos o nível máximo de nosso "olho", agora você poderá ver a "verdade" em cada alma.

A que "verdade" você se refere, Taiji?

Isso não importa agora. Faça aquilo que o fez despertar nesse nível, vamos até aqueles que precisam de nós!

True, agora mais confiante, ergueu-se ao céu e do alto pôde ver a área escura criada por

Esmeralda.

A Valquíria já está no auge de sua luta, precisamos ir até ela. Não se esqueça, True, sinta minha energia fluir em seu corpo e deixe-me guiar seus instintos.

O paladino, tomado por sua determinação, avançou ao encontro de sua aliada, penetrando na cúpula.

Ao atingir seu interior, True viu os vários soldados que ainda restavam investirem contra Esmeralda. Procurando por seu líder, viu Light sentado, mantendo a barreira "Santuário" ativa. Enquanto seguia ao seu encontro, o jovem parou repentinamente quando avistou um comportamento incomum entre as almas.

Parado a vários metros do chão, ele avaliava as almas dos *caídos* que atacavam a jovem Valquíria. Com a evolução de seus olhos, True via além de apenas o formato de cada alma, ele via seus sentimentos. Ao contrário do que esperava, ódio, ganância, cólera, ele via frustração, temor, melancolia. Aquelas visões o fizeram paralisar, várias e várias perguntas e teorias surgiam uma após a outra em sua mente. A principal delas: o motivo deles estarem sofrendo sendo que possuem tudo o que desejam e a suposta resposta: o que eles realmente estão sentindo. Procurando entre os soldados, avistou a Valquíria com uma expressão impiedosa, tirando vida após vida de cada soldado que estava à sua frente. A alma de Esmeralda estava com a mesma expressão e sua pureza havia diminuído desde a última vez que o paladino tinha visto. Se aquela era a verdade que Taiji se referia, ele não poderia ignorá-la.

Esmeralda enfrentava os soldados bravamente. Desde que tinha criado sua cúpula junto à árvore da vida, havia derrotado metade do exército que a enfrentava. Sua alabarda de Nifheim, ao fazer um corte no oponente, liberava um veneno que prejudicava a sanidade mental e visual, fazendo-o ter visões de ilusórias criaturas apavorantes que não paravam de perseguidos. Aqueles que sobreviviam ao ataque da Valquíria estariam "cegos" até que ela o finalizasse, facilitando a tarefa de enfrentar tantos inimigos.

Enquanto cravava a ponta de sua arma no inimigo que acabara de derrotar, Esmeralda reconheceu o paladino vindo em sua direção. Ela não sabia quando ele tinha entrado na cúpula, estava tão concentrada na batalha que mal o notou.

True? - perguntou a si mesma.

O que você está fazendo! - disse True quando a alcançou.

Esmeralda, ainda confusa, não respondeu de imediato.

Estou impedindo que eles nos matem.

Esmeralda, ainda não percebeu? Olhe só para você!

A jovem, querendo entender, olhou para suas mãos que seguravam sua arma com firmeza, como se fosse a coisa mais importante naquele momento. Quando compreendeu o que True queria dizer, soltou a alabarda, deixando-a cair sem mais se importar. Suas mãos estavam banhadas com sangue inimigo. "O que você está fazendo?" - A pergunta ecoava em sua mente sem parar.

A Valquíria tremia e os olhos arregalados procuravam por qualquer movimento inimigo em sua direção. O paladino, sentindo pena, envolveu a mulher em seus braços. Ela sentia o sentimento apavorante que era a guerra. Ela lutava para se manter viva, e devido a isso não notara o que fazia.

Está tudo bem, deixe o resto comigo.

Esmeralda, exausta com a grande perda de energia drenada pela *árvore* e pela cúpula, desativou sua alma e com ela o *Ragnarók* e a *Yggdrasil* se foram, liberando consequentemente os civis protegidos pela árvore.

Há alguns metros dali, Light mantinha *Santuário* sólido. Quando se surpreendeu vendo a *Yggdrasil* se desfazer.

Esmeralda! Sua energia deve ter acabado, devo ir até ela antes que seja tarde! - Light fez a sincronização com sua alma no modo avançado e voou a procura de sua aluna.

Os soldados desorientados com o veneno da alabarda rodeavam onde os paladinos estavam. Aqueles ainda intactos hesitavam em atacar esperando por uma abertura.

Taiji, preciso salvar cada alma aqui presente, deixarei que guie minha intuição, apenas os salve — *True dizia a sua alma enquanto dava dois passos a frente.*

A aparência de True passava agora por transformações. A camada escura de seu braço esquerdo se soltava tornando-se semelhante ao braço direito tomado pelo fogo. Linhas douradas percorreram ambos os braços criando figuras incomuns na atualidade. A asa negra tingiu-se de branco e seu olho esquerdo tornou-se laranja assim como as chamas. O prendedor que mantinha sua mecha presa se soltou deixando o cabelo de espalhar.

Light chegou naquele instante, estranhando a sincronização do rapaz. Vendo Esmeralda sentada sem forças, foi até ela para lhe dar apoio.

Como você está, minha guerreira?

Não sei o que dizer - respondeu a jovem com um olhar perdido.

Quando ele chegou aqui?

Há poucos minutos.

Light ergueu sua cabeça para olhar seu aluno, a energia contida no Taiji era maior que o corpo de True poderia suportar, Light sabia disso, mas ainda não tinha instruído seu aluno sobre o equilíbrio.

True, o que pensa que está fazendo?

Light? Não vi quando chegou — quando o rapaz virou procurando por seu líder, Light pôde notar a diferença nos olhos do paladino.

O que houve com seus olhos? - ele se espantou.

True voltou sua atenção aos soldados e depois de algum tempo respondeu:

O mesmo de antes, mas isso não importa agora. Cuide de Esmeralda e deixe o resto comigo e com o Taiji.

True cerrou os olhos e se concentrou em seu interior.

Vamos salvá-los, Taiji!

Com uma de suas mãos elevadas até o peito e a outra na cintura, o paladino concentrava toda sua energia no vão entre as mãos. As chamas em seus braços foram levadas e contidas na esfera que se formava, além do fogo, as marcas douradas em sua pele drenavam grande parte da energia de sua alma, deixando apenas uma pequena quantidade que seria usada para manter a alma ativa e usada em caso de emergência.

Que quantidade de energia é essa? Ele está concentrando em um ponto! No que está pensando?

Qual o será o seu objetivo? — *Light tentava imaginar.*

True levitou há alguns pés e começou a recitar algumas palavras. À medida que ia dizendo, mais energia ia sendo contida na pequena esfera.

*"Chama Sagrada,
Aqueça os corações congelados,
Cure as feridas causadas pelo passado,
Retorne o brilho dos olhos,
Reacenda a chama da esperança,
Ilumine o caminho em direção aos sonhos.
Remoção dos Pecados.
Nascer do Sol!"*

A pequena esfera se expandiu por todo o local equivalente ao da cúpula criada por Esmeralda. Quando alcançaram cada um dos soldados presentes, as chamas criaram formas de pequenos anjos que abraçavam cada um dos *caídos*.

A energia contida em um único ponto havia se expandido aparentando a forma do sol. Aqueles que escaparam por algum motivo e tentaram correr eram atraídos pela gigante esfera chamejante devido ao campo magnético causado por ela.

Light e Esmeralda, mesmo estando no centro do globo de chamas, não foram afetados, assim como os civis que estavam entre os soldados. Eles apenas assistiam à magnífica habilidade do paladino que iluminava toda a noite.

Meu Deus, True! Como você fez isso? - disse Light em sua mente maravilhado.

Após toda energia ser liberada, as chamas cessaram e True voltou ao chão perto de seus aliados, exausto.

Esmeralda olhou à sua volta e parecia que nenhum soldado havia sobrado. As pessoas que restavam de pé eram civis que logo deixaram o local indo se esconder na cidade.

Conseguimos? - Light se perguntou.

True! - Esmeralda se levantou para ajudar o rapaz. - Você está bem?

Sim - respondeu com uma voz cansada.

Que alívio! - A jovem o abraçou. - Acabou! Nós vencemos!

Light olhava ao longe, agradecendo por ter acabado. Ele encarou aquele céu estrelado que levava todos os seus medos embora. Quando se levantou, alongou seus braços e pernas preparando-se para ir ao encontro de Kyōki. Ainda restava o outro general, mas ele acreditava que o paladino o derrotara.

True encarava o sorriso no rosto de Esmeralda, aquilo trazia paz para ele e estava contente por ela, mas o que ainda não sabia era se seu propósito havia sido cumprido como esperava.

Não pode ser...

O que disse? - True perguntou, percebendo o sorriso que se desfez, e o rosto de Esmeralda empalideceu.

Procurando saber o que a tinha deixado naquele estado, olhou na mesma direção do olhar da amiga quando entendeu a causa do espanto.

No horizonte, na direção oposta a que os civis fugiram, viam-se fileiras de soldados que marchavam ao encontro dos rebeldes.

Light! - True chamou percebendo que o líder estava distraído.

Maldição! Eu devia ter previsto! Os soldados que foram derrotados não passaram de distrações

para que nos desgastássemos - o líder rebelde pensava no que poderia fazer naquele momento. - Esmeralda, possui alguma energia?

Não muita, já estava no meu limite quando True chegou.

Então vamos...

Guarde-a! - True interrompeu quando Light ia dizer o que havia pensado. - Light, leve Esmeralda até a sua barreira. Eu sei que leva certo tempo para criá-la além de muita energia. Eu vou distrai-los.

Não se faça de herói, garoto — o líder paladino se irritou pensando na loucura que seu aluno tinha dito.

Não estou me fazendo de herói! - True de alterou. - Não temos escolha! Se todos nós morrermos não vai adiantar muita coisa! Não estou pedindo para que me abandone no campo de batalha, apenas deixe Esmeralda a salvo e volte para me ajudar, tem que ser você, eu não posso entrar na barreira celeste!

Esmeralda queria ficar para lutar, mas entendeu que ela só iria atrapalhar. Enquanto encarava os dois discutirem, percebeu a mudança nos olhos do jovem, o que a deixou mais preocupada. Light analisava o plano de seu pupilo. True pensou em tudo, o que deu confiança para ele aceitar.

Tudo bem. Estarei de volta em breve - Light segurou Esmeralda em seus braços, ficando de costas para True.

Estarei aqui - True se virou fitando os soldados que se aproximavam.

Não faça nada idiota - Light se despediu.

Kyōki encarava o diário fixamente. Não imaginava seu pai escrevendo um diário, se não estivesse em suas mãos, nunca acreditaria se soubesse por outra pessoa. Na capa, preta de enfeites simples, a palavra "Dias", do título "Dias Inesquecíveis", estava tachado sendo substituído por "Lembranças".

"Lembranças Inesquecíveis" - Kyōki refletia.

Imaginando que os outros paladinos estariam ainda em combate, decidiu guardar o diário preso à sua roupa e ir até os outros para ajudá-los.

Preciso pensar em como vou voltar... — *Kyōki pensava quando sentiu sua cabeça girar, perdendo o controle do corpo, que logo o fez procurar por algum apoio.* - Acho que me esforcei além do que deveria, imaginei que a troca de reinos teria um efeito colateral. Desculpe-me, True, Light, Esmeralda.

Deitando no pequeno espaço onde o pouco da chuva que restava não atingia, fechou os olhos e adormeceu.

True enfrentava os soldados sem matá-los. O paladino, ainda abalado com seu fracasso, aplicava golpes que apenas atordoava os soldados por um tempo, o que ele ainda não entendia era a razão deles continuarem lutando, era comum que após um general ser derrotado, muitos soldados desertassem e fugissem amedrontados, a aura de cada general tinha influência em cada alma menos *corrompida* como se alimentassem os sentimentos ruins que cada um guardava dentro de si, quando essa aura se vai, acontece o mesmo processo quando se tira a droga de um viciado. Sabendo desse fato, alguém com uma aura negativa, superior ou equivalente a de um general, estava por perto para que os soldados continuassem a atacar.

O jovem, entretido com dois soldados que o atacavam simultaneamente, não percebeu quando

mais dois soldados investiram em suas costas para apunhalá-las. Quando havia percebido o perigo não havia mais tempo para reagir, porém Light chegou naquele instante criando uma barreira que o protegeu.

Desculpe a demora! Conseguimos chegar à barreira sem problemas, Esmeralda está a salvo.

Ainda bem que chegou, já estava ficando sem energia.

Vamos terminar logo isso.

Mas antes, me desculpe pelo que aconteceu, não devia ter gritado daquela maneira.

Depois conversaremos sobre isso. Por ora, tenho outros "rebeldes" para ensinar bons modos.

True sorriu e desarmou o próximo soldado que o atacou. Light criava clarões que cegavam os soldados temporariamente enquanto afastava outros com rajadas de vento.

Light continuava com sua seqüência de golpes quando foi surpreendido por um soldado que saiu do solo agarrando seus pés, imobilizando-o. Antes que o líder rebelde pudesse se libertar, mais três soldados investiram, forçando-o a criar uma barreira em forma de pirâmide para protegê-lo.

True, vendo a situação de seu tutor, virou-se para afastar os soldados, porém o paladino foi surpreendido com um golpe na lateral da cabeça que o atordoou.

True! Levante! - Light não podia ajudá-lo, se desfizesse a barreira, sofreria o mesmo destino do rapaz. Se não estivesse mantendo *Santuário* ativo, poderia criar outra barreira que protegesse seu pupilo.

O soldado, sorridente por ter o destino de seu inimigo em suas mãos, ergueu o machado o mais alto que pôde. E com um único golpe tentou acertar o paladino para tirar sua vida.

Tchin! - soou o encontro de dois metais.

True, ainda zozzo, se esforçou para encarar o que ou quem teria impedido o ataque do soldado.

Pelo que estou vendo, você continua o mesmo fraco de antes, garoto.

Alone! - True se surpreendeu. Ele não esperava ver o antigo aliado naquele lugar; muito menos ajudando-o.

Light via tudo de relance, pois de onde estava não conseguia ver o rosto da pessoa que surgiu defendendo o paladino.

Eu ouvi certo? Alone? Não pode ser! Mas se for realmente ele, o que faz aqui?

Alone encarou o soldado com um sorriso, e com um curto assobio chamou seus cães, que emergiram do solo cercando o soldado.

Não me mate! Por favor! - O soldado implorou.

Shiii... — Alone fez um gesto de que queria silêncio. - Vai começar! — ele mudou seu gesto, botando a mão atrás da orelha, como se esperasse para ouvir algo. E então veio a canção.

*"Alegria, mais belo fulgor divino, Filha do Eliseo!
Êbrios de fogo entramos, em teu santuário celeste!
Teus encantos unem novamente,
O que o costume rigorosamente separou,
Todos os homens se irmanam, onde teu doce vôo se detém."*

Enquanto o lugar era preenchido pela melodia que ecoava, seis pessoas emergiam das sombras. Alone se distanciou do soldado, deixando que seus cães o impedisse de fugir. E quando a voz doce

finalmente parou, Alone deu a ordem:
Pandora, ataque!

Capítulo 32

Há oito anos

Em um estalar de dedos, as seis pessoas que emergiram das sombras iniciaram seus ataques aos soldados restantes. Um dos cães, que vigiavam o inimigo imóvel perto de onde Alone e os paladinos estavam, saltou e mordeu o pescoço do *caído* o qual logo foi morto com a investida dos outros cães.

Alone ajudou True a levantar-se e viu o cansaço em seus olhos.

Vá ajudar Light e em seguida a mulher do outro lado do pátio. Deixe os soldados conosco.

Por que está fazendo isso, Alone? Não éramos inimigos? - True perguntou curioso pelo comportamento estranho.

Apenas fiz isso pelos velhos tempos, agora vá antes que eu mude de idéia — Alone o empurrou, sendo a única hora que ficou de frente.

True, sem mais hesitar, correu até Light e o ajudou derrotando os soldados que o mantinha sem ação.

Era mesmo Alone?

Sim, ele está logo ali... — True se virou, apontando para o local onde o encontrou, agora vazio. - Desapareceu!

Vamos até Esmeralda, ela deve estar confusa com tudo isso - Light seguiu na dianteira.

True foi logo atrás de seu líder. Enquanto corria, vias as incríveis habilidades e sinergia do grupo que vencia cada um dos soldados com facilidade. Um deles, todo coberto por vestimentas, liberava uma fumaça de gás verde em uma grande área que parecia neutralizar a visão dos soldados e prejudicar sua respiração. Quando os soldados saiam da fumaça, à espera deles estavam duas mulheres; uma delas transformava os soldados que investiam em sua direção em estátuas; enquanto a outra, mais velha, controlava o corpo dos soldados falecidos para lutarem contra os antigos aliados. Mesmo com essa formação, alguns soldados, amedrontados, conseguiam fugir se distanciando da área de efeito, porém uma mulher dotada de uma incrível velocidade, que estava mais distante dos outros, perseguia aqueles que fugiam e dava um fim às suas vidas.

Light, True? — Esmeralda os chamou e o jovem se assustou, pois estava concentrado na batalha que acontecia a alguns metros. - Se não são vocês que estão lutando contra os soldados, quem são?

Explicaremos mais tarde - disse Light, desativando a barreira.

Incrível! Reduziram o número deles rapidamente! - falou Esmeralda, tentando ver o que acontecia no centro do pátio.

True ainda não havia notado até aquele momento uma dupla, mais distante do outro grupo, derrotar um número ainda maior de soldados que seus outros companheiros.

Aqueles dois são incríveis — Light analisou.

A dupla era composta por um homem que disparava vários mísseis no campo que explodiam levando um grande número de soldados, e uma mulher, que parecia possuir uma força incrível e uma precisão formidável protegendo a retaguarda do homem. Um sabia exatamente o que o outro ia fazer, sem hesitar sequer um movimento, ambos confiavam suas guardas expostas ao

outro. Havia momentos em que os paladinos pensaram que um dos integrantes da dupla ia ser atingindo, mas de uma maneira surpreendente o outro o livrava do perigo sem demonstrar qualquer expressão de medo ou preocupação.

Em poucos minutos, todos os soldados haviam sido derrotados e, as pessoas que os enfrentaram deixaram o local, fazendo o silêncio voltar a reinar no templo.

É isso? Acabou? - Esmeralda se perguntou.

Ainda é cedo para dizer - Light respondeu. - De qualquer forma, temos que saber se Kyōki derrotou o general ou se precisa de ajuda.

Vou tentar contatar com ele pelo rádio — disse Esmeralda afastando-se, onde conseguia um melhor sinal.

"Kyōki, está tudo bem aí? Diga alguma coisa, câmbio".

True observava o horizonte procurando por qualquer vestígio de outros soldados, mas para sua felicidade não havia nenhum.

"Aqui é Esmeralda, responda se estiver ouvindo, câmbio."

Parece que não temos escolha, precisaremos ir à torre. True, desative sua alma, mas fique alerta.

O jovem assentiu e seguiu para saírem do templo.

Esmeralda caminhava entre os dois paladinos que andavam em silêncio. True estava com um olhar triste e perdido, certamente, ela tentaria animá-lo, mas não estava diferente do rapaz. Na cúpula, quando True a interrompeu, ela já não sabia se o que estavam fazendo era certo ou errado, se suas ações a tornariam melhor que os soldados.

A caminhada não durou muito, logo entraram em uma rua comprida que dava acesso à Torre de Tóquio. Mesmo de longe, quando observaram melhor o local, se espantaram. A parte superior da torre estava no chão, fazendo-os se questionarem como Kyōki estaria e como a batalha teria chegado àquele ponto.

Light! - True chamou e seu líder entendeu de imediato.

Vamos logo!

Quando ambos iam ativar suas almas para voarem ao encontro de Kyōki, hesitaram quando ouviram fortes aplausos.

Quem está fazendo isso? - True indagou.

Ali! Olhem! — Esmeralda apontou para o local alguns metros à frente, próximo à torre.

Os paladinos viram duas pessoas que caminhavam ao seu encontro. Dois homens aparentemente. Um aplaudia enquanto o outro o seguia atento. O homem da frente tinha barba volumosa, pele queimada do sol, uma farda diferente das demais, luvas e botas pretas de couro, no topo da cabeça uma boina da cor da farda com o símbolo do exército, próximo da sua cintura estava presa uma espada de empunhadura simples com guarda mão, punho coberto com enrolamento de cobre, lâmina estreita, de secção em losango, semelhante à espadas do século XVII. O outro homem usava uma roupa mais informal: jeans, camiseta branca, sapatênis e um blazer bege. Ele parecia extremamente magro, mas seus olhares fixos demonstravam sua força apesar das olheiras. O cabelo era longo e preto sem nenhum tipo de acessório, deixando que esvoaçassem.

A iluminação daquele lugar estava funcionando perfeitamente, diferente do pátio onde estavam. Quando os homens alcançaram a luz, fizeram os corações dos paladinos acelerarem com a surpresa.

Devo admitir, vocês superaram minhas expectativas!

True podia identificar aquela voz em uma fração de segundo. A voz que teve que ouvir várias vezes em sua escola. Mesmo se a iluminação estivesse precária, ele saberia de quem se tratava. Diante deles estava a pessoa responsável pelo terror do mundo. A pessoa que trouxe o inferno à Terra.

Führer! — True gritou quase rugindo. - O que você faz aqui, desgraçado?

Meu senhor, posso puni-lo pela insolência - sussurrou o homem perto do ouvido do ditador. Sua voz passava tranquilidade e, de certo modo, tédio.

Não há necessidade disso, Astaroth. Não sei por que pergunta se sabe a resposta.

Desculpe por isso, meu senhor.

True, aproveitando enquanto o ditador e seu subordinado conversavam, avaliou suas almas, o que o fez imaginar que forma medonha a alma do ditador havia tomado.

A alma do subordinado era de um homem com asas, braços e pés de dragão, não usava roupas e apenas uma coroa enfeitava o topo de sua cabeça junto a um par de chifres. Um segundo par de asas estava logo abaixo da primeira, porém de plumas. E em sua mão direita uma víbora estava enrolada.

Nunca tinha visto uma alma tão estranha. Não posso subestimá-lo, seu nível de corrupção é muito acima de um general — *True engoliu em seco.*

Fixando seu olhar em quem realmente queria descobrir a alma, True não entendeu. A alma do ditador não estava à mostra, o que causou uma grande confusão na mente do jovem paladino. Quando não conseguia ver uma alma, geralmente era por ela não possuir uma forma, porém para alguém que comandava todo um exército de *caídos* isso não era fácil de aceitar.

Light, eu não entendo, não consigo ver... - True mudou a direção de seu olhar encarando seu líder, foi quando percebeu a expressão assustada do tutor.

A alma de Light estava agitada e parecia querer se esconder. True comparou com o comportamento da alma de Esmeralda, mas diferente do líder rebelde, a Valquíria apenas demonstrava medo e ressentimento pelo passado. Havia algo a mais em Light, não parecia que fora a primeira vez que eles se encontraram, mas Light não tinha dito sobre nenhum contato com o ditador.

Führer! - Esmeralda chamou com uma voz hesitante. - Mesmo quando servia ao exército nunca tive a oportunidade de vê-lo frente a frente. Só ouvia falar de você através de Victor. Eu sempre quis saber por que você fez isso com o mundo. Você destruiu tantos lares a troco de quê? Responda-me!

O ditador ficou em silêncio, ouvindo o que a jovem tinha a dizer, sem qualquer interesse.

Victor". Fazia tempo que não ouvia esse nome. Agora eu me lembro, você era a tenente-coronel daquele lixo.

Não o chame assim! — Esmeralda gritou irritada. - Victor odiava ser comparado a isso, coisa que ele não era! As pessoas sempre o julgavam por sua origem, mas todos estavam enganados. Não vou deixar que insulte a memória dele. Não na minha frente!

E o que vai fazer? - disse o Führer, estendendo o braço para impedir que seu subordinado investisse contra a jovem. - Eu posso matá-la agora mesmo se eu quiser, mas não quero criar uma má impressão com o Senhor Constantine.

Má impressão? Não acha que é tarde demais para isso, Führer? - disse True agressivo.

O ditador sorriu e logo respondeu:

Tenho certeza de que quando conversarmos, todo o rancor que sente de mim ficará para trás. Agora falando sobre o assunto que me trouxe aqui... Vejo que já despertou seus olhos! True franziu o cenho, estranhando o interesse do inimigo pela mudança de seus olhos. Quando o rapaz ia questioná-lo, seu líder interveio.

Não era para você estar aqui! - Light gritou com todas as forças, interrompendo o ditador.

O grito foi tão alto que mesmo seus companheiros o fitaram para entender seu comportamento. Nunca o tinham visto com aquela expressão, acostumados com uma aparência tranqüila, e agora quase não o reconheciam.

Fique quieto, Senhor Adam, ou terei que fazer coisas bastante desagradáveis - disse o ditador agora sério e com um olhar impiedoso.

Já chega! - True o interrompeu. - Na verdade, Führer, estou feliz em vê-lo. Em vez de termos que procurá-lo na Europa, você veio até nós e agora vai pagar pelo que fez ao Lutalo, ao Juan, à Silvia e a todos nós!

True fez a sincronização com sua alma e contraiu o máximo que pôde de suas asas para que investisse ferozmente.

Não interfira, Astaroth - ordenou o ditador ao ver o avanço do rapaz.

Como quiser, mestre.

True atacou com toda sua força em um soco em chamas. Astaroth foi obrigado a desviar; caso contrário, as chamas o alçariam. O ditador era empurrado pela intensidade do golpe do qual defendia apenas com a mão esquerda. O pavimento ia se partindo, já que o ditador o usava para diminuir a velocidade que era arrastado. O paladino em fúria não se importava na direção em que estava indo, apenas queria dar um fim ao ditador e vingar seus amigos.

True! Tem algo de muito estranho nesse homem! Ele está aparando nosso golpe com apenas uma mão!

Se não fosse o alerta de Taiji, o paladino não teria percebido a façanha do inimigo.

Eu não entendo, Taiji! Mesmo sem a alma possuir uma forma, ele ignora nossas chamas como se fossem nada!

Talvez o olho tenha um limite de alcance, por isso não conseguimos ver sua alma. Agora que estamos mais perto, pode ser que funcione.

Não creio que seja esse o motivo, conseguimos ver a alma do outro caído, mas vou tentar assim mesmo.

True ergueu a cabeça para fitar os olhos do ditador e assim ver o formato de sua alma, porém o que encontrou foi uma expressão que nunca imaginaria vinda daquele homem.

Em meio àquele ataque, o ditador não parecia preocupado ou irritado; ele, por algum motivo que True desconhecia, encarava o paladino com um olhar triste, de preocupação, quase fraterno. O ditador mudou a direção de seu olhar e ficou pensativo.

Eu sei pelo que você está passando...

Como? - True não entendeu o que seu inimigo quis dizer. *Talvez fosse algum tipo de truque*, pensou o jovem.

Eu sei como você realmente se sente em meio a tudo isso. Eu te entendo!

O paladino percebeu que o Führer ia apontar para alguma coisa em sua roupa, mas temendo que ele usasse alguma habilidade, o empurrou e se afastou para ganhar distância.

O ditador sorriu ao ver o paladino ofegante e em dúvida.

Peço que se acalme. Se não aprender a controlar sua mente, não vai conseguir lidar com situações como esta.

True investiu mais uma vez, agora materializando sua foice. O inimigo desembainhou sua espada e desarmou o ataque com facilidade, movendo a foice para baixo, como se a espada pesasse uma tonelada.

As lâminas carregam o peso que levamos em nossas costas. Quando o fardo que você carregar se equivar ao meu, trocaremos golpes — disse o Führer quando destruiu a foice fazendo o paladino recuar alguns passos.

O que quer de mim? - desabafou em meio ao turbilhão de pensamentos.

O símbolo em seu peito, eu sei o significado!

Aquelas palavras fizeram True paralisar. Quando começou a ligar os fatos, lembrou que o símbolo que estava marcado em seu corpo era o mesmo da bandeira do exército. Sua cabeça girava, não conseguia entender o que havia ali, o motivo que o ligava ao ditador.

Como sabe de tudo isso? Sobre os meus olhos, o símbolo, o meu nome?

O Führer deixou o sorriso tomar conta de seu rosto. Antes que True percebesse, o ditador atravessou toda a distância que os mantinham afastados, parando ao seu lado.

Somos mais próximos que imagina - sussurrou o Führer.

Quando foi que ele... - pensou o jovem atônito.

Sem dar a chance para que se esquivasse, o ditador acertou True com um soco no abdômen, arremessando-o ao local de origem.

True! Consegue ficar de pé? — Esmeralda ajudou o paladino abatido a se levantar.

Estou bem, pode me soltar.

Por mais que True não quisesse admitir, estava exausto. Tinha enfrentado um general e usado uma grande quantidade de sua energia para derrotar os soldados que restavam. Se não fosse pela ajuda de Alone e os outros *caídos*, o paladino não escaparia com vida. Agora ele fitava o pior dos inimigos que estava parado ao lado do subordinado com uma mão no queixo e a outra dando apoio ao braço.

No que está pensando? Em quem matar primeiro?

Efetivamente estava pensando em matar seus amigos agora, mas isso, infelizmente, afetaria no seu amadurecimento.

No meu amadurecimento... — pensou True, ainda tentando entender o interesse peculiar do ditador.

Não nos subestime, Führer! - Esmeralda gritou irritada.

Basta! — retrucou o ditador com um olhar soberano. Todos sem exceção se abalaram com a voz forte e amedrontadora. - Ponham-se em seus lugares, paladinos! Acham que estão lidando com um general cheio de falhas como os que vocês derrotaram? Sigam o exemplo de seu comandante!

Os jovens fitaram Light, que não se manifestou, apenas ouvia de cabeça baixa sem nenhuma expressão facial. A atitude do líder os incomodava, pois Light sempre estava um passo à frente deles e não se abalava facilmente.

Um dia também disseram que um general nunca seria derrotado. Hoje, quatro deles já se foram! - True fitou seu inimigo nos olhos com um sorriso, demonstrando sua coragem, contando

que Kyōki havia vencido.

O Führer não se intimidou. Continuou a fitar o jovem nos olhos e então se decidiu:

Vocês não me deixam escolha.

Naquele instante um vendaval surgiu envolvendo o ditador. O chão começou a se agitar, aumentando gradativamente até que se abriu formando uma enorme depressão. Da abertura, saíram várias mãos cobertas de terra que puxaram Light e Esmeralda para baixo.

Light! Esmeralda! - True, sem equilíbrio, tentou alcançar a mão de um de seus companheiros, mas era tarde, deixando que o solo os engolisse e se fechasse por completo.

Antes que o jovem pudesse fazer algo contra o ditador, sentiu o ar escapar de seus pulmões. Por algum motivo ele não conseguia respirar, como se o ar deixasse o local.

Está confuso? Não consegue respirar? — O ditador o observava friamente.

Em meio ao suplício, True fitou o Führer, esperando por uma explicação.

Estou impedindo que o ar circule em seu corpo. Sem ele, em poucos segundos, irá morrer e quanto mais tempo ficar sem oxigênio mais riscos de ter seqüelas.

O ditador alcançou onde True estava, jogado-o ao chão, e se agachou.

Seus amigos estão a vários metros abaixo do solo, que não deve possuir muito oxigênio, já que fechei a passagem de ar. Eu poderia enterrá-los vivos antes que uma gota de suor escorresse pelo meu corpo. - True piorava, começando a tremer. - Está me entendendo, Senhor Constantine? Consegue perceber a diferença entre nós?

O ditador fitou o paladino e quando achou que já era o suficiente para que aprendesse a lição, deixou que o ar voltasse a circular por seu corpo e que os outros paladinos voltassem à superfície.

Enquanto a respiração, dos vulneráveis paladinos, voltava ao normal, o Führer agarrou a gola de True, levantando-o até que conseguisse sussurrar em seu ouvido.

Vamos fazer um acordo... - ele deu uma pausa para se certificar que o jovem estava atento ao que ia dizer. - Complete as formas que usou para enfrentar Pandinus e quando derrotou os soldados; faça sua lâmina se equivar a minha; depois, venha até mim que lhe direi tudo o que quiser saber sobre isso!

O Führer indicou com a mão onde o estigma do sol negro que estava sobre a pele de True. O mesmo símbolo que fora desenhado na bandeira do exército.

O que te faz pensar que vou ouvi-lo? - disse True cuspiendo as palavras. Ele não queria admitir que estivesse curioso para saber as respostas, não queria aceitar que apenas o ditador as tinha.

—Ah, você irá! — retrucou o Führer demonstrando sua confiança. —Tenho certeza de que vai querer saber sobre o legado por trás de sua existência!

Legado? - True estranhou a expressão. Seu mentor nunca havia falado sobre algum legado. Novamente, o orgulho do rapaz falou mais alto que sua curiosidade acerca das palavras do ditador.

No entanto, é claro, terá suas respostas se conseguir chegar até mim - continuou o Führer. - Ouvi boatos que o último general está louco para te conhecer. - O ditador encarou de relance a expressão exausta do jovem deixando-o que caísse sobre o chão.

Astaroth fitou seu mestre e esperou que andasse até onde estava, porém quando o Führer deu as costas para o paladino, ele o segurou na perna impedindo-o que deixasse o local.

O que é agora? — O ditador se virou.

True se arrastou, segurando firme na perna do Führer, e cuspiu em seu calçado.

O ditador, sem acreditar no comportamento do derrotado rebelde, o atingiu com um chute, fazendo escorrer sangue de seu nariz e boca.

Eu devia matá-lo agora mesmo, mas há outra maneira de fazê-lo sofrer! - Fazendo uma posição de mãos, fez as nuvens se unirem, ficando pretas e trovões se manifestarem. - Você será culpado pela morte de um inocente! - Mirando a Torre de Tóquio, o Führer apontou com sua mão esquerda para o topo e com a direita para as nuvens, dirigindo um raio que acertou a torre, destruindo grande parte do topo onde chammas rapidamente surgiram dominando o local.

Kyōki... — disse o jovem paladino sem forças.

O ditador nada disse, apenas se retirou deixando seus inimigos para trás, desaparecendo junto ao seu subordinado.

Em algum lugar de Tóquio.

Pandora estava hospedada em um hotel luxuoso, o que foi fácil graças a Alexandra, que ainda possuía seu distintivo, o entregando para Kristin que fingiu ser do exército. O ato só foi possível porque Alexandra conhecia uma caçadora parecida com Kristin, e após burlar os números de identificação, não teve problemas quando o soldado recepcionista verificou no sistema. A antiga caçadora de elite estava sendo procurada como traidora; por isso, outro dos integrantes de Pandora teve que conseguir os quartos em seu lugar. No total foram alugadas duas suítes, dividindo quatro dos oito integrantes em cada. Em uma delas estavam: Alone, a misteriosa adolescente (que todos a tratavam com respeito), Alexandra e Silvia.

Alone estava apoiado no parapeito da pequena varanda perto de onde Silvia descansava em uma cama. Apenas uma lâmpada iluminava todo o local para que Silvia conseguisse dormir com mais facilidade. As únicas pessoas que usufruíam da luz eram a pequena jovem e Alexandra que se enfrentavam em uma partida de xadrez.

Alexandra observava o comportamento de Alone que estava inquieto naquela noite. Assim que o *caído* deixou a varanda, foi assistir à partida.

O que está te deixando tão ansioso, Alone? — perguntou Alexandra enquanto movia seu bispo.

Não é nada. Apenas está fazendo muito calor esta noite - Alone respondeu, balançando a regata.

Ele está assim por causa do paladino. True o nome dele, não é? — disse a garota enquanto movia uma de suas peças.

Alone nada disse naquele momento, sabia que nada que dissesse mudaria a opinião da adolescente.

Também fiquei interessada por aquele paladino. O olhar dele era igual ao nosso — ela virou para encarar o *caído*.

Se você o conhecesse, saberia que não é típico dele - Alone finalmente desabafou. — Aquele olhar era o mesmo que o meu quando deixei a Ordem — confessou pausadamente enquanto lembrava-se de seu passado.

A poucos centímetros da porta uma sombra irregular se formou, tão escura quanto o canto mais afastado da luz naquele quarto. De dentro dela saiu um cão de olhos escarlate e uma expressão atenta.

Solitude? — Alexandra não entendeu o motivo de o cão estar ali. - O que ele faz fora do submundo?

A garota observava o rosto de Alone enquanto o cão voltava até seu dono.

O que houve?

O *caído* suspirou fechando os olhos, quando os reabriu, respondeu à pergunta:

Isso é ruim. O ditador se encontrou com os paladinos.

O que disse? — Alexandra se levantou agitada. - Está me dizendo que...

Foi o que você ouviu. Lembro-me quando nos deparamos com ele. Mal conseguimos resistir a tamanho poder. Se não fosse por Cérbero, hoje não estaríamos conversando neste quarto.

E quando foi isso? O encontro com os paladinos - a garota indagou.

Logo quando nos retiramos - Alone respondeu, fitando o olhar da garota.

A pequena jovem ficou quieta por um tempo, e Alexandra voltou a se sentar para que fizesse sua jogada.

Alone, sabe que com o número de membros que temos, mesmo possuindo almas tão incríveis, não podemos atingir nossos objetivos atualmente - disse a garota enquanto movia uma de suas peças.

Guerras não são vencidas com números - disse Alexandra quando moveu seu bispo, capturando uma das peças da adversária que estava com um número maior de peças. - Xequê! - anunciou.

Concordo com você, Alexandra. Contudo, para se chegar ao Rei, temos que fazer de tudo ao nosso alcance - retrucou e Alexandra arregalou os olhos ao perceber o movimento que a garota iria realizar com a Rainha. - Xequê-mate! - anunciou a garota e Alexandra com um sorriso aceitou a derrota.

Entendendo a mensagem, Alone também sorria enquanto fitava a garota que assentia.

Alexandra, avise o restante, estamos de partida.

Aonde vamos? - perguntou Alexandra já a caminho da porta.

Diga a eles que vamos "rever alguns antigos colegas de trabalho", e quero que eles se comportem.

Alexandra assentiu e deixou o quarto. A pequena jovem, ainda encarando Alone, decidiu perguntar:

Quero que seja verdadeiro comigo, pois sabe como odeio que mintam para mim. Quando deixou seu cão?

Assim que segui ao seu encontro.

Por que salvou aquele paladino?

Alone se recordava do momento em que salvou True da investida do soldado.

Porque quero ver até onde ele consegue carregar sua cruz sem *cair*. E quando a verdade for dita a ele, quero estar presente para ver sua reação - Alone deu um longo sorriso, ansioso só de imaginar a chegada daquele momento.

Tem algo a mais, não?

Não tem como esconder nada de você, não é, princesa?

A garota sorriu e não esperou pela resposta.

Alone caminhou até sua avó para despertá-la e dizê-la que estavam de saída.

Abuela?

Não estou dormindo, Alone. E como poderia?

A mão de Silvia tremia enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto.

O *caído* a havia alertado sobre o caminho que trilhava, mas mesmo assim ainda se sentia culpado

pelo que sua avó sentia.

Sairemos em dez minutos, esteja pronta - disse Alone, deixando-a com seus pensamentos.

True! Agüente firme, por favor! - Light correu até seu aprendiz e começou a tratar seus ferimentos.

O jovem sentia raiva pelo comportamento de seu líder que apenas assistiu a tudo sem interferir. Por mais que estivesse irritado com a atitude de Light, True, devido à nova habilidade de seus olhos que conseguiam captar o sentimento das almas, compreendia o homem que jorrava lágrimas de seus olhos, mesmo contrariando as dores em seu corpo.

Desculpe... por tudo! Eu só não consegui...

Esmeralda, compreendendo a atitude hesitante, envolveu Light em um abraço, botando suas mãos sobre as dele para que parassem de tremer.

Eu já o havia enfrentado... fazia parte da Liga de Brian Oak quando aconteceu... foi um total fracasso, deixamos muito homens para trás, muitos deles foram mortos e outros ainda continuam presos. Eu e Brian fomos os únicos sobreviventes e... depois da humilhante derrota, decidimos que não mais nos envolveríamos.

Por que nunca nos contou? — perguntou Esmeralda, imaginando que True queria saber o mesmo.

Porque não queria que vocês soubessem que fracassei! Desculpe, fui egoísta, um completo idiota! — Light se lamentava.

True não conseguia sentir raiva de seu instrutor, por mais que desejasse. Os sentimentos reais que se manifestavam da alma de Light pareciam chegar até ele.

Naquela época, não conheci Alexandra pessoalmente, apenas sabia que Brian tinha uma esposa e um filho. Nesse período, pensava que apenas eu era capaz de realizar a sincronização da alma. Se não fosse tão ignorante, eu poderia...

True empurrou levemente a lateral do rosto de Light com seu punho fechado, interrompendo o que ele ia dizer.

Não podemos mudar o passado, mas podemos construir o futuro - disse True esforçando-se em um sorriso ao ver a tristeza deixar o rosto de seu amigo e tutor. - Agora, se não calar a boca, vou dar um jeito para que nunca a abra novamente.

Esmeralda sorriu. Ela imaginava que o jovem paladino estivesse zangado com Light e que não o perdoaria naquele momento, mas ele havia mostrado sua maturidade.

Isso mesmo, afinal, Kyōki deve estar nos esperando - a jovem acrescentou.

Você acha que... - Light ia dizendo.

Está brincando? Aquele moleque é tão inteligente que prevê até a morte - True brincou.

Light pode ter errado em seu passado, mas nem tudo foi um erro. Ele soube ensinar como ninguém, a sempre deixar acesa, por mais fraca que seja, a chama da esperança.

Escondido em um canto onde uma pequena cobertura oferecia proteção dos últimos pingos de chuva que caíam, estava Kyōki, dormindo, exausto. As gotas escorriam para a extremidade do pequeno abrigo até que alcançassem uma viga onde se aglomeravam até que caíssem sobre a testa do paladino que, com a constante queda das gotas, acordou.

Reabrindo os olhos, encarou o local ao seu redor, imaginando quanto tempo ele havia dormido.

Preciso ir até os outros — pensou, dando uma ordem a si mesmo.

Assim que se levantou foi até a borda e encarou o chão.

E melhor descermos logo, as nuvens estão se mexendo depressa, uma tempestade está se aproximando — *disse a alma de Kyōki*.

Concordo com você, Yamaarashi — respondeu encarando o céu.

Voltando sua atenção para baixo, pensando em qual seria a melhor maneira para descer, deixou que o diário preso a sua calça se soltasse e caísse.

Essa não! - Kyōki tentou agarrar o diário, mas já era tarde, vendo o pequeno objeto se distanciar a cada segundo.

Sem hesitar, criou um longo espinho que se estendeu do solo até a altura onde estava, porém um pouco afastado da borda por motivo de segurança, caso a estrutura cedesse enquanto estivesse descendo. O paladino se afastou até o centro da pequena área e iniciou sua corrida até a extremidade onde saltou para alcançar a estaca.

Cabrum! — Soou o trovão quando o relâmpago surgiu atingindo a superfície onde o Paladino estava anteriormente.

Devido ao relâmpago, Kyōki foi arremessado além da estaca, fora seus sentidos sofrerem com o fenômeno. Sua visão estava embaralhada e seus braços e pés não se mexiam. O paladino estava perdendo a consciência enquanto caía a vários metros de altura.

Sem ninguém para ajudá-lo, Kyōki se perguntava se tudo acabaria ali, o que o fez refletir sobre seu passado. Ele havia completado seu objetivo livrando o Canadá e o Japão da ditadura, mas algo o incomodava, como se ainda restasse algo a fazer.

Sua mente voltava no tempo, em um período antes da ditadura. Ele estava em um beco escuro, apesar da tarde estar em seu auge. Estava sem os fones que não usava na época, suas roupas eram o uniforme da escola de onde estava voltando. Junto a ele, um homem, vestindo farrapos com manchas de sangue, segurava uma faca o ameaçando.

"Entregue tudo o que tem, garoto, se não quiser perder a vida" - dizia o homem.

Kyōki o encarava com a mesma expressão séria de sempre, sem demonstrar qualquer medo.

"O que está olhando? Por acaso acha que estou brincando sobre tirar sua vida?"

"Não..." - ele o interrompeu. — "Não tenho dúvidas quanto a isso. Eu o conheço, vi seu rosto no noticiário. Acusado de esfaquear cinco mulheres, três crianças e dois homens, sendo eles amigos próximos. O mundo não precisa de alguém como você, sua morte será o maior bem que já fiz."

O homem hesitou ao perceber o olhar da criança, que a passos curtos ia se aproximando.

"Morra!" - Kyōki investiu.

Em poucos segundos, o garoto encarava sua vítima jogada ao chão. Em sua mão tingida de vermelho estava a faca, que o homem segurava quando o abordou, enquanto o sangue pingava de sua lâmina.

"Você!" — disse outra criança, porém mais velha que Kyōki, indo ao seu encontro. - "Que se julga no direito de decidir sobre a vida de um homem" — O menino ruivo de olhos rubros e cabelos longos e amarrados dizia em japonês. - "Se tudo o que disse é verdade, você é tão desnecessário quanto ele nesse mundo!"

"Afasto-se ou terá o mesmo destino que este homem" — alertou Kyōki, apontando a faca para o pescoço do estranho.

A criança parou e fitou os olhos do assassino, mas não se amedrontou com a ameaça.

"Apesar de seus olhos frios e inumanos, são cegos, incapazes de enxergar a verdadeira essência."
- A entrada e saída do beco foram fechadas por uma barreira de chamas que surgiram do vão. Os muros também foram envolvidos pelas chamas fazendo Kyōki pensar de onde elas tinham surgido. - "Essas chamas foram criadas por mim, que sou seu mestre. Se pretende continuar com seus assassinatos não terei escolha senão fazer justiça. Entretanto, se me der a chance de lhe mostrar um caminho mais nobre, prometo-lhe que não se arrependerá."

Kyōki não sabia o que estava sentindo naquele momento. Na verdade, nunca havia preenchido sua alma com nenhum sentimento, mas aquilo era diferente. Por algum motivo que ele próprio desconhecia, o olhar daquele garoto que estendia a mão dava a ele uma oportunidade de um novo caminho que pensou que nunca existia. Tomado pelo impulso, Kyōki aceitou a oferta.
"Há um lugar que quero que conheça, o Templo Zojoji."

O paladino continuava a cair ganhando mais velocidade. Seus olhos estavam se fechando e com o mínimo que restava de seu reflexo, Kyōki avistou uma pessoa que estendia a mão e vinha ao seu encontro.

O jovem se perguntava se estaria louco, ou realmente estava vendo um homem cair da mesma altura para salvá-lo. Sem ter nada o que fazer para tirá-lo daquela situação, decidiu acreditar no que via, torcendo para que não fosse uma ilusão.

O homem conseguiu alcançar a mão de Kyōki que estava quase inconsciente, envolvendo com um dos braços do paladino o seu pescoço. Virando para o local de onde surgiu o relâmpago, o homem estendeu a mão livre, como se quisesse alcançar as chamas na parte superior da torre, e como se elas estivessem vivas, as chamas desceram ao seu encontro. Assim que estavam prestes a atingir o solo, o estranho direcionou as chamas para o solo até que perdessem velocidade suficiente para descerem em segurança.

Algumas partes da torre havia se soltado, caindo onde estavam. Pensando rápido, o homem retirou uma das duas espadas que possuía embainhadas em sua cintura e com um simples movimento cortou o bloco de concreto e as vigas que iam atingi-los.

Agora que estavam a salvo, o homem cumprimentou o paladino:

Olhe só para você! Faz tempo que não o vejo e quando o encontro está caindo da Torre de Tóquio! Desse modo você envergonha nosso mestre! - dizia em japonês.

Kyōki ouvia aquela voz familiar, rígida e protetora. Virando para encarar quem o tinha salvado, identificou o rosto da criança que o encontrou em um beco escuro há vários anos. Os cabelos longos e amarrados continuavam os mesmos. Os olhos rubros focados e preocupados demonstravam seus sentimentos. Cicatrizes, uma que começava próximo a sobrancelha esquerda até o canto dos lábios e outra um pouco afastada do queixo onde se estendia na altura do nariz, e a barba rala no queixo lembrava que o tempo tinha passado. A altura se equivalia a de Kyōki, porém o homem aparentava um corpo mais robusto e a pele era levemente bronzeada. Estava vestido com um *kimono* e por algumas partes de uma armadura que protegiam seus membros.

Kitsune! O que faz aqui? Pensei que você estivesse preso ou morto — lembrou-se de seu único amigo de infância.

Idiota! - Kitsune o segurou enquanto fechava o punho simulando um soco. — É assim que me agradece?

Desculpe - respondeu na mesma língua forçando um sorriso. - Estou surpreso em te ver. Que

bom que estava por perto.

Kitsune encarou o paladino e o soltou.

Não precisa fingir o sorriso. Sei muito bem que não possui sentimentos. Sobre o comentário, desde que seja honesto, eu não me importo, pelo menos vindo de você - disse ajudando o amigo a se levantar. - Acha que consegue andar?

Não.

Respondeu rápido demais! — resmungou.

Desculpe, mas estou muito fraco. O relâmpago atingiu o local próximo de onde estava, preciso descansar.

Tudo bem. Suba nas minhas costas, eu te carrego.

Kyōki se apoiou em seu velho amigo e decidiu informá-lo sobre os paladinos.

Kitsune, agora, eu faço parte da Ordem dos Paladinos. Eles devem estar me esperando em algum lugar do templo. Como não vieram até à torre, acredito que devem estar com problemas. Aquela organização? Parece que você também passou por mudanças - Kitsune sorriu, tentando imaginar Kyōki agindo em grupo. - Quando o conheci, pensava apenas em si mesmo. Estou ansioso para conhecê-los.

O paladino nada disse, ele agora dormia novamente exausto depois de quase ser atingido por um raio.

Kitsune ia caminhar em direção ao templo quando avistou um pequeno caderno jogado ao chão. Lembrando que havia visto seu amigo deixar algo cair, foi até o pequeno objeto para apanhá-lo, porém antes de alcançá-lo, um homem de jeans, camiseta e um *blazer* bege pegou o objeto e encarou o japonês.

Então você é o Kitsune e esse outro deve ser Kyōki — disse o homem erguendo o braço para entregar o pequeno caderno. - Meu nome é Astaroth, é um prazer conhecê-los.

Kitsune, tentado imaginar de onde o estranho tinha surgido, agarrou o caderno e nada disse.

Astaroth caminhou até o lado do japonês e sussurrou:

Aguardo ansioso por vocês. — Um dos olhos do *caído* derramou sangue e antes que Kitsune pudesse perceber, o homem se foi.

"Aguardo ansioso por vocês" — *refletia*. — O que aconteceu aqui? Não pude dizer se quer uma palavra... A presença daquele homem, nunca senti algo tão sombrio!

Avaliando melhor o caderno que possuía em suas mãos, leu o que estava escrito na capa: "Lembranças Inesquecíveis. Pertence a: Genkaku Akuma".

O pai de Kyōki. Então quando ele saltou estava atrás disto — *ele encarou o jovem que carregava*. — Não está em meu direito tirar esta informação de você, mas espero que aqui não contenha nada para que volte a ser o que era antes.

O pequeno grupo avançava em direção à torre, preocupados com o estado de seu companheiro, que até o momento não dera notícias sobre seu sucesso ou fracasso. Quando enfim chegaram ao local, procuraram pelo paladino em meio ao cenário decorado com os destroços da torre.

Esmeralda, procure por ele no topo, eu e True procuraremos por aqui.

Entendido - respondeu a jovem, ativando sua alma com a energia que tinha acumulado no contratempo.

Os dois paladinos caminharam no terreno irregular à procura de qualquer sinal de Kyōki, até que

Light avistou um homem que carregava seu aluno.

Ele está ali! Mas quem é aquele? - Light avisou True que pensou o mesmo.

Kitsune percebendo que não estava mais sozinho. Preparou-se para se defender caso fossem inimigos, porém, à medida que os paladinos caminhavam em sua direção, ele pôde identificá-los, lembrando quando os vira no noticiário há três anos e o símbolo na roupa. Sabendo que eram os aliados de Kyōki, acenou.

"Esmeralda, nós o encontramos. Estamos no sudoeste da torre, câmbio" — Light informou a jovem.

"Entendido, já estou a caminho, câmbio".

Prazer em conhecê-los, meu nome é Kitsune, amigo de infância do Kyōki.

Amigo de infância? — True estranhou, lembrando-se que o paladino nunca havia comentado sobre o assunto.

Muito prazer, Kitsune. Eu sou Light e esse é True. Somos da Ordem dos Paladinos, assim como Kyōki. Desculpe desconfiar de suas palavras, mas ele nunca comentou sobre você.

Nunca comentou sobre mim? Que moleque ingrato, depois de tudo o que fiz por ele! Assim que ele acordar, vou cuidar para que eu mesmo o jogue da torre! - Kitsune parou, percebendo um olhar de desconfiança dos paladinos.

True? - Light perguntou, esperando que ele lhe desse uma avaliação melhor sobre o que o homem dizia.

True viu a alma de Kitsune, que era de uma raposa com fogo em suas patas. Enquanto o estranho se apresentava, o paladino via que ele falava a verdade pelo comportamento calmo de sua alma, e quando falava de Kyōki, True via alegria.

Eles parecem ter passado muitos momentos juntos. Bons e maus - True sorriu, confirmando a versão de Kitsune. - Achei interessante a alma dele, uma raposa manipuladora de fogo, bem original. E não se preocupe, ela é *pura*.

Kitsune tinha ouvido boatos sobre as habilidades dos paladinos, mesmo assim não impediu que se admirasse. Em um simples olhar o paladino descobriu informações sobre sua alma e sobre sua infância.

Então o que aconteceu? — Light indagou.

Resumindo, um raio quase o atingiu, o que o fez ser jogado para fora da torre. Nessa hora eu apareci e impedi que ele atingisse o chão.

Light e True trocaram olhares se lembrando de quando o ditador dirigiu um raio no topo da torre, se não fosse por Kitsune, Kyōki realmente estaria morto.

E o general? - True lembrou.

General? Não havia ninguém na torre além de Kyōki.

Ele pode ter fugido — disse Light, confuso. — Mas quanto a isso, deixaremos que Kyōki esclareça.

Ele está desacordado agora. Talvez tenha que fazer alguns exames para checar se houve algum dano. Eu já vi casos que pessoas ficaram desacordadas por um bom tempo quando um raio atingiu o local perto de onde estavam. Kyōki realmente teve muita sorte.

Concordo com você — disse Light. - Temos dois veículos estacionados na entrada do templo, lá adiantarei o tratamento. Se não for incomodo, peço que nos acompanhe até nossa base.

Irei sem nenhum proble...

Desculpe pela demora! Aqui está uma bagunça vista de cima - Esmeralda pousou surpreendendo o japonês.

Maldito Kyōki! Fazendo parte da mesma organização que essa gata! — *Kitsune invejava*.

True, percebendo a animação e admiração através da alma de Kitsune, o intimidou:

Nem se atreva!

Kitsune, percebendo o gesto protetor sobre a jovem, resolveu ser mais discreto.

Quem é esse? — Esmeralda perguntou.

Contamos tudo pelo caminho - respondeu True antes que o homem se apresentasse.

O grupo ia deixando o local quando True perdeu o equilíbrio do corpo por um instante.

Está tudo bem, True? - Esmeralda indagou preocupada.

Sim, só foi uma tontura.

Quando voltaram a caminhar, Esmeralda se alegrava por tudo ter acabado.

- Até que enfim. Agora que todos nós estamos juntos, podemos voltar para nossa pacífica base.

Sim. Finalmente um descanso merecido. Mal posso esperar para ver o sorriso voltar ao rosto das pessoas.

True caminhava devagar quanto tudo ficou escuro e não pôde mais sustentar seu corpo.

True! - Esmeralda o segurou antes que caísse.

Obrigado, Esmeralda. Eu não sei o que aconteceu.

Certo, agora se apoie em mim e não se faça de teimoso — a jovem segurou o braço do paladino, envolvendo-o em seu pescoço enquanto com o braço livre o segurava do outro lado, na região das costelas. - Minha nossa! Você está muito quente! Deve estar com quase quarenta graus! Não percebeu a mudança na temperatura? — estremeceu.

Acha que consegue chegar até a base? - perguntou Light.

Eu me senti estranho um pouco antes de virmos para cá. Mas não se preocupem, depois que comer alguma coisa e ter um bom descanso vou estarei bem melhor.

A febre deve ter sido causada por ele forçar a sincronia com a alma além de sua capacidade — *Light pensava*.

Paladinos, tem alguém nos observando! — Kitsune os alertou indicando as duas pessoas paradas olhando para onde estavam.

Ambos pareciam ser soldados, devido aos uniformes e os capacetes que escondiam suas identidades, concluindo que estavam no meio do imenso exército que os atacou. Um dos supostos soldados era uma mulher que tinha a mesma altura de Esmeralda e o outro parecia ser um homem, que era um pouco menor que True, porém mais alto que a mulher.

O que querem? — Light perguntou, preparando para criar uma barreira caso fosse necessário.

É mesmo você? - disse a mulher.

Aquela voz fez o coração de True bater mais forte. A voz que não escutava há oito anos.

A mulher retirou o capacete e todos puderam vê-la. Os cabelos compridos eram castanhos, que lembrava o tom de mel. Olhos também castanhos, pele clara como a de True e uma expressão de surpresa enquanto lágrimas desciam de seus olhos até que chegassem a sua boca, que se esforçava em um sorriso para não se entregar ao choro.

O homem, também retirando o capacete, mostrou sua face. Cabelos castanho-escuros curtos e olhos esverdeados, postura ereta demonstrava sua personalidade firme, e o sorriso relaxado mostrava seu carinho. Diferente da mulher, ele usava óculos discretos com armação preta.

Sonhamos muito com esse reencontro, meu garoto - disse o homem com uma voz grave, mas não assustadora.

Não pode ser...

Você os conhece? - Esmeralda indagou.

Eles são meus pais! - disse True atônito.

Capítulo 33

Invasão

True despertava de seu sono. Olhando o local à sua volta, lembrou-se daquele local familiar, percebendo que estava na ala hospitalar da Ordem. Relembrando o que tinha acontecido na noite anterior, depois de ter a visão de seus pais ao seu alcance, em um longo abraço, mataram aquele tempo perdido. Os paladinos voltaram à base naquela noite e seus pais vieram com eles, preocupados com a saúde do jovem que apresentava uma forte febre. Ele agora estava melhor, mas podia sentir o corpo quente, porém não como antes.

Em outra cama ao lado da dele, estava Kyōki, que ainda dormia. Os fones estavam sobre um criado-mudo que acompanhava cada cama. True, desperto, sentou e tentou se levantar para que fosse ao encontro dos outros. Já de pé apanhou sua roupa e tentou se trocar, porém a tontura que havia sentido no dia anterior voltara, fazendo seu corpo perder o equilíbrio por um instante. Felizmente, Light e Esmeralda estavam chegando ao local, impedindo que True se machucasse com a queda.

True, não se esforce! Você ainda não está em condições de sair andando por aí! — Light advertia enquanto aparava o jovem.

Desculpe por isso, eu me senti bem melhor quando acordei, mas, de repente, me senti fraco - respondeu, deitando-se novamente na cama, ajeitando o travesseiro para que a cabeça ficasse mais elevada.

Está assim porque ainda não comeu nada. Eu já teria trazido algo para você, mas sua mãe insistiu que prepararia algo - apesar de saber que True não via os pais há oito anos, Esmeralda não via felicidade ou ansiedade no paladino. — O que foi? Não está feliz por ter reencontrado eles?

Não é isso - retrucou - Eu só não sei como lidar com eles. Digo... Passou-se muito tempo, e eu mudei bastante e eles também. Não sei como esse período afetou as coisas.

Light encarou o jovem entendendo seus sentimentos. Procurando confortá-lo, lembrou-se da boa notícia que tinha a dar.

Tenho certeza de que, com o tempo, isso vai passar. Mudando de assunto, tenho algo que possa te animar.

True ouvindo aquelas palavras olhou seu tutor, atento, tentando imaginar qual seria a boa notícia. Quando você penetrou na cúpula de Esmeralda e interrompeu a batalha, lembra do motivo que te levou a agir daquela maneira?

Sim - assentiu sem hesitar. - Eu percebi um comportamento incomum nas almas dos soldados, seus sentimentos, os quais não imaginava vindo deles. Eu não sei como transmitir em palavras, mas sabia de algum modo que eles estavam sofrendo e tudo que eu desejei naquele momento era ajudá-los.

E então você confiou em sua intuição, em sua alma melhor dizendo.

Meu coração batia acelerando e meu corpo se mexia sozinho como se soubesse o que estava fazendo — assentiu.

Quando, enfim, usou aquela *técnica*.

True assentiu novamente.

Por quê? - perguntou True, confuso.

É melhor você ver com os próprios olhos - Light sorriu encarando Esmeralda que retribuiu o sorriso.

Não estou entendendo nada.

Não seja ansioso. Assim que fizer o jejum você verá.

Ver o quê?

Interrompendo a conversa dos paladinos, a mãe de True, Melissa Constantine, entrou segurando uma bandeja com frutas, cereais e alguns laticínios.

Bom dia, filho. Eu trouxe muitas coisas gostosas para você. Logo estará longe dessa cama.

Bom dia... e obrigado.

Por nada. - Melissa deixou a bandeja sobre o criado e deu um beijo na testa de seu filho. - Quer que eu te ajude? Posso te dar comida na boca se estiver se sentindo muito fraco.

Não, obrigado — True corou.

Esmeralda tentou não rir, mas não conseguiu. Light imaginou que aquilo iria acontecer então pôde disfarçar melhor.

Pare com isso, Melissa. Nosso filho já é um homem - interrompeu o pai de True, dando um fim a sessão de risos.

Bom dia, pai. Ainda bem que chegou, minha mãe já tá dando trabalho - True disse brincando, mas, mesmo sem querer, sua mãe interpretou de outra maneira.

Desculpe, True. Vou procurar me conter - Melissa se desculpou, tentando disfarçar a expressão triste.

Não é isso... é que posso fazer sozinho... - True procurou palavras, mas sabia que só iria piorar a situação.

Interrompendo o silêncio que se formou, o pai de True, Harrison Constantine, propôs:

Vamos querida, deixe-o aproveitar as deliciosas coisas que você trouxe e se recuperar normalmente. Ele está sendo bem cuidado, ainda não percebeu a linda jovem que está ao lado dele - concluiu com um sorriso. - Mais tarde, se ele estiver disposto, nós almoçamos juntos e superaremos esses oito anos perdidos.

Light se surpreendeu com o comportamento de Harrison, sua sabedoria conseguiu ir mais além do que a ansiedade de ficar com o filho, se preocupando com todos.

Você está certo. Desde que o vimos, vocês não o deixam desamparado, obrigada por estarem cuidando do meu filho durante todo esse tempo - Melissa direcionou-se a Esmeralda e Light, agradecendo-os.

Não precisa agradecer, fizemos por ele o mesmo que faríamos por qualquer outro. Devo parabenizá-los pela ótima educação que deram a ele; hoje, ele é um homem graças a vocês.

Afinal, ele também fez muito por nós, eu mesma sou muito grata a ele - disse Esmeralda com um sorriso.

True — Harrison chamou. - Por que não leva Esmeralda para almoçar conosco? Ela parece ser uma mulher simpática, também seria interessante conhecê-la.

O jovem paladino ficou sem saber o que dizer em meio a toda aquela situação constrangedora.

Fica à sua escolha, agora estamos indo. Até mais tarde, filho — despediu o pai de True, percebendo o comportamento hesitante.

-Vou estar te esperando - despediu-se Melissa dando um último beijo em seu filho.

Adeus - Harrison despediu dos outros paladinos que retribuíram.

Assim que os pais de True deixaram o local, o jovem se aliviou, não por eles terem o deixado; pelo contrário, queria passar o maior tempo com eles para matar a saudade, mas sabia que tinha que ir devagar, sem querer poderia dizer algo como de há poucos instantes.

Vocês viram? Eu a magoei.

Não foi sua culpa, você disse sem pensar - Light o consolou.

E Esmeralda, não precisa ir, se não quiser, ao almoço.

Quanto a isso, ficarei feliz em ir, se você quiser, é claro, eles parecem ser pessoas legais, só estão sendo seus pais, você entende.

Eu agradeço se me fizer companhia. Pode me ajudar caso fale bobagens de novo.

Eu discordo - Light interveio. - True, eu sei que está nervoso com tudo isso, mas são seus pais. Você tem que fazer isso sozinho, não vai ser algo imediato, aos poucos vai perceber que estará ficando à vontade com eles, assim como eram.

Eu sei, Light. Mas já me vejo sendo bombardeado de perguntas sobre a Ordem, a forma de minha alma, os olhos... Principalmente vindas de minha mãe, e quando ela não comenta algo de imediato, é porque a conversa vai ser longa.

Isso é comum. É tudo uma grande novidade para eles. Eu tomei a liberdade de adiantar um pouco as coisas ontem à noite, mas quando as palavras vêm do filho, fazem uma grande diferença.

Realmente Light está certo. Pensando melhor, eu deixaria tudo mais difícil - concordou Esmeralda.

True ficou pensativo por um tempo. Voltou a se recostar no travesseiro enquanto passava as mãos no cabelo. Em um leve suspiro, viu que não tinha escapatória, se recusasse aquele convite, deixaria sua mãe mais triste.

Tudo bem, eu vou.

Há vários metros acima da base, até a superfície, um condomínio fechado composto por cinco prédios com um número igual de andares estavam espalhados simetricamente pelo terreno. Na única entrada e saída ficavam dois portões fortemente vigiados pelos próprios civis agora que a Ásia estava livre. Uma sala de controle construída com vidros a prova de balas ficava próxima aos portões onde o vigia daquela manhã podia ver facilmente quem se aproximava.

Um dos prédios estava logo à esquerda, junto a outro mais afastado para a direita, lembrando duas torres gigantes de um forte. No centro havia outro prédio, de mesma altura, porém era mais largo. Os prédios das extremidades da entrada se conectavam aos dois detrás.

Para ter acesso ao condomínio era necessária a identificação, se caso entrasse com veículos. Para aqueles que vinham a pé, uma pequena porta era aberta com a permissão do porteiro da cabine que fazia a identificação, porém era menos rígido percebendo uma vez que o vigia liberava apenas por conhecer os moradores.

As proteções das laterais possuíam cerca elétrica além de um pequeno espaço onde continham minas afastadas a certa distância dos prédios para que com alguma explosão não prejudicasse a estrutura. Avisos eram mostrados em grande quantidade ao redor das grades de proteção, alertando a qualquer um que tentasse se aventurar sobre as conseqüências. Além das grandes ameaças, câmeras estrategicamente localizadas gravavam qualquer um que andasse pelo condomínio.

- Alone, já sabe como vamos entrar? - indagou Alexandra que usava roupas comuns: calça *jeans* azul-escuro, botas marrons, blusa amarela e uma jaqueta *jeans* cinza.

Logo ao lado da mulher estava Alone e o restante de Pandora atrás. Eles estavam a duas ruas de distância da entrada do condomínio, debaixo de uma árvore, que era grande o suficiente para não chamar a atenção do vigia em relação ao grupo que observava o local, atento.

Todos usavam roupas comuns, diferentes das roupas escuras que costumavam usar, até mesmo a máscara de caveira foi retirada.

Se quiséssemos, entraríamos rapidamente a nosso modo, contudo nós não devemos chamar a atenção do nosso verdadeiro objetivo. Sabendo disso, quero que façam exatamente o que eu disser - explicou Alone.

Primeiramente, Alone ordenou que eles se separassem; depois, esperavam até que algum morador se aproximasse da entrada, o que levou algum tempo, pois nem todas as pessoas que chegavam ao portão estavam entrando ou aqueles que entravam estavam de carro. O que eles precisavam era de no mínimo uma dupla que fosse entrar no condomínio para que dois dos membros de Pandora se unissem a eles como se fossem um único grupo.

Assim que Alone avistou um casal caminhando na calçada em direção ao condomínio, avisou a Kristin e Alexandra, que seriam as primeiras a entrar, servindo como cobaias para certificar se o plano daria certo.

Agora! Vão! Ajam como se fossem moradores.

Kristin, que usava uma calça *legging* preta, um salto pequeno, óculos, blusa rosa clara e uma blusa de frio branca, iniciou sua caminhada ao lado de Alexandra.

Está uma bela manhã, não é mesmo, amiga? - Alexandra iniciou a conversa para que pudessem se aproximar do casal à sua frente.

Com certeza! — respondeu Kristin, forçando um sorriso que não era de seu costume. — Fiquei sabendo da guerra que teve ontem à noite. Ainda bem que estava longe, como não moro por aqui, volto para minha casa um pouco mais cedo.

O casal que andava em silêncio percebeu quando as mulheres se aproximaram e podiam ouvir sobre o assunto que conversavam.

Mas eu não sei, amiga. Será que é seguro ficarmos aqui? E se aqueles soldados voltarem?

Isso não vai acontecer - disse a civil, se interessando pelo assunto. - Pelo que eu ouvi, havia civis entre os soldados que guerreavam contra os paladinos, mas nenhum civil foi morto! Os paladinos são realmente incríveis, eles salvaram os civis e ainda derrotaram os generais.

"Os generais"? - Alexandra fingiu uma expressão de espanto. - Havia mais de um?

Sim! Sim! — a mulher respondeu com empolgação. — Mas não se preocupem, eles foram vencidos. Os soldados, aqueles que escaparam com vida, devem estar muito longe daqui, amedrontados.

Que alívio - Kristin suspirou.

Ei, querida! — O homem, que provavelmente era seu namorado, chamou a atenção da mulher, cochichando. - Não sabemos quem são elas, quem sabe não são do exército.

Deixa de bobagem! — A mulher disse alto. - Elas não são daqui. Não acabou de ouvir que a moça trabalha aqui, mas mora fora? Elas devem estar visitando algum parente que mora no nosso condomínio.

E como sabe disso? - O homem perguntou, encarando as duas mulheres suspeitas.

É um sexto sentido nosso. Vocês homens não entenderiam - respondeu a mulher, sorrindo para Kristin e Alexandra.

Eu sei bem o que é isso, os homens não conseguem perceber o que está diante de seus olhos - disse Kristin.

Imagina se eu fosse do exército. Do jeito que sou desajeitada, acabaria morta no primeiro dia. Armas, tenho pavor a elas - Alexandra encenava.

Não fale isso, amiga! Falar de morte atrai coisa ruim!

Não se importem com ele, os homens, na maioria das vezes, não têm sentimentos, só andam desconfiados sendo racionais — acrescentou a civil, tratando Alexandra e Kristin como velhas amigas.

O homem, desistindo de mudar a opinião de sua namorada, deixou suas suspeitas, acenando para o vigia, que ao reconhecê-lo, acionou em sua cabine a abertura do portão para que o grupo entrasse.

Perfeito! - disse Alone orgulhoso de seu plano. - Agora vamos esperar até que outra chance apareça.

O tempo passava lentamente. O movimento no local era pouco. A maioria das pessoas preferia ficar em seus abrigos, aproveitando a paz em seu interior, que era raro nos últimos anos. Diferente do que aconteceu na América, onde houve uma grande comemoração.

Após quase duas horas de espera, mais duas duplas já haviam entrado com sucesso no condomínio, agora restavam Alone e a adolescente, que avistaram uma mulher acompanhada de dois homens se aproximarem do portão.

É a nossa deixa! Está pronta? — Alone estendeu a mão.

Sim - respondeu a garota que usava um vestido preto de alças, uma sandália de dedo e os cabelos presos.

Eles estão demorando - disse Alexandra, ansiosa.

Acalme-se. É natural quem lidera vir por último, devendo tomar todas as precauções.

Não acho que algo vá dar errado; pelo contrário, tudo dará certo. Só está frio aqui fora, quero entrar logo.

Kristin nada disse tentando compreender a mente da mulher ao seu lado, mantendo a mesma aparência séria de sempre agora que não precisava mais fingir.

Estão vindo! - Alexandra chamou a atenção de Kristin para o portão.

Alone e a garota entraram logo atrás do trio de moradores. Depois de passarem pelo portão, andaram pela estreita calçada de onde viram as duplas espalhadas. Alexandra e Kristin estavam sentadas em um banco perto a uma pequena fonte no centro do condomínio, atentas a qualquer comando de Alone. Outra dupla composta por Silvia e uma mulher que escondia seu rosto com o capuz estava apoiada nas pilastras do estacionamento, enquanto a última dupla, composta por um casal, andava de mãos dadas, mais distantes.

Notando que todos prestavam atenção a seus movimentos, eles viraram à esquerda, caminhando sobre a mesma calçada estreita que seguia até uma porta.

O que ele vai fazer? Aquela porta está trancada, e se ele tentar forçá-la, a câmera vai vê-lo facilmente - alertou Kristin.

Ao contrário do que pensaram, Alone virou novamente à esquerda, penetrando no estacionamento escuro. Após dar alguns passos virou à direita e seguiu em direção da parede

que levou a uma porta de fechadura simples.

Uma segunda entrada - Alexandra concluiu.

E sem câmeras ou... - disse Alone e girou a manivela da porta, abrindo-a - portas trancadas.

Por que não há segurança nessa parte do estacionamento? - A garota quis saber.

Na verdade, há segurança, mas Light cuidou para que esta passagem ficasse em um ponto cego das câmeras, e com a falta de luz, também dificultasse para as pessoas descobrirem sobre ela - Alone explicou enquanto guiava o grupo até o elevador.

Assim que as portas do elevador se fecharam, Alone usou o pequeno corrimão como apoio para os pés, fazendo com que alcançasse a parte superior do elevador onde deslocou o vidro, para que, ao procurar com sua mão, encontrasse uma pequena chave dourada.

Eu acredito que o elevador seja monitorado por câmeras, a esta hora, os vigilantes já devem estar cientes de nosso objetivo - disse um homem de cabelo despenteado e roupas caras que usava uma capa semelhante a de um toureiro que escondia o braço esquerdo.

Com certeza eles sabem, Belphegor. É agora que as coisas tornam-se interessantes - respondeu Alone, que usou a chave em uma fechadura no painel do elevador, revelando um novo botão, o qual indicava um andar de número negativo, ao lado, um leitor que, ao ler o polegar de Alone, reconheceu sua digital, liberando a função do andar. — Parece que Light se esqueceu de apagar algum membro de seu sistema.

Não está com frio com essas roupas, Alteza? - Alexandra perguntou, notando a falta de proteção.

Frio? Não. Admiro-me que não consiga sentir o calor.

O elevador, respondendo ao comando de Alone, iniciou sua descida para o andar 7.

Estamos chegando, Light!

PÊM, PÊM, PÊM, PÊM! - soava o alarme da base surpreendendo a todos. Luzes vermelhas imediatamente se acederam informando a todos que se tratava de uma invasão.

O que houve? — Light indagou eufórico após uma corrida da ala hospitalar até o sistema de controle central.

O sistema parece ter identificado um usuário antigo, mas pelo que consta, ele foi posto como alerta até a confirmação de "usuário banido". Um com o nome de... - O assistente virou a folha. - Romeo Silvermoon.

Alone! - Light se sentou rapidamente e ligou o monitor para checar as câmeras.

O assistente observava a tudo atentamente, agora que percebera que não se tratava de uma simulação.

É ele! - Light congelou a imagem para observar melhor e ter certeza de suas suspeitas. — Descubra onde ele está!

Desde que partiu, com as reformas da base do Canadá, o treinamento e as viagens, não tive tempo para removê-lo do sistema, foi um erro fatal! Como pude ser tão descuidado — *Light culpava-se.*

O assistente, sem hesitar, virou para seu computador e iniciou sua busca. Enquanto realizava os procedimentos, dizia tudo o que conseguia enquanto procurava.

Ele está a caminho do portão leste. Neste instante se encontra no metrô acompanhado por sete pessoas. Eu usei o zoom da câmera para checar se havia alguma bagagem, mas parecem totalmente desarmados. De acordo com meus cálculos, devem chegar ao portão cerca de...

Treze minutos — Light completou. - Obrigado, contando que cortemos a força do metrô. Faça

isso imediatamente para que tenhamos tempo, depois fique de olho neles e me informe se eles se desviarem do percurso.

Entendido.

Light, o que está acontecendo? - Esmeralda indagou do andar superior.

Esmeralda, vou precisar de você, mas antes encontre os pais de True e peça a eles que fiquem com filho.

Assim que Esmeralda se virou para ir à procura dos Constantine, Kitsune, vendo o tumulto e o alarme que soava por toda a base, refletia sobre as palavras da garota no dia anterior:

"Pacífica base?". E esse o pacífico?

Esmeralda entrou acompanhada de Melissa e Harrison Constantine, e antes que a jovem pudesse dizer algo, True logo a atropelou:

Esmeralda! O que está acontecendo lá fora? Alguém invadiu a base? Light já foi checar? Preciso ir ajudá-los!

Acalme-se, True! Pare de falar por um instante! - quando percebeu o silêncio do rapaz, continuou. - Light me pediu para que deixasse seus pais cuidarem de você. Eu e ele estaremos ocupados cuidando da situação, então não se preocupe.

Antes mesmo que tentasse fazê-la mudar de idéia, a jovem deixou o local. True encarou seus pais, temendo que a conversa programada para mais tarde viesse mais cedo que imaginava.

Tudo pronto! - informou Esmeralda, esperando pelas ordens de Light.

Bom trabalho, mas agora precisamos de um plano para pará-los. Pensei em criar uma barreira celeste, já que uma tradicional não seria muito eficiente contra oito *caídos*. Porém, precisaria de tempo para invocar.

Eu poderia atrasá-los — ofereceu-se.

Negativo. Primeiro: é você contra oito *caídos* com habilidades desconhecidas; segundo: você só poderia atrasá-los se tivesse tempo para usar a *Yggdrasil*, o que nós não temos — Light olhou para o cronômetro. - Oito minutos.

Eu posso ajudar! - Kitsune se envolveu.

Você?

Desculpe rapaz, não tivemos chance de conversarmos. Fico feliz que você queira ajudar, mas assim como Esmeralda, não posso te mandar para...

Não! - interrompeu. - Eu posso mandar minha raposa. Não se preocupem, ela é bem obediente.

Light e Esmeralda se entreolharam para se certificar se algum deles estava entendendo.

Tsc!— Kitsune se irritou pela reação. - Eu vou mostrar a vocês.

Assim que Light e Esmeralda voltaram a sua atenção para Kitsune, ele materializou sua raposa de fogo que deu um rápido passeio pelo local, demonstrando sua velocidade e acrobacias.

Viram! - Kitsune, ao perceber que os tinha convencido, assobiou para que a raposa ficasse ao seu lado.

Light, isso é algum tipo de sincronização?

- Eu não sei dizer. Ela não se une ao corpo, age independente, mas obedece à suas ordens. Bom, é tudo o que temos.

Entregando todas as suas expectativas naquele plano, Light se sentou próximo ao portão leste e iniciou a invocação. Kitsune mandou sua raposa atrasar os intrusos o maior tempo possível,

enquanto ela corria pelo túnel, Kitsune acompanhava o percurso pelas câmeras. Esmeralda estava atenta na entrada; caso algo desse errado, ela defenderia a base.

Restavam cinco minutos.

Alone corria pelo túnel à dianteira, seguido por Alexandra e o restante de Pandora.

Alone, vejo uma luz se aproximando - Alexandra alertou.

Sim, eu vi. Vá checá-la, mas não faça nada, apenas me informe.

Alexandra assentiu e com a habilidade de sua alma do guepardo, concluiu a tarefa antes que o restante dos *caídos* notassem sua falta.

Uma raposa, aparentemente revestida por fogo.

Então Light mandou seu cão de guarda - Alone sorriu.

Em um sinal com o braço, Alone informou para que eles esperassem a criatura se aproximar.

Por que paramos?

Quero saber quais as intenções de terem a enviado.

A raposa parou cerca de cem metros de distância em relação à Pandora. Alone olhou atentamente a abertura das patas e o focinho abaixado com os olhos atentos a qualquer movimento.

Ela não pretende atacar. Querem ganhar tempo - concluiu.

Do outro lado da câmera Kitsune sorriu vendo sua pequena raposa prestes a demonstrar suas habilidades.

Dê o seu melhor! - disse em sua mente.

A raposa, ainda em posição de guarda, começou a crescer, atingindo o teto do túnel, ocupando uma grande quantidade de espaço.

Alone, tem certeza de que ela não pretende atacar? — indagou Kristin, desconfiando da análise do *caído*.

Fique tranqüila, se ela quisesse atacar, teria feito isso enquanto estava menor. Em um túnel com este, grande do jeito que está, não conseguiria se mover com facilidade. Baseado nessa teoria, eu diria que tem noventa por cento de chance de ela se manter na defensiva.

A raposa, percebendo a guarda baixa, soprou uma rajada de chamas nos invasores.

Sua raposa é incrível - elogiou o assistente que acompanhava tudo junto ao Kitsune.

As chamas foram bloqueadas por uma muralha de raízes e viraram cinzas após absorver todo o dano.

"Fique tranqüila", o senhor disse - resmungou Kristin.

Um lança-chamas estava nos dez por cento restantes, mas isso não muda o fato dela continuar na defensiva - Alone olhou discretamente para Kristin, que, ao perceber, fez seu coração congelar, percebendo que tinha faltado com respeito.

Deixem isso! Agora precisamos pensar como iremos passar. A raposa está tampando todo o caminho e seu corpo está coberto por chamas. Se aquelas raízes criadas por alma foram destruídas tão facilmente, nosso corpo não resistirá — Alexandra manteve a ordem.

Alone ficou pensativo por um minuto e pareceu achar a solução.

Kristin pode investir e usar suas habilidades para se esquivar, assim vamos distraí-la. Belphegor pode enfraquecê-la e...

Pare, Alone! Entendi seu plano, mas isso custará tempo, esse é o objetivo deles. Deixe isso comigo! E enquanto cuido dela, recolorem as máscaras, sem elas vocês parecem esquecer-se

de manter a ordem - disse a pequena jovem, seguindo para a dianteira.

Alone sorriu, percebendo a ansiedade da garota.

Uma adolescente? — *avaliou Kitsune, vendo que ela seria sua oponente.* - Não posso fazer mal a alguém tão jovem, e ainda é uma garota, isso fere totalmente o meu código de honra.

Eu a evoco, uma das sete cabeças da Hidra, filha de Leviatã! - A garota evocava.

À sua frente um vão negro apareceu. Aos poucos dava para ouvir um ruído incomum, e antes que Kitsune pudesse observar os olhos penetrantes que havia na escuridão, de dentro da passagem negra saiu uma enorme cabeça que lembrava a de uma cobra, mas amedrontadora como a de um dragão. A fissura de sua boca se abriu, disparando uma torrente a uma velocidade espantosa. A pressão foi suficiente para deslocar a raposa e jogá-la para o caminho de onde viera. Após o ataque, a cabeça de hidra voltou à abertura escura que se fechou.

O que diabos foi aquilo? - O assistente se assustou ao ver a besta evocada pela garota.

Essa não! Eu abaixei minha guarda! — Kitsune tirou o olhar das câmeras e se abaixou para materializar sua raposa novamente.

O animal espiritual lambeu levemente a mão de Kitsune, indicando que estava tudo bem.

Desculpe por isso.

A raposa se desintegrou para voltar ao rapaz.

E agora, o que faremos?

Light? - Esmeralda perguntou.

Nada bom. Falta pouco, mas falta menos ainda para eles chegarem.

Esmeralda, sem mais hesitar, ativou sua alma e alçou voo em direção ao túnel.

Esmeralda, espere!

Ignorando as palavras de seu líder e amigo, aumentou o bater de asas para que alcançasse o mais cedo possível os invasores.

A adolescente continuava à frente, andando a passos largos, quando avistou a Valquíria vindo em sua direção. Quando começou a canalizar sua energia, Alone a impediu.

Essa não, princesa.

Ela o encarou e por um segundo e os olhares ficaram ligados. Sem questionar, ela abaixou o braço e recuou alguns passos.

Alone fez um gesto de agradecimento e se concentrou em Esmeralda.

Ora, ora, ora, veja só quem saiu da gaiola!

Esmeralda, ignorando a provocação, investiu com tudo alcançando as espadas em suas costas para iniciar sua seqüência de golpes.

Alone defendeu os dois primeiros ataques trocando de uma mão, já transformada em garra, para outra distribuindo o peso. Alexandra atacou em seguida, e Esmeralda teve que pensar rápido para desviar com um balançar de asas dos velozes ataques da mulher.

Mais afastado do combate, Belphegor olhou para a mulher de roupas à moda chinesa ao seu lado, e com um movimento com a cabeça pediu para que ela se juntasse a batalha. Entendendo o comando, ela assentiu e logo investiu.

Esmeralda recuava lentamente com cada uma das espadas mirando os dois adversários quando foi surpreendida com uma investida ousada de uma mulher de cabelos pretos e amarrados por dois prendedores. Por reflexo, a jovem cruzou as espadas para aparar o golpe, e quando recebeu o ataque, sentiu o peso muito maior do que esperava o que a desequilibrou, pressionando-a contra

o solo.

Sem que Valquíria pudesse empurrar a adversária para recuperar sua posição, a mulher, em uma bela demonstração de sua maestria, passou seus braços entre os de Esmeralda, empurrando os pulsos para direções opostas, deixando a defesa exposta para que pegasse em sua armadura e a arremessasse contra a parede.

Contenha-se, Eva. Não sabemos a situação desses túneis, dependendo do abalo poderemos ser soterrados - Belphegor advertiu.

Esmeralda se recuperou rapidamente. O golpe não tinha causado nenhum dano graças à armadura, mas a oponente conseguiu surpreendê-la com a força espantosa.

Avaliando um sorriso que se formou no rosto da Valquíria, Pandora ficou em alerta, esperando por seus movimentos. A jovem caminhou alguns passos à frente e pegou algo na pequena bolsa amarrada a sua cintura.

Por Odin! - gritou e então arremessou algo contra o solo que criou uma grande quantidade de fumaça.

Pandora recuou alguns passos sem saber exatamente o que a oponente pretendia. À medida que o tempo ia passando, a fumaça ia se assentando, até que a adolescente viu através do truque.

E uma bomba de fumaça comum! Ela nos enganou e conseguiu o que queria, nos atrasar.

Alone sorriu com o modo que a jovem tinha encenado, para que caíssem no truque.

Espero que essas pessoas sejam interessantes, Alone. Ou então vou fazê-los pagar por tentarem enganar meus olhos.

O sorriso deixou o rosto do *caído* no mesmo instante, sem duvidar em nenhum momento das palavras da garota.

O silêncio era absoluto na ala hospitalar. True observava as gotas de seu soro cair uma a uma e sempre evitava olhar em direção aos pais, temendo que tivesse que iniciar uma conversa que não estava preparado. Seus pais, assim como ele, não sabiam o que dizer em meio aquela situação, enquanto procuravam as palavras certas, olhavam cada detalhe do quarto.

O que houve com seu amigo? - Melissa indagou ao perceber Kyōki ainda desacordado.

True congelou. Como poderia dizer que aquele rapaz, um ano mais novo que ele, estava desacordado por quase ter sido atingido por um raio proposital e caído cerca de trezentos metros? Isso, é claro, depois de uma batalha de vida ou morte contra seu próprio pai.

Estava chovendo muito e um raio caiu perto de onde estava. Estava no lugar errado na hora errada - disse em um tom natural, tentando disfarçar.

Pobre rapaz.

Novamente o silêncio voltara. O alarme da base era a única coisa que se ouvia. Agora que sua mãe tomara a iniciativa, True se sentia no dever de dizer alguma coisa.

Mãe, pai...

Filho, nós...

True, a gente...

Disseram juntos e pararam no mesmo instante, dando a preferência um ao outro.

Fale você primeiro - Melissa o encorajou.

Bom... Tudo bem... - True passou a mão entre os cabelos e ansioso pelo que estava acontecendo do lado de fora, arriscou. - Eu quero que saibam que concordei com o almoço de mais tarde e

nessa hora poderemos conversar sobre o que quiserem, mas, por ora, preciso que me levem para ver o que está acontecendo lá embaixo.

Mas True, aquela moça foi bem específica em pedir para que fique aqui!

Isso mesmo. Além disso, o outro, o loiro, Li... Como era mesmo?

Light - completou desanimado.

Pois bem, ele pediu para que ficasse de repouso.

Eu sei o que ele pediu, mas eu me recupero muito mais rápido do que imaginam. Também podem perguntar sobre isso mais tarde, mas tenho que ir lá agora!

Harrison viu o olhar aflito do filho. Sabia que, naquele momento, desejava ajudar seus amigos, e para que as coisas não ficassem mais difíceis, achou melhor respeitar sua decisão.

Se deseja mesmo ir.

Harrison! - Melissa não acreditou na fácil concordância.

Querida, eles também são a família dele agora. Durante esse tempo que ficamos afastados, True amadureceu aqui e se tornou um homem.

Melissa, relutante, sabia que o que seu marido dizia era verdade. Ela, não querendo ir contra seus instintos, olhou para o rosto de seu filho e após ver os olhos esperando por uma resposta positiva, não conseguiu dizer o contrário.

Certo, vamos te ajudar, e se sentir qualquer tontura, segure firme em nós, estaremos bem ao seu lado!

True assentiu com um sorriso.

Capítulo 34

Lordes Daemons

Pandora já via a porta que dava acesso ao interior da base e quando adentraram, os *caídos* foram surpreendidos pela armadilha de Light.

Santuário! - disse Light em bom som ativando sua barreira celeste, prendendo todos os membros de Pandora em seu interior.

Uma barreira redonda?— estranhou Esmeralda sem reconhecer a mesma habilidade que presenciou quando lutou contra o exército de soldados.

Se forem observadores, perceberão a área neutra que deixei no interior da barreira. Essa pequena área irá mantê-los a salvo, mas para que essa área não aumente, terão que colaborar.

Alone olhou atentamente a estrutura da barreira, tentando reconhecê-la. Com uma de suas garras tocou levemente a parede branca, quase incolor, que respondeu ao movimento como um sistema de defesa, repelindo-a.

Eletricidade? - A pequena jovem arriscou um palpite.

Muito mais complexo que isso. Esta barreira é de categoria celeste, o que significa que apenas *puros* de alto nível podem permanecer em seu interior. Essa mesma categoria possui vários níveis que exigem ainda mais de *pureza*.

Exatamente - Light assentiu, fazendo a atenção voltar para ele. - As barreiras que crio são dimensionais, para que assim compreendam. O que significa...

Que ele pode alterar o nível e categoria como e quando quiser — completou Alone.

Light fez que sim com a cabeça e aproveitou para avaliar os visitantes inesperados.

Alone e Alexandra estavam bem visíveis logo à frente do grupo. Ao lado de Alone estava uma adolescente que parecia avaliar atentamente a base, os seus movimentos e as pessoas que estavam assistindo. Light pôde ver facilmente a forma da alma da garota, o que, no primeiro momento, não parecia nada assustador: tinha a forma de uma mulher adulta, muito semelhante à adolescente, cabelos pretos e longos, bem arrumados, olhos castanhos, aparentemente maquiados com sombra preta esfumada e delineador, e a pele pálida. A roupa lembrava uma toga, semelhante as que eram usadas na Grécia antiga. Em sua mão carregava uma flor discreta. Apesar de tudo, Light podia sentir que se tratava de uma *caída*.

Logo atrás, o líder rebelde pôde perceber a Senhora Leon, agora uma *caída* com uma alma bastante entristecedora: uma caveira, com um manto negro e cabelos longos e brancos, que lembrava a morte. Os outros *caídos* ao lado da viúva estavam de costas, impossibilitando que o *olho da verdade* de Light pudesse alcançá-los.

O que querem aqui? — Light disse diretamente.

Estávamos por perto e pensamos em fazer uma visita — respondeu Alone com um sorriso, apesar de Light mal percebê-lo por baixo da máscara.

Não tenho tempo para brincadeiras - falou, diminuindo a área neutra da barreira.

Para um *puro*, você me parece bem assustador - disse Alone com seu tom sagaz.

Light semicerrou os olhos e ia limitar a área novamente, mas Alone, percebendo o movimento, decidiu parar de adiar o inevitável.

Muito bem. Viemos aqui apenas conversar.

Seja mais específico!

Esmeralda desativou sua alma agora que tinha certeza de que tudo estava sob controle e se concentrou curiosa nas palavras de Alone.

Queremos fazer um acordo.

Acordo? — *estranhou Esmeralda*. - Sempre que nos encontramos, Alone age de forma cada vez mais estranha. Primeiro a luta no Canadá, que por pouco não fomos mortos, depois nos ajuda e agora um acordo.

Que tipo de acordo? - perguntou Light, curioso.

Sobre isso, preferia conversar em algum lugar mais reservado — Alone olhou para os espectadores no andar superior e Light seguiu o olhar. - Digamos apenas que será vantajoso para ambas as partes.

Eles não são diferentes de nós. São preciosos amigos que tem dado duro pela organização. Não tenho motivos para esconder algo deles — retrucou Light, referindo-se aos seus ajudantes.

Imaginei que diria isso, mas eu insisto.

Se é assim, peça que se retirem imediatamente.

Light, você está tomando a decisão errada—Alone continuava a insistir.

Não posso correr o risco de cair em seus planos. Se deixá-los livremente pela base...

Como eu disse, Light, só queremos conversar! - Alone erguia os braços em sinal de rendição.

Light não estava disposto a conversar, não após uma invasão como aquela. O líder já havia se decidido a mandá-los para fora da base, mas foi impedido por seu aprendiz.

Vamos ouvi-lo! - gritou True do andar superior em meio a multidão que abriu caminho para que passasse.

Garoto — Alone sorriu.

True, o que está fazendo aqui? Pensei ter sido claro em dizer para que se recuperasse.

Estou bem, obrigado — disse True para que seus pais o soltassem. — Light, eles realmente vieram sem a intenção de nos fazer mal. Ou melhor, Alone veio em paz, enquanto os outros ainda estão nos avaliando.

A garota franziu o cenho ao ouvir o paladino.

Parece que eles têm alguma coisa a nos contar, isso é claro, em troca de algum favor. Porém o que eles têm a dizer pode provocar pânico às pessoas que possuem menos conhecimento sobre o assunto. E confesso que fiquei curioso sobre o que Alone tem a dizer e sobre a organização que criou, então tenho uma proposta.

Light ouvia tudo ainda sem entender como True havia chegado lá, tomado o controle da conversa e já achado uma solução. Ele não parecia estar de nenhum lado, queria apenas resolver o problema. Isso sem que ofendesse nenhuma das partes.

Então fale de uma vez - Alone o encorajou a seu modo.

Proponho que cada líder de cada lado escolha dois representantes de sua organização. Assim será justo e haverá testemunhas. Os escolhidos conversarão na sala própria de reuniões desta base, uma vez que Alone sabe que não existe nada demais naquela sala além dos móveis.

E quanto aos outros?

Os outros eu não pude pensar nada de imediato, então peço humildemente que esperem dentro da barreira. Light irá deixá-la, digamos, mais confortável até que terminemos. Não façam isso por mim, pois sei que não tentarão nada, mas façam pelas pessoas que se sentem indefesas -

True olhou para a multidão de espectadores que assistiam a tudo temendo o pior. Alone olhou para seus aliados e alguns pareciam irritados com a condição, mas preferiram não fazer nenhuma objeção. Tudo bem, aceitamos. True deu um suspiro aliviado.

Light imediatamente aumentou a barreira e relaxou batendo nos ombros de True, disfarçando um sorriso.

Então vamos formar o grupo. Do meu lado, escolho True e Esmeralda.

Esmeralda arregalou os olhos, surpresa. Depois de desobedecer a uma ordem de seu superior, pensou que Light não a escolheria.

Princesa e Belphegor, vamos - Alone chamou e os escolhidos deram um passo à frente afastando-se dos outros.

Light abriu uma passagem para que o trio de *caídos* deixasse a prisão provisória para seguirem à sala de reuniões.

Desta vez, Light não estava ao lado de uma tela, em pé com um mapa ou na ponta da mesa. Ele, assim como os outros, sentou-se como igual ao lado dos outros paladinos defronte aos *caídos*.

Então, para alguém que segue o solipsismo e se auto-denomina "Alone Walker", não acha que tem muita gente à sua volta? - Light perguntou, irônico e curioso.

Muita coisa aconteceu, Light - respondeu Alone em um tom brando. - Pandora nasceu por uma necessidade, assim como a Ordem dos Paladinos, mas não confunda os dois, os ideais são completamente diferentes.

Continue.

Não estamos do lado do Führer ou de vocês. Pouco nos preocupamos quem são os *caídos* ou *puros*. Nós somos as vítimas dessa guerra, e não quem a provoca.

Os paladinos absorviam aquela idéia pouco a pouco tentando entender quais eram os seus reais significados.

Alone - True começou a falar -, talvez eu entenda sobre o que você esteja falando, mas poderia explicar melhor a sua visão para que eu tenha certeza de minha teoria?

Para que entenda, é necessário que me responda uma pergunta: Existe apenas um tipo de *caído*? Já pararam para pensar e analisar que há algo muito mais complexo do que apenas dois lados?

Novamente refletiram sobre as palavras ditas. Apesar de ter uma resposta para arriscar, True preferiu esperar pelas palavras experientes de Alone.

O que quero dizer, senhores e senhoritas, é o que até então sabíamos, era apenas a ponta do *iceberg* - Alone deu uma pausa para observar as expressões de todos. - Eu me dei ao luxo de dividi-los em dois grupos. O *caído* do tipo "A", que seriam aqueles que têm tendência à maldade, começam por pequenos roubos e sentem prazer nisso até que evoluem para assassinatos, e à medida que este prazer vai crescendo, *corrompe* ainda mais suas almas. O segundo grupo, os *caídos* do tipo "B", seriam aqueles que sofrem o efeito de uma ação de um *caído* do tipo "A". Um exemplo muito freqüente que víamos eram em escolas, os mais fortes batiam naqueles mais fracos, os mais fracos deixavam que aquele ódio pelos mais fortes crescesse em seus corações até que se vingavam. Ou em uma família desestruturada, onde um pai abusa de um filho e esse filho cresce achando que é normal e torna-se um pedófilo.

As teorias de True estavam certas, ele pouco a pouco estava percebendo que nem todos os *caídos* tinham se originado sozinhos, mas foi um efeito de algo no passado.

E a Pandora é composta por *caídos* do tipo "B", que buscam vingança àqueles que o levaram ao desespero.

E você acredita que isso consertará tudo? - Esmeralda se intrometeu no assunto que estava envolvida indiretamente.

Honestamente, não.

Então por que faz isso? - Light pareceu confuso.

Enquanto vagava sozinho, de certa forma, estava bem daquela maneira. Tinha aceitado meu destino e viveria como um peregrino a espera de minha morte. Porém... - Alone passou as mãos levemente pelo cabelo - tudo mudou quando Alexandra me pediu ajuda. Quando tudo estava acabado, não sentia qualquer satisfação por tê-la ajudado, mas por algum motivo a vi mais leve, como se todo o peso em suas costas fosse retirado. As cicatrizes ainda estavam ali, mas agora podia traçar uma nova rota em sua vida - Alone desamarrou o nó de sua máscara e a pôs sobre a mesa, fitando-a. — Com o tempo, novos *caídos* pediram por meu amparo, o que foi estranho, pois, em vida, sempre estendi a mão para aqueles que estavam ao meu redor, mas eles nunca a agarravam.

Desculpe, "em vida"? - True perguntou assustado.

Todos nós estamos mortos, garoto. Afinal, "a gente só está vivo quando o coração está vivo". - True pensou naquelas palavras, sabendo que o coração ao qual Alone se referia seria no sentido figurado, os sentimentos, a alma, a razão de viver, o *mundo*. - Todos nós estávamos à beira da morte e da perda da razão. Já é tarde demais para voltar. O arrependimento é o que restou, e foi esse arrependimento que nos fez renascer. Essas máscaras que usamos são o símbolo do silêncio, como uma focinheira amarrada a um cão. Em vida, éramos sufocados por regras e ideais que nos limitavam. Sonhos que nunca se realizaram. Mas quando a tiramos, sabemos que estamos mortos e não estamos presos a nada.

Os paladinos hesitaram por um instante. Seguindo essa teoria, Pandora seria capaz de qualquer coisa, por mais absurda que parecesse, a fim de saciar seus desejos de vingança.

Você diria que age como um anjo da guarda, para eles? - perguntou a Valquíria.

Não diria que sou merecedor de tal título. Eu sou como um demônio. Crio um pacto com aqueles que pedem minha ajuda. Acompanho sua história e desejo ver seu fim, depois disso não ajudo com sua nova vida, sozinha, a pessoa deve achar seu caminho.

"Um demônio"? Alone, você é mais que isso. Por que perdeu a confiança em você - *Light lastimava lembrando-se do dia em que o ajudou.*

Por que aceitou esse caminho tão facilmente? Será que nunca se arrependerá de não ter lutado mais? — True se preocupou. — "Devemos aprender quem realmente somos e não dizer quem deveríamos ser".

As palavras de True fizeram o coração congelado de Alone bater por um instante, mas ele logo afastou qualquer pensamento.

Entenda, garoto. Não há como remediar o que passou. Se me redimir, as vidas que tirei vão voltar? A dor que causei será perdoada? Tudo será justificado?

True não respondeu. Ele cerrou os punhos, furioso por não ter uma resposta. Ele se sentia no dever de ajudar aquele que um dia fora seu amigo. Sem argumento, abaixou sua cabeça e

deixou que Light continuasse.

Agora, sobre o assunto que nos reúne aqui - Light provocou uma tosse. - Que acordo queria fazer conosco?

Alone virou-se para a adolescente ao seu lado e com um sinal de concordância explicou seu objetivo:

Queremos nos unir à Ordem!

Light arregalou os olhos com a surpresa, assim como True e Esmeralda. Sem imaginar que Alone desejaria qualquer envolvimento que lembrasse seu passado, a surpresa era difícil de acreditar.

Não acha que é egoísmo de sua parte depois de cortar qualquer envolvimento com a Ordem, quase matar True e Esmeralda, incluindo seu avô que se envolveu em uma batalha perigosa, e agora quer se unir a nós? — dizia o líder dos paladinos eufórico.

True sentiu um aperto no coração naquele momento. Apesar de discordar com algumas palavras de Alone sobre se redimir, pôde perceber que, em prática, não funcionava tão facilmente.

Não digo isso com ódio de você, Alone. Eu ainda acredito naquele homem que conheci, mas quero entender essa mudança de comportamento repentina. Eu deixarei esta decisão nas mãos de True e Esmeralda, pois foi a eles que você fez mal.

Concordo com suas palavras, Light. Eu o entendo perfeitamente, assim como aos dois jovens. Mas tenho meus motivos para pedir ajuda. A maioria dos membros de Pandora deseja se vingar do exército, principal causa de suas vidas atuais. Porém, nos deparamos com o Führer, e os resultados não foram os melhores.

Está dizendo que todos vocês não foram capazes de pará-lo?

Exatamente. Ele nos derrotou rapidamente, pouco revelou sua alma. Conseguimos escapar por muito pouco, na verdade, acredito que ele não tinha interesse em nos matar, pois se tivesse um pouco desta vontade, não poderíamos fazer nada!

Os jovens paladinos se lembraram do dia em que cruzaram o caminho do ditador e por sua vontade, estavam vivos.

Por isso, queremos juntar forças para vencê-lo! Vocês não serão capazes sozinhos!

Cabe a eles responderem — disse Light, afastando-se um pouco da mesa para que cruzasse a perna, deixando True e Esmeralda no controle.

Esmeralda olhou para o rapaz que assentiu imaginando o que ela desejava. Rapidamente, conectaram seus mundos através do *Laço* que se formou.

Alone, lembrando-se da técnica, cerrou os punhos com força, e a garota, percebendo a reação, botou sua mão sobre a dele e a relaxou. O *caído* a encarou e viu o sinal de negação que ela fez com a cabeça.

Não viemos aqui sem ter nada a oferecer - Alone continuou. — Possuímos informações valiosas, mas que estão incompletas. Tenho certeza de que se trabalharmos nelas, poderemos decifrar seu segredo.

Parece que ele está determinado em se unir a Ordem — *disse True em sua mente.*

Tem razão. Vamos ouvi-lo e quando ele terminar, daremos nosso veredito - *propôs Esmeralda.*

De acordo.

-Tudo bem. Podemos trabalhar juntos e conseguir bons resultados para ambos os lados, e baseado no fruto desse debate, daremos nossa resposta.

Que assim seja. Vamos começar.

É claro que estou preocupada! Eles não parecem boas companhias!

Entendo sua opinião e tudo isso está sendo uma novidade para mim. Mas sabemos de pouca coisa, não podemos julgá-lo desta maneira!

Kyōki ouvia a conversa sem reconhecer a voz. Reabrindo os olhos vagarosamente, procurou as pessoas que estavam por perto. Sua visão ainda estava embaçada e aos poucos ia voltando ao normal. Ele pôde ver quando uma mulher se levantou de onde estava sentada para ir até ele. O homem que a acompanhava fez o mesmo.

Parece que ele acordou - disse a mulher quase como um sussurro para o homem ao seu lado. - Olá, eu vou chamar o médico, continue deitado. Meu marido vai ficar com você enquanto eu volto.

Kyōki não respondeu, ainda estava confuso sobre quem se tratava.

Em poucos minutos a mulher voltou com o médico que cuidava da ala hospitalar.

Bom dia, Kyōki. Quase boa tarde - corrigiu-se ao olhar o relógio. — Como se sente?

Usando as laterais da cama como auxílio, sentou-se e respondeu à pergunta:

Zonzo e um pouco enjoado.

Não se preocupe, isso é normal para uma pessoa com seu quadro, mas não faça muito esforço. Elevarei a cama para que fique recostado - explicou o médico enquanto fazia pequenos exames para checar o estado do paladino.

Kyōki! - espantou Kitsune ao ver seu amigo acordado. - Que bom que já está consciente. O pior já passou, logo voltará ao normal!

Agora que está bem acompanhado, vou procurar pela enfermeira e informá-la sobre alguns remédios que deverá tomar. Também vou pedir para que tragam algo para você comer. Se Light não estivesse tão ocupado, poderia pedir a ele que o ajudasse na recuperação, mas, infelizmente, terá que ser pelo modo antigo por enquanto.

Aproveitando a deixa do doutor, o casal deixou o local agora que Kyōki estava com o amigo.

Quem são eles?

Os pais de True. Os encontramos assim que você apagou.

Eu me lembro dele ter comentado que os pais estavam a serviço aqui na Ásia. E como foi a reação dele?

No momento em que os viu, correu para abraçá-los, foi um encontro e tanto - lembrou. - Mas hoje não me parece tão animado. É tudo muito estranho, todos esses anos afastados e do nada se reencontram.

Kyōki ficou pensativo. Ele estava perdido em suas memórias, lembrando-se de seu pai, comparando as reações opostas. Kitsune, percebendo o que tinha dito, hesitou por um instante, mas resolveu contar ao amigo:

Acho que isto é seu - entregou o pequeno diário do general, pai do amigo.

Então você pegou. Pensei que tinha perdido a única chance de conhecer o passado de meu pai. Obrigado.

O paladino fitou o pequeno caderno de lembranças por um tempo, ansioso para folheá-lo, mas preferiu esperar quando tivesse privacidade.

O que está acontecendo na base? Algum tipo de comemoração? — perguntou, percebendo o

fluxo incomum de pessoas andando ansiosas para todos os lados.

Gostaria que você estivesse certo, mas é justamente o contrário.

Eu não entendo. Derrotamos os generais, não era para ter algum tipo de festa?

Teve certa comemoração, mas Light não tinha certeza sobre o paradeiro de seu pai. Quando fomos buscá-lo, o corpo de Akuma não estava mais lá. Agora há pouco houve uma invasão, pareciam querer alguma coisa. Mas não se preocupe, seu líder já controlou tudo e neste momento estão conversando na sala de reuniões. Eu não me recordo direito como era o nome do *caído*, mas...

Alone?

Esse mesmo. E estava bem escoltado, sete *caídos* para ser exato.

Kyōki não se envolvera tanto como os outros paladinos na história de Alone, mas o fato dele ter levado o corpo de seu pai o incomodava.

O primeiro tópico em questão são as formas das almas - iniciou Alone. — Quando tive meu primeiro contato com a ciência das almas, fui instruído de que elas eram moldadas de acordo com a personalidade, logo duas pessoas com a mesma forma seriam parecidas, diferentes em alguns pontos, mas muito semelhantes em outros.

Os paladinos assentiram acompanhando o raciocínio.

Porém formas únicas começaram a despertar. Exemplos como a alma de True, o Taiji; Esmeralda, a Valquíria; e também como eu, o Cérbero. Pensei que pessoas como estas deveriam ter uma personalidade muito fora do comum para ser tão raro, porém não pareceu uma verdade. Então refleti sobre outra teoria, baseado em minha alma e da Esmeralda, que são de seres mitológicos, percebi que talvez a mitologia seja feita pelo homem, o proprietário que moldava a própria alma.

O que diz faz sentido. Mas é fácil derrubar essa teoria com a hierarquia das almas. Se um proprietário do lobo acreditasse que ele fosse a alma mais *pura*, superaria a do anjo, o que não é verdade. Um exemplo concreto disto seriam os *caldos*, suas almas alimentam-se de *corrupção* e à medida que crescem tornam-se demônios, o estágio máximo.

Exatamente. Eu segui a mesma lógica que você, então pensei em outra: *vivência*.

Um estalo veio à mente dos jovens, aquela poderia ser a que chegasse mais perto da verdade.

Isso faz sentido e nós temos bons exemplos. Pandinus, há pouco tempo general da África, tinha a alma de um escorpião que havia estudado na infância. Herdando até mesmo habilidades da espécie, como o canibalismo, que deu a ele parte da força das almas de suas vítimas.

Temos também Alexandra que, como todos sabem, perdeu o filho em um acidente. Ela não pôde suportar tal perda, o que a marcou para sempre, assim como uma lenda que diz sobre uma mãe guepardo que perdeu os filhotes e chorou tanto que o caminho que as lágrimas percorreram, permaneceram para sempre.

Mesmo não querendo, o mesmo caso se aplica a mim. Eu não tive uma adolescência normal, e a luxúria tornou-se minha arma. Quando me tornei tenente-coronel, gostava de provocar a todos, pois sabia que não podia ser tocada, graças à minha patente.

Então a teoria da personalidade ainda não está inválida, ela ganha força. Formamos nossa personalidade de acordo com o estilo de vida, as pessoas que conhecemos e nossas experiências. O que não se encaixa são as almas raras, conhecidas por mitos.

True juntava as peças em sua mente e parecia que estava próximo de desvendar aquele quebra-cabeça.

Será que... - True começou a falar, mas hesitou.

Diga o que pensa, True. Qualquer idéia é bem-vinda - encorajou Light, também aprendendo com o debate.

Acho que estamos lidando com algo bem maior aqui.

Esmeralda, conectada ao rapaz por meio do *Laço*, espantou-se com sua conclusão.

Diga a eles! - Esmeralda disse ansiosa para compartilhar a descoberta e True assentiu.

É uma mensagem para a humanidade - disse finalmente.

Explique melhor - Alone pediu interessado.

Eu não creio que a alma seja moldada pela vontade do proprietário, eu sou a própria prova disso. Quando vi pela primeira vez minha alma, não gostei muito de saber que metade dela era de um demônio.

Light sorriu com a lembrança.

As almas são muito antigas e existem desde que o primeiro humano foi criado, então elas não poderiam ser baseadas em mitos e lendas que apareceram com o tempo. Poderá haver exceções, mas é muita fraça para ser uma lei. Então cheguei a uma conclusão.

Eles estão chegando perto — Belphegor disse em sua mente, ainda sem participar da conversa.

Mesmo que o proprietário não saiba o significado de sua alma, existe registro sobre a forma na história do homem. Posso me usar como exemplo. Minha alma é dos opostos, e ela escolheu a forma de um anjo e de um demônio, poderia ser outra forma qualquer, mas foi escolhida pelo homem associar o anjo como o ser mais *puro* e o demônio o mais *corrompido*. O mesmo se aplica ao Cérbero que, segundo a mitologia, guarda as portas do submundo.

Entendi. De certa forma é o que eu faço, caço *caídos* e protejo aqueles que aceitaram seu destino — disse Alone.

Sim, mas existe uma variação. O mesmo significado da alma de um *puro* para de um *caído* tem suas diferenças. Enquanto a forma e habilidade de um *puro* contam o propósito deles existirem, a dos *caídos* se baseia no sofrimento. Pego Esmeralda como exemplo, quando ela era uma *caída*, sua alma era de um Súcubo, que estava diretamente ligado ao sofrimento na adolescência. E quando voltou a ser *pura*, a alma era o oposto, demonstrando um comportamento inocente, o qual acompanhamos, e um desejo de proteger seus aliados.

Ele está certo - a adolescente concordou. - Todos os membros de Pandora cabem perfeitamente nessa regra, suas almas foram moldadas por sua dor. Cérbero é um animal solitário, se formos avaliar. Alexandra também serve como um bom exemplo - disse e ficou pensativa. - Então as almas e suas formas variam da personalidade e vivência - concluiu.

Fizeram um bom trabalho, mas ainda há algo que estão esquecendo - *Belphegor bocejou arrumando sua posição*.

A garota, ao perceber o comportamento relaxado do *caído*, soube que ele escondia algo.

Com as informações que obtemos ficará mais fácil encontrar a fraqueza do inimigo, inclusive facilitará o nosso trabalho para usar o *Solstício* - disse Light contente.

Mas ainda há uma coisa que não entendo — True interrompeu antes que todos perdessem a concentração. — Havia um homem que seguia o ditador. Ele possuía um nível de *corrupção* que nunca presenciei antes. Para mim, o nível máximo seria de um general, mas ele estava muito

além. O que não entendo foi quando forcei o aumento da sincronização para usar a técnica que derrotou o exército de soldados, sofreu conseqüências por minhas ações, mas aquele homem parecia perfeitamente tranquilo com aquilo.

Ele fala do equilíbrio — disse Alone e Light assentiu.

Desculpe, True e Esmeralda. Mesmo em todos esses anos eu ainda deixei algo sem ensinar a vocês. Para que vocês entendam a diferença entre vocês e aquele *caldo*, precisam entender sobre a lei do equilíbrio que difere cada pessoa da outra, tornando-a única.

True e Esmeralda ficaram atentos a cada palavra. Tinham absorvido tudo muito rápido e por meses apenas aperfeiçoavam o que tinham aprendido, então, quando surgia algo novo, ouviam atentamente entusiasmados.

Cada pessoa possui um corpo, uma mente e uma alma. E em cada uma dessas categorias existem subcategorias que diferem uma pessoa da outra. Por exemplo: o corpo diferencia-se na altura, peso, cor da pele, dos olhos, dos cabelos etc.

Ou como a mente. Existem pessoas com facilidade em raciocínio lógico e outras, nem tanto - acrescentou Alone.

Quando um ser humano nasce, herda os níveis de equilíbrio do pai e da mãe, e à medida que crescem, esses níveis sofrem mudanças, tornando a pessoa única. Foi dessa lei que surgiu o cumprimento do exército: "Corpo, mente e alma pelo Führer", que em outras palavras significa que você entregou toda a sua existência para o ditador - continuou Light.

Mas esses níveis são muito delicados. Se houver uma grande quantidade de diferença para as outras categorias, a pessoa pode sofrer deficiências - advertiu o *caldo*.

Um atleta, por exemplo, possui um nível elevado na categoria corpo, devido aos treinos, mas não sofre nenhum mal devido a todo um processo saudável. Por outro lado, se fosse treinado, o corpo exageradamente sem nenhuma dosagem, o nível da alma e da mente iria ficar muito baixo, tornando a pessoa uma massa de músculos que se locomove.

Então quanto mais exercitarmos cada categoria, seu nível aumenta - True certificou-se de que acompanhava o raciocínio.

Exatamente, garoto. Também há casos daqueles que exercitam suas mentes ao máximo e por isso, o corpo atrofia. O último caso, a sobrecarga da alma, seria o que aconteceu com você, que, ao ultrapassar o limite de sua alma, causou danos ao corpo e por pouco à sua mente.

True lembrou-se das palavras de aviso de Taiji momentos antes de usar a técnica.

É claro que estamos falando sobre casos extremos. Poucos desenvolvem essas deficiências, mas devemos avisá-los. Então, para que use aquela técnica sem riscos, deve exercitar seu corpo e mente para que atinjam um nível de segurança. Creio que... Cinquenta por cento em uma categoria e vinte e cinco nas outras duas seria o limite máximo de segurança - Light colocou a mão no queixo pensativo. - Sei que é difícil pensar nisso em porcentagem, então use em tempo. Durante o dia você deve administrar o tempo para que não exercite apenas a sua alma. Pequenas tarefas já servem como exercício, como um jogo de xadrez para a mente e uma simples caminhada para o corpo. No seu caso, acredito que o corpo seja o mais carente; então, procure fazer exercícios físicos.

Esmeralda absorvia as informações preocupada. Não com ela, pois durante esse tempo trabalhou sua mente, o principal fator de desequilíbrio no passado, mas, sim, com True, que apresentava riscos.

O ideal seria se conseguíssemos manter corpo, mente e alma devidamente equilibrados e assim aumentá-los gradativamente - concluiu o rapaz.

Isso mesmo. Porém é quase impossível. A maioria sempre se identifica com uma categoria ou outra: esportes, estratégia, religião. O que influência na escala e dificulta manter o equilíbrio. Mas quero deixar claro que não é um dever atingir esse equilíbrio, vocês devem seguir o caminho que preferirem e não fiquem preocupados com as deficiências, sem perceber, vocês sentirão falta de algum exercício e, inconscientemente, dosarão entre as três categorias.

Ao ouvir aquelas palavras, Esmeralda ficou mais tranqüila sobre o assunto. True só precisava se esforçar um pouco até que alcançasse uma taxa segura.

Sabendo de tudo isso, aquele homem deve possuir um nível alto de *corrupção*, ele também me pareceu ter um bom controle da mente ao demonstrar tranqüilidade aos comandos de seu superior, porém seu corpo era magro, o que demonstra sua fraqueza - mesmo sabendo melhor sobre o *caído*, restava uma última questão a ser resolvida. - Se ele possuía um nível tão alto de *corrupção*, por que o ditador não o fez general?

Hahaha... — Belphegor começou com risos intercalados até que evoluíram para uma única gargalhada.

Do que ele está rindo? — *Esmeralda se irritou.*

Eu não sei. Tinha esquecido que ele estava presente. Até agora não havia dito uma palavra sequer, mas... — *True usou seu olho e notou a quantidade de corrupção que emanava da alma daquele homem.* — Você também pode ver, não pode? Aquela forma?

Esmeralda olhou melhor a forma que a alma se manifestava. Um demônio velho de barba grisalha e unhas longas. Um par de chifres laterais, uma cauda similar a de um leão e asas negras de pluma. True não se sentia ameaçado pela forma, mas percebeu o olhar pensativo da alma *caída* e sabia que ali estava sua preocupação.

Se Astaroth estivesse aqui ele certamente o mataria, rapaz, por compará-lo a um general - disse Belphegor quando terminou sua gargalhada. — Vocês não têm chances contra eles!

Que eu saiba, resta apenas um general e o próprio ditador. Assim como foi com os outros generais, derrotaremos o próximo e quando chegar a hora do Führer será diferente da última vez, eu garanto! - True resmungou.

Não são esses a quem me refiro - Belphegor retrucou. - Existem *caídos* superiores ao título de general.

O que está dizendo? Os generais são os pilares de toda a força do ditador, se os derrotarmos, a vitória praticamente estará garantida! - True questionou temendo que houvesse algo superior a um general.

Errado. Seria impossível até mesmo para o Führer sozinho dominar todo o mundo se possuísse apenas cinco generais. Para tal feito, ele precisava de homens indestrutíveis, que não hesitassem na batalha e não tivessem piedade em seus corações.

Como poderia existir pessoas assim? — Esmeralda perguntou já imaginando a resposta.

O mundo estava pobre, senhorita. Não foi difícil encontrar pessoas com essas características, o mais complicado foi mantê-las cooperando entre si. A maioria matou uns aos outros até a chegada do dia em que o Führer botou seu plano em prática. Com eles foi muito simples. Eles sozinhos dizimavam uma civilização inteira! E mesmo após a conquista do mundo, o ditador os mantém sob sua vigilância. Por isso foi necessário os generais, ou então aqueles *caídos*

destruiriam todo o continente!

Os paladinos estavam assombrados com a notícia inesperada. Como se não bastasse a luta contra os generais, ainda havia forças superiores a deles.

Alone, o que ele diz é verdade? - Light indagou preocupado.

Sim, e existem seis deles. Astaroth é o que vocês encontraram junto ao ditador, os outros estão na Europa - continuou Belphegor.

Seis deles! Estávamos tão perto de acabar, agora... — *lamentou Light.*

Astaroth, Beelzebub, Asmodeus, Lilith e Abaddon compõem a guarda pessoal do Führer, os quais são conhecidos como os seis Lorde *Damons*.

Espere, você disse que haviam seis, mas só mencionou cinco. Quem é o último? - True perguntou inquieto.

Ele está aqui entre nós, garoto - respondeu Alone.

Será que é... — True arregalou os olhos e sentiu um frio percorrer sua alma ao encontrar o olhar do *caído* à sua frente.

Prazer em conhecê-los, sou o sexto Lorde *Damon*, Belphegor!

Capítulo 35

Abalos e sorrisos

Abalos e sorrisos *Lordes Dczmons...* — Light fixava em sua mente. Como líder, não podia se dar ao luxo de ficar abalado com a situação e esperar até que aceitasse o fato. Ele, mais do que todos, teria que agir o mais breve possível e preparar seus seguidores para o que estava por vir. Se não fosse pelo Belphegor aqui presente e o incidente com o Führer, eu não ia acreditar em tal notícia.

Como disse, não vim propor um acordo sem oferecer nada em troca. Nós precisávamos de mais poder ofensivo assim como vocês. Mas também precisávamos de recurso e um lugar seguro para nos abrigar. Com as constantes mudanças e nossas poucas opções, era difícil elaborar um plano que não fosse um ataque direto.

True e Esmeralda estavam pensativos, agora que tinham se acalmado, tentavam encontrar seus pontos falhos, os quais precisavam melhorar imediatamente devido àquela situação inesperada.

Senhor - chamou o rapaz dirigindo-se a Belphegor com respeito, reconhecendo que ele era o único com as informações que poderiam ajudá-los contra os novos inimigos.

O Lorde *caído* o encarou, esperando pelo que o paladino falaria.

O senhor disse que nós nunca o venceríamos, o que, com nosso estado atual, talvez seja verdade, mas tenho certeza de que se apontar a diferença entre nós e os Lordes, poderemos mudar esse resultado.

Belphegor olhou nos olhos do rapaz por um instante, percebendo a coloração incomum, mas não foi o que lhe chamou a atenção, assim como em suas palavras, o seu olhar não transmitia dúvida. Muito bem - aceitou Belphegor com um sorriso discreto. - Primeira coisa que lhes devo chamar a atenção é para a energia que tanto falam de suas almas.

Os paladinos corrigiram a postura e voltaram toda a sua atenção para a explicação do Lorde *Daemon*.

O primeiro ponto de que devem observar é que a alma não é como o corpo que atinge seu limite. Essa energia é nada mais que sua determinação. O mesmo vale para os *caídos*, a única diferença é que eles acumulam ódio, e os *puros*, esperança.

Se o que diz é verdade, então poderíamos permanecer sincronizados com a alma em tempo ilimitado - comentou Esmeralda.

Na teoria é assim que funciona; na prática, porém, o que não deixa de ser possível, é mais complicado que isso. Todos nós temos falhas e por mais que estamos determinados a fazer algo, às vezes desistimos ao encontrar obstáculos que pensamos que não seríamos capazes de superar.

True lembrava-se do tempo em que ainda era um estudante do Ensino Médio, preparando-se para o dia em que serviria o exército. Ele desistiu inúmeras vezes quase reconhecendo sua derrota, porém sempre restava aquela última fagulha que reacendia a esperança. Se tivesse desistido definitivamente, ele nunca iria conhecer os companheiros preciosos que fez em sua jornada. Parando para refletir, naquele momento se encontrava no mesmo estado. O medo do desconhecido o assombrava novamente; um novo obstáculo que teria que superar, não, ele iria superar.

Nós vamos conseguir! - True disse batendo a mão contra a mesa ao ficar de pé. — Não. Nós

tenhos que conseguir! Eu confesso que não tenho um objetivo ainda, mas... vou fazer por aqueles que, assim como eu fazia, sonham para que alguém se levante contra o exército.

True... — Esmeralda se surpreendeu.

A adolescente o avaliava. Ela, ao contrário da Valquíria, não estava admirada. Já tinha visto aquele comportamento, mas nunca presenciou alguém que o mantivesse até o fim.

Alone encarou a adolescente ao seu lado e chegou perto de seu ouvido.

Agora que as coisas ficam interessantes - sussurrou.

A garota lembrou-se do que Alone disse no hotel onde estavam hospedados no dia anterior. O *caído* desejava acompanhar o caminho do paladino, interessado se ele manteria sua palavra.

Você diz palavras bonitas, rapaz. Mas palavras não vencem guerras, e sim ações. Nunca subestime o Führer, ele é um homem incrível, apesar de tudo. O único que conheci que conseguiu equilibrar devidamente a alma, o corpo e a mente - disse Belphegor.

Não o subestimo, não mais - True o interrompeu, recordando do encontro inesperado momentos antes de conhecerem Kitsune. — Desculpe se passei uma imagem de alguém motivador, mas eu digo isso não para os que estão em minha volta; digo isso para mim, alto, para que nada me impeça de ouvir e para que eu acorde e não perca tempo com lamentações. Afinal, como o senhor disse, guerra se vence com ações.

Alone sorriu e a pequena jovem pode perceber a expressão, porém sua opinião não havia mudado, queria ver o rapaz cumprir a palavra.

Belphegor o fitava. Percebendo que suas intenções eram verdadeiras, disse com um sorriso:

Eu os ajudarei com qualquer informação que desejarem, mas fiquem cientes desde já que nunca os ajudarei a derrotar o Führer! Ele fez muito por mim e eu ainda o admiro. Tenho uma rivalidade com um Lorde, então apenas os ajudarei até lá, depois estarão entregues à própria sorte.

Light observava tudo acontecer sem mais se envolver. Quando percebeu que todos se acalmaram, decidiu encerrar a reunião.

True e Esmeralda, vocês já ouviram as intenções de Pandora, agora cabe a vocês decidirem se a aliança será feita.

Os olhares dos paladinos se cruzaram e através do *Laço* chegaram a uma decisão.

Nós aceitamos! - disseram em uníssono.

Estão cientes das condições de Belphegor? — Light lembrou.

Sim.

Aos membros de Pandora, estão cientes do modo que trabalhamos, dando oportunidade para o *caído* se redimir?

Sim — confirmaram um após o outro.

Alguma objeção contra isso?

- Não.

Se é assim... - Light suspirou e conteve-se para não abrir um longo sorriso de empolgação. - Está feita a aliança entre Pandora e a Ordem dos Paladinos. A primeira união de *puros* e *caídos*!

Após a reunião Light foi imediatamente anunciar à base sobre a aliança formada. A notícia não foi bem-vinda de imediato, mas à medida que o líder contava sobre os detalhes do acordo, ia ganhando a confiança de alguns.

True preparava-se para o almoço marcado com os pais. Antes de seguir ao encontro de Harrison e Melissa, buscava apoio de Esmeralda, que o encorajava.

Ele caminhava a passos curtos em direção à ala de alimentação onde estava marcado o encontro para que ele e seus pais conversassem.

Vamos, True! - Esmeralda o empurrava. - Olhe para você! Parece um gatinho medroso! Para alguém que enfrentou várias batalhas, uma simples conversa não vai te matar!

Acho... — o rapaz engoliu em seco — que tem razão.

Ele às vezes é tão teimoso! — a jovem dizia em sua mente.

Eu posso te ouvir.

Desde quando nos conectou com o Laço?

Desde quando deixamos o quarto. Pensei que podia me ajudar com o que dizer. Tem certeza que não quer vir junto?

Não! Você deve fazer isso sozinho, agora vamos!

Antes de o jovem inseguro desse mais algum passo, avistou o amigo que passava pelo local. Esmeralda aproveitou e desfez o Laço.

Kyōki! - True ficou contente ao ver o amigo recuperado.

True - Kyōki o reconheceu. - Kitsune me contou sobre seus pais. Fico feliz por você.

Feliz... — o rapaz não sabia o motivo, mas estranhou o modo como o paladino disse a palavra. - O que foi isso? Não que eu esteja duvidando das palavras de Kyōki, mas foi diferente dos outros —

True fitou os olhos do paladino e observou sua alma. Agora que podia sentir e ver o comportamento das almas, percebeu que o porco-espinho de Kyōki não se movia com entusiasmo ou demonstrava qualquer sentimento. O olhar fixo no rapaz lembrava a muitos um olhar invejoso ou vingativo, mas True sabia que não se tratava daquilo. Aquele vazio lembrava uma máquina ou um objeto sem vida.

Com a mudança de seus olhos, True agora podia ver além da forma e movimentos das almas, ele conseguia ver os sentimentos que elas manifestavam. O fato da alma de Kyōki não demonstrar nada o incomodava.

-True... True! - dizia Esmeralda, e o paladino percebeu que o chamava.

O que foi?

Kyōki te fez uma pergunta! - explicou a Valquíria, franzindo o cenho.

Desculpe, pode repetir.

Perguntei se você está feliz — True ainda fazia uma expressão de dúvida, então Kyōki completou: - Por ter reencontrado seus pais.

Ah sim, estou - respondeu hesitante.

Desculpa por isso, Kyōki. Ele está desse jeito hoje, deve ser a ansiedade. Está a caminho para um almoço com eles - disse Esmeralda tentando consertar a falta de atenção do rapaz.

Não tem problema. Agora eu tenho que ir, Light está me esperando. Boa sorte com o almoço e aproveite.

Obrigado — agradeceu ainda preocupado com o que viu.

O tom da voz e os gestos foram normais... Deve ser algo da minha cabeça - *refletia*.

Certo, agora chega de enrolação e vamos logo! Já estou cansada de te arrastar!

Antes de entrar, True estendeu a cabeça para dar uma olhada no local, procurando de mesa em mesa por seus pais.

Eles já chegaram! — estremeceu.

Eu não acredito, você está suando! Francamente, True!

Esmeralda, já irritada, empurrou o rapaz para dentro do restaurante.

O golpe o pegou de surpresa e antes que pudesse fazer alguma coisa, seus pais o viram e acenaram para ele.

Desistindo de qualquer resistência, decidi ir ao encontro deles.

Boa tarde, filho. Estávamos ansiosos para que chegasse.

Eu também - mentiu, pois não queria magoá-la.

Enquanto se cumprimentavam, o chefe de cozinha, responsável por um dos restaurantes da ala, reconheceu o rapaz e foi ao seu encontro, pois estava preocupado devido às notícias que ouvia pela base a respeito do que levou True a ala hospitalar.

Boa tarde, *Kani-kun*. Como você está? Fiquei sabendo que teve febre alta.

Sim, mas estou muito melhor agora. Obrigado pela preocupação, *ojisan*.

Lembrando que não estava sozinho, True apresentou seus pais ao cozinheiro chefe:

Estes são meus pais; minha mãe, Melissa e meu pai, Harrison.

Prazer em conhecê-los. *Kani-kun* sempre falava bem de vocês, e estava ansioso para revê-los.

Ele sempre que tinha tempo vinha aqui provar minhas receitas.

Kani-kun? — Melissa franziu o cenho.

É um apelido, mãe - explicou True sem jeito. - Deram-me esse apelido porque demorei um tempo para me adaptar à comida daqui e no processo comi muita carne de caranguejo, a que mais gostei. Caranguejo em japonês é *kani*.

Sim. Por semanas ele comeu a mesma coisa até se adaptar - sorriu o cozinheiro com as lembranças.

Obrigada por ter cuidado dele durante esse tempo, *ojisan* — agradeceu.

Mãe! *ojisan* ^{††} não é o nome dele!

Não? Mas você acabou de chamá-lo assim.

O cozinheiro deu risada.

Não faz mal. O erro foi meu de não me apresentar. Meu nome é Ogawa Aida, sou o cozinheiro chefe do restaurante, se precisarem de qualquer coisa que esteja ao meu alcance, podem pedir.

Prazer em conhecê-lo. Desculpe pela confusão - consertou Harrison o mal entendido.

Deixem isso para lá. Vejo que hoje se trata de um reencontro familiar, não estou certo?

Com toda certeza. Aguardávamos muito esse dia — continuou o pai.

Se é assim, venham comigo. Eu tenho um local reservado perfeito para vocês. Eu o utilizo para passar o tempo enquanto não tenho serviço.

Não queremos atrapalhar - disse True.

Deixe disso, Kani-kun. Não vai atrapalhar em nada. Venham!

Harrison olhou para a sua esposa que assentiu.

Se não vai atrapalhar, muito obrigada.

O quarto ficava localizado atrás do balcão perto da cozinha, assim como Aida havia dito, o local era reservado, sem nenhuma intromissão de cozinheiros ou outros ajudantes. No centro, uma pequena mesa onde seria servido o almoço. Eles optaram por um prato típico do Brasil, para lembrarem os velhos tempos. Os cozinheiros eram muito habilidosos, e para o conforto de

todos, Light sempre pediu que houvesse uma grande variedade de pratos para que se sentissem em casa.

True - chamou Harrison dando início à conversa. - E quanto àquela moça, ela não quis vir?

Esmeralda achou que não era o momento certo. Ela preferiu que conversássemos apenas entre nós, imaginou que atrapalharia.

É bondade da parte dela. Dá para perceber que teve uma boa educação - elogiou Melissa.

Boa educação? — *True refletiu.* - Então esta é a visão que as pessoas têm dela atualmente. Isso é bom, mesmo deixando sua casa muito cedo e ter passado por tantas coisas, ela superou e hoje demonstra ser uma pessoa completamente diferente.

Mas eu notei um clima diferente entre vocês ou estou errado? - indagou seu pai com um sorriso.

True, percebendo ao que seu pai se referia, logo deixou claro:

Não somos nada mais do que amigos - respondeu friamente, acostumado com a pergunta.

Não seja tímido, filho - Melissa arriscava em insistir. - Eu aposto que são muito além do que amigos, talvez namorados?

Não - continuou ele com o mesmo tom de voz. - Talvez o que tenha notado seja porque quando ela deixou o exército, nós ficamos bem próximos, dividimos até o mesmo quarto, mas não somos nada mais do que amigos, como eu disse - desabafou, pois não queria que seus pais soubessem do fato deles dividirem o quarto por outra pessoa.

Ela era do exército? — Melissa se assustou.

Dividem o mesmo quarto? — Harrison perguntou surpreso.

O paladino, percebendo as coisas que tinha dito sem pensar, engoliu rapidamente a comida e logo tentou consertar as coisas.

Ela era tenente-coronel da América do Sul, mas durante a invasão conseguiu fazê-la mudar de lado. Na época também foi um choque para mim, éramos colegas de classe e nunca a imaginava em uma patente tão alta - True se referia à antiga forma da alma, porém sabia que seus pais não iriam entender. — Com a grande mudança de ambiente, Esmeralda não se sentia segura nem aceita por todos. Então ela passou a dividir o quarto comigo, quem ela mais confiava - explicou sem entrar em detalhes.

Seus pais trocaram olhares que True conhecia bem. Eles não gostaram muito da idéia, e a história parecia mais como uma desculpa.

Mas filho, você acha mesmo que essa moça é de confiança? Ela traiu o exército, o que precisa de muita coragem hoje em dia. Ela poderia fazer o mesmo com vocês, se fosse do interesse dela - Melissa disse com uma voz calma e seu marido assentiu.

O rapaz sorriu com a contradição. Há poucos instantes estavam elogiando Esmeralda com uma "boa educação" e agora a julgavam sem conhecê-la. Seu sangue ferveu com aquelas palavras, mas o paladino soube se controlar.

Aposto minha vida que ela não faria isso!

Seus pais ficaram em silêncio por um tempo ao ouvir a resposta confiante do filho.

Se você confia nela, também confiaremos. Você a conhece a mais tempo que nós, então não temos esse direito - disse Harrison após uma garfada.

Realmente não têm — reforçou.

Notando que o clima estava mais pesado, Melissa decidiu mudar de assunto.

Esse lugar é fantástico, não é?

Com certeza. Foi bem projetado e Light pensou até em lazer. Fiquei perdido naquela biblioteca, era imensa — concordou Harrison.

É verdade. Lembro-me da primeira vez que vim aqui. Vocês também precisavam ver a base no Brasil. Tem uma entrada que passamos por uma cachoeira, só estando lá para ver como é incrível! - contou True eufórico, engolindo a comida o mais rápido que pôde.

Eu imagino.

Vocês já conheceram a base?

Não toda - mentiram.

Então, se quiserem, posso mostrá-la para vocês - convidou.

Seria ótimo.

Harrison tocou levemente a mão de Melissa por baixo na mesa, contente que tinham ganhado um tempo a mais com o filho, e por livre vontade. Porém o sinal significava algo a mais. Por mais que tentassem aceitar algumas mudanças, queriam saber sobre as transformações que seu filho passou durante esses anos. Quando se separaram, True tinha apenas treze anos, e durante esse tempo ainda se sentiam, no dever como pais, de perguntar e orientar seu filho. Aquele costume talvez nunca acabasse, e como se o tempo tivesse parado, sentiam em seus corações que seu filho ainda era um garoto.

True, nós queríamos fazer algumas perguntas, até mesmo para saber tudo o que aconteceu, como você cresceu, as mudanças que ocorreram em sua vida. Sabe que, como seus pais, mais do que qualquer um, estamos muito curiosos - explicou Harrison, dando ênfase com sua voz no "queríamos", deixando claro que era a vontade do casal.

Aquela velha introdução — True sabia que tudo o que conversaram até aquele instante não tinha passado de uma preliminar. Estava até admirado por conseguir terminar sua refeição e começar a sobremesa sem o início do verdadeiro diálogo. Agora dobraria sua paciência e compreensão.

Não precisam se explicar. E tudo novo para vocês.

O casal hesitou. Harrison ainda mantinha sua mão sobre a da esposa. Decidido a dar o primeiro passo até que sua mulher pensasse em algo, perguntou:

Nós notamos a mudança de cor de seus olhos. O que foi isso? Alguma lente especial que está usando?

Isso vai ser difícil. Temos que ter cuidado com nossas palavras — *disse Taiji*.

Não, são meus olhos mesmo. Não tenho uma explicação exata para a cor deles, seria praticamente o mesmo motivo que vocês têm olhos castanhos. Mas eles não são diferentes a toa. Graças a eles posso ver a alma das pessoas, seus sentimentos, se estão mentindo ou falam a verdade e também posso descrever sua personalidade. Devido a todas essas características, nós o chamamos de "Olho da Verdade". Todos com a alma de anjo podem usá-lo, porém o meu é o mais desenvolvido.

E isso não é perigoso? — preocupou-se Melissa.

Não - sorriu com a ignorância.

Agora estou curioso, pode dizer como são nossas almas? - interessou-se o pai após uma breve introdução sobre as almas feitas por Light.

Claro que sim. Vamos começar pelo senhor, que é a de um cão. Lembra muito ao da raça pastor alemão. O que significa lealdade. Sinto que você está tenso e feliz ao mesmo tempo, então, quando quiser soltar a mão da mamãe, fique à vontade - True sorriu.

O casal arregalou os olhos surpresos, fazendo um soltar a mão do outro, como se tivessem sido pegos fazendo algo de errado.

E o seu, mãe, é de uma formiga. O que significa que não é uma pessoa solitária e gosta de trabalhar em equipe.

Uma formiga? Quem diria. Mas o significado está exato — Harrison sorriu.

Se é uma formiga, como consegue vê-la? Não é muito pequena? — perguntou curiosa.

Não. O tamanho das almas é muito relativo. Até hoje não entendi como funciona exatamente. A sua, por exemplo, é do tamanho da palma de uma mão. Já a do meu pai é o tamanho de um cão adulto como conhecemos.

E a sua filha? Como ela é? - questionou Melissa curiosa.

True temia a pergunta, mas como já havia pensado naquela possibilidade, já estava preparado.

É uma alma de equilíbrio, como o yin-yang - o rapaz poupou detalhes e qualquer expressão como: "metade demônio", "metade *corrompido*", evitando também exemplos. Com uma frase curta, ia dar a impressão de ser algo simples, o que faria seus pais dizerem que tinham entendido mesmo se fosse o contrário, pois não queriam assumir que eram totalmente leigos.

Certo tempo passou entre uma colherada e outra no delicioso pudim, quando Harrison retomou as perguntas.

Filho, quem eram aquelas pessoas que usavam máscaras hoje pela manhã? Nós não entendemos direito o que aconteceu aquilo tudo. O que eles queriam? Light pareceu bem zangado ao vê-los, e o alarme não parou um minuto! Até onde eu sei, eles invadiram a base, mas agora andam nela como se fosse suas casas.

Melissa ergueu as sobrancelhas e limpou os lábios com um guardanapo, demonstrando ansiedade. True percebeu que sua mãe também se interessava pela pergunta, e talvez seus pais tivessem debatido sobre o assunto e resolveram guardar a questão para que ele explicasse melhor.

Eles são de uma organização chamada Pandora. Ela não é popular e grande como a Ordem e seus membros são todos *caídos* — o paladino fez uma pausa para checar se seus pais estavam cientes sobre os *puros* e *caídos*.

Light nos falou um pouco a respeito.

Pois bem... Um dos membros era um antigo paladino que decidiu abandonar a Ordem. Apesar de, na época, não sermos chamados assim.

Um traidor?

Não! Alone nunca foi um traidor! - True deixou claro. - Ele não tinha motivos para continuar na Ordem, então foi embora.

Ele poderia ter vendido suas informações para o ditador. Fizeram uma coisa arriscada ao deixá-lo ir.

Mas não vendeu! Nós sabíamos que podíamos confiar nele. Nunca nos prejudicaria, apesar da batalha no Canadá, mas foi compreensível, pois...

Batalha? Vocês lutaram contra eles?

Eu lutei contra ele com a ajuda de Esmeralda, mas ele estava sozinho.

Mesmo sozinho, aquele homem, pelo que soube, era muito mais experiente que vocês.

Sim, mas foi uma batalha dois contra um. Se for para julgar, julgue a mim que estava na vantagem.

Não sei qual vantagem - disse Melissa indignada. - Eram dois adolescentes, sendo um deles uma garota, contra um homem experiente.

Como assim "garota"? Esmeralda sabe se defender muito melhor que muito homem por aí!

True percebeu a confusão que tinha arranjado. Irritado com as acusações contra Alone, ele se arrependeu de não ter mantido em sigilo.

Interrompendo o debate, vozes foram ouvidas do lado de fora do pequeno aposento.

Percebendo o barulho que vinha do lado de fora, ambos fizeram uma pausa para tentar adivinhar o que acontecia. Antes que arriscassem qualquer palpite, Aida entrou no cômodo, e o paladino logo o atropelou com perguntas:

Ogawa-san, o que está acontecendo do lado de fora? Algum problema com os membros de Pandora? Pareceu a voz de Light ao microfone.

Realmente era ele, mas não era algo relacionado à Pandora - Aida recolhia os talheres e pratos vazios enquanto explicava. - Kyōki confirmou tudo. A Ásia está livre e nossa vitória foi oficialmente declarada.

True deu um longo sorriso e olhou para os pais que retribuíram. Em uma troca de abraços, festejaram o acontecimento. Se não fosse pelo que Aida estava prestes a dizer, talvez eles aproveitassem o resto do dia juntos com tranquilidade.

Como é bom ver uma família unida assim - disse Aida com um sorriso que logo se desfez. - É uma pena que o jovem Kyōki não possa desfrutar dessa felicidade.

True congelou ao ouvir aquelas palavras, pensou de todas as formas como impedi-lo, mas já era tarde.

O que aconteceu? A família dele está distante ou morreram? - arriscou Melissa com o palpite, sobre o qual era muito comum naquela época.

Não, senhora. A história daquele rapaz é ainda mais triste. Ele matou o próprio pai, que era o general deste continente, e parece que não sabem o paradeiro da mãe.

Os pais de True entraram em choque. Se fosse um general ou um soldado qualquer, não se espantariam daquela forma, mas se tratava de um paladino, amigo de seu filho.

Como o restaurante está cheio, vim apenas recolher as coisas, mas sintam-se à vontade. Se precisarem de mais alguma coisa podem me chamar.

Do mesmo modo repentino que entrou, Aida deixou o lugar. Os olhares surpresos de Harrison e Melissa logo procuraram por seu filho.

True, o que ele disse é verdade? - Harrison indagou atônito.

Sim - respondeu enquanto olhava para baixo.

Explique, por favor.

True respirou fundo sabendo que seria difícil convencê-los da verdade.

É mais complicado do que parece... Eu tentei impedi-lo várias vezes, mas não cabia a nós a decisão. Foi uma armadilha do destino. O pai, general da Ásia que buscava poder, e o filho, um rebelde obstinado a livrar sua terra natal da ditadura. Dois caminhos que se cruzam com objetivos distintos. Desde pequeno Kyōki não teve uma relação próxima com o pai e...

True não conseguia arranjar mais argumentos, então entregou a própria sorte.

-True, filho, desculpe o que vou dizer agora, mas está entalado em minha garganta e eu preciso dizer - Melissa gaguejava trêmula. - Eu não gosto do que faz aqui! Eu não gosto de saber que meu filho faz parte disso tudo!

Você está no meio de uma guerra, True. Nós ficamos preocupados com o que pode acontecer a você! Querendo ou não, é obrigado a matar os soldados senão o contrário pode acontecer! Não te criamos para que se metesse nisso tudo - Harrison também se envolveu, porém em um tom mais amenzador.

Light tem os outros paladinos. Por que não vem morar com a gente no Brasil com o era antes? Lá ficaremos em paz e você não terá que ir para nenhuma batalha. Poderá retomar os estudos. Claro que isso ainda levará um tempo até que tudo se ajeite pelo mundo, mas poderá trabalhar em algo que queira, nós te apoiaremos! - continuou Melissa.

Também fará novos amigos.

Isso mesmo — encorajou. - Porque, francamente, não gostamos muito das companhias que tem aqui. Basta ver esse rapaz que acabamos de falar! O que ele fez não é algo que uma pessoa normal faça, ele deve ter algum problema!

Essa aliança feita com a outra organização também não acho que foi uma decisão sábia. O homem de quem falou deixou vocês uma vez, quem garante que não fuja novamente?

E também aquela moça! Ela pode mudar de lado novamente se perceber que pode ser vantajoso para ela. Nós só queremos o seu bem, filho. Por isso estamos o alertando!

True ouvia tudo calado. Os punhos estavam cerrados e seu rosto enrubescceu. As palavras iam acumulando em sua garganta, prontas para saírem e retrucar a cada acusação equivocada. Não suportava ouvir aquilo, e assim que percebeu que seus pais tinham acabado com as acusações, ergueu a cabeça.

Vocês não mudaram nada!

O jovem paladino se levantou e abriu a porta com uma força que mal podia controlar. Dando as costas para seus pais, ele avançou ao balcão, abrindo passagem, não importando o que estivesse em sua frente. Ouvia de seus pais para que esperasse, mas não se importou.

Filho, espere! Não está vendo no que você se tornou? Está sendo influenciado por eles, por favor, nos escute!

Os olhos de True esbugalharam, incrédulos em presenciar tamanha ignorância. Sem conseguir mais agüentar, True estourou.

Parem de falar! - True golpeou a mesa que estava ao seu alcance, chamando a atenção do restaurante lotado.

O rapaz parou em meio a multidão e virou para olhar nos olhos de Melissa e de Harrison, que se aproximava para abraçar a esposa.

Não vou escutar essas coisas absurdas sobre meus amigos! - True vociferava. Sua voz ecoava por todos os corredores da base. - Vocês não sabem pelo que passamos e o que vivemos para chegar até aqui! Se eu quero ir com vocês para o Brasil? Se eu quero ter aquela vida normal de antes? Como podem ter olhos saudáveis, mas são tão cegos? A verdade está ao alcance de seus olhos, mas só veem ilusões, seus próprios desejos! Dizem que me apoiam em minha decisão, mas são vocês que ditam as opções! Aquele continente só está em paz porque nós nos levantamos e acreditamos que podíamos fazer alguma coisa! - Apesar da raiva que sentia do julgamento preconceituoso, o paladino sentia tristeza pelos pensamentos de seus pais. - Não acham que estão pensando apenas em si? Nós viveremos em paz, mas e quanto àqueles que vivem onde a ditadura ainda está presente? Seria justo abandoná-los? Se não me falha a memória, há poucas horas vocês dois estavam cercados por soldados, sendo escravos de suas ordens. Não sentiam medo

naquele instante?

Melissa não pôde se conter e chorou. Harrison tentava acalmá-la em seus braços, mas ouvia calado as perguntas que não sabia dar as respostas.

Esmeralda chegara naquele instante à ala de alimentação e logo que reconheceu True, correu até ele abrindo caminho entre as pessoas para tentar acalmá-lo.

Respondam! — True insistia aos berros.

True, acalme-se! Vamos dar uma volta! - Esmeralda tentava acalmá-lo. Ela não imaginava que as coisas chegariam àquele ponto ou então teria concordado em acompanhá-lo.

Por que não dizem as coisas absurdas que fui obrigado a ouvir lá dentro na frente de todos? - continuou, ignorando a jovem.

-True, eles são seus pais! Depois vai se arrepender do que está dizendo!

Espere, Esmeralda. Ainda há mais uma coisa que eles precisam saber! - True afastou as mãos da jovem. Neste momento ela percebeu que ele estava tremendo.

True ativou sua alma e revelou a seus pais sua verdadeira forma. Os olhos dos Constantine se arregalaram ao perceber o lado sombrio de seu filho, fazendo ignorarem o seu lado anjo.

Olhem para mim, pois é isso o que sou! Metade anjo, metade demônio. Por que sou assim? Porque sou diferente de vocês. Eu vejo a maldade e a bondade no coração das pessoas, sou o equilíbrio entre as raças. Este sou eu, filho de Melissa e Harrison Constantine. Mas se quiserem me negar e irem embora, podem ir. Não precisamos de pessoas egoístas que julgam os outros pela aparência! Não digo estas palavras com ódio em meu coração, pois entendo que ainda são ignorantes como um dia eu fui, mas não posso perdoar as acusações contra os outros paladinos.

Algumas lágrimas escorriam pelo rosto do rapaz, assim como Esmeralda, que procurava se manter forte. Naquele instante o líder rebelde compareceu à ala.

True! Já chega! - Light deu a ordem pondo a mão sobre o ombro do paladino.

O rapaz, ao reconhecê-lo, desativou sua alma.

Acredito que deva desculpas ao Ogawa-san.

O silêncio era absoluto. Apenas a voz de Light era ouvida. Aida estava de braços cruzados e uma expressão zangada enquanto esperava pelo pedido de desculpas. True olhou à sua volta e notou os ajudantes assustados. Ele, ao reconhecer o erro, não hesitou em se desculpar.

Desculpe-me, Ogawa-san. Perdi o controle e causei transtornos ao senhor. Obrigado pela refeição e pelo almoço especial que fez para nós. Estou disposto a ajudá-lo na cozinha e na limpeza do restaurante como um gesto para me redimir - disse, inclinando o corpo em sinal de respeito.

Aida descruzou os braços e encarou seus ajudantes.

Aceito suas desculpas. Mas não o quero aqui até que esfrie a cabeça. Você poderá cuidar da limpeza após terminarmos. Pensei em deixá-lo com o turno da noite, mas isso só afastaria as pessoas. Também quero que arrume a mesa que usou para descarregar a raiva, caso ela tenha sofrido algum dano.

Farei isso - True concordou.

Não está se esquecendo de nada?

True refletiu sobre a pergunta de Light e logo percebeu.

Ah... Desculpe também a todos.

Acho que nem todos puderam ouvir. Por que não usa o mesmo tom que alcançou até o andar

inferior onde eu estava?

Eu peço desculpas! A todos os presentes! Não quero que pensem que os paladinos são assim. O erro foi meu e apenas meu! - pediu em um tom mais alto, para que todos os presentes ouvissem. Melissa e Harrison tinham suas opiniões, mas perceberam naquele momento que True havia crescido e aprendeu boas maneiras. Light agiu como um pai, melhor que os verdadeiros, reconheceram.

Alone assistia a tudo ao lado da adolescente, afastados da multidão em uma mesa na lateral.

Assim está melhor - Light soltou o ombro do rapaz e procurou por Esmeralda. - Quanto a você, fez um bom trabalho tentando acalmá-lo. Já é a segunda vez em um dia que toma a iniciativa para resolver uma situação de emergência.

Esmeralda enxugou as lágrimas e agradeceu com um sorriso.

-Agora venham comigo, os três! - Light teve o cuidado de acrescentar.

Light estava na dianteira e o restante do grupo o seguia em total silêncio. Partindo do restaurante, foram para o andar superior e caminharam até chegarem a um enorme portão.

Campo de treinamento? Por que estamos aqui?

Lembra-se da surpresa que tinha para lhe mostrar?

True tentava se lembrar de que surpresa o líder dos paladinos se referia, quando recordou-se da conversa que teve ao acordar na enfermaria, refrescando sua memória.

Quase me esqueci. Mas o que tem a ver com a situação?

Apenas observe.

Esmeralda também estava presente e mal continha-se em esperar pela reação do rapaz.

Ao abrir o portão, em vez de colunas e obstáculos, estavam centenas de pessoas abrigadas de formas básicas. No local havia vários grupos, alguns conversando e trocando sorrisos, outros disputando uma partida de basquete com uma cesta e uma bola improvisada, outros seguiam até algumas caixas de papelão que continham livros usados os quais usavam para passar o tempo, entre outras tarefas. O que se observava ali era uma alegria inquestionável, ninguém parecia se importar com a básica instalação e com os sacos de dormir onde aparentemente usavam para passar a noite. As pessoas pareciam pertencer àquele lugar há anos, como se fosse o seu lar.

Quero que dêem uma boa olhada nessas pessoas que estão à frente.

True tentou reconhecer alguma delas, mas não se lembrava de nenhuma.

Estas pessoas, Senhor e Senhora Constantine - Light enfatizou — só estão aqui hoje porque seu filho as salvou!

True arregalou seus olhos e encarou Light para ter certeza de suas suspeitas.

Light, não me diga que são...

Exatamente, True. São os soldados que você enfrentou! Ao usar aquela técnica, foi como um *Solstício* em massa, purificando todas as almas.

O rapaz, ainda sem acreditar, encarou Esmeralda que assentiu com um sorriso.

Vá conhecê-los! Estão ansiosos para vê-lo. Eu disse a eles que estava hospitalizado, e acredite, foi difícil controlar a ansiedade dessa multidão.

O paladino engoliu em seco e com alguns incentivos de Esmeralda, caminhou em direção aos estranhos.

Ao entrar em seu meio, um ou outro começava a cochichar entre os grupos sobre a presença do paladino. Alguns apontavam e se levantavam para cumprimentar o paladino.

É você! True o seu nome, não é rapaz? - perguntou um homem barbudo e com um olhar emotivo.

Sim... - respondeu hesitante.

Eu pensei que ia morrer naquela imensa bola de fogo, mas o que senti não tenho palavras para descrever. As boas memórias voltaram à minha mente e me fizeram lembrar o que realmente era importante para a minha vida.

O homem deixoyi que um sorriso crescesse em seu rosto. Era um sorriso desajeitado, mas sincero. Em um grito, que fez o rapaz se assustar, chamou os outros que aguardavam a chegada do paladino para que se aproximassem. True pensou por um instante ativar sua alma, mas desistiu ao ver a marcha das pessoas sorridentes que vinham ao seu encontro.

Ele ouvia agradecimentos de todos os lados. Muitos estendiam as mãos para o cumprimentarem e outros, mais extrovertidos, o abraçavam. O rapaz, ainda zozinho com tudo aquilo, foi afetado pela onda de sorrisos e começou a gargalhar.

Eu não sei o que houve entre vocês e não é preciso que me digam - Light se dirigia aos pais do rapaz. - Mas peço que olhem para seu filho agora e vejam o seu sorriso. Aquela cena que estamos presenciando é o que a Ordem dos Paladinos busca, Senhor e Senhora Constantine. Queremos que o mundo tenha a chance de sorrir novamente, e as pessoas tenham a chance de começar de novo.

Os olhares de Melissa e Harrison se cruzaram e perceberam o erro.

Nós os julgamos errado. Peço que nos perdoe.

Não há porque pedir desculpas. Eu entendo que está sendo tudo muito estranho para os dois. Pensando nisso organizei essas palestras - Light entregou um panfleto para o casal com os horários e temas diferenciados. - Já faz um tempo que estava pensava em criá-las com o intuito de ajudar pessoas como vocês, que sabem pouco do assunto, para que compreendam sobre nossa filosofia.

Obrigado, nós iremos.

Esmeralda observava de longe True interagir com os antigos soldados que no dia anterior se enfrentavam para tirar a vida um do outro, mas, hoje, alegravam uns aos outros.

As horas foram passando, e True ficou lá até o fim do dia.

Capítulo 36

Confidência

Após conhecer cada soldado redimido que salvou, True passava mais uma parte de seu tempo ao lado de um ex-caçador de elite, pelo qual teve mais afinidade.

Incrível! Você tem apenas 25 anos e conseguiu atingir o nível da elite! - True elogiou. - Até Alexandra, a ex-caçadora de quem falei, era mais velha quando recebeu o título.

Falando dessa forma até parece algo que deva se orgulhar... - falou o rapaz, agora entristecido. - Eu obtive esse título pelos rebeldes que capturei e ajudei a matar... Não há nenhum mérito nisso.

Não é isso que quis dizer, me desculpe - disse True corrigindo o erro, após resmungar em sua mente como havia sido descuidado. - Você deve ser muito habilidoso quando o assunto é rastreamento, é o que eu estava tentando expor. Sua atenção aos detalhes e sua invejável percepção podem ser bem aproveitadas nas "Sentinelas".

O paladino notou quando a expressão depressiva do ex-caçador foi substituída por uma de esperança. Ao ouvir um lugar onde poderia ser útil, o ex-agente do exército não hesitou em querer saber mais.

"Sentinelas"?

É um grupo especial responsável pela vigilância e segurança de um continente, para certificar que a paz reestabelecida pelos paladinos continue durante os anos. Tenho certeza de que suas habilidades serão bem-vindas. Na verdade, Light deve estar recrutando pessoas para o papel; afinal, logo teremos que deixar o continente.

Um longo sorriso surgiu no rosto do ex-caçador. Ele viu ali a oportunidade de compensar seus crimes, para que finalmente conseguisse ficar em paz com sua alma.

Muito obrigado, Senhor Constantine! Não imagina o alívio que é saber que posso ajudar de alguma forma. O senhor pode dizer-me como faço para fazer parte oficialmente das Sentinelas?

True sorriu com a empolgação do rapaz e a forma como se dirigia a ele.

Primeiro, não me chame de senhor, apenas True; afinal, você é o mais velho entre nós.

Como quiser - o ex-agente assentiu com um sorriso amistoso. — As vezes me esqueço de que você é mais jovem. Apesar do elogio, você também merece algum mérito, tem quase 21 anos e já é um paladino.

True ficou pensativo por um instante.

É verdade. Isso me lembra de quando era um simples estudante, perdido naquele ambiente ao qual não me encaixava. Foram muitos desafios até chegar aqui. '

O ex-caçador refletiu sobre aquelas palavras, recordando-se de quando True contou a ele sobre como Light o encontrara.

É engraçado como deixamos tudo para trás e seguimos um estranho que nos passa tanta confiança... - disse e por um tempo o rapaz ficou em silêncio.

Percebendo a expressão pensativa, True procurou saber o motivo.

Algo errado?

Só estava pensando no dia em que me uni ao ditador... Não quero entrar em detalhes, mas tive meus motivos. Eu acreditava que o que fazia era correto, e o Führer era uma inspiração para mim... No entanto...

True franziu o cenho e esperou que o ex-agente concluísse o que dizia. O caçador, redimido, parecia resgatar algo em sua memória, mas falhava.

Eu nunca soube qual era a razão, o que motivava nosso líder a seguir a diante.

Não seria por poder? Ganância? — True arriscou cauteloso, pois, entre eles, o paladino era o que menos podia afirmar algo a respeito do ditador.

Foi o que muitos pensaram, mas eu discordo. A ganância e o desejo do poder podem levar as pessoas a fazerem loucuras, mas não acredito que chegue ao ponto de abandonar sua vida para viver em função do controle mundial. Apesar dos grandes privilégios, é um cargo de alto risco. Muitos podem querer seu lugar, você é cercado por interesseiros que ficam a espera de te apunhalar nas costas. Em um ambiente como esse, você só tem a si, mais ninguém.

True nunca havia parado para pensar naquele ponto de vista. Ele poderia esperar tudo do ditador, mas um motivo muito grande ele teve para fazer o que fez. Talvez por vingança ou para satisfazer o próprio ego, mas aquela pergunta não seria respondida tão cedo.

E quanto ao seu? - O rapaz indagou.

O meu? - True estava distraído, e a pergunta havia interrompido seus pensamentos.

Seu líder. Qual a motivação dele para enfrentar um exército que todos pensavam ser invencível?

A de Light? Bem... Ele nos contou uma vez. Quando a mãe dele morreu e seu irmão ficou desaparecido, ele percebeu o vazio que ficou em sua vida. Por isso, ele pôde entender a dor que a ditadura causou quando as famílias foram separadas. Light está decidido a unir as famílias novamente, como fez comigo e com meus pais...

Só isso? - indagou o ex-caçador, e o tom da voz fez com que True adicionasse mais um fator.

Ele também procura dar uma chance aos *caídos*, faz parte da personalidade dele... Ele quer que as pessoas se tornem melhores — acrescentou, tentando demonstrar a seriedade que aquelas ações eram para o líder rebelde.

E comovente, mas... — o caçador redimido pousou a mão sobre o ombro do paladino e continuou, cauteloso. - True, eu não te conheço há muito tempo, nem o seu líder, Light, e talvez eu possa estar me equivocando. Porém, posso te garantir que ninguém levanta da cama decidido a se arriscar pelo mundo, investir todo o seu dinheiro em bases e equipamentos sofisticados, além de ir contra um força militar aparentemente invencível, sem um grande propósito.

O que quer dizer com isso? - True estreitou os olhos, recuando um passo e retirando a mão do ex-caçador de seu ombro. - Por acaso está me dizendo que Light mentiu todo esse tempo?

Não exatamente. Mas algo ele esconde. Que esse pode não ser o verdadeiro motivo dele ter criado esta organização. Pelo que você me disse, esse tal irmão gêmeo pode estar morto - ele fez uma pausa, notando a antipatia nascer no rosto do paladino. - Eu me sinto no dever de retribuir o ato que fez por mim e pelos outros soldados, por isso estou te alertando. Pense nisso como um aviso de amigo...

-Tem razão... - True o interrompeu.

Tenho? - O caçador redimido ergueu as sobrancelhas, surpreso.

Tem razão em dizer que está se equivocando! Se você o conhecesse como eu o conheço, saberia que ele fala a verdade!

O ex-caçador nada disse. Ele deu de ombros e fez outro gesto demonstrando que não mais se envolveria.

Após a contradição de opiniões, o ex-caçador se despediu sem ressentimento e foi se inscrever

para fazer parte da equipe das Sentinelas; True, por sua vez, seguiu para seu quarto onde permaneceu o resto do dia enquanto fitava o teto vazio, deitado sobre a cama.

E se aquele rapaz estiver certo? Se Light esconde um segredo de nós? - *Taiji refletia*. — Não sabemos como Light aprendeu sobre as almas, e quando o questionamos ele se esquivou da pergunta. Ele sempre diz que nós somos especiais, mas o quê exatamente nos difere das outras pessoas ele nunca, nos revelou.

Eu sei, Taiji! Eu sei... - *True murmurou*. - Light fez muito por nós. Se não fosse por ele nós nunca teríamos essa conversa ou trocado sequer uma palavra. É por isso que evito pensar nesse assunto! Inconformado com as acusações, True virou para o lado na tentativa de buscar uma posição mais confortável. A área um pouco abaixo de seu peito esquerdo doía, lembrando-se do estigma que misteriosamente aparecera em seu corpo e das dúvidas que tinha com relação à sua alma. Quem realmente é você, Light? — *indagou a ninguém em especial*. — E o que sou eu?

Quando todos os membros de Pandora foram libertos da barreira, receberam permissão para andar por toda a base. E assim que os respectivos quartos foram preparados para eles, a grande maioria permaneceu nos aposentos até o fim do dia, exceto por um *caído* que se aventurava no último piso, em direção ao escritório onde Light organizava seus registros após cuidar de seus deveres.

Toc, Toc, Toc...

Eu já imaginava que viria aqui - disse Light ao ver Alone bater na porta.

Não poderia deixar de cumprimentá-lo.

Entendo... - Light sorriu. - Alone, não sei como suas desculpas funcionam com os seus novos... - Light fez uma pausa para procurar a palavra correta. — *Companheiros?* - perguntou sem saber como se dirigir aos *caídos* que seguiam Alone.

De trabalho — acrescentou.

Que seja - Light pouco se importou com a resposta. - Mas vejo que está bem acompanhado - Light se sentou e folheou algumas fichas com fotos e perguntas que deveriam ser preenchidas com os dados dos novos membros. - Seis mulheres, apesar de uma delas ser sua avó e outra mal ter passado da puberdade.

Não brinque com isso, Light! — ameaçou.

Desculpe, não vai acontecer de novo. Sente-se - Light fez um pequeno teste para avaliar a mudança no comportamento de Alone durante esse tempo que não o via, e para sua tristeza, o homem ainda guardava rancor de seu passado.

Alone se sentou e retirou a máscara. O paladino notou o movimento e sabia que o acessório significava algo a mais para eles. Ao retirar a máscara, como a focinheira de um cão, Alone estava livre para realizar qualquer coisa, para conseguir o que quer. Aquele simples movimento não podia ser ignorado.

Eu o conheço bem, Alone. Melhor do que qualquer um nesta base, tenho certeza. Não precisa hesitar, diga-me o que realmente veio fazer aqui - disse Light sem nenhum temor.

Isso adianta muita coisa, já que insiste.

Assim como Light esperava, Alone possuía um desejo oculto, o qual talvez escondesse de seus seguidores, e o que certamente deixou de comentar na reunião.

Fiquei sabendo que andaram se esbarrando com o Führer por aí.

Ao ouvir aquela simples frase, Light desfez a posição relaxada que estava e rapidamente se levantou para fechar a porta, tendo o cuidado para certificar-se que não havia ninguém passando pelo local.

Você devia deixar seus cães na coleira — retrucou assim que teve certeza que ninguém ouviria o que eles iriam conversar.

Alone sorriu, admirando o raciocínio rápido do paladino.

Contou a ele? - Alone foi logo ao ponto, seguindo Light com o olhar enquanto o líder rebelde voltava para o assento.

Não. Nem eu nem o Führer.

Alone deu um suspiro de alívio.

Por um instante pensei que tinha perdido toda a diversão - alegrou- -se. - Mas então por que diabos ele apareceu diante de vocês?

Eu não sei. Talvez para testá-lo?

Talvez — Alone ficou pensativo.

Você precisava me ver... — Light pôs a mão entre os cabelos e apoiou os cotovelos sobre a escrivaninha. - Fiquei totalmente sem controle! Além de ter gritado de um modo como nunca, True e Esmeralda me viram antes. Eu não disse nada depois disso, fiquei totalmente sem reação, como um cãozinho com o rabo entre as pernas.

E o que disse a eles? Certamente depois do episódio eles te bombardearam de perguntas - imaginou.

Nem tanto. Antes que eles dissessem alguma coisa, comecei logo a me desculpar dizendo que tinha enfrentado o ditador no passado, quando fazia parte da Liga de Brian Oak e que tinha falhado...

Você o quê? - Alone não se conteve e começou a gargalhar. - Light... Você é surpreendente! - Alone agora batia palmas enquanto tentava conter os risos. - Às vezes eu me pergunto: Se você possui a alma do anjo, talvez eu ainda seja um *puro!*

Não brinque com isso, Alone! - Light se irritou fazendo-o se levantar, dando um fim às risadas do *caído*. - Sabe muito bem que nunca faria isso se realmente não fosse necessário! Eu jurei que não esconderia nada de você, mas não disse nada sobre...

Tudo bem, tudo bem... - Alone tentou acalmá-lo. - Assim como você me respeita, também não voltarei a brincar com o assunto.

O escritório ficou em silêncio por um tempo.

Devia contar a ele - Alone propôs.

O que disse?

É o que eu penso. Devia contar a ele seu segredo! Quanto mais o tempo passar, mais difícil será. Afinal, ele também está envolvido!

Acha que não pensei nisso? - disse Light em um tom de exaustão, como se já tivesse pensado inúmeras vezes sobre a questão. — Mesmo assim vou fazer de tudo para adiar esse dia. Eu não quero que ele sofra, Alone! Ele não está preparado! Já imaginou quando ele souber do legado que ele carrega?

Light estava inquieto, logo começou a andar pelo pequeno escritório.

Eu ainda me lembro daquele dia em que estávamos dando um tempo até que os boatos de nossa organização diminuíssem. Você estava tão entediado que foi consertar aquele rádio velho,

lembra? - Light sorriu com a lembrança. — Jurava que nunca conseguiria consertá-lo.

E eu também — Alone admitiu.

Mas o destino agiu naquele dia. Você conseguiu consertar, e enquanto passava entre uma estação e outra ouvimos a transmissão de True. Achei uma atitude corajosa, então logo tentamos localizá-lo. Com a esperança que ele pudesse ser um de nós, acabamos nos surpreendendo com o resultado. A alma dele é raríssima, e nós o encontramos. Nunca vou acreditar que foi coincidência. Éramos para estar ali naquela noite!

Ambos ficaram pensativos por um tempo, recordando as lembranças e toda a trajetória que fizeram até ali.

Não se preocupe, meu amigo. Você vai achar uma solução para tudo isso - Alone caminhou até Light e pôs a mão sobre seu ombro. - Eu não acredito em finais felizes, mas acredito em força de vontade.

Obrigado.

Você fez muito por mim, Light, apesar de tudo. E uma amizade verdadeira dura mesmo em caminhos opostos - disse Alone estendendo a mão.

Light o fitou e sorriu. Ficou de pé a apertou a mão do amigo.

Agora já vou indo - anunciou. - Vou ver como meus companheiros *de trabalho* - disse dando ênfase na última parte - estão instalados.

Light assentiu, mas teve de impedi-lo ao lembrar-se de um favor.

- Ah sim, espere! - recordou, procurando algo nas pilhas de papéis sobre a escrivaninha. - Preciso que o responsável por Pandora assine o acordo, nele tem as cláusulas que debatemos na reunião, mas se quiser ler, fique à vontade. Assim que tiver sua assinatura vou pedir para que True colete algumas informações dos membros de Pandora, mas não pense que é alguma desconfiança, pois é de praxe.

Light afastou os outros documentos e deixou uma caneta sobre o acordo para que Alone assinasse, porém *tido* o observava em dúvida.

O quê? Não posso!

Como assim não pode? Não vai desistir agora, vai? - Agora era Light quem não entendia.

Alone franziu as sobrancelhas e fitou o amigo por um instante.

Acha que eu sou o líder de Pandora?

E não é? Sempre vejo aqueles *caídos* esperando por sua decisão, te tratam com respeito. Mesmo na hora de escolher os representantes para a reunião, foi você quem escolheu.

Alone não se conteve e deu algumas risadas.

Não, Light! Eu só disse aquilo por ser a escolha mais óbvia. Mas nunca passei de um conselheiro ou um comandante de batalha.

Se não é você, quem é?

No interm do debate, a porta se abriu, dando passagem a uma terceira pessoa que estava envolvida no diálogo.

Vejo que sou o assunto nesta sala - disse uma adolescente de voz doce e delicada que entrou antes que Light ou Alone percebessem, desfilando com seu vestido preto e elegante, com duas presilhas no cabelo de mesma cor. — Ainda não fomos devidamente apresentados...

Alone sorriu e rapidamente recolocou a máscara.

Prazer em conhecê-lo, mestre dos paladinos. Eu sou Emily Whitfield, líder de Pandora.

Light não pôde dizer que não se espantou com a notícia. Uma adolescente de cerca de 16 anos comandava todos aqueles *caídos*, os quais a respeitavam. Naquele instante, a garota o fitava fixamente com um olhar crítico e em sua mão estava sua máscara. Além daquele ponto, outro detalhe chamou sua atenção.

A garota à sua frente era a mesma que John Strongheart havia salvado há cinco anos no presídio. Espere, Alone! - exclamou Light enquanto ligava os fatos em sua mente. - Você não contou a ela, contou?

Desculpe, Light. Eu não tive escolha...

Você me prometeu! — vociferou Light, jogando uma pilha de livros que estava sobre a escrivaninha contra o chão.

Alone se surpreendeu com a reação. Desde que o *caído* conheceu Light, ele nunca o viu tão aflito.

Light, acalme-se! Eu já disse que não tive escolha. Assim como você me contou seu segredo e eu sou uma exceção a sua regra, Emily é a minha.

Emily assistia a tudo sem demonstrar qualquer expressão. Imaginando que a discussão entre os velhos amigos não chegaria a um consenso, interveio.

Pare, Alone! Sem rodeios, vamos pedir o que queremos!

Ao ouvir aquelas palavras, Light interrompeu suas acusações. Como era de costume, estava a um passo à frente e já imaginava o interesse dos *caídos*.

Vocês vieram atrás do *Rito*, não vieram? — indagou o líder rebelde, que fitava os *caídos* com um olhar severo, o qual Alone nunca tinha visto em todos aqueles anos.

Alone fitou o velho amigo e sacudiu a cabeça em desaprovação.

É muito importante para nós — justificou.

Importante? - disse Light sagaz. - Como o tempo passa... Eu me lembro de você, Alone, sentado perto da fogueira em uma noite de céu estrelado enquanto falava sobre seus sonhos, sobre tal... *Rito*.

Alone estreitou os olhos e relembrou o dia em que comentou sobre seus objetivos junto aos irmãos indígenas, True e Light, na noite da invasão à ilha de Malevolência.

Pois bem. Façamos um acordo, vocês não contam nada para o True sobre o legado, e eu entrego as escrituras sobre o *Rito*...

Ou então... — Emily interrompeu. — Você nos dá o que queremos ou nós contamos, agora, para True sobre o legado dele.

Light podia sentir a energia *corrompida* que emanava da garota, mas não hesitou um sorriso, demonstrando que estava com o controle da situação.

Devem se sentir encorajados por serem dois *caídos* contra apenas um *puro*. Porém, devo lembrá-lo, Alone, que apesar de minha alma não ter habilidades ofensivas, existe uma exceção.

Você sabe o que ela pode fazer a uma alma.

Basta, princesa! — Alone disse logo que ouviu a ameaça do líder rebelde, pondo o braço à frente da garota para que ela recuasse. - Vamos fazer do jeito dele. Não diremos nada ao garoto. E quando a hora chegar, você nos dará o que desejamos.

Assim é melhor - disse Light, desfazendo a postura rígida.

Quando voltou a se sentar, o líder rebelde passou a mão entre os cabelos enquanto pensava. Ele suspirou profundamente na tentativa de acalmar-se.

Eu não permitirei que ele saiba do significado daquele estigma, não até a hora chegar. - Light dizia para ninguém em especial.

Sobre o que ele está dizendo, Alone? - indagou Emily, confusa.

Alone refletiu brevemente e compreendeu a dúvida da garota.

Sobre a maldição do legado - esclareceu.

Maldição?

É o principal motivo que não quero contar a ele - Light continuou a explicação quando girou sua cadeira e fitou o teto vazio. - O Taiji é uma alma incrivelmente poderosa, mas ela carrega um legado pesado demais para alguém carregar sozinho; a maldição, muito pior.

Os *caídos* não o interromperam. Como Alone já sabia do fato e Emily estava ciente da maior parte da verdadeira história do líder rebelde, Light não se preocupou em guarda sigilo.

Em resumo, se as pessoas tiverem um grande vínculo com True... Elas morrem.

Em algum lugar da Europa.

Führer estava em seus aposentos, deitado em sua cama e coberto com grossos cobertores. Ele fitava o lado de fora de seu quarto, a bela vista era proporcionada pela parede transparente. Então, naquele momento, que ouviu batidas na porta, interrompendo seus pensamentos.

Meu senhor, a general da Europa está aqui para vê-lo — anunciou uma voz masculina que logo o Führer reconheceu ser de Astaroth.

Mande-a entrar.

A porta se abriu e dela surgiu uma moça que não devia ter mais que 20 anos. Relativamente alta, alcançando no máximo 1,70m de altura. Os cabelos lisos e castanhos estavam enrolados e presos. Os seus olhos, castanho-escuros, os quais demonstravam confiança, se moviam de um lado a outro, atentos ao mínimo movimento. Sua roupa era inteiramente preta, aparentemente de couro, refletindo a menor centelha. Usava um *top* de alças que se estendia um pouco acima do umbigo, uma calça comprida, luvas longas, que iam até a metade do braço, cobrindo apenas o dedo indicador por completo, e um coturno. Antes de adentrar no aposento, ela usava um sobretudo para suportar o frio, o qual, agora, Astaroth segurava.

Miriam? Não esperava vê-la aqui - falou o ditador, rouco.

Não se esforce, meu pai - disse a filha preocupada. - Eu soube de suas dores no coração, então vim imediatamente para vê-lo.

Nada que eu não tenha passado antes. Eu não ordenei para que você desviasse o seu posto, não é? - continuou o Führer, mantendo o tom inflexível de costume.

Perdoe minha desobediência, não acontecerá novamente - Miriam se curvou em um gesto de desculpas e submissão.

O Führer fitou a filha e ficou pensativo por um instante.

Os outros generais se foram. Resta apenas você. Sabe que ele virá, não sabe?

É o que mais quero - disse ao mesmo tempo em que cerrou os punhos.

O ditador, notando o movimento, ia repreendê-la, mas ela o atropelou com palavras.

Afinal, ele tomou meu lugar!

As palavras ditas transmitiam amargura e o olhar direcionado ao ditador não deixava dúvidas.

Faça o quiser — ele deu de ombros mas espere o momento oportuno. Não deixe o continente

sobre hipótese alguma!

Entendido — assentiu Miriam. — Com sua licença, meu pai.

O Führer fez um gesto com a cabeça dando permissão para que a filha deixasse o aposento.

Astaroth a esperou e devolveu o sobretudo. Em seguida, se pôs guardando a porta, deixando o ditador com seus pensamentos.

Miriam andava pelos corredores a passos largos. De dentro de um dos bolsos de seu casaco retirou um retrato. Nele estava o rosto de True Constantine.

Viva enquanto pode, paladino, pois quando nossos caminhos se cruzarem, eu o matarei!

"Grandes segredos serão revelados no segundo livro da série A Rebelião das Almas'. Descubra o mistério por trás do criador da Ordem dos Paladinos e a grande maldição que envolve o estigma de True".

Fim

{*} É um xarope extraído da seiva de árvores do gênero Acer, comuns no Canadá. Conhecido também como Xarope de bordo que é muito usado na culinária canadense.

{†} Cumprimento comum no Japão que a pessoa diz para quem chega ao local.

{‡} Cumprimento comum no Japão que a pessoa diz para quem está no local.

{§} Uma mesa baixa com um pequeno aquecedor elétrico embutido no centro e voltado para baixo, para aquecer as pernas, e cercado por um cobertor grosso, que impede que o ar quente escape.

{}** Tradução literal do japonês: inferno.

Um homem; titio em japonês.

